ISSN 2237-2083

# REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ABR./JUN. 2026

V. 34 – N. 2

# REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**Universidade Federal de Minas Gerais**
Reitor: Alessandro Fernandes Moreira; Vice-reitora: Alamanda Kfoury Pereira

**Faculdade de Letras**
Diretora: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet; Vice-diretor: Lorenzo Teixeira Vitral

**Editora-chefe**
Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG)

**Editoras-associadas**
Ana Regina Vaz Calindro (UFRJ)
Maria Mendes Cantoni (UFMG)

**Conselho Editorial**
Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina), Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França), Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil), Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil), Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos), Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel), Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos), Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal), Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

**Editor de Arte**
Emerson Eller

**Projeto Gráfico**
Stéphanie Paes

**Seção de Periódicos**
Gestora Editorial: Danierveli Renata Marques Pereira
Coordenadora Editorial: Stéphanie Paes
Secretaria: Ana Clara de Souza Marques
Revisão: Aleizy Barati, Caio Ribeiro, Maria Edaurda de Jesus Silva
Diagramação: Maria Eduarda de Jesus Silva

# REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Rev. Est. Ling. | Belo Horizonte | v. 34 | n. 2 | abr./jun. 2026 | 299 p. | e-ISSN 2237-2083

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

## Indexadores

Diadorim [Brazil]
DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]
EBSCO [USA]
EuroPub [England]
JournalSeek [USA]
Latindex [Mexico]
Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]
MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]
MLA Bibliography [USA]
OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]
Portal CAPES [Brazil]
REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]
Sindex (Sientific Indexing Services) [USA]
Web of Science [USA]
WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]
ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v. 1 - 1992 - Belo Horizonte, MG, Faculdade de Letras da UFMG

**Histórico:**
1992 ano 1, n.1 (jul/dez)
1993 ano 2, n.2 (jan/jun)
1994 Publicação interrompida
1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)
1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.
1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)
**Nova Numeração:**
1997 v.6, n.2 (jul/dez)
1998 v.7, n.1 (jan/jun)
1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

Faculdade de Letras da UFMG
Seção de Periódicos, sala 2017
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha
31270-901 – Belo Horizonte, MG – Brasil
Tel.: (31) 3409-6009
www.letras.ufmg.br/periodicos
periodicosfaleufmg@gmail.com

# Sumário


7 Alternância pronominal entre "nós" e "a gente": avaliações linguísticas de universitários alagoanos

*Pronominal Alternation Between "nós" and "a gente": Linguistic Evaluations of University Students from Alagoas*

Mariana Barbosa da Silva; Almir Almeida de Oliveira

26 As formas curtas e longas dos adjetivos em russo sob a perspectiva gerativista

*The Short and Long Forms of Adjectives in Russian Under the Generativist Perspective*

Teresa Gouvêa Garcia; Lorenzo Teixeira Vitral

50 Arranjos figurativos no itinerário simbólico de *O romance do pavão misterioso*: uma análise Semiótica Greimasiana

*Figurative Arrangements in the Symbolic Itinerary of* The Romance of the Mysterious Peacock*: A Greimasian Semiotic Analysis*

Rodrigo Nunes da Silva; Linduarte Pereira Rodrigues

86 Colorismo em metáfora: uma análise conceitual e ideológica da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES

*Colorism in Metaphor: A Conceptual and Ideological Analysis of the Metaphor COLORISM IS A COLOR PALETTE*

Cláudio Márcio do Carmo; Natália Elvira Sperandio

103 O espectro de Ubu: Donald Trump e a emergência do discurso ubuesco no século XXI

*The Specter of Ubu: Donald Trump and the Emergence of the Ubuesque Discourse in the 21st century*

Yuri Rezende Taraciuk

127 Democracia em debate: análise discursivo-comparativa dos atos de 8 de janeiro de 2023 em gêneros do jornalismo digital brasileiro e francês

*Democracy in Debate: Discursive-Comparative Analysis of the January 8, 2023 Events in Brazilian and French Digital Journalism Genres*

Alessandra Folha Mós Landim

148 Eis aqui um artigaço: uma análise da derivação sufixal em neologismos de formação [X-*aço*]

*Here's an artigaço: an Analysis of Suffixal Derivation in Neologisms Formed with [X-*aço*]*

Julia Damascena Magnavita; Ana Maria Ribeiro de Jesus

169 The Categories of Tense and Aspect in the Mental Grammar of Adult Subjects With Down Syndrome

*As categorias de tempo e aspecto na gramática mental de adultos com Síndrome de Down*

Arabie Bezri Hermont[1]; Mariana Queiroga Gomes[2]

198 O gênero *narrativa* no discurso em saúde: uma análise de relatos de pacientes sobre o diabetes e o câncer

*The Narrative Genre in Health Discourse: An Analysis of Patients' Accounts of Diabetes and Cancer*

Francieli Silvéria Oliveira

223 "Café com Teu Pai" e a autoajuda digital para mulheres: uma análise argumentativo-discursiva

*"Coffee with Your Father" and Digital Self-Help for Women: An Argumentative-Discursive Analysis*

Allana Mátar de Figueiredo; Ana Alzira Maia Machado Cavalcante; Maria Eduarda Machado Parente

246 Agreement Attraction in Children's Production: An Experimental Study in Brazilian Portuguese

*Concordância por atração na produção de crianças: um estudo experimental no português brasileiro*

Lilian Silva Scher; Pablo Faria

267 Notes Toward a Systemic Functional Model of (Im)politeness

*Apontamentos para um Modelo Sistêmico-Funcional da (Im)polidez*

Theodoro C. Farhat

v. 34, n. 2, p. 7–25, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.7–25
Submetido em: 07/05/2025 · Aprovado em: 16/04/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Alternância pronominal entre "nós" e "a gente": avaliações linguísticas de universitários alagoanos

## *Pronominal Alternation Between "nós" and "a gente": Linguistic Evaluations of University Students from Alagoas*

**Mariana Barbosa da Silva**
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Campinas | SP | BR
m300563@dac.unicamp.br
https://orcid.org/0009-0000-1996-4027

**Almir Almeida de Oliveira**
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) | Palmeira dos Índios | AL | BR
almir.oliveira@uneal.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-3682-5480

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objeto de estudo a avaliação linguística da alternância pronominal entre "nós" e "a gente" por estudantes universitários do Agreste alagoano. Estudos de produção linguística indicam que, em Alagoas, a forma inovadora "a gente" é preferida para ocupar a posição de pronome de primeira pessoa do plural (Oliveira; Nascimento, 2017; Vitório, 2016), apesar da pressão prescritiva — sobretudo do ambiente escolar e dos gêneros textuais mais formais — em favor da forma conservadora "nós". Portanto, o objetivo desta pesquisa é investigar os significados sociais associados às variantes "nós" e "a gente", uma vez que o comportamento linguístico pode não ser equivalente à avaliação dos falantes (Freitag, 2016). Para tanto, o estudo se dá por meio de teste elaborado a partir do método *matched-guise* e está ancorado na Sociolinguística Variacionista (Campbell-Kibler, 2011; Lambert *et al*., 1960). Para coleta de dados, foi aplicado um questionário, por meio de formulário eletrônico, a 200 estudantes do *Campus* III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Os resultados demonstram que mesmo com uma avaliação mais positiva recaindo sobre a forma "nós", a forma "a gente" apresenta indícios ascendentes de normatização na comunidade estudada. A relação entre esses pronomes não pode ser reduzida a uma oposição dicotômica entre prestígio e estigma, mas compreendida dentro de um sistema de valores normativos, no

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

qual ambas as formas são socialmente avaliadas de maneira predominantemente positiva, mas possuem significados sociais distintos e independentes, indiciando uma relação de gradação entre normas.

**Palavras-chave:** sociolinguística variacionista; avaliação linguística; alternância pronominal.

**Abstract:** This research has as object of study the linguistic evaluation of the pronominal alternation between "nós" and "a gente" ("we") among university students from the Agreste region of Alagoas, Brazil. Linguistic production studies indicate that, in Alagoas, the innovative form "a gente" is preferred to occupy the first-person plural pronoun position (Oliveira; Nascimento, 2017; Vitório, 2016), despite prescriptive pressure — particularly from the school environment and more formal textual genres — in favor of the conservative form "nós". Therefore, the objective of this research is to investigate the social meanings associated with the variants "nós" and "a gente", since linguistic behavior may not align with speakers' evaluations (Freitag, 2016). To this end, the study employs a test developed using the matched-guise method and is based on Variationist Sociolinguistics (Campbell-Kibler, 2011; Lambert *et al*., 1960). To collect data, a questionnaire was administered via electronic form to 200 students from Campus III of the Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). The results indicate that even though the form "nós" received a more positive evaluation, the form "a gente" showed signs of increasing standardization in the studied community. The correlation between these pronouns cannot be reduced to a binary opposition between prestige and stigma, but understood within a system of normative values, in which both forms are socially evaluated in a predominantly positive manner but have distinct and independent social meanings, indexing a relationship of gradation between norms.

**Keywords:** variationist sociolinguistics; linguistic evaluation; pronominal alternation.

## 1 Considerações iniciais

Diversos estudos de produção sociolinguística demonstram que o processo linguístico da alternância pronominal entre "nós" e "a gente", na posição de primeira pessoa do plural, está presente em todas as regiões do Brasil (Lopes, 1998; Lopes, 2003; Mattos, 2017; Menuzzi, 2000; Omena, 1996; Rodrigues; Migueli, 2019; Zilles, 2005) como variação não estigmatizada e com indícios de produção ascendente de "a gente".

Alguns estudos têm mostrado que o pronome "a gente" é a forma mais produzida em Alagoas para a representação da primeira pessoa do plural, dentre eles, destacam-se: Vitório (2016), que examina a alternância pronominal na fala culta de Maceió; Oliveira e Nascimento (2017), que analisam a correlação entre o aumento da escolarização e a escolha pronominal em Palmeira dos Índios; e Souza e Vitório (2021), que exploram a ocorrência do fenômeno na comunidade quilombola Serra das Viúvas, em Água Branca, com falantes não escolarizados.

Apesar dessas contribuições, estudos que busquem os significados sociais correlacionados a essa variação no estado, com testes de percepção e avaliação, ainda se revelam incipientes, com poucas pesquisas dedicadas a uma análise mais abrangente do fenômeno (Feitosa; Vitório, 2018; Vitório, 2017).

À vista disso, esta pesquisa tem por objeto de estudo a avaliação linguística da alternância pronominal entre "nós" e "a gente", na posição de primeira pessoa do plural, por estudantes universitários do Agreste alagoano e objetiva investigar os significados sociais de cada uma das formas linguísticas. Para tanto, fez-se uso do método *matched-guise* (Lambert *et al*., 1960) com a aplicação de um questionário, através de formulário eletrônico, a 200 estudantes da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus* III, para examinar a avaliação dos informantes acerca do fenômeno em análise.

Este estudo fundamenta-se na abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, com base em contribuições de terceira onda da Sociolinguística (Eckert, 2012) e busca aferir as avaliações dos estudantes universitários acerca dos significados sociais atribuídos a cada uma das variantes "nós" e "a gente".

Os resultados obtidos evidenciam que ambas as variantes linguísticas, "nós" e "a gente", são bem aceitas na comunidade estudada, mas "a gente" carrega consigo uma avaliação menos positiva que "nós". Apesar disso, a forma inovadora "a gente" parece não carregar valor social negativo, o que sugere a coexistência de significados sociais positivos em uma possível gradação de norma entre variantes.

Além destas considerações iniciais, o artigo apresenta cinco seções, sendo a primeira, Avaliação linguística: marcos ideológicos e identitários, em que consta o aparato teórico utilizado na pesquisa; a segunda, A alternância pronominal entre "nós" e "a gente", que consiste na descrição gramatical e revisão de trabalhos referentes ao fenômeno em foco; a terceira, Metodologia, na qual são apresentadas as particularidades da coleta e tratamento de dados; a quarta, Análise dos resultados, que traz a exposição dos dados da pesquisa e sua interpretação; por fim, a quinta seção apresenta as Considerações finais do estudo.

## 2 Avaliação linguística: marcos ideológicos e identitários

A Sociolinguística Variacionista pode ser dividida em três ondas de análise, que não precedem, sucedem ou substituem uma à outra, mas dizem respeito a maneiras como cada uma dessas abordagens teórico-metodológicas trata o fenômeno da variação linguística, com objetivos de investigação distintos.

A terceira onda, em específico, vai além de estudos de produção linguística, comportando, assim, estudos de percepção, avaliação, crenças, atitudes e julgamentos linguísticos, voltados para análise de identidade, estilo e *persona* (Eckert, 2012). Essa abordagem investiga o significado social da variação linguística no âmbito das comunidades de prática, por meio das quais os falantes se posicionam no mundo social perante papéis e atividades que realizam.

Nessa abordagem teórico-metodológica, os termos "avaliação" e "percepção", por vezes, são tidos como equivalentes de maneira equivocada. De acordo com Tesch, Mendes e Machado (2022, p. 8), a percepção refere-se a "associações entre formas linguísticas e significados sociais a partir de estímulos sonoros, acompanhados ou não de imagens ou texto escrito". Já a avaliação, trata de comentários metalinguísticos elaborados a partir de perguntas diretas sobre variáveis linguísticas, que indiciam significados sociais sobre a variação.

No viés da avaliação sociolinguística, a relação entre consciência, identidade e língua é complexa e sensível de ser estudada, pois um falante pode pertencer a diversas categorias identitárias e não de forma fixa. Isso implica assumir que os falantes não falam do modo como falam como reflexo inevitável de categorias a que "pertencem", mas que tais categorias identitárias são elaboradas, de forma mais ou menos consciente, pelos falantes durante suas interações sociais (Oushiro, 2019, p. 307).

Essas identidades, então, são co-construídas no próprio ato da interação com os outros falantes. Eckert (2000, p. 4)[1] afirma que a variação "tem a ver com lugares concretos, pessoas, estilos e problemas. Ao mesmo tempo, essas coisas locais concretas são o que constitui amplas categorias culturais como gênero, classe, etnia, região"[2]. Sob esse olhar, é necessário considerar a pluralidade que forma uma identidade, sem restringir o falante a uma categoria única (ser mulher, ser escolarizado, ser alagoano, etc.).

A atribuição valorativa que esse falante faz das formas linguísticas não é realizada de forma binária, como demonstrou Campbell-Kibler (2011), ao investigar a associação feita por indivíduos das regiões Oeste e Sul dos Estados Unidos à redução do segmento -ing. A autora notou que a variação linguística, além de ser um sistema formal e social, é também um sistema cognitivo, uma vez que duas variantes ou mais podem compartilhar significados referenciais idênticos e, mesmo assim, transmitir significados sociais diferentes.

Nesse sentido, as variáveis linguísticas passam a não ser mais encaradas como dispositivos heurísticos diretamente correlacionados com estratificações sociais, mas como uma realidade social e cognitiva afetada pelos valores ideológicos socialmente postos. Dessa forma, não se pode afirmar categoricamente que uma variante seja inerentemente positiva e outra negativa dentro de um mesmo processo de variação. Em vez disso, as variantes podem

[1] Todas as traduções são de total responsabilidade dos autores.

[2] No original: [Variation] "*has to do with concrete places, people, styles, and issues. At the same time, these concrete local things are what constitute broad cultural categories such as gender, class, ethnicity, region*".

coexistir de maneira relativamente autônoma, sendo interpretadas e ressignificadas com base em construções sociais que transcendem os sentidos meramente denotativos.

A fim de investigar essa dinâmica de coexistência, Eckert (2008) propõe um modelo que concebe os significados sociais da variação como elementos interligados em um campo indicial. Esse modelo enfatiza a natureza fluida e relacional das variantes, cujos significados não são fixos, mas dependem das ativações contextuais e das conexões ideológicas estabelecidas no uso linguístico. Isso sinaliza que os significados sociais não são estanques, mas potenciais, em virtude da ininterrupta interação social e possuem uma associação ideológica dinâmica.

Por essa razão, segundo Tesch, Mendes e Machado (2022, p. 9-10), é necessário considerar que uma variante pode indiciar diversos significados sociais "a depender de quem fala, de quem ouve, do lugar em que ocorre a interação, dos assuntos que são tratados, de posições que se tomam no aqui e agora" e de concepções entre os envolvidos como empatia, antipatia, indiferença.

Esse movimento está relacionado ao processo de constituição da identidade por meio da interação e a relação entre significados sociais, os quais são historicamente concebidos e ideologicamente indiciados, e irão pressupor interlocutores que estão em constante movimento. Esse processo interage com a reafirmação de identidade pela língua, aceitação e pertencimento. Por essa razão, Freitag *et al*. (2015, p. 70) defendem que o "problema da avaliação [...] se torna central para se averiguar como as variáveis linguísticas assumem significado identitário regional e como isto configura as estratificações regionais".

Freitag (2016), ao mensurar a avaliação social na variação entre "nós" e "a gente" na expressão da primeira pessoa do plural na fala de estudantes do Ensino Médio da rede pública estadual de Sergipe, notou um largo favorecimento da variante inovadora (83%), mas que essa produção não era coincidente com as avaliações subjetivas, ao passo que alguns falantes com produção categórica da forma "a gente" (100 % na amostra), ao responderem perguntas diretas, acreditavam produzir mais a forma "nós".

A significação social da variante "a gente", em Freitag (2016), indiciava uma associação predominante em contextos de informalidade ou de grande intimidade. Muitos participantes classificaram seu uso como um "vício de linguagem", uma forma "errada", "feia" ou "estranha". Esses resultados sugerem que, apesar da alta frequência de uso de "a gente" na fala espontânea, há uma significação social normativa subjacente que ainda favorece a variante conservadora "nós", reforçando a discrepância entre os dados de produção e de avaliação na variação pronominal.

Esta pesquisa tem o intuito de identificar os fatores que se correlacionam com as avaliações linguísticas, além de aferir a significação social atribuída a "nós" e "a gente", pelo público universitário do Agreste de Alagoas. Campbell-Kibler (2011) afirma que enquanto no espaço universitário há o favorecimento de um certo modelo de norma culta, em outros ambientes, o movimento pode não ser o mesmo e a norma requerida pode ser outra, o que acarreta em uma variação de normas a depender do ambiente social. Nesse sentido, é plausível pressupor que as avaliações realizadas pelos universitários sejam motivadas tanto pelo grupo ao qual pertencem (universitário) quanto pelo espaço em que eles se encontram (Universidade).

## 3 A alternância pronominal entre "nós" e "a gente"

O processo de alternância pronominal entre "nós" e "a gente", na posição de pronome de primeira pessoa do plural, conta com estudos de produção realizados em todas as regiões brasileiras, como Norte (Rodrigues; Migueli, 2019), Centro-oeste (Mattos, 2017), Sudeste (Lopes, 2003;

Omena, 1996), Sul (Tamanine, 2010) e Nordeste (Freitag, 2016), que apresentam índices de produção da forma "a gente" entre 55-80% em comparação à forma "nós", em diversos contextos.

Historicamente, o processo de gramaticalização da forma "a gente" iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII, a partir do substantivo "gente" (Omena, 1996). Os trabalhos de Lopes (2003) e Lucchesi (2009) versam sobre como as formas de primeira pessoa do plural, "a gente" e "nós", são tradicionalmente entendidas como "plural de eu" e podem apresentar possibilidades de interpretação mais específica: eu+tu/você, eu+não eu, eu+ele/ela, eu+vós/vocês, eu+eles, até um grau máximo de indeterminação e generalidade como eu+todo mundo ou eu+qualquer um.

Quanto ao grau de determinação dos dois pronomes em estudo, Lopes (1998) sinaliza que "nós" é favorecido por referências mais determinadas, enquanto "a gente" é produtivo em contextos de maior indeterminação, pois dispensa a referência à primeira pessoa. Lopes (2003), a partir da análise de amostras orais de universitários de cinco capitais brasileiras coletadas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), durante as décadas de 1970 e 1990, esclarece esse fenômeno apresentando três diferentes tipos de referente: específico, genérico e impessoal.

O referente específico é explicitado ou determinado pelo falante ou ao fazer alusão a uma situação vivida com outras pessoas que não foram especificadas no discurso, mas há indícios no contexto que especificam a referência, como em "nós vamos lá em Niterói comprar peixe" (NURC-RJ, AC. 14, H2[3] *apud* Lopes, 2003, p. 129). Já o referente genérico, permite ao falante construir uma referência ampliada e menos delimitada, frequentemente associada ao uso de "a gente", o que favorece leituras inclusivas e não marcadas de grupo, como em "você vê a gente na Faculdade de Letras" (NURC-RJ, inq. 11, M2[4] *apud* Lopes, 2003, p. 130). A leitura impessoal atinge o maior grau de indeterminação e a forma "a gente" pode ser facilmente substituída por construções com o clítico "-se-", como em "como a gente vê no Uruguai" (NURC-RJ, AR. 133[5], M2 *apud* Lopes, 2003, p. 130), o que evidencia seu papel pragmático na construção de enunciados menos comprometidos com a identificação explícita dos participantes do discurso.

Em estudo sobre padrões de concordância verbal (CV) da forma "a gente", Marcotulio, Vianna e Lopes (2013) assumem que apesar de a variante ter passado por um processo de gramaticalização e adquirido propriedades de pronome pessoal, ainda carrega consigo traços morfossintáticos do nome "gente", e por esse motivo, apresenta traços gramaticais (3ª pessoa singular – 3PS) e semântico-discursivos (1ª pessoa do plural – 1PP), podendo manifestar quatro padrões de concordância na variação com "nós":

(1) nós (1PP) fala-mos (1PP) → nós -mos
(2) nós (1PP) fala-0 (3PS) → nós -0
(3) a gente (1PP) fala-0 (3PS) → a gente -0
(4) a gente (1PP) fala-mos (1PP) → a gente -mos

Na pesquisa realizada por Menuzzi (2000), com falantes do Rio Grande do Sul, mostrou-se que "a gente" requer concordância de 3PS no verbo, como em "A gente vai à festa". Já o estudo de Moura (1999) sobre CV em Alagoas, na perspectiva da variação linguística, apontou que esta pode ser uma regra variável (Naro; Scherre, 1993; Scherre, 1994) e pode concordar com os traços semântico-discursivos ou gramaticais, como em "A gente vai à festa / A gente

[3] AC. – Amostra complementar (ou nova amostra – década de 90), H2 – Homem da segunda faixa etária (de 36 a 55 anos).

[4] inq. – inquérito, M2 – Mulher da segunda faixa etária (de 36 a 55 anos).

[5] AR. – Amostra recontato.

vamos à festa". Dessa forma, é possível que "a gente" concorde com o verbo na 1PP e selecione uma forma anafórica de 3PS (Costa *et al.*, 2000), o que reforça seu caráter híbrido e sua flexibilidade em diferentes contextos de uso, especialmente na fala espontânea.

Vale mencionar que o estudo do processo de variação dos pronomes e CV não é recente, pois Marroquim (2008, p. 143), ao analisar os falares de Alagoas e Pernambuco, na década de 1930, observou que "Nós e vós oblíquos não são empregados pelo povo. Nós é substituído por a gente; vós por vocês". O autor notou que o português falado nesses estados passava por um processo de transformação nos paradigmas flexionais, tanto na flexão nominal, com ausência da marca de plural em substantivos e adjetivos, quanto na flexão verbal, em que a segunda e a terceira pessoa tinham apenas uma forma, assim apresentando uniformidade.

Por se tratar de um fenômeno morfossintático, o encaixamento na estrutura linguística precisa ser levado em conta, pois apesar do esforço das fontes institucionais em desconsiderar a forma inovadora "a gente", o processo de gramaticalização e de ascendência de uso em detrimento da forma "nós" contrasta com a tradição normativa. Segundo Lopes (1998, p. 2, itálicos do autor), essa tradição ainda apresenta "incoerências quanto à classificação e inserção da forma a gente no sistema de pronomes pessoais e considera o pronome *nós* como mero plural de '*eu*', sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um 'eu-ampliado'". Além disso, as gramáticas normativas não contemplam os padrões de concordância não canônicos, como se observa, por exemplo, em Cunha e Cintra (2017).

A gramática descritiva *Gramática do português culto falado no Brasil*, de abordagem funcionalista, surge em contrapartida à tendência prescritiva e apresenta estruturas da língua em uso, a partir do *corpus* do Projeto NURC. Neves (2008), autora do capítulo sobre pronomes, considera as formas "você(s)" e "a gente" como criações vernáculas e ao apresentar os pronomes pessoais de primeira pessoa usados pelos falantes do NURC, menciona "eu", "nós", "a gente".

Apesar da resistência que a forma "a gente" enfrenta, principalmente por parte da escola, que preza por ensinar a forma conservadora "nós", priorizada nos gêneros textuais escritos, estudos sociolinguísticos têm demonstrado que há um favorecimento por parte de pessoas jovens e do gênero feminino pelo uso de "a gente" (Freitag, 2016; Zilles, 2005; entre outros). Além disso, o fator escolaridade também parece interagir com essa variação, pois os falantes mais escolarizados preferem o uso da variante inovadora. Esse conjunto de fatores evidencia que "a gente" tende a ocorrer com maior frequência em contextos de informalidade, proximidade interacional e menor monitoramento linguístico, enquanto "nós" se mantém mais associado a contextos formais, à escrita e a situações que demandam maior controle normativo.

Vitório (2016), ao pesquisar a variação desses pronomes em dados de produção da fala culta da cidade de Maceió, a partir de entrevistas com 24 falantes com ensino superior completo, evidenciou a relevância da variável faixa etária para a preferência de uso da forma inovadora "a gente" (80%) em contraste a "nós" (20%). Entre os falantes da primeira (15-29 anos) e segunda faixa etária (30-44 anos), a produtividade de "a gente" foi bastante próxima (99% e 90%). Já entre os falantes da terceira faixa etária (acima de 44 anos), houve um percentual menor de realização (64%). O que indica um uso quase categórico da variante inovadora na fala culta maceioense entre os mais jovens.

Em Palmeira dos Índios, no Agreste alagoano, Oliveira e Nascimento (2017) consideraram dois níveis de escolarização (Ensino Fundamental e Ensino Superior), e notaram que todos os falantes preferiram a realização do pronome "a gente", porém, os falantes mais escolarizados, com Ensino Superior, produziram ainda mais "a gente" (84%), diante daqueles com Ensino Fundamental (71%). Esses dados sugerem que, embora a variante inovadora seja amplamente utilizada em ambos os grupos, seu uso é ainda mais recorrente entre aqueles com maior nível de escolarização.

Na zona rural de Pariconha, no Sertão alagoano, Silva (2022), ao analisar três níveis de escolarização (Ensino Fundamental, Médio e Superior), também observou que à medida que aumenta o nível de escolarização maior é a preferência pela variante "a gente". Além disso, a autora levou em consideração a variável faixa etária (18 a 29 anos, 30 a 44 anos e mais de 44 anos) e demonstrou que o uso da variante inovadora diminui conforme aumenta a idade dos falantes.

Feitosa e Vitório (2018), na comunidade do Alto Sertão alagoano, apontam que não só "a gente" é a variante preferida, favorecida por falantes mais escolarizados, como também que, em contextos de relação simétrica de CV[6], tanto "nós" quanto "a gente" são bem aceitas na comunidade, porém, com uma avaliação mais positiva para a variante "nós".

Vitório (2017) tentou aferir a avaliação das variantes em estudo, entre falantes maceioenses com Ensino Superior (em curso ou completo), na faixa etária entre 18 e 38 anos. De acordo com os resultados obtidos, as avaliações dos informantes sobre a CV e as duas formas pronominais coadunam com seu comportamento linguístico, pois "nós" + 1PP e "a gente" + 3PS são as variantes preferidas. Os dados também mostram que tanto a variação na concordância com "nós" + 3PS quanto "a gente" + 1PP apresentam alta saliência, sendo as formas às quais os informantes atribuem maior valoração negativa. Apesar disso, o uso de "nós" + 3PS parece ser mais aceitável que o uso de "a gente" + 1PP.

No que diz respeito às avaliações acerca de "nós" e "a gente" na posição de sujeito, esses informantes acreditam usar mais o pronome "nós" (54%), além de o avaliarem como mais adequado e mais alinhado à norma padrão (62%). Em contrapartida, tendem a restringir o uso de "a gente" a situações mais informais, apesar de essa forma ser a mais utilizada, coadunando com os resultados obtidos por Freitag (2016), com estudantes de Aracaju.

O fato de diversos falantes em diferentes estudos considerarem ambas as variantes como legítimas e usuais sugere que a relação entre esses pronomes não pode ser reduzida a uma oposição dicotômica entre prestígio e estigma, mas deve ser compreendida dentro de um sistema de valores normativos, no qual ambas as formas são socialmente avaliadas de maneira predominantemente positiva, ainda que apresentem distinções contextuais e pragmáticas mais específicas: "nós" tende a indexar maior formalidade, monitoramento e referência mais delimitada do grupo, enquanto "a gente" se associa a contextos de maior informalidade, inclusão ampliada e indeterminação referencial, funcionando também como estratégia de atenuação enunciativa e aproximação discursiva entre os interlocutores.

Assim, dado que a produção linguística nem sempre corresponde às avaliações que os falantes fazem das formas pronominais (Freitag *et al*., 2015; Freitag, 2016; Freitag *et al*., 2016; Oushiro, 2021), este estudo busca aprofundar a compreensão sobre os significados sociais atribuídos à variação pronominal no Agreste alagoano, bem como investigar associações feitas a essas formas pelos informantes da pesquisa.

[6] Em Feitosa e Vitório (2018), considera-se "nós" + 1PP e "a gente" + 3P como realização simétrica de CV e "nós" + 3PS e "a gente" + 1PP como assimétrica.

## 4 Metodologia

Esta pesquisa fundamenta-se nos princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Campbell-Kibler, 2011; Lambert *et al*., 1960). O *corpus* deste trabalho pertence ao GEVAL – AL (Grupo de estudo da variação linguística em Alagoas) e foi constituído através do preenchimento de um formulário eletrônico na plataforma *Google Forms*, no período de junho a dezembro de 2021[7].

O formulário foi disponibilizado aos estudantes do *Campus* III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e respondido por um total de 200 pessoas. Observou-se um perfil predominante entre os informantes, com a maioria sendo do gênero feminino (66%), jovens[8] (70%) e de cidades de pequeno e pequeno-médio porte[9] do Agreste alagoano (99%).

As primeiras perguntas do formulário foram referentes ao perfil socioeconômico dos estudantes, curso[10], cidade, gênero, identidade étnica e hábitos. Além disso, foram apresentadas questões voltadas à avaliação das formas linguísticas "nós" e "a gente". Já as últimas questões do formulário foram respondidas após a aplicação do método *matched-guise* de estímulos pareados (Lambert *et al*., 1960).

Este método consiste na apresentação de diferentes realizações linguísticas de um mesmo enunciado (no caso, com a alternância dos pronomes "nós" e "a gente"), produzidas por um mesmo falante (um estudante universitário de 23 anos de idade), com o objetivo de isolar os efeitos de avaliação associados exclusivamente às variantes em análise. Dessa forma, os participantes avaliam o falante em cada estímulo por meio de escalas de diferencial semântico (por exemplo, certo, errado, feio, bonito, etc.), o que permite captar avaliações do ouvinte em relação às variantes, sem viés explícito quanto à identidade do falante.

## 5 Análise dos resultados

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados referentes às avaliações de universitários do Agreste alagoano sobre as formas "nós" e "a gente", com o intuito de identificar significados sociais atribuídos a cada variante. Além disso, a análise do perfil socioeconômico dos participantes, conforme ilustrado no Gráfico 1, retrata a classe social predominante entre os informantes que compõem o corpus desta pesquisa.

---

[7] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética com o CAAE: 57933822.8.0000.5013.

[8] Neste estudo, classificam-se como 'jovens' os estudantes de 16 a 25 anos de idade.

[9] Seguindo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante IBGE), aqueles municípios com menos de 50 mil habitantes são classificados, nesta pesquisa, como municípios de pequeno porte. Os municípios com população entre 50 e 100 mil habitantes, por sua vez, são classificados como municípios de pequeno-médio porte.

[10] Segundo Roncarati (2008), estudantes dos cursos de Letras tendem a avaliar menos negativamente formas não tidas como padrão. Por esse motivo, estudantes desses cursos não foram incluídos nesta pesquisa, na intenção de obter melhor resultado advindo do senso comum dos informantes.

Gráfico 1 – Renda familiar dos informantes




Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que a média socioeconômica dos informantes da pesquisa é proveniente de camadas sociais financeiramente desprivilegiadas, cerca de 10% dos alunos do *Campus* III da Uneal informaram possuir uma renda familiar igual ou superior a quatro salários-mínimos. Essa realidade dos estudantes universitários não se distancia da média econômica geral do estado[11].

Esses dados demonstram que, diferentemente do período e do contexto analisado por Castilho (1994), nos quais os estudantes universitários das grandes capitais eram considerados simultaneamente representantes da norma culta e de uma elite econômica no âmbito do projeto NURC, a Universidade atualmente abarca segmentos sociais mais amplos, para além dessa elite tradicional.

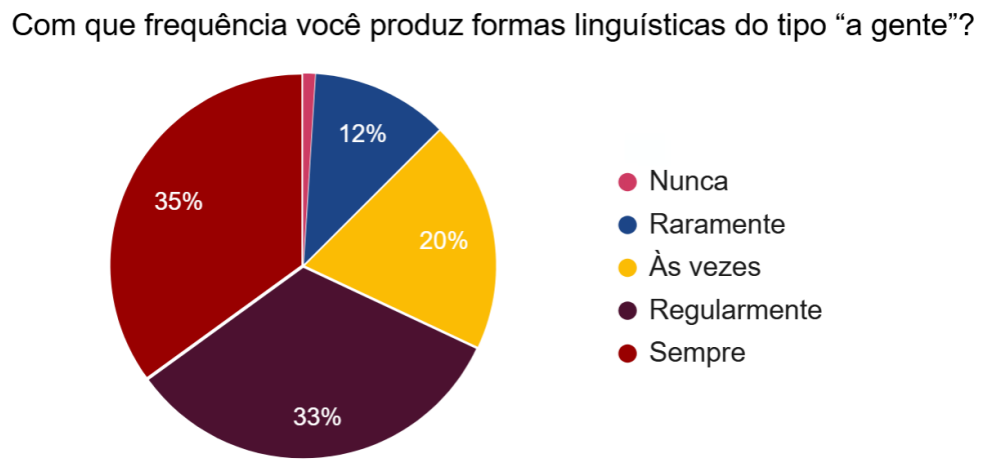
Essa mudança ocorreu, principalmente, graças às políticas públicas de acesso ao ensino superior implementadas nas últimas duas décadas, que proporcionaram maior democratização do Ensino Superior. Apesar dessa mudança no perfil socioeconômico dos estudantes universitários, a Universidade ainda é uma fonte de disseminação de valores elitizados que regem a norma culta.

Em suma, acredita-se que as avaliações feitas em relação às variantes "nós" e "a gente" são influenciadas pelo perfil geral do informante da pesquisa, caracterizado como indivíduo predominantemente jovem, pertencente à classe social média-baixa, estudante de uma Universidade pública, do gênero feminino e residente em município de pequeno-médio porte.

Com o objetivo de investigar a consciência de produção da variante "a gente", os informantes da pesquisa foram questionados sobre a própria frequência de uso dessa forma linguística, conforme o Gráfico 2, como também sobre a produção de "nós" e "a gente" na região onde vivem (Gráfico 3).

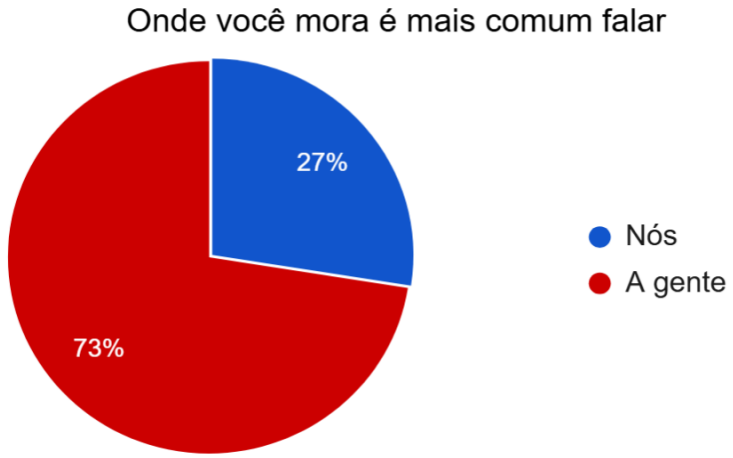
[11] Dados econômicos obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), pesquisa do IBGE, mostram que a renda mensal média por domicílio em Alagoas no ano de 2021, mesmo ano da coleta de dados desta pesquisa, foi de R$1.396,00 (Portal G1, 2022), sendo a renda domiciliar *per capita* de R$777,00 (IBGE, 2022).

Gráfico 2 – Frequência atribuída pelos informantes ao uso da forma pronominal “a gente”




Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Frequência atribuída pelos informantes ao uso local de “nós/a gente”

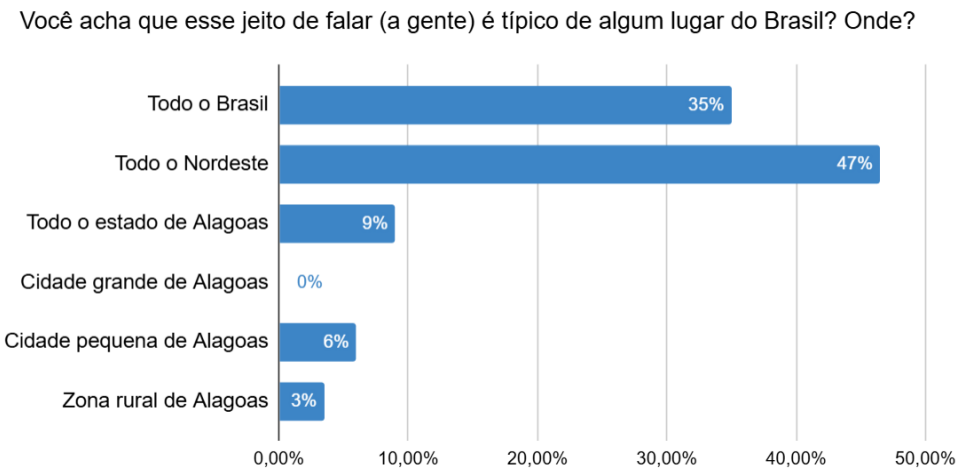



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os Gráficos 2 e 3, a maioria dos informantes percebeu a forma “a gente” como mais produtiva em seu próprio uso, indicando que a utiliza sempre ou regularmente (68%), além de a avaliarem como a variante mais frequente no contexto em que vivem (73%). Essa frequência atribuída pelos informantes se aproxima dos resultados de Oliveira e Nascimento (2017), em Palmeira dos Índios, em dados de produção que indicaram a predominância no uso da forma “a gente” por falantes com ensino superior (84%). A partir dessas impressões dos informantes, torna-se plausível acreditar que haja certa consciência linguística dentro desse grupo de universitários acerca da alternância pronominal de “nós” e “a gente”.

No Gráfico 4, os dados demonstram que a grande maioria dos informantes (82%) não associaram a variante “a gente” a Alagoas, apesar de viverem em cidades pequenas do Agreste alagoano. Esses dados convergem com vários estudos de produção que confirmam que a forma pronominal “a gente” está presente em todas as regiões do país (Lopes, 1998; Lopes, 2003; Mattos, 2017; Menuzzi, 2000; Omena, 1996; Rodrigues, Migueli, 2019; Zilles, 2005), não sendo uma variação restrita a Alagoas.

Gráfico 4 – Associação diatópica atribuída pelos informantes à variante “a gente”

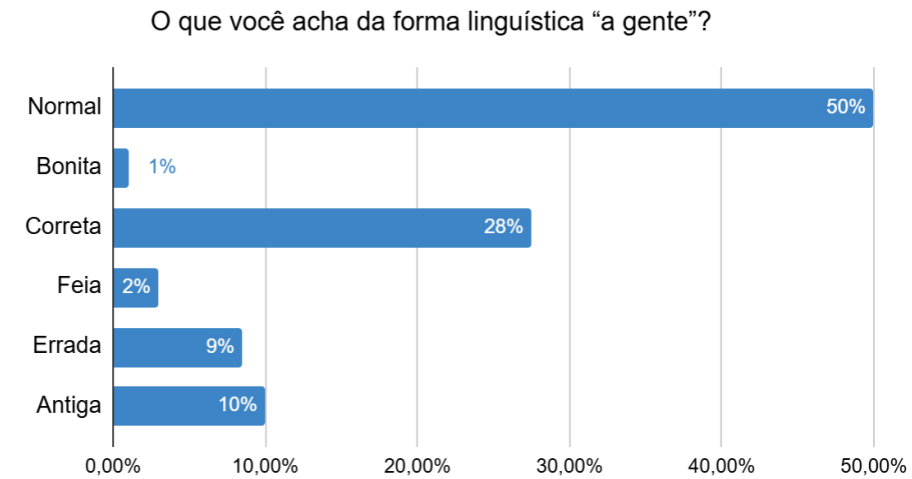



Fonte: Elaboração própria.

A obtenção de resultados semelhantes aos verificados em estudos de produção realizados em outras regiões do país permite inferir que os informantes demonstram, em alguma medida, consciência da existência e da circulação da variante “a gente” em âmbito nacional. Isso sugere que tal forma é associada a uma norma de abrangência mais ampla, que extrapola os limites geográficos locais. Desse modo, evidencia-se que a relação entre as formas “nós” e “a gente” não se configura como uma oposição binária, mas como variantes que circulam em diferentes esferas de uso e que podem assumir significados sociais relativamente independentes (cf. Campbell-Kibler, 2011), a depender dos contextos sociocomunicativos em que são mobilizadas.

Ao avaliarem a forma “a gente”, como se observa no Gráfico 5, a maior parte dos informantes atribuiu valores positivos à variante, destacando-se as categorias “normal” (50%) e “correta” (28%), que, somadas, totalizam 78% das respostas. A baixa incidência de avaliações explicitamente negativas (“errada” (9%), “feia” (2%) e “antiga” (10%)) indica que a forma não é amplamente estigmatizada na comunidade investigada, mas ainda sugere, de maneira implícita, que a forma “nós” é tida como mais normativa.

Gráfico 5 – Avaliação da variante “a gente”

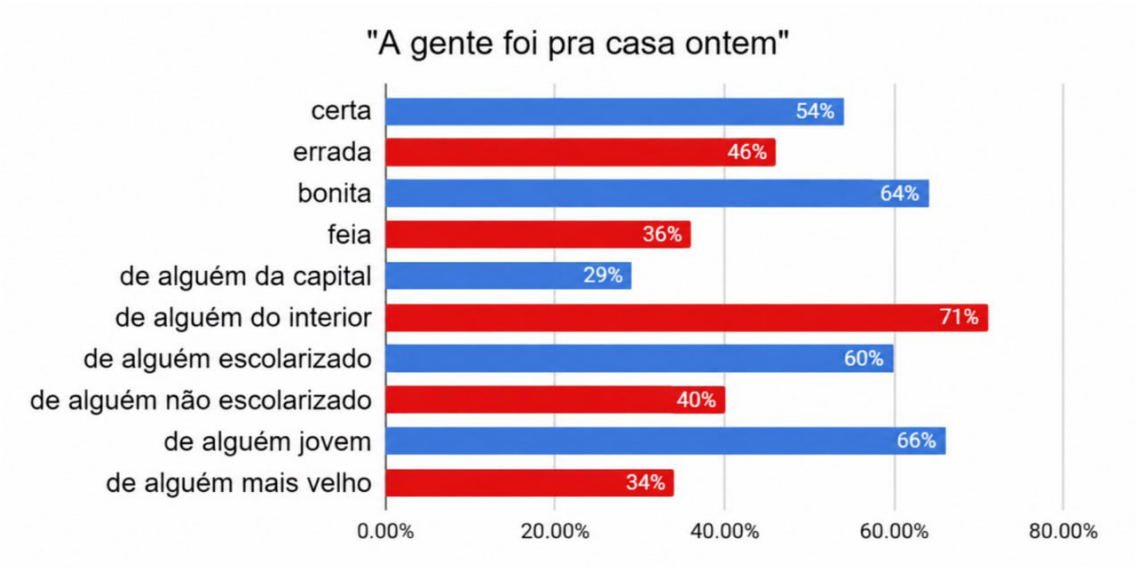



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, os resultados apontam para uma aceitação consolidada da forma "a gente" no plano do uso, ainda que coexistam através de uma hierarquização normativa, em que a forma "nós" tende a ser associada ao modelo de maior prestígio, possivelmente em função de sua maior presença em práticas escolares e em gêneros mais monitorados.

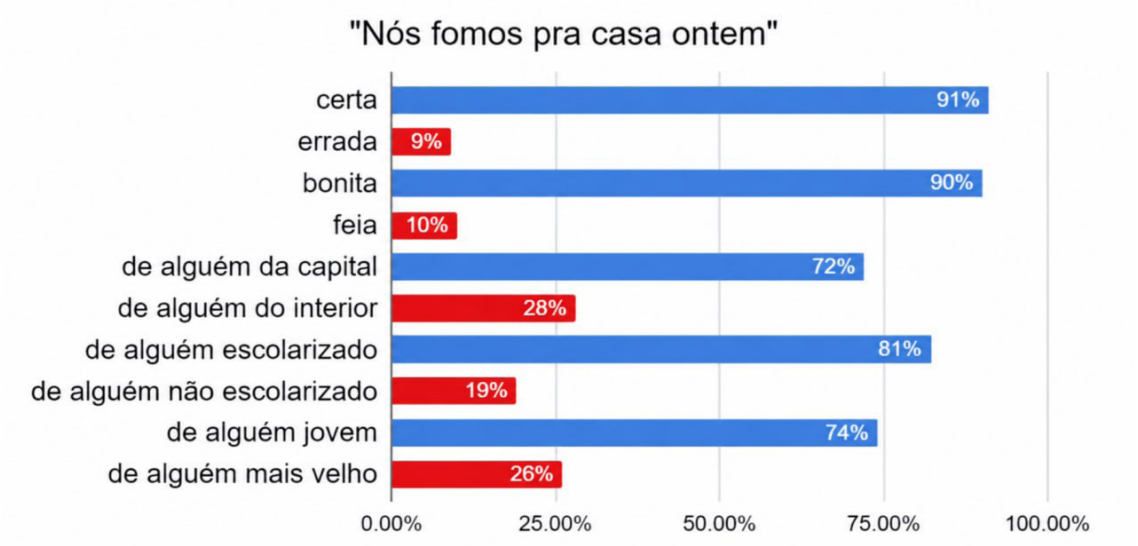
Os Gráficos 6 e 7 apresentam os resultados do teste de estímulos pareados, no qual os informantes ouviram as frases "A gente foi para casa ontem" e "Nós fomos para casa ontem" e, em seguida, responderam a questionários de características discretas. De modo geral, a variante "nós" recebeu uma avaliação mais positiva (certa e bonita, por exemplo) em comparação à variante "a gente", que por sua vez não foi avaliada de forma homogênea e unidirecional, mas marcada por uma distribuição ambivalente de traços positivos e negativos.

Gráfico 6 – Avaliação da variante "a gente" a partir de estímulo auditivo




Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 7 – Avaliação da variante "nós" a partir de estímulo auditivo




Fonte: Elaboração própria.

Por um lado, observa-se a atribuição de valores negativos à forma inovadora, como "errada" (46%) e "feia" (36%), além de sua associação a perfis sociais menos prestigiados, como "de alguém do interior" (71%) e "de alguém não escolarizado" (40%). Por outro lado, a variante "a gente" também apresenta índices relevantes de avaliação positiva, sendo considerada "certa" (54%) e "bonita" (64%) por parcela expressiva dos informantes, além de ser associada a perfis socialmente valorizados, como "de alguém jovem" (66%).

Esse quadro aponta para uma configuração avaliativa não dicotômica, na qual "nós" e "a gente" não se distribuem em polos opostos de "norma" versus "não norma", mas integram um contínuo gradativo de normatividade, no qual diferentes variantes são mobilizadas de acordo com expectativas sociocomunicativas específicas. Nesse contínuo, "nós" parece ocupar uma posição de maior associação à norma padrão, enquanto "a gente" embora também seja associada à norma, é uma associação menor se comparada ao "nós". Assim, em vez de indicar ausência de avaliações negativas na avaliação de "a gente", os dados sugerem a coexistência de avaliações coocorrentes, que refletem diferentes ordens de indicialidade que, por sua vez, regulam os princípios de adequação ao uso.

Isso pode estar ligado ao fato de os pronomes, "nós" e "a gente", serem avaliados de formas diferentes pelo ambiente educacional, que opta por ensinar que a forma conservadora é mais formal e adequada a gêneros textuais escritos, enquanto a forma inovadora é retida à oralidade.

Apesar dessa pressão prescritivista, a pesquisa de Vitório (2016) sobre a variação entre "nós" e "a gente" em dados de produção da fala culta de Maceió – AL evidenciou a relevância do nível de escolarização na preferência pelo uso da forma inovadora "a gente", indicando que falantes com maior escolarização tendem a favorecer essa variante. Da mesma forma, Oliveira e Nascimento (2017) demonstraram, em Palmeira dos Índios, a preferência dos falantes mais escolarizados por essa forma e defendem que:

> […] é possível que a substituição pronominal de "a gente" seja motivada pela concordância verbal, uma vez que, embora carregue uma carga semântica plural, a forma pronominal "a gente" preserve a conjugação verbal da 3PS, simplificando as realizações verbais no português do Brasil, ao dispensar a desinência de número-pessoa do verbo (Oliveira; Nascimento, 2017, p. 17).

Vale mencionar que o apagamento das marcas expressas de concordância verbal junto à forma "a gente" (a gente vai → Ø) é amplamente aceito, ao passo que a realização não canônica com a forma "nós" (nós vai → Ø) é geralmente associada à baixa escolaridade, às classes sociais mais baixas, sendo, portanto, mais suscetível à estigmatização, em razão de sua maior saliência (cf. Oushiro, 2015).

Coelho (2006), ao investigar a variação entre "nós" e "a gente" e CV (Nós V-0 vs. Nós V-mos), em uma comunidade periférica da cidade de São Paulo, ressaltou que o uso da marca explícita de número (-mos) com o pronome "nós" é uma estratégia de assimilação dos migrantes rurais (falantes mais velhos), de diversos estados do Brasil, à nova realidade urbana. Contudo, o autor também defende que a aprendizagem de novos significados sociais não se baseia apenas na norma culta. Uma comprovação disso foi o favorecimento do emprego do apagamento das marcas expressas de CV pelos falantes mais jovens e escolarizados[12] da amostra.

[12] Em Coelho (2006), os falantes jovens do bairro periférico investigado foram divididos em dois grupos, quais sejam: (i) "mano" do gol a gol, aquele mais marginalizado e associado a identidade periférica paulista; e (ii) filhos dos membros da associação do bairro, que apresentam uma pretensão de ascensão social e maior aceitação.

Em relação às diferentes identidades sociais desses jovens, segundo Coelho (2006, p. 133), a expectativa de ascensão social dos filhos dos membros da associação do bairro "correlaciona-se mais à substituição de nóis por a gente do que à adoção da variante –mos". Isso indica que, por pressão de uma força normativa, os falantes realizaram a substituição de "nós" por "a gente" em busca do padrão de concordância mais simples e que ao mesmo tempo seja bem avaliado socialmente.

Nesse cenário, os dados apresentados por Oliveira e Souza (2020), referentes ao fenômeno da concordância verbal (CV) no estado de Alagoas, em particular na cidade de Maceió, evidenciam que a taxa de omissão das marcas verbais explícitas entre os falantes com mais de 11 anos de escolarização atinge aproximadamente 16%. Esse comportamento linguístico apresenta correlação com a expansão do uso da forma pronominal "a gente" na região e sinaliza um possível deslocamento nas normas de concordância verbal, condicionado por variáveis socioculturais e educacionais.

Nos Gráficos 6 e 7, observa-se que a associação etária atribuída pelos informantes às formas pronominais "a gente" e "nós" apresentou valores relativamente próximos, sendo ambas predominantemente vinculadas à figura de um falante jovem (66% e 74%, respectivamente). Esses dados sugerem que as duas variantes são positivamente valoradas no interior da comunidade investigada. Tal tendência interpretativa pode ter sido influenciada por aspectos prosódicos presentes no estímulo auditivo, o qual foi produzido por um locutor universitário de 23 anos, potencialmente condicionando a avaliação dos participantes.

De modo geral, os dados obtidos nesta pesquisa apontam para um processo de normatização da forma pronominal "a gente". A coexistência das variantes pronominais analisadas sugere que não se trata, necessariamente, de uma oposição entre uma forma socialmente positiva e outra negativa, mas sim de entidades linguísticas que operam de modo relativamente autônomo no plano social. Campbell-Kibler (2011) já havia apontado que variantes podem não manter, obrigatoriamente, uma relação binária de oposição, mas apresentar funcionamentos próprios e diferenciados em termos de indiciação social. Essa perspectiva é corroborada pelos resultados desta pesquisa, nos quais tanto a forma "a gente" quanto a forma "nós" receberam, de modo geral, avaliações positivas por parte dos participantes, o que evidencia sua legitimidade sociolinguística no grupo investigado.

## 6 Considerações finais

Com base na análise dos resultados encontrados, é plausível declarar que mesmo que uma avaliação mais positiva recaia sobre a forma "nós", a variante "a gente" encontra-se com indícios ascendentes de normatização, apesar da pressão prescritivista escolar pela forma conservadora.

Ao modo que é atribuída uma avaliação também positiva à forma "a gente", demonstra-se a coexistência de significados sociais positivos entre variantes. Isso sugere que as variantes "a gente" e "nós" não estão em uma relação de oposição entre o certo e o errado, mas coexistem como formas socialmente significativas, com sentidos distintos e contextualmente motivados. Tal como propõe Campbell-Kibler (2011), essa coexistência de significados sociais positivos aponta para uma gradação entre normas, não apenas baseada em critérios estritamente normativos.

Esta pesquisa também apontou que os informantes apresentaram alta consciência da produção de "a gente", em comparação com a forma "nós", o que é compatível com os achados de Freitag (2016), Oliveira e Nascimento (2017), Silva (2022) e Vitório (2016), em dados de produção, ao indicarem a predominância no uso da forma "a gente" por falantes jovens e de alta escolaridade.

Os dados indicam que a forma "a gente" é amplamente reconhecida e declarada como frequente pelos informantes, sendo sua produção percebida como mais frequente do que a de "nós". Ademais, ao serem questionados sobre os contextos de uso, os participantes, de modo geral, associaram "a gente" a um emprego amplo e supralocal, não restrito ao Agreste alagoano.

Por outro lado, a forma "nós" foi avaliada de maneira mais positiva — frequentemente classificada como "correta" e "bonita" —, além de ser associada a falantes da capital, com maior nível de escolarização e pertencentes a faixas etárias mais jovens. Tal distribuição sugere uma indicialidade dessa variante a valores de urbanidade, prestígio social e adesão à norma culta.

Em contraste, "a gente" foi mais frequentemente associada a falantes do interior, embora também tenha sido, em sua maioria, considerada "correta" e "bonita". Assim, os resultados apontam que, embora "a gente" seja percebida como uma forma amplamente disseminada e de uso corrente, a variante "nós" permanece fortemente vinculada a um ideal de correção e prestígio, associado à escolarização e aos centros urbanos.

Considerando os dados analisados, as particularidades do teste e o perfil geral dos informantes da pesquisa, não é possível apresentar todos os aspectos avaliativos das duas variantes em estudo em Alagoas. Por essa razão, este artigo, propõe algumas questões direcionadoras para pesquisas futuras, quais sejam: quais são as avaliações feitas sobre "nós" e "a gente" por pessoas de baixa escolaridade no Agreste alagoano? Como diferentes contextos de formalidade e níveis de determinação interferem na avaliação de "nós" e "a gente"? A variação "nós" e "a gente" é avaliada dentro de um *continuum* rural-urbano? Que significados sociais são indiciados na alternância pronominal entre "nós" e "a gente", em Alagoas ou no Nordeste?

Conclui-se, então, que é fundamental que novos estudos considerem as variantes "nós" e "a gente" como duas formas normativas possíveis e gradativas, a fim de investigar fatores que envolvam os potenciais significados sociais e associações ideológicas das formas linguísticas, para uma compreensão mais abrangente e precisa das dinâmicas sociais que envolvem esse processo variacional.

## Declaração de autoria

Este artigo foi desenvolvido em coautoria entre Mariana Barbosa da Silva e Almir Almeida de Oliveira. Mariana Barbosa da Silva é a autora principal, responsável pelo levantamento e revisão da bibliografia, redação do manuscrito e revisão final do texto. Almir Almeida de Oliveira contribuiu com a orientação teórica e metodológica da pesquisa, participou da redação do manuscrito e realizou a revisão crítica do conteúdo. Ambos os autores aprovaram a versão final do artigo e concordam com sua submissão.

## Referências

CAMPBELL-KIBLER, K. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 22, n. 3, p. 423-441, 2011. DOI: 10.1017/S0954394510000177. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/sociolinguistic-variant-as-a-carrier-of-social-meaning/C0B7ACEA70E15EEC65BB6399D34ED8D2. Acesso em: 16 nov. 2024.

CASTILHO, A. Problemas de descrição de língua falada. *DELTA*: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45468. Acesso em: 28 fev. 2025.

COELHO, R. *É nóis na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana: O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo. 2006. 182 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, J. *et al*. Concordância verbal com a gente: um problema para a teoria da verificação de traços. *In*: XVI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 16., 2000, Coimbra. *Actas* [...]. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2000. v. 1, p. 1-16.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

ECKERT, P. *Linguistic Variation As Social Practice*: The Linguistic Construction of Social Meaning in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Variation. *Annual Review of Anthropology*, Stanford, v. 41, p. 87-100, 2012. DOI: 10.1146/annurev-anthro-092611-145828. Disponível em: https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

ECKERT, P. Variation and the Indexical Field. *Journal of Sociolinguistics*, Stanford, v. 10, n. 4, p. 453-476, 2008. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x. Acesso em: 2 out. 2014.

FEITOSA, J.; VITÓRIO, E. Variação nós/a gente no sertão alagoano: restrição e avaliação. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 199-211, 2018. DOI: 10.13102/cl.v19i2.3493. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3493. Acesso em: 4 out. 2024.

FREITAG, R. *et al*. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do "português brasileiro". *Signo y Seña*, Buenos Aires, n. 28, p. 65-87, 2015. DOI: 10.34096/sys.n28.3174. Disponível em: http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3174. Acesso em: 4 out. 2024.

FREITAG, R. *et al*. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: 10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9166. Acesso em: 19 jan. 2025.

FREITAG, R. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 32, p. 889-917, 2016. DOI: 10.1590/0102-44506992907750337. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29225. Acesso em: 11 nov. 2024.

IBGE. *Cidades e Estados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al.html. Acesso em: 4 mar. 2025.

LAMBERT, W. E. *et al*. Evaluational Reactions to Spoken Language. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Washington, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960. DOI: 10.1037/h0044430. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/1960-07642-001. Acesso em: 2 out. 2024.

LOPES, C. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main: Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v. 18.

LOPES, C. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300/29330. Acesso em: 11 nov. 2024.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Ed. da UFBA, 2009. p. 457-471.

MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with *a gente* in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 125-149, 2013. DOI: 10.5334/jpl.70. Disponível em: https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5622/. Acesso em: 11 nov. 2024.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*: Alagoas e Pernambuco. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MATTOS, S. A primeira pessoa do plural na fala de Goiás. *Revista (Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 11, n. 19, p. 145-166, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16935. Acesso em: 19 jan. 2025.

MENUZZI, S. First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: cChains and cConstraint Interaction in Binding. *In*: COSTA, J. (org.). *Portuguese Syntax:* New Comparative Studies. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 191-240.

MOURA, M. O caráter variável da regra de concordância verbal no português do Brasil. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 21, n. 1/2, p. 78-84, 1999. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16621. Acesso em: 11 nov. 2024.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 437-454, 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45496. Acesso em: 11 nov. 2024.

NEVES, M. Os pronomes. *In*: ILARI, R.; NEVES, M (org.); CASTILHO, A. (coord.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2008. v. 2. p. 507-622.

OLIVEIRA, A.; NASCIMENTO, R. Alternância pronominal entre "nós" e "a gente" em Palmeira dos Índios *In*: *Linguagens, usos e ensino*. Maceió: Eduneal, 2017.

OLIVEIRA, A.; SOUZA, D. Concordância verbal no português brasileiro em Maceió/AL, Brasil. *Diversitas Journal*, Santana do Ipanema, v. 5, n. 4, p. 3180-3195, 2020. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v5i4-1377. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1377. Acesso em: 17 out. 2024.

OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In:* SILVA, G.; SCHERRE, M. (org.) *Padrões sociolingüísticos* – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-215.

OUSHIRO, L. A Computational Approach for Modeling the Indexical Field. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019. DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.1737-1786. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/27651. Acesso em: 17 out. 2024.

OUSHIRO, L. A importância de estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 40, p. 9-20, 2021. DOI: 10.36517/revletras.40.1.1. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/71443. Acesso em: 17 out. 2024.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade*: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RENDA média da população de Alagoas encolhe 9,5%, diz IBGE. *Portal G1*, 10 jun. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/06/10/renda-media-da-populacao-de-alagoas-encolhe-95percent-diz-ibge.ghtml. Acesso em: 4 mar. 2025.

RODRIGUES, J.; MIGUELI. R. A alternância pronominal na primeira pessoa do plural /nós/ e /a gente/ na função de sujeito. *In*: GOMES, A. M. (org.). *Notas sobre literatura, leitura e linguagens*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 1-7. DOI: 10.22533/at.ed.6981925011. Disponível em: https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-alternancia-pronominal-na-primeira-pessoa-do-plural-nos-e-a-gente-na-funcao-de-sujeito. Acesso em: 19 jan. 2025.

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 1, n. 36, p. 45-56, 2008.

SCHERRE, M. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)*, v. 12, p. 37-49, 1994. Disponível em: http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVA, L. *A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha/AL*. 2022. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SOUZA, M.; VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas. *Letras em Revista*, Teresina, v. 12, n. 1, p. 121-138, 2021. Disponível em: https://letrasemrevista.uespi.br/index.php/inicio/issue/view/24. Acesso em: 4 out. 2024.

TAMANINE, A. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR*. 2010. 222 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TESCH, L.; MENDES, R.; MACHADO, F. Avaliação, percepção, crenças e atitudes. [Apresentação]: uma revisão terminológica informal. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 6-14, 2022. DOI: 10.47456/cl.v16i34. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/1482. Acesso em: 27 fev. 2025.

VITÓRIO, E. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes 'nós' e 'a gente' na cidade de Maceió/AL. *Matraga* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 24, n. 40, p. 67-91, 2017. DOI: 10.12957/matraga.2017.26878. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/26878. Acesso em: 4 out. 2024.

VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió/AL. *Interdisciplinar* – Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão, v. 24, p. 159-172, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/5408. Acesso em: 4 out. 2024.

ZILLES, A. M. S. The Development of a New Pronoun: The Linguistic and Social Eembedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 1, n. 17, p. 19-53, 2005. DOI: 10.1017/S0954394505050027. Disponível: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/development-of-a-new-pronoun-the-linguistic-and-social-embedding-of-a-gente-in-brazilian-portuguese/C26C2BB7FFA0AA50CA1F655A2F48C744. Acesso em: 4 out. 2024.

v. 34, n. 2, p. 26–49, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.26–49
Submetido em: 03/09/2025 · Aprovado em: 16/04/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# As formas curtas e longas dos adjetivos em russo sob a perspectiva gerativista

## *The Short and Long Forms of Adjectives in Russian Under the Generativist Perspective*

**Teresa Gouvêa Garcia**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
gouveagarciateresa@gmail.com
https://orcid.org/0009-0005-6312-3010

**Lorenzo Teixeira Vitral**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
lorenzovitral@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5393-2686

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo propor uma análise da estrutura sintática para as formas curtas e longas dos adjetivos em russo. Na análise desenvolvida, partimos da hipótese de que as formas curtas são adjetivos de natureza verbal e as formas longas, adjetivos de natureza nominal. Para isso, embasamo-nos no quadro teórico da Gramática Gerativa, levando em consideração a hipótese das Conchas verbais (*VP shells*) e a hipótese KP (*Case Phrase*). A análise objetivou ainda esclarecer a intuição acerca da centralidade da categoria Caso para diferenciar sintaticamente as duas formas dos adjetivos. Propomos que a forma curta dos adjetivos em russo seja caracterizada pela estrutura de um AP inserido em uma projeção vP, e que a forma longa apresente a estrutura de um AP inserido em uma projeção KP. Exploramos também a questão da interpretabilidade de traços de A, tendo em vista a operação *Agree*. Concluímos que a distinção entre a natureza verbal e nominal dos adjetivos é atribuída, sintaticamente, à categoria funcional que seleciona o AP.

**Palavras-chave:** russo; adjetivos; formas curtas e longas; Gramática Gerativa; Caso.

**Abstract:** This article aims to propose an analysis of the syntactic structure of the short and long forms of adjectives in Russian. In the analysis we developed, we build upon the hypothesis that the short forms are adjectives of verbal nature and the long forms, adjectives of nominal nature. For such, we built upon the theoretical framework of Generative Grammar, taking into consideration VP shells and KP (Case phrase) hypotheses. The analysis also aimed to clarify the intuition regarding the centrality of the Case category to syntactically differen-

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

tiate the two forms of adjectives. We propose that the short form of Russian adjectives is characterized by the structure of an AP inserted in a vP projection, and that the long form presents the structure of an AP inserted in a KP projection. We also explore feature interpretability in A, taking into consideration the operation *Agree*. We conclude that the distinction between the verbal and nominal nature of adjectives is syntactically attributed to the functional category which selects the AP.

**Keywords:** Russian; adjectives; short and long forms; Generative Grammar; Case.

## 1 Introdução

Em russo, há duas formas de adjetivos, que se diferenciam, à primeira vista, pelos traços formais que expressam. As formas longas apresentam traços de gênero, número, e Caso, enquanto as formas curtas apresentam apenas traços de gênero e número. Pode-se observar um exemplo de cada forma na música "*Спокойная ночь*" ("*Spokóinaia notch'*"),[1] da banda Kino:

(1)

a. "*Но ночь сильней, её власть велика*"
*No notch' sil'niéi, eió vlast' velik-á*
mas noite forte:mais dela poder grande-FSG.FC[2]
"Mas a noite é mais forte, seu poder é grande"

b. "*Тем кто ложится спать — спокойного сна*"
*Tem kto lojítcia spat' — spokóin-ogo sna*
aqueles:DAT quem deita:se dormir calmo-GEN.MSG.FL sono:GEN
"Àqueles que vão para a cama — bom sono."

Em (1a.), *велика (velik-á)* ("grande-FSG") é um adjetivo de forma curta, empregado em uma estrutura predicativa, e que concorda com o DP *власть (vlast')* ("poder") em número e gênero. Por sua vez, *спокойного (spokóin-ogo)* ("calmo-MSG.GEN") é um adjetivo de forma longa que acompanha o DP *сна (sna)* ("sono.GEN") e que, além de expressar traços de gênero e número, apresenta marcação morfológica de Caso Genitivo.[3]

---

[1] Para a transliteração, seguiremos a tabela proposta pela revista Rus, da USP. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rus/transliteracao. Acesso em: 13/10/2024. Neste texto, as palavras em russo aparecerão primeiramente em cirílico e, em seguida, transliteradas para o alfabeto latino.

[2] Para a glossagem dos exemplos em russo, seguiremos as convenções das Glosas de Leipzig (Comrie; Haspelmath; Bickel, 2008). Serão usadas, portanto, as seguintes abreviaturas: NOM = nominativo, ACC = acusativo, DAT = dativo, GEN = genitivo, INS = instrumental, LOC = locativo, F = feminino, M = masculino, N = neutro, SG = singular, PL = plural. Além destas abreviaturas convencionalizadas, empregaremos em nossas glosas FC para forma curta e FL para forma longa.

[3] Em expressões de desejo ou de votos a outra pessoa, ainda que implícitas, o Genitivo é empregado (Wade, 2011, p. 115).

Assim, neste texto, pretende-se apresentar uma descrição e uma análise da estrutura sintática dessas formas adjetivais do russo. A descrição será feita a partir, especialmente, dos trabalhos sobre adjetivos russos de Babby (1973, 1975), Siegel (1976), Geist (2010) e Borik (2014); uma descrição mais extensa foi priorizada, ainda que a análise não se debruce extensivamente sobre todos os fatos elencados, a fim de introduzir de maneira mais completa um tema pouco explorado em estudos brasileiros.[4] Para a análise, será tomado, como referencial teórico, a Gramática Gerativa, considerando-se, especificamente, as seguintes noções: o mecanismo *Agree* (Chomsky, 2000) a hipótese KP (*Case Phrase*) (Travis; Lamontagne, 1992), e a proposta das conchas verbais (*VP shells)* (Hale; Keyser, 1993).

Na descrição desenvolvida em 2, a distinção entre as formas longas e curtas dos adjetivos será introduzida, tendo em vista sua distribuição sintática, o debate acerca de suas diferenças semânticas e estilísticas, a divergência no padrão de concordância das duas formas com o pronome *вы (vy)* ("vós"), e a restrição que as FCs, mas não as FLs, impõem sobre seus sujeitos.

Em seguida, em 3, a nossa análise da derivação das duas formas será proposta, partindo da hipótese de que as formas curtas têm natureza verbal, e as longas, natureza nominal. Buscando capturar essa distinção, a diferença entre as duas formas será atribuída, na representação sintática, à categoria funcional que seleciona o adjetivo. Em relação à estrutura da forma curta, será proposto um AP selecionado funcionalmente por v, núcleo de vP; em relação à da forma longa, um AP selecionado por K, núcleo de KP. Na seção 4, encontram-se nossas considerações finais.

Os dados do russo sobre os quais trabalhamos provêm de fontes diversas, tendo sido retirados, especialmente, dos trabalhos de Babby (1973, 1975), Borik (2014), Geist (2010), Pereltsvaig (2001a) e Siegel (1976).[5] Além disso, reproduzimos em nossas exemplificações dados reais de russo, retirados do Corpus Nacional do Russo (RNC), disponível em: ruscorpora.ru. As fontes dos exemplos providos do RNC estão indicadas em notas de rodapé.

## 2 Formas longas e formas curtas

Os adjetivos em russo dividem-se em formas longas e curtas (de agora em diante, FLs e FCs), cujo critério inicial de distinção diz respeito aos traços formais de concordância exibidos por elas. Ambas apresentam os traços [gênero] e [número], que se manifestam em russo de forma bastante distinta do que em português.

O sistema linguístico do russo funciona de modo que a concordância em gênero e em número se dá nas seguintes categorias: adjetivos, verbos no passado e pronomes relativos e pessoais (Corbett, 1991). Em relação a esses traços, há quatro possibilidades de flexão: masculina e singular; feminina e singular; neutra e singular; ou plural, que não distingue gênero. Observem-se os seguintes exemplos:

(2)

a. "*Кто показал тебе звёзды утром?*"[6]
*Kto pokazál tiebe zviozdy útrom?*
quem.NOM mostrou[MSG] tu:DAT estrelas.ACC manhã:INS

[4] No Brasil, há os trabalhos de Godoy e Gregolin (1989) e Balykova (2018) acerca dos adjetivos em russo.

[5] O texto contou ainda com uma revisão pelo pesquisador e professor de russo João Pedro Cirino.

[6] Verso da música "кто?"("kto?"), da cantora Zemfira.

"Quem te mostrou as estrelas de manhã?"

b. *Она была удивлена*
*Oná byl-á udivlen-á*
ela.NOM foi-FSG surpreendida-FSG.FC
"Ela foi surpreendida"

c. *Доброе утро*
*Dóbr-oe utro*
bom-NOM.NSG.FL manhã.NOM
"Bom dia"

d. "*Белые ночи*"[7]
Bel-ye notchi
brancas-NOM.PL.FL noites:NOM
"Noites brancas"

Além disso, o russo é uma língua de caso morfológico, e apresenta os seguintes Casos: Nominativo, Acusativo, Dativo, Genitivo, Instrumental e Locativo (chamado também de Prepositivo)[8]. Assim, as FLs apresentam os traços [número], [gênero], e [Caso]; as FCs, por sua vez, exibem os traços de número e gênero, mas não se flexionam em Caso. As duas formas são exemplificadas a seguir:

(3)

| | |
|---|---|
| a. *красивый* | *красив* |
| *krassív-yi* | *krassiv* |
| bonito-NOM.MSG.FL | bonito[MSG.FC] |
| b. *удивлённый* | *удивлён* |
| *udivlión-yi* | *udivlión* |
| surpreendido-NOM.MSG.FL | surpreendido[MSG.FC] |

Como veremos em 2.4, a concordância em gênero e número não se manifesta da mesma maneira em construções com FCs e FLs. Por sua vez, o traço de [Caso] se manifesta apenas em nomes e nas FLs; as FCs e os verbos não exibem morfemas de Caso, o que será um ponto crucial para a nossa análise.

## 2.1 Distribuição sintática

Em relação à posição na estrutura sintática, de modo geral, as FLs são usadas em posição predicativa e adnominal, enquanto as FCs estão restritas à posição predicativa. Vejam-se, inicialmente, os exemplos relativos aos adjetivos de forma longa, retirados de Wade (2011, p. 178-179):

(4)

a. *Он лежал на траве, мокрой от росы*
*On lejál na travé, mókr-oi ot rossý*
ele.NOM deitou[MSG] em grama:LOC molhada-LOC.FSG.FL com orvalho:GEN
"Ele deitou na grama, molhada com orvalho"

[7] Título de livro do autor Fiódor Dostoiévski.

[8] Ver Wade (2011). Optamos pela nomenclatura "Locativo", usada, por exemplo, em Corbett (1991) e no Corpus Nacional do Russo (RNC). Disponível em: ruscorpora.ru. Acesso em: 15/12/2024.

b. *Знаю нового учителя*
*Znáiu nóv-ogo utchítelia*
conheço novo-ACC.MSG.FL professor:ACC
"Conheço o novo professor"

c. *Эта комната — большая*[9]
*Eta kómnata — bol'sh-aia*
essa.NOM quarto.NOM grande-NOM.FSG.FL
"Esse quarto é grande"

Como se percebe, além de poderem ser usados em posição predicativa ou adnominal, os adjetivos de forma longa concordam em gênero, número e Caso com o sujeito.

Por outro lado, os adjetivos de forma curta estão restritos à posição de predicativo, ocorrendo após zero cópula, o que é uma particularidade do tempo presente, ou após o verbo *быть* (*byt'*) ("ser"). As orações a seguir exemplificam o uso das FCs:

(5)

a. *Я думаю, что он был болен*
*Iá dúmaiu, tchto on byl ból-en*
eu.NOM acho que ele.NOM estava[MSG] doente-MSG.FC
"Eu acho que ele estava doente"

b. *Цой жив*
*Tsói jiv*
Tsói.NOM vivo[MSG.FC]
"Tsói está vivo"[10]

De acordo com Siegel (1976), quando um adjetivo de forma curta é possível, geralmente existe um equivalente gramatical de forma longa, o que pareceria indicar um fenômeno de variação linguística. Há, porém, algumas exceções a essa generalização, de modo que, devido a diferenças sintáticas e semânticas entre as duas formas, em certos ambientes, apenas uma delas pode ser usada. Ela aponta alguns desses contextos em que, por razões ainda a serem explicitadas, apenas a FC é empregada.

Uma das construções sintáticas que exige a FC envolve adjetivos que apresentam complementos infinitivos, como é exemplificado a seguir (exemplo retirado de Siegel (1976, p. 296)):

(6)

a. *Я [рада/готова/должна/согласна] помогать вам*
*Iá rad-a/gotov-a/doljn-á/ soglásn-a pomogát' vam*
eu.NOM feliz /pronta /obrigada/acordada-FSG.FC ajudar vós:DAT
"Eu [estou feliz em/estou pronta para/devo/concordo em] ajudar você(s)"

Em Geist (2010) e em Borik (2014), essa constatação é retomada e aprofundada, tendo em vista que, em posição predicativa, apenas a FC tem a capacidade de selecionar tematicamente complementos de qualquer tipo.[11] No entanto, quando empregada atributivamente, a FL também consegue realizar argumentos, como se percebe a partir dos exemplos a seguir, de Borik (2014, p. 142):

---

[9] No russo contemporâneo, a cópula não se manifesta foneticamente no tempo presente.

[10] Expressão popular em homenagem ao cantor Viktor Tsói (1962-1990), da banda Kino.

[11] Essa questão, que não enfocaremos em nossa análise, recebe tratamento diverso. Borik (2014) propõe que "Nenhum argumento pode ser introduzido nessa configuração [da FL] devido à ausência da estrutura verbal funcional" (Borik, 2014, p.

(7)

a. *Отец был горд своим сыном*
*Otiéts byl gord svoím sýnom*
pai.NOM estava[MSG] orgulhoso[MSG.FC] seu:INS filho:INS
"O pai estava orgulhoso de seu filho"

b. **Отец был гордый своим сыном*
**Otiéts byl gord-yi svoím sýnom*
pai.NOM estava[MSG] orgulhoso-NOM.MSG.FL seu:INS filho:INS

c. *Гордый своим сыном отец...*
*Gord-yi svoím sýnom otiéts...*
Orgulhoso-NOM.MSG.FL seu:INS filho:INS pai.NOM
"O pai orgulhoso de seu filho..."

Como se vê em (7a.) e em (7b.), em posição predicativa, apenas a FC *горд* (*gord*) (orgulhoso[MSG.FC]) seleciona o complemento *своим сыном* (*svoím sýnom*) (seu:INS filho:INS). No entanto, em posição adnominal — contexto em que apenas FLs são empregadas —, a FL *гордый* (*gord-yi*) (orgulhoso-NOM.MSG.FL) tem a capacidade de realizar argumentos.

## 2.2 Divergências semânticas

A diferença semântica entre as FCs e as FLs é objeto de um debate complexo (Borik (2014) apresenta uma boa revisão do tema). Em gramáticas tradicionais do russo, os adjetivos de forma curta são caracterizados como adjetivos que denotam características temporárias; os de forma longa, características permanentes (Chviédova *apud* Geist (2010); Wade, 2011, p. 188). Não parece ser possível, no entanto, associar necessariamente a diferença entre FCs e FLs à dicotomia permanente versus temporário. Geist (2010, p. 247) apresenta o seguinte exemplo, em que há uma FC que indica uma característica permanente:

(8)

a. *Люди смертны*
*Liudi smiertn-y*
pessoas.NOM mortais-PL.FC
"As pessoas são mortais"

Babby (1973, 1975) e Siegel (1976) defendem outra caracterização semântica da diferença entre as duas formas de adjetivos. Vejam-se os exemplos em (9). De acordo com os autores, a construção em (9a) marca que a aluna é inteligente, em termos absolutos; em (9b), há uma ideia de restrição em relação aos outros alunos: a aluna é (uma aluna) inteligente. Assim, a FC denotaria uma característica geral, ou absoluta, e a FL, uma característica restritiva, ou relativa. Em outros termos, como coloca Cinque (2010), a FC possuiria interpretação intersectiva; a FL, interpretação não-intersectiva.[12]

159, tradução nossa) (em inglês, no original: "*No arguments can be introduced in this configuration due to the absence of the verbal functional structure.*"). Geist (2010) traz outra explicação, que perpassa as noções de argumentação primária e secundária.

[12] Uma questão que não será abordada neste texto é como (ou se) essa diferença, defendida pelos teóricos, é percebida e empregada por falantes de russo no cotidiano. Trabalhos futuros poderão lidar de forma mais subs-

(9)

a. *Студентка умна*
*Studiéntka umn-a*
aluna.NOM inteligente-FSG.FC
"A aluna é inteligente"

b. *Студентка умная*
*Studiéntka úmn-aia*
aluna.NOM inteligente-NOM.FSG.FL
"A aluna é (uma aluna) inteligente"

Os autores consideram, a partir dessas observações, a FL como um modificador de um DP nulo, e defendem, portanto, que, semanticamente, ela tem valor restritivo. Eles apresentam como argumento a agramaticalidade de orações como (10b). Um substantivo de referência única, como "espaço" é usado, exclusivamente, com FCs, que não possuem sentido restritivo:

(10)

a. *Пространство бесконечно*
*Prostranstvo beskonietchn-o*
Espaço.NOM infinito-NSG.FC
"O espaço é infinito"

b. *Пространство бесконечное*
**Prostranstvo beskoniétchn-oe*
Espaço.NOM infinito-NOM.NSG.FL
"*O espaço é (um espaço) infinito"

Trabalhos posteriores, no entanto, contestam essa atribuição exclusiva da leitura intersectiva à FC, e da não-intersectiva à FL. De acordo com Larson (1999), em uma expressão como *хороший король* (*khorochii korol'*) ("bom rei"), em que a FL foi empregada, há uma ambiguidade entre a interpretação intersectiva e a não-intersectiva. Ou seja, não parece ser possível associar, de forma precisa, a (não-)intersectividade a uma das duas formas dos adjetivos. Martin e Bikina (2021) defendem também que a diferença de interpretação não é reduzida simplesmente à escolha pela FC ou pela FL, e, inclusive, que uma mesma FL pode gerar diferentes interpretações em posição atributiva e predicativa.

A hipótese da FL como modificadora de um DP nulo foi também questionada posteriormente. Geist (2010, p. 246) traz o exemplo reproduzido em (11), em que ela aponta que qualquer reconstrução sintática desse DP é impossível:

(11)

a. *После экзамена Иван был злой*
*Posle ekzámena Ivan byl zl-ói*
depois exame:GEN Ivan.NOM estava[MSG] bravo-NOM.MSG.FL
"Depois do exame, Ivan estava (?um homem?um estudante?Ivan) bravo"

Por fim, no que diz respeito ainda à semântica, Siegel (1976) ressalta algumas exceções. Há casos raros de adjetivos cujas FL e FC tomam sentidos consideravelmente diferentes, o que não permite que elas sejam consideradas variantes uma da outra. Alguns deles são identificados a seguir:

---

tancial com a avaliação de falantes nativos acerca da diferença semântica entre as duas formas. Essa questão nos foi trazida à atenção por João Pedro Cirino, a quem agradecemos.

(12)

| | |
|---|---|
| a. *больной* | *болен* |
| *bol´n-ói* | *ból-en* |
| doentio-NOM.MSG.FL | doente-MSG.FC |
| “doentio” | “doente (temporariamente)” |
| b. *правый* | *прав* |
| *práv-yi* | *prav* |
| direito-NOM.MSG.FL | certo[MSG.FC] |
| “direito” | “certo” |

Como aponta a autora, há uma diferença entre o uso de *больной* (*bol'n-ói*) (doentio-NOM.MSG.FL) e *болен* (*ból-en*) (doente-MSG.FC), já que a FL caracteriza um estado crônico, e a FC, um estado temporário de doença (Wade, 2011, p. 188). Por sua vez, a FL *правый* (*práv-yi*) (direito-NOM.MSG.FL) significa “direito” (em oposição a “esquerdo”), enquanto *прав* (*prav*) (certo[MSG.FC]) significa “certo” (em oposição a “errado”).

## 2.3 Divergências estilísticas

Wade (2011, p. 188), por sua vez, aponta, ainda, uma diferença de estilo entre o uso das FLs e da FCs no predicativo, associando a FC a um estilo mais “literário”.[13] De fato, a FC é a forma mais arcaica, e a FL, uma inovação. Um longo processo de cerca de mil anos levou a um incremento da produtividade da FL, de modo que, já desde o século 19, a FC tenha se conservado apenas em posição predicativa (Timberlake, 2004, p. 123-124).[14]

Geist (2010) argumenta, no entanto, contra tais distinções entre FLs e FCs, que as colocam como particularidades estilísticas ou semânticas. Ela defende que a caracterização apresentada por Wade da FC como “literária” e que as diferenças semânticas apontadas por Babby (1973, 1975) e Siegel (1976) são aplicáveis a apenas parte dos adjetivos. Borik (2014) também considera que distinções do tipo não são decisivas.

De acordo com Borik, “se as FLs atributivas fossem modificadores restritivos, então a previsão feita acima [de que FLs não podem ser usadas com sujeitos de referência única] deve se estender para além de usos predicativos” (p. 147, tradução nossa)[15]. Porém, ela ressalta que a construção *бесконечное пространство* (*beskoniétchnoe prostranstvo*) (“espaço infinito”), em que a FL é usada em posição adnominal, é gramatical.

## 2.4 Concordância em número e gênero com *вы* (*vy*) (“vós”)

Outra diferença entre FCs e FLs diz respeito à concordância das duas formas com o pronome de segunda pessoa do plural *вы (vy)* (“vós”). Em russo, esse pronome é empregado também

[13] Uma informante russa (p.c.) formulou a mesma explicação em outros termos, comentando que a opção pela forma curta na fala é de um uso afetado, “de *gentleman*”.

[14] Esses fatos parecem apontar para alguma dimensão de variação linguística no que diz respeito ao uso das duas formas. Deixamos a questão a ser explorada em trabalhos futuros.

[15] Em inglês, no original: “*if attributive LFs were restrictive modifiers, then the prediction made above should extend beyond predicative uses*”.

no tratamento formal de uma única pessoa, como o *vous*, em francês, e o *Sie*, em alemão. Os exemplos a seguir, de Borik (2014, p. 145) mostram seu padrão de concordância com o verbo de ligação *быть (byt')* ("ser"), no passado, e com o adjetivo *красивый (krassívyi)* ("bonito"):

(13)

a. *Вы [были/*была] [красивая/*красивые]*
*Vy [byli /*bylá] [krassív-aia /*krassiv-ye]*
vós.NOM [era:PL/*era:FSG] [bonita-NOM.FSG.FL/*bonita-NOM.PL.FL"][16]

b. *Вы [были/*была] [*красива/красивы]*
*Vy [byli /*bylá] [*krassiv-a /krassiv-y]*
vós.NOM [era:PL/*era:FSG] [*bonita-FSG.FC/bonita-PL.FC]
"Você (dirigindo-se a uma mulher de maneira formal) era bonita"

As FLs concordam com o número e o gênero do referente; as FCs, com o plural morfológico de *вы (vy)* ("vós"), assim como a cópula. Em princípio, poderíamos dizer que as FCs apresentam concordância "como verbos" (Siegel, 1976, p. 295), enquanto o padrão apresentado pelas FLs é análogo ao de substantivos em posição predicativa (exemplo retirado de Borik (2014, p. 145)):

(14)

a. *Вы были [идиотка/*идиотки]*
*Vy byli [idiótka /*idiótki]*
vós.NOM era:PL [idiota.NOM:FSG/*idiota.NOM:PL]
"Você (dirigindo-se a uma mulher de maneira formal) foi uma idiota"

Dados coletados por Corbett (2004, p. 210) acerca da concordância com o *вы* (*vy*) honorífico corroboram essa perspectiva; o autor ressalta, porém, que o quadro não é inteiramente uniforme. A grande maioria dos adjetivos — 97% das FCs e 89% das FLs — apresentam concordância como descrita acima.

Há contextos em que, contrariamente ao que se percebe com o pronome *вы* (*vy*) ("vós"), o paralelo entre FLs e substantivos não se verifica, como apontado por Borik (2014, p. 145) a partir do exemplo reproduzido em (15). Nele, observa-se que, em um mesmo contexto, um substantivo e uma FL diferem nos traços número e gênero.

(15)

a. *Эти конфеты были [*подарками/подарком]*
*Eti konfety byli [*podárkami /podarkom]*
esses:NOM doces.NOM foram:PL [*presentes:INS.PL /presente:INS.SG]
"Esses chocolates foram um presente"

b. *Эти конфеты были [вкусными/*вкусным]*
*Eti konfety byli [vkúsn-ymi /*vkúsn-ym]*
esses.NOM doces.NOM estavam:PL [gostosos-INS.PL.FL/*gostoso-INS.MSG.FL]
"Esses chocolates estavam gostosos"

Percebe-se, portanto, que as FLs não se encontram em correspondência exata com os substantivos, o que evidencia que elas não são categorias propriamente nominais. De fato, as FLs não equivalem a substantivos; analisaremos, no entanto, essas formas como adjetivos

[16] Neste exemplo, a FL poderia aparecer também na forma Instrumental: *Вы были красивой* (*vy byli krassívoi*) ("você era bonita"). Na fala, tanto o Nominativo quanto o Instrumental são empregados após cópula. Por esse comentário, agradecemos novamente a João Pedro Cirino.

de natureza nominal, e as FCs, como adjetivos de natureza verbal. Em Corbett (2004) essa intuição é trabalhada a partir da ideia de um *continuum* verbo-nome, em que a FC se encontra próxima do verbo, e a FL, do nome. Em 3., demais fatos a serem tomados como norteamento para tal análise serão explicitados.

## 2.5 Restrição de sujeitos

Outra diferença entre FCs e FLs apontada por Geist (2010) diz respeito à imposição que FCs que denotam estados mentais ou físicos impõem sobre a animacidade do sujeito. As FLs equivalentes aceitam tanto sujeitos animados como inanimados, enquanto as FCs só possibilitam sujeitos animados (exemplos de Geist, p. 249):

(16)

a. *Голос у него [больной/*болен]*
*Gólos u negó [bol'n-ói /*ból-en]*
voz.NOM em ele.GEN [doente-NOM.MSG.FL/*doente-MSG.FC]
"A voz dele está doente"

b. *Ребёнок [больной/болен]*
*Rebiónok [bol'noi /ból-en]*
criança.NOM [doente-NOM.MSG.FL/doente-MSG.FC]
"A criança é/está doente"

A restrição que as FCs apresentam em relação à animacidade do sujeito é a mesma imposta pelos verbos, como se pode ver em (17), a partir da comparação com o verbo formado pela mesma raiz:

(17)

a. *[*Голос у него/ребёнок] болеет*
*[*Gólos u negó /rebiónok] boliéet*
[*voz.NOM em ele.GEN/criança.NOM] está.doente
"[*a voz dele/a criança] está doente"

Geist entende que as FCs, assim como verbos, selecionam argumentos e atribuem a eles papéis temáticos como experienciador ou agente. Assim, a FC denota um estado e seleciona um argumento que é capaz que ser experienciador de tal evento (no exemplo (16), um estado físico).[17]

## 2.6 Síntese

Percebe-se, a partir da leitura dos trabalhos que tratam dos adjetivos russos, que essa é uma questão ampla, vastamente explorada nos estudos linguísticos eslavos. É também evidente que as visões acerca da diferença entre as FCs e as FLs ao longo dos anos na teoria são múl-

[17] Na análise de Geist, as FLs são modificadores restritivos, e por isso não atribuem papéis temáticos. Assim, elas não impõem restrições em relação à animacidade do sujeito.

tiplas e díspares. Utilizaremos, no entanto, o seguinte quadro, como referência e síntese dos traços distintivos das FCs e das FLs:

(18)

| Critérios | FCs | FLs |
|---|---|---|
| Manifestação de Caso | Não | Sim |
| Posição na estrutura | Predicativa | Adnominal e predicativa |
| Realização de complementos | Sim | Apenas em posição adnominal |
| Concordância com *vy* honorífico | Plural | Singular |
| Distribuição diacrônica | Forma mais arcaica | Forma inovadora |
| Restrição ao sujeito | Sim | Não |

# 3 A derivação das FCs e das FLs predicativas

## 3.1 FCs

A análise das FCs a ser apresentada seguirá uma tendência majoritária nos estudos acerca dos adjetivos em russo, que consiste na interpretação dessa categoria como um elemento de natureza verbal (Babby, 1975; Siegel, 1976; Geist, 2010; Borik, 2014, entre outros). Isso é baseado em certos comportamentos que as distinguem das FLs e as aproximam dos verbos. Retomemos os fatos que apontam para a natureza verbal do adjetivo de forma curta.

Primeiramente, observa-se que, em posição predicativa, apenas as FCs realizam argumentos — contexto, como apontado em Babby, (1975), Geist (2010), Borik (2014), em que as FLs são agramaticais. Podemos, então, comparar o comportamento da FC com o de um verbo, como está exemplificado em (19). A FC *готов* (*gotov*) ("pronto"), em (19a.), seleciona tematicamente um complemento oracional, assim como o verbo *готовиться* (*gotóvit'cia*) ("se preparar"), como se vê em (19b.):

(19)

a. "*Единственный в мире фильм, который я готова смотреть КАЖДЫЙ день*"[18]
*Edínstevennyi v mire fil'm, kotóryi iá gotov- a*
único.NOM em mundo:LOC filme.NOM, que:MSG.NOM eu.NOM pronta-FSG.FC
*smotriet' KÁJDYI dien'"*
assistir todo.NOM dia.NOM
"O único filme no mundo que eu estou pronta para assistir todos os dias"

b. "*человек и животное готовятся напасть друг на друга*"[19]
*tcheloviék i jivótnoe gotóviatcia napást' drug na druga*
pessoa.NOM e animal.NOM preparam:se atacar cada.NOM sobre cada.ACC
"homem e animal se preparam para atacar um ao outro"

[18] Retirado do Corpus Nacional do Russo (RNC), disponível em: ruscorpora.ru. Acesso em: 12/01/2025. Trecho de uma resenha do filme *Romance de Escritório* (1977), em fórum de internet.

[19] Disponível em: ruscorpora.ru. Trecho de artigo da revista *Znánie – sila*. Acesso em: 12/01/2025.

Além disso, como apontado por Borik (2014), podemos comparar as FCs e os verbos no que diz respeito aos traços formais expressos pelos dois. Os verbos em tempo passado em russo, chamados de *formas-l* (Borik, 2014), manifestam traços de gênero e número, mas não de pessoa. As FCs, por sua vez, são adjetivos que manifestam [gênero] e [número], mas não [Caso]. Observa-se, então, que o padrão de concordância dessas duas categorias é idêntico, como se vê em (20), a partir da comparação da FC *слышен* (*slýchen*) ("audível") com o verbo *слушать* (*slúchat'*) ("ouvir") no passado:

(20)

a. "*Музыка мне больше не слышна*"[20]
*Múzyka mnié bol'che nié slýchn-a*."
música.NOM eu:DAT mais não audível-FSG.FC
"A música não é mais audível para mim."

b. "*Нас никто не слушал*"[21]
*Nas niktó nié slúchal*"
nós:ACC ninguém.nom NÃO ouviu[MSG]
"Ninguém nos ouviu"

Destacamos a ausência de morfema de Caso nas FCs como argumento para sua natureza verbal. Este é um fato que evidencia sua semelhança com verbos e seu contraste em relação às FLs, que, como é esperado de elementos de natureza nominal, manifestam Caso.

No entanto, as FCs não podem se equivaler absolutamente aos verbos na medida em que, diferentemente destes, elas não manifestam tempo absoluto. Como aponta Borik (2014, p. 152), para que o tempo em um enunciado com uma FC seja interpretado como passado, a presença da cópula é exigida, já que no presente ocorre cópula zero. Como exemplo, observe-se a oração (21a.) (a cerquilha indica que, para que a interpretação desejada seja mantida, a cópula é obrigatória):

(21)

a. "*Ну ты, действительно, #(была) мне нужна*"
*Nu ty, deistvítel'no, #(bylá) mnié nujn-á*."[22]
bem tu.NOM realmente #(foi:FSG) eu:dat necessária-FSG.FC
"Bem, eu realmente precisava de você."

Assim, entende-se que a FC tem natureza verbal, porém, que ela se diferencia essencialmente dos verbos pela impossibilidade de marcar tempo absoluto. Portanto, considerando-se esses fatos, em nossa análise, adotaremos a hipótese de Geist (2010), defendida também por Borik (2014), a respeito do caráter verbal estativo da FC. As autoras consideram que a FC é derivada por meio da concatenação de uma *raiz* a um "vezinho"[23] estativo, $v_s$, a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993).[24] Neste texto, não pretendemos tratar especificamente da morfologia do adjetivo de forma curta dentro desta perspectiva teórica; buscamos, no entanto, caracterizar sua estrutura de acordo com a hipótese das conchas verbais. Entende-se, por concha verbal, a seguinte configuração, em que v, verbo leve, seleciona

[20] Disponível em: ruscorpora.ru. Trecho de artigo da revista *Zvezdá*. Acesso em: 14/01/2025.

[21] Disponível em: ruscorpora.ru. Trecho de artigo no jornal *Izviéstiia*. Acesso em: 14/01/2025.

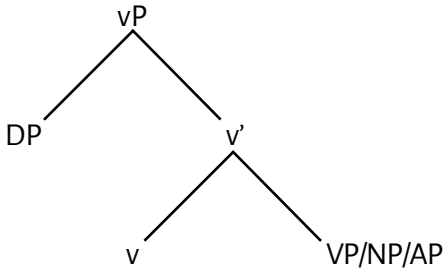
[22] Disponível em: ruscorpora.ru. Fala de um personagem na peça *Górod* (2001), de Ievguenni Grichkoviéts. Acesso em: 20/12/2024.

[23] "Vezinho", na Morfologia Distribuída, é um núcleo categorizador (v, a, n). Trata-se de uma categoria diferente do "vezinho" ao qual fazemos referência no contexto da concha verbal, que é um verbo leve.

[24] Não trabalharemos dentro desse quadro teórico, mas uma análise das FCs a das FLs em russo que emprega raízes pode ser encontrada em Geist (2010), Borik (2014) e Martin e Bikina (2021).

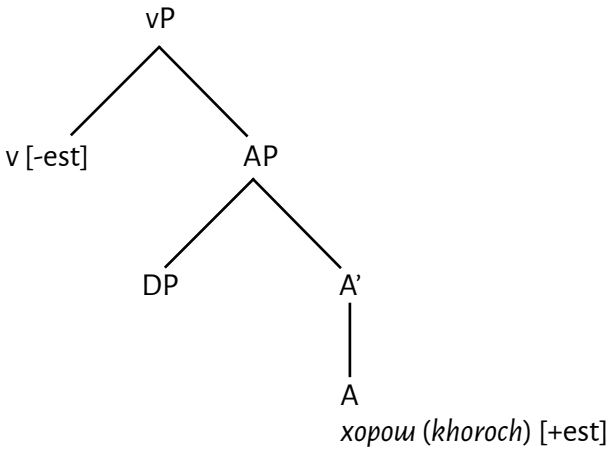
como complemento VP, NP ou AP (Hale; Keyser, 1993). O verbo leve é "um verbo cujo significado depende fortemente do significado de seu complemento"[25], de modo que forma, junto ao complemento, um predicado complexo (Hornstein; Nunes; Grohmann, 2006, p. 98, tradução nossa). O verbo leve pode ter expressão fonética (como em "*tomar* um banho") ou não:

(22)




Assim, em nossa análise, buscamos descrever a estrutura sintática associada à concha verbal em que o adjetivo de forma curta se insere. Consideraremos igualmente a proposta acerca da distinção entre traços interpretáveis e não-interpretáveis. Apenas traços [+interpretáveis] são legíveis em Forma Lógica (LF) (Chomsky, 2000), enquanto traços [-interpretáveis] devem ser apagados ao longo da derivação (Hornstein; Nunes; Grohmann, 2006). Compreendendo a FC como um adjetivo de natureza sintática verbal e interpretação aspectual estativa, sua estrutura pode ser entendida como a de um AP selecionado funcionalmente por v, tendo a seguinte estrutura, em que [+est] = um traço estativo interpretável, e [-est] = traço estativo não-interpretável[26]:

(23)



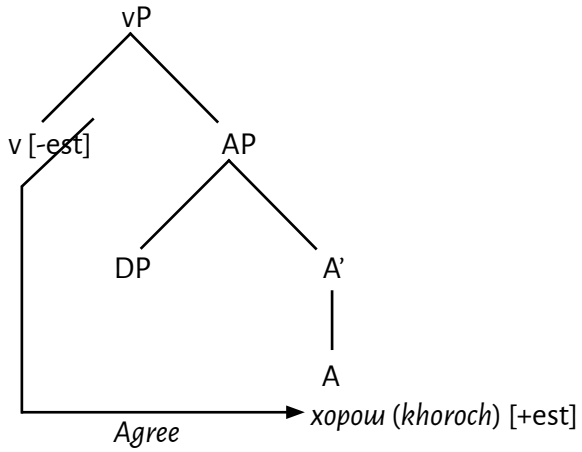

[25] Em inglês, no original: "*a verb whose meaning is heavily dependent on the meaning of its complement*".

[26] Há um debate acerca da natureza do aspecto verbal no qual esbarramos ao considerar que a leitura estativa é representada sintaticamente. Uma literatura extensa busca caracterizar e distinguir a expressão do aspecto verbal em suas instâncias lexical — considerando-se as informações semânticas particulares ao item lexical do verbo — e gramatical — expresso morfologicamente por meio de flexões. A diferença entre perfectivo e imperfectivo é geralmente associada ao aspecto gramatical, enquanto outras informações associadas às eventualidades, como estatividade, seriam expressão do aspecto lexical, chamado também de aktionsart. Nas línguas eslavas, a caracterização dessas duas categorias é mais complexa já que, nos verbos, alterações da ordem do aspecto gramatical (a distinção perfectivo/imperfectivo) são obtidas a partir do processo léxico-derivacional de prefixação (Nadalin, 2005).

Entendemos que v e o adjetivo entram numa relação de *Agree* (Chomsky, 2000)[27], operação que se dá entre uma sonda e um alvo. O alvo tem traços-phi [+interpretáveis] e, por meio da relação com o alvo, a sonda deleta seus traços-phi [-interpretáveis]. Para que essa relação ocorra, a sonda examina seu domínio de c-comando em busca de um alvo com traços correspondentes; a identidade de traços recebe o nome de *matching*. Com o *matching*, *Agree* ocorre somente se não houver, entre a sonda e o alvo, outro núcleo com o mesmo conjunto de traços relevantes. Em outras palavras, não deve haver, mais próximo no domínio c-comando da sonda, outro núcleo com o conjunto de traços relevantes. Além disso, para que o alvo esteja ativo, ele deve ter algum traço não-interpretável. Entendemos que A tem traços não-interpretáveis de gênero e número, já que esses traços, no adjetivo, não são legíveis em FL. Aqui, no entanto, não nos ocupamos de como esses traços são deletados na sequência da derivação.

Dessa forma, na estrutura proposta para a FC, v é uma sonda que carrega um traço estativo não-interpretável [-est] e A é um alvo — ativo, devido à presença de traços não-interpretáveis de gênero e número — que apresenta um traço estativo interpretável [+est]. Por meio da relação de *Agree*, v deleta seu traço [-est]. Assim, entendemos que apenas a informação de estatividade do adjetivo se preserva em Forma Lógica:

(24)[28]




Na estrutura proposta, o núcleo mais alto da concha, vP, além de selecionar AP como complemento, é também responsável pela introdução do argumento externo (Hale; Keyser, 1993). Esse argumento, realizado na árvore como DP, especificador de AP, é correspondente semanticamente ao experienciador do estado expresso pela FC. Dessa forma, como um verbo, a FC denota um estado, que é um dos tipos de eventos expressos em uma proposição, e

[27] Essa hipótese é uma de algumas "incarnações", como coloca Adger (2012, p. 7), das ideias acerca dos traços e das relações estabelecidas entre eles. Chomsky (2000) baseia-se na interpretabilidade de traços para *Agree*. Chomsky (2001), por sua vez, trata dessa operação a partir da dicotomia entre traços valorados e não valorados. Já que a hipótese que propomos (na seção 3.2) enfoca a interpretabilidade dos traços de Caso, baseamo-nos na hipótese *Agree* em sua versão proposta por Chomsky (2000).

[28] Observe-se que os núcleos de DP expressam traços-phi potencialmente relevantes para uma relação de *Agree*. No entanto, se destrincharmos DP, percebe-se que é núcleo A, e não D (ou N), é o mais próximo da sonda na relação de c-comando. Assim, é o núcleo A que corresponde às condições para *Agree* expressas em Chomsky (2000).

seleciona tematicamente os participantes desse evento (Geist, 2010). Caso a FC selecione um argumento, este é gerado internamente ao AP, em posição de complemento.

No entanto, existe uma diferença essencial entre verbos e FCs, uma vez que estas são incapazes de expressar tempo absoluto (*absolute tense*). Borik (2014) aponta que essa impossibilidade pode ser entendida ao considerar que as FCs, diferentemente dos verbos, não apresentam "uma especificação de traço necessária (e.g., [+/- passado]), que deve ser checada/valorada[29] em TP" (Borik, p. 153, tradução nossa)[30]. Assim, diferentemente do adjetivo, o verbo tem traços temporais que entrarão em uma relação de concordância com *Tense*.

Essa postulação é importante especialmente para distinguir, sintaticamente, verbos e FCs de mesma raiz, como *болен* (*bólen*) ("doente") e o verbo estativo *болеть* (*boliet'*) ("estar doente")[31]. Ambos apresentam estrutura semelhante, mas o verbo apresenta informações de tempo absoluto, diferentemente da FC. Percebe-se, então, que a base lexical do adjetivo, se determinada para tempo (ou seja, se juntada (*merge*) a T), gera um verbo flexionado. Há um paralelo com o que ocorre em português em formas como "João adoeceu" versus "João ficou doente".

## 3.2 FLs predicativas

Em relação às FLs predicativas[32], entendemos que elas têm natureza nominal, como é sustentado por Corbett (2004), Geist (2010), entre outros. Alguns fatos acerca das FLs serão tomados como argumento para essa posição.

Um desses fatos é a possibilidade de nominalização do adjetivo de forma longa, como aponta Pereltsvaig (2001b, *apud* Geist, 2010). As FLs podem se nominalizar sem que seja necessária a adição de afixos, como se vê a seguir (exemplo retirado de Geist, p. 252):

(25)

a. *Архитектор соединил старое и новое*
*Arkhitiéktor soedinil stár-oe i nóv-oe*
arquiteto.NOM combinou[MSG] velho-NOM.NSG.FL e novo-NOM.NSG.FL
"O arquiteto combinou o velho e o novo"

As FLs, além disso, se aproximam de nomes no que diz respeito aos traços de [número], [gênero] e [Caso] expressos por elas. Ressaltamos, especialmente, a manifestação de Caso

[29] Há, por vezes, certa dificuldade em distinguir os domínios de aplicação da operação *Agree* e da teoria da Checagem (*Checking*) (Chomsky, 1995). Esta considera que as relações de concordância de traços se dão mediante movimento — por exemplo, o sujeito checa seus traços-phi através de um movimento para especificador de T, engatilhado pelo traço D-forte de T. Na perspectiva *Agree*, não há movimento de traços. Há, na verdade, interrelação complexa entre *Agree* e *Move*, discussão explorada por Miyagawa (2010).

[30] Em inglês, no original: "*Technically, this solution can be implemented by postulating that SFs lack a necessary feature specification (e.g., [+/- past]), which needs to be checked/valued in TP.*"

[31] Borik (2014) propõe, para diferenciar esse par, um nível de representação adicional, um SFP (*Short Form Phrase*). Não empregaremos aqui essa solução e não consideraremos *short form* e *long form* como conteúdos que, per se, definem categorias sintáticas.

[32] Não trataremos, neste trabalho, das FLs adnominais, que, ao contrário das FCs predicativas, permitem realização de complementos. Borik (2014) considera que FLs adnominais são, na verdade, FCs inseridas em um ambiente sintático específico que exige concordância em Caso. Quando isso ocorre, de acordo com a autora, um sufixo -oi, considerado sufixo FL (Halle e Matushansky, 2006), é juntado (*Merge*) à estrutura da FC. Para um tratamento mais detalhado do problema, ver Borik (2014).

como um traço formal de natureza nominal da FL, como apontado em Pereltsvaig (2001a), Corbett (2004), Geist (2010). Os adjetivos de forma longa, assim como substantivos, pronomes, determinantes etc., declinam-se em Casos, como se vê ilustrado a seguir, tomando-se como exemplo a FL *красивый* (*krassívyi*) ("bonito"), no masculino e singular:

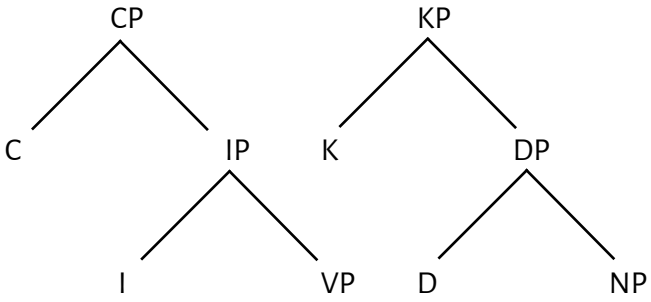
(26)

| Nominativo | Acusativo | Dativo | Genitivo | Instrumental | Locativo |
|---|---|---|---|---|---|
| *красивый*<br>*krassívyi* | *красивый*<br>*krassívyi* | *красивому*<br>*krassívomu* | *красивого*<br>*krassívogo* | *красивым*<br>*krassívym* | *красивом*<br>*krassívom* |

Tomaremos a posição de Borik (2014), que ressalta essa característica como crucial. A marcação de Caso será tida como ponto essencial que diferencia as FLs das FCs — as quais, como mencionado anteriormente, não manifestam Caso. Dessa forma, em nossa análise, propomos que as FLs sejam adjetivos inseridos em uma projeção KP (*Case phrase*) (Travis; Lamontagne, 1992). Acreditamos que considerar a presença de um sintagma de Caso para a estrutura associada à FL torna mais precisa a intuição percebida acerca da relevância dessa categoria. Além disso, enfocamos essa categoria com intenção de tratar de um fenômeno de alternância de Caso nas FLs predicativas.

Uma das motivações para se considerar Caso como categoria funcional parte da percepção da semelhança entre as categorias lexicais V (verbo) e N (nome): os sintagmas verbal e nominal são selecionados funcionalmente por I (flexão), e D (determinante). A categoria K, para Caso, seria paralela à categoria C(omp), que seleciona um IP e determina seu valor [±questão]. K é a categoria funcional Caso do DP selecionado por ela. Em outros termos, KP é analisado como projeção máxima nominal, assim como CP é analisado como projeção máxima verbal (Hale e Bittner, 1996).[33]

(27)




Löbel (1994) parte da hipótese KP para tratar da alternância entre a atribuição de Caso Acusativo e Genitivo para objetos em russo. Ela discute as seguintes orações, em que o objeto *вода (vodá)* ("água") pode se apresentar na forma genitiva ou acusativa, a depender do traço [±específico] do DP (Löbel, p. 40):

[33] O paralelismo entre os domínios verbal e nominal é retomado em Wiltschko (2014) para desenvolver a hipótese de que há uma "coluna vertebral" sintática universal para as diversas categorias sintáticas. Na hipótese proposta por essa autora, o paralelismo entre os domínios verbal e nominal — considerando-se CP e KP, respectivamente como projeções máximas para esses domínios — aponta para essa hipótese, denominada em inglês como *Universal Spine Hypothesis*. Não lidaremos com essa hipótese; no entanto, nota-se a produtividade teórica do paralelo entre KP e CP.

(28)

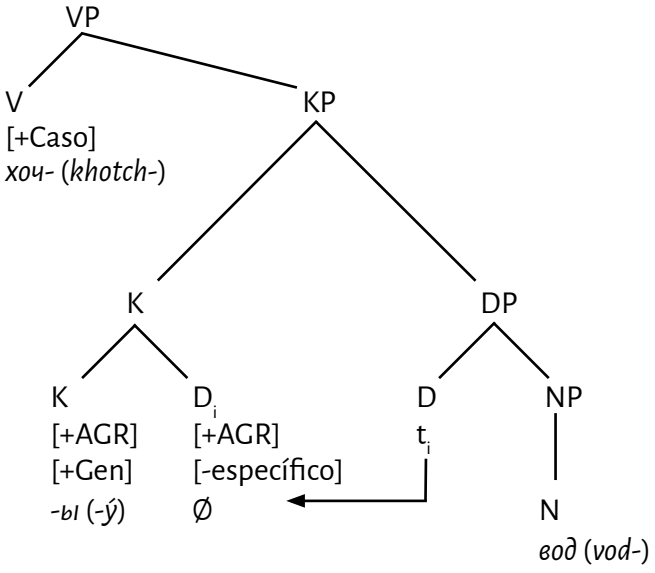
a. *Я хочу воду*
*Iá khotchú vod-u*
eu.NOM quero água-ACC
"Eu quero a água"

b. *Я хочу воды*
*Iá khotchú vod-ý*
eu.NOM quero água-GEN
"Eu quero água"

No exemplo (28a.), o DP *воду (vod-u)* ("água-ACC") apresenta um traço [+específico]. Assim, essa oração demarca que, em um determinado contexto, o enunciador deseja a totalidade da água disponível. A oração em (28b.), por sua vez, é um exemplo de uma instância do Caso Genitivo chamada de Genitivo Partitivo (Bailyn, 2012, p. 199-208), que indica parte destacada de uma totalidade[34]. Aqui, portanto, o falante restringe, da totalidade da água disponível, uma parcela inespecífica que ele quer, de modo que DP *воды (vod-ý)* ("água-GEN") apresenta um traço [-específico].

Löbel sugere que a alternância percebida na marcação de Caso seja explicada pela presença de uma categoria funcional K. De acordo com a autora, traços referenciais como [±específico], [±definido], que caracterizam o DP, ou traços especificamente nominais como [±animado] interferem na marcação de Casos estruturais. Isso é possível, segundo ela, devido ao caráter não específico do Caso estrutural, que permite ser alterado pela presença de tais traços. Como se sabe, Casos estruturais são aqueles definidos configuracionalmente, e atribuídos a posições específicas na estrutura sintática, como o Nominativo e o Acusativo. Assim, de acordo com a autora, para que ocorra o Genitivo na posição objeto, como em (28b.), o traço [-específico] de *вод- (vod-)* é transmitido a K após um movimento de D para K. A combinação desse traço com Caso leva à manifestação do Genitivo.

(29)




[34] O chamado Genitivo Partitivo já foi descrito na tradição linguística como um "sub-Caso", sendo chamado de "segundo Genitivo". Isso ocorre porque, em certas palavras, o emprego partitivo do Genitivo está relacionado a mudanças morfológicas, de modo que o Genitivo e o Genitivo Partitivo apresentam formas diferentes (Bailyn, 2012, p. 123).

A autora defende, referenciando-se no modelo GB (Chomsky, 1981), que o movimento de D para K é necessário para a manifestação do Caso Genitivo ou Acusativo, já que DP, não sendo governado por uma categoria lexical, constitui uma barreira para a atribuição de Caso pelo verbo, que traz um traço [+Caso]. Consideraremos, entretanto, mecanismos diferentes de identidade e concordância de traços.

Há, em russo, uma alternância semelhante entre a atribuição de Caso Nominativo e Instrumental para predicados em construções copulares. Pereltsvaig (2001a) aponta que os predicados marcados com Caso Instrumental e aqueles marcados com Nominativo caracterizam diferentes tipos de propriedades, mas a natureza dessa diferença semântica é objeto de um debate extenso, tanto na tradição gramatical, quanto em estudos de orientação gerativista. Wade (2011), por exemplo, insere-se na tradição ao considerar que, de modo geral, o Nominativo denota um estado permanente, enquanto o Instrumental denota um estado temporário. Pereltsvaig aponta que isso é consistente com certa intuição de falantes nativos do russo[35], "especialmente em contextos metalinguísticos de comparação explícita" (2001a, p. 198)[36]. De acordo com a autora, os falantes entendem que as orações em (30) se diferenciam em termos da temporalidade da característica expressa (exemplo de Pereltsvaig, p. 198):

(30)

a. *Иван был храбрый солдат*
   *Ivan byl khrábr-yi soldat*
   Ivan foi[MSG] corajoso-NOM.MSG.FL soldado.NOM
b. *Иван был храбрым солдатом*
   *Ivan byl khrábr-ym soldátom*
   Ivan foi[MSG] corajoso-INS.MSG.FL soldado:INS
   "Ivan foi um soldado corajoso"

Buscando caracterizar essa diferença semântica levando em conta a intuição dos falantes nativos, Pereltsvaig associa a interpretação "permanente", dos predicados nominativos, a uma interpretação de identidade, e a interpretação "temporária", dos predicados instrumentais, à atribuição de uma propriedade ao DP. Isso significa que o predicado nominativo que se vê em (30a) pressupõe que, em algum momento do passado e em uma situação específica, houve um soldado corajoso, e que esse soldado e Ivan eram a mesma pessoa. A autora aponta que falantes nativos entendem que essa frase sugere fortemente que Ivan está morto, intuição que pode ser explicada se considerarmos a interpretação de identidade. Por outro lado, em uma construção como (30b), de predicado instrumental, o falante marcaria que o DP, *Иван* (*Ivan*), teve, durante a extensão de algum período, a propriedade de ser um soldado corajoso. Porém, ele não manteve *necessariamente* essa propriedade antes ou depois desse intervalo de tempo.

Os exemplos do russo parecem apontar assim para uma correlação entre Caso e significado. Wierzbicka (1988) é uma das autoras que trata das relações semânticas determinadas pelo Caso, entendendo que a categoria Caso não tem apenas uma função gramatical ou funcional, mas que também codifica significados. Ela aponta, como exemplo, que o Acusativo em russo apresenta duas formas diferentes a depender do traço [±animado] do objeto. Se a

[35] A autora especifica que consultou falantes nativos do russo durante a pesquisa (Pereltsvaig, 2001a, p. 16), além de ser, ela própria, falante nativa.

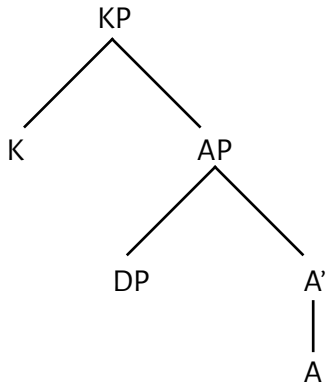
[36] Em inglês, no original: "*especially in meta-linguistic contexts of explicit comparison*".

diferença de significado é determinada pela diferença na marcação de Caso, então a manifestação de uma das duas formas do Acusativo depende da interpretação semântica.

Essa opção de análise não é geralmente considerada no cânone gerativista, no qual os traços de Caso são analisados como traços-phi não-interpretáveis, que, portanto, devem ser apagados durante a derivação sintática, não podendo ser preservados em Forma Lógica. No entanto, a realidade de uma língua de caso morfológico, como é o russo, parece apontar em outra direção, a qual exploraremos na nossa proposta de análise para as FLs dessa língua.

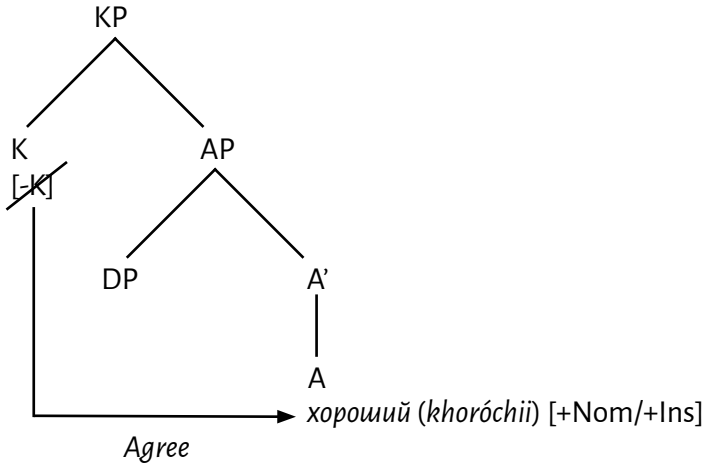
Assim, em relação às FLs do russo, consideramos que há um núcleo funcional de Caso que seleciona um AP, como se vê em (31). Adotamos a estrutura de KP conforme a proposta de Hale e Bittner (1996)[37]:

(31)




Adotaremos a proposta de concordância de traços pela operação *Agree* para entender como o Caso se manifesta. Tendo em vista essa operação, a marcação de Caso é entendida como um reflexo da concordância entre os traços de Caso da sonda K e do alvo A. Assim como na estrutura proposta para a FC, entendemos que o alvo apresenta traços não-interpretáveis de gênero e número, o que o torna ativo para *Agree*. Nessa relação, a sonda K tem um traço [-K] não-interpretável, enquanto A tem traços de Caso [+Nom/+Ins] interpretáveis. Por meio de *Agree,* então, os traços da sonda são deletados[38].

(32)




[37] O sintagma de Caso, como apontado anteriormente, aparece à esquerda de um DP, como projeção máxima nominal. No entanto, como os adjetivos em russo manifestam Caso — que nem sempre é o mesmo do sujeito — consideramos também que ocorra seleção de um AP por KP.

[38] Percebe-se que nessa estrutura, assim como naquela proposta para a FC, A (e não D) é o núcleo mais próximo, em termos de c-comando, para a relação de *Agree* estabelecida (ver nota 28).

Assim, caracteriza-se como sonda a categoria funcional Caso, que apresenta um traço [-K] não-interpretável. Ela entra em uma relação de concordância com um alvo, o adjetivo, cujo Caso [+Nominativo] ou [+Instrumental] parece configurar uma informação que sobrevive em Forma Lógica, sendo, portanto, [+interpretável]. Entendemos que esse traço de Caso, em Forma Lógica, resulta nas interpretações identificadas por Pereltsvaig, (2001a): o Caso Nominativo gera a interpretação de identidade; o Instrumental, a de atribuição de uma propriedade. Dessa forma, na análise proposta, o adjetivo entra na derivação com um traço de Caso já especificado — assim como ocorre os demais traços-phi (Chomsky, 1995; Adger, 2013) —, e esse traço sobrevive no adjetivo e é deletado em K.

As relações de deleção de traços de Caso nem sempre recebem uma análise transparente no que diz respeito à relação entre sonda e alvo. Assim, em certos textos, a categoria que deleta — ou que checa, seguindo a teoria da Checagem — o traço de Caso não é clara. Assim, procuramos explicitar, em nossa análise, quais categorias configuram a sonda (K) e o alvo (A) em uma relação de *Agree* para traços de Caso.

Para os demais traços-phi do adjetivo, entendemos que são estabelecidas outras relações de concordância na sequência da derivação, que não serão exploradas neste trabalho. No entanto, note-se que a concordância em número e gênero apresenta também suas peculiaridades, as quais poderão ser exploradas em outros trabalhos. Como apontado em 2.4., uma FL predicativa de *вы* (*vy*) ("vós") honorífico não concorda com o plural morfológico do pronome. Assim, uma relação estrita de compartilhamento de traços-phi entre sujeito e FL predicativa não se verifica, no que diz respeito tanto a Caso, quanto a gênero e número.

## 4 Considerações finais

Este trabalho se ocupou da descrição e da proposta de uma análise da estrutura sintática das FLs e da FCs do russo. Na descrição, foram apresentados alguns critérios pelos quais essas duas formas se diferenciam, sendo o primeiro deles os traços-phi que elas manifestam: a FL apresenta traços de gênero, número e Caso; a FC, apenas de gênero e número. A marcação de Caso foi tida como central para o desenvolvimento de nossa análise, em que buscamos tornar mais precisa a intuição já colocada em Borik (2014) acerca da relevância dessa categoria para a estrutura sintática da FL. Outros critérios que descrevemos são a posição sintática, já que FCs ocupam apenas a posição predicativa enquanto as FLs são empregadas tanto em posição predicativa quanto adnominal; o padrão de concordância, sendo que as FCs apresentam concordância como os verbos, enquanto as FLs, de modo geral, mas não inteiramente, se alinham aos nomes. Foram exploradas, além disso, a questão argumental, já que, em posição predicativa, apenas os adjetivos de forma curta selecionam complementos, e a questão da seleção de sujeitos por conta do traço de animacidade, particularidade também da FC. Tratamos, ainda, dos debates complexos acerca das divergências semânticas e estilísticas das duas formas.

Em nossa análise, buscamos trabalhar a hipótese de que as duas formas de adjetivos se diferenciam pela categoria funcional que as seleciona. Procuramos também dar conta, nas representações arbóreas propostas, da natureza verbal estativa da FC — considerando seu comportamento sintático, semelhante ao dos verbos — e da natureza nominal da FL — considerando a centralidade da categoria Caso para a sua estrutura sintática.

Assim, propusemos que a estrutura da FC seja a de um AP inserido em uma concha verbal (Hale; Keyser, 1993), e que A entre em uma relação de *Agree* (Chomsky, 2000) com v, garantindo que apenas o traço [+est] do adjetivo sobreviva em Forma Lógica, enquanto o traço [-est] de v seja apagado. Em relação às FLs, descrevemos sua estrutura tendo em vista a hipótese KP (Travis; Lamontagne, 1992), explorada para o russo em trabalhos como o de Löbel (1994). Enfocamos, como Löbel, a questão da alternância de Caso ligada à semântica, e sugerimos que o Caso seja um traço que sobreviva em Forma Lógica. Há outros autores que tratam da questão da semântica do Caso, como Wierzbicka (1988), ainda que essa não seja uma tendência dominante nos estudos gerativistas. Em nossa análise, portanto, propusemos que a FL corresponda à estrutura de um AP selecionado por KP. O adjetivo se insere na derivação com um traço de Caso já especificado, [+Nom] ou [+Ins]; por meio de uma relação de concordância via *Agree*, os traços de Caso de A sobrevivem em FL, enquanto o traço de Caso não-interpretável de K é deletado.

A análise desenvolvida, como foi apontado anteriormente, não explora diretamente certos critérios de distinção das duas formas, descritos neste texto. Ainda assim, apresentamos tais critérios a fim de dar maior clareza e robustez à descrição deste tema pouco familiar aos estudos linguísticos brasileiros. No entanto, certas considerações podem ser feitas. No que diz respeito à questão argumental, entendemos que a FC corresponde a uma interpretação adjetival transitiva, como se vê nos exemplos em (7). Para se dizer "o pai está orgulhoso *de seu filho*", apenas a FC, *горд (gord)* ("orgulhoso[FC]"), é gramatical. A FL, por sua vez, associa-se a uma interpretação intransitiva: na oração "*Гордым Бог противится, а смиренным дает благодать*" *(Górdym Bog protívitcia, a smiriénnym daiót blagodat'")* ("Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes")[39], a FL *гордым (gordym)* (orgulhoso:FL.INS) apresenta o sentido de "soberbo". Entende-se, assim, que, em russo, as duas possíveis acepções dos adjetivos, no que diz respeito à transitividade, são expressas por duas formas distintas. Acreditamos que este problema poderá ser melhor explorado a partir de uma análise semântica das duas formas. Em relação à possibilidade de FLs predicativas selecionarem argumentos, direcionamos o leitor à análise de Borik (2014), resumida aqui na nota 32.

Finalmente, é possível apontar algumas questões não desenvolvidas no presente trabalho por questão de escopo, e que poderão vir a ser exploradas em pesquisas futuras. A relação entre Caso e semântica pode ser aprofundada futuramente, tendo em vista outras manifestações de fenômenos semelhantes, objetivando um tratamento adequado dessa questão dentro de uma perspectiva gerativista. Em relação à semântica, ainda, acreditamos que trabalhos futuros podem explorar mais especificamente os traços semânticos das FCs e das FLs. Outra questão deixada em aberto é a possibilidade de um estudo das FCs e das FLs a partir da perspectiva da variação ou da mudança linguística, já que o uso espontâneo das FCs, que são mais arcaicas, não parece ser avaliado como muito produtivo. Por outro lado, a datação das duas formas aponta para a possibilidade de estudos de perspectiva diacrônica.

O tema do qual tratamos é, evidentemente, muito rico, e a produção a seu respeito é extensa, especialmente em estudos de sintaxe formal. Seria impossível, devido ao escopo e ao enfoque deste trabalho, tratar do fenômeno das FCs e das FLs do russo em toda sua complexidade. Procuramos aqui apresentá-lo e analisá-lo em algumas de suas facetas, trazendo contribuições potencialmente relevantes às discussões teóricas acerca do Caso — e de KP como categoria —, e de sua relação com a semântica.

---

[39] Disponível em: azbyka.ru/otechnik/Spravochniki/tolkovyj-slovar-zhivogo-velikorusskogo-jazyka-v-i-dalja-bukva-g/463. Acesso em: 24/03/2026. Exemplificação em verbete de dicionário.

Observamos por fim que a área da sintaxe da língua russa, à qual pertence nosso objeto de estudos, é pouco explorada, de modo geral, em pesquisas nacionais. Portanto, além de objetivos que dizem respeito propriamente à análise linguística, esperamos, com este trabalho, dar maior visibilidade ao campo de estudos linguísticos do russo.

## Declaração de autoria

Teresa Gouvêa conduziu a pesquisa, redigiu e revisou o artigo. Lorenzo Vitral orientou o desenvolvimento da pesquisa e revisou o artigo.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Maurício Resende e ao João Pedro Cirino pela leitura do texto e pelos comentários. Agradecemos também aos pareceristas anônimos. Esta pesquisa foi conduzida dentro do Programa de Iniciação Científica Voluntária da Universidade Federal de Minas Gerais, à qual agradecemos.

## Referências

ADGER, D. Phi-Theory: interfaces in Linguistic Theory. *In*: MOURA, D.; SIBALDO, M.A. (org.). *Estudos e pesquisas em teoria da gramática*. Maceió: EDUFAL, 2013. p. 11-32.

ADGER, D.; SVENONIUS, P. Features in Minimalist Syntax. *In*: BOECKX, C. (org.). The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism. 2012.

BABBY, L. The Deep Structure of Adjectives and Participles in Russian. *Language*, v. 49, n. 2, p. 349-360, jun. 1973.

BABBY, L. *A Transformational Grammar of Russian Adjectives*. Mouton: The Hague, 1975.

BAILYN, J. F. The Syntax of Russian. New York: Cambridge University Press, 2012.

BALYKOVA, Kristina. A variação das formas curta e longa dos adjetivos no russo antigo literário. *Slovo* – Revista de Estudos em Eslavística, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 40-57, jul.-dez. 2018.

BORIK, O. The Argument Structure of Long and Short Form Adjectives and Participles in Russian. *Lingua*, v. 149, p. 139-165, 2014. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0024384114001272. Acesso em: 12 out. 2024.

CINQUE, G. *The Syntax of Adjectives*. Massachusetts: MIT Press. 2010.

COMRIE, B.; HASPELMATH, M.; BICKEL, B. (coord.). *The Leipzig Glossing Rules*: Conventions for Interlinear Morpheme-by-Morpheme Glosses. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology: University of Leipzig. 2008. Disponível em: https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php. Acesso em: 28 jul. 2025.

CORBETT, G. G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 34-43.

CORBETT, G. G. The Russian Adjective: A Pervasive Yet Elusive Category. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (org.). *Adjective Classes*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 199-222.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995.

CHOMSKY, N. *Lecutures on Government and Bindind*. Foris: Dordrecht, 1981

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: The framework. *In*: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA J. (org.). *Step by Step*: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000. p. 89-155.

CHOMSKY, N. Derivation by Phases. *In*: KENSTOWICZ, M. (org.), *Ken Hale*: A Life in Language. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 1-52.

GEIST, L. The aArgument Structure of Predicate Adjectives in Russian. *Russian Linguistics*, v. 34, p. 239-260, 2010.

GODOY, E.; GREGOLIN G., R. M. Os adjetivos russos: por que duas formas? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 17, p. 133-145, jul.-dez, 1989.

HALE, K.; BITTNER, M. The Structural Determination of Case and Agreement. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 27, n.1, p. 1-95, 1996.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. *In:* HALE, K.; KEYSER, S. J. (org.). *The view from building 20*: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 53-110.

HALLE, M.; MATUSHANSKY, O. The Morphophonology of Russian Adjectival Inflection. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 37, n. 3, p. 351-404, 2006.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LARSON, R. *Semantics of Adjetival Modification:* Previous Theories. Disponível em: https://linguistics.stonybrook.edu/faculty/richard.larson/files/LOT_Winter_School_Lectures_Jan1999.php. 1999. Acesso em: 23 jun. 2025

LÖBEL, E. KP/DP-Syntax: Interaction of Case-Marking With Referential and nNominal Features. *Theoretical Linguistics*, v. 20, n. 1, p. 37-70, 1994.

MARTIN, J.; BIKINA, D. Intersectivity at the Interface: The Syntax and sSemantics of Russian Adjectives. *In*: FORMAL APPROACHES TO SLAVIC LINGUISTICS, 30, 2021, Cambridge, Mass. Disponível em: https://dariabikina.github.io/files/MartinBikina_2021_RussianAdjectives.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025

MIYAGAWA, S. *Why Agree? Why Move?*: Unifying Agreement-Based and Discoure-Configurational Languages. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2010. (Linguistic Inquiry Monographs, v. 54)

NADALIN, E. *Aktionsart e aspecto verbal:* uma análise dessa distinção no Polonês. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

PERELTSVAIG, A. *On the Nature of Intra-Clausal Relations*: A Study of Copular Sentences in Russian and Italian. 2001. Tese (Doctor of Philosophy) – McGill University, Montréal, 2001a.

RIZZI, L. *Relativized Minimality.* Cambridge, Mass.: The MIT Press. 1990

SIEGEL, M. Capturing the Russian Adjective. *In*: PARTEE, B. (org.). *Montague Grammar*. New York: Academic Press, 1976. p. 293-309.

TIMBERLAKE, A. *A Reference Grammar of Russian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TRANSLITERAÇÃO. *Portal de Revistas da USP*. São Paulo [*s. n.*], 2022. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rus/transliteracao. Acesso em: 13 out. 2024.

TRAVIS, L.; LAMONTAGNE, G. The Case Filter and Licensing of Empty K. *Canadian Journal of Linguistics/ Revue Canadienne de Linguistique*, v. 37, n. 2, p. 157-174, jun. 1992.

WADE, T. *A Comprehensive Russian Grammar*. 3. ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.

WIERZBICKA, A. *The Semantics of Grammar.* Amsterdan: John Benjamins Publishing, 1988.

WILTSCHKO, M. *The Universal Structure of Categories*: Towards a Formal Typology. Cambridge: Cambridge University Press. 2014.

v. 34, n. 2, p. 50–85, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.50–85
Submetido em: 04/09/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Arranjos figurativos no itinerário simbólico de *O romance do pavão misterioso*: uma análise Semiótica Greimasiana

## *Figurative Arrangements in the Symbolic Itinerary of* The Romance of the Mysterious Peacock*: A Greimasian Semiotic Analysis*

**Rodrigo Nunes da Silva**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) | Campina Grande | PB | BR
rodryggonunes22@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-2553-2399

**Linduarte Pereira Rodrigues**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) | Campina Grande | PB | BR
linduartepr@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-9748-179X

**Resumo:** O artigo esboça uma leitura do cordel *O romance do pavão misterioso*, obra idealizada pelo paraibano José Camelo de Melo Rezende na década de 20 do século passado. Para tanto, toma como fundamento o percurso gerativo do sentido da semiótica greimasiana, com o objetivo de chegar à significação contida no texto por meio da identificação das estruturas discursivas, narrativas e fundamentais. O estudo de natureza qualitativa, bibliográfica, exploratória e documental, pauta-se na semiótica discursiva mediante leituras efetuadas em Barros (2001; 2005), Fiorin (2002), Rodrigues (2006), entre outras, demonstrando as ideologias que sustentam os arranjos narrativos e discursivos das relações estabelecidas entre os sujeitos semióticos e os seus objetos de valor. Esses elementos são evidenciados a partir dos procedimentos de actorialização, espacialização e temporalização, e por meio do processo de discursivização temático e figurativo que dá coerência à ideia sustentada pelo enunciador. Este revestimento semântico da narrativa rezendiana permitiu a constatação de um sistema de valor próprio do universo dos contos maravilhosos, com raízes fincadas na tradição oral, em interface com elementos da cultura popular nordestina. À vista disso, constatou-se que os aspectos discursivos estruturantes do texto são representados pelos processos sociocognitivos atrelados às estruturas de conhecimento e experiência socioculturais e históricas do povo brasileiro.

**Palavras-chave:** semiótica discursiva; literatura de cordel; pavão misterioso.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

**Abstract:** This article outlines a reading of the cordel *O romance do pavão mistério* (The Romance of the Mysterious Peacock), a work conceived by José Camelo de Melo Rezende, from Paraíba, in the 1920s. To this end, it uses the generative path of meaning in Greimasian semiotics as its foundation, aiming to arrive at the meaning contained in the text by identifying its discursive, narrative, and fundamental structures. This qualitative, bibliographical, exploratory, and documentary study is based on discursive semiotics through readings of Barros (2001; 2005), Fiorin (2002), and Rodrigues (2006), among others, demonstrating the ideologies that sustain the narrative and discursive arrangements of the relationships established between semiotic subjects and their objects of value. These elements are highlighted through the procedures of actorialization, spatialization, and temporalization, and through the process of thematic and figurative discursivization that gives coherence to the idea sustained by the enunciator. This semantic overlay of Rezende's narrative allowed us to identify a value system specific to the world of fairy tales, rooted in oral tradition and intertwined with elements of Northeastern popular culture. In light of this, it was found that the text's structuring discursive aspects are represented by sociocognitive processes tied to the sociocultural and historical knowledge and experience structures of the Brazilian people.

**Keywords:** discursive semiotics; literature of twine; mysterious peacock.

## 1 Introdução

> A linguagem é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. [...] é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos (Hjelmslev, 1975, p. 1).

Algirdas Julius Greimas (1917-1992) consagrou-se como um renomado semioticista francês ao inaugurar uma base teórica estruturalista que possibilita a investigação dos sentidos desvelados pelas formas de linguagem e pelos discursos que os constituem. Uma das grandes renovações propostas por Greimas, na esteira de Hjelmslev, foi deslocar o foco dos estudos semióticos, tirando-o da relação entre signos e deslocando-o para o discurso. Atuou na crítica literária semiótica, vinculando a ideia da literariedade de um texto "a uma conotação sociocul-

tural e sua consequente variação no tempo e no espaço humanos" (Greimas, 1975, p. 6), época em que os críticos literários passaram a priorizar os problemas da recepção textual. Até então, as teorias formalistas e estruturalistas defendiam que o texto literário tinha valor em si mesmo, desconsiderando os fatores externo à obra. Os desdobramentos da teoria greimasiana são apresentados em potencial em Semântica Estrutural. Nesta obra, Greimas (1973) desenvolveu um percurso gerador da significação, um divisor no início da semiótica da Escola de Paris, também conhecida como Semiótica Francesa, Semiótica Discursiva, ou ainda, Semiótica Greimasiana.

Arquitetada como uma teoria da significação, esse tipo de semiótica dedicou-se com mais afinco ao estudo do conteúdo, observando como o texto se organiza a fim de expressar esse conteúdo, isto é, como a significação vai se construindo no âmago/interior do texto. Desse modo, é possível investigar a relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão por intermédio do texto. Para Greimas (1973, p. 11), a significação é onipresente e multiforme, e sua ênfase é central para as Ciências Humanas, uma vez que "se as ciências da natureza se indagam para saber como são o homem e o mundo, as ciências do homem, de maneira mais ou menos explícita, se interrogam sobre o que significam um e outro". A tradição semiótica greimasiana acabou alinhando as ideias do racionalismo francês do século XVII ao modelo sígnico didático de Saussure (2006), salientando os processos mentais de onde advém a própria significação.

Compreendemos que o estudo do percurso gerativo de sentido tem como fundamento não apenas o signo em si, mas suas relações com a diversidade de linguagens existentes. Nesse caso, o sentido é obtido a partir de uma rede discursiva dessas relações. Para chegar a essa construção, Greimas foi profundamente influenciado pela teoria da linguagem de Hjelmslev, o qual lançou um olhar para os pressupostos de Saussure e propôs a validade de um método que abordasse a linguagem no seu interior, ou seja, não de fora da linguagem, mas de dentro, uma "linguística linguística, ou linguística imanente" (Hjelmslev, 1975, p. 30). Para Hjelmslev (1975), a linguagem é um princípio de categorização do mundo, constituída como um texto que se estende em todos os sentidos e direções.

Nesse contexto, a significação engloba o conceito de semiose, isto é, o processo de produção, ajuntamento e transformação da função semiótica em discurso. Ao analisar os planos de linguagem onde os signos estão inseridos, Greimas (1973) observou que toda espécie de linguagem tem conteúdo (o que se diz) e expressão (como se diz). Diante disso, ancorado nas leituras efetuadas em Propp[1], e em outros esquemas narrativos, como o modelo das narrativas de teatro de Souriau[2] e o modelo das narrativas mitológicas de Dumézil[3], Greimas constatou que há uma estrutura narrativa que se manifesta na diversidade de formas e tipos de textos. De forma geral, o autor apresentou o conceito de *narratividade* como "o princípio organizador de qualquer discurso" (Greimas; Courtès, 1979, p. 330).

---

[1] Na obra *Morfologia do conto Maravilhoso*, Propp (2001) "desejava revelar as regularidades subjacentes à imensa variedade das narrativas; procurava apreender, em meio à diversidade imensa de modos de manifestação da narrativa (oral, escrita, gestual, pictórica, etc.), de tipos de narrativa (mitos, contos, romances, epopeias, tragédias, comédias, fábulas, etc.) e de realizações concretas, as invariantes narrativas" (Fiorin, 2002, p. 8).

[2] Na obra *As duzentas mil situações dramáticas*, Souriau (1993) perscruta, na arte do teatro, as situações que se apoiam numa apreciação estética, cujo objetivo é: i) distinguir [...] as grandes funções dramaturgas; ii) estudar dessas funções as principais combinações; ii) buscar dessas combinações as razões das propriedades estéticas; iv) observar como as situações, pelo encadeamento e por modificações, fazem caminhar a ação teatral.

[3] Esse esquema consiste em descrever uma série de divindades presente num agrupamento de mitos. O método consiste em: "procurando uma divindade qualquer, ele constitui, com o auxílio de todos os textos sagrados, um corpus de preposições nas quais o deus em questão entra como atuante. A partir do inventário das mensagens funcionais, constitui-se o que podemos designar como esfera de atividade da divindade" (Greimas, 1973, p. 225).

Nesse cenário, as contribuições contemporâneas à Semiótica Greimasiana demonstram que é possível desvelar o percurso gerativo de sentido de qualquer texto em sua multiplicidade semiótica, investigando o modo como o sentido vai se construindo na arquitetura textual. Isto posto, compreendemos que, enquanto patrimônio cultural do povo brasileiro, o cordel se faz gênero textual/literário, de tradição oral, que coaduna elementos significativos para uma investida semiótica, ao atrair um público leitor diversificado. Desse modo, procuramos analisar a narrativa popular de maior êxito de todos os tempos da literatura de cordel; trata-se de *O romance do pavão misterioso*, obra escrita pelo paraibano José Camelo de Melo Rezende, por volta do ano de 1923. A trama apresenta a história de amor e heroísmo de um jovem rapaz da Turquia, Evangelista, e uma donzela, Creuza, que vivia presa pelo pai, um conde rico e arrogante da Grécia. O desfecho da trama se dá com a fuga dos amantes e a morte do conde.

Dessa maneira, por meio de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e documental realizamos uma leitura da narrativa arquitetada por Rezende (2011) com o objetivo de chegar à significação contida no texto por meio da identificação das estruturas discursivas, narrativas e fundamentais da Semiótica Greimasiana. Adotamos uma perspectiva de análise de cunho qualitativo-interpretativo, e como aporte teórico, ancoramo-nos na teoria proposta por Greimas (1973) e nas leituras efetuadas em Barros (2001; 2005), Fiorin (2002), Rodrigues (2006), entre outras. Com isso, buscamos revelar a ideologia sustentada no arranjo das relações estabelecidas entre sujeitos semióticos e os seus respectivos objetos de valor, demonstrando os procedimentos de actorialização, espacialização e temporalização, bem como o processo de discursivização temático e figurativo que dá coerência à ideia sustentada pelo enunciador.

Nosso trabalho justifica-se por colocar em cena um gênero textual/literário da cultura popular nordestina e analisá-lo pelo prisma da Semiótica Greimasiana, investigando os sentidos desvelados pelo texto a partir de um aparato teórico-metodológico que dá conta tanto das análises internas, quanto da organização textual, assim como dos "mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto" (Barros, 2005). Nesse sentido, constatou-se que a obra analisada mobiliza um sistema de valores característico dos contos maravilhosos e das novelas de cavalaria medievais em diálogo com elementos da cultura nordestina, ao considerar os aspectos discursivos estruturantes do texto a partir de processos sociocognitivos relacionados às experiências socioculturais e históricas dos sujeitos nordestinos.

A partir de uma perspectiva estruturalista, Greimas (1973) apresentou três níveis/patamares do percurso gerativo de sentido de um texto que vai desde uma configuração mais simples e abstrata até um ponto de vista complexo e concreto. Nas palavras de Fiorin (2002, p. 17), este percurso "é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido". Assim, temos as estruturas fundamentais (nível profundo), as estruturas narrativas (nível intermediário) e as estruturas discursivas (nível superficial), as quais serão detalhadas a seguir. Mais adiante, desenvolve-se a análise estrutural da obra, contemplando as estruturas narrativas, discursivas e fundamentais do texto, seguida das considerações finais, dos agradecimentos e das referências bibliográficas.

## 2 Entrelace teórico-metodológico: o percurso gerativo de sentido e suas aplicações

A Semiótica Greimasiana possui uma metodologia de análise própria e didaticamente articulada para que as categorias textuais possam ser exploradas de forma detalhada, constituindo-se como uma espécie de amplificador da trama narrativa presente nos textos. Como vimos, esta semiótica concebe o plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo de sentido, no qual, o sentido é desvelado em sua tessitura textual (Barros, 2005). A princípio, Fiorin (2022, p. 8) explica que "o percurso gerativo de sentido não é uma camisa de força onde se devem aprisionar todos os textos". Para o autor, o percurso "é um modelo de análise e de previsibilidade, que, ao mesmo tempo, apreende, de maneira fina, generalizações sócio-históricas (invariantes) e especificidades de cada texto no plano do conteúdo ou da expressão (variantes)".

Acerca do percurso gerativo de sentido da Semiótica Greimasiano, Barros (2005, p. 13) elucida que

> No primeiro nível, o fundamental, surge a significação como uma oposição semântica mínima; no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Ressaltamos que cada nível do percurso possui uma sintaxe e uma semântica em que aquela é considerada mais autônoma que esta, visto que uma mesma relação sintática pode assumir várias aplicações semânticas. Dessa forma, as três etapas do percurso gerativo de sentido são essenciais para a compreensão do sentido do texto, embora cada nível possua nomenclaturas autônomas. Assim, esta teoria semiótica apresenta uma semântica e uma sintaxe fundamental que correspondem a uma estrutura mais profunda do percurso gerativo. Neste primeiro nível, temos uma visão ampla acerca da oposição semântica mínima apresentada nos textos a partir de sua estrutura elementar da significação, como veremos a seguir.

### 2.1 A estrutura fundamental

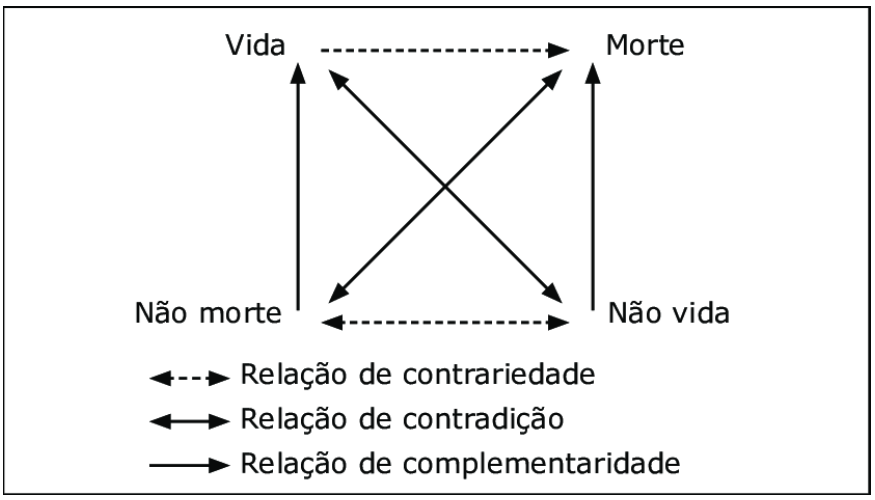
No nível fundamental, a significação de um texto é obtida por meio de uma oposição semântica (vida x morte; alegria x tristeza). Suas unidades constituintes, signos mínimos, são estruturas elementares da significação que podem ser organizadas como categorias semânticas. A definição de categoria semântica constitui-se de uma oposição entre dois elementos sobremodalizados (a x b), os quais possuem traços de positividade (euforia) e negatividade (disforia). A sintaxe fundamental possui uma natureza relacional, precedente à sintaxe narrativa, constituída por enunciados que abarcam os actantes e as funções (Greimas; Courtès, 1979). Essa noção evidencia um elo entre cada um dos termos opostos, compreendendo elementos simples e abstratos que ordenam os conteúdos no interior da conjuntura textual. Logo, esses elementos podem se transformar em elementos modais.

Conforme Greimas e Courtès (1979), a instância inicial do percurso descreve os fatos semióticos antes de sua manifestação, identificando os semas, isto é, as unidades mínimas de significação. Cada sema possui um caráter binário e sempre terá um outro como referência, possibilitando a

identificação das diferenças. "A relação que se encontra estabelecida entre os dois semas é de natureza antonímica, relevando ao mesmo tempo da disjunção e da conjunção" (Courtès, 1979, p. 69).

De acordo com Rodrigues (2006, p. 47), no nível fundamental "cabe descrever as oposições primeiras que dão sentido às narrativas, com vistas a revelar a ideologia, isto é, os sistemas de valores do contexto sócio-cultural do sujeito e a sua respectiva visão de mundo, percebida a partir do discurso em análise". Neste nível, ainda é possível identificar uma marcação tímica de positividade (euforia) e negatividade (disforia) entre os termos opositivos, elementos que provocam tensão ou relaxamento numa narrativa, apontando para o conflito ou a tensão dialética incluídos no texto. Este nível é simbolicamente representado pelo quadrado semiótico proposto por Greimas e Courtès:

Figura 1 – quadrado semiótico greimasiano




Fonte: adaptado de Greimas e Courtès (1979, p. 365-366).

Os autores expõem que o quadrado semiótico é o ponto de partida do percurso gerativo de sentido. Esse modelo é articulado como um diagrama que considera a estrutura elementar da significação, empregado como ferramenta de abordagem e análise textual. Ele pode ser utilizado na análise estrutural de associações entre signos, demonstrando uma representação visual da conexão lógica de uma categoria semântica. Esse método se dá como um sistema em que cada elemento carrega consigo uma espécie de memória em relação ao termo anterior e ao termo posterior, sendo capaz de representar um esquema narrativo básico.

Posteriormente, estudiosos da área "observaram que as relações estabelecidas num quadrado permitiam o aparecimento de um octógono, mediante o surgimento de mais outros metatermos" (Rodrigues, 2006, p. 47). Como uma evolução do quadrado semiótico, o octógono semiótico acrescenta aos já conhecidos termos contrários, contraditórios e de implicação, os pontos de tensão identificados na estrutura fundamental. Vale ressaltar que é o contexto, bem como a perspectiva pela qual determinada narrativa é observada, que direciona a análise dos valores (positivos e negativos) do texto, uma vez que é possível observar uma inversão de valores a partir da perspectiva de um dado sujeito, enquanto esse valor pode mudar se considerarmos a perspectiva de outro sujeito. Dessa maneira, é possível demonstrar as mudanças ocorridas em determinado texto ao estabelecer um percurso entre os termos de oposição mínima, e apresentar o discurso que aponta para os termos afirmados ou negados na sequência desenvolvida.

A seguir, apontamos alguns princípios semióticos da organização das narrativas considerando os mecanismos de estruturação sintática e as questões semânticas de modalização.

## 2.2 As estruturas narrativas

Este segundo nível é considerado uma etapa intermediária do percurso gerativo. É a fase que trabalha com a narratividade. Nesta instância, não apenas afirma-se ou nega-se conteúdos, mas há a ocorrência de um processo de transformação, pela ação dos sujeitos em que um manipula o outro por meio de uma sedução, uma tentação, uma provocação ou uma intimidação, com o fim de conseguir determinado objeto de valor. Dito isto, inicialmente, cabe destacar o pensamento de Fiorin (2002, p. 21) ao elucidar que é preciso distinguir a ideia de narratividade da ideia de narração, uma vez que esta é concernente "a uma determinada classe de textos. Aquela é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...], quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final". Essas transformações são desenvolvidas no texto a partir dos papéis narrativos desempenhados pelos actantes, sujeitos e objetos, seres do discurso. Contudo, o autor também argumenta que não devemos confundir "sujeito com pessoa e objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais" (Fiorin, 2002, p. 22).

No texto "Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva", Fiorin (1999, p. 184) afirma que "uma narrativa mínima define-se como uma transformação de estado", em que "um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto". Nesse sentido, há dois tipos de estados: um conjunto (EN = S $\cap$ O) e um disjunto (EN = S $\cup$ O). Se dizemos, por exemplo, que *João ama Maria*, pois, temos um sujeito *João* em relação de conjunção com um objeto: *Maria*. Contudo, se afirmamos que *João não ama Maria*, temos um sujeito *João* em relação de disjunção com um objeto, também *Maria*, mas, neste caso, a relação fica marcada pelo desamor nutrido por *João*.

Nesse meio, há dois tipos de objetos que o sujeito deseja: "objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber), necessários para a obtenção dos objetos de valor — que são o objetivo último da ação narrativa"; e também dois tipos de transformações possíveis: "de um estado inicial conjunto para um estado final disjunto e de um estado inicial disjunto para um estado final conjunto" (Fiorin, 1999, p. 185). A transformação se dá pela mudança de relação entre o sujeito e o objeto.

Estes enunciados elementares da sintaxe narrativa simulam o fazer do Sujeito em busca de seu Objeto de Valor. Para Greimas, o modelo actancial é visto como um dos princípios possíveis da organização do universo semântico, apreendido em sua totalidade em microuniversos acessíveis ao homem. Por meio de seu esquema actancial, ele delimitou seis grupos de actantes que participam ativamente do processo de narrativização. De acordo com Rodrigues (2006, p. 42-43), estes actantes são

> [...] O Sujeito que busca o Objeto; o eixo do desejo, do querer ou do dever, une estes dois papéis. O Adjuvante e o Oponente, no eixo do poder, ajudam o Sujeito ou se opõem à realização de seu desejo. O Destinador e o Destinatário, no eixo do saber ou da comunicação, fazem o sujeito agir, encarregando-o da busca e sancionando o seu resultado: eles designam e reconhecem os Objetos e os Sujeitos de valor.

O autor explica que toda narrativa se organiza em torno do sujeito que busca por valores manifestados no discurso, isto é, toda história é um processo de reflexão centrada em um sujeito. Para o autor, o Sujeito e o Objeto de Valor constituem os enunciados de fazer e os enunciados de estado, projetando uma função que prevê o estado conjuntivo e o estado disjuntivo. "O actante Sujeito, na busca por seu Objeto de Valor, também pode passar por uma função denominada transformação. Isto se dá, quando ele precisa se tornar apto a obter o seu Objeto de Valor" (Rodrigues, 2006, p. 48). Desse modo, este Sujeito "passa de um estado de não-poder-ser, para um estado de poder-ser, ou seja, o Sujeito se qualifica", afirma o autor. Percebe-se que é o desejo que move a ação da narrativa, unindo o Sujeito ao Objeto e conectando o deslocamento do Objeto do destinador ao destinatário, assim como a condição de auxílio do Adjuvante com a de antagonismo do Oponente.

Neste contexto, vale salientar que a expressão destinador e destinatário "designam em sua acepção mais geral, dois actantes da comunicação (chamados também, na teoria da informação, mas numa perspectiva mecanicista e não-dinâmica, emissor e receptor)" (Greimas; Courtès, 1979, p. 114). De forma expressiva, seja explicitamente ou mesmo por meio de uma pressuposição, este esquema narrativo canônico se refaz/atualiza-se nas narrativas midiáticas contemporâneas.

Portanto, o modelo atuacional proposto pela Semiótica Greimasiana tem como essência o Objeto do Desejo do Sujeito, o qual se situa como objeto de comunicação/interação entre o destinador e o destinatário, e ainda modula projeções do adjuvante e do oponente. Salientamos que no nível narrativo as transformações articulam-se numa sequência canônica de fases, sendo elas: a manipulação, a competência, o desempenho/performance e a sanção. Cada estágio pressupõe o outro mantendo uma relação de implicação recíproca, visto que "para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo" (Fiorin, 1999, p. 186). Esta estruturação canônica não se arquiteta através de uma regra fixa que toda narrativa deva seguir, mas é preciso levar em conta as inúmeras possibilidades que permitem analisar a forma específica que a narratividade atribui à particularidade dos textos.

## 2.3 As estruturas discursivas

O nível discursivo estabelece variações de conteúdos narrativos invariantes, uma vez que as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de elementos que dão concretude a discursivização (Fiorin, 1999). Nesse sentido, "as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação" (Barros, 2005, p. 53). Essa estrutura, também conhecida por discursivização, é a mais superficial (específica), complexa e enriquecida do percurso gerativo de sentido da Semiótica Greimasiana; a mais próxima da manifestação textual. Conforme Fiorin (1999, p. 189), "para a Semiótica, um texto pode ter várias leituras, mas elas já estão inscritas nele. Não resultam da subjetividade do leitor, mas de organizações semânticas que se entrecruzam e se superpõe no texto". O autor explica que "a sintaxe do discurso compreende as projeções da enunciação no enunciado e os procedimentos que o enunciador utiliza para persuadir o enunciatário a aceitar seu discurso" (Fiorin, 1999, p. 189). Desse modo, o texto se faz produto do discurso.

Por essa razão, ao utilizarmos o nível discursivo como método analítico buscamos no texto enunciado os traços do ato da enunciação, identificando-os e descrevendo-os. Os procedimentos da sintaxe e da semântica discursiva, essenciais na enunciação, trazem uma significação

para o discurso transformando/convertendo os actantes (actorialização) em atores, sincronicamente relacionados com a espacialização e a temporalização. É o que assevera Rodrigues (2006, p. 54) ao afirmar que por meio da análise discursiva é "possível apontarmos os investimentos de actorialização, espacialização e temporalização, que correspondem às constituições de pessoa, espaço e tempo, e que se definem mediante a embreagem (aproximação) e a debreagem (distanciamento)". Assim, é possível observar tanto a especificação dos papéis temáticos como as conotações sociais a partir dos objetos de valor atrelados aos sujeitos discursivos.

Diante disso, constata-se que há procedimentos enunciativos e pontos de vistas específicos que variam de cultura para cultura, ou grupo social, e que coagem a forma de interpretação do discurso, tendenciando a leitura para uma confirmação/valoração ou não do dito. No caso do universo das histórias populares, como as do romanceiro popular, por exemplo, encontramos narrativas que são arquitetadas como verdadeiras para aqueles que compartilham as crenças e os valores por elas vinculadas. Conforme destaca Rodrigues (2014, p. 6), estas mesmas histórias "trazem os signos da ficção, da invenção, do imaginário para aqueles que se encontram distantes desse universo, para os que não participam ativamente do macro-universo popular". Assim, o fazer persuasivo do enunciador e o fazer interpretativo do enunciatário levam em conta os fazeres e os contratos propostos e assumidos, bem como os artifícios de persuasão, mediante a análise do texto como um todo.

Diante disso, a efetivação do discurso depende do sincretismo de três instâncias: eu-aqui-agora, isto é, o *ego*, *hic et nunc*, categorias do aparelho formal da enunciação benvenistianos, que preveem um alguém, num espaço e tempo criados pela linguagem, o qual toma a palavra e se faz um *eu* capaz de se dirigir a um outro denominado *tu*, tornando-se o conteúdo da enunciação (Fiorin, 1999). Estas categorias são projetadas ou contestadas no enunciado e engendram o discurso através de mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado, a saber: a debreagem (distanciamento) e a embreagem (aproximação), isto é, as projeções da enunciação.

Sobre estes conceitos, Greimas e Courtès, (1979, p. 79) explicam que a debreagem é "a operação pela qual a instância de enunciação se separa e projeta para fora de si, no momento do ato de linguagem, certos termos ligados à sua estrutura de base para constituir assim os elementos fundadores do enunciado-discurso". São justamente estes termos que se referem às categorias de pessoa, de tempo e de espaço, podendo a debreagem ser: i) actancial — separa do sujeito da enunciação e delineia no enunciado um não-eu; ii) temporal — impetra um não-agora distinto do tempo da enunciação; e iii) espacial — opõe ao lugar da enunciação um não-aqui (Greimas; Courtès, 1979, p. 95).

No caso da embreagem, temos uma instância que "consiste então, para o sujeito da fala, em enunciar as categorias dêiticas que o designam, o 'eu', o 'aqui' e o 'agora': sua função é manifestar e recobrir o 'lugar imaginário da enunciação' por meio de simulacros de presença, que são eu, aqui e agora" (Bertrand, 2003, p. 91). Para Greimas e Courtès (1979, p. 119), ao contrário da debreagem, "a embreagem designa o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos das categorias de pessoa e/ou de espaço e/ou de tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado". A partir dos mecanismos de debreagem e embreagem é possível observar que o sistema de referencialização actorial "obedece a uma hierarquização que leva em consideração as diferentes instâncias enunciativas instauradas no texto, todas correlacionadas com a identidade do sujeito enunciador" (Rodrigues, 2014, p. 9).

A análise dos procedimentos semiológicos permite a transformação dos percursos narrativos em percursos temáticos, os quais são revestidos por meio de figuras. Daí, cabe à

semântica discursiva compreender a dualidade concreto/abstrato vistos nos investimentos de tematização e figurativização. Estes investimentos refletem as realizações do sujeito da enunciação. Assim, a tomada discursiva dos temas e a figurativização são competências do sujeito enunciativo, o qual dá coerência semântica a seu discurso através de efeitos de realidade na conexão entre o discurso e o mundo.

No domínio dos temas e das figuras, associados no nível discursivo, encontramos textos temáticos e figurativos. Os primeiros, mais abstratos, organizam a realidade a partir das funções de intepretação e predicação; os segundos, mais concretos, trazem a realidade das coisas, transformando figuras do plano de conteúdo em figuras do plano de superfície. Corroborando com esta reflexão, Rodrigues (2014, p. 15) explica que

> Na tematização, os valores semânticos que instauram o sujeito no patamar narrativo são convertidos, no nível discursivo, em unidades abstratas denominadas temas, as quais se organizam em percursos. Pertencem ao domínio das ideias, pois não se referem a algo existente no mundo exterior, mas a elementos capazes de organizar, distribuir e, principalmente, ordenar a realidade apreendida por mediação dos sentidos.

A partir desse entendimento, observa-se que a tematização atua na identificação dos traços semânticos do discurso, ao considerar os valores abstratos gerais que emergem da organização sequencial do texto. Por sua vez, a figurativização consiste no processo pelo qual o sujeito da enunciação reveste esses temas, mobilizando elementos de seu sistema de representação (este, por sua vez, permeado por coerções de ordem social e cultural) para selecionar as figuras capazes de concretizar as categorias temáticas que atravessam o discurso (Rodrigues, 2014, p. 15). Conforme Fiorin (2002), a figura atua na representação do mundo sensível por meio de elementos concretos, sendo responsável pela criação de cenas que conferem ao discurso um efeito de realidade. Já o tema, em contrapartida, opera no plano da abstração, ao organizar, interpretar e classificar os eventos e fenômenos do mundo. Logo, enquanto a figura reveste o discurso com materialidade perceptível, o tema estrutura o conteúdo com base em valores e conceitos que orientam a significação.

De forma geral, o conceito de figura, nesse contexto, está vinculado ao que se refere à percepção sensível, isto é, no interior de um universo discursivo, diz respeito a tudo aquilo que evoca os sentidos. Por esse motivo, conforme explica Barros (2001, p. 125), a Semântica discursiva é aquela que "[...] descreve e explica a conversão dos percursos narrativos em percursos temáticos e seu posterior revestimento figurativo". Para a autora, "A disseminação discursiva dos temas e a figurativização são tarefas do sujeito da enunciação, que assim provê seu discurso de coerência semântica e cria efeitos de realidade, garantindo a relação entre mundo e discurso". Em outras palavras, o sentido produzido por um texto é construído pelo sujeito da enunciação por meio de dois procedimentos fundamentais: a tematização e a figurativização. Tais mecanismos são responsáveis tanto pela constituição quanto pela materialização da significação textual. Através dos percursos temáticos, o leitor consegue organizar os valores presentes no enunciado, baseando-se em recorrências semânticas que contribuem para a coerência do texto, o que confirma o caráter abstrato dos temas. Por outro lado, cabe à figurativização o papel de dar concretude aos sentidos, operando a transição do nível temático para o nível figurativo. Dessa forma, o discurso é constituído a partir da produção de sentido realizada pelo sujeito da enunciação.

É importante compreender que os conceitos de figura e tema não são excludentes, mas sim complementares, estando em constante inter-relação, uma vez que ambos dizem respeito à construção e à manifestação dos sentidos. Essa contextualização é indispensável para que o leitor compreenda as conexões figurativas presentes e, a partir delas, seja capaz de reconhecer os temas subjacentes ao texto. Nessa circunstância, constata-se o quanto "as figuras são, por excelência, o lugar do ideológico no discurso" (Barros, 2001, p. 124), uma vez que o reconhecimento das variações aponta para a relação entre os textos e seus respectivos contextos. Assim, o texto ganha forma por meio da escolha de palavras, das personagens e suas características, materializando e especificando peculiaridades dos percursos desencadeados figurativamente e tematicamente.

## 3 Encadeamento discursivo das urdiduras do pavão misterioso

A literatura de cordel compõe um quadro panorâmico de narrativas populares da região Nordeste do Brasil, de vasta amplitude temática, com abordagens tanto socioculturais quanto históricas. Como texto versátil de tradição oral, esta arte literária mantém-se viva em meio às práticas leitoras e tecnológicas da atualidade, reinventando-se como qualquer outro gênero textual que se atualiza a partir de um processo de plasticidade cultural (Rodrigues, 2017). De mãos dadas com as ilustrações em xilogravuras e outras artes, essa escritura vozeada segue sua movência, adaptando-se por meio de narrativas que não fogem às marcas da oralidade. É um gênero que parte do povo, tornando-se um fiel representante da cultura e da mentalidade coletiva. Por isso, estrutura-se como legítimo documento/monumento literário das vozes e das escrituras (Rodrigues, 2018), conectado ao tempo e ao espaço das práticas discursivas nas culturas, principalmente àquelas associadas ao povo nordestino.

O cordel *O romance do pavão misterioso*, escrito pelo paraibano José Camelo de Melo Rezende, publicado em 1923 e com dezenas de reedições, consagrou-se como uma das obras mais emblemáticas da literatura de cordel brasileira. Cantador e poeta de bancada, o autor exerceu também os ofícios de carpinteiro e xilógrafo, sendo reconhecido como um homem à frente de seu tempo pela capacidade de memorizar narrativas e declamá-las ou cantá-las em suas apresentações. A obra alcançou ampla projeção nacional e internacional, tornando-se um verdadeiro *best-seller* do gênero. Seu enredo foi adaptado para diferentes linguagens artísticas, como teatro, cinema, música, televisão e literatura, destacando-se pela simplicidade expressiva da linguagem e pelas referências ao universo fantástico dos contos maravilhosos. A narrativa apresenta a trajetória de Evangelista, um jovem aventureiro estrangeiro que se apaixona por Creuza ao vê-la em uma fotografia. Filha de um poderoso conde, a jovem vivia isolada em uma torre fortemente protegida, impedida de conhecer o mundo exterior. Para resgatá-la, Evangelista utiliza uma engenhosa máquina voadora em forma de pavão. Após diversos desafios e aventuras, os protagonistas apaixonam-se, casam-se e tornam-se soberanos do misterioso reino.

Haja vista o desenrolar dos fatos em *O romance do pavão misterioso*, didaticamente, fragmentamos a narrativa em cinco momentos; logo depois, buscamos traçar o percurso dos principais actantes da trama: i) inicialmente, temos a descrição do espaço e das personagens; a divisão da herança do pai entre os irmãos; a morte do pai (viúvo capitalista); a viagem de João Batista para gozar a vida no estrangeiro; a promessa de um presente valioso para Evangelista; ii) em seguida, a aparição de Creuza para João Batista na Grécia; o retorno de João Batista à Turquia; o retrato de Creuza como presente; o encantamento de Evangelista pela donzela; o alerta de

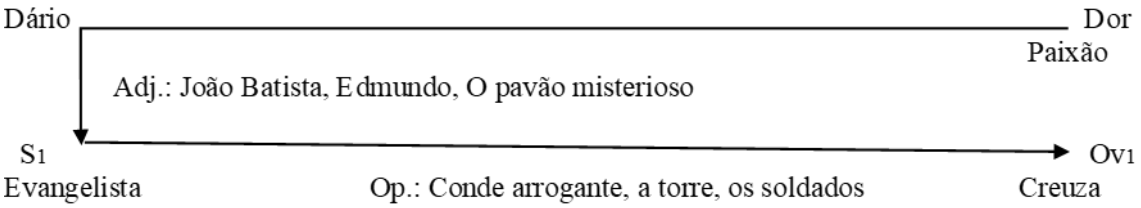
perigo e a proibição de acesso à princesa; iii) logo após, ocorre a viagem de Evangelista à Grécia; a aparição de Creuza para o povo; Evangelista encontra o engenheiro Edmundo; a construção do pavão mecânico; os presentes mágicos; iv) consequentemente, desenrola-se as investidas de Evangelista para conversar com Creuza; o uso dos objetos mágicos; o pedido de casamento; o receio de Creuza; o plano de vingança do conde; a estratégia de escape de Evangelista; o arrependimento de Creuza; v) finalmente, efetua-se o rapto da princesa; a morte do conde; a concretização do casamento na Turquia; o retorno do casal para Grécia; e a posse da herança.

## 3.1 Análise das estruturas narrativas

O nível narrativo é o patamar que deve ser considerado como a instância de atualização de valores e exame das paixões, isto é, o arranjo das modalidades concernentes às relações entre sujeitos e objetos. O cordel em análise apresenta os seguintes sujeitos semióticos: Evangelista (atua como o herói da história), Creuza (a donzela), o conde arrogante (o Oponente), João Batista, o engenheiro Edmundo, o pai de Evangelista e João Batista, a mãe de Creuza, o "negro" que avisou a João Batista do evento da aparição de Creuza, os fotógrafos, o jornalista que indicou os serviços de Edmundo para Evangelista e os soldados do conde são figuras relevantes para o desenvolvimento da narrativa cujas funções se encaixam diretamente na história. O próprio pavão misterioso atua como actante principal na ação e no efeito do herói.

Na obra temos, inicialmente, um sujeito em estado disjunto de um objeto de valor (Evangelista); isto é, um sujeito (ser querente/Evangelista) deseja um objeto (ser querido/Creuza), semioticamente existentes um para o outro. De forma geral, com relação a modalização, temos o sujeito semiótico Evangelista ($S_1$) que se encontra ora numa relação disjuntiva e ora numa relação conjuntiva com seu Objeto de valor, a donzela Creuza ($Ov_1$). O sujeito do fazer é Evangelista; um sujeito do querer-fazer, isto é, ele deseja ter para si a princesa, e para isso, busca convencê-la a fugir, com o fim de realizar sua performance e concretizar seu propósito: raptar e casar-se com ela. De início, temos um sujeito dotado de um não-poder-fazer, pelo fato da proibição de acesso à princesa. Em seguida, Evangelista é dotado da competência que o habilita a alcançar seu Objeto de valor (Creuza), tornando-se um sujeito do saber-fazer e do poder-fazer. Isto se dá a partir da ajuda do engenheiro Edmundo ao construir o pavão misterioso, adjuvante fundamental para a concretização do desejo. A transformação desejada é a consumação do casamento.

O programa narrativo principal do $S_1$ é o seguinte:

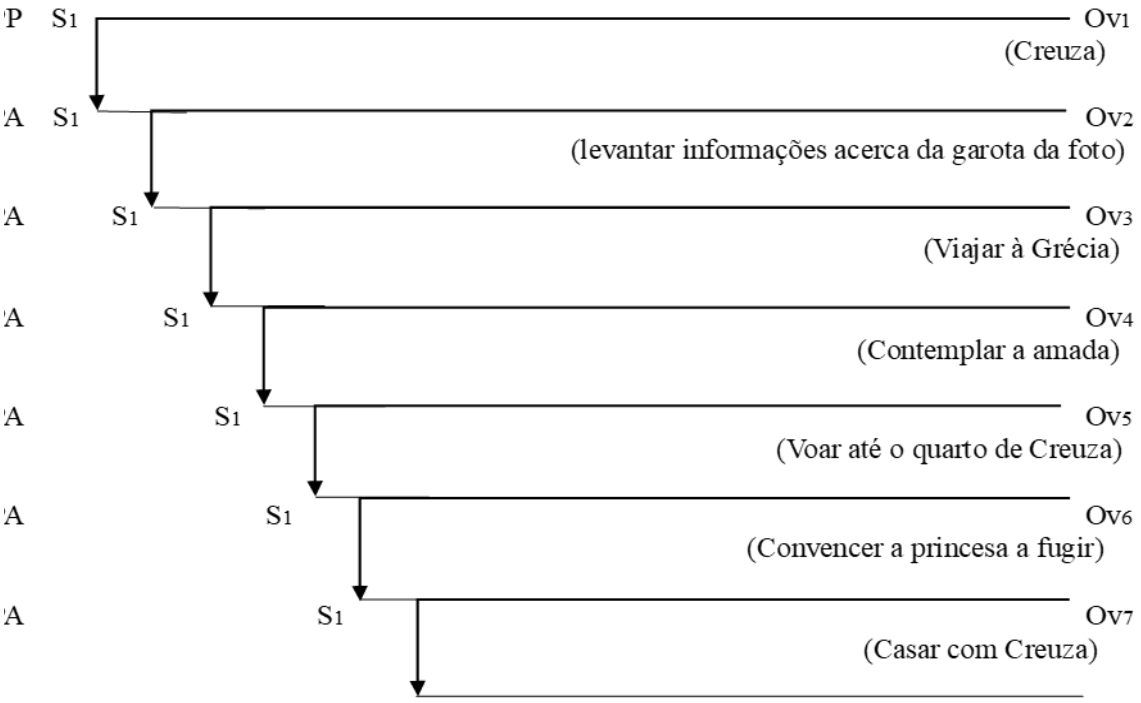



No programa narrativo acima, temos: S1 = sujeito 1, Ov = objeto de valor, Op. = Oponente, Dor = Destinador, Dário = destinatário. Como vimos, o Conde é o anti-sujeito e disputa o mesmo objeto-valor que Evangelista, o S1. Este tem como Objeto de valor a donzela Creuza. O Destinador é a paixão que o jovem corajoso sente pela moça. Essa paixão é motivada pelo desejo, isto é, o

preenchimento de uma incompletude, de um vazio. Para que se chegue a um estado de completude, S1 necessita derrotar seus Oponentes: o conde arrogante, os soldados e a torre do palácio (sua altura configura-se como um impedimento simbólico que dificulta o acesso de Evangelista até Creuza). Isso o permitirá entrar em conjunção com seu Objeto de valor (Creuza). João Batista, Edmundo e o pavão misterioso exercem a função de Adjuvantes do herói, pois o primeiro presenteia Evangelista com um retrato de Creuza, despertando nele uma paixão ardente; o segundo o auxilia com a construção de um aeroplano e com presentes mágicos que possibilitará a realização do desejo pretendido; e o terceiro é o objeto essencial para que todo o percurso se concretize.

Para poder ter a donzela grega ($Ov_1$) e realizar a vontade investida, primeiramente, Evangelista (destinador-manipulador) ao receber do irmão (destinatário-sujeito) um presente valioso do estrangeiro, uma foto da donzela Creuza, busca saber a origem da garota ($Ov_2$), nutrindo um querer e um dever-fazer; desse modo, ele decide viajar à Grécia ($Ov_3$) e contemplar pessoalmente a amada ($Ov_4$). Diante da insatisfação de ver a moça por tão pouco tempo, ele planeja uma forma de voar até o quarto ($Ov_5$) onde a princesa vivia para convencê-la a fugir ($Ov_6$), para então casar-se com ela ($Ov_7$).

O percurso completo de $S_1$ pode ser esquematizado da seguinte forma:



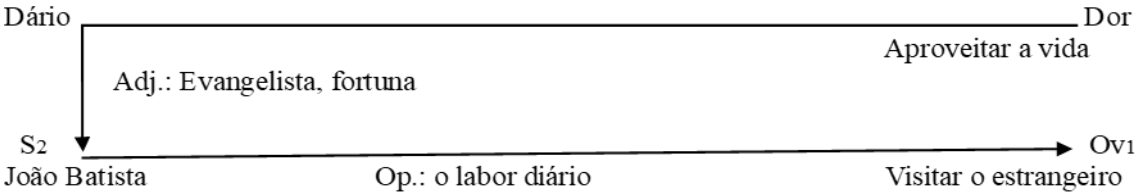

Os objetos-valor de $S_2$ a $S_7$ são modais, enquanto o 1 é descritivo. O deslocamento de $S_1$, ou disjunção espacial, vai permitir a realização da performance, uma vez que esta ação possibilita sua busca pela qualificação e pela competência para realizar o rapto da donzela. Transformado em sujeito da ação, Evangelista faz um pedido a Creuza (uma espécie de contrato), esperando uma resposta positiva da moça. Desse modo, a sanção recebida foi positiva, uma vez que Creuza fugiu e casou-se com ele na Turquia.

Desse modo, o $S_1$ alcança seu Objeto de valor, uma vez que Evangelista realiza com sucesso a performance de raptar a princesa Creuza e casar-se com ela. Porém, isso só foi possível porque ele foi dotado da competência de voar, a partir da construção do pavão mecânico, alcançando o

sobrado do quarto de Creuza. Por tanto, temos a seguinte função semiótica (F: $S_1 \cup Ov_1 \rightarrow S_1 \cap Ov_1$). Esta relação de conjunção e disjunção sustenta a narratividade da obra, uma vez que apresenta as transformações de estado que fundamentam a narrativa como um todo.

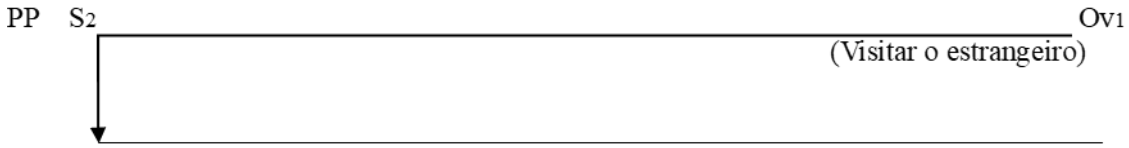
A morte do pai, dono de uma fábrica de tecidos, desencadeia o programa narrativo do $S_2$, figurativizado por João Batista, o irmão mais velho. A trama rezendiana descreve que um dia, refletindo sobre sua vida marcada por intenso trabalho, a personagem, herdeiro de uma fortuna da qual ainda não havia desfrutado, manifesta ao irmão um desejo: "Meu mano, eu tenho vontade, de visitar o estrangeiro", pois, como afirma, "Dessa nossa fortuna, ainda não gozei nada" (Rezende, 2011, p. 2).

O programa principal deste actante é o seguinte:



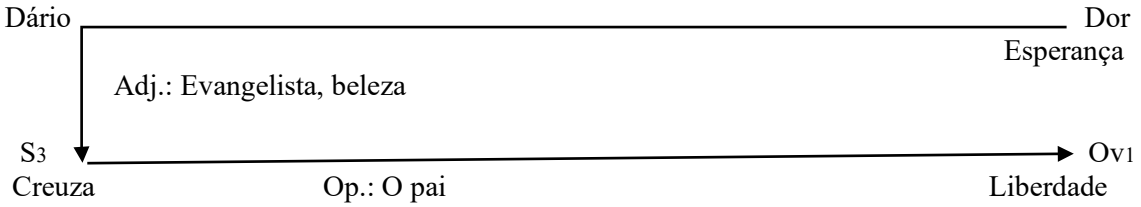

Tanto o desejo de João Batista de aproveitar a vida quanto a paixão de Evangelista são modalidades do querer que instauram o sujeito. Esse querer foi adquirido no contrato entre destinador e destinatário. Seu Objeto de valor é visitar o estrangeiro ($Ov_1$), por um período de um ano, e desfrutar da riqueza acumulada. Para isso, conta com o apoio do irmão mais novo, Evangelista, que atua como seu Adjuvante, auxiliando na gestão dos negócios que administram em parceria, além de dispor da fortuna acumulada (condição) por meio dessas atividades e da herança deixada pelo pai. Contudo, Evangelista solicita ao irmão que lhe traga um presente quando retornasse da viagem, não importando o valor. Neste sentido, João Batista atua também como um sujeito manipulado, que assume o papel de um sujeito operador, uma vez que objetiva agradar o irmão mais novo que o ajudou tomando conta dos negócios. Logrando êxito em sua viagem, ele retorna à Turquia trazendo o presente solicitado pelo irmão.

O percurso completo do $S_2$ é esquematizado da seguinte forma:



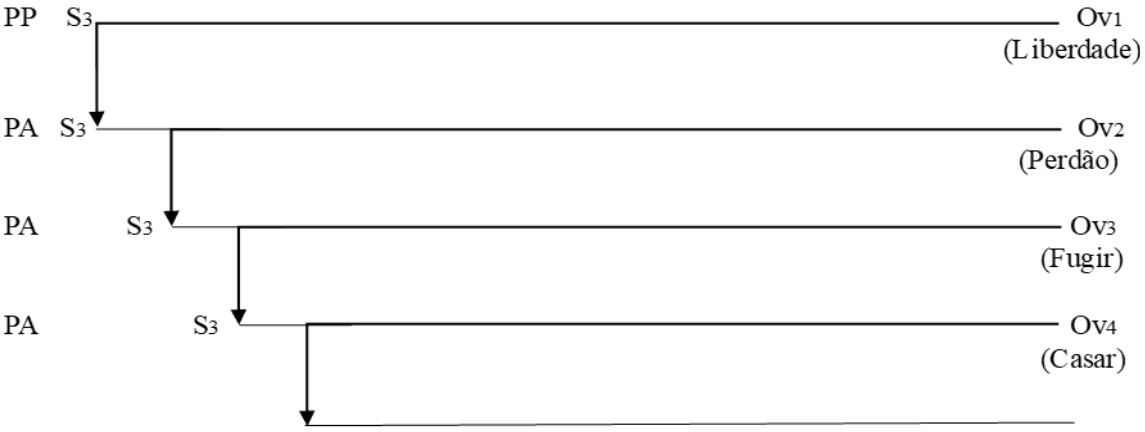

Com relação à modalização, o $S_2$ é um sujeito do querer-fazer e do poder-fazer, uma vez que ele tem as condições para realizar seu desejo de viajar para terras afastadas e tem a confiança de que o irmão mais novo continuará administrando seus negócios até seu retorno, isto é, por ser dono de muita fortuna, João Batista realiza a viagem desejada pois possui a competência (a herança do pai e a riqueza acumulada) para realizar tal propósito. Contudo, $S_2$ inicia seu percurso disjunto de seu $Ov_1$ e finaliza de forma conjunta. Portanto, para o $S_2$, temos a seguinte função semiótica (F: $S_2 \cup Ov_1 \rightarrow S_2 \cap Ov_1$).

O $S_3$ é figurativizado pela donzela Creuza. Seu programa principal é o seguinte:




Ao refletir sobre a privação de liberdade que sofria do pai, a jovem Creuza ($S_3$) se arrepende de ter avisado ao conde das visitas de Evangelista, considerando que esta seria sua oportunidade de ser livre. Por isso, referindo-se a Evangelista, ela afirma que "enquanto ele vinha aqui, ainda eu tinha esperança" (Rezende, 2011, p. 23). Desse modo, podemos definir que o Destinador de $S_3$ é a esperança, e que o seu Objeto de valor é a liberdade ($Ov_1$), a qual lhe era privada desde a infância pelo próprio pai, seu Oponente. Para conseguir realizar sua performance, $S_3$ tem como Adjuvante imediato sua beleza; em seguida, Evangelista, que a auxilia mediante a tecnologia do pavão misterioso. Para isso, $S_3$ se arrepende de participar do plano do conde para aprisionar o jovem que entrava em seu quarto, desejando o perdão de Evangelista ($Ov_2$), para enfim fugir ($Ov_3$) e depois se casar com o rapaz ($Ov_4$).

O percurso completo de $S_3$ pode ser esquematizado da seguinte forma:

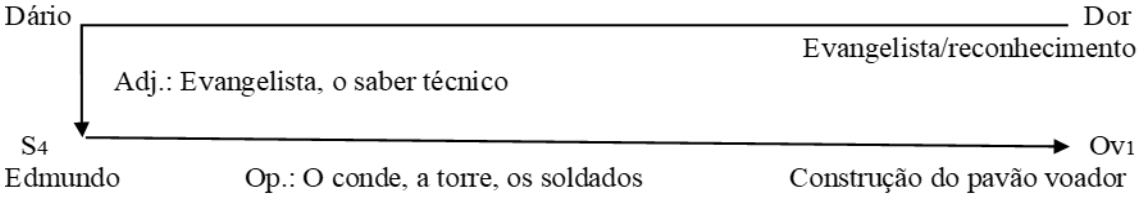



Em relação à modalização, o $S_3$ é sujeito de um não-saber-fazer e de um não-poder-fazer, pelo fato de não ter refletido na possibilidade de fugir do castelo e ser livre, até aparecer o jovem Evangelista e lhe pedir em casamento. Diante disso, a donzela torna-se um sujeito de um querer-fazer e de um poder-fazer, uma vez que ela foi dotada destes atributos pelo ato de coragem e ousadia do jovem Evangelista, com o auxílio do pavão misterioso. De início, a moça foi intimidada pelo pai a participar do plano para prender o jovem que a visitava. Sendo persuadida/seduzida por Evangelista, o qual expôs seu querer e seu dever, ela reconhece seu estado de prisão, decidindo fugir para casar-se com seu amado. Esta decisão faz com que ela obtenha a competência para realizar a performance desejada. Dessa forma, $S_3$ consegue seu Objeto de valor a partir da performance adquirida pela competência adquirida mediante o $S_1$: voar e amar. Portanto, temos a seguinte função semiótica ($F: S_3 \cup Ov_1 \rightarrow S_3 \cap Ov_1$).

No desenvolvimento da narrativa rezendiana, o $S_4$ figura Edmundo, engenheiro habilidoso, o qual ocupa uma posição estratégica na configuração do programa narrativo do

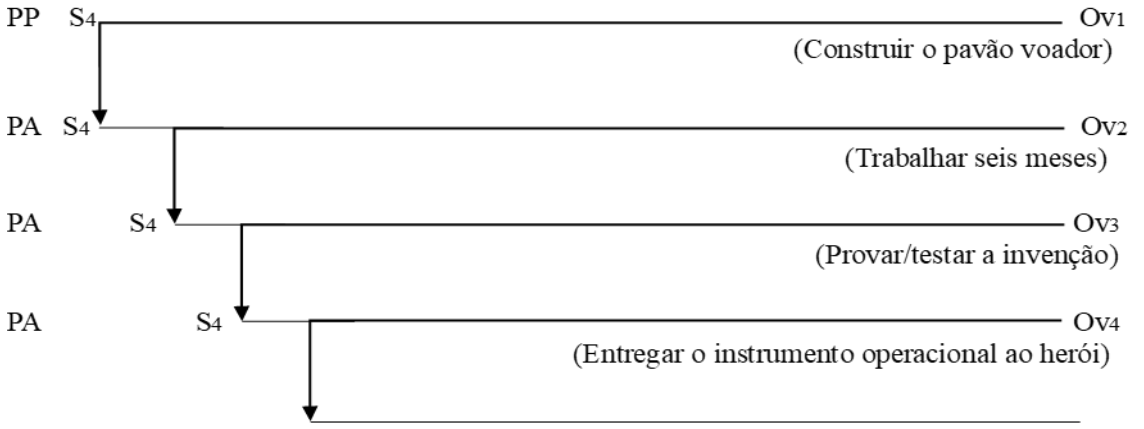
herói. Quanto à modalização, o percurso do $S_4$ é marcado por um agir secundário em relação ao sujeito principal (Evangelista), porém não menos relevante, pois constitui a instância que viabiliza a transição do herói de um estado de não-poder-fazer para um estado de poder-fazer. Sua trajetória pode ser lida como um programa narrativo auxiliar, autônomo e funcional, pois ele também percorre um caminho que envolve competências, saber-fazer e realização de uma performance. Nesse sentido, Edmundo apresenta-se como um sujeito do saber-fazer, ou seja, alguém que já detém uma competência técnica anterior, pré-requisito essencial para a construção do pavão mecânico, isto é, o artefato fantástico que viabiliza a aproximação entre o herói e seu objeto de valor.

O programa principal do $S_4$ é o seguinte:



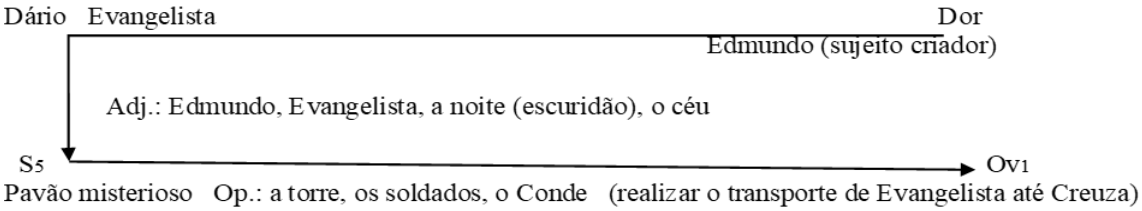

O destinador do programa narrativo de Edmundo é duplo: por um lado, há um destinador externo, Evangelista, que lhe encomenda a construção da ave mecânica (Evangelista fornece a Edmundo o propósito e a causa nobre que impulsionam sua ação); por outro, há um destinador interno, o reconhecimento de sua própria função no auxílio a uma causa justa, amorosa e heroica. Assim, Edmundo assume a responsabilidade como sujeito do dever-fazer e do poder-fazer, e se compromete com a realização técnica de um projeto que transcende o comum, inscrevendo-se no universo do maravilhoso. Seu objeto de valor ($Ov_1$) é, portanto, a construção do maquinário (pavão voador), uma realização material que cumpre uma função simbólica: romper com os limites impostos pela distância, pela torre e pelos interditos sociais (Oponentes) que impedem a união de Evangelista e Creuza. O saber técnico (experiência prévia) pode ser interpretado como um adjuvante, uma condição inerente ao sujeito que o capacita para a performance.

O percurso completo do $S_4$ é esquematizado da seguinte forma:



Com essa performance, Edmundo conclui em conjunção com o objeto de valor (missão cumprida, artefato construído com êxito). Ele performou como um sujeito do saber-fazer (ter competência técnica) e do Poder-fazer (condições materiais e cognitivas para realizar a tarefa), bem como do Querer-fazer (desejo de ajudar) e Dever-fazer (compromisso ético com a missão). Assim, ele aceita a missão e mobiliza seu conhecimento técnico, reunindo materiais, conhecimentos para projetar o artefato (pavão misterioso). Por isso, $S_4$ também se inscreve simbolicamente no espaço do herói, embora de forma coadjuvante, pois participa ativamente da luta contra os oponentes estruturais: a torre, os soldados e o próprio conde arrogante, que representam barreiras físicas e simbólicas à consumação do desejo amoroso. Por fim, a performance de Edmundo é concluída com êxito: ele entrega à Evangelista o meio concreto para a realização de seu desejo. Com isso, o engenheiro consuma sua função como sujeito do fazer, completando um percurso narrativo de competência e ação, cuja conjunção final não é o casamento (como no caso do herói), mas sim o sucesso do artefato criado.

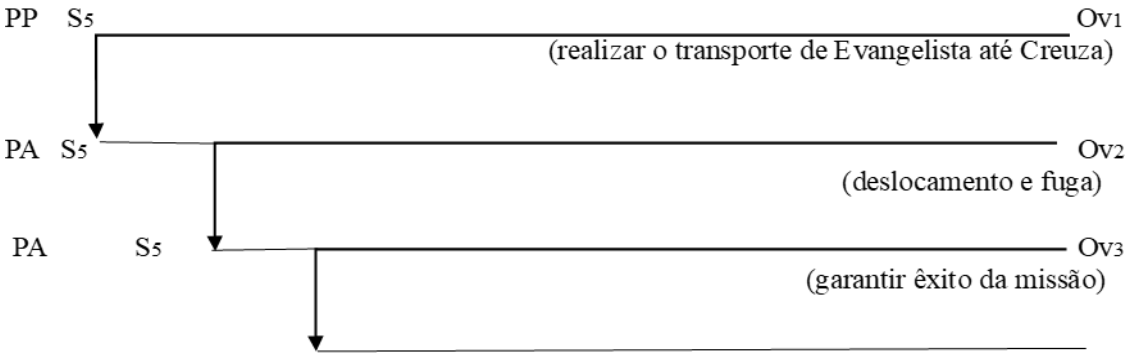
O programa principal do $S_5$ é o seguinte:




O pavão misterioso ($S_5$), embora seja um artefato criado por Edmundo, assume uma função narrativa personificada e simbólica na diegese rezendiana. Ele deixa de ser apenas um objeto inerte para atuar como personagem funcional, com um percurso próprio no enredo. Na estrutura profunda da narrativa, ele configura-se como um sujeito semiótico não humano que realiza uma performance relevante para a efetivação do desejo do herói. Sua ação transcende a de um simples instrumento, assumindo simbolicamente a função de mediador mágico e condutor de transformação. Em outras palavras, o pavão não apenas transporta Evangelista, mas ativa uma mudança de estado na narrativa.

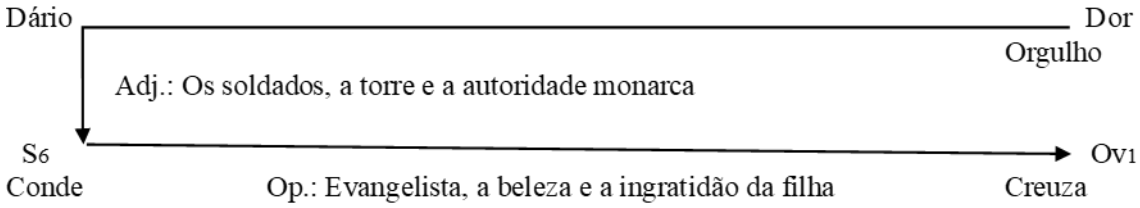
Inicialmente, seu Objeto de valor ($Ov_1$) é realizar o transporte de Evangelista até Creuza, para assim garantir o êxito da missão amorosa. Edmundo atua como o destinador (sujeito criador) do $S_5$; Evangelista, o destinatário (que irá usufruir da performance do pavão). O pavão é, então, investido de uma missão funcional: ultrapassar as fronteiras físicas (a torre, os soldados, o espaço geográfico) e as simbólicas (as normas sociais, o interdito da união amorosa). Edmundo, é o principal adjuvante do pavão, pois o dota de existência e competência técnica. Evangelista, embora seja o beneficiário direto da ação do pavão, também pode ser considerado adjuvante, pois é ele quem ativa a missão, motiva a construção e conduz o artefato em sua missão de voo. No plano simbólico, a escuridão e o espaço aéreo (céu) funcionam como condições favoráveis, pois ocultam o voo do pavão e permitem sua movimentação sem ser detectado.

O percurso completo do $S_5$ é esquematizado da seguinte forma:



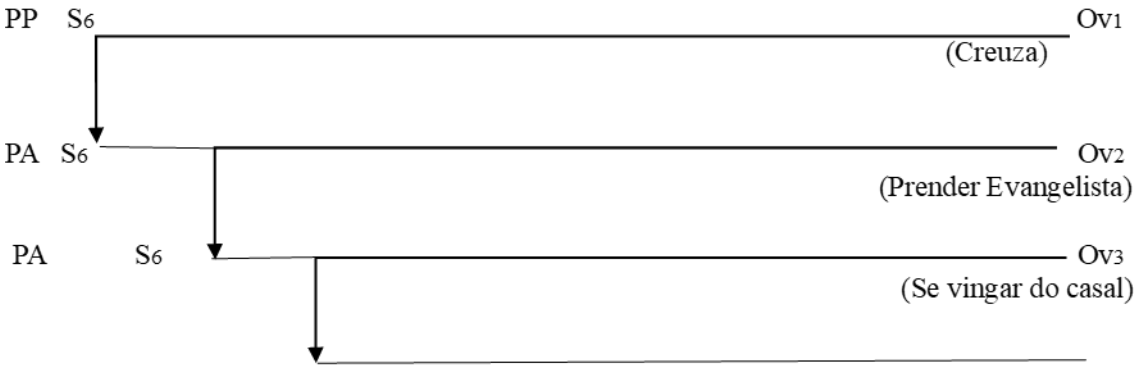

De certa forma, o saber-fazer e poder-fazer são transferidos de Edmundo ao pavão misterioso, uma vez que ele é dotado de mecanismos de voo, aparência encantadora e magia implícita, ganhando "vida funcional" como agente de deslocamento e ocultação (voar, transportar, disfarçar). O pavão realiza efetivamente seu ato de fazer: transporta Evangelista até o quarto de Creuza, vencendo a torre e os guardas. Após Evangelista convencer Creuza a fugir com ele, o pavão misterioso é novamente ativado como meio de transporte encantado, agora em situação de fuga, garantindo o êxito da conjunção amorosa. A performance é bem-sucedida: Evangelista consegue entrar em conjunção com seu objeto de valor graças à ação do pavão. Desse modo, o pavão encerra sua participação como elemento transformador: não apenas um meio de transporte, mas um sujeito simbólico de superação dos limites do possível.

O programa principal do $S_6$ é o seguinte:




O $S_6$ é figurativizado pelo conde orgulhoso, o pai de Creuza. Seu Destinador é o orgulho ostensivo, vaidade exagerada. Tem como Objeto de valor ($Ov_1$) sua filha Creuza, a qual mantém aprisionada em seu quarto para mantê-la a salvo dos perigos que o mundo oferece e de possíveis pretendentes. Para isso, $S_6$ tem como Adjuvantes os soldados, a imponência da torre e sua autoridade de monarca. Seus Oponentes são: Evangelista, a beleza da filha e a ingratidão dela. Seu poder sobre o Objeto de valor é ameaçado com a chegada do jovem aventureiro. Diante disso, $S_6$ busca a qualquer custo capturar e prender o intruso (Evangelista) que invade o quarto da filha, noite após noite ($Ov_2$). Ao saber que Creuza aceitou o convite de Evangelista para fugir, o conde ficou muito zangado, "gritando em alto brado, dizendo: — filha maldita" (Rezende, 2011, p. 25). Assim, o desejo de $S_6$ passa a ser se vingar do jovem casal ($Ov_3$) para recuperar seu objeto de valor perdido, algo que não é concretizado uma vez que o jovem casal obtém êxito ao fugir do castelo. "Como tinha sido vencido, pelo rapaz atilado, adoeceu só de raiva, morreu por não ver ser vingado" (Rezende, 2011, p. 27).

O percurso completo do $S_6$ é esquematizado da seguinte forma:




Quanto à modalização, $S_6$ é um sujeito detentor de um poder-fazer, ou seja, ele tem o poder constituído a um conde que o possibilita ter em mãos uma guarda real e riquezas para manter consigo seu $Ov_1$. Movido pelo orgulho e pelo desejo de vingança, ele passa por uma transformação, de uma forma conjuntiva para uma forma disjuntiva com seu objeto, sendo destituído da competência de manter sob seu crivo sua filha. Desse modo, fica inscrito na trama narrativa que o poder do sujeito Oponente definiu a performance heroica de Evangelista, prejudicando, assim, o investimento do conde ($S_6$) de manter a sua filha aprisionada. Vemos aqui uma transformação de instância modal do $S_6$ (o conde orgulhoso), o que gera a perda de sua competência modal. No seu programa narrativo, $S_4$ involui de um poder-fazer para um não-poder-não-fazer, finalizando com sua própria destruição e morte.

Dessa forma, observamos que a sanção da narrativa é recuperada no fato da punição recebida pelo conde como retribuição merecida pela injustiça cometida e pelo reconhecimento de bravura do herói ($S_1$) no que concerne ao êxito de sua aventura amorosa com a filha do conde, Creuza. Logo, $S_6$ não consegue realizar sua performance de recuperar seu $Ov_1$. Portanto, a função semiótica de $S_6$ é definida da seguinte forma ($F: S_4 \cap Ov_1 \rightarrow S_4 \cup Ov_1$).

## 3.2 Análise das estruturas discursivas

De acordo com Barros (2005, p. 54), "estudar as projeções da enunciação é, por conseguinte, verificar quais são os procedimentos utilizados para construir o discurso e quais os efeitos de sentidos fabricados pelos mecanismos escolhidos". Constatamos que o texto em análise foi escrito, predominantemente, em terceira pessoa, embora nos primeiros versos da obra projete-se um *eu* com o intuito de causar um efeito de aproximação entre enunciador e enunciatário (o público para o qual ele se dirige). Contudo, ao adentrar o mundo "mágico" da narrativa, o enunciador distancia-se daquilo que é narrado, isto é, ocorre um aparente distanciamento em relação ao tempo e ao espaço da enunciação. Nesse sentido, o enunciador torna-se um narrador que não se inclui nos fatos narrados. Isso provoca um efeito de verdade e de objetividade ao discurso proferido, mantendo a enunciação distante do dito em meio a uma debreagem enunciva e projetando um *não eu*, um *não aqui* e um *não agora* em relação ao enunciador. Em outras palavras, objetiva-se o universo do *ele*, do *lá* e do *então*.

Ao tomar a linguagem enquanto forma de representação, a análise narrativa confere ao enunciador uma identidade que é deslocada do tempo e do espaço da enunciação, arquitetada a partir de um contexto sociocultural e histórico simbolicamente constituído. Nessa perspectiva, podemos observar na introdução do folheto que os sujeitos discursivos são colocados pelo enunciador para operar a função de porta-vozes do discurso maravilhoso a ser apresentado:

> Eu vou contar uma história
> Dum pavão misterioso,
> Que levantou vôo da Grécia,
> Com um rapaz corajoso,
> Raptando uma condessa,
> Filha dum conde orgulhoso.
> Residia na Turquia
> Um viúvo capitalista,
> Pai de dois filhos solteiros
> O mais velho João Batista,
> Então o filho mais moço
> Se chamava Evangelista
> (Rezende, 2011, p. 1).

Encontramos nesses versos:

- Pessoa (ele): pavão misterioso, rapaz corajoso, condessa, conde orgulhoso, viúvo capitalista, João Batista, Evangelista;
- Espaço (lá): Grécia, Turquia;
- Tempo (predominantemente passado): vou contar, levantou, residia, então, chamava.

Como vimos, a ação contida no enunciado desloca-se para um tempo passado, não determinado, prefigurado pelo dizer "eu vou contar uma história", algo que se assemelha ao prelúdio muito presente na introdução dos contos maravilhosos, iniciados com um "era uma vez", numa época remota/longínqua. A expressão "vou contar" (ação concomitante em relação a um momento de fala presente), em consonância com as demais formas verbais pretéritas, colabora posteriormente para o efeito de distanciamento do enunciador com os fatos narrados no tempo e no espaço; embora é importante considerar que este *eu* (enunciador) marca uma tentativa de trazer o *tu* (enunciatário) para a cena enunciativa.

Adiante, constata-se que no interior da narrativa o tempo tende também a configurar-se como um constante presente pelo fato de recuperar tempos anteriores e enunciar as falas das personagens. Fiorin (1996, p. 142) argumenta que "o discurso instaura um agora, momento da enunciação. Em contraposição ao agora, cria-se um então. Esse agora é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua". Benveniste (1989) expôs o pensamento de que a linguagem apresenta uma única expressão temporal, o presente, naturalmente implícito no discurso. Os demais tempos não-presentes (passado e futuro) são como pontos vistos para trás ou para frente a partir do presente, ou seja, o tempo do discurso tem seu centro no presente da fala.

No folheto de cordel *O romance do pavão misterioso*, observamos que o mistério do pavão e seu encanto sobre o ambiente e as pessoas, é constante, pois a história a ser contada, preliminarmente, é a "Dum pavão misterioso". Este ator é recoberto por um tom místico de realidade e ficção, caracterizando-se a partir do olhar futurista do enunciador, bem como de um contexto

imaginário e fantástico, que testemunha os elementos mágicos enquanto precursores da própria ciência, como atestava a tradição hermenêutica do Renascimento e do Iluminismo.

Nesse contexto, o processo de debreagem espacial define os cenários, ou seja, os espaços da enunciação no enunciado. Por conseguinte, o enunciador traz à tona atores que pertencem a dois espaços em oposição: na Turquia vivia tranquilamente um pai, dono de muitas posses, e seus dois filhos solteiros em plena união; na Grécia havia uma condessa e seu pai, um conde orgulhoso. São terras separadas pelo mar Mediterrâneo. Tal descrição configura-se como a situação inicial da história.

Os versos vão apresentando o modo como o enunciador imagina o Oriente a partir das intersecções da cultura árabe com as manifestações da cultura nordestina, atentando, é claro, que esta formação imaginária tenha raízes em estereótipos advindos de mídias diversas e histórias, como *As mil e uma noites*. Cabe ressaltar que o espaço linguístico (da enunciação) não é o espaço físico, mas sim aquele em que se desenrola a cena enunciativa. Nesse sentido, o processo de temporalização também é manifestado na linguagem através da discursivização das ações, isto é, na narração, o simulacro da ação do homem no mundo (Fiorin, 1996).

Bem sabemos que a finalidade do tempo e do espaço na narrativa é situar o leitor. Essas duas instâncias constituem-se elos representativos da narrativa, da memória e do imaginário, considerando que todo ato enunciativo está situado num tempo e num espaço. O que acontece fora disso transcende nossa razão ligando-se a formas atemporais, algo comum no caso dos contos maravilhosos. A trama em análise dá-se num tempo remoto, não situando o momento preciso desse passado, que segue cronologicamente apresentando a situação inicial, o motivo do conflito, as viagens, os obstáculos, as mediações, a resolução de conflitos, a conquista e a volta do equilíbrio ou da normalidade da trama.

Para evocar o protagonista da narrativa, utiliza-se o termo *então* (penúltimo verso da segunda estrofe), ancorando uma instância preliminar do discurso para, em seguida, apontar o rumo das sucessões dos eventos e argumentos relatados mais à frente. O tempo apresenta-se como cenário, como podemos observar nos versos a seguir, que retratam a transformação das ações posteriores:

> Depois que o velho morreu
> Fizeram combinação
> Porque o João Batista
> Concordou com seu irmão.
> E foram negociar
> Na mais completa união.
>
> Um dia João Batista
> Pensou pela vaidade
> E disse a Evangelista:
>
> — Meu mano eu tenho vontade
> De visitar o estrangeiro
> Se não te deixar saudade [...]
>
> Quero fazer-lhe um pedido:
> Procure no estrangeiro
> Um objeto bonito
> Só para rapaz solteiro.
> Traga pra mim de presente.
> Embora custe dinheiro
> (Rezende, 2011, p. 2).

Termos como *depois*, *um dia* e as expressões verbais empregadas nos versos acima funcionam como marcadores temporais, isto é, elementos discursivos estruturantes do texto que referenciam processos sociocognitivos atrelados às estruturas de conhecimentos e experiências sociointeracionistas dos sujeitos envolvidos no ato da enunciação. A localização temporal da atividade discursiva faz com que o leitor compreenda o transcurso lógico-temporal aferindo aceitabilidade ou não do discurso. Desse modo, esses marcadores conectam sequências temáticas e textuais que ordenam o fluxo informacional conferindo uma cronologia coerente interna importante para a construção da arquitetura textual, das ações e dos eventos que a natureza da atividade interacional requer.

Em "depois que o velho morreu", embora *depois* denote uma ideia posterior ao fato enunciado, o termo constitui um tempo ordenado em relação há um *agora* da enunciação, caracterizando uma debreagem temporal enunciativa. Já na expressão *um dia* há uma debreagem temporal enunciva que indetermina o tempo do enunciado, diferindo do tempo da enunciação. Seguindo um tempo cronológico dos fatos narrados, como podemos perceber em outros momentos, a saber em "Logo que chegou à Grécia / Hospedou-se Evangelista; [...] Ali passou oito meses / até que chegou o dia; [...] Às duas horas da tarde / Creuza saiu à janela" (Rezende, 2011, p. 8-9), fica evidente que o enunciador sente a necessidade de ordenar o tempo em sincronia com os sujeitos e com os espaços com o fim de enfatizar a verdade dos fatos enunciados.

Este mesmo efeito de sentido é evidenciado por meio de citações a personagens históricas, como observamos em: "Mora aqui nesta cidade / um conde muito valente / mais soberbo do que Nero" (Rezende, 2011, p. 3). Nero foi um imperador romano que governou entre os anos de 54 a 68 d.C., muito conhecido por seus atos tirânicos e por sua extravagância, bem como por sua perseguição aos cristãos da época. Ao comparar o conde com Nero, o enunciador procurou não só credibilizar sua narrativa a partir de fontes históricas, mas também conferiu ao sujeito anti-heroico uma caracterização bastante negativa em contraposição ao protagonista idealizado na trama.

Na construção de diálogos é comum a presença de verbos de enunciação, também chamados de verbos *dicendi*. São verbos de início de fala de terceiros, bastante utilizados na obra em análise. Um dos mais recorrentes é o verbo *disse*, como o vemos empregado no terceiro verso da última estrofe acima. Verbos como este não só indicam a pessoa que fala, como também contempla a construção da identidade dos sujeitos através do efeito de sentido investido. No exemplo acima, o verbo *disse* traz em si uma semântica de neutralidade prenunciando uma fala mais calma e objetiva, enquanto o verbo *gritou*, empregado em "quando o soldado subiu, gritou: — Perdemos a ação!" (Rezende, 2011, p. 22), afere uma emotividade ou mesmo uma intensidade ao enunciado.

A terceira estrofe do trecho destacado apresenta uma resposta de Evangelista a seu irmão. Cabe uma reflexão acerca do efeito de sentido dos verbos empregados no imperativo: procure, traga. Nesse momento, Evangelista assume a função de destinador e João Batista a de destinatário. Observe que o enunciador concede a palavra ao sujeito do discurso, no interior do texto, com a finalidade de criar o efeito da ilusão de verdade do discurso a ser enunciado. Isso também acontece ao longo de toda narrativa quando, por exemplo, na fala do "negro" que avisa a João Batista do evento da aparição de Creuza, o qual obtém o turno do discurso, isto é, o enunciador coloca na boca da personagem as palavras, como podemos notar em "E a moça em que lhe falo / filha do tal potentado" (Rezende, 2011, p. 3); também na fala do engenheiro Edmundo: "Eu fiz um aeroplano / Da forma de um pavão" (Rezende, 2011, p. 12); entre outras passagens. Nestes exemplos, observamos que o enunciador acaba projetando a

delegação de voz no discurso proferido ao mesmo tempo que media a voz dos sujeitos discursivos com a ideia pretendida. Constatamos que este sincretismo de vozes no interior do texto é um recurso utilizado pelo enunciador para enfatizar ainda mais a concretude do discurso proferido e a sensação de que a narrativa apresenta a veracidade dos fatos.

Com o ideal de persuadir o enunciatário, o enunciador também utiliza como estratégia o recurso de implicitar conteúdos. As informações implícitas, apesar de não serem manifestadas no conteúdo dos textos, podem ser subentendidas pelo contexto ou por meio de marcas linguísticas que constituem o sentido do texto. Rodrigues (2006, p. 125) argumenta que "o valor do implícito é justamente o de não dizer o que se quer dizer, pelo menos, não diretamente". Na obra em análise, João Batista decide viajar para o estrangeiro porque lhe faltava algo. Ele não estava feliz com a vida que vivia, ainda que possuísse muitas riquezas. Porém, pela rotina de seu trabalho, não podia desfrutá-las. Por isso, queria viver novas aventuras, conhecer outros territórios. Isso pode ser subentendido na estrofe a seguir:

> Olha que nossa riqueza
> Se acha muito aumentada
> E dessa nossa fortuna
> Ainda não gozei nada,
> Portanto convém que eu passe
> Um ano em terra afastada
> (Rezende, 2011, p. 2).

Quando o sujeito enuncia que "ainda não gozei nada" (Rezende, 2011, p. 3) é possível recuperar o fato de que João Batista não estava satisfeito com o modo como vivia seus dias. No contexto social, cabe uma reflexão acerca do tempo que passa implacavelmente para todos. O que realmente importa nessas condições? Como encontrar um equilíbrio entre o trabalho e aproveitar a vida? É certo que muitas pessoas dedicam suas vidas ao trabalho duro e muitas vezes forçado. No caso de João Batista, ele já era uma pessoa financeiramente bem resolvida por conta das riquezas acumuladas ao longo de anos de trabalho e da herança recebida do pai "capitalista"; mas algo lhe incomodava. Do que adiantava trabalhar tanto e não usufruir das conquistas adquiridas? As pessoas podem ver isso como uma vaidade, ideia que o enunciador apresenta em "Um dia João Batista / Pensou pela vaidade" (Rezende, 2011, p. 2). Considerando a efemeridade da vida, João Batista, por certo, estava à procura de viver plenamente sua juventude. Por isso decidiu viajar por um tempo. Uma viagem além-mar.

Cabe recordarmos o pensamento de Rouanet (1993), na obra *A Razão Nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*, na qual o autor apresenta a viagem como um ato de liberdade constituído por um itinerário do imaginário. Segundo ele, "toda viagem tem sempre os mesmos momentos constitutivos: a partida, o percurso, a chegada e sobretudo o momento humano por excelência, que movimenta todo o processo, a viagem como desejo, a fantasia do novo, a esperança de chegar, o encontro com o país sonhado" (Rouanet, 1993, p. 7). O autor ainda destaca que uma viagem transita entre dois níveis de realidade, a desperta e a onírica, entre a vida real e o delírio. Antes mesmo de mudar de lugar, uma viagem pode acarretar uma mudança de vida, tornando-se um tema de consciência e de sentido existencial. Desse modo, viajar é ir além na experiência humana, é cruzar as fronteiras do desconhecido com o intuito de arriscar-se ao sair da segurança do presente e da banalidade do cotidiano. Desde a antiguidade clássica, nos relatos históricos e mitológicos (Hermes e Ulisses), há um valor

formador do pensamento humano acerca do espaço-tempo das viagens. A viagem de João Batista funciona como uma espécie de mola propulsora que vai desencadear as demais ações na narrativa. Cabe ao enunciatário observar o cenário posto pelo enunciador. O desejo do ator é o desejo implícito de toda humanidade não dito abertamente pelo enunciador, mas recuperado nas façanhas do imaginário coletivo.

No desfecho do folheto, o sujeito discursivo José Camelo apresenta um discurso religioso cristão, o qual foi emitido como uma espécie de pano de fundo ao longo da trama. Para isso, ele faz uso de um recurso bastante utilizado pelos poetas populares ao término dos folhetos de cordel, o acróstico, isto é, a organização da última estrofe pondo as primeiras letras de cada verso, em sentido vertical, para formar um ou mais nomes, ou mesmo um conceito ou uma máxima. Vejamos:

> **J**ustiça, só a de Deus
> **O** juiz que não erra,
> **S**enhor que, do céu pra terra,
> **E**stende os poderes seus!
> **C**omo somos pigmeus,
> **A** Ele não enxergamos,
> **M**as, contudo precisamos
> **E**naltecer sua luz,
> **L**embramos que, como Jesus,
> **O** Satanás afastamos!
> (Rezende, 2011, p. 30)

Vemos que as letras iniciais de cada verso formam o nome JOSE CAMELO. Tal recurso reforça a autenticação de autoria do folheto, evidenciando uma espécie de assinatura ou mesmo de marca contra a adulteração do trabalho. Diante da história narrada, o enunciador se vê na função de encerrá-la chamando a atenção de seu enunciatário para os efeitos desastrosos da maldade em face da recompensa daqueles que se colocam do lado do bem. Para isso, utiliza o discurso religioso cristão moralizante colocando em evidência atores que fazem parte de dois espaços em oposição: o celestial e o terreno. Dessa forma, Deus é figurado como o todo poderoso governante do céu e da terra. Com Ele está a justiça, a qual é concedida às pessoas que enaltecem e andam na luz de Jesus. Por meio do filho do Altíssimo, mesmo sendo "pigmeus" — pequenos, nanicos, *gnomos* — recebemos o poder para "o Satanás afastarmos".

Interessante perceber que ainda que a narrativa aconteça na Grécia e na Turquia, ao mesmo tempo, permite uma aproximação com a simplicidade, a religiosidade e com traços da organização patriarcal e do catolicismo popular, elementos típicos da cena/cotidiano do povo nordestino, demonstrando um complexo entrecruzamento sociocultural e histórico na obra. O nordestino possui forte crença em seres sobrenaturais/divinos/malignos, certamente por ser uma região fortemente conservadora e tradicionalmente católica. Destacam-se as figuras de Jesus/Cristo e do demônio/Satanás. A imagem de Satanás muitas vezes é revestida de muitas características da condição humana: a esperteza e a astúcia são umas delas. O Satanás, ou demônio, ou mesmo Cão, como é de costume ser chamado nos cordéis, está associado ao inferno e a necessidade da busca pela salvação. Quando Evangelista foge dos soldados do conde, eles afirmam que "aquele moço é o Cão" (Rezende, 2011, p. 22) devido a esperteza e o mistério da fuga fantástica do herói na invenção maquinaria (o pavão), por meio de um *passe de mágica*. A noção de magia é muitas vezes sancionada pela tradição cristã e pelo

consenso social ao ser vinculada a seres sobrenaturais malignos. Contudo, esses seres também se conectam ao universo mitológico e ao sagrado, estratégia utilizada na narrativa para fazer crer naquilo que estar sendo enunciado.

Diante deste contexto, os cordelistas figuram como sujeitos possuidores de um dom divino cuja incumbência é alertar seu público ouvinte acerca das virtudes do bem e da condenação eterna para aqueles que não enxergam a *luz* (Jesus). Observemos que o sujeito Evangelista traz em seu próprio nome o lembrete de quem foi chamado para anunciar a palavra de Deus contida nos evangelhos bíblicos. Ele figura não como um ser demoníaco, mas como um ser de luz cuja missão é libertar a princesa das trevas que seu pai a mantinha. Para o poeta popular, o conde é o representante das obras malignas na trama. No acróstico acima, o sujeito discursivo retoma o turno da narrativa justamente para trazer um juízo de valor acerca da história contada e lembrar a seu enunciatário da verdade presente em seu discurso, considerando que o discurso contido no texto foi tecido a partir das intenções do enunciador em propagar sua verdade. Desse modo, é possível perceber que a narrativa foi conduzida em comum acordo com os valores cristãos.

Dando continuidade a este processo de discursivização, consideramos a seguir alguns aspectos pertinentes à semântica discursiva na obra, observando a configuração temática e figurativa que dão coerência à ideia sustentada pelo enunciador. Rodrigues (2006, p. 137) elucida que o "recurso temático-figurativo é responsável pela coerência do texto, amarrando os sentidos do texto à idéia geral, subjacente ao enunciador". Nesse sentido, os temas são desenhados por meio de figuras que concretizam a narrativa através das escolhas do enunciador, apresentando-nos a intenção por trás do texto em análise.

Para iniciarmos nossa classificação temática, destacamos o tema do amor como macrotema originador de outros temas em prisma menor (subtemas). O amor é a mola propulsora que motiva a ação do sujeito Evangelista na obra. "Pela força do amor / o rapaz se arriscava" (Rezende, 2011, p. 18). Nesse ínterim, de que tipo de amor estamos falando? No âmbito literário, a temática do amor instaura a possibilidade de várias frentes de pesquisa, sendo este instigado por: paixão, fruto do destino, motivado por rivalidades familiares ou descontentamento dos deuses, amores não correspondidos, traídos, trágicos, roubados, idealizados etc. A obra de Rezende (2011) traz o ideário do amor romântico (cortês) típico dos romances medievais, um amor perfeito caracterizado pela idealização à mulher (símbolo de beleza e perfeição) e pela expressão do sofrimento amoroso, como podemos perceber nos destaques das seguintes estrofes:

> — Seu conselho não me serve,
> Estou *impressionado*!
> *Rapaz* sem *moça bonita*
> É um *desaventurado*!
> Se eu, *não casar* com Creuza,
> *Findo os dias enforcado*.
>
> Quando Evangelista viu
> O *brilho* da *boniteza*.
>
> Disse: — vejo que meu mano
> Quis me falar com franqueza,
> Pois essa *gentil donzela*
> É *rainha da beleza*!

Como eu lhe *tenho amor*,
*Me arrisco* fora de hora.
*Moça, não negue o sim*
*A quem tanto lhe adora*!
(Rezende, 2011, p. 9, grifos nossos)

Nessas estrofes, destacamos como figuras que concretizam o tema do amor romântico as expressões: impressionado, rapaz, moça bonita, desaventurado, não casar, findo os dias enforcado, brilho, boniteza, gentil donzela, rainha da beleza, tenho amor, me arrisco, moça, não negue o sim, a quem tanto lhe adora. Essas figuras funcionam no discurso como materializações temáticas apontando a parte concreta de um plano mais abstrato da discursivização da significação (Rodrigues, 2006). O amor que Evangelista nutria por Creuza o levou a superar fronteiras de ordem geográficas e socioculturais, mesmo em face do perigo enfrentado pela oposição do conde arrogante, o pai da moça. Em "lhe consagrei muito amor! / sem você por minha esposa, / a vida não tem valor!" (Rezende, 20011, p. 16) é possível observar como ao longo do texto se mantém a recorrência de traços semânticos que remetem ao tema amoroso. Esse tema serve como desencadeador de outro tema, o da aventura, o qual se concretiza a partir de figuras apresentadas desde a primeira estrofe do texto, percorrendo toda a trama e aferindo sentido aos outros temas.

Vejamos os destaques a seguir em que se apresenta o cenário que dará dinamismo a narrativa por meio de situações que envolvem emoção, suspense e perigo, criando um verdadeiro simulacro do mundo:

Eu vou contar uma história
Dum pavão misterioso,
Que *levantou voo* da Grécia,
Com um *rapaz corajoso*,
*Raptando uma condessa*,
Filha dum *conde orgulhoso*
(Rezende, 2011, p. 1, grifos nossos).

A aventura enunciada consiste na performance que será desenvolvida por um rapaz corajoso ao viver as mais surpreendentes situações e desafios, como levantar voo da Grécia e raptar uma condessa que vivia seus dias presa num castelo pelo pai, o conde orgulhoso. Para que a fuga dos amantes se concretize, o herói viaja para uma terra estranha, se disfarça, enfrenta a perseguição dos soldados e numa reviravolta escapa das artimanhas do conde. Todos estes elementos figurativos da narrativa colaboram para o ideário da aventura amorosa, caracterizada por apresentar um herói valente, que enfrenta situações adversas; contudo, este não desiste dos sucessivos desafios e envolve-se numa sequência de peripécias para escapar das adversidades. Outras figuras no texto que concretizam o tema da aventura são: visitar o estrangeiro, deixar saudade, terra afastada, passear, embarcar, grande novidade, muito que contar, sair do meu país, vida em perigo, mares além, desaventurado, despediu-se, abraçou, choraram, triste separação, embarcação, disfarçado, meia-noite, madrugada, gritaram, perigo, desmaiou, plano sagaz, feitiço encantado, voando, rapaz se arriscava, coragem, vamos embora, fugindo no pavão, viagem aérea, liberdade etc.

Inclusive, ainda que a liberdade figure enquanto aporte do tema da aventura, podemos destacá-la como nosso tema subsequente, considerando que há na narrativa em análise uma forma de opressão vivenciada tanto pela donzela Creuza quanto pelo sujeito Evangelista que luta pela liberdade de viver seu amor sem interposições. Esse tema envolve complexidade e fascínio, podendo ser tomado enquanto objeto de estudo através de diferentes prismas nas narrativas literárias. As histórias míticas nos apresentam o tema da liberdade de modo bastante peculiar, revelando sua concepção associada à virtude de determinar o próprio destino, porém delimitando as consequências das ações e escolhas dos sujeitos. No meio filosófico, é atribuído a Aristóteles o pensamento de que a liberdade está fundamentada na possibilidade de realizar escolhas que sejam orientadas pela vontade.

Desse modo, ideias relacionadas à honra, à bravura, ao destino, à lealdade e à resistência à opressão, num misto de conflitos, perplexidades e obrigações traz à tona figuras que concretizam o tema da liberdade. Na estrofe a seguir, por exemplo, Creuza pondera acerca de sua vida por meio de uma espécie de monólogo:

> Disse Creuza: — Ora papai
> Me *priva* da liberdade
> *Não consente* que eu *goze*
> A *distração* da cidade!
> *Vivo* como *criminosa*,
> *Sem gozar* a *mocidade*!
> (Rezende, 2011, p. 23, grifos nossos)

A estrofe seguinte a esta inicia com a seguinte sentença: "Aqui não tenho direito" (Rezende, 2011, p. 23). Vemos que o enunciador utiliza a fala monóloga do sujeito discursivo com o fim de trazer a sensação de leitura do pensamento de seu intérprete. Na estrofe acima, o aspecto negativo aplicado a alguns termos funciona como um ampliador significativo que se opõe à liberdade, isto é, a significação contida em *priva*, *não consente*, *criminosa*, *sem gozar, não tenho direito,* por exemplo, dimensiona a visão do enunciatário quanto ao discurso que se quer fazer crer pelo enunciador num contexto disfórico.

De forma geral, a liberdade e a opressão são aspectos que se entrelaçam e se imbricam, considerando que a linguagem e o poder são indissociáveis (Fiorin, 1999). Há aqueles que traduzem a liberdade como o estado de ser livre, sem restrições opressivas impostas de forma autoritária. Nesse contexto, é possível pensar num vasto campo de possibilidades em favor da realização e integridade humana. De forma implícita, possivelmente há no cordel analisado uma crítica ao sistema de dominação patriarcal representado pelo conde, o pai de Creuza. É fato que ao longo da história, "a primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas" (Bourdieu, 2007, p. 45). Diante disto, a representação masculina rompe como parte dominante da relação com a mulher, algo que acaba sendo incorporado no senso comum como natural. Esse efeito de dominação simbólica se exerce nas ações sociais intervindo no controle das vontades. Muitas mulheres foram/são consideradas objetos de fetiche do poder à ordem masculina, como no caso da princesa Creuza, a qual vivia seus dias presa pelo pai e era exibida como uma espécie de troféu ano após ano.

Nesse sentido, buscamos expor o revestimento figurativo que concretiza a temática da liberdade no decorrer da trama, apresentando algumas figuras que se ordenam de forma indissociável, como: vou sair do meu país, está preso, fugiu o moço voando, sair desta cadeia,

vamos embora, minha viagem é aérea, vamos sair daqui, fugindo no pavão, saíste do cativeiro etc. Assim, o texto instaura o tema da liberdade (e os demais temas) por meio de uma estrutura discursiva que garante que o sentido seja captado em sua globalidade.

Outro tema que é possível levantar é o da fantasia, que instaura na obra um toque de mistério e magia/fascínio por meio de seres encantados e de elementos sobrenaturais que pertencem ao universo fantástico, como a performance do pavão misterioso. Observemos a estrofe a seguir:

> À meia noite o pavão
> Do muro se levantou:
> Com as lâmpadas apagadas,
> Como uma flecha voou.
> Bem no sobrado do conde
> Na cumeeira aterrou
> (Rezende, 2011, p. 13).

Encontramos na própria organização da trama uma coerência semântica de figuras que concretizam o tema da fantasia e suas nuances surreais: o pavão misterioso, o voo noturno, o mistério da meia-noite, o herói, a donzela, o castelo, o vilão, o monstro de alumínio, o encantamento, o perigo, a proibição, a serra azougada, o lenço enigmático, o casamento etc. São exemplos de como a fantasia/imaginação vai além da razão enunciada na história. O pavão é associado a uma diversidade simbólica presente nas culturas globais. Suas penas multicoloridas e brilhantes apresentam padrões que lembram olhos e/ou estrelas, figurando como símbolo do céu; são como os raios do sol e flechas prontas para a batalha. O pavão da narrativa em análise é um ser fantástico, científico e misterioso, isto é, híbrido, fabricado de alumínio, movido a motor elétrico, tinha cauda como leque, não fazia barulho, voava igual ao vento, aeroplano que armava e se desarmava no aperto de um botão, um "monstro de olhos de fogo" (Rezende, 2011, p. 26); figuras que remontam o universo da fantasia, mas também apontam um cenário tecnológico e inovador.

Desse modo, uma reflexão pertinente que pode ser levantada em *O romance do pavão misterioso* é acerca da oposição semântica tradição x modernidade, ou seja, dois temas que se contrapõem e que rememoram valores e costumes de tempos e lugares divergentes. Como figura principal que remete à tradição, temos a performance do conde arrogante, patriarcalista, controlador. Quanto ao tema da modernidade, temos as figuras dos atores Evangelista e Edmundo, sujeitos que utilizam a ciência em prol do desenvolvimento social e tecnológico, e para realizar seus propósitos e ambições. Vejamos as estrofes a seguir:

> O conde não consentiu
> Outro homem educá-la
> *Só ele*, como pai dela
> Teve *o poder de ensiná-la*
> *Será morto o criado*
> Que dela escutar a fala [...]
> (Rezende, 2011, p. 4).
> Eu fiz um *aeroplano*
> Da *forma de um pavão*
> Que *se arma e se desarma*
> *Comprimindo um botão*
> E carrega doze arrobas
> Três léguas acima do chão
> (Rezende, 2011, p. 12, grifos nossos).

Como representante basilar do tema da tradição no texto, o pai de Creuza rememora uma tradição regionalista no contexto nordestino, caracterizada pela submissão das mulheres ao patriarcado, isto é, ao coronelismo. Em sua performance como Oponente/antagonista da trama, o ator remonta à figura dos coronéis, muito comuns nas práticas políticas e sociais desde os tempos imperiais na região Nordeste, trazendo à tona preceitos vinculados à nobreza e à religião. Na primeira estrofe acima, vemos este ideário traduzido no fato do autoritarismo do conde em não consentir a educação da filha a ninguém, pois somente ele teria este poder. Quem ousasse apenas conversar com sua filha, ainda que fosse um criado, seria condenado a morte. Assim, constatamos figuras que concretizam o tema da tradição, como por exemplo: o conde não consentiu, só ele, o poder de ensiná-la, será morto o criado, mais soberbo do que Nero, potentado, desembainhou a espada, berrando, soltando praga, colérico como um leão, eu mato, fidalgo tão rico, anjo ou satanás, soldados, ordem do conde, está preso, um pouco de bala, o moço é o cão, rangeu os dentes, eu sou quem venço, raiva etc.

Na segunda estrofe acima é possível notar que o enunciador lança um olhar futurista na obra, demonstrando ser sabedor de um conhecimento visionário por meio da exploração de aspectos que permeia a ficção científica. Tendo em vista que primeira versão do texto data de 1923, a máquina fantástica inventada pelo sujeito Edmundo apresenta-se como um verdadeiro protótipo futurista (profético?), inovador para a época, pensado como meio de transporte que se configuraria numa época vindoura. O imaginário do voo misterioso, que traz a liberdade, tem raízes nos mais remotos mitos, como *O sonho de Ícaro*, ou mesmo no tapete mágico da história de *Aladim e a lâmpada mágica*, presente na coleção de contos *As mil e uma noites*. Este ideário pode ter sido concretizado na arquitetura dos modernos aviões, ou mais provavelmente em algo que se assemelha a um helicóptero em nossos dias, pois o aparelho, a partir de um simples apertar de um botão, voava tanto na vertical quanto na horizontal. Outras alusões à tecnologia podem ser observadas tanto no início da trama, momento em que vários fotógrafos se empurram com o fim de tirar um retrato de Creuza, quanto no final, quando Creuza e Evangelista recebem um telegrama avisando da morte do conde e da herança a ser recebida pelo casal.

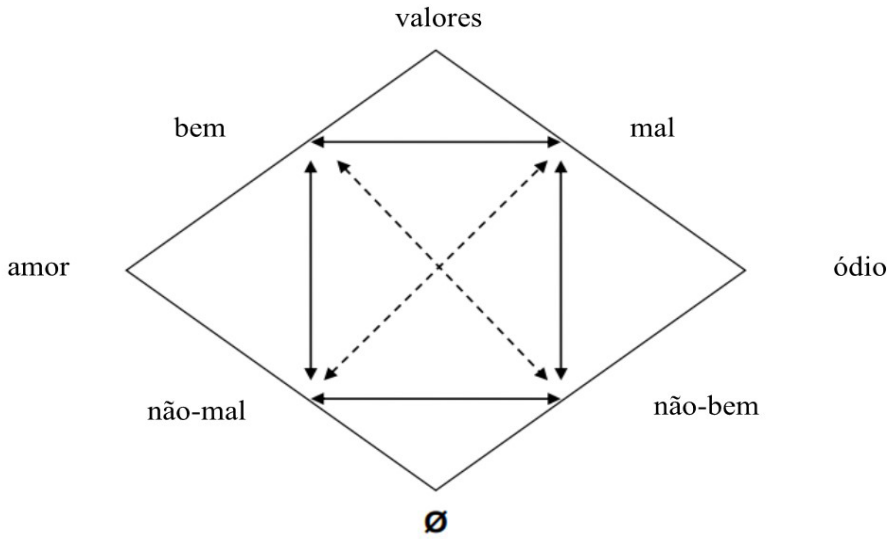
Destacamos como figuras que remontam o olhar futurista do enunciador e que tematizam a modernidade: aeroplano, forma de um pavão, se arma e se desarma, comprimindo um botão, três léguas acima do chão. No texto, acrescentam-se a estas figuras a performance dos sujeitos Evangelista e Edmundo, e expressões do tipo: foram experimentar, a alavanca e a chave, carregaram no botão, maneiro como balão, velocidade, cortando pelo espaço, minha invenção, fizemos experiência, entre outras que nos possibilitam enxergar a concretude em torno do tema da modernidade. Como veremos no tópico a seguir, que trata da estrutura fundamental da obra, neste caso, a tradição recebe uma marca disfórica, enquanto a modernidade, eufórica.

## 3.3 Análise da estrutura fundamental

A análise das estruturas narrativas e discursivas de *O romance do pavão misterioso* permitiu a constatação de alguns sistemas de valores próprios do universo das narrativas fantásticas que neste tópico foram sistematizados por meio de octógonos semióticos cuja significação foi obtida por meio de oposições semânticas. Para tanto, as oposições semânticas binárias básicas evidenciadas no estudo foram as seguintes: bem x mal, liberdade x opressão, modernidade x tradição. Estes conflitos podem ser constatados por meio da relação entre Evangelista,

Creuza e o conde orgulhoso. Assim sendo, a relação que se estabelece entre os contrários bem x mal pode ser visualizada no octógono semiótico da seguinte forma:

Figura 2 – Tensão dialética da narrativa




Fonte: produzida pelos autores.

A oposição semântica presente no eixo positivo da tensão dialética da narrativa gera um conflito caracterizado pelo metatermo *valores*. O eixo negativo, visualizado na parte inferior do octógono, é composto pelos contraditórios *não-mal* e *não-bem*, determinando a inexistência semiótica a partir do metatermo neutro Ø. Do lado esquerdo do octógono, temos a relação entre a dêixis positiva *bem* e a dêixis negativa *não-mal*, implicando o metatermo *amor*. Do lado direito, vemos a relação entre a dêixis positiva *mal* e a dêixis negativa *não-bem*, que implica no metatermo ódio. Esta oposição é vista na relação entre Evangelista e o conde orgulhoso. Evangelista figura como protagonista e herói (ser de luz) da trama; age em defesa do bem movido pelo amor, o que o levará a união com sua amada donzela, Creuza. O conde é o antagonista e vilão (ser das trevas); movido pelo ódio, ele busca de todos os modos manter Creuza aprisionada no castelo. Contudo, sua atitude arrogante o levará a perder sua filha.

No contexto do conhecimento e da moralidade, o maniqueísmo[4] evidenciava o confronto atemporal entre o *Bem* e o *Mal* como uma forma de reflexão sobre essas naturezas opostas e a coexistência delas em qualquer indivíduo e na humanidade. No cordel, o mal personifica o conde, o qual busca impedir o jovem casal de realizar seu desejo pleno para alcançar a felicidade/integridade. Nesse ínterim, o amor x o *ódio* são contradições que arquitetam o elemento primário das paixões, pois o ódio também é uma forma de paixão, ainda que a este seja imposto uma condição de maldito/condenação ao silenciamento pelo recalque moral das idealizações (Mariguela, 2014). Em sua síntese dialética entre o amor e o ódio, Lacan (1985) traz à tona o neologismo *amódio,* com o intuito de fazer entender que o amor advém da carência de algo, assim

[4] Filosofia religiosa sincrética e dualística ou mesmo qualquer visão de mundo que evidencia um conflito cósmico entre poderes opostos, como o reino da luz (o Bem) e o reino das sombras (o Mal).

como o ódio se mostra como um sintoma da falta de algo que não pode ser preenchido. Desse modo, todos somo seres amódicos que amamos e odiamos, muitas vezes o mesmo objeto.

Contudo, o ódio do conde arrogante associa-se a algo indesejável que se mostra em sua fúria/raiva, cólera, agressividade, autoritarismo e crueldade, afetando a paz e harmonia que só o poder do amor pode proporcionar ao casal. O amor é motivado pelo querer bem e pelo desejo de estar junto (pretensão de Evangelista); por outro lado, o ódio não só causa uma espécie de aversão, como busca a destruição do objeto antes amado (pretensão do conde). Se ao bem associa-se à paz, o amor e as coisas do plano celestial (Deus), ao mal temos o ideário de guerra, de ódio, o qual é personificado muitas vezes na figura do diabo. Tal evidência constitui um fato ideológico que compõe a moral do enunciador da obra em análise.

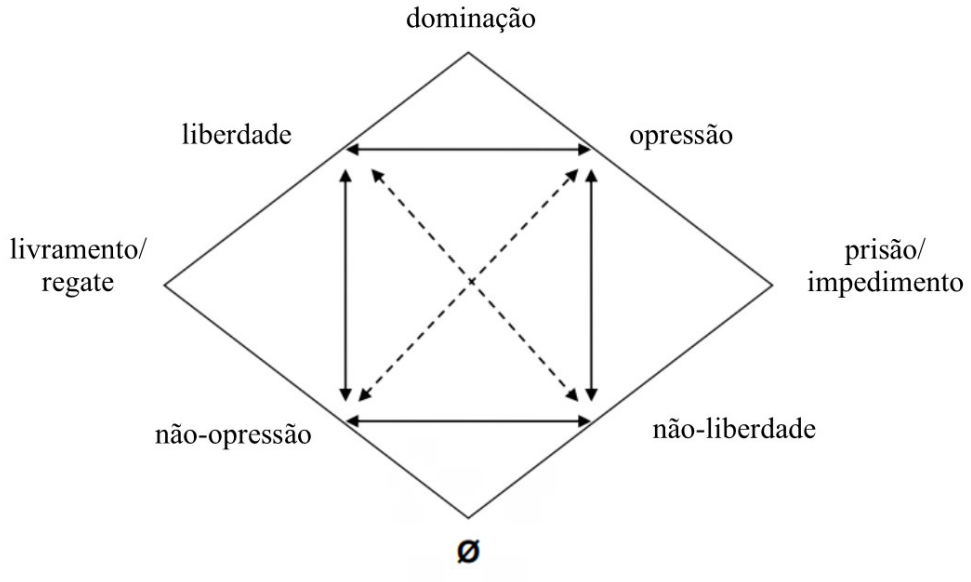
Desse modo, é possível constatar, na relação bem x mal, que o enunciador direciona uma leitura que põe em evidência duas naturezas que se mostram antagônicas, as quais configuram essencialmente a construção das tramas pertencentes ao universo dos contos de fadas. Na obra, a luta constante entre o bem e o mal é atualizada; o bem prevalece contra o mal. Assim, o enunciador expõe o caráter eufórico que configura o bem (Evangelista), tal como o caráter disfórico que arquiteta o mal (o conde). Um terá como recompensa o amor, efetivado pela conquista da donzela e a consumação do casamento; e o outro, pelo mal praticado e o ódio destilado, receberá a morte como punição. Em síntese temos:

mal (disfórico) → não-mal → bem (eufórico)

bem (eufórico) → não-bem → mal (disfórico)

Dando continuidade, destacamos outra relação fundamental na trama em análise, a qual se estabelece entre os contraditórios liberdade x opressão. Esta relação pode ser visualizada no octógono semiótico da seguinte forma:

Figura 3 – Tensão dialética da narrativa




Fonte: produzida pelos autores.

Na parte superior do octógono semiótico, no eixo positivo, temos a relação estabelecida entre os contrários liberdade x opressão. A oposição semântica gera um conflito caracterizado pelo metatermo *dominação*. Na parte inferior, no eixo negativo do octógono semiótico, a relação mantida entre os contraditórios não-opressão x não-liberdade resulta no metatermo neutro Ø. A relação entre a dêixis positiva *liberdade* e a dêixis negativa *não-opressão* gera, do lado esquerdo do octógono semiótico, o metatermo *livramento/resgate*. Já a relação estabelecida entre a dêixis positiva *opressão* mais a dêixis negativa *não-liberdade*, do lado direito do octógono semiótico, gera o metatermo *prisão/impedimento*.

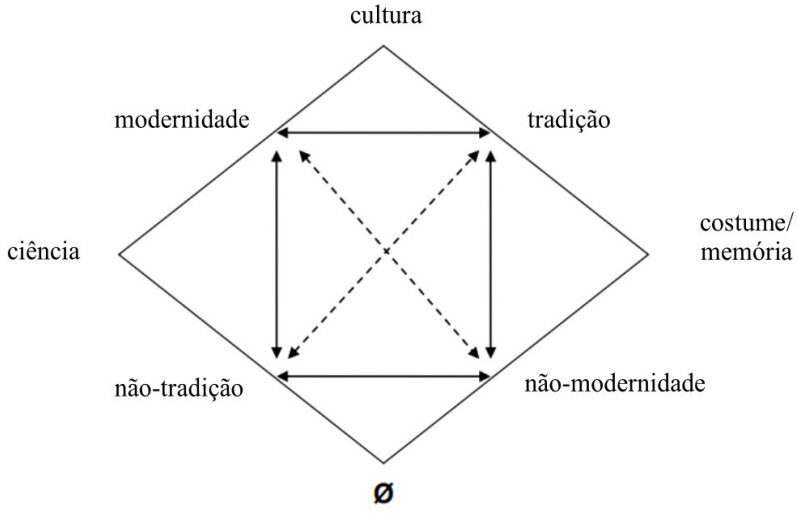
Na narrativa, constatamos essa relação de *liberdade* e *opressão* evidenciada por meio do sonho de liberdade do jovem casal (Evangelista e Creuza) em detrimento do autoritarismo/artimanhas arquitetado pelo conde orgulhoso. Creuza inicia seu percurso em disjunção com sua liberdade, sendo impedida de escolher seu próprio destino, bem como um companheiro para casar, devido a censura/privação que sofria de seu pai. Ao ser resgatada por Evangelista, ela encontra o livramento e entra em conjunção com sua liberdade, seu Objeto de valor. Evangelista também inicia em disjunção com a liberdade de viver seu amor, contudo finaliza em conjunção ao vencer seu Oponente, raptar a condessa e casar com ela, de modo que ao término de seu percurso "gozava imensa alegria" (Rezende, 2011, p. 28). Nesse sentido, temos duas orientações de leitura: uma que nos faz crer que a liberdade é o meio que leva ao verdadeiro amor e à salvação/libertação (aspecto eufórico), e outra que sustenta a ideia de que a opressão conduz os indivíduos à perdição (aspecto disfórico). Em síntese temos:

opressão (disfórico) → não-opressão → liberdade (eufórico)

liberdade (eufórico) → não-liberdade → opressão (disfórico)

Em seguida, descrevemos a relação que se estabelece entre os contrários modernidade x tradição, visualizada no octógono semiótico:

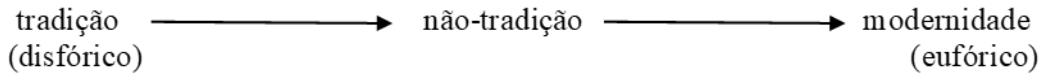
Figura 4 – Tensão dialética da narrativa




Fonte: produzida pelos autores.

Examinando o octógono semiótico, pudemos ver a organização dessa narrativa que se dá mediante a relação entre os contrários modernidade x tradição, encabeçada pelo metatermo complexo *cultura*, a relação entre os contraditórios não-tradição x não-modernidade, estabelecida no eixo negativo do octógono semiótico, dá ensejo ao surgimento do metatermo neutro Ø. Do lado esquerdo do octógono semiótico, a relação entre a dêixis positiva *modernidade* e a dêixis negativa *não-tradição* gera o metatermo *ciência* Do lado direito do octógono semiótico, a relação entre a dêixis positiva *tradição* mais a dêixis negativa *não-modernidade*, promove o aparecimento do metatermo *costume/memória*.

A depender do contexto, é evidente que a ciência pode demonstrar um caráter negativo causando um efeito colateral nocivo à sociedade, e a tradição figurar como uma base sólida, conselheira. Contudo, no texto em análise a tradição é representada pelo conde, pai de Creuza, sujeito discursivo detentor de hábitos e costumes advindos de uma tradição patriarcal e conservadora que recebe uma marcação disfórica pelo contexto negativo das ações do ator. A modernidade tem sua representação no olhar futurista do enunciador ao trazer à tona figuras que apontam para o lado positivo do uso da ciência e da tecnologia, através da invenção fantástica do pavão misterioso e de outros artifícios expostos ao longo da narrativa. Desse modo, há uma orientação de leitura que nos possibilita enxergar que a modernidade recebe uma marcação eufórica, pois é por meio dela que Evangelista alcança seus objetivos e realiza seu desejo de raptar e casar com a donzela Creuza. Em síntese temos:




A articulação entre os três octógonos semióticos (bem x mal, liberdade x opressão e modernidade x tradição) revela os sistemas de valores que estruturam, em nível profundo, a narrativa de *O romance do pavão misterioso*. No eixo bem x mal, observa-se a construção de Evangelista como herói virtuoso e de Creuza como figura idealizada, em contraste com o conde, que encarna o orgulho, a tirania e o abuso de poder, aspectos vinculados ao mal. Essa oposição está intrinsecamente relacionada ao segundo octógono, liberdade x opressão, no qual a fuga de Creuza da torre, símbolo da reclusão forçada e do controle patriarcal, representa a busca pela libertação, mediada pela intervenção heroica de Evangelista. Já o eixo modernidade x tradição se materializa na presença de elementos técnicos e fantásticos, como a construção da máquina voadora, que introduz a modernidade no seio de um universo tradicional e oral, desafiando os limites impostos pelas convenções sociais e culturais. Assim, esses sistemas de valores organizam o enredo e ressignificam os conflitos, evidenciando a permanência e a reinvenção de estruturas simbólicas no imaginário popular.

## 4 Considerações sobre o dito

Neste trabalho realizamos a análise de um clássico da literatura de cordel a partir de uma abordagem semiótica discursiva/greimasiana. Como vimos, ao interpretar/analisar um texto, a semiótica idealizada por Greimas procura explicar e descrever o que o texto diz e como faz para dizer o que diz, tendo em vista os aspectos enunciativos, semânticos e sintáticos (Barros, 2005). Dessa forma, por meio do percurso gerativo de sentido chegamos à significação expressa

pela narrativa fantástica de Rezende (2011), identificando as estruturas narrativas, discursivas e fundamentais da obra. No itinerário de nosso estudo, ressaltamos que esses mecanismos vão além de criar efeitos de sentido, como o da subjetividade e o da objetividade na obra, uma vez que eles são procedimentos ideológicos estruturais presentes na superfície do discurso.

Encontramos em *O romance do pavão misterioso* uma conjuntura semiótica que aponta para o universo dos contos maravilhosos e as novelas de cavalaria medievais em conexão com elementos da cultura popular nordestina (a religiosidade, a tradição regionalista etc.). A análise das estruturas narrativas evidenciou a atualização de valores e o exame das paixões que aludem às relações entre sujeitos e objetos na obra. De forma geral, inicialmente, encontramos um sujeito em estado de disjunção com seu objeto de valor: um sujeito (ser querente) que deseja um objeto (ser querido), numa relação de coexistência. Esta relação sustenta a narratividade da obra, revelando as transformações de estado que amparam a narrativa. No desfecho da trama, observamos que o sujeito principal realizou sua performance com êxito ao ser qualificado e dotado da competência para tal façanha.

Por meio da sintaxe do discurso, observamos os procedimentos de actorialização, espacialização e temporalização a partir dos mecanismos de embreagem e debreagem presentes na obra. Pelo processo de embreagem, contemplamos na conjuntura textual os traços que possibilitaram a identificação dos constituintes da enunciação, ou seja, a pessoa, o tempo e o espaço da enunciação. Nesse meio, a sintaxe discursiva também deu conta dos procedimentos de argumentação que o enunciador faz uso para que o enunciatário aceite seu discurso, considerando que o fazer-crer é um componente essencial do processo comunicacional.

No âmbito semântico e discursivo, enveredamos pelo processo de discursivização do percurso narrativo, apontando artifícios sintático-discursivos que foram usados pelo enunciador com o fim de nos apresentar, enquanto destinatários idealizados por ele, o discurso maravilhoso que se faz presente no folheto. Nesse ínterim, a partir da configuração temática e figurativa que dão coerência a ideia sustentada pelo enunciador, compreendemos que os temas são a condição para a existência das figuras, e que o percurso de figurativização depende dos temas, numa espécie de simbiose de funcionamento, os seja, não há exclusão, mas um processo de complementariedade na obra.

A análise do nível fundamental revelou sistemas de valores que confirmam as hipóteses inicialmente levantadas: a diegese de *O romance do pavão misterioso* se inscreve no universo dos contos maravilhosos, com raízes profundamente ancoradas na tradição oral e em diálogo direto com elementos característicos da cultura popular nordestina. A sistematização, através de octógonos semióticos, demonstrou as oposições semânticas básicas da obra a partir dos conflitos manifestos entre os principais actantes. Confirmamos que as orientações de leitura estão imbricadas no discurso ideológico que representa o contexto sociocultural e histórico do enunciador.

À vista disso, concluímos que *O romance do pavão misterioso* se apresenta na tradição dos folhetos de feira como expressão sociocultural e histórica de evocação das vozes e das escrituras do imaginário popular nordestino atualizadas nas práticas discursivas e sociossemióticas do povo brasileiro (Rodrigues, 2018). Desse modo, o cordel brasileiro coloca em cena um universo temático bastante expressivo, notabilizando narrativas fantásticas que vinculam histórias de luta e resistência dos sujeitos por meio de estruturas discursivas imbuídas de um teor ideológico e que articula símbolos de memória e de identidade. "Uma memória de representação de sujeitos que performatizam suas crenças e tradições pela dinamicidade da língua(gem) e seu caráter histórico-cultural" (Silva; Rodrigues, 2022). Portanto, a pesquisa

demonstrou o caráter dinâmico e atualizador da literatura de cordel a partir de uma abordagem de leitura semiótica que colocou em cena o estudo do texto de tradição oral.

Como possibilidade de desdobramento para pesquisas futuras, consideramos pertinente ampliar os estudos semióticos sobre a literatura de cordel brasileira, sobretudo a partir de análises comparativas entre diferentes ciclos temáticos, autores e tradições regionais, investigando os modos pelos quais o imaginário popular nordestino se atualiza nas práticas discursivas contemporâneas. Novas abordagens podem aprofundar as relações entre oralidade, memória, identidade cultural e produção de sentidos no âmbito da cultura popular brasileira. Nesse contexto, os estudos sociossemióticos e discursivos apresentam um vasto campo de exploração teórica e analítica que contribuem para a valorização de manifestações culturais historicamente relevantes no espaço acadêmico.

## Declaração de autoria

Rodrigo Nunes da Silva: participou da elaboração da fundamentação teórica, apresentando a conceituação necessária e metodologia para o estudo. Ficou responsável pela primeira versão da análise do *corpus* e curadoria de dados. Foi dele a primeira versão do texto do artigo: organização dos tópicos, construção de figuras etc. Por ser pesquisador de curso de doutorado, obteve financiamento da Capes para o desenvolvimento do estudo, sendo o responsável pela gestão de recursos do projeto.

Linduarte Pereira Rodrigues: atuou na supervisão e gestão do Projeto de Pesquisa. Ficou responsável pelas reelaborações da fundamentação teórica, avaliando e validando os conceitos, a metodologia e a análise dos dados gerados pelo estudo. Foi consultado nas fases de elaboração e reelaboração do texto para o delineamento das ideias apresentadas, discussão e interpretação dos resultados apresentados pelo estudo. Se encarregou da revisão/edição do texto final do artigo submetido ao periódico.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências

BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso*: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EdUSC, 2003.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 5. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COURTÈS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Portugal: Almedina. 1979.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, J. L. O que é semiótica? *In*: FIORIN, J. L.; LIMOLI, L.; SIGNORI, M. B. D.; PEREIRA, J. (org.). *A semiótica greimasiana no audiovisual*: da teoria à prática. [*S. l.*: *s. n.*], 2022. *E-book.* Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/08/Semiotica_Greimasiana_da_Teoria_a_pratic.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *Delta*: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 15, n. 1, 1999. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/43355. Acesso em: 25 mar. 2024.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J. *et al*. *Ensaios de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LACAN, J. *O Seminário*, *livro 20*: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MARIGUELA, M. Amor e ódio: as paixões primárias. *Márcio Mariguela*, 16 jun. 2014. *Weblog*. Disponível em: https://marciomariguela.com.br/amor-e-odio-as-paixoes-primarias/. Acesso em: 20 mar. 2024.

PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso*. São Paulo: CopyMarket.com, 2001.

REZENDE, J. C. M. *O romance do pavão misterioso.* Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2011.

RODRIGUES, H. F. Semiótica e Enunciação: considerações teóricas. *Revista Investigações*, v. 27, n. 2, p. 1-21, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/526/947. Acesso em: 22 jul. 2024.

RODRIGUES, L. P. Memória e documento: o cordel, monumento da cultura das vozes. *In*: ASSUNÇÃO, L.; MELLO, B. A. A. (org.). *Paul Zumthor*: memória das vozes. São Paulo: Assimetria Editora, 2018. p. 221-249.

RODRIGUES, L. P. *O apocalipse na literatura de cordel*: uma abordagem semiótica. 2006. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RODRIGUES, L. P. Por uma linguística da prática. *In*: ATAÍDE, C. *et al* (org.). *GELNE 40 anos*: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literatura. São Paulo: Blucher Open Acces, 2017. p. 70-90.

ROUANET, S. P. *A razão n*ômade. Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, R. N.; RODRIGUES, L. P. Arquitetura de capa dos folhetos de cordel: tradição e modernidade. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, 2022, p. 175-208. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18376. Acesso em: 25 mar. 2024.

SOURIAU, E. *As duzentas mil situações dramáticas*. Tradução Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Ática, 1993.

v. 34, n. 2, p. 86–102, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.86–102
Submetido em: 10/09/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Colorismo em metáfora: uma análise conceitual e ideológica da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES

## *Colorism in Metaphor: A Conceptual and Ideological Analysis of the Metaphor COLORISM IS A COLOR PALETTE*

**Cláudio Márcio do Carmo**
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) | São João del-Rei | MG | BR
CNPq
claudius@ufsj.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-0677-8302

**Natália Elvira Sperandio**
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) | São João del-Rei | MG | BR
CNPq
nataliasperandio@ufsj.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-3912-1892

**Resumo:** Este trabalho teve a pretensão de refletir sobre o colorismo, também chamado de pigmentocracia, a partir da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES. Para tanto, assumiu-se a perspectiva teórica da metáfora multimodal, de maneira a prover insumo para problematizar o construto classificacional da sociedade brasileira baseado em cores e analisar os diferentes processos sociais nele envolvidos. Com isso em mente, buscaram-se, como arcabouço teórico, trabalhos que relacionam discurso e ideologia, em especial Hodge, Kress e Jones (1979), Fairclough (1989) e Bessa e Sato (2018), juntamente com Lakoff e Johnson (1980, 1999), Forceville (1996, 2008, 2009), Johnson (2017) e Sperandio (2019, 2020), para tratar das questões relacionadas à construção conceitual do termo Colorismo pelo viés cognitivo. A metodologia empregada se baseou na análise crítica dos referenciais teóricos, articulando conceitos oriundos da Linguística Cognitiva e dos estudos discursivos. A análise apontou para um sistema de relações humanas excludentes e para a necessidade de repensar as formas de avaliação humana de maneira respeitosa e, por isso, contrária às formas de discriminação e injustiça, que, ligadas a um preconceito histórico, relega grande parte da população à subalternidade, sendo um entrave para sua ascensão social.

**Palavras-chave:** colorismo; classificação social; metáfora multimodal.

**Abstract:** This work aimed to reflect on colorism, also called pigmentocracy, using the metaphor COLORISM IS A COLOR PALETTE. Assuming the theoretical perspective of

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

multimodal metaphor, it provides input to problematize the classification construct of Brazilian society based on colors and analyzes the different social processes involved. The theoretical framework relates discourse and ideology. In particular, it draws on the works of Hodge, Kress and Jones (1979), Fairclough (1989); Bessa and Sato (2018); Lakoff and Johnson (1980, 1999); Forceville (1996, 2008, 2009); Johnson (2017); and Sperandio (2019, 2020). These sources are used to address issues related to the conceitual construction of the term Colorism from a cognitive perspective. The methodology was based on a critical analysis of theoretical frameworks that articulated concepts from Cognitive Linguistics and Discourse Studies. The analysis revealed a system of exclusionary human relations and the necessity of rethinking forms of human evaluation in a respectful manner. This is contrary to forms of discrimination and injustice that are linked to historical prejudice and relegate a significant portion of the population to subalternity, thereby hindering their social advancement.

**Keywords:** colorism; social classification; multimodal metaphor.

## 1 Introdução

Este texto pretende fazer uma reflexão sobre o chamado colorismo como uma metáfora multimodal. A partir desse ponto de vista, pretendemos problematizar o construto classificacional da sociedade brasileira baseado em cores e analisar os diferentes processos sociais nele envolvidos.

Para tanto, valemo-nos, conjuntamente, da Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988; Machin; Mayr, 2012) e da Teoria da Metáfora Multimodal (Charteris-Black, 2004; Forceville, 2008; Sperandio, 2019, 2020), bem como aspectos relevantes do que consubstancia o racismo e o colorismo na sociedade a partir, principalmente, de Hasenbalg (1979), Walker (1983), Munanga (1999), Bernardino (2002), Carneiro (2011), Devulsky (2021) e Oyěwùmí (2025), de forma a prosseguir com estudos, os quais procuram problematizar os construtos sociais, que são criados com base em aspectos cromáticos e pigmentocráticos (Silva, 2017; Francisco, 2018; Harris, 2021; Carmo, 2021).

Objetivamos, de forma estreita, perceber as relações e processos ideológicos envolvidos no sistema de classificação humano baseado em cores, partindo do pressuposto de que a metáfora do colorismo encapsula, dissemina e mantém um sistema de relações humanas excludente, que precisa ser revisto.

A perspectiva da metáfora multimodal nos parece importante para esclarecimento do que está por trás do elemento pigmentocrático da sociedade brasileira, podendo contribuir,

de forma arguta, para, com base na compreensão do fenômeno colorismo, problematizar esse construto em busca de uma sociedade mais justa para todos os segmentos sociais.

Para consecução de nossa proposta, dividimos o texto em quatro seções assim dispostas: "Nos domínios da Semiótica Social", abordagem a partir da qual se abre espaço para análise dos diferentes modos semióticos de construção dos textos, numa relação crítica entre linguagem e sociedade, bem como para os processos ideológicos nela envolvidos; "Nos domínios das metáforas multimodais", em que buscamos esclarecer um pequeno percurso sobre a metáfora, para chegarmos, especificamente, às metáforas multimodais, que são o objeto da presente análise; "Nos domínios do colorismo", dedicada ao tema em si a partir de diferentes prismas; e "COLORISMO É PALETA DE CORES: uma metáfora, muitos vieses", na qual analisamos o colorismo, sob o prisma metafórico, em textos multimodais. A essas seções, seguem as considerações finais e as referências.

## 2 Nos domínios da Semiótica Social

Uma questão, que sempre é levantada quando se trabalha com semiótica, diz respeito aos termos semiótica e semiologia. Como não é nosso objetivo tratar dessas distinções, assumiremos a posição geral proposta por Edgar e Sedgwick (2003, p. 296), de que "os termos 'semiótica' e 'semiologia' referem-se de semelhante forma à teoria dos signos, e, portanto, à forma pela qual um estudo de signos e sistemas de signos pode explicar problemas de significado e comunicação". Porém, de maneira mais específica, trabalharemos nos domínios da Semiótica Social em associação com os nove modos como um sistema de signos pode ser interpretado de acordo com Forceville (2009), o que será explicado na próxima seção. Assim, entenderemos semiótica como

> o estudo geral da *semiose*, dos processos e efeitos da produção, reprodução e circulação de significados em todas as formas, usados por todos os tipos de agentes da comunicação [levando em consideração] os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana (Hodge; Kress, 1988, p. 261, grifo nosso).

A Semiótica Social nasceu com o objetivo de analisar os signos na sociedade, por isso busca estudar as trocas de mensagens no processo comunicacional. Para ela, a escolha dos signos e a construção dos discursos são socioculturalmente motivados e movidos por interesses específicos, representando porções do mundo em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, podemos analisar uma "paisagem semiótica", ou seja, a forma ou o modo como um processo comunicacional se ambienta, se configura e se desenvolve (ver, para mais esclarecimentos, Kress e van Leeuwen, 2001, 2006). Conjugando a abordagem das metáforas multimodais com os princípios da Semiótica Social, pretendemos adentrar no universo da paisagem semiótica do colorismo no contexto brasileiro.

Como destacam Machin e Mayr (2012, p. 26),

> é importante perceber que discursos e ideologias não são simplesmente para serem encontrados em textos oficiais e da mídia. A semiótica social vê o indivíduo como

> envolvido em redes de relações sociais onde todos nós estamos comunicando, produzindo signos por meio de escolhas semióticas (Machin; Mayr, 2012, p. 26).

Nesse contexto, como explicam Bessa e Sato (2018, p. 125), a "ideologia [é o elemento que] estabelece sentidos e representações que trazem vantagens para grupos específicos, contribuindo para que surjam ou se sustentem as relações de poder". Assim, compreendendo os signos como socioculturalmente motivados, torna-se mister perceber a própria produção sígnica e de sentido como ideologicamente construída, tendo em vista que são materializações ideológicas, pois, como nos chama atenção Bakhtin (1988), refletem e refratam realidades. Nesse processo, visões de mundo são construídas numa arena nem sempre amistosa, mas envoltas em relações de poder e lutas hegemônicas, que orientam a produção dos textos e das mensagens neles contidas.

Para Hodge e Kress (1988, p. 5), "a mensagem tem direcionalidade — ela tem uma origem e uma meta, um contexto social e um objetivo", e muitas mensagens são construídas metaforicamente, especialmente quando da definição dos lugares e das relações sociais ou dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos. Como já observaram Edgar e Sedgwick (2003, p. 241), "papel" deve ser entendido como "uma útil metáfora para as atividades sociais que os membros da sociedade assumem em sua vida diária". Resta-nos problematizar construtos desiguais, que compelem os indivíduos a subjugar outros, quando produzem realidades sociais injustas, mantidas por meio de recursos linguístico-discursivos e semióticos, que buscam naturalizá-las. Aqui, de forma específica, pretendemos adentrar no universo sociocultural e ideológico da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES.

Hodge, Kress e Jones (1979, p. 81), por exemplo, nos chamam atenção para o fato de as ideologias serem "conjuntos de ideias envolvidas no ordenamento da experiência, produzindo sentido no mundo" e pondo em destaque a relação entre linguagem e ideologia. Esse aspecto da ordenação da experiência, para nós, torna-se um elemento relevante de conexão com a metáfora. Para os autores, o estudo dos processos ideológicos requer um olhar para a linguagem, já que é por meio dela que as ideologias se tornam observáveis. Como os autores, nesse estudo, trabalham de forma específica com a linguagem verbal, cabe aqui, na nossa abordagem, a expansão para diferentes linguagens e, mais que isso, para os vários modos semióticos de construção dos textos em geral e das metáforas neles engendradas, conforme vimos delineando como aporte teórico para análise do fenômeno colorismo. A metáfora é fundamental na medida em que é uma produtiva forma de organização do pensamento, produzindo representações de mundo. Nesse sentido e como veremos na próxima seção, "a seleção dessas representações não é arbitrária; ela é guiada por aspectos culturalmente compartilhados e relevantes do domínio de origem, criando um ponto focal de significado que é então projetado no domínio alvo" (Khalifah; Zibin; Altakhaineh, 2026, p. 147).

Machin e Mayr (2012, p. 164) observam que "nós entendemos e experienciamos o mundo por meio de redes de metáforas culturalmente estabelecidas" ou, no dizer de Gee (1999, p. 69), "metáforas são uma rica fonte de modelos culturais"; logo, podem nos levar à compreensão de aspectos relevantes das construções de mundo e da própria organização social. Assim:

> As palavras e imagens que escolhemos são significativas em termos dos tipos de associações que elas produzem para nós. A semiótica social entende a comunica-

> ção como processo de seleção de recursos a partir de redes de opções disponíveis para produzir e interpretar textos (Roderick, 2016, p. 62).

A metáfora, como uma fonte de produção de sentido e experienciação, pode se dar tanto verbalmente quanto por outro modo semiótico; por isso, Fairclough (1989) pontua que qualquer aspecto da experiência pode ser representado de forma metafórica, sendo que essa representação é revestida ideologicamente. "A escolha da metáfora para descrever uma situação em um domínio particular constrói a estrutura desse domínio de uma maneira particular que difere dependendo da metáfora escolhida" (Croft; Cruse, 2004, p. 55). Ela, então, provê insumo para abordagem de diferentes perspectivas, que orientam sua produção e a própria construção do mundo.

## 3 Nos domínios das metáforas multimodais

Para compreendermos, de forma mais apropriada, a metáfora do colorismo, tomada como objeto de estudo neste trabalho, destinaremos esta seção aos estudos a ela dedicados, dando destaque às classificadas como multimodais. Estamos partindo do princípio de que essas metáforas, além de serem as responsáveis pela ativação e compreensão do domínio conceitual colorismo, acabam influenciando as ações e atitudes perante os sujeitos que possuem sua identidade atrelada à cor da sua pele e, com isso, as responsáveis por uma das formas de discriminação e por vários tipos de preconceito.

Como é de amplo conhecimento no contexto da Linguística Cognitiva, os estudos dedicados ao processo metafórico ganharam destaque por meio do trabalho seminal apresentado por Lakoff e Johnson (1980), com a proposição da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Nessa proposta, a metáfora passa a ser concebida como imprescindível elemento presente na estruturação de nosso pensamento e de nossa ação, sendo concebida como uma maneira de experienciarmos e compreendermos um domínio conceitual por meio do outro. Desse modo, passamos a ter a notação DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, presente na conceitualização de categorias resultantes desse tropo. Um significativo aspecto a ser considerado nesta proposta diz respeito ao fato de a mente ser inerentemente corporificada e a razão moldada pelo corpo (Lakoff; Johnson, 1999), o que coloca em xeque a proposta tradicional dos estudos filosóficos, em que se concebiam corpo e mente como elementos independentes na criação de nossas categorias. Para Forceville (2008), é devido a essa corporificação que nós, como seres humanos, somos capazes de categorizar mais facilmente os fenômenos que vemos, ouvimos, sentimos e saboreamos do que aqueles fenômenos ainda não experienciados por nós.

No entanto, apesar de ter colocado a metáfora como importante processo na construção das categorias que nos cercam e nos auxiliam em nossas vidas, a TMC focou apenas nas metáforas conceituais ativadas/construídas pelo modo verbal, deixando de lado as metáforas resultantes de outros modos semióticos, tais como o imagético. Seguindo a lógica traçada por Forceville (2008), se a TMC postula que não apenas falamos e escrevemos por meio das metáforas, mas pensamos metaforicamente, a metáfora não deve ser restrita apenas à linguagem verbal, estando presente, também, em outros modos semióticos promotores da comunicação humana, tais como nas imagens, nos sons, na música e nos gestos.

Essa posição, ainda, pode ser observada nas colocações de Johnson (2017), quando este afirma que, ao concebermos os significados como processos corporificados, isso nos permite irmos

além dos limites mais estreitos dos significados pautados na linguagem, para abarcarmos toda a gama de significado humano presente em práticas como música, pintura, arquitetura, dança e gestos, de forma que uma explicação fundamentalmente linguística não seria capaz de fazer.

Percebendo essa lacuna nos trabalhos com a metáfora, Forceville (2009), tendo como pilar a TMC, propõe uma pesquisa direcionada às denominadas metáforas multimodais. De acordo com o estudioso, Lakoff e Johnson, apesar de terem evitado as palavras verbal e linguística, direcionaram seus trabalhos especificamente para as metáforas detectáveis no plano verbal. Com essa postura, de acordo com Forceville (2008), deparamo-nos com duas situações perigosas: em primeiro lugar, teríamos um círculo vicioso, conduzindo-nos a um raciocínio circular, tendo como ponto de partida a análise linguística, que deduz algo sobre a mente e o corpo, os quais motivam aspectos diferentes da estrutura linguística e do comportamento; em segundo lugar, a possibilidade de não considerarmos as ocorrências das denominadas metáforas não verbais e multimodais.

No início de suas pesquisas, Forceville (1996) propôs um modelo para as metáforas visuais, sendo estas identificadas pela substituição de um elemento visual por outro. O autor, também, colocou em evidência o papel do contexto na interpretação dos anúncios tomados por ele como objeto de análise, destacando a importância dos aspectos externos-textuais, como o *background* cultural, o ambiente físico imediato de produção e o gênero. Nesse primeiro momento, Forceville (1996), tendo como objeto de estudo anúncios publicitários, conforme dito anteriormente, propôs quatro subtipos de metáforas visuais: 1) metáforas visuais com um termo visualmente apresentado, 2) metáforas visuais com os dois termos visualmente apresentados, 3) símiles visuais e 4) metáforas verbo-visuais.

Todavia, para o presente trabalho, o que nos interessa são os conceitos cunhados por Forceville em 2009, sendo estes os conceitos de modo, monomodalidade e multimodalidade no desenvolvimento do processo metafórico. Para o autor, devemos considerar o modo como um sistema de signos pode ser interpretado de acordo com um processo de percepção específico, estando relacionado aos cinco sentidos, o que nos possibilitaria os seguintes modos: 1) o modo pictórico ou visual, 2) o modo sonoro, 3) o modo olfativo, 4) o modo gustativo e 5) o modo tátil. No entanto, para o autor, esse tipo de divisão não seria o ideal, pois nos oferece uma categorização bruta, fazendo com que fossem agrupadas, no modo sonoro, por exemplo, a língua falada e a música, dentre outros sons não verbais. Diante disso, o pesquisador passa a trabalhar com nove tipos de modo, a saber: 1) signo pictórico, 2) signo escrito, 3) signo falado, 4) gestos, 5) sons, 6) música, 7) cheiro, 8) gosto e 9) toque. Ressaltamos que nossas análises terão como base esses nove tipos de modos apontados pelo autor.

Com isso em mente, e tendo como finalidade a promoção de nossas análises, faremos, a partir de agora, a definição das metáforas denominadas monomodais e multimodais. As metáforas monomodais são concebidas por Forceville (2009) como aquelas em que ambos os domínios, fonte e alvo, são construídos exclusivamente por um dos modos já apresentados. Para o autor, a metáfora monomodal prototípica é a verbal. É uma questão evidente, se direcionarmos o nosso olhar para as pesquisas desenvolvidas no campo da metáfora, já que grande parte dos trabalhos apresentados possui como objeto de análise textos codificados pelo/através do signo escrito. Entretanto, o autor destaca que, nos últimos anos, tem crescido o interesse pela metáfora monomodal visual, ou seja, aquela

metáfora em que ambos os domínios são ativados unicamente pelo signo pictórico. Nesse cenário, esse parece ser um caminho produtivo para uma visão semiótica abrangente do fenômeno colorismo.

Por outro lado, a metáfora multimodal é concebida por Forceville (2009) como possuindo domínios fonte e alvo representados *exclusivamente* ou *predominantemente* por diferentes modos. De acordo com o pesquisador, torna-se necessária a qualificação *exclusivamente* ou *predominantemente*, pois as metáforas não verbais, muitas das vezes, possuem alvos e/ou fontes representados por mais de um modo simultaneamente.

Gostaríamos de ressaltar que, com o acréscimo dos adjetivos *exclusivamente* ou *predominantemente*, Forceville (2009) promove uma mudança em sua classificação, já que, em seus trabalhos anteriores, o autor havia classificado as metáforas multimodais como aquelas em que seus domínios fonte e alvo eram representados por, ao menos, dois diferentes signos linguísticos, representando dois modos semióticos diferentes na construção do texto. Com a indicação desses adjetivos em sua classificação, as metáforas multimodais são concebidas como aquelas em que há o predomínio de um signo linguístico na construção de seus domínios.

Porém, como afirma Sperandio (2019, 2020), tal definição de metáfora multimodal deve ser repensada com o intuito de incluirmos a possibilidade de sobreposição dos diferentes signos linguísticos na construção e representação dos domínios fonte e alvo constitutivos de tal metáfora. Isso é, a metáfora multimodal deve ser vista como processo resultante das múltiplas semioses, que são coinstanciadas nos gêneros multimodais. A nosso ver, essa posição vai ao encontro dos postulados presentes na proposta da Semiótica Social e do conceito de multimodalidade. Cumpre destacarmos que essa proposição será a utilizada por nós nas análises desenvolvidas neste trabalho.

## 4 Nos domínios do colorismo

Cunhado para significar um sistema de distinção social ou de classe baseado na cor da pele, o termo "colorismo", ou "pigmentocracia", foi desenvolvido pela escritora, poetisa e ativista feminista estadunidense Alice Walker, em importante capítulo publicado em 1983. No sentido desenvolvido pela autora, o colorismo pode ser percebido como uma materialização ideológica das formas de exclusão social a partir da cor da pele, mais especificamente dos diferentes tons da pele, ancorado, sobretudo, na relação entre raça e cor da pele. Como nos chama atenção Oyěwùmí (2025, p. 28) ao criticar a visão ocidental do corpo, "a palavra 'corpo' [pode ser vista] de duas maneiras: primeiro, como uma metonímia para biologia e, depois, para chamar atenção para a pura fisicalidade que parece acompanhar o ser na cultura ocidental", como se bastasse olhar para ele para ter acesso às crenças e posições de uma determinada pessoa, ou mesmo a falta delas.

No contexto brasileiro, o colorismo está intimamente ligado, no que tange à mestiçagem, à manutenção do poder das elites e à consequente subordinação dos descendentes dos negros escravizados. Conforme esclarece Munanga (1999, p. 51):

> A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava

> branca, daí porque a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX (Munanga, 1999, p. 51).

Esse debate, de que nos fala Munanga (1999), teve, nos processos ideológicos e nas relações de poder, o êmbolo de tensões raciais da época, que repercutem ainda nos dias atuais, sobretudo quando os tons de pele são usados semioticamente como reprodutores do pensamento excludente e racista, que ecoa conflitos e continua sendo norteador de várias crenças, as quais teimam em dizer sobre quem tem ou não direitos a uma vida digna, à ocupação dos espaços de poder e à visibilidade, sempre retroalimentando as lutas por hegemonia. Como propõe Carmo (2026), foi gerada uma cognição social, como pensamento partilhado, na qual, muitas vezes, o preconceito e a discriminação são passados como algo natural, mesmo alicerçando e sustentando problemas graves, como a desigualdade social e racial.

Esse parece ser o principal motivo para que Francisco (2018) compreenda o colorismo como um mecanismo de segregação de pessoas negras, ao implicar a maneira como o racismo — como estrutura de poder — permite maior aproximação de alguns indivíduos com a branquidade. Isso significa maior participação na sociedade e maiores chances de ascensão social. Para tanto, quando se pensa no processo de branqueamento como também, metaforicamente, um processo de "higienização" da população brasileira, aos moldes evolucionistas e pós-abolicionistas, vemos como o mundo foi e ainda é norteado pelo o que as cores podem significar na sociedade, especialmente quando envolve poder, ideologia, crenças na superioridade e inferioridade das pessoas e o sistema econômico capitalista. Hasenbalg (1979, p. 240) observa:

> O branqueamento social corresponde à noção popular de que 'o dinheiro branqueia'. Essencialmente, ele ativa o mecanismo de compensação parcial de *status* através do qual as pessoas de cor bem-sucedidas em termos educacionais e econômicos são percebidas e tratadas como mais claras do que pessoas de aparência semelhante, mas de *status* inferior (Hasenbalg, 1979, p. 240).

É nesses termos que podemos compreender a razão de ser do termo pigmentocracia, que traz, dentro de si, a crença numa perspectiva classista, discriminatória e, por isso, excludente daqueles que destoam do suposto padrão europeu, que cria uma tensão no contexto brasileiro entre brancos e não brancos, nesses últimos, principalmente, em relação àqueles com cor da pele e características mais brancas e aqueles cuja cor e características são mormente de negros. Como define Harris (2021, p. 1):

> [...] a pigmentocracia traz consigo noções de valor hierárquico que os espectadores colocam em tais tons de pele. Tons de pele mais claros são, portanto, mais valorizados do que tons de pele mais escuros. Tais preferências têm implicações sociais, econômicas e políticas, já que pessoas de tons de pele mais claros eram frequentemente — e estereotipicamente — vistas como mais inteligentes, talentosas e socialmente graciosas do que suas contrapartes negras mais escuras. Negros mais escuros eram vistos como não atraentes, de fato feios e geralmente considerados

> de menor valor. Os padrões europeus de beleza dominaram [o] povo africano durante a maior parte do tempo (Harris, 2021, p. 1).

Por isso, no dizer de Munanga (1999, p. 96),

> [o] sonho de realizar um dia o 'passing' que neles [não brancos de características brancas] habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizam os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletiva (Munanga, 1999, p. 96).

O racismo é corroborado especificamente na relação com o colorismo, da maneira como explica Silva (2017, p. 17):

> A problemática é real e vívida, contaminando os espaços, as relações, as formas de vida no geral. A lógica da branquitude permanece sob novas formas, é verdade, mas não é eliminada do meio social. Quanto mais o negro é indisfarçável, maior é a sua exclusão perante a sociedade. A questão racial é menor para o negro disfarçável que, podendo passar-se por branco, é mais tolerado, embora não seja menos discriminado (Silva, 2017, p. 17).

Popper (2004) ressalta que esse intrincado processo de construção de relações é fruto de uma ciência descomprometida com a "verdade", uma vez que as teorias raciais induziam o negro a ocupar uma posição inferior, constituindo um obstáculo ideológico de progresso da ciência. Ou seja, a própria ciência, ao se revestir de ideologias racistas, se tornou um obstáculo à ascensão do negro ao justificar a diminuição e exclusão do negro, fornecendo um argumento para a dominação branca.

O termo raça veio progressivamente caindo em desuso, especialmente no campo das ciências; contudo, ainda é largamente utilizado no cotidiano na sua relação com a cor da pele, como forma distintiva e discriminatória de negros e indígenas. A publicação de *Casa-grande & Senzala* (Freyre, 2006) trouxe uma perspectiva falaciosa do racismo, ao falar de um Brasil cordial e de uma democracia racial. Entretanto, como aponta Bernardino (2002, p. 251), "O mito da democracia racial não nasceu em 1933, com a publicação de *Casa-grande & Senzala*, mas ganhou, através dessa obra, sistematização e *status* científico".

Em relação ao colorismo, podemos estabelecer uma conexão tomando o pensamento de Carneiro (2011, p. 65), a partir do qual "vem desde os tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano que todo negro de pele escura deveria perseguir [por meio de] diferentes mecanismos de embranquecimento".

Devulsky (2021) mostra que o colorismo é a ideologia que permite a reprodução do racismo e se baseia na existência de um fenótipo normalizado, que seria o fenótipo europeu, o que equivaleria a ser alto, claro e com traços arianos. Para ela, quanto mais próximo disso, maior a conexão com características como competência e beleza.

Retomando, então, o aspecto histórico, a partir de Munanga (1999), os brancos não hesitaram em manter relações sexuais com as mulheres negras, índias e mestiças; todavia,

não aceitavam os princípios de igualdade racial. Se num primeiro momento, no contexto colônia, a mestiçagem não indicava integração ou harmonia social, mas demonstrava duas facetas das relações raciais na forma de opressão, quais sejam, racial e sexual, cujos frutos, na forma dos filhos mestiços — como eram chamados os mulatos —, nasciam da violência e da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco.

## 5 COLORISMO É PALETA DE CORES: uma metáfora, muitos vieses

Nesta seção, dedicar-nos-emos à aplicação do arcabouço teórico citado. Para tanto, elegemos como objeto de análise o gênero charge. A escolha por esse gênero decorre do fato de sua função ter como propósito promover crítica social, política e comportamental de fatos cotidianos atuais, utilizando, para isso, o humor, a sátira e a ironia. Por outro lado, todos os textos foram extraídos de *sites* de livre acesso, o que impacta diretamente no processo de circulação e, consequentemente, no consumo massivo de seu conteúdo. Além disso, tal gênero tem em sua construção diferentes signos linguísticos, sendo conceitualizado como multimodal, o que nos possibilita promover uma análise, que ultrapassa a linguagem verbal.

No total, elencamos cinco imagens, que possuem como foco a representação do termo colorismo. A escolha por essas charges foi feita por meio do buscador do *Google*, que teve como palavras-chave: colorismo e charge. Após a escolha dessas charges, passamos às análises, tendo como base as teorias já apresentadas, iniciando com a identificação e a descrição das metáforas encontradas em cada gênero e com as suas explicações pautadas nas teorias discursivas descritas nas seções anteriores.

Assim, como forma de visualizarmos o que esboçamos sobre a metáfora multimodal e sua relevância para o estudo de processos sociais, apresentamos a imagem 1, em que é possível identificarmos a presença da metáfora monomodal pictórica COLORISMO É PALETA DE CORES. Essa metáfora tem ambos os domínios ativados e representados pelo signo pictórico (nesse caso, estamos considerando a cor inclusa nesse signo). Por meio dela, passamos a conceber o colorismo como uma paleta de cores, que se sustenta pelo tom da pele de cada personagem representada na imagem 1. Cumpre destacarmos que tal metáfora perpassa não apenas a construção de tal imagem, mas as demais charges, que serão analisadas adiante em relação ao próprio conceito de colorismo e, consequentemente, à discriminação racial dele resultante, já que a mesma incide diretamente na cor da pele.

Logo, essa metáfora monomodal nos possibilita observar a forma pela qual o colorismo é tratado em nossa sociedade ao apontar para uma forma ideológica excludente e tensiva de experienciação e construção de mundo. Não poderíamos deixar de nos indagar sobre o porquê da escolha de tal domínio-fonte. Ou seja, o porquê da escolha do termo *PALETA DE CORES* na conceitualização e representação de tal domínio conceitual, pois, como advoga Charteris-Black (2004, 2005), nossas escolhas, na construção do processo metafórico, não são aleatórias, o que nos leva a ficarmos atentos aos elementos e domínios conceituais eleitos na ativação e mapeamento desse tropo. No caso da metáfora monomodal em análise, verificamos que, ao trazermos a *PALETA DE CORES* como domínio-fonte, concebida como conjunto de cores pré-selecionadas, com o intuito de transmitir uma ideia para quem a visualiza, produzindo a identidade visual de algo, passamos a compreender, um pouco melhor, o preconceito que perpassa o termo colorismo. Ou seja, essa metáfora nos possibilita observar a forma pela qual a tona-

lidade da cor de um sujeito passa a ser decisiva em sua representação perante a sociedade e, com isso, nos demonstra como tal tonalidade dita os "lugares", e não privilégios para tal sujeito.

Essas questões podem ser confirmadas quando voltamos o nosso olhar para o contexto de produção da referida charge, a qual é construída pelas francesas Célia Amroune e Aline Kpade, artistas e ilustradoras que possuem como foco trabalhos os quais versam sobre feminilidade e sororidade. Para isso, suas ilustrações celebram a diversidade, amizade e conexão entre mulheres. Isso pode ser visto na imagem 1, na qual temos a representação dessas conexões, por meio da proximidade física entre as mulheres, o que sugere fortalecimento coletivo, afeto e acolhimento. O que nos chama atenção é que a metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES se faz presente na representatividade social e feminina, ao destacar os diferentes tons de pele, os diferentes tipos de cabelos, assim como o toque no ombro, que, culturalmente, costuma substituir palavras, significando amparo e presença em momentos difíceis.

Imagem 1 – metáfora monomodal pictórica I



*Ilustração das artistas francesas Aline e Célia (Foto: Reprodução/Instagram @sacree_frangine)*

Fonte: Aline e Célia *apud* Geremias, 2021.

Nossa indagação passa a ser ratificada por meio da análise da charge representada na imagem 2. Nesta, é possível, mais uma vez, vislumbrarmos a presença da metáfora monomodal pictórica *COLORISMO É PALETA DE CORES*, já que, em sua construção, recorreu-se ao signo pictórico, em que temos, como plano de fundo, o contexto escolar, sendo este ativado pelas imagens do quadro negro, da professora, do globo em cima de sua mesa, pelos alunos (com seus uniformes padronizados), pelos livros e pelas maçãs nas mãos de dois dos três alunos encontrados na imagem. No entanto, a metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* passa a ser fundamental na construção conceitual desse gênero, quando nos permite compreender que é pela cor de um dos alunos que passamos a ter a discriminação em sua construção. Não apenas pelo tom da pele, mas também pelo cabelo que o terceiro aluno diferencia-se dos outros dois. Assim, temos a representação de dois alunos com um tom de pele mais clara e tons de cabelos loiro, oferecendo à docente uma maçã (algo que era muito comum como forma de agradecer ao mestre pela sabedoria e pelo conhecimento transmitido), e um terceiro aluno, com o tom de pele mais escura, cabelo crespo, com uma fisionomia de desânimo, como se aquele não fosse o seu lugar, o seu espaço, oferecendo à professora uma bola de metal, estando esta presa em uma corrente em seus pés, o que nos remete ao trabalho escravo, pois esse objeto era utilizado, na época do escravismo, como forma de punição e para evitar fugas. Logo, a

metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* nos permite compreender, por meio da charge em análise, que, para esse aluno negro, a sala de aula é vista ou como um castigo, ou como punição, permitindo-nos inferir que a educação é um privilégio apenas para pessoas brancas. Esse sentido vai ao encontro do conceito de colorismo, que perpassa nossa sociedade.

Imagem 2 – metáfora monomodal pictórica II




Fonte: Cyrino *apud* Mallet, 2016.

Na imagem 3, temos a metáfora multimodal *COLORISMO É PALETA DE CORES* construída pelos signos verbal e pictórico. Assim, há sobreposição de ambas as modalidades na construção dos seus domínios fonte e alvo. Fato a ser destacado em tal imagem é a forma pela qual a tonalidade de ambos os personagens representados atua na discriminação apresentada. No primeiro quadro, temos uma criança de pele clara, bem-vestida (com boas roupas e sapatos, com as cores de sua camisa representativas das cores de nosso País, presentes em nossa bandeira — verde e amarela), sendo repreendida por mal comportamento. No entanto, as colocações utilizadas são brandas. Ou seja, o máximo que acontecerá, caso ele venha a cometer o mesmo erro, será o aviso aos seus pais, já que se trata de uma criança. Porém, no segundo quadro, temos a representação de um outro indivíduo, mas com um tom de pele, que nos remete ao negro (com vestimentas totalmente diferentes: sem camisa, com uma bermuda remendada e de chinelo, o que nos permite pressupor tratar-se de um garoto com condições socioeconômicas inferiores ao apresentado no primeiro quadro). Com isso, a repreensão pelos seus atos é mais dura, sendo ele visto como ladrão, uma vez que há o pedido da redução da maioridade; e, diferentemente do anterior, em que havia a necessidade de avisar apenas aos pais, a polícia passa a ser vista como a responsável pela punição. Além disso, na primeira imagem, identificamos apenas um único braço (que, metonimicamente, representa uma pessoa, com a relação PARTE PELO TODO), apontando os erros do garoto. Já na segunda, cinco braços, o que nos leva a inferir que seria o consenso de toda a sociedade.

Imagem 3 – metáfora multimodal I




Fonte: Junião 2015 *apud* Sindicato dos Químicos ABC, 2019.

Na imagem 4, temos, novamente, a metáfora multimodal *COLORISMO É PALETA DE CORES* perpassando a construção de sentido pretendido da charge a ser analisada. Mais uma vez, tal metáfora possui ambos os domínios ativados e construídos pela sobreposição dos signos verbal e pictórico. Ao trazer para a construção desse gênero essa metáfora, passamos a observar, mais uma vez, o cunho discriminatório, que o termo colorismo, nosso domínio-alvo, possui apenas pela identificação da cor dos sujeitos apresentados. Nesse caso, temos a representação de uma família negra, em que percebemos o medo da esposa com relação ao seu marido pela possibilidade de ele sofrer algum tipo de ataque, por engano, pelo tom da cor da sua pele. Percebemos que, diferentemente da imagem 2, em que o negro é caracterizado (pelo signo pictórico, com as suas vestimentas) como possuindo uma condição econômica inferior, nessa imagem, os negros são vistos como tendo uma condição financeira melhor (o que inferimos, novamente, pelo signo pictórico), sendo este, talvez, o motivo para tal preocupação. Isto é, eles estão ocupando um "espaço", um "lugar", que, socialmente, "pertence" aos brancos.

Imagem 4 – metáfora multimodal II




Fonte: Junião, 2014.

Por fim, trazemos para nossa análise a charge apresentada na imagem 5. Nesta, novamente, a compreensão é feita por meio da metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES*, que é ativada, de forma multimodal, por meio dos signos verbal e pictórico, signos que se sobrepõem na ativação de seus domínios fonte e alvo. Dessa forma, tendo como base o contexto

escolar, há a representação de três alunos: dois, que estão assentados, de pele branca e cabelo loiro, e um em pé, com a pele mais morena e de cabelo raspado. Nessa imagem, o que nos chama a atenção é que a discriminação apresentada tem como base a escolha religiosa. Na chamada da charge, há a seguinte colocação: "[...] professores evangélicos discriminam alunos praticantes de candomblé" e, na imagem, há um aluno, acuado no canto da sala, com um cordão pendurado em seu pescoço, que, metonimicamente, nos faz ativar o domínio conceitual do candomblé. As perguntas que ficam são: por que o aluno de pele mais escura tem que estar associado ao candomblé? Por que não os alunos de pele branca e cabelos loiro? Mais uma vez, a metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* nos possibilita responder a tais questionamentos, pois a discriminação, nesse caso, não apenas racial, mas também religiosa, é resultante do tom da pele desse aluno, dessa cultura que atribui benefícios a certos indivíduos simplesmente pelo seu tom de pele, fazendo com que a representação identitária do mesmo fique atrelada à pigmentação de sua pele.

Imagem 5 – metáfora multimodal III




Fonte: Ykeng, 2013.

## 6 Algumas considerações

Como pudemos perceber, o aspecto cromático na sociedade brasileira é um mecanismo ideológico complexo, que tem alimentado práticas excludentes. Por isso, como destaca van Leeuwen (2011), é importante que tenhamos abordagens que tomem como objeto de análise a maneira como a sociedade utiliza a cor com determinados propósitos expressivos e comunicativos, dando atenção à manipulação de pigmentações e escalas de cores, a fim de expressar sentimentos, comunicar ideias e promover a interação social. A cor, como recurso semiótico, pode ter um significado potencial teórico composto de seus usos anteriores e um significado potencial real ou imediato constituído por todos os usos anteriores ou atuais conhecidos, reconhecidos e

considerados relevantes. Esse é o caso do que gerou a classificação social por meio da cor da pele na sua relação com a raça, gerando, num primeiro momento, o racismo e, depois, o colorismo.

As cores estão dentro de um sistema, que articula o significado em si com as características materiais do significante. Aqui, como mais um recurso de análise sociocultural, a metáfora multimodal nos mostra como as experiências com o outro, em uma sociedade racista, demonstram questões mal resolvidas e preconceitos, alimentando a exclusão e a discriminação.

A metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* demonstra problemas antigos e ideologias, que põem à prova a ideia do Brasil cordial e democrático, evidenciando um passado de negação do negro como importante membro construtor da sociedade. Acima de tudo, mostra uma história de marginalização originária na suposta abolição do escravismo, momento em que esse contingente humano foi destituído da possibilidade de ascensão social, trabalho digno, moradia, saneamento etc., debaixo de uma liberdade falaciosa.

Enfim, racismo e colorismo mostram uma faceta mórbida da sociedade, que fraqueja diante do que lhe faria ser, de fato, sociedade.

## Declaração de autoria

O artigo foi produzido pelos autores conjuntamente na sua integralidade.

## Referências


BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. *Estud. Afro-Asiát.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de análise. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R.; MELO, I. F.; SATO, D. T. *Análise de discurso crítica*: para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.

CARMO, C. M. Para uma abordagem multimodal do colorismo: multiletramento, negritude por conveniência e a tentativa de promoção da justiça social pelas cotas raciais. *In*: SILVA, R. C.; QUEIROZ, L. A. A. (org.). *Multimodalidade e discursos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 177-205.

CARMO, C. M. Systemic Functional Linguistics and Social Cognition: A Theoretical Approach to the Relationship Between Language, Society and Culture. *Russian Journal of Linguistics*, v. 30, n. 1, p. 33-54. 2026. Disponível em: https://doi.org/10.22363/2687-0088-48784. Acesso em: 20 maio 2026.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave MacMillan, 2004.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric*: The Persuasive Power of Metaphor. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2005.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DEVULSKY, A. *Colorismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

EDGAR, A.; SEDGWICK, P. *Teoria cultural de A a Z*: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

FORCEVILLE, C. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. *In*: GIBBS, R. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford: University Press, 2008. p. 462-482.

FORCEVILLE, C. Non-Verbal and Multimodal Metaphor in a Cognitivist Framework: Agendas for Research. *In:* FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. (ed.). *Multimodal Metaphor*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009. p. 379-402.

FORCEVILLE, C. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London: Routledge, 1996.

FRANCISCO, M. S. Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade. *Ensaios Filosóficos*, v. 18, dez. p. 97-109. 2018.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GEE, J. P. *An Introduction to Discourse Analysis*: Theory and Method. London: Routledge, 1999.

GEREMIAS, P. E eu, sou negra? Um teste de DNA ancestral e o debate sobre colorismo. *Marie Claire*, 7 abr. 2021. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2021/04/eu-sou-ou-nao-negra-um-teste-de-dna-ancestral-e-o-debate-sobre-colorismo.html. Acesso em: 10 set. 2026.

HARRIS, T. Pigmentocracy. *Freedom's Story, Teacher Serve©. National Humanities Center*, p. 1-8, 2021. Disponível em: https://eaop.ucsd.edu/198/pigmentocracy/Pigmentocracy%20-%20Freedom%20s%20story.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HODGE, B.; KRESS, G.; JONES, G. The ideology of middle management. *In*: FOWLER, R. *et al*. *Language and Control*. London: Routledge: Kegan Paul, 1979. p. 81-93.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social Semiotics*. [*S. l.*]: Polity Press, 1988.

JOHNSON, M. *Embodied Mind, Meaning, and Reason*: How Our Bodies Give Rise to Understanding. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

KHALIFAH, L.; ZIBIN, A.; ALTAKHAINEH, A. R. M. More Than Just a Taste: Exploring Food Metaphor in Jordanian Arabic. *Russian Journal of Linguistics*, v. 30, n. 1, p. 145-170, 2026. Disponível em https://doi.org/10.22363/2687-0088-44746. Acesso em: 20 maio 2026.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse*: The Modes and Media of Contemporary Communication. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*: The Grammar of Visual Design. London and New York: Routledge, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh*: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

MACHIN, D.; MAYR, A. *How to do Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2012.

MALLET, Mariana. Racismo nas escolas particulares: é preciso educar. *Jornalismo Júnior*, 15 jul. 2016. Disponível em: http://jornalismojunior.com.br/racismo-nas-escolas-particulares-e-preciso-educar. Acesso em: 10 set. 2026.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*: identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. *In*: OYĚWÙMÍ, O. (org.). *Estudos africanos de gênero*. São Paulo: WMF Martins Fontes: Itaú Cultural/Fundação Tide Setubal, 2025. p. 27-53.

POPPER, K. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 2004.

RODERICK, I. *Critical Discourse Studies and Technology*: A Multimodal Aapproach to Analyzing Technoculture. London: Bloomsbury, 2016.

SILVA, T. M. G. S. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *Revista Direito UNIFACS*, n. 201, p. 1-19, 2017.

SINDICATO DOS QUÍMICOS DO ABC. Fetquim promove curso de capacitação em Políticas Antirraciais e Luta de Classes. *Sindicato dos Químicos ABC*, Santo André, 20 maio 2019. Disponível em: http://www.quimicosabc.org.br/noticias/fetquim-promove-curso-de-capacitacao-em-politicas-antirraciais-e-luta-de-classes-2933/. Acesso em: 10 set. 2026.

SPERANDIO, N. E. A atuação das metáforas multimodais na criação da categoria *fake news*: uma proposta de análise. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, p. 777-799, 2020.

SPERANDIO, N. E. O caráter persuasivo da multimodalidade: uma análise conceitual e persuasiva das metáforas multimodais na construção de charges sobre a reforma da previdência. *Porto das Letras*, v. 5, p. 7-19. 2019.

VAN LEEUWEN, T. *The Language of Colour*. New York: Routledge, 2011.

WALKER, A. If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like? *In*: WALKER, A. *In Search of Our Mothers' Gardens*: Womanist Prose. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1983. p. 290-312.

YKENGA. Discriminação nas escolas. *Blog do Ykenga*, 24 mar. 2013. *Weblog*. Disponível em: https://blogdoykenga.blogspot.com/2013/03/discriminacao-nas-escolas.html. Acesso em: 11 set. 2026.

v. 34, n. 2, p. 103–126, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.103–126
Submetido em: 16/09/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# O espectro de Ubu: Donald Trump e a emergência do discurso ubuesco no século XXI

## *The Specter of Ubu: Donald Trump and the Emergence of the Ubuesque Discourse in the 21st century*

**Yuri Rezende Taraciuk**
Pesquisador independente
yuritaraciuk@outlook.com
https://orcid.org/0009-0000-5759-6878

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a emergência do discurso de extrema-direita de Donald Trump a partir da noção de discurso ubuesco. Para isso, o artigo foi dividido em três seções: a conceituação do discurso ubuesco; a análise dos *posts* (*tweets*) de Donal Trump durante o período de sua campanha presidencial de 2024 e nos cem primeiros dias de seu mandato em 2025; e, por fim, o delineamento da emergência do discurso ubuesco no século XXI. Além de explorar o conceito de "ubuesco", esta investigação visa também apresentar um esquema simplificado para análises genealógicas, contribuindo para a construção de pesquisas sensíveis à heterogeneidade dos processos históricos e capazes de diagnosticar o presente de modo amplo e aprofundado.

**Palavras-chave:** ubuesco; discurso; genealogia; extrema-direita; Donald Trump.

**Abstract:** This article aims to analyze the emergence of Donald Trump's far-right discourse through the concept of ubuesque discourse. To this end, the article is divided into three sections: the conceptualization of ubuesque discourse; the analysis of Donald Trump's posts (tweets) during his 2024 presidential campaign and the first 100 days of his 2025 term; and, finally, the examination of the emergence of ubuesque discourse in the 21st century. In addition to exploring the concept of "ubuesque",

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

this investigation also seeks to present a simplified framework for genealogical analysis, contributing to the development of research sensitive to the heterogeneity of historical processes and capable of diagnosing the present in a comprehensive and in-depth manner.

**Keywords:** ubuesque; discourse; genealogy; far-right; Donald Trump.

## 1 Introdução

No início do século XX, a Europa, com destaque para a Itália e a Alemanha, foi palco da emergência de uma série de discursos de cunho ultranacionalistas, autoritários, antiliberais, anticomunistas e racistas. Se, por vezes, alega-se que era impossível para os italianos e alemães da época terem consciência das consequências do fascismo e do nazismo, pois elas eram doutrinas políticas novas, o mesmo não pode ser dito sobre a popularização dessas ideias no século XXI. Nesse sentido, a emergência de discursos dessa natureza um século depois, corados com a eleição de figuras autoritárias em diversos países, levanta algumas questões sobre o modo como a história se movimenta, isto é, se ela avança, regride ou se repete. Além disso, outra pergunta que esse acontecimento suscita é: *como o indizível se torna dizível?*

De maneira mais precisa, a pergunta que se apresenta busca explicar como ideias consideradas ultrajantes e violentas por certos setores da sociedade há poucos anos tenham saído do espaço limitado de alguns grupos para ganharem repercussão pública e se tornarem parte fundamental do discurso de líderes mundiais. O absurdo e o grotesco, ou melhor, o *ubuesco*,[1] não apenas passaram a ser aceitos, mas se tornaram o palco central da política contemporânea. Por essa razão, o adjetivo derivado do personagem da peça *Ubu rei*, escrita pelo dramaturgo francês Alfred Jarry e apresentada em 1896, serve bem ao caso, pois a natureza obscena, cruel e ridícula do personagem título — que na peça assume o trono da Polônia através do regicídio e implementa um governo de terror estúpido e brutal — descreve de forma precisa o atual cenário político, econômico e cultural.

Tal descrição não se baseia em meras analogias com a peça de Jarry, mas na ideia de que existem discursos[2] que podem ser pensados como propriamente ubuescos. Elaborado por Foucault (2010b), mas logo abandonado, o conceito de discurso ubuesco se refere a uma

[1] O *itálico* foi utilizado em três casos, eles são: 1) Para termos em outros idiomas; 2) Para realçar conceitos e nomes; 3) Para jogar com o sentido de certas palavras, reservando as aspas para citações diretas. É possível entender o sentido do uso a partir do contexto.

[2] Os conceitos de *discurso*, *poder* e *sujeito* são compreendidos em perspectiva foucaultiana (2005, 2014, 2015), sendo: o *discurso* uma prática social e histórica que se refere a um conjunto de enunciados — cujo sistema de dispersão e regularidades constitui uma formação discursiva — que produzem e organizam os modos de pensar, falar e compreender a realidade; o *poder* uma rede de relações de força que perpassa diferentes dimensões sociais, constituindo a formação de discursos, saberes, objetos e subjetividades; e o *sujeito* uma construção histórica produzida pelas práticas discursivas, relações de poder e da própria agência dos indivíduos situados em um determinado contexto histórico-material.

categoria de discursos que funcionam com base na "maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz" (Foucault, 2010b, p. 11). O terror ubuesco, o poder que transmite seus efeitos não *apesar* do grotesco e do ridículo, mas *através* dele, não é mero fruto de um acaso histórico, nem mesmo um elemento estranho às estruturas do poder político, mas uma mecânica própria da soberania arbitrária que se autoconcede o direito de matar e de estabelecer a verdade, ao mesmo tempo em que ri de si mesma. Com base nessas ideias, a investigação busca compreender a emergência do discurso de extrema-direita de Donald Trump a partir da noção de discurso ubuesco.

Para isso, esta análise se divide em três partes. Na primeira, o objetivo é conceituar o discurso ubuesco e definir algumas propriedades básicas que o compõem, tomando como exemplo uma fala de Benito Mussolini. Em seguida, essas definições são utilizadas como base para analisar os *posts* (antigos *tweets*) de Donald Trump na plataforma *X* (antigo *Twitter*) no período que compreende a sua campanha presidencial de 2024 e os cem primeiros dias de seu mandato em 2025.[3] A escolha de focar a análise em Donald Trump se baseia na sua posição como presidente da maior potência econômica e militar do mundo, sendo um dos maiores expoentes políticos da extrema-direita contemporânea, e também porque sua eleição é, no momento da escrita deste artigo, o caso mais recente a ser analisado. Ademais, as razões de centrar esta investigação em *posts* decorre do fato de que Trump é um usuário ativo da rede social *X* e também porque, ao contrário de outras redes focadas em vídeos e fotos, um dos principais conteúdos das postagens nessa plataforma são textos. Por fim, o estudo delineia uma breve genealogia da emergência do discurso ubuesco no século XXI, propondo uma sistematização de categorias de análise que possam servir como princípios básicos para futuras investigações das condições de possibilidade que engendraram o surgimento de diferentes discursos.

Em suma, pode-se dizer que um dos principais objetivos deste artigo é, também, apresentar um esquema simplificado para análises genealógicas que contribua para a construção de pesquisas sensíveis à heterogeneidade dos movimentos históricos. A ideia foi fugir de perspectivas que veem a história de maneira cíclica ou linear, afirmando, em contrapartida, que mesmo que determinados acontecimentos do presente possuam similaridades com eventos do passado, como formas de *rimas históricas*, esses acontecimentos são, na realidade, produzidos por condições de possibilidade específicas que não podem ser repetidas. Adiantando a resposta para o problema levantado na abertura deste texto: a história não se repete e nem regride, mas avança em fluxos dissonantes.

Enfim, vale dizer que este artigo não pretende traçar táticas de enfrentamento ao discurso ubuesco, pois, se isso fosse simples, certamente a influência da extrema-direita mundial não estaria em ascensão. Sendo assim, esta análise se insere no conjunto de outras pesquisas que buscam diagnosticar as diferentes dimensões desse acontecimento a fim de pensar em formas de resistência ou no fortalecimento de práticas em vigor hoje.

## 2 Ubu na Europa e em Lugar Nenhum

Coroado após covardemente matar o rei da Polônia, Pai Ubu realiza seu primeiro ato real: distribuir ouro e carne para a população. No entanto, a covardia do assassinato não se refere à

[3] O discurso de posse presidencial e a carta anunciando a taxação sobre produtos brasileiros também são citados.

traição contra o rei Venceslau, que o tinha como um fiel fidalgo, mas por realmente se acovardar diante do golpe e buscar abrigo nas costas do Capitão Bostadura. Como se isso não fosse suficiente para manchar a imagem do novo rei, seu primeiro gesto real também não teve como motivação qualquer tipo de benevolência para com o povo; ao contrário, ele precisou ser convencido, por meio dos impropérios da Mãe Ubu e dos conselhos de Bostadura, a fazer alguma generosidade, se não as pessoas se recusariam a pagar impostos. Além disso, o pouco de ouro e carne que Ubu aceitou ceder ao povo também serviria para saciá-lo (Jarry, 2021). É nesse momento, movido pela covardia, violência, ganância e burrice, que se inicia o reinado grotesco de Ubu.

Tamanha foi a fama de seu reinado por conta dessas características que o nome de Ubu se tornou um adjetivo para condensá-las em uma única palavra: *ubuesco*. Sob o terror ubuesco, a Polônia, também chamada de Lugar Nenhum na peça de Jarry, foi palco de eventos que apenas confirmaram (e adicionaram) mais características a esse termo. A traição daqueles que o ajudaram a tomar o poder; o assassinato e confisco de bens; a imposição e triplicação de impostos sobre renda, propriedade, comércio, casamentos e morte (com destinação de metade dos valores para Ubu); a declaração de guerra contra a Ucrânia sem o investimento de qualquer moeda da sua fortuna para o exército; além de ideias estapafúrdias como os esquemas para fazer sol e afastar a chuva — esses foram os atos que marcaram o reinado de Ubu em seus primeiros dias. Contudo, o ubuesco possui outra característica que o define fundamentalmente: Ubu faz rir.

Infame, desqualificado e ridículo, Ubu é um rei que governa não apesar da bufonaria, mas por meio dela. A caricatura é o retrato oficial de Ubu, uma imagem que, seja ela produzida de maneira consciente ou não, representa um dos aspectos mais violentos do poder soberano, isto é, sua inevitabilidade mesmo diante de sua total irracionalidade. De maneira mais precisa, a razão ubuesca reside justamente em seu ser ridículo e, ao mesmo tempo, incontornável. Que Ubu governe através da estupidez, que sua soberania grotesca seja um fim em si, que a infâmia e o escárnio sejam instrumentos de uma violência arbitrária — essa é a racionalidade e a força do poder ubuesco (Foucault, 2010b).

E longe de ser apenas um personagem em uma peça de teatro escrita há mais de cem anos, Pai Ubu representa uma dimensão real do poder soberano. Ao longo da história, uma miríade de episódios marcados por megalomania, teatralidade, inconstância e violência extrema fizeram de Ubu um espectro sempre presente em algumas sociedades. Calígula, Idi Amin, Saparmurat Niyazov, Donald Trump, Javier Milei, Jair Bolsonaro... — a lista de indivíduos que foram alçados ao poder, ou destruíram tudo a sua volta para tomá-lo, através da bufonaria e da sátira de si é extensa. Em meio a esses exemplos, cabe olhar com mais atenção para aquele que foi um dos maiores símbolos do poder ubuesco no século XX: Benito Mussolini.

Em meio a gestos espalhafatosos, caretas, imitações e ofensas, Mussolini construiu para si a imagem daquele que seria o *homem forte fascista*, imagem essa que, apesar da aparente contradição, se autoconcedia o poder de ser ridícula. Nesse sentido, é preciso entender que "Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce" (Foucault, 2010b, p. 31); ou seja, o grotesco se inscreve de tal maneira na mecânica do poder político que faz com que a própria desqualificação lhe sirva como arma. A desfaçatez coroa o poder de Ubu e é isso que fez com que, em seu discurso inaugural como primeiro-ministro italiano, Mussolini anunciasse que:

> Recusei-me a vencer de forma esmagadora, e poderia ter vencido de maneira esmagadora. Estabeleci limites. Disse a mim mesmo que a melhor sabedoria é aquela que não nos abandona depois da vitória. Com trezentos mil jovens

> armados até os dentes, determinados a fazer tudo e quase misticamente prontos para o meu comando, eu poderia castigar todos aqueles que difamaram e tentaram manchar o fascismo. Eu poderia ter transformado esta Câmara cinzenta e monótona em um bivaque [...] eu poderia ter barrado o Parlamento e formado um governo totalmente fascista. Eu poderia ter feito isso, mas eu não queria, pelo menos não no início (Mussolini, 1923, p. 8390-8391, tradução própria).[4]

Como foi dito, a desfaçatez é uma das marcas de Ubu, e isso fica claro nas diferenças entre a realidade dos fatos e a descrição grandiosa desses eventos. Diante de um país que amargava em uma crise econômica e social agravada pela Primeira Guerra Mundial, Mussolini soube nutrir o ressentimento de grupos que acreditavam terem sido traídos pelas outras potências europeias vitoriosas na Guerra, assim como o medo da direita nacionalista que se tornava cada vez mais extremista em face dos eventos da Revolução Russa. Com a popularidade em alta, Mussolini foi eleito para o parlamento em 1921, mas isso não diminuiu suas intenções golpistas e, reunindo 30 mil camisas negras — número muito aquém dos 300 mil citados no discurso —, ele promoveu a chamada Marcha sobre Roma, com o intuito de gerar uma atmosfera de emergência nacional. Em meio a essa situação, o primeiro-ministro Luigi Facta considerou impor um estado de sítio e ordenar que o exército reprimisse os fascistas, mas o rei Vítor Emanuel III não apenas negou o desejo de Facta, como também nomeou Mussolini primeiro-ministro no dia 29 de outubro de 1922. Contudo, em nenhum momento Mussolini saiu às ruas, pelo contrário, durante todo esse processo o líder fascista permaneceu protegido em seu escritório em Milão (Smith, 1982).

Se frente aos fatos históricos a fala de Mussolini ganha contornos risíveis, isso não é, como já foi dito, uma contradição para a força do *Duce*. O poder de rir de si mesmo é uma forma de "maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz" (Foucault, 2010b, p. 11), é a força de se lançar para além de toda ordem que rege o discurso tido como *racional* em um certo âmbito, de anular as críticas e de se colocar na posição de plena arbitrariedade. Longe de ser um mero discurso ofensivo ou grosseiro, o ubuesco se vale da sua dimensão grotesca na medida em que detém "por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los" (Foucault, 2010b, p. 11). Se Mussolini se valeu de uma face grotesca e bufona para afirmar seu poder, isso não se deu por mero acaso ou por conta de alguma anomalia histórica específica de seu tempo, mas porque o ubuesco é uma parte intrínseca dos mecanismos de poder e, por extensão, do funcionamento político de muitas sociedades. Logo, sendo Ubu uma presença constante nas estruturas que perpassam as nossas vidas, cabe tentar caracterizá-lo.

Em primeiro lugar, se o grotesco aparece como adjetivo para defini-lo, é importante salientar que existe, aqui, uma redução do termo enquanto categoria estética para uma concepção inteiramente negativa, desconsiderando a importância do grotesco como forma de expressão capaz de romper com certas idealizações (Kayser, 1986). De modo similar, a bufonaria não se refere ao aspecto crítico que os bufões e os bobos da corte possuíam na era medieval, onde a zombaria podia ser o único meio de crítica ao rei (Sodré; Paiva, 2002). Ao contrário de tudo isso, o ubuesco se vale de alguns desses elementos apenas como um meio de fortalecimento próprio. Assim, se

[4] "Mi sono rifiutato di stravincere, e potevo stravincere. Mi sono imposto dei limiti. Mi sono detto che la migliore saggezza è quella che non vi abbandona dopo la vittoria. Con trecentomila giovani armati di tutto punto, decisi a tutto e quasi misticamente pronti ad un mio ordine, io potevo castigare tutti coloro che hanno diffamato e tentato di infangare il Fascismo. Potevo fare di questa Aula sorda e grigia un bivacco di manipoli... potevo sprangare il Parlamento e costituire un Governo esclusivamente di fascisti. Potevo: ma non ho, almeno in questo primo tempo, voluto".

o grotesco utiliza associações de formas disformes e imprevisíveis, e se o bufão inverte a posição reinante, o ubuesco faz o mesmo, mas visando maximizar sua força de dominação arbitrária.

Em segundo lugar, o poder ubuesco possui três propriedades: o poder de matar; o poder de verdade e o poder de fazer rir. Em relação ao primeiro, ele se dá pelo fato de o discurso ubuesco possuir a capacidade de controle sobre a vida das pessoas, de poder julgar e condenar alguém, de punir ou não e, no limite, de matar ou absolver. Nesse sentido, a segunda propriedade se articula à primeira na medida em que um estatuto particular garante a esse poder a prerrogativa da verdade, ou seja, ele é capaz de formular enunciados com efeitos de verdade e com efeitos jurídicos, porém, ao mesmo tempo, eles também estão alheios a qualquer outra regra de formação dos discursos científicos e do direito. No caso de Mussolini, por exemplo, percebe-se essa articulação entre o poder de matar e de estabelecer uma (falsa) verdade[5] na fala: "Com trezentos mil jovens armados até os dentes, [...] eu poderia castigar todos aqueles que difamaram e tentaram manchar o fascismo" (Mussolini, 1923, p. 8391).

Apesar do exemplo, seria um erro crer que esse poder está restrito ao âmbito da política. Ubu também fala nas repartições atoladas pela burocracia e nos tribunais, onde a verdade é construída por processos que decidem o destino de sujeitos alheios ao tempo dos trâmites, ou nos julgamentos que cruzam o saber jurídico e médico para condenar indivíduos com base em conceitos supostamente científicos, tais como a delinquência e a histeria. Por meio de associações grotescas, esse poder sobre a vida e a verdade atua sobre os indivíduos ao mesmo tempo em que consegue escapar da crítica, que desliza por diferentes pontos de seus enunciados devido ao caráter inadequado de seu conteúdo e de seus poderes (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024; Foucault, 2010b).

Essa capacidade de driblar as críticas está ligada não apenas ao cruzamento de diferentes discursos, mas também à sua terceira propriedade: o poder de fazer rir. Ubu faz rir não por ser divertido e engraçado — apesar de ser considerado como tal por aqueles que veem graça na humilhação alheia —, mas devido ao absurdo que não pode ser colocado em palavras e que desencadeia um processo fisiológico automático sem qualquer tipo de alegria. A incredulidade, o nervosismo, o desconforto, o choque — essas são algumas das formas que caracterizam a *comédia* ubuesca. Distante da felicidade, o efeito cômico desse discurso se aproxima muito mais do sarcasmo, do horror e da descrença de que aquilo que se vê pode estar mesmo acontecendo. Em última instância, o riso também surge da desistência que, depois do choro, encontra lugar apenas na resignação (Leme, 2008).

Entretanto, para além desses casos, Ubu também faz rir por meio da auto-humilhação. Se, na maior parte das vezes, a auto-humilhação surge de maneira involuntária, pois a bufonaria constitui a própria maneira de ser dessa figura, em outras ocasiões essa autossátira funciona como uma estratégia consciente de autopromoção e de ataque aos adversários. Assim, o ato de tornar a si mesmo uma piada não é uma contradição para a imagem do líder *forte*, mas um instrumento que simultaneamente desativa possíveis críticas, uma vez que aquilo que pretendia ofender é incorporado e anulado; que contribui para a construção de uma figura supostamente mais *genuína*, pois representaria um aspecto comum de alguém que costuma ser retratado como sobre-humano; que atesta sua força, afinal, um *líder forte* deve suportar piadas; e que também desacredita tudo aquilo que está a sua volta, especialmente a oposição que tenta dialogar em termos *sérios* e que é lançada no palco de um show que tem Ubu como protagonista.

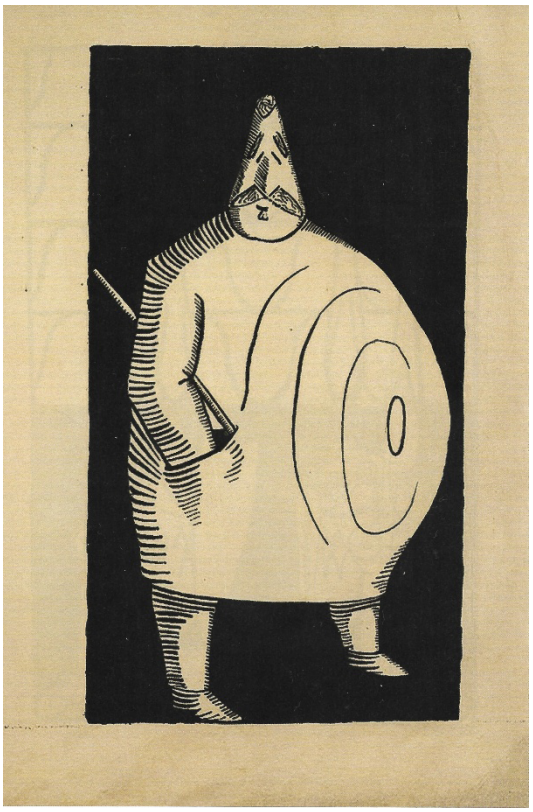
[5] É importante frisar que existe uma diferença fundamental entre esse *efeito de verdade* e um *fato verdadeiro*, pois os efeitos funcionam como se fossem verdades no discurso, ainda que factualmente eles sejam mentirosos.

Se essas três propriedades — o poder de matar, de verdade e de fazer rir — caracterizam o poder ubuesco em termos positivos, também vale a pena indicar aquilo que não o define. Desse modo, é preciso reafirmar que o poder ubuesco não é uma falha ou uma anomalia das relações de poder, mas uma mecânica inerente a elas. Enquanto em certas sociedades indígenas, a exemplo dos Chulupi, a ridicularização do chefe ou xamã serve como um meio de restrição da autoridade dessas figuras, neutralizando grande parte de seus poderes políticos (Clastres, 2020), em nossas sociedades essa ridicularização tem servido, conforme mencionado, não para regular o poder em certos limites, mas para maximizá-lo. Ainda que existam formas de ridicularização cômica que cumprem o papel de balancear certas relações de poder, como é o caso das sátiras políticas, o poder ubuesco, em contrapartida, utiliza meios similares para explicitar seu próprio caráter abjeto (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024; Foucault, 2010b).

Também cabe destacar que o ubuesco não está restrito a um campo político ou ideológico específico, podendo perfeitamente ser exercido por diferentes atores e instituições, bem como em instâncias cotidianas distantes da política partidária (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024). É por essas razões que não se deve ver no poder ubuesco um exercício *vitorioso* de poder, mas um tipo de estratégia que pode gerar diferentes resultados (Leme, 2008). Em suma, longe de ser um elemento estranho às estruturas de poder, o que também não o torna algo natural a todas as formas de governo, o ubuesco não representa uma simples antítese da razão, da seriedade e do respeito, mas um exercício de poder, consciente ou não, com suas características e funcionamentos próprios.

Enfim, traçado o retrato de Ubu, cabe agora acompanhar seu terror quando, expulso da Polônia, ele decide assumir um novo nome em outro continente.

Imagem 1 – retrato de *Monsieur Ubu*



Fonte: Jarry, 2021.

## 3 Ubu vai à América

Descoroado após covardemente fugir do golpe de Bugrelau, filho do rei Venceslau, Pai Ubu embarca em um navio rumo à França. Depois de algumas desventuras pouco lembradas — *Ubu enchaîné* e *Ubu Cocu* —, Ubu decidiu atravessar os oceanos, pois um continente não era o suficiente para suportar seu toque podre. Atracando em Nova York, Ubu viu naquela cidade de imigrantes uma oportunidade para fazer a única coisa que realmente lhe dava prazer: alimentar sua ganância. Com o passar dos anos, ele fez de Nova York um palco para propagandear seu nome em ouro, afinal, só porque ele havia fugido da Polônia isso não significava que a sua vaidade tinha arrefecido. Porém, em 2015, após anos de ameaças, Ubu decidiu finalmente retornar à política, dessa vez concorrendo à presidência dos Estados Unidos da América, com a diferença de que ele jogaria *limpo*, sem apelar para golpes ou barbaridades, apenas para sua (suposta) imagem de empresário bem-sucedido e *outsider* do campo político. Mas, como a mentira possui pernas curtas e não escapa da fome de Ubu, o disparate se tornou a tônica de sua campanha presidencial vitoriosa.

Talvez o Ubu que hoje preside os Estados Unidos — atendendo pelo nome de Donald Trump — se incomode com a narrativa aqui exposta, pois nessa versão ele é retratado como um imigrante, a imagem do principal inimigo do seu governo. No período que compreende a campanha presidencial de 2016 e seu primeiro mandato (2017-2021), Trump defendeu a construção de um muro na fronteira México-EUA (que em partes já existia, mas foi expandido durante sua administração), a deportação de imigrantes ilegais e a revogação da política de cidadania por direito de nascença. De fato, durante o governo de Trump a política de imigração se tornou muito mais severa, resultando em um aumento no número de prisões, restrições a benefícios públicos e a implementação de medidas de separação familiar (Pearle, 2024; Snow, 2020). Somado a isso, Trump também defendeu uma política nacionalista e protecionista mesmo diante de países aliados dos EUA, como no caso da OTAN e, no caso mais extremo, contra a China, considerada inimiga dos interesses estadunidenses (Diamond, 2017; Swanson, 2018).

Se a retórica belicista contra imigrantes e contra outras nações marcaram o primeiro mandato de Trump, em sua campanha de 2024 — após a derrota para Joe Biden em 2020 — a estratégia foi dobrar a aposta a partir daquilo que ele considerava um *retrocesso* promovido pela administração Biden-Harris (2021-2024) na política migratória. Baseado em uma clara lógica schmittiana de *amigo x inimigo* (Schmitt, 2008), em que o restante do planeta e o dito *establishment* político estadunidense estariam contra o *povo americano*, Trump promoveu uma campanha sustentada pela ideia de "resgatar" os EUA da "corrupção do *establishment*". Após uma tentativa de assassinato durante um comício (perpetrada por um jovem branco estadunidense), essa *missão de resgate da nação* ganhou ares quase messiânicos, pois, nas palavras de Trump, ele não se renderia "nem mesmo diante da própria morte!".

> (1) Desde o início desta jornada, minha missão tem sido resgatar nossa nação de um *establishment* político falido e corrupto. Eu NUNCA DESISTIREI, eu NUNCA ME CURVAREI, eu NUNCA CEDEREI e eu NUNCA ME RENDEREI, nem mesmo diante da própria morte (Trump, 2024a, tradução própria).[6]

[6] "From the very beginning of this journey, I have been on a mission to rescue our nation from a failed and corrupt political establishment. I will NEVER QUIT, I will NEVER BEND, I will NEVER BREAK, and I will NEVER YIELD, not even in the face of death itself".

Nessa jornada, os imigrantes seriam como um *exército* utilizado pela "esquerda comunista" que controla o planeta e que atiça "terroristas, criminosos e loucos" para causar o caos e roubar as riquezas dos EUA. Nas palavras de Trump:

> (2) Devido a essa retórica da esquerda comunista, as balas estão voando e a situação só vai piorar! Permitir que milhões de pessoas, de lugares desconhecidos, INVADAM e tomem conta de nosso País é um pecado imperdoável. NOSSAS FRONTEIRAS DEVEM SER FECHADAS E OS TERRORISTAS, CRIMINOSOS E LOUCOS DEVEM SER IMEDIATAMENTE REMOVIDOS DAS CIDADES AMERICANAS E DEPORTADOS DE VOLTA PARA SEUS PAÍSES DE ORIGEM. QUEREMOS QUE AS PESSOAS ENTREM EM NOSSO PAÍS, MAS ELAS DEVEM AMAR A NOSSA NAÇÃO E ENTRAR LEGALMENTE E POR MEIO DE UM SISTEMA DE MÉRITO. O MUNDO ESTÁ RINDO DE NÓS COMO TOLOS, ELES ESTÃO ROUBANDO NOSSOS EMPREGOS E A NOSSA RIQUEZA. NÃO PODEMOS MAIS DEIXÁ-LOS RIR. FAÇAM A AMÉRICA GRANDE NOVAMENTE! (Trump, 2024b, tradução própria).[7]

Na narrativa de um suposto complô global, Donald Trump seria o único herói capaz de fazer da *América*, pois sua nação se sobrepõe a mais de um continente, grande novamente. Enquanto no passado era por meio da força que Ubu ascendia ao trono, fosse contra o rei Venceslau ou na Marcha sobre Roma, no século XXI é através das eleições que Ubu emerge como *salvador da pátria*. Entretanto, não são os possíveis vínculos com a retórica ou a política fascista que interessam a esta análise, mas sim o modo como o discurso de Donald Trump pode ser caracterizado como um discurso ubuesco. Para isso, é preciso retomar as três propriedades que caracterizam esse discurso — o poder de matar, de verdade e de fazer rir — e observar como as falas de Trump, mais especificamente seus *posts* durante a campanha presidencial de 2024 e nos primeiros cem dias de seu segundo mandato, se enquadram neles.

De início, em se tratando do poder de matar, cabe relembrar que tal poder não se refere apenas a condenar um indivíduo ou um grupo à morte, mas de ter controle sobre a vida das pessoas em suas mais variadas dimensões, ou seja, é um poder soberano (Foucault, 2010a). Essa propriedade do discurso ubuesco pode ser constatada nas já mencionadas falas de Trump sobre os imigrantes que residem nos Estados Unidos, exposto no Excerto (3), e, em exemplos extremos, Excertos (4) e (5), também em um suposto *direito de matar* presente nas falas de Trump comentando a eliminação de membros do Estado Islâmico, bem como nas ameaças ao então Líder Supremo do Irã, Ali Khamenei, durante o conflito militar entre Israel e Irã em junho de 2025. Enquanto nas ameaças ao ISIS a demonstração de força é espetacular — "Eu fiz!" e "NÓS VAMOS ENCONTRAR VOCÊS E VAMOS MATÁ-LOS!" —, contra o aiatolá, Trump fez questão de frisar que possuía o poder de matar — "Não vamos eliminá-lo (matar!)" —, mas que ele escolheu não exercer, assim como Mussolini, que *poderia* ter transformado a "Câmara cinzenta e monótona em um bivaque", mas não o fez.

---

[7] "Because of this Communist Left Rhetoric, the bullets are flying, and it will only get worse! Allowing millions of people, from places unknown, to INVADE and take over our Country, is an unpardonable sin. OUR BORDERS MUST BE CLOSED, AND THE TERRORISTS, CRIMINALS, AND MENTALLY INSANE, IMMEDIATELY REMOVED FROM AMERICAN CITIES AND TOWNS, DEPORTED BACK TO THEIR COUNTIES OF ORIGIN. WE WANT PEOPLE TO COME INTO OUR COUNTRY, BUT THEY MUST LOVE OUR NATION, AND COME IN LEGALLY AND THROUGH A SYSTEM OF MERIT. THE WORLD IS LAUGHING AT US AS FOOLS, THEY ARE STEALING OUR JOBS AND OUR WEALTH. WE CANNOT LET THEM LAUGH ANY LONGER. MAKE AMERICA GREAT AGAIN!".

(3) Encerraremos todos os voos de migrantes, [...] revogaremos a imunidade de deportação, suspenderemos o reassentamento de refugiados e devolveremos os migrantes ilegais da Kamala a seus países de origem (Trump, 2024c, tradução própria).[8]

(4) Esta manhã eu ordenei ataques aéreos militares de precisão contra o Planejador Sênior de Ataques do ISIS e outros terroristas que ele recrutou e liderou na Somália. [...] Nossas Forças Armadas têm visado esse Planejador de Ataques do ISIS há anos, mas Biden e seus comparsas não agiram com rapidez suficiente para realizar o trabalho. Eu fiz! A mensagem para o ISIS e todos os outros que querem atacar os Americanos é que "NÓS VAMOS ENCONTRAR VOCÊS E VAMOS MATÁ-LOS!" (Trump, 2025a, tradução do autor).[9]

(5) Sabemos exatamente onde o chamado "Líder Supremo" está se escondendo. Ele é um alvo fácil, mas está seguro lá — não vamos eliminá-lo (matar!), pelo menos não por enquanto. Mas não queremos que mísseis sejam disparados contra civis ou soldados americanos. Nossa paciência está se esgotando (Trump, 2025b, tradução do autor).[10]

Conforme apresentado na seção anterior, o poder de estabelecer a verdade se articula ao poder de matar por garantir a ele suas prerrogativas de ação. Nesse sentido, apesar dos exemplos caricatos que apontam para o aspecto cômico do ubuesco, notáveis nos Excertos (6) e (7), é importante notar que essa propriedade perpassa todo o discurso de Trump, pois é ela que lhe garante sua legitimidade e força. No entanto, tal legitimidade não se baseia apenas em sua posição de presidente, isto é, em seu caráter político e institucional, muito menos em algum tipo de saber científico, mas justamente por deter poderes que não condizem com seu *status* e nem com o espaço em que ele se situa, ou seja, ele une de maneira grotesca a face econômica do bilionário, a política do presidente e o conhecimento dito *óbvio* do *bom senso*.

(6) TRUMP ESTAVA CERTO SOBRE TUDO! (Trump, 2025c, traduzido pelo autor).[11]

(7) Aquele que defende seu País não viola nenhuma Lei (Trump, 2025d, traduzido pelo autor).[12]

A defesa do sucesso meritocrático e da ideia de que o dinheiro pode comprar o mundo, a liberdade de agir como bem entender por estar protegido pelo seu cargo, a crença de que suas opiniões são um atestado *óbvio* da *verdade* — são alguns dos elementos que se misturam e assumem uma forma ubuesca em Donald Trump. Essa suposta *obviedade* que sustenta a (falsa) *verdade* das falas de Trump se configura como um recurso de interdição da crítica, pois ela se baseia na crença de que qualquer pessoa seria capaz de perceber que ele é um

[8] "We will stop all migrant flights, [...] revoke deportation immunity, suspend refugee resettlement, and return Kamala's illegal migrants to their home countries".

[9] "This morning I ordered precision Military air strikes on the Senior ISIS Attack Planner and other terrorists he recruited and led in Somalia. [...] Our Military has targeted this ISIS Attack Planner for years, but Biden and his cronies wouldn't act quickly enough to get the job done, I did! The message to ISIS and all others who would attack Americans is that 'WE WILL FIND YOU, AND WE WILL KILL YOU!'".

[10] "We know exactly where the so-called 'Supreme Leader' is hiding. He is an easy target, but is safe there — We are not going to take him out (kill!), at least not for now. But we don't want missiles shot at civilians, or American soldiers. Our patience is wearing thin".

[11] "TRUMP WAS RIGHT ABOUT EVERYTHING!".

[12] "He who saves his Country does not violate any Law".

perseguido político,[13] que a liberdade de expressão foi tolhida[14] e que existe uma imposição de questões de raça e gênero na vida cotidiana,[15] enfim, que "tudo se resume ao bom senso"[16] (Trump, 2025e). Ao colocar o senso comum como balizador da verdade de seu discurso, Trump institui uma suposta *literalidade* e *transparência* dos sentidos, de modo que qualquer pessoa *razoável* e *sã* seria capaz de chegar às mesmas conclusões (Lagazzi, 1988), jogando seus críticos e adversários não somente para o campo do erro, mas da loucura:

> (8) Eu acredito que é muito importante que a Kamala Harris passe por um teste de Resistência e Agilidade Cognitiva (Trump, 2024d, tradução própria).[17]

Contudo, para além desse *bom senso*, é importante perceber como o discurso ubuesco joga com a mentira, não de modo a simplesmente ocultar os fatos dos destinatários do discurso, mas na inversão da mentira sobre ela mesma enquanto signo de força. Em outras palavras, o que ocorre no discurso ubuesco é a enunciação da mentira e a sua aceitação enquanto tal por parte dos destinatários, mas com um ponto a mais, pois o emissário da informação falsa realiza uma inversão ao agir de acordo com a mentira, interditando a resposta do interlocutor crítico, uma vez que esse não partilha da mesma (falsa) *verdade* estabelecida com base no suposto senso comum (Leme, 2008). Simplificando, quando Trump mente o que menos importa para seus apoiadores é o referencial real das informações que ele apresenta, mas sim o fato de estarem compartilhando uma suposta *verdade comum* e agirem de acordo com ela. Em suma, o poder de estabelecer a verdade que o discurso ubuesco possui também se manifesta no "poder de mentir, [de] agir de acordo com essa mentira e qualificar-se a si mesmo como mentiroso" (Leme, 2008, *E-book não paginado*).

Um exemplo desse jogo com a mentira pode ser observado na carta endereçada ao presidente Lula a respeito da taxação de 50% dos produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos. Através de um linguajar alheio ao decoro esperado em relações diplomáticas, Trump fundamenta a taxação com base na defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro (condenado por liderança de organização criminosa; tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito; golpe de Estado; dano contra o patrimônio da União e deterioração de patrimônio tombado) que estaria sendo, em sua visão, vítima de violações políticas e de uma perseguição autoritária perpetrada pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil, violações essas que também atingiriam as empresas de redes sociais estadunidenses. Além de atacarem a soberania nacional brasileira, essas afirmações logo foram desmentidas por medidas visando a interferência no Pix, o que favoreceria *Big Techs* interessadas no mercado de pagamentos automáticos, como a *Meta*, pelos interesses nos minerais críticos brasileiros e pelo histórico de enfrentamento aos países do BRICS.[18] Somado a esses fatores, Trump também alegou que

---

[13] "Over the past eight years, I have been tested and challenged more than any president in our 250-year history, and I've learned a lot along the way".

[14] "After years and years of illegal and unconstitutional federal efforts to restrict free expression, I also will sign an executive order to immediately stop all government censorship and bring back free speech to America".

[15] "This week, I will also end the government policy of trying to socially engineer race and gender into every aspect of public and private life".

[16] "It's all about common sense".

[17] "I believe it is very important that Kamala Harris pass a test on Cognitive Stamina and Agility".

[18] "The idea that the BRICS Countries are trying to move away from the Dollar while we stand by and watch is OVER. We require a commitment from these Countries that they will neither create a new BRICS Currency, nor

o Brasil estaria se beneficiando às custas dos Estados Unidos na relação comercial de longa data entre os dois países, mesmo os EUA somando um superávit comercial com o Brasil na casa das centenas de bilhões de dólares há mais de uma década. Em resumo, uma clara demonstração de que Ubu não tem medo de ser taxado de mentiroso (Catto, 2025).

Essa autocaracterização como mentiroso também leva à terceira propriedade do discurso ubuesco, isto é, o poder de fazer rir, que se relaciona ao princípio de terror que perpassa tal discurso. O riso involuntário diante do absurdo é algo que circunda a imagem a Trump, que faz da incredulidade um palco sobre o qual governar. Seja por meio da humilhação de adversários através de apelidos e ofensas — como Joe Desonesto e Kamala Mentirosa[19] —, seja por meio da *automemeficação* através de montagens e da promoção de produtos questionáveis (como no caso do *meme coin* lançado após a eleição e acusado de ser um esquema de enriquecimento ilícito). O ridículo e a bufonaria emergem como forças de um governo que se fundamenta em um terror que não oculta seus motivos e mecanismos, mas que faz troça deles por meio da exposição espetacular (Debord, 1997; Leme, 2008).[20]

Distante de Ronald Reagan, ator de Hollywood, Donald Trump surge na era dos *reality shows* e das redes sociais, onde a paródia, o ódio e a humilhação movem algoritmos com capacidades inéditas de difusão de informações. Por um lado, existe a confusão entre o personagem e o sujeito ao ponto da perda de qualquer referencial, fazendo de Trump um ator que interpreta a si mesmo enquanto caricatura, por outro lado, algoritmos de redes sociais, como *Facebook*, *X* e *Youtube*, fomentam publicações com discursos de ódio para aumentar o tempo de tela de seus usuários a partir da lógica de que a raiva engaja (Fisher, 2023). No meio disso tudo, antigos limites do discurso público são movidos, abrindo brechas para que falas até então estranhas a certos espaços se tornem cada vez mais normalizadas. Ao transformar a violência em piada, ao fazer de si um bufão e anular as possíveis críticas, ao deslocar o campo do debate público para aquilo que serve aos seus interesses, Trump expõe o poder arbitrário em seu caráter mais cru, de modo que a face ridícula de Ubu surge não como uma ofensa, mas como a demonstração de uma força capaz de abalar os princípios de um debate político considerado *racional*.

Procurar embaixo da máscara ubuesca a *real* face dos indivíduos e grupos que se valem de sua linguagem é uma tarefa vã, pois a caricatura e a carne já se confundiram de tal modo que o que resta é apenas a imagem grotesca da arbitrariedade do poder e do terror político. Os interesses, objetivos, planos e estratégias se inscrevem na superfície do discurso e são vendidos (lembrando que Trump é, antes de tudo, um vendedor) em orações simples, marcadas por sintaxe linear, linguagem direta e literal, com palavras de ordem que destacam sentimentos em letras maiúsculas e pontos de exclamação. O discurso de Ubu não esconde segundas intenções, ele revela tudo de maneira obscena, reforçando a imagem do suposto líder *inabalável* e *verdadeiro*, ao mesmo tempo em que diz aos seus seguidores o que eles devem pensar e como devem se sentir. E, quanto mais ridículo tudo isso parecer aos olhos de seus críticos, melhor, pois, nessa lógica, a diferença funciona como um atestado de que os opositores estão isolados em suas bolhas de *linguagem difícil* e são incapazes de se comunicarem com o *povo verdadeiro*.

---

back any other Currency to replace the mighty U.S. Dollar or, they will face 100% Tariffs, and should expect to say goodbye to selling into the wonderful U.S. Economy. They can go find another 'sucker!'" (Trump, 2024e).

[19] Crooked Joe; Lyin' Kamala (Trump, 2024f).

[20] No Brasil, um caso exemplar disso ocorreu na ocasião em que Jair Bolsonaro, então presidente, levou um comediante que o imitava para responder perguntas de repórteres em seu lugar (Militão, 2020).

Distante da mera loucura, o que Ubu faz é romper com qualquer tipo de regra e se colocar em uma posição alheia a tudo, de onde ele pode governar de maneira irrestrita. Assim, quando finalmente reascende ao trono, quando toma posse em janeiro de 2025, Ubu, ou ainda, Donald Trump, sabe que limite algum pode impedi-lo de dizer que "toda entrada ilegal será imediatamente interrompida e começaremos o processo de devolver milhões e milhões de criminosos estrangeiros aos lugares de onde vieram",[21] que mudará "o nome do Golfo do México para Golfo da América",[22] que o aquecimento global é uma mentira e que os estadunidenses "poderão comprar o carro de sua escolha"[23], e que, a partir de agora, eles irão "perfurar, baby, perfurar"[24] os poços de petróleo, tudo isso marcado por hipérboles que reforçam a megalomania de seu governo — "Para os cidadãos americanos, 20 de janeiro de 2025 é o Dia da Libertação",[25] "O futuro é nosso e nossa era dourada está apenas começando"[26] (Trump, 2025e, tradução própria).

Entre o *meme* que contamina as redes, o *troll* de internet que ofende os adversários e o homem *sincero* sem medo de falar a *verdade*, no fim, o que se tem é alguém que sabe aproveitar a atual conjuntura política, econômica e cultural para fazer valer seus interesses pessoais e do capital que o apoia (vide a presença de alguns dos homens mais ricos do mundo em sua posse presidencial). Semelhante a uma *síndrome* — referência à expressão *Trump Derangement Syndrome*, popularizada por Trump e seus apoiadores para zombar dos críticos ao seu governo — o discurso ubuesco é a manifestação de um conjunto de sintomas e sinais diversos ligados por pontos comuns. Tendo isso em vista, cabe agora tentar diagnosticar as condições que possibilitaram que Ubu retornasse ao trono.

Imagem 2 – Ubu Trump




Fonte: Mr. Fish, 2017.

[21] "All illegal entry will immediately be halted, and we will begin the process of returning millions and millions of criminal aliens back to the places from which they came".

[22] "We are going to be changing the name of the Gulf of Mexico to the Gulf of America".

[23] "You'll be able to buy the car of your choice".

[24] "We will drill, baby, drill".

[25] "For American citizens, January 20th, 2025, is Liberation Day".

[26] "The future is ours, and our golden age has just begun".

## 4 O espectro de Ubu

Recoroado após uma campanha mentirosa, Pai Ubu é eleito presidente dos Estados Unidos. Contudo, seu mandato é curto e, considerando que ele não poderia apunhalar seus adversários pelas costas como no passado, Ubu teve que esperar mais quatro anos para voltar ao trono e ser recoroado novamente, agora sob a promessa de cumprir aquilo que não havia conseguido fazer e de corrigir os retrocessos dos anos que ficou afastado do cargo que, em sua cabeça, lhe pertencia por direito. Desse modo, o ciclo de coroação, descoroação e recoroação se fecha sob a impressão de que tudo não passa de uma mera repetição, como se Ubu fosse um fantasma que assombra as nossas sociedades de tempos em tempos. Mas seria mesmo um ciclo? Pode ser que seja uma linha que avança e retrocede, um cabo de guerra que Ubu está ganhando e, com isso, levando o mundo ao retrocesso. Talvez não seja nada disso e o tempo seja mais complexo que apenas ciclos e linhas. Talvez o espectro de Ubu ronde as sociedades enquanto elas se transformam até o momento em que ele encontra as condições adequadas para reemergir de seu sono no interior dos mecanismos de poder.

Nesse sentido, somente a conceituação das propriedades do discurso ubuesco e a verificação delas nas falas de Donald Trump não dão conta de explicar como esse discurso ganhou corpo no século XXI e quais foram as condições de possibilidade implicadas em sua emergência. Pensando nisso, foram estabelecidas cinco categorias e questões a elas relacionadas para tentar construir um panorama mais amplo para o diagnóstico dessas condições, levando em consideração fatores que vão desde os modos em que a verdade é definida até as circunstâncias técnicas e estéticas envolvidas nesses processos. Apesar de não englobarem a totalidade de fatores passíveis de análise, algo que nenhum método é capaz de fazer, essas categorias ajudam a construir uma perspectiva mais ampla de como diferentes acontecimentos — que compreendem elementos históricos, econômicos, invenções tecnológicas, tendências sociais, governos etc. — se articulam em uma grande rede.

Essas categorias foram estabelecidas com base nos procedimentos de exclusão, internos e de rarefação apresentados por Foucault (2005) como aqueles que controlam, selecionam e organizam a produção dos discursos em nossas sociedades. A ideia foi reorganizar esses procedimentos, transformando-os em instrumentos de pesquisa compreendidos em categorias mais gerais, capazes de ampliar o escopo de análise para outros fatores materiais implicados na formação dos discursos e de facilitar o diálogo com outras perspectivas teóricas, como o marxismo, por exemplo. Esses procedimentos podem ser resumidos da seguinte maneira:

- **Procedimentos de exclusão:** a *interdição* sobre o que pode ser dito; a *separação* daquele que tem a palavra acolhida ou não; e a *oposição* entre o verdadeiro e o falso no interior de um discurso.
- **Procedimentos internos:** o *comentário*, que é o princípio de repetição e ampliação de um discurso; a *autoria*, uma função de agrupamento do discurso, e não o indivíduo em si; e as *disciplinas*, que organizam o discurso, definindo domínios de objetos, métodos e proposições.
- **Procedimentos de rarefação:** o *ritual*, que define a qualificação que os indivíduos que falam devem possuir, os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todos outros signos que acompanham o discurso; as *sociedades de discurso*, que produzem e conservam discursos, fazendo-os circular em determinados espaços sob determinadas regras,

regulando o regime de exclusividade e divulgação deles; as *doutrinas*, que sujeitam os indivíduos a certos tipos de enunciação, ligando-os entre si e diferenciando-os de outros; e a *apropriação social*, que se refere ao acesso e à distribuição dos discursos, à capacidade de manutenção ou modificação deles por parte de diferentes grupos sociais.

Há, ainda, quatro princípios reguladores da análise que perpassam todas as categorias propostas e, devido ao seu caráter metodológico, não são mencionados no quadro apresentado aqui. Tais princípios são: 1) a *inversão*, que trata de reconhecer nas fontes dos discursos (como o autor e a disciplina) não os princípios de uma instância criadora, mas um recorte; 2) a *descontinuidade*, que se refere ao fato de que não existe um grande e ilimitado discurso na base de todos os outros, mas sim práticas descontínuas que, por vezes, se cruzam, se ignoram ou mesmo se excluem; 3) a *especificidade*, que reconhece que os discursos não são jogos com significações prévias nem acessórios do nosso conhecimento, mas práticas que impomos às coisas; e 4) a *exterioridade*, que lembra que a análise não busca o núcleo escondido dos discursos, mas suas condições de possibilidade, isto é, suas formas de aparição e regularidades (Foucault, 2005).

Além de servirem como uma forma de reorganização e ampliação da análise, as categorias apresentadas aqui também reafirmam a ideia de que os discursos não se desenvolvem pela mera vontade de figuras poderosas e nem surgem espontaneamente como fruto de uma suposta *evolução teleológica* das sociedades. Ao contrário, eles emergem da realidade material como mosaicos construídos por diferentes forças, eventos e mãos, não apenas encontrando certas condições favoráveis para seu desenvolvimento em determinado tempo e espaço, mas, em parte, também produzindo novas condições. Tal produção não se refere a um projeto idealizado por agentes específicos, mas a uma série de ações realizadas por diversos grupos e indivíduos a partir de diferentes condições, urgências e objetivos dados.

Em resumo, a proposta, apresentada no Quadro 1, também serve como um ponto de partida para análises genealógicas dos discursos, pois a síntese em cinco categorias e perguntas-chave facilita o trabalho do/a analista ao posicionar seu olhar sobre o arquivo, sem pretender encerrar futuras pesquisas em um modelo fixo. Portanto, no que se refere àquilo que as categorias *compreendem*, os elementos expostos servem como referência para outros similares, assim como os *principais procedimentos implicados* exemplificam as relações entre os conceitos citados anteriormente e esta proposta, não indicando que tais procedimentos se organizam de modo tão simples e coeso. Também deve-se destacar que não existe hierarquia ou anterioridade entre as categorias, pois elas sempre funcionam em correlações umas com as outras, ou seja, quando uma muda todas as outras sentem ecos dessa mudança.[27]

[27] O que prevaleceu na definição dessas cinco categorias foi o princípio da economia. A implicação de fatores como o contexto geográfico, natural e histórico nas condições de possibilidade dos discursos é pressuposta por esta apresentação, mas, ao invés de estabelecer categorias específicas para eles, preferiu-se enquadrá-los de maneira difusa no plano geral da síntese.

Quadro 1 – Síntese das categorias de análise de discurso

| Categoria | Compreende | Principais procedimentos implicados | Problema-chave |
|---|---|---|---|
| Regime de veridicção | Modos de definir a verdade; quem pode defini-la; conceitos e teorias; censura direta e indireta; nomeação. | Oposição verdadeiro/falso; separação; ritual; disciplinas. | O que constitui a verdade e quem é autorizado a dizê-la? |
| Economia política do dizível | Formas de organização econômica e política; relações de trabalho e produção; práticas de governo. | Interdição; sociedades de discurso; doutrinas; apropriação social. | uais práticas políticas e econômicas sustentam o discurso? |
| Infraestrutura tecnológica e institucional | Tecnologias de mediação e circulação de informação; canais e instâncias de comunicação. | Sociedades de discurso; apropriação social. | Quais canais e instituições operam o discurso? |
| Economia do sensível | Estética; partilha do sensível; performance. | Ritual; apropriação social; autoria; interdição. | Sob quais formas o discurso é enunciado e recebido? |
| Naturalização do discurso | Repetição; hegemonia; ideologia; silenciamento. | Sociedades de discurso; comentário; apropriação social. | Quais mecanismos estabilizam e organizam a repetição do discurso? |

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Com base nessas categorias, é possível definir alguns marcos referenciais que atuaram no desenvolvimento das condições de emergência do discurso ubuesco no início do século XXI. Vale ressaltar que esses marcos servem para traçar uma esquematização simples de temas muito mais amplos e, assim como o quadro, ela funciona como um esboço geral para pesquisas específicas. Dois objetivos sustentam essa esquematização: 1) delinear alguns dos principais eventos que levaram à emergência e à difusão do discurso ubuesco em âmbito político nas duas primeiras décadas do século XXI; 2) demonstrar a aplicação das categorias propostas em uma análise efetiva. Logo, o foco desta breve apresentação não está na explicação de acontecimentos ou ideias específicas, mas na articulação geral desses elementos, compreendendo que tal articulação não se baseia em uma relação de causa e efeito simples, mas em processos complexos que levaram, de maneira direta e/ou indireta, à formação das condições de possibilidade do discurso ubuesco.

A lista de fatos destacados aqui tem como base acontecimentos que tiveram algum impacto substancial não apenas no mundo, mas principalmente nos Estados Unidos, pois o foco desta análise permanece sendo o discurso de Donald Trump. Além disso, apesar de o recorte temporal se limitar ao século XXI, todos os acontecimentos listados são desdobramentos de

processos mais antigos, sendo esses fatos pontos de referência relevantes. Com base nisso, é possível destacar os seguintes acontecimentos: os atentados de 11 de setembro de 2001; o início da Guerra ao Terror e a invasão do Afeganistão e do Iraque (2001-2021); a expansão global da internet; a criação das redes sociais baseadas em lógica algorítmica; o lançamento do *Iphone* (2007) e a difusão dos *smartphones*; a crise financeira de 2008; a eleição de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos (2009-2017); o movimento *Occupy Wall Street* (2011); a Guerra Civil Síria (2011-?); o Acordo de Paris (2015); o *Brexit* (2016-2020); a ascensão da China como potência econômica e militar mundial; o primeiro governo de Donald Trump (2017-2021); a pandemia de Covid-19 (2020); a retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão (2021); a Guerra da Ucrânia (2022-?) e o segundo governo de Donald Trump (2024).

De início, é possível destacar alguns acontecimentos dessa lista que possuem conexões mais diretas com a emergência e a difusão do discurso ubuesco. Nesse sentido, a Guerra ao Terror e os discursos do ex-presidente estadunidense George W. Bush (2001-2009) se referindo aos países considerados inimigos dos EUA como *Eixo do Mal*, além das alegações falsas de que o Iraque possuía armas de destruição em massa (Borger, 2004), serviram para produzir um ambiente político centrado no estado de exceção, na normalização da mentira e na legitimação da islamofobia, bem como estimularam o avanço de tecnologias de vigilância populacional. Tal avanço encontrou ecos na expansão da internet e no desenvolvimento de algoritmos de previsão que estruturam redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *X*. Além de possuírem uma arquitetura que estimula a propagação de discursos de ódio e desinformação (Fisher, 2023), essas redes sociais, por meio de seus algoritmos, também influenciaram eleições como o plebiscito do *Brexit* e a vitória de Trump em 2016, como demonstrado pelo escândalo da *Cambridge Analytica* (Cadwalladr; Graham-Harrison, 2018).

Em grande parte, a expansão da internet nesses anos se deve não somente ao seu próprio avanço tecnológico, em parte fruto da transferência de capital excedente de outros setores para a produção de eletrônicos de ponta, mas, também, à popularização dos *smartphones* que permitiu que mais pessoas estivessem *online* durante a maior parte do dia. Esses novos espaços digitais operaram uma transformação da ordem discursiva, reconfigurando a interdição daquilo que pode ou não ser dito, os papéis de autoridade e os modos de dizer o que é verdade. Somado a isso, a crise financeira de 2008 também escancarou os problemas de um modelo econômico baseado em especulação, gerando a deslegitimação de instituições públicas e privadas. Em meio a um contexto de crise financeira e política, que também incorporava pautas ambientais e sociais, e com novas possibilidades de organização via redes sociais, começaram a surgir ondas de protestos com bases e reivindicações diversas, mas, em geral, centrados em pautas antissistêmicas difusas, como a Primavera Árabe, o movimento *Occupy Wall Street* e as Jornadas de Junho, no Brasil.

Em meio a esses eventos, cabe citar a eleição de Barack Obama, não necessariamente pelo seu governo, mas porque Donald Trump questionava a nacionalidade de Obama, antecipando a retórica belicista contra adversários políticos, que marca a sua tônica nos anos seguintes. Além disso, a constante presença das forças militares dos EUA no Oriente Médio em todos esses anos e o surgimento do Estado Islâmico, em meio ao contexto da Guerra Civil Síria, levaram a uma escalada do discurso de luta contra o terrorismo, resgatando, mais uma vez, as ideias de defesa do Ocidente amplamente difundidas por Bush no início do século XXI. Essa nova onda de discursos pró-Ocidente trouxe também a China como uma ameaça

aos interesses dos EUA, pois a crescente economia e força militar fizeram dela o único país do mundo atual com capacidade de disputar a posição de potência hegemônica global.

Com a cultura assumindo um papel de destaque nas disputas políticas, diferentes pautas sociais passaram a ser pensadas sob o signo do dito *identitarismo*, termo que setores da direita passaram a utilizar para se referir a temas que, para esses grupos, pertenceriam ao pensamento de *esquerda*. Com isso, movimentos como o *#MeToo* e o *Black Lives Matter*, ligados a causas de gênero e raça, não apenas foram classificados como movimentos políticos *perigosos*, mas também a mera presença de certos temas e grupos sociais em obras de arte e entretenimento passaram a ser vistos como um produto de agendas *globalistas* e da cultura *woke*, termo guarda-chuva usado para designar tudo aquilo que seria contrário aos ditos *valores ocidentais e cristãos*. No limite, até mesmo questões como a defesa do meio ambiente e de proteção sanitária foram tragadas para essa disputa, o que culminou na retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris por parte de Trump e, talvez o exemplo mais evidente, na inação durante a pandemia de Covid-19, que normalizou o negacionismo científico promovido pelo Estado.

Enfim, essa apresentação é apenas uma descrição muito sumária de uma série de eventos. Ampliando um pouco a lista, é possível citar ainda as mudanças nos regimes de trabalho e consumo; o avanço da financeirização da economia mundial; a popularização de teorias aceleracionistas de direita entre CEOs do Vale do Silício (Avila, 2025); as novas linguagens e tendências estéticas na arte e no entretenimento e a difusão de discursos que naturalizam visões de governo baseadas naquilo que pode ser chamado de *liberalismo autoritário* (Chamayou, 2020). Em resumo, o que se tem é um cenário de mudanças amplas e difusas ocorrendo simultaneamente em várias dimensões sociais em um curto período de tempo.

Com base nas categorias propostas, o Quadro 2 apresenta uma esquematização das informações narradas:

Quadro 2 – síntese das condições de emergência do discurso ubuesco no século XXI

| Categoria | Acontecimentos relevantes |
|---|---|
| Regime de veridicção | A autoridade discursiva da ciência é questionada pelo *senso comum* e pela suposta *autenticidade* da autoridade arbitrária. O lastro da verdade migra da factualidade para a crença em narrativas de *bem x mal*, tendo como base as emoções e a moral. Os sujeitos autorizados a falar mudam e os cientistas, professores, artistas e políticos da oposição são deslegitimados como figuras corruptas e/ou deslocados da realidade, sendo a nova autoridade o dito *cidadão de bem e trabalhador*. |
| Economia política do dizível | As democracias representativas são questionadas e desmontadas em seu interior, dando lugar a governos autoritários construídos sob a fachada da *vontade do povo*. As relações de trabalho se transformam diante do avanço da informalidade da economia de plataformas e da financeirização, alterando as formas de organização da classe trabalhadora e impactando a sua fonte de renda. A ascensão da China como nova potência econômica mundial engendra novas disputas capitalistas globais, gerando amplas consequências geopolíticas. |

| | |
|---|---|
| Infraestrutura tecnológica e institucional | A difusão da internet e dos dispositivos móveis, bem como a expansão das redes sociais e das plataformas digitais, possibilitam a emergência de falas antes periféricas, permitindo que minorias sociais ganhem voz, mas também que grupos de ódio se disseminem. Os meios de comunicação tradicionais como o rádio, a televisão e o jornal, apesar de ainda importantes, dão cada vez mais espaço para redes que funcionam com base em algoritmos que estimulam o embate e a indignação como forma de engajamento, favorecendo a retórica sensacionalista e pouco verificada. Os canais institucionais tradicionais passam a ser questionados e repensados. |
| Economia do sensível | A sensibilidade social é reorganizada pelo ódio, ressentimento e nostalgia. Sentimentos antes indizíveis encontram correspondência via redes sociais. O proibido e o incômodo se tornam demonstrações de força e instrumentos de aceitação, provando a *autenticidade* daquele que o expressa. Além disso, a agressividade também é diluída na forma de humor, higienizando a mensagem violenta na forma de *memes* e anulando as críticas, classificadas como censura. Em outros níveis, grandes produções culturais se voltam para o passado através do resgate de antigos sucessos por meio de *remakes*, continuações e *reboots*, apostando em afetos ligados à nostalgia de um tempo melhor. |
| Naturalização do discurso | A guerra cultural se expande de modo a se tornar um mediador social através do qual todos são chamados a se posicionar. Nesse conflito, o campo semântico é reconfigurado, fazendo com que certos conceitos e expressões sejam automaticamente vinculados a um espectro político para, assim, serem deslegitimados. Os *direitos humanos* se tornam *defesa de bandido*, a *crise do meio ambiente* se torna *ataque ao agronegócio e às indústrias*, a *defesa de minorias* se torna *identitarismo e conspiração globalista*, a *liberdade de expressão* se torna *liberdade de ofensa*. A nuance é silenciada e a literalidade predomina, marcando aquilo que deve ser claro, simples e reiterado, formas essas que encontram correspondência em bordões, *memes* e falas ensaiadas. A superabundância de informações se torna meio de apagamento, divisão e interdição do debate público via excesso de dados, canais e interlocutores. |

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Conforme explicado, é esperado que tais mudanças produzam impactos multifacetados, e mesmo que alguns acontecimentos tenham fornecido a base para outros — como no caso do poder econômico dos EUA possibilitar seu desenvolvimento tecnológico —, é importante perceber que esse desenvolvimento também é determinado por fatores culturais, políticos, ideológicos e estéticos. Sendo assim, o diagnóstico das condições de emergência de um discurso deve passar pela análise da pluralidade de acontecimentos que os possibilitaram, delineando os elementos e relações que compõem um grande conjunto de variáveis. Com isso, não se trata de encontrar *o evento-chave* que teria dado origem a um certo discurso, mas de compreender como essas variáveis se articularam de modo a condicionar os acontecimentos históricos e seus resultados, determinando os limites e possibilidades da agência dos sujeitos, das formas de organização social e das práticas discursivas em um contexto específico.

Mesmo que a emergência do discurso ubuesco no século XXI encontre ecos em acontecimentos do início do século XX — que também passou por um período de grandes crises econômicas e rápidas transformações culturais, políticas e tecnológicas —, tais semelhanças devem ser pensadas não como uma simples repetição do passado ou

consequências de uma natureza teleológica, mas como algo próximo de uma *rima*. Nessa perspectiva, as comparações históricas ainda são úteis para a leitura do presente, mas deve-se levar em consideração que o tempo não retrocede e nem para, mas avança em movimentos dissonantes que, por vezes, produzem *rimas históricas* com o passado. Esses movimentos são retratos de uma condição dada na história e que não pode ser repetida em sua integridade, são diferentes expressões daquilo que está colocado no tempo e no espaço em que eles ocorrem, mesmo que carreguem certas similaridades com acontecimentos passados.

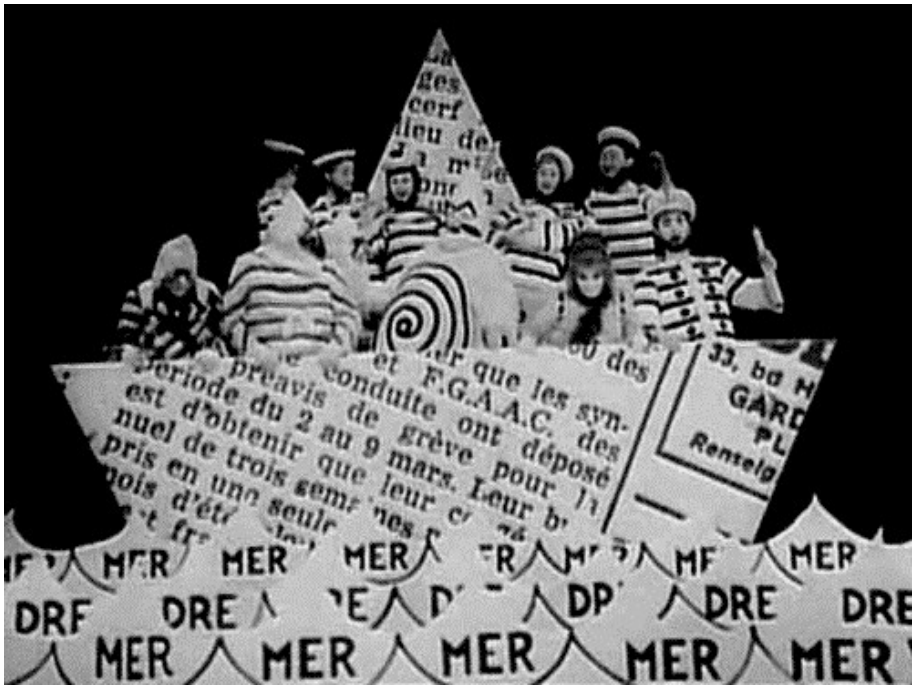
Apesar da aparente abstração dessas ideias, no fundo o objetivo com essas afirmações é simples: tentar estabelecer princípios de crítica ao discurso ubuesco. Enquanto alguns setores da esquerda tentam criticar o discurso da extrema-direita atual comparando-o às falas de fascistas históricos — o que é válido e, em certa medida, foi feito aqui —, os grupos de extrema-direita conseguem desarticular essas críticas ao afirmarem as diferenças (ou supostas diferenças) que eles possuem em relação a essas personalidades e ideias do passado. Logo, é preciso que a crítica seja capaz de apontar que as aproximações, as *rimas*, não se dão na aparência de similaridade, como se fosse preciso que certas ideias e nomes sejam expressamente ditos para daí se traçar semelhanças, mas sim no funcionamento do discurso.

É preciso entender que Ubu não é um indivíduo ou grupo — até porque nem todos aqueles que compõem a extrema-direita contemporânea compartilham do discurso ubuesco, além de ele também não estar restrito a um campo político (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024) —, mas que ele é como um espectro que possui um determinado conjunto de propriedades adaptáveis a novos contextos históricos e sociais. Pouco importa se a qualificação de *fascista* serve ao Trump devido às particularidades históricas que o conceito carrega, importa que o grasnar dele soa de maneira semelhante aos de Mussolini, e se a intenção daqueles que não concordam em chamá-lo de fascista é evitar o uso deliberado de certos conceitos para não os esvaziar, que o vejamos, então, como uma nova encarnação de Ubu, alguém que tem outra aparência e outra vida, mas que fala e fede como o fantasma que lhe dá voz.

Enfim, nesse palco armado por Ubu e que constitui grande parte da realidade contemporânea, onde a transgressão é transformada em instrumento de governo pela extrema-direita e a crítica é anulada ao ser lançada em um espaço dominado pela paródia de si e dos outros, resta perguntar: *o que fazer?*

Talvez a alternativa seja resgatar a crítica e retirá-la desse palco, não para dobrar a aposta no ridículo e tentar enfrentar Ubu com suas próprias armas, mas para levar o combate para outro terreno. Se o governo de Ubu se baseia em planos mirabolantes e arbitrários, pode ser que a alternativa para o enfrentar seja recorrer à realidade. Caso seja este o caminho, talvez a análise crítica e a defesa da ciência, ou ainda, *ciências* — pensando-as em suas multiplicidades enquanto práticas históricas —, sejam as melhores formas de devolver Ubu às páginas de um livro.

Imagem 3 – Ubu fugindo da Polônia




Fonte: Ubu... (1965).

## 5 Conclusão

Este artigo propôs analisar como o indizível se torna dizível, tomando como base a ascensão do discurso de extrema-direita de Donald Trump. Para isso, o artigo partiu do conceito de discurso ubuesco — apresentado por Foucault para definir os discursos que funcionam por meio da desqualificação de quem os produz e que maximiza seus efeitos de poder através da demonstração explícita da sua arbitrariedade por meio do poder de matar, de definir a verdade e de fazer rir — para tentar demonstrar a sua atualidade para a compreensão do funcionamento de discursos políticos contemporâneos. Essa demonstração foi realizada via análise dos *posts* de Trump, demonstrando como o discurso do presidente estadunidense pode ser lido como um discurso ubuesco e indicando também que, longe de ser fruto de um evento anômalo, a emergência desse discurso faz parte da própria dinâmica das relações de poder em nossas sociedades que operam a partir de uma série de condições materiais dadas.

Com base nesse pensamento, o artigo também tentou demonstrar que a análise das condições de emergência desses discursos deve abandonar perspectivas que creem na mera linearidade ou na ciclicidade da história. Apesar das semelhanças com outros acontecimentos históricos, a emergência do discurso ubuesco no século XXI responde aos fatores de sua própria época, estando ligada a questões de cunho filosófico, político, econômico, tecnológico, estéticos etc. Logo, o estudo dessas condições não pode se basear em lógicas simplistas de previsibilidade — como, por exemplo, associar automaticamente a ocorrência de uma crise econômica à ascensão de movimentos de extrema-direita —, mas em perspectivas capazes de compreenderem simultaneamente uma ampla gama de fatores vinculados a

esses processos. Pensando nisso, este estudo propôs uma síntese de cinco categorias que podem contribuir para investigações desse tipo, tendo como objetivo facilitar a verificação de elementos importantes ao longo da análise e garantir a abertura para novas pesquisas.

Por fim, é possível dizer que o processo que faz o indizível se tornar dizível reflete os complexos movimentos das sociedades no tempo. Aquilo que é considerado como um progresso social para certos setores da sociedade são resultados de lutas contingentes sujeitas a diversos tipos de ataques, derrotas e reveses. Nesse sentido, é importante notar que o discurso ubuesco não é um mero artifício retórico, pelo contrário, ele possui consequências reais na implementação de políticas públicas que afetam a vida de milhares de pessoas, além de causarem o tensionamento do discurso político para posições mais extremas. Ao normalizar certas ideias, mesmo que elas não venham a se realizar, o caminho fica aberto para que novos grupos assumam esse espaço sob a promessa de finalmente colocá-las em prática.

Diante desse cenário, o que resta a este artigo são perguntas sobre como sair do palco de Ubu. Se, por ora, é difícil estabelecer táticas concretas para tal enfrentamento, pois elas são sempre contextuais, talvez seja possível estabelecer ao menos como princípio de ação a defesa de uma atitude crítica capaz de olhar para o presente à procura daquilo que deva ser defendido e lutar pela superação dos espectros que insistem em perdurar. Quem sabe, a escolha de se posicionar a favor das ciências que expõem os fantasmas de Ubu já sirva como esse princípio de enfrentamento contra aqueles que governam através de um poder arbitrário.

## Referências


AVILA, A. *The Tech Billionaire to Fascist Pipeline*. [*S. l.*: *s. n.*], 26 jun. 2025. 1 vídeo (1h 33min 06s). Publicado pelo canal Alexander Avila. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=olhu9UhFGl4. Acesso em: 5 set. 2025.

BORGER, J. There Were no Weapons of Mass Destruction in Iraq. *The Guardian*. Washington, 7 out. 2004. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2004/oct/07/usa.iraq1. Acesso em: 5 set. 2025.

CADWALLADR, C.; GRAHAM-HARRISON, E. Revealed: 50 million Facebook Profiles Harvested for Cambridge Analytica in Major Data Breach. *The Guardian*. Washington, 17 mar. 2018. Disponível em: https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election. Acesso em: 5 set. 2025.

CATTO, A. Trump manda carta a Lula e anuncia tarifa de 50% sobre produtos brasileiros. *G1*. São Paulo, 9 jul. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/07/09/trump-manda-carta-a-lula-e-anuncia-tarifa-de-50percent-sobre-produtos-brasileiros.ghtml. Acesso em: 15 set. 2025.

CHAMAYOU, G. *A sociedade ingovernável*: uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado* – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAMOND, J. Trump Scolds NATO Allies Over Defense Spending. *CNN*. Brussels, 25 maio 2017. Disponível em: https://edition.cnn.com/2017/05/25/politics/trump-nato-financial-payments. Acesso em: 5 set. 2025.

FISHER, M. *A máquina do caos*: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

FORTES RIBAS, T.; BATISTA CANDIDO, G. O poder do riso e o poder que ri: duas formas da ridicularização de figuras de poder. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 10, n. 3, p. 342-363, 2024. DOI: https://doi.org/10.12957/riae.2024.84930.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JARRY, A. *Ubu Rei ou Os poloneses*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

KAYSER, W. *O grotesco*: configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

LEME, J. L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. *E-book*.

MILITÃO, E. Bolsonaro faz piada com PIB usando humorista Carioca em entrevista. *UOL*. Brasília, 4 mar. 2020. Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm. Acesso em: 15 set. 2025.

MR. FISH. *Ubu Trump*. 2017. Montagem digital. Disponível em: https://clowncrack.com/2017/05/01/ubu-trump/. Acesso em: 5 set. 2025.

MUSSOLINI, B. Discorso alla Camera dei Deputati (passato alla storia come "Discorso del bivacco"). *In*: WIKISOURCE. *Italia*—16 novembre 1922, Discorso del bivacco. Roma, 1922. Disponível em: https://it.wikisource.org/wiki/Italia_-_16_novembre_1922,_Discorso_del_bivacco. Acesso em: 5 set. 2025.

PEARLE, L. Trump Administration Admits Thousands More Migrant Families May Have Been Separated Than Estimated. *ABC News*, 4 fev. 2019. Disponível em: https://abcnews.go.com/US/trump-administration-unsure-thousands-migrant-families-separated-originally/story?id=60797633. Acesso em: 5 set. 2025.

SCHMITT, C. *O conceito do político/Teoria do Partisan*. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

SMITH, D. M. *Mussolini*. New York: Alfred A. Knopf, 1982.

SNOW, A. Crackdown on Immigrants Who Use Public Benefits Takes Effect. *Associated Press*. Phoenix, 25 fev. 2020. Disponível em: https://apnews.com/article/az-state-wire-phoenix-tx-state-wire-ny-state-wire-courts-e069e5a84057752a8535b1abe5d2ba6d. Acesso em: 5 set. 2025.

SODRÉ, M; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2002.

SWANSON, A. Trump's Trade War With China Is Officially Underway. *The New York Times*. Washington, 5 jul. 2018. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180712201844/https://www.nytimes.com/2018/07/05/business/china-us-trade-war-trump-tariffs.html. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[1. Missão]*. X: @realDonaldTrump. 12 out. 2024a. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1844936990023950395. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[2. Fronteiras]*. X: @realDonaldTrump. 16 set. 2024b. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1835717973069197484. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[3. Migrantes]*. X: @realDonaldTrump. 15 set. 2024c. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1835315698169475316. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[4. ISIS]*. X: @realDonaldTrump. 1 fev. 2025a. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1885740103223648412. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[5. Irã]*. X: @realDonaldTrump. 17 jun. 2025b. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1935016557224050887. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[6. Certeza]*. X: @realDonaldTrump. 3 jan. 2025c. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1875050089305252190. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[7. Lei]*. X: @realDonaldTrump. 15 fev. 2025d. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1890831570535055759. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[8. Teste]*. X: @realDonaldTrump. 14 out. 2024d. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1845847872287424732. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[BRICS]*. X: @realDonaldTrump. 30 nov. 2024e. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1863009545858998512. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[Ofensas]*. X: @realDonaldTrump. 29 out. 2024f. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1852119259729822180. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. The inaugural address. *In*: THE WHITE HOUSE. Washington, 20 jan. 2025e. Disponível em: https://www.whitehouse.gov/remarks/2025/01/the-inaugural-address/. Acesso em: 5 set. 2025.

UBU roi. Direção: Jean-Christophe Averty. França: Office de Radiodiffusion Télévision Française, 1965. 1 filme (95 min).

v. 34, n. 2, p. 127–147, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.127–147
Submetido em: 24/09/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Democracia em debate: análise discursivo-comparativa dos atos de 8 de janeiro de 2023 em gêneros do jornalismo digital brasileiro e francês

## *Democracy in Debate: Discursive-Comparative Analysis of the January 8, 2023 Events in Brazilian and French Digital Journalism Genres*

**Alessandra Folha Mós Landim**
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo | SP | BR
professora.alessandrafolha@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9831-9375

**Resumo:** Objetiva-se interpretar sentidos do signo ideológico *democracia/démocratie* nos jornalismos digitais brasileiro e francês dos sites *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*, propondo uma abordagem discursivo-comparativa de enunciados integradora da teoria bakhtiniana e da Análise de Discursos Comparativa, emergente no Brasil. Serão analisados qualitativamente discursos sobre democracia em reportagens e artigos publicados nos dez dias subsequentes a 8 de janeiro de 2023. O *corpus* foi constituído por publicações com o signo ideológico *democracia/démocratie* no título ou sob a rubrica de classificação dos *sites*. Trata-se de um recorte de pesquisa que parte do processo comparativo e da análise dos sentidos do signo ideológico, ao aproximar noções de cultura e discurso, resultando em uma cultura discursiva constitutiva desses veículos noticiosos, conceito ainda em construção. Os resultados demonstram que ambos os *sites* se constituem por meio de uma cultura discursiva democrática, apesar de algumas sensíveis diferenças.

**Palavras-chave:** democracia; cultura discursiva; análise de discursos comparativa; teoria bakhtiniana; gêneros jornalísticos.

**Abstract:** This study aims to describe the meanings of the ideological sign *democracy/démocratie* in Brazilian and French digital journalism from the websites *Folha de S. Paulo* and *Le Monde*, proposing a discursive-comparative approach to utterances that integrates Bakhtinian theory

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

and Comparative Discourse Analysis, which is emergent in Brazil. Discourses on democracy in reports and articles published in the ten days following January 8, 2023, will be qualitatively analyzed. The corpus was constituted by publications containing the ideological sign *democracy/ démocratie* in the title or under the classification rubric of the websites. This is an excerpt of research that begins from the comparative process and the analysis of the meanings of the ideological sign, approximating notions of culture and discourse, resulting in a discursive culture constitutive of these news outlets — a concept still under development. The results demonstrate that both sites are constituted through a democratic discursive culture, despite some noticeable differences.

**Keywords:** democracy; discursive culture; comparative discourse analysis; Bakhtinian theory; journalistic genres.

## 1 Introdução

A mídia informativa tem passado por uma expressiva transformação que obriga jornais a migrarem para a internet (Gandour, 2020). É uma tendência que os textos noticiosos se circunscrevam aos sites jornalísticos, o que vem sendo observado desde os últimos anos da década 2010-2019 (Reuters, 2018). Essas observações são relevantes para o desenvolvimento de estudos que visam à compreensão da circulação e constituição dos discursos nos campos de atividade humana. Assim, este artigo se concentra no jornalismo digital, sobretudo nas publicações dos sites dos jornais *Folha de S. Paulo* (Brasil) e *Le Monde* (França).

Concentrar-se em dois países se justifica não apenas pela relevância de sua imprensa,[1] mas pelas relações diplomáticas estabelecidas entre eles. Luiz Inácio Lula da Silva foi recebido com honras de chefe de estado pelo então presidente francês Emmanuel Macron em novembro de 2021 quando foi convidado, junto à Fundação Friedrich Ebert,[2] para uma viagem à Europa. Embora o evento criasse polêmica, a imprensa brasileira tendeu a noticiá-lo do ponto de vista da boa relação internacional do então ex-presidente. Paralelamente está o fato de que as discussões acerca dos regimes democráticos se destacam no cenário contemporâneo dadas às divergências entre os campos político-ideológicos no Brasil e no mundo.

[1] O site da *Folha de S. Paulo* registra cerca de 28 milhões de visitantes e 200 milhões de páginas vistas por mês. Já o *Le Monde* alcançou 376.800.299 visualizações em fevereiro de 2025, segundo dados do próprio jornal e da ACPM, órgão francês de verificação de audiência.

[2] Fundação que discute temas relevantes socialmente e promove a democracia. Atua no Brasil desde 1985, com sede em São Paulo. Em parceria com instituições acadêmicas, políticas e civis, organiza conferências e publica estudos sobre desenvolvimento, voltando-se ao público brasileiro e alemão. Disponível em: https://brasil.fes.de/quem-somos.html. Acesso em: 23 jul. 2025.

No Brasil, o debate tem sido incendido pelos confrontos ideológicos entre a esquerda e a direita, respingando, com efeito, nas eleições presidenciais de 2022. Para além de uma onda simpatizante ao período ditatorial vivido no país, um viés distorcido dessa história tem se evidenciado ao ponto de existirem manifestações em prol de uma intervenção autoritária.

É nesse cenário político-ideológico que ocupa lugar um dos marcantes acontecimentos deste período de redemocratização do Brasil, os *atos* de 08 de janeiro de 2023. Neles, uma série de apoiadores autointitulados de direita organizaram uma manifestação que culminou na invasão das sedes dos três poderes em Brasília – DF, causando danos ao erário público. Para além disso, o episódio foi amplamente tipificado por parte dos poderes constituídos no Brasil e por ampla maioria dos veículos de imprensa como um atentado à ordem democrática. Sob essa ótica, o evento foi convertido em um divisor de águas discursivo, no qual a depredação do patrimônio físico foi significada como uma violação da estabilidade institucional, conferindo ao signo ideológico *democracia* uma carga valorativa de urgência e defesa que pautou a cobertura jornalística subsequente, especialmente nos veículos aqui analisados.

Desses acontecimentos, emergiu uma série de debates, comentários e postagens em redes sociais. Na esfera jornalística, como era de se esperar, apresentaram-se manchetes, notícias, reportagens, editoriais e artigos de opinião que veicularam uma série de posicionamentos ideológicos sobre democracia traduzidos nesses gêneros de discurso (Bakhtin, 2016).

Desta forma, compreende-se que a própria palavra *democracia* [*démocratie* em francês] tem sido objeto de permanente discussão, sendo atravessada por conflitos entre os que reivindicam defini-la na direção de seu posicionamento político-ideológico. Trata-se de uma disputa de sentidos na qual veículos noticiosos se estabelecem.

Este estudo se constitui a partir do conceito de signo ideológico (Volóchinov, 2021). Como signo ideológico, o termo *democracia* aparece nos gêneros jornalísticos assumindo significações carregadas de valores, visões de mundo e de modo de vida. Esta visão permite uma aproximação entre as perspectivas de discurso e cultura e fornece abertura para a compreensão da "complexidade das relações entre as condições da interação discursiva e seus produtos culturais sob a forma de enunciados e signos verbais e não verbais" (Grillo, 2021, p. 59, tradução nossa). Neste diapasão que inclui a associação entre o signo ideológico, a cultura e o discurso, este artigo contribui para discussões sobre cultura discursiva, conceito que vem sendo construído por analistas de discurso de perspectiva comparativa, campo emergente no Brasil em diálogo ativo entre pesquisadores brasileiros e franceses.

O objetivo é interpretar sentidos do signo ideológico *democracia/démocratie* nos jornalismos digitais brasileiro e francês, em publicações dos sites *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*. O artigo propõe, portanto, uma abordagem discursivo-comparativa para compreensão de enunciados de gêneros da esfera jornalística digital através, reitera-se, de um quadro teórico que articula a teoria bakhtiniana e a Análise de Discursos Comparativa praticadas no Brasil e na França.

Serão analisados qualitativamente discursos sobre democracia em reportagens e artigos de opinião publicados nos dez dias seguintes a 8 de janeiro de 2023. O *corpus* foi delimitado a partir da busca pelo signo ideológico *democracia/démocratie* na ferramenta lupa, considerando publicações que o apresentassem no título ou na rubrica editorial. Tal recorte metodológico possibilitou a coleta de enunciados (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2021) para análise dos sentidos e dos modos como cada *site* o veicula.

A escolha por reportagens e artigos de opinião se deve à natureza desses gêneros, nos quais se nota uma presença mais evidente de construções que permitem identificar pontos

de vista, diferentemente das notícias, marcadas por uma linguagem mais objetiva. Além disso, esses gêneros favorecem a discussão e o debate do contexto histórico envolvido nos temas abordados, permitindo articular o signo ideológico ao espaço social em que circula.

Por considerar apenas enunciados com o signo ideológico *democracia* no título e/ou rubrica dos *sites*, em período curto, este estudo analisa três reportagens e um artigo de opinião. Essa delimitação não compromete a discussão dos resultados em um contexto amplo de pesquisa, já que outros estudos deverão ser publicados. O resultado é uma análise mais voltada à construção de sentidos do que ao simples relato de fatos.

A primeira seção do artigo tecerá discussão teórica sobre os regimes democráticos e possível articulação com teorias discursivas. A segunda seção discutirá aspectos dos *sites* dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le Monde*, relacionados a uma concepção de mundo que mobiliza valores traduzindo, assim, uma atmosfera que favorece a concepção de cultura discursiva. Já na terceira seção, serão apresentados quadros comparativos compostos por excertos cujas especificidades serão analisadas, partindo do signo ideológico *democracia/démocratie*.

## 2 Análise de Discursos Comparativa, Enunciado e Democracia

Por se tratar de um campo de estudos relativamente recente no Brasil com forte diálogo entre pesquisadores franceses e brasileiros, além de uma expressiva produção acadêmica marcada pelo Círculo de Bakhtin, a Análise de Discursos Comparativa realizada no Brasil

> tem como objetivo comparar não somente diferentes línguas, mas também diferentes culturas. Ela se inspira na análise comparativa que teve origem na França e assume um papel de extrema relevância em um horizonte contemporâneo marcado pelo multiculturalismo e pela constante dissolução das distâncias que costumavam marcar fronteiras sociais, culturais e linguísticas (Sardá; Cavalcante Filho; Santos; Gonçalves-Segundo, 2022, p. 1).

Além disso, reiterando as observações *supra*,

> No Brasil, a análise de discursos comparativa é marcada, preponderantemente, pela articulação com as reflexões teórico-metodológicas levadas a cabo por Bakhtin e o Círculo. Os trabalhos por ela desenvolvidos recorrem com frequência a conceitos e noções provenientes da teoria bakhtiniana da linguagem, ou, para usar a expressão cunhada por Brait, da análise dialógica do discurso (Brait, 2006[3]), com o propósito de descrever, compreender e explicar fenômenos linguístico-discursivos de línguas e culturas diversas (Sardá; Cavalcante Filho; Santos; Gonçalves-Segundo, 2022, p. 4).

O presente artigo filia-se ao conceito de gêneros enquanto tipos relativamente estáveis de enunciados (Bakhtin, 2016). Destaca que a relação entre enunciado e gênero é intrínseca na teoria bakhtiniana. De um lado da moeda conceitual, o enunciado se constitui como a unidade real da comunicação, única, irrepetível; de outro, o gênero é o que lhe confere forma e estabilidade relativa em uma determinada esfera de atividade humana. Em outras palavras, a teoria bakhtiniana

[3] Os autores citam: BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

preconiza que não há enunciado que não se concretize fora das especificidades de um gênero assim como não existem gêneros que não sejam realizados por meio do enunciado. Ambos compartilham o acabamento, a alternância dos sujeitos do discurso e, fundamentalmente, a expressividade.

A estabilidade dos gêneros do discurso (Bakhtin, 2016) não deve ser compreendida de uma perspectiva estática, mas como a contraparte necessária da singularidade do enunciado. O gênero oferece a memória das formas de dizer e o horizonte de expectativas socialmente partilhado, mas é no enunciado, único e irrepetível, que essa forma se concretiza e ganha existência social. Embora haja outras perspectivas teórico-metodológicas nos estudos do discurso,[4] na esteira do pensamento bakhtiniano, compreende-se que não existe um gênero em abstrato que não se realize por meio de um enunciado concreto. Ou seja, todo enunciado, institucionalizado ou decorrente de relações conversacionais primárias, só se materializa no gênero. No jornalismo digital, essa face inseparável da moeda revela que o peso axiológico de um artigo de opinião ou de uma reportagem não emana apenas de sua estrutura composicional, mas de como cada enunciado específico preenche essas formas estáveis com um acabamento valorativo sobre os eventos sociais.

É precisamente na dialética entre a forma estável do gênero e a expressividade do enunciado que se encontra o ato ético dos veículos jornalísticos digitais. Na cobertura dos acontecimentos de 8 de janeiro de 2023, observa-se que os gêneros jornalísticos não funcionam como recipientes neutros; eles são tensionados pela natureza responsiva do enunciado, que exige um posicionamento diante do real. Assim, enunciado e gênero fundem-se em uma unidade indissociável: o primeiro aporta a força do evento e o segundo garante a legibilidade social, transformando a prática discursiva em um ato que é, simultaneamente, histórico e linguístico-discursivo.

Embora seja conhecida a amplitude da discussão, convém reforçar que os gêneros tendem à estabilidade em determinadas condições de comunicação. Sua estabilidade advém, dentre outras propostas, do conteúdo temático neles abordados (de que costuma tratar uma notícia, uma reportagem, um editorial), do estilo (mais ou menos formal, por exemplo) e de sua estrutura composicional (aspectos estruturais, tais como título, subtítulo). Entretanto, ao serem analisados artigos e reportagens da esfera do jornalismo digital neste artigo, observa-se não apenas a estrutura dos enunciados e seus respectivos gêneros, que instituem restrições e possibilidades estilísticas, mas o vínculo entre a idealização da linha editorial e a constituição da prática discursiva dos veículos de comunicação jornalística.

---

[4] Refere-se, aqui, à distinção em relação a diferentes vertentes da Análise do Discurso, como a de Dominique Maingueneau. Para o autor, em uma escolha teórico-metodológica justificada, o gênero de discurso se concentra muito mais em enunciados institucionalizados do que em todo *tipo* de enunciado (Maingueneau, 2015). Tais enunciados dependem da *cena de enunciação* para se constituírem. Diferentemente da perspectiva bakhtiniana, Maingueneau admite a existência de ocorrências discursivas que escapam ao conceito de gênero, como é o caso das aforizações (enunciados destacados em discurso direto, típicos do jornalismo), as quais não se definem pela adesão a um gênero específico, mas por sua pretensão editorial. Outro conceito mobilizado pelo autor é o de enunciados aderentes, que dependem estritamente do seu contexto de inserção para construir sentido (Maingueneau, 2022). Embora títulos de reportagens e legendas possam, sob essa lente, ser lidos como fenômenos de aforização, opta-se aqui pela manutenção do referencial do Círculo de Bakhtin e da Análise de Discursos Comparativa. Tal escolha justifica-se pelo interesse na natureza ideológica e marxista da linguagem, que compreende o enunciado como um todo de sentido integrado a uma esfera social, e não como uma unidade destacável. Assim, as ocorrências de discurso direto em títulos não são tratadas como aforizações neste artigo, mas como elos de uma cadeia comunicativa orientada pela estabilidade do gênero jornalístico da perspectiva ideológica dos veículos de informação jornalístico-digital.

Nesse sentido, é possível recorrer ainda, além dos conceitos de gênero, discurso e signo ideológico, ao ato responsável enquanto liame entre o mundo da cultura e o mundo da vida (Bakhtin, 2017). Isso porque, alinhado com a temática proposta, o primeiro compreende princípios republicanos e democráticos enquanto *verdades* e normas abstratas, ao passo que o segundo repousa sobre o domínio do evento concreto.

O discurso do jornalismo digital no âmbito do signo ideológico *democracia* não se encerra em nenhum desses dois mundos isoladamente, mas em uma conjugação deles. Em outras palavras, ao fazer circular o signo ideológico *democracia* em seus enunciados, o jornalismo digital mobiliza um campo de abstrações derivado do mundo da cultura e um evento histórico derivado do mundo da vida. Essa mobilização é o que transforma a prática discursiva jornalística em um ato ético pelo qual os veículos de informação são responsáveis na medida em que se filiam a determinados posicionamentos ideológicos e não a outros.

No que diz respeito à comparação praticada no âmbito destes estudos comparativos, o gênero, portanto, constitui um lugar comum que pressupõe as similaridades e diferenças entre pelo menos duas instâncias produtoras de discursos. Aqui a caracterização dos gêneros reportagem e artigo de opinião permitirá que as análises compreendam as relações entre os enunciados e o espaço social, sobretudo da conjuntura política e do papel que ambos os *sites* desempenham na manutenção dos regimes democráticos.

Salienta-se que cada *matéria* jornalística analisada compreende uma "unidade real da comunicação discursiva" (Bakhtin, 2016, p. 22), configurando, em termos teóricos, um enunciado. Ainda na esteira do Círculo de Bakhtin, Volóchinov (2021, p. 184) assevera: "todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais". Assim, o enunciado — materializado em cada reportagem e artigo de opinião — é analisado evitando que seja "abstraído do seu contexto discursivo e real" (Volóchinov, 2021, p. 186).

Essas orientações e possíveis respostas ao enunciado não têm sido desprezadas por analistas de discurso que se propõem ao estudo comparativo. São elas que instauram, como é de se esperar, um pano de fundo teórico: a pressuposição de relações dialógicas [dialogismo] como um conceito para pensar com [*pour penser avec*], como propõe Moirand (2021). O conceito, advindo das variadas obras do Círculo de Bakhtin, tem sido recuperado pela autora sem compromisso de definição rígida, mas como um operador teórico que acompanha o pesquisador. Trata-se de uma "rede que, lançada nos discursos circulantes 'capta' ou 'captura' elementos necessários à compreensão do sentido da linguagem e que decorrem das relações entre língua, discurso e sociedade" (Moirand, 2021, p. 41).

Nesse sentido, as interações comunicativas pressupostas pelos enunciados e seus respectivos gêneros "são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação" (Bakhtin, 2022, p. 223). Por isso, os discursos respondem, refutam ou confirmam, antecipam respostas e críticas, buscam apoio etc. Há um diálogo amplo entre eles, base das relações dialógicas (Volóchinov, 2021). É sob a égide deste quadro geral e de suas implicações que o signo ideológico *democracia* é aqui analisado.

O signo ideológico não é apenas uma representação passiva da realidade, mas um campo de batalhas de sentidos no qual diferentes interesses sociais se enfrentam. Assim, trata-se, por natureza, de uma entidade apropriada por diferentes sujeitos, mobilizando diferentes pontos de vista sobre o mundo. É preciso notar que, na arquitetônica bakhtiniana, a palavra não deve ser compreendida como uma unidade abstrata do sistema da língua, mas como discurso.

Desse modo, a relação entre a consciência e a linguagem está acompanhada de elementos ideológicos constitutivos da realidade material (Grillo, 2021). Nesse sentido, o signo ideológico, enquanto fenômeno do discurso, é inteiramente dialógico já que constitutivo dessa relação. Ele não reflete apenas um objeto, mas carrega em si uma série de sentidos, inserindo-se na ampla esfera do dialogismo interdiscursivo. Nesse sentido, os signos que constituem o discurso são ideológicos na medida em que mobilizam e confrontam diferentes axiologias, e tornam o enunciado uma arena onde diversos posicionamentos sociais se encontram e se definem.

Essas especificidades tornam-se particularmente salientes na esfera jornalística quando se consideram as ocorrências do signo ideológico *democracia* no contexto analisado neste artigo. A organização enunciativa dos enunciados constitutivos dos sites *Folha de S. Paulo* e *Le Monde* não são neutras; elas respondem a linhas editoriais que orientam o olhar sobre o acontecimento de *8 de janeiro de 2023*. Ao mobilizar diferentes sentidos para nomear os *atos de 8 de janeiro*, esses veículos de informação operam em prol de certos pontos de vista em detrimento de outros. Revelam ainda como a linha editorial de cada jornal digital caminha de forma a sustentar uma visão de mundo específica. Assim, a *democracia* deixa de ser um conceito estático para se tornar um signo em disputa, cujo sentido é negociado conforme os interesses e o projeto de dizer de cada instituição jornalística a partir dos elementos da realidade material dos acontecimentos.

Tais considerações também são relevantes para as ciências humanas, que investigam como os regimes democráticos operam. Duas delas se destacam por articularem princípios próprios dos chamados estados democráticos de direito. Embora descritas de forma global, em razão da natureza deste estudo, ajudam a esclarecer questões úteis para identificar possibilidades interpretativas.

Habermas (2022), em sua Teoria da Ação Comunicativa, tende a olhar para a deliberação democrática e para sua qualidade por vias discursivas. Trata-se de um autor com bases sociológicas e filosóficas que se concentra nas capacidades humanas de promover consenso pela comunicação, um dos elementos de sua teoria que reforçam princípios democráticos, prezando pelo entendimento mútuo e pelo diálogo.

Da ótica teórica bakhtiniana, em diálogo com a deliberação democrática habermasiana, é possível tensionar a busca pelo consenso ao considerar que a deliberação ocorre por meio de signos ideológicos que não são neutros. Se para Habermas (2022), a linguagem é o meio para o entendimento, para Volóchinov (2021), ela é um instituto de circulação de sentidos. Assim, o entendimento mútuo proposto por Habermas está atravessado pelas relações que perpassam a linguagem em um sentido dialógico, no qual, no caso das análises propostas aqui, o signo ideológico *democracia* é mobilizado não apenas para o consenso, mas como um campo de forças onde diferentes pontos de vista axiológicos se encontram com o objetivo de se tornar o sentido dominante na esfera pública.

Por outro lado, Robert Dahl (2001), cientista político, tende a olhar para as sociedades democráticas de um ponto de vista institucional. Para o autor, um país democrático deve defender sobretudo a igualdade de direitos e o sufrágio universal. A estrutura institucional de uma democracia compreende, dentre outros, funcionários eleitos, liberdade de expressão e fontes de informação diversificadas, ou seja, amplo funcionamento das mídias jornalísticas.

Nesse contexto institucional, as *fontes de informação diversificadas* mencionadas pelo cientista ganham outros possíveis contornos quando lidas à luz do conceito de signo ideológico. As mídias jornalísticas deixam de ser apenas canais de transmissão de dados para se tornarem campos de produção de sentidos, cada qual sob a égide de sua própria linha editorial, isto é, seu posicionamento ideológico. A liberdade de expressão, portanto, manifesta-se na circulação de signos ideológicos que, constitutivos da produção discursiva,

carregam diferentes visões de mundo. No jornalismo digital, a diversidade de fontes implica que o signo ideológico *democracia* seja constantemente reacentuado nos diferentes enunciados e publicações, refletindo e refratando a realidade material e os posicionamentos sociais dos sujeitos que detêm o poder de dizer nessas instituições.

Esses conceitos se intercalam em excertos dos enunciados analisados, reforçando o eixo norteador desses veículos noticiosos que tendem à construção de uma atmosfera posicionada em favor dos regimes democráticos, sugerindo que esses discursos sejam constituídos de uma cultura discursiva, como se verá em seguida.

## 3 Articulação entre cultura e discurso nos gêneros publicados nos *sites* da *Folha de S. Paulo* e do *Le Monde*

*Sites* de veículos noticiosos têm papel central na circulação de diferentes gêneros. Entre eles, destacam-se os da *Folha de S. Paulo* e do *Le Monde* (cf. nota 1). A *Folha de S. Paulo* é um dos portais jornalísticos mais influentes no Brasil, com ampla circulação, relevância política e presença marcante no mercado informativo. Já o *Le Monde* ocupa lugar de destaque na história da imprensa global, sendo amplamente reconhecido por sua projeção internacional. Por tratarem de forma constante de temas políticos e cidadãos, ambos os sites representam o denominado jornalismo de referência (Emediato, 2010).

Nesta seção, propõe-se uma breve caracterização dos gêneros reportagem e artigo de opinião, circulantes nesses veículos digitais. Ambos tratam de temas de interesse coletivo, com potencial de engajamento político e ideológico, estabelecendo relação não apenas entre os veículos e seus leitores, mas também entre o papel da imprensa e a valorização do que denomina democracia.

Os gêneros tematizam acontecimentos por meio de abordagens predominantemente informativa e opinativa, fazendo circular pontos de vista acerca de um mesmo assunto. De um lado, a reportagem tende a mobilizar dados, entrevistas e fontes de modo detalhado, permitindo que diferentes *vozes* sejam identificadas e revelem os sentidos circulantes nesse tipo de enunciado. A significativa presença de discurso direto, como se verá adiante, é um dos modos de circulação dessas *vozes*. De outro, os artigos de opinião tendem à circulação de avaliações sobre assuntos de interesse social. Por meio deles, os leitores obtêm acesso aos acontecimentos pela lente de colunistas.

A circulação do conteúdo temático em ambos os gêneros mobiliza a discussão de tópicos que contribuem sensivelmente para a valorização da ordem democrática. Além disso, o estudo desses gêneros presta importante auxílio ao modo como os acontecimentos ganham contornos e interpretações ao longo da cobertura jornalística.

Os temas mais abordados nos enunciados analisados estão em três principais eixos:

- A democracia se opõe aos regimes autoritários.
- A democracia é um sistema de governo baseado no funcionamento de instituições.
- Os atos de 08 de janeiro de 2023 representam um ataque à democracia.

Esses gêneros tendem a um estilo formal de linguagem, dada sua natureza institucionalizada e seu vínculo ao jornalismo de referência. Seus aspectos estruturais tais como títulos, subtítulos e chamadas também vão na direção de uma composição formalizada, corroborando esta constatação.

Na perspectiva deste estudo, o discurso é uma forma de interação social entre diferentes sujeitos mediada pela linguagem. Disso resulta a concepção de que, dada à própria natureza humana, o discurso é constituído de relações e carrega os valores nos quais se ancora e que são materializados via discursos e no seio dos gêneros. Assim, a proposta de articular discurso, gênero e cultura vai ao encontro de conceitos que vêm sendo desenvolvidos pelos analistas de discurso comparativos.

Os discursos são constitutivos dos enunciados e, consequentemente, manifestos em gêneros. Esta não é uma noção nova, mas vem sendo renovada por estudiosos que propõem articulação entre linguagem, cultura e discurso. É o caso de Patricia von Münchow, atualmente professora na Universidade Paris-Cité, na França e de Sheila Grillo, professora titular na Universidade de São Paulo, no Brasil.

Para von Münchow (2013 e 2021), a cultura discursiva se situa no gênero e possui perspectiva ética, subjetiva e cognitiva. A autora é amparada por van Dijk (2012) para explicar as representações sociais que colocam em relação cultura e discurso. Os modelos representacionais de sociedade e de gênero discursivo variam de uma cultura a outra, a partir dos modelos mentais que os indivíduos armazenam em sua memória. Desenvolvendo a questão e incorporando outros pontos teóricos, Grillo (2021) articula os conceitos de cultura e discurso com base no Círculo de Bakhtin. Segundo a autora, embora o conceito de cultura não esteja claramente definido no método sociológico dos anos 1920, ele pode ser inferido por meio de noções como signo ideológico e avaliações sociais (Volóchinov, 2021).

Esta visão vem ao encontro deste estudo, uma vez que é a partir dos signos ideológicos circulantes nos enunciados e seus respectivos gêneros que os valores, as crenças e os sentidos ganham estabilidade, já que são produzidos sob a influência das condições sócio-históricas. A autora também retoma a obra de Bakhtin (1999) para construir o vínculo entre cultura e discurso relembrando que nela, "o conceito de cultura é um campo de criação que se constitui em oposição a outros campos de criação (por exemplo, a cultura popular cômica *versus* a cultura oficial da Igreja e do feudalismo medieval) que se manifesta ou se exprime em rituais, obras e gêneros" (Grillo, 2021, p. 59, tradução nossa). Remontando à teoria bakhtiniana,[5] a cultura é uma percepção do mundo e um modo de vida que se dão a partir de determinadas condições de existência ou de uma ordem econômica específica sendo, portanto, constitutiva (e constituinte) dos gêneros de discurso (Grillo, 2021).

Possibilita-se, desta maneira, articular linguagem, cultura e discurso para delinear o conceito de cultura discursiva. Os *sites* noticiosos, por meio de seus gêneros, expressam valores, crenças e visões de mundo que configuram a percepção cultural. Em outras palavras, o compartilhamento de discursos em defesa da democracia, nos gêneros jornalísticos, revela valores comuns que fortalecem a vida em comunidade.

## 4 Proposta de análise dos gêneros artigo de opinião e reportagem

Nos dez primeiros dias que sucederam a 8 de janeiro de 2023, os *sites* dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Le Monde* publicaram, além das clássicas notícias, algumas reportagens e artigos de opinião constituídos pelo signo ideológico *democracia/démocratie*. Para este estudo, foram

[5] A autora remonta às "Obras Reunidas", Tomo 4, publicação russa de 2010, parte de um grande projeto de publicação das obras de Bakhtin, cuja organização é de autores vinculados ao Instituto de Literatura Mundial (IMLI), em Moscou (Grillo, 2009).

selecionados alguns que continham o referido signo ideológico no título ou na rubrica/tópico de cada *site*, ou seja, nas categorias que identificam o conteúdo.

No *site* da *Folha de S. Paulo* (FSP), a busca pelas publicações fundadas no assunto foi realizada utilizando a lupa, localizada na lateral direita superior da página. Ali foi digitado o signo ideológico *democracia*. Abriu-se a página de buscas propriamente dita bem como o menu lateral a partir do qual foi possível delimitar um espaço temporal. Selecionado o período, pressionou-se o botão filtrar e, como resultado, veio uma lista de diversos textos noticiosos, que foram selecionados conforme a descrição do parágrafo anterior.

Já no *site* do jornal *Le Monde* (LM), a utilização da lupa nos mesmos moldes retorna resultados partindo da data da busca. Não há menu lateral para filtragem. Entretanto, o *site* oferece uma ferramenta que possibilita selecionar um período específico denominada *recherche par date*. Recorrendo a tal ferramenta, a busca retornou uma lista com uma série de textos noticiosos e dela foram selecionados aqueles que eram constituídos pelo signo ideológico *démocratie* no título e que tratavam do assunto em tela.

Por considerar apenas enunciados com o signo ideológico democracia no título e/ou rubrica dos *sites*, em período curto, este estudo analisa três reportagens e um artigo de opinião. Essa delimitação não compromete a discussão dos resultados em um contexto amplo de pesquisa, já que outros estudos deverão ser publicados e ampliarão as discussões.

Estes passos metodológicos para seleção de um *corpus* resultaram nos seguintes enunciados em ordem cronológica:

Quadro 1 – Enunciados que contêm o signo ideológico democracia no título e/ou no tópico/rubrica[6]

| Site | Seção | Tópico | Título | Data |
|---|---|---|---|---|
| LM | International | Brésil | Au Brésil, une attaque «sans précédent» contre la démocratie<br>[No Brasil, um ataque "sem precedentes" contra a democracia] | 09/01/2023 |
| FSP | Mundo | Ataque à democracia<br>Congresso Nacional<br>América Latina | Ataques em Brasília representam risco à democracia na América Latina, diz pesquisador | 12/01/2023 |
| FSP | Política | Ataque à democracia<br>Congresso Nacional | Chorei ao ver Brasília, minha "irmã caçula" ser agredida, diz filha de JK | 14/01/2023 |
| LM | Débats | Brésil | Brésil: «La place des Trois-Pouvoirs, à Brasilia, n'est pas condamnée à devenir un cimetière de la démocratie»<br>[Brasil: "A praça dos Três Poderes, em Brasília, não está condenada a se tornar um cemitério da democracia"] | 17/01/2023 |

Fonte: Elaborado pela autoria.

[6] As traduções dos títulos em língua estrangeira são da autoria.

Os enunciados serão analisados em suas relações temáticas, com base em aspectos metodológicos. Todos os excertos possuem ocorrência do signo ideológico *democracia/démocratie* para que se discutam possíveis sentidos mobilizados em cada enunciado. Percebe-se, ao longo das análises, uma forte tendência à defesa dos ideais democráticos, ora de um ponto de vista dialogal, do consenso e da comunicação, ora do funcionamento das instituições. Observa-se, de igual forma, que a utilização de recursos como o discurso citado e a metáfora legitimam e mobilizam os sentidos simbólicos da democracia brasileira. Na esteira deste pensamento, sugere-se que o jornalismo digital procura construir uma cultura discursiva que vai ao encontro dos ideais de democracia, sendo representativos do que se denomina cultura discursiva democrática.

Assim, veja-se, nos quadros 2 e 3, uma relação temática entre os sentidos do signo ideológico *democracia/démocratie* — especialmente enquanto um "regime atacado" nos dois títulos — e a nomeação utilizada:

Quadro 2 – Reportagem do site Folha de S. Paulo, 12/01/2023

| FOLHA DE S. PAULO | | |
|---|---|---|
| **Ataques em Brasília representam risco à democracia na América Latina, diz pesquisador** | | |
| **Seção** | **Tópico** | **Data** |
| Mundo | Ataque à democracia<br>Congresso Nacional<br>América Latina | 12/01/2023 |
| **Excerto da reportagem** | | **Sentido do signo ideológico *democracia*** |
| [...] A América Latina tem um amplo histórico de alternância entre democracia e autoritarismo. | | Oposto de autoritarismo. |
| [...] "É por isso que a democracia na América Latina ainda necessita de muito cuidado. É fundamental que as instituições permaneçam funcionando e que os atores políticos busquem consenso para diminuir a polarização", diz Coelho. | | Regime que possui funcionamento adequado de instituições democráticas. |
| [...] O ataque inédito à democracia em Brasília é, a todo momento, comparado à invasão do Capitólio dos EUA por seguidores do republicano Donald Trump. | | Sistema de governo atacado, representado por Brasília e comparado aos EUA. |

Fonte: Elaborado pela autoria.

Esta reportagem está publicada no *site* da *Folha de S. Paulo*, sob a rubrica/tópico "Ataque à democracia", o que é revelador do modo como o *site* do jornal se posiciona em relação aos acontecimentos, uma vez que ataque remete a um ato de agressão, neste caso, ao regime democrático brasileiro. Além disso, o próprio título é revelador deste posicionamento ideológico.

É no título, aliás, que se pode observar o discurso direto dada a presença do verbo de dizer. Este recurso discursivo é tratado por Volóchinov (2021) como a inserção de discurso alheio no enunciado. Trata-se de um "discurso dentro do discurso" (Volóchinov, 2021) e os contornos que sugerem esta inserção são objeto de observação. O caso se repete no segundo excerto. Em ambos, os verbos de dizer são reveladores de onde começa e onde termina uma *citação*. Suas marcas são observáveis, revelando um estilo linear de introdução da palavra alheia no discurso (Volóchinov, 2021). O efeito de literalidade da palavra alheia, esta que legitima os dizeres do enunciado, é amplamente utilizado na esfera jornalística para cumprir

seu papel informante, especialmente em notícias e reportagens. Trata-se do papel que os veículos noticiosos possuem de relatar acontecimentos de relevância social.

Da ótica de Volóchinov (2021), a presença do discurso direto não deve ser compreendida como uma transposição inerte de palavras, mas como uma interação dinâmica entre duas vozes. O discurso alheio é introduzido na reportagem mantendo sua integridade sintática, mas ele é integrado ao enunciado pelo discurso autor, que o envolve e lhe confere outra entonação avaliativa. Ao isolar falas específicas entre aspas, o jornal digital cria um distanciamento que, ao mesmo tempo que legitima o fato pela alteridade de vozes, inclui a voz do discurso alheio ao seu próprio projeto de dizer, transformando o discurso citado em um legitimador de seu posicionamento ideológico, qual seja a defesa da valoração de gravidade do denominado ataque às instituições lançado pelos acontecimentos.

Mas mesmo o efeito de literalidade do discurso direto passa por uma transformação da parte do discurso autor,[7] uma vez que é retirado de seu enunciado original para figurar na reportagem. Há flagrante interesse na reportagem ao veicular o signo ideológico *democracia* nesses excertos. Se de um lado, os sentidos mobilizados são — em especial no título e no excerto transcrito na segunda linha — respectivamente, o de um regime atacado e de um regime no qual funcionam as instituições (Dahl, 2001) —, de outro esses discursos citados são reveladores de uma intenção de legitimidade da construção discursiva do veículo noticioso.

O primeiro e o último excertos listados no quadro 2 são representativos da própria voz do jornal apesar de o último fazer referência a uma série de enunciados que comentam a semelhança entre o que aconteceu no Brasil e a invasão do Capitólio nos Estados Unidos. Trata-se de dois excertos declarativos nos quais a reportagem apresenta os fatos construindo, por outro lado, seu próprio ponto de vista. Na primeira linha, apresenta-se uma abordagem histórica, sugerindo, em continuação à ideia de risco à democracia veiculada no título, uma instabilidade política no país e no continente sul-americano devido à alternância entre democracia e autoritarismo. O sentido do signo ideológico *democracia* aqui é aquele que se opõe a totalitarismo. O excerto localizado na quarta linha do quadro reforça a classificação dos *atos* enquanto ataques à democracia e tece uma comparação com evento semelhante ocorrido nos Estados Unidos tempos antes. O sentido do signo ideológico *democracia* veiculado é o de um sistema de governo atacado tanto no Brasil quanto na América do Norte.

Essa organização enunciativa da reportagem, ao amalgamar o discurso citado (literalidade das fontes) ao discurso autor (rubrica e contextualização histórica), exemplifica a unidade indissociável entre enunciado e gênero na arquitetônica bakhtiniana. O gênero reportagem oferece a forma estável e a expectativa de objetividade, mas é o eixo valorativo da *Folha de S. Paulo*[8] que constitui o ato ético do veículo de informação digital. Aqui, a democracia deixa de ser uma abstração do mundo da cultura para se tornar um evento do mundo da vida. Assim, o signo ideológico *democracia* funciona como um campo onde o jornalismo digital não apenas informa, mas toma uma posição responsiva diante do real, transformando a cobertura dos *atos* de 8 de janeiro em um elo posicionado entre sua prática discursiva e a defesa das práticas institucionais.

[7] Ampara-se em Volóchinov (2021) ao ser denominado discurso autor o assumido pelo *site* dos jornais, e de discurso citado, o advindo de outros enunciados.

[8] Ao mobilizar o sentido de institutos sob ataque ou mesmo o oposto de autoritarismo ao signo ideológico *democracia*.

O quadro 3, que pode ser comparado ao quando 2 devido à semelhança observada na classificação dos *atos*, advém do site do jornal francês *Le Monde*. A reportagem foi publicada um dia após os acontecimentos:

Quadro 3 – Reportagem do site Le Monde, 09/01/2023[9]

| LE MONDE | | |
|---|---|---|
| **Au Brésil, une attaque «sans précédent» contre la démocratie** | | |
| **Seção** | **Tópico** | **Data** |
| International | Brésil | 09/01/2023 |
| **Excerto da reportagem** | | **Sentido do signo ideológico *democracia*** |
| La démocratie brésilienne en danger reçoit vite des soutiens du monde entier. Les dirigeants colombien, chilien, argentin, portugais et espagnol — tous de gauche et proches de Lula — condamnent les manifestations. «*La volonté du peuple brésilien est les institutions démocratiques doivent être respectées! Le Président Lula peut compter sur le soutien indéfectible de la France*», tweete le président français, Emmanuel Macron, en français et en portugais.[10] | | Regime em perigo. Vontade do povo. Respeito às instituições. |
| Sur la place des Trois-Pouvoirs s'amoncellent les débris d'une démocratie brésilienne en morceaux: vitres cassés, meubles éventrés, drapeaux effilochés, le tout plongé dans le vapeurs piquantes du gaz lacrymogène et éclairé par la lumière rougeoyante des gyrophares de la police.[11] | | Regime atacado. Democracia destroçada. Uma espécie de *pós-guerra*. |

Fonte: Elaborado pela autoria.

Mais uma vez, observa-se, agora no *site* francês, a nomeação dos *atos* como ataque à democracia. Entretanto, o substantivo é complementado pela expressão adjetiva "sem precedentes", desvelando que este veículo noticioso tende a oferecer aos acontecimentos um tratamento marcado histórica e ideologicamente.

Diferentemente da reportagem anterior, o título não é constituído de discurso direto. Entretanto, a representação de um enunciado alheio aparece no corpo da reportagem, quando se observa o excerto transcrito na primeira linha do quadro, decorrente de uma postagem de autoria do presidente francês Emmanuel Macron no antigo *Twitter*. O *tweet*, segundo o relato, foi escrito em duas línguas: francês e português.

Neste ponto, o recurso ao discurso direto de Emmanuel Macron opera o que Volóchinov (2021) descreve como a percepção da fala de outrem como um documento legitimador. Ao transcrever a declaração do líder francês, o *Le Monde* não apenas relata um fato, mas

[9] "No Brasil, um ataque 'sem precedentes' contra a democracia" (tradução própria).

[10] "A democracia brasileira em perigo recebe rapidamente apoio de todo o mundo. Os dirigentes colombiano, chileno, argentino, português e espanhol — todos de esquerda e próximos de Lula — condenam as manifestações.'A vontade do povo brasileiro e as instituições democráticas devem ser respeitadas! O presidente Lula pode contar com o apoio inabalável da França', tuita o presidente francês, Emmanuel Macron, em francês e em português" (tradução própria).

[11] "Na Praça dos Três Poderes, amontoam-se os destroços de uma democracia brasileira em pedaços: vidros quebrados, móveis destruídos, bandeiras esfarrapadas, tudo imerso nos vapores pungentes do gás lacrimogêneo e iluminado pela luz avermelhada das luzes giratórias das viaturas policiais" (tradução própria).

incorpora ao seu enunciado uma voz de autoridade que compartilha do mesmo horizonte axiológico do jornal. Há uma clara relação dialógica entre o discurso citante e o citado: o eixo valorativo mobilizado pelo discurso citado do presidente francês é compartilhado pelo jornal digital, fortalecendo a tese editorial de que a democracia brasileira possui apoio global. Assim, o *discurso alheio* deixa de ser puramente externo e passa a integrar a arquitetônica da reportagem, servindo como evidência de que o signo ideológico *democracia* e os sentidos que dele derivam são compartilhados entre líderes mundiais e a própria linha editorial.

É preciso notar, todavia, o excerto imediatamente anterior ao discurso citado, pois auxilia na compreensão de alguns efeitos promovidos pela reportagem. Na frase introdutória, nota-se um efeito de generalização no qual a democracia brasileira, como se se tratasse de um sujeito, recebera apoio do mundo inteiro. Em seguida, apresenta-se uma lista de gestores políticos representantes da expressão generalizante "mundo inteiro". Não se trata de qualquer gestor, mas dos gestores colombiano, chileno, argentino, português e espanhol, governos autodenominados *esquerda transformadora*. Além da relação entre essas nações com a ascendência latina de seus respectivos idiomas, o enunciado aponta para uma relação específica com a filiação política da gestão federal brasileira, qual seja, a esquerda "próxima de Lula". Os sentidos mobilizados pelo signo ideológico *democracia* [*démocratie*], neste primeiro excerto, se relacionam ao funcionamento das instituições e ao sufrágio universal (vontade do povo nas urnas), tal como defende Dahl (2001).

A segunda sequência destacada no quadro 3 é uma descrição, típica de reportagens. O que chama a atenção, entretanto, é o forte efeito simbólico construído por meio dos objetos representados. Constituída por elementos sensoriais (visuais, como em *vitres cassés*; olfativos, como em *gaz lacrymogène*; e visual-luminoso, como em *lumière rougeoyante des gyrophares*), a sequência oferece uma imagem do resultado dos acontecimentos que simbolizam uma tentativa de ruptura da ordem democrática. Os sentidos do signo ideológico *democracia* [*démocratie*], mobilizados no excerto, representam a ideia de um regime atacado, destroçado como em uma espécie de pós-guerra.

Em um preâmbulo[12] comparativo entre os enunciados publicados nos dois *sites* jornalísticos, é possível observar que o *site* da *Folha de S. Paulo* aborda a temática da democracia de uma perspectiva histórica. Provavelmente, isso se deve à consulta de especialistas, como no quadro 2, em que a reportagem mobiliza o discurso alheio de André Coelho, cuja fala também dá título à reportagem.

Por outro lado, o *site* do jornal *Le Monde* faz utilização de descrições em um funcionamento simbólico ao nomear e qualificar os *atos* como "*une ataque «sans précédent» contre la démocratie*", essa sem um qualificador gentílico, possibilitando mesmo um efeito generalizante, qual seja o de que os acontecimentos podem ter ferido a democracia além das fronteiras do Brasil. Com isso, muito provavelmente a reportagem pretende influenciar a construção de pontos de vista sobre os acontecimentos.

Ambas as reportagens, tanto a brasileira quanto a francesa, acordam que os *atos* de 8 de janeiro de 2023 colocam o Brasil numa posição de perigo em relação à perda do regime democrático. Isso se dá porque, historicamente, a região geográfica tende à alternância entre ditaduras e democracias, bem como pelo fato de que os *atos* significaram um ataque literal e simbólico ao regime em curso no Brasil.

Nesse contexto, a descrição do *Le Monde*, ao evocar vidros quebrados, representando elementos como a transparência enquanto uma das características das democracias, e gás

[12] Este estudo mostra os primeiros resultados de uma pesquisa em estágio pós-doutoral.

lacrimogêneo, não é apenas um recurso estilístico, mas a materialização do signo ideológico *démocratie* enquanto um campo de batalha de sentidos. Ao caracterizar o evento como um ataque *sem precedentes*, o veículo jornalístico realiza um ato responsável que transpõe o signo do mundo da cultura (a norma democrática abstrata) para o mundo da vida (o evento concreto da resistência política). À luz da teoria de Volóchinov (2021), o jornal reacentua o signo ideológico, retirando-lhe a neutralidade para transformá-lo em uma arena onde se confrontam a civilidade e a barbárie. Assim, a liberdade de expressão defendida por Dahl (2001), como pilar institucional é aqui exercida como uma prática discursiva que visa estabelecer um eixo valorativo específico: a democracia brasileira não é apenas uma estrutura nacional, mas um elo de uma cadeia internacional de valores republicanos que o jornal, por meio de sua linha editorial, compromete-se a defender.

Nos quadros 4 e 5, observam-se algumas relações dos enunciados em decorrência de seu conteúdo temático. Esses quadros se relacionam, em especial, por explorarem o espaço dos acontecimentos. A reportagem do *site* da *Folha de S. Paulo* explora aspectos da cidade de Brasília – DF propriamente ditos, e o artigo do *site* do jornal *Le Monde* se concentra em uma interpretação do regime brasileiro representado pela Praça dos Três Poderes.

Quadro 4 – Reportagem do site Folha de S. Paulo, 14/01/2023

| FOLHA DE S. PAULO | | |
|---|---|---|
| **Chorei ao ver Brasília, minha "irmã caçula" ser agredida, diz filha de JK** | | |
| **Seção Editorial** | **Tópico** | **Data** |
| Política | Ataque à democracia<br>Congresso nacional | 14/01/2023 |
| **Excerto** | | **Sentido do signo ideológico *democracia*** |
| Diz que votou em Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e que, como "democrata por nascimento, por herança e por aprendizado, sempre respeita governos eleitos, mas também exerce o direito de criticar e discordar" [...]. Com tantas memórias atreladas à capital, ela poderia se considerar meio dona de tudo aquilo. "Brasília não é de ninguém, é de todos nós. Isso [invasão] me doeu muito, mas a maior agressão foi à nossa democracia. Não tem perdão". | | Respeito a governos eleitos (transmissão pacífica de poder).<br>Direito de criticar e discordar.<br>Regime agredido. |
| Para a arquiteta, uma reação contundente como a de domingo passado poderia ser justificada se o país estivesse sob ameaça de virar uma ditadura. "E, mesmo assim, não com violência, mas com palavras. Mais forte do que quebrar é falar, denunciar. Aquelas cenas transmitiram ao mundo um retrato feio. Não foi exemplo de democracia, mas de revanchismo, não sei bem de quê". | | Oposto de ditadura.<br>Oposto de violência.<br>Falar; denunciar. |

Fonte: Elaborado pela autoria.

Nesta reportagem, observa-se, no próprio título, a presença de discurso direto, recurso estilístico-discursivo tratado por Volóchinov (2021) como inserção de um discurso alheio no enunciado. Esta prática é típica dos textos noticiosos, por conferir-lhes um efeito de literalidade. Neste caso, a presença do verbo de dizer marca sua linearidade, ou seja, é possível ao leitor identificar onde começa e termina o discurso citado. Além disso, o termo entre aspas "irmã caçula" é metafórico: durante a reportagem, a filha[13] do ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, em cujo mandato foi construída a atual capital federal, relata que assistiu à sua construção.

[13] Maria Estela Kubitschek.

Segundo Volóchinov (2021), a palavra alheia é capaz de manter sua autonomia enquanto é assimilada pelo discurso do autor, criando uma relação dialógica entre o discurso do jornal e o discurso alheio (filha de JK). Ao destacar a metáfora da *irmã caçula* e a afirmação de ser *democrata por nascimento*, o jornal não apenas cita uma fonte, mas utiliza a autoridade moral do discurso alheio para sancionar seu próprio posicionamento ideológico. A voz da filha de JK funciona como um elo que une a estabilidade do gênero reportagem à expressividade do evento concreto, permitindo que o signo ideológico *democracia* seja mobilizado não apenas como um sistema político, mas como um valor familiar e histórico que foi agredido e que exige uma resposta ética.

O efeito de literalidade à palavra alheia que legitima o discurso é identificado no primeiro excerto transcrito no quadro 4. A fala da filha do ex-presidente introduzida na reportagem serve ao discurso do autor como um legitimador de defesa dos regimes democráticos. Além disso, os sentidos do signo ideológico *democracia* mobilizados dialogam com as postulações sobre a importância da comunicação defendidas por Habermas (2022), tais como o direito de concordar e criticar e, já no segundo excerto, falar e denunciar.

Os sentidos do signo ideológico, no segundo excerto, vão ao encontro de uma oposição entre democracia e autoritarismo. Termos como ditadura e violência traduzem essa ideia veiculada no discurso, através da mobilização do discurso direto/alheio advindo da fala da filha de JK. Democracia, portanto, seria um regime que vai na contramão desses sentidos, de acordo com o que se pode depreender dos excertos.

Além disso, ao mobilizar a voz da filha de JK, a reportagem promove um encontro entre o mundo da cultura, que é representado pelo elemento simbólico da arquitetura de Brasília e pelas normas do Estado Democrático de Direito, e o mundo da vida, manifestado na memória afetiva e biográfica da entrevistada. Esse movimento configura o que Bakhtin (2017) denomina ato responsável, no qual o veículo jornalístico não apenas relata um fato, mas assume um posicionamento ético em defesa da democracia. A *Folha de S. Paulo* digital, nesse sentido, também contrasta democracia, ditadura e violência. Desse ponto de vista, o signo ideológico *democracia* deixa de ser um conceito estático para se tornar um campo de sentidos de ataque ao regime democrático: a *irmã caçula* (Brasília) é humanizada para que os *atos* de 8 de janeiro sejam sentidos pelo leitor da reportagem como uma agressão direta à história contemporânea do país. Assim, a liberdade de expressão e a comunicação defendidas por Habermas (2022) são atravessadas por uma carga axiológica que transforma o enunciado jornalístico em um elo de resistência contra o apagamento dos princípios democráticos.

No site do *Le Monde*, o espaço também é representado pela Praça dos Três Poderes:

Quadro 5 – Reportagem do site Le Monde, 17/01/2023

| LE MONDE | | |
|---|---|---|
| **Brésil: «La place des Trois-Pouvoirs, à Brasilia, n'est pas condamnée à devenir un cimetière de la démocratie»[14]** | | |
| **Seção Editorial** | **Tópico** | **Data** |
| Débats | Brésil | 17/01/2023 |
| **Excerto** | | **Signo ideológico *democracia*** |
| Il s'agit de représenter concrètement la démocratie, c'est-à-dire d'abord l'équilibre des pouvoirs, d'où l'usage du triangle équilatéral pour la disposition des trois bâtiments. [...] [15] | | Igualdade e equilíbrio entre poderes. |
| D'autres caractéristiques être soulignées. D'abord l'aspect monumental des bâtiments pour traduire l'idée d'une démocratie forte et puissante. Ensuite, l'usage prépondérant de façades vitrées, qui ont été brisées le 8 janvier. En démocratie, elles symbolisent évidemment la transparence.[16] | | Regime forte e poderoso Transparência (quebrada em 08 de janeiro) |
| Mais ce lieu n'est pas condamné à devenir un cimetière de la démocratie. Lula, qui connaît parfaitement la force des symboles, a tenu dès le 10 janvier à traverser des Trois-Pouvoirs entouré des chefs du législatif et du judiciaire, des maires du pays. Une image de concorde... [17] | | União entre os poderes Acordo. Consenso. |

Fonte: Elaborado pela autoria.

Este artigo possui funcionamento relativamente diferente em se tratando do discurso citado típico das reportagens. Neste caso, o discurso direto refere-se à fala de um especialista em história do Brasil e possui forte tendência metafórica. O espaço representado pela Praça dos Três Poderes é, sem dúvida, um dos símbolos da união e independência dos poderes que funcionam no regime democrático do Brasil. A transformação da praça em um *cemitério da democracia* significa que o regime, que se pressupõe forte, pode morrer simbolicamente. Entretanto, a negação "*n'est pas condamné*" opõe-se a essa concepção, legitimando-se por meio de um especialista.

Nesta configuração, o discurso direto assume o que Volóchinov (2021) define como uma função de comentário e interpretação. Ao trazer a voz do especialista para o título e o corpo do texto, o *Le Monde* permite que o discurso alheio penetre no discurso autor para construir a metáfora mais forte do enunciado: o *cemitério da democracia*. Segundo a perspectiva bakhtiniana, ocorre aqui uma interação dialógica profunda, em que a palavra do historiador fornece a moldura conceitual para que o jornal discuta a transparência e a força das instituições. O discurso citado deixa de ser apenas uma informação técnica sobre

[14] "Brasil: 'A Praça dos Três Poderes, em Brasília, não está condenada a se tornar um cemitério da democracia'" (tradução própria).

[15] "Trata-se de representar concretamente a democracia, isto é, antes de tudo, o equilíbrio dos poderes, daí o uso do triângulo equilátero para a disposição dos três edifícios" (tradução própria).

[16] "Outras características devem ser destacadas. Primeiro, o aspecto monumental dos edifícios para traduzir a ideia de uma democracia forte e poderosa. Em seguida, o uso proeminente de fachadas de vidro, que foram quebradas no dia 8 de janeiro. Na democracia, elas simbolizam, obviamente, a transparência" (tradução própria).

[17] "Mas este lugar não está condenado a se tornar um cemitério da democracia. Lula, que conhece perfeitamente a força dos símbolos, fez questão, já no dia 10 de janeiro, de atravessar a Praça dos Três Poderes cercado pelos chefes do Legislativo e do Judiciário, além de governadores e prefeitos do país. Uma imagem de união..." (tradução própria).

arquitetura para se tornar um instituto axiológico relevante: a negação "*n'est pas condamné*" é o ato responsivo do jornal que, apoiado na autoridade da palavra alheia, projeta um horizonte de resistência e continuidade democrática mesmo em face dos *atos* de 8 de janeiro no Brasil.

A estrutura composicional do enunciado é constituída por subtítulos em forma de perguntas, produzindo um efeito de entrevista. Apesar do foco deste estudo se voltar aos sentidos do signo ideológico *democracia* [*démocratie*], observar tal especificidade conduz ao efeito de credibilidade, próprio da atividade jornalística, uma vez que o autor articula os conceitos trazidos pelo especialista em forma de respostas.

O primeiro excerto recorre a um processo descritivo que contempla a carga valorativa e simbólica dos objetos (o triângulo, os prédios). Neste caso, a democracia é representada pelo espaço físico invadido nos *atos* de 8 de janeiro. Os sentidos do signo ideológico propriamente ditos estão na ordem do funcionamento institucional pelos três poderes unidos. Essa percepção vai ao encontro do funcionamento democrático proposto por Dahl (2001), que defende o pleno funcionamento das instituições para manutenção de sistemas democráticos.

Ainda na esteira de Dahl (2001), mobilizando sentidos de força e transparência, o segundo excerto, transcrito no quadro 5, dá continuidade à descrição interpretativo-simbólica da Praça dos Três Poderes. A estrutura dos prédios e os vidros oferecem ao leitor uma interpretação de força e transparência do regime democrático, respectivamente.

Depois de apresentar ao leitor uma explicação sobre o espaço onde se representam os símbolos da democracia brasileira, bem como o próprio funcionamento de seus poderes, o artigo imprime o posicionamento do veículo noticioso, em relação dialógica com as explicações do especialista. O recurso à metáfora do cemitério é utilizado para sustentar a compreensão de que, apesar dos acontecimentos, a democracia brasileira resiste em meio às lutas de poder. Os sentidos do signo ideológico vão na esteira do consenso e da união dos poderes, concepção que dialoga muito propriamente com a teoria da ação comunicativa, proposta por Habermas (2022).

Se é possível sugerir uma hipótese comparativa entre os quadros, ela se concentraria em que o *site* da *Folha de S. Paulo* mobiliza o signo ideológico *democracia*, mais uma vez, de uma perspectiva histórica. Muito provavelmente isso se deve às declarações da filha do ex-presidente brasileiro em cujo mandato aconteceu a inauguração da atual capital federal. A reportagem também mobiliza uma série de valores democráticos, opondo os regimes autoritários à democracia e promovendo os valores do diálogo e da crítica responsável. Já o *site* do jornal *Le Monde* prefere uma perspectiva mais descritiva, que explica ao leitor a simbologia do espaço brasiliense e o modo como sua construção dialoga com princípios de democracia.

Ambos os enunciados associam a democracia a um regime razoável de gestão pública. Os *sites* classificam o Brasil como uma democracia em perigo. De um lado, o *site* da *Folha de S. Paulo* propõe que, historicamente, a América Latina alterna entre regimes democráticos e autoritários. E de outro, o *site* do jornal *Le Monde* alça o sistema democrático brasileiro à condição de regime atacado, destroçado, apunhalado. Apesar disso, ressalta que existe uma tentativa de demonstração de união entre os poderes, corroborada pela imagem conjunta dos representantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário. Desta forma, ambos os *sites*, brasileiro e francês, admitem que os monumentos/prédios brasilienses representam a democracia brasileira e seus princípios, reconhecendo que ela foi atacada através dos seus símbolos históricos.

Ao passar pelo procedimento de análise, observa-se que os gêneros verificados repercutem o cenário social e histórico e constroem o discurso através de uma relação de acordo com princípios democráticos. É, notadamente, nesse aspecto que se observa, nos enunciados analisados, um

fio condutor da manutenção da cultura discursiva democrática. Tal cultura discursiva mobiliza valores como oposição ao totalitarismo, respeito à vontade do povo nas eleições, funcionamento das instituições, harmonia e independência entre os poderes, transparência na administração pública, consenso através do diálogo e da comunicação. É nesse sentido que esses *sites* noticiosos atuam no movimento de enaltecimento de princípios democráticos.

Em última análise, a transição da imagem de Brasília como unidade dos poderes para a metáfora do *cemitério da democracia* no *Le Monde* ilustra como o gênero jornalístico opera enquanto um tipo relativamente estável que, no entanto, é tensionado pela expressividade do enunciado concreto. O signo ideológico *democracia* não é apenas refletido nessas páginas, mas refratado: ele emerge como uma entidade em disputa, negociada entre a finitude do ato violento e a permanência da norma institucional.

Ao articular as vozes de especialistas e memórias históricas, tanto a *Folha de S. Paulo* quanto o *Le Monde* realizam um ato responsável, vinculando o mundo da cultura (os princípios democráticos abstratos) ao mundo da vida (o evento de 8 de janeiro). Essa prática discursiva transforma cada enunciado analisado em um campo de disputas de sentido, onde o signo ideológico *democracia* é constantemente reacentuado para reafirmar a legibilidade social do regime, indicando que a estabilidade dos gêneros jornalísticos digitais é, fundamentalmente, o que permite que o jornalismo atue como um guardião da memória e da ética democrática diante das crises históricas.

## 5 Conclusões e discussão de resultados

Este trabalho apresenta resultados iniciais de uma pesquisa que analisa, de forma discursivo-comparativa, discursos sobre democracia no jornalismo digital brasileiro e francês. Considerando relações diplomáticas e vínculos acadêmicos entre os dois países, o *corpus* justifica-se pelas aproximações e distanciamentos dos sentidos do signo ideológico *democracia* nas práticas de imprensa noticiosa. Os resultados apontam para a constituição de uma cultura discursiva democrática atravessando a esfera jornalística digital. Isso se evidencia pela mobilização dos sentidos e pelos recursos discursivos acionados em reportagens e artigos — como o uso de discurso citado com efeito legitimador — que revelam filiação à democracia sob diferentes perspectivas: ora voltadas ao diálogo e à comunicação, ora ao funcionamento das instituições e ao valor das eleições.

O estudo teve, portanto, o objetivo principal de interpretar sentidos do signo ideológico *democracia/démocratie* no jornalismo digital em publicações dos *sites Folha de S. Paulo* e *Le Monde*. As análises evidenciaram que os gêneros jornalísticos constroem sentidos para o signo ideológico *democracia* partindo de valores e de recursos de construção discursiva.

Por exemplo, a utilização de discurso citado visa à legitimação das representações que aparecem no discurso, promovendo diferentes efeitos nos enunciados. Além disso, outros efeitos de sentido foram evidenciados pela análise, tais como o efeito de literalidade da palavra alheia, quando os enunciados trazem à baila diferentes vozes que legitimam seu dizer, o que, aliás, rememora o próprio efeito de credibilidade desses gêneros que circulam na esfera jornalística digital. De igual forma, os efeitos simbólicos evidenciados por meio das metáforas também constituem importante ferramenta discursiva que se posiciona em defesa da ordem democrática. Isto é observado, por exemplo, na mobilização dos valores simbolizados pelos vidros dos prédios brasilienses, representando o valor da transparência, como apontado na

análise do quadro 4. Outras formas também se tornaram representativas, tais como o triângulo equilátero, expressivo de igualdade, harmonia e independência dos três poderes republicanos.

Com efeito, as análises são produtivas no que diz respeito à definição de que o jornalismo digital contribui para a continuidade do regime em curso ainda que os discursos analisados se construam a partir de pontos de vista convergentes e não se configurem propriamente em fontes de informação diversificadas. Ainda assim, resulta que tanto o *site* jornalístico brasileiro quanto o francês se constituem por meio de uma cultura discursiva democrática. Ao serem comparados, evidenciou-se que o *site* da *Folha de S. Paulo* tende a um ponto de vista histórico enquanto o *site* do *Le Monde* dá mais ênfase a uma descrição dos acontecimentos e seus desdobramentos.

O estilo mais voltado a elementos histórico-institucionais da *Folha de S. Paulo* digital somado ao estilo mais descritivo-simbólico do *Le Monde*, em suas publicações eletrônicas, refletem e refratam a relação entre uma cultura discursiva democrática e seus próprios enunciados publicados. Por isso, a relação dialógico-comparativa proposta neste artigo configura-se como uma maneira de compreender as filiações ideológicas desses veículos de informação que ultrapassam a esfera do jornalismo digital, ancoram-se e são ancoradas em matrizes socioculturais distintas.

Na forma composicional, o estilo do jornalismo digital da *Folha de S. Paulo* é marcado por uma necessidade de reafirmação da memória democrática brasileira; o recurso ao passado histórico e a vozes de linhagem republicana respondem a um contexto em que a democracia brasileira é percebida como um processo em constante vigilância contra rupturas. Já os enunciados do *Le Monde* são atravessados por uma cultura discursiva que privilegia a simbologia democrática brasileira. Ao descrever Brasília sob uma ótica quase monumental e estética, o jornal francês refrata o signo *democracia* não apenas como um evento político local, mas como um valor da civilidade global que a França, historicamente, se propõe axiologicamente a interpretar. Assim, a comparação situa os jornais como sujeitos responsivos aos seus próprios países: enquanto a *Folha* atua no fortalecimento da coesão democrática interna, o *Le Monde* projeta os acontecimentos brasileiros na cadeia de sentidos das democracias ocidentais, evidenciando como o jornalismo digital, embora globalizado em sua tecnologia, permanece profundamente situado em suas raízes sociopolíticas.

Embora restrito a alguns enunciados, o estudo abre caminho para investigar outros gêneros, como notícia e editorial, que também projetam posicionamentos e orientam a circulação de sentidos. Em síntese, este estudo evidencia o papel do jornalismo digital na produção e defesa de valores democráticos, reforçando a relevância da análise discursiva para compreender tais processos.

## Referências


BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

DAHL, R. *Sobre a democracia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

EMEDIATO, W. A argumentação na mídia: problematicidade e avaliação ética. *In*: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. v. 3. p. 79-98.

GANDOUR, R. *Jornalismo em retração, poder em expansão*: a segunda morte da opinião pública. São Paulo: Summus, 2020.

GRILLO, S. V. de C. Obras reunidas de M. M. Bakhtin (resenha). *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 170-174, 2004.

GRILLO, S. V. de C. Fondements théorico-méthodologiques pour les analyses comparatives/contrastives des discours: les documents officiels de l'éducation de base au Brésil et en Russie. *In*: GRILLO, S. V. de C.; REBOUL-TOURÉ, S.; GLUSHKOVA, M. (org.). Analyse du discours et comparaison: enjeux théoriques et méthodologiques. Brussels: Peter Lang, 2021. p. 13-32.

GRILLO, S. V. de C. Ensaio introdutório. *In*: VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

HABERMAS, J. *Teoria da ação comunicativa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2022. v. 1-2.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Enunciados aderentes*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

MÜNCHOW, P. von. Le Discours sur les conflits entre nations dans les manuels d'histoire français et allemands. *In*: GONNOT, A.-C.; RENTEL, N.; SCHWERTER, S. (org.). *Représentations de la Première Guerre mondiale*. Dialogues entre langues et cultures. Francfort-sur-le-Main: Peter Lang Édition, 2013. p. 85-106.

REUTERS. *Reuters Institute Digital News Report*. Oxford: Reuters Institute, 2018.

SARDÁ, D. N.; CAVALCANTE FILHO, U.; SANTOS, Y. A. B.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A análise de discursos comparativa e outras abordagens comparativistas em ciências da linguagem. *Revista Linha d'Água*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-15, 2022.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto*: uma abordagem sociocognitivista. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

v. 34, n. 2, p. 148–168, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.148–168
Submetido em: 28/10/2025 · Aprovado em: 16/04/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Eis aqui um artigaço: uma análise da derivação sufixal em neologismos de formação [X-*aço*]

## *Here's an artigaço: an Analysis of Suffixal Derivation in Neologisms Formed with [X-aço]*

**Julia Damascena Magnavita**
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Vitória | ES | BR
CAPES
julia.magnavita@edu.ufes.br
https://orcid.org/0009-0005-4745-3618

**Ana Maria Ribeiro de Jesus**
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Vitória | ES | BR
CAPES
ana.m.jesus@ufes.br
https://orcid.org/0000-0001-5479-5564

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo compreender os usos inovadores do sufixo–*aço* em formações neológicas do tipo [X-*aço*]. A fundamentação teórica baseia-se nos estudos de Gonçalves (2013, 2016, 2019), Booij (2007), Rio-Torto *et al*. (2013), Cabré (2015), Pruvost e Sablayrolles (2019), entre outros. O *corpus* de estudo, bem como o *corpus* de exclusão, é composto por textos jornalísticos produzidos entre 2020 e 2025, coletados de forma automatizada, além de postagens das redes sociais *X* e *Instagram* do mesmo período. Um Extrator de Neologismos gerou uma lista de candidatos que foi validada manualmente. As unidades lexicais a serem analisadas evidenciam inovações presentes no elemento–*aço* que atualizam e expandem o uso desse sufixo no português brasileiro. Além da função semântica tradicional desse formativo, que, na abordagem tradicional, atribui à base o valor de aumentativo, constatou-se que–*aço* pode ser: (i) indicador de grande quantidade, como em *batepalmaço*; (ii) indicador de qualidade superior, como em *hitaço*; (iii) indicador de excesso, como em *tarifaço*; (iv) indicador de manifestação expressiva, como em *morcegaço*; (v) indicador de manifestação de protesto, como em *cadeiraço*; e (vi) indicador de grande abrangência, como em *decretaço*.

**Palavras-chave:** neologismo; sufixo–*aço*; morfologia construcional.

**Abstract:** This article aims to understand innovative uses of the suffix–*aço* in neological formations of the type [X-*aço*]. The theoretical framework draws on studies by Gonçalves (2013; 2016; 2019), Booij (2007), Rio-Torto et al. (2013), Cabré (2015), and Pruvost and Sablayrolles

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

(2019), among others. The study corpus, as well as the exclusion corpus, consists of journalistic texts produced between 2020 and 2025, collected automatically, in addition to posts from the social media platforms X and Instagram from the same period. A Neologism Extractor generated a list of candidate items, which was subsequently validated manually. The lexical units analyzed reveal innovations in the element–*aço* that both update and expand the use of this suffix in Brazilian Portuguese. Beyond the traditional semantic function of this formative, which in the traditional approach assigns an augmentative value to the base, it was found that–*aço* can also function as: (i) an indicator of large quantity, as in *batepalmaço*; (ii) a marker of superior quality, as in *hitaço*; (iii) an indicator of excess, as in *tarifaço*; (iv) a marker of expressive manifestation, as in *morcegaço*; (v) a marker of protest actions, as in *cadeiraço*; and (vi) an indicator of broad scope, as in *decretaço*.

**Keywords:** neology; suffix–*aço*; construction morphology.

## 1 Palavras iniciais

A neologia, enquanto mecanismo atuante na mudança linguística, manifesta-se por meio da constante atualização do léxico, com novas unidades lexicais criadas para acompanhar as transformações e inovações que permeiam diversos aspectos da sociedade. Na contemporaneidade, esse fenômeno é fortemente influenciado pela tecnologia, seja pela criação de termos que designam conceitos específicos dessa área ou pela difusão de novas palavras nas redes sociais e plataformas *on-line*. Além disso, a esfera tecnológica impacta de forma expressiva a própria metodologia do trabalho neológico, disponibilizando, aos pesquisadores da área, grande quantidade de *corpora*, acessíveis em ambientes digitais, bem como ferramentas e programas computacionais que possibilitam a coleta automática de candidatos a neologismos.

Entre as diferentes formas de criação de neologismos, destaca-se a derivação sufixal, reconhecida como um dos processos mais produtivos na ampliação do léxico no português brasileiro (Soledade; Gonçalves; Simões Neto, 2022). Ela permite a formação de novas palavras por meio da adição de morfemas que podem modificar a classe gramatical ou o sentido da palavra primitiva. A observação desse processo de formação em palavras da era digital tem demonstrado que diferentes sufixos são empregados, frequentemente, de modo a se afastarem do uso que é descrito em manuais de morfologia e gramáticas tradicionais. No uso, é possível identificar sentidos inovadores para diversos sufixos, como ocorre com–*aço*, que não apresenta o sentido tradicional em neologismos como *revogaço*, *hitaço*, *checaço*, *morcegaço*, *decretaço*, entre outros.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo analisar o uso do sufixo–*aço* em formações neológicas, buscando compreender, sob a abordagem construcional da linguagem,

os usos inovadores associados a esse sufixo. As unidades lexicais analisadas constituem formações do tipo [X–*aço*] em que X pode ser nome, verbo ou advérbio. O *corpus* do qual provêm as unidades lexicais analisadas neste trabalho é composto por textos jornalísticos datados de 2020 a 2025, extraídos automaticamente dos portais *Veja*, *Terra*, *Olhar Digital* e *IstoÉ*, além de publicações das redes sociais *X* e *Instagram*.

Para além destas palavras iniciais, o texto apresenta, na fundamentação teórica, discussões e conceitos importantes sobre o campo da neologia e a derivação sufixal, bem como a aplicação da abordagem construcional à sufixação. Em seguida, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados no trabalho, seguidos das análises das unidades lexicais com a formação [X–*aço*] coletadas. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## 2 O campo da Neologia: para além dos processos de formação

A mudança linguística está intrinsecamente ligada à linguagem humana, e é especialmente no nível do léxico que ela é perceptível, seja pelo desuso de determinadas unidades lexicais, seja pelo surgimento de novas unidades por meio da neologia. Constituindo-se como um mecanismo de atualização lexical que acompanha as transformações do mundo biopsicossocial, a neologia é uma prática inerente a todas as línguas vivas. Como afirma Cabré,

> A neologia é um desses campos novos que emergiram com força nas últimas décadas. Ela se consolidou como disciplina distinta e autônoma, o que não pressupõe que antes não se falasse disso e nem que sua prática seja recente. A neologia como prática é tão antiga quanto a humanidade se observarmos uma de suas facetas mais importantes: a criatividade lexical (Cabré, 2015, p. 126, tradução nossa[1]).

Em outras palavras, mesmo que a neologia enquanto disciplina, situada dentro das Ciências do Léxico, seja algo recente, enquanto fenômeno ela sempre esteve atrelada às línguas naturais. Assim, ignorar o fenômeno neológico é ignorar parte da história da própria língua. Boulanger (2010, p. 34) explica que o termo neologia é formado pelos elementos gregos *neos* ("novo") e *logos* ("discurso"), e é definido como o processo de criação de novas palavras em uma língua. Essas novas palavras denominam-se *neologismos*. A necessidade de nomear novos fenômenos, avanços, descobertas científicas e inovações tecnológicas constitui um dos principais motivadores da neologia nas línguas vivas. A essa função referencial juntam-se outras funções motivadoras da criação lexical, levantadas por Gonçalves (2019) como a atitudinal e a indexical. De acordo com o autor, a função atitudinal está ligada à subjetividade que o falante atribui a uma forma lexical "neutra", expressando, assim, carga emocional a partir do uso de processos morfológicos. A função indexical, por sua vez, revela o perfil sociolinguístico do usuário por meio de estratégias que funcionam como um "sistema de sinalização" que caracteriza grupos de falantes.

Sobre a complexidade do objeto de estudo neológico, os neologismos, Cabré (2015) destaca que são unidades de difícil definição e difícil descrição holística, dada a sua natureza

[1] "La neologia és un dels camps que ha sorgit amb força durant els darrers decennis. Ha sorgit amb força com a disciplina, com a saber diferenciat i autònom, cosa que no pressuposa ni que fa dos segles no se'n parlés ni que el seu conreu hagi començat fa tan poc temps. La neologia com a pràctica és tan vella com la humanitat si n'observem una de les seves facetes més importants: la creativitat léxica".

multifacetada. Segundo a autora, por um lado, os neologismos são unidades poliédricas: são multidisciplinares, ou seja, podem ser analisados sob diferentes perspectivas teóricas, e multidimensionais, porque, mesmo dentro de uma mesma área, apresentam diversas possibilidades de análise. Por outro lado, são também unidades relativas, tendo em vista que carregam a idiossincrasia da "condição de novidade", que pode variar de acordo com fatores como tempo, sociedade, geografia, função e domínio. Ainda conforme a autora, o conceito de neologismo é caracterizado pela instabilidade e pela relatividade. É um conceito instável porque a condição de novo é passageira: uma unidade considerada neológica em determinado momento pode, com o tempo, deixar de ser percebida como tal, seja pelo uso frequente, seja pelo esquecimento (Cabré, 2015b). Além disso, o conceito é relativo, porque o reconhecimento de uma unidade como neológica pode variar entre grupos de falantes. Um termo pode parecer novo para determinado grupo, mas, para outro, pode ser comum, especialmente quando seu uso, a princípio restrito, difunde-se posteriormente. O neologismo, portanto, deve ser compreendido como uma unidade complexa e multifacetada, que ultrapassa uma única perspectiva de análise. Enquanto unidade lexical, ele não se limita a um elemento da língua, mas representa parte da realidade social, refletindo a forma como os falantes percebem e categorizam as mudanças na sociedade (Cabré, 2015b).

Pruvost e Sablayrolles (2019) também discutem a dificuldade de delimitação do caráter neológico. Para os autores, conhecer o fenômeno neológico não significa, necessariamente, saber reconhecer um neologismo ao se deparar com ele. Questionamentos acerca do tempo de duração do caráter neológico, das perspectivas teóricas adotadas, bem como de problemas relacionados a particularidades tipológicas, como questões sobre a neologia semântica e as expressões idiomáticas, evidenciam os múltiplos desafios envolvidos na identificação e delimitação do que pode ser considerado, de fato, um neologismo.

Com relação à delimitação da neologicidade, a metodologia do *corpus* de exclusão foi amplamente difundida em trabalhos da área (Alves; Maroneze, 2018). De acordo com esse parâmetro, para uma palavra ser considerada neológica, ela não deve estar presente em obras lexicográficas. Apesar de essa metodologia ainda se constituir como base para as pesquisas em neologia, o uso de somente um critério tornou-se insuficiente para a validação de um neologismo. Assim, Cabré (1993), a partir de Rey (1973), estabelece quatro critérios essenciais para a identificação de neologismos:

> Diacronia: uma unidade é neológica se surgiu em um período recente; Lexicografia: uma unidade é neológica se não está incluída nos dicionários; Instabilidade sistemática: uma unidade é neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semântica; A psicologia: uma unidade é neológica se os falantes a consideram como uma unidade nova (Cabré, 1993 *apud* Jesus, 2021, p. 249).

Ainda que os critérios estabelecidos por Rey e Cabré sejam referência para os estudos em neologia, a complexidade do fenômeno, somada aos avanços tecnológicos que influenciam a língua, levaram estudos mais atuais a apontarem limitações nesses critérios ao reconhecerem que, muitas vezes, estes podem ser imprecisos no processo de delimitação da neologicidade. O próprio Rey (1973) já reconhecia o caráter relativo do critério temporal, por exemplo, ao afirmar que os neologismos deveriam ser estudados em um aspecto sincrônico que, por sua vez, é definido de acordo com os objetivos do pesquisador. Nesse contexto, pesquisadores propõem o uso de critérios adicionais como complemento aos tradicionais. Conforme Auger (2010),

deve-se observar a maneira como se apresenta a palavra no texto: unidades neológicas, em muitos casos, apresentam marcas distintas como itálico ou negrito; podem ser sucedidas por uma reformulação frástica, geralmente definicional, o que indica que foi percebida como nova pelo autor do texto; ou podem, ainda, ser acompanhadas por um sinônimo, demonstrando a tentativa de esclarecimento do sentido da nova unidade. Por sua vez, Estopà (2015) considera a percepção do caráter neológico como gradual, porque esta envolve questões relacionadas a aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, para a autora, é necessário atentar-se a parâmetros como: a frequência de uso, o âmbito de uso (se a unidade é empregada de forma particular ou em determinado grupo) e o canal de uso (meio em que a unidade lexical é empregada: redes sociais, meios de comunicação etc.), de forma a se depreender essa gradação. Jesus (2021) aponta que pesquisas mais atuais propõem a ampliação do *corpus* de exclusão, de modo a incluir não apenas fontes lexicográficas, mas também fontes textuais de diferentes tipos, a depender do subconjunto linguístico ao qual pertencem os candidatos a neologismos: livros, artigos, textos jornalísticos, entre outros. Essa ampliação tornou-se possível, sobretudo, com o desenvolvimento da *Linguística de Corpus* e com o avanço dos *corpora* eletrônicos, que passaram a ser compilados e armazenados em bancos de dados, contendo de milhares a milhões de palavras e funcionando como um filtro textual mais abrangente. Além disso, a pesquisadora destaca o uso da internet como um filtro: a frequência de termos em sites de busca tem se somado aos filtros lexicográfico e textual. Destaca-se também o uso da ferramenta *on-line Google Trends*, que permite monitorar a frequência de buscas por determinados termos no *Google* ao longo do tempo. A alta frequência de buscas por um termo após um período de frequência zero pode ser interpretada como um indício de sua neologicidade.

A criatividade lexical dos falantes é um fenômeno que envolve tanto mecanismos internos à língua, ou seja, processos autóctones regidos, muitas vezes, por regras gramaticais, quanto a incorporação de empréstimos de outros idiomas, caracterizando processos não autóctones. Dentre os processos autóctones, tem-se, por exemplo: a derivação prefixal, como em *antivacina* e *desaposentar*; a derivação parassintética, como em *empretecer* e *encriptar*; o cruzamento vocabular, como em *agronejo* e *infodemia*; a composição de bases livres, como em ônibus-biblioteca e *estação-base*; a composição neoclássica, como em *odiômetro* e *teleoperado*; a composição sintagmática, como em *ir de arrasta* e *cultura do cancelamento*; o truncamento, como em *cripto* e *influs*. Ainda dentro dos processos autóctones, mas que não envolve inovação morfológica, está a neologia semântica, que apresenta inovação no sentido, como ocorre em *mineração* e *cancelar.* Dentre os processos não autóctones, têm-se os empréstimos, como *dark kitchen* e *rebranding*; as formações com *splinters* de língua estrangeira, como *partygate* e *e-commerce*; os empréstimos híbridos, ou seja, aqueles que envolvem processos morfológicos vernáculos, como *flopar* e *crushismo*; e as formas decalcadas, que envolvem a adaptação à ortografia vernácula, como *dorama* e *tuitar*.

A derivação sufixal, recorte do presente trabalho, caracterizada como processo autóctone, é um dos mais comuns processos de formação do português brasileiro e, consequentemente, um dos mais produtivos entre os neologismos (Soledade; Gonçalves; Simões Neto, 2022). É pela derivação sufixal que se geram novas unidades lexicais como *emojificação*, *terraplanismo*, *lavajatista*, *ucranizar*, *supremável*, *conversante*, *onlinemente*, entre outros.

## 3 O processo de derivação sufixal e a questão da gradação

O processo de formação por derivação é aquele em que uma palavra, dita derivada, é formada a partir de outra, dita primitiva, isto é, tem-se a junção de um radical (contendo ou não uma vogal temática) a um afixo (Gonçalves, 2019). A formação por derivação pode incidir, também, sobre bases não primitivas. Os tipos de derivação mais comuns no português brasileiro são a derivação por prefixação e por sufixação, que se caracterizam pela junção de um prefixo, que se anexa à esquerda, e sufixo, que se anexa à direita, ao radical ou base, respectivamente. Assim, "a estrutura da forma derivada é a estrutura geral da adição de um afixo a uma base ou radical; a base é determinada gramatical ou semanticamente pelo afixo" (Basílio, 2011, p. 23), ou seja, os afixos são determinantes para a compreensão das palavras derivadas, seja quanto à sua classe gramatical ou seu significado.

Segundo Booij, "a função básica dos processos derivacionais é permitir que o usuário da língua crie novos lexemas. Os lexemas pertencem a categorias lexicais como substantivo (N), verbo (V) e adjetivo (A), e os lexemas derivados podem pertencer a uma categoria diferente da de suas bases" (Booij, 2007, p. 51, tradução nossa[2]). No caso do português, uma característica fundamental da derivação sufixal é a possibilidade de mudança de classe gramatical (Gonçalves, 2019); sendo assim, a palavra derivada pode pertencer a uma classe diferente da primitiva. A depender do tipo de sufixo que se anexa a uma base, formam-se substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

Quanto à classificação das derivações sufixais, considera-se a classe da base lexical a que os sufixos se vinculam. Essa classificação inclui formas deverbais, denominais e deadjetivais (Gonçalves, 2019). As formas deverbais consistem em palavras formadas a partir de verbos como *comunicação*, *escrevente* e *apagador*, que derivam dos verbos *comunicar*, *escrever* e *apagar*. As formas denominais derivam de classes nominais, como *jornalista*, formada a partir de *jornal*, e *politicagem*, formada a partir de *política*. Já as deadjetivais são palavras oriundas de adjetivos, como em *altura* e *lindeza*, derivadas de *alto* e *lindo*.

Os sufixos têm papel determinante na compreensão das unidades lexicais, visto que eles "não são vazios de significado [...] nem são mais vazios de significado do que os prefixos [...] e correspondem até semanticamente muitas vezes a lexemas" (Sandmann, 1989, p. 31). Um mesmo sufixo assume papéis diferentes a depender da base que se anexa, como o sufixo–*ada*, que em *mesada* atribui à base *mês* a ideia de "quantia que se paga mensalmente", e em *martelada* a ideia de "golpe dado com o martelo". Rio-Torto *et al* (2013) reiteram a importância da derivação sufixal no processo de recategorização de produtos lexicais. Os autores salientam que, para além da mudança quanto à categoria gramatical, a sufixação é também responsável por uma mudança de natureza semântica, em que a palavra derivada passa a se referir a uma classe ontológico-referencial diferente daquela a que pertence o derivante. As palavras *mochilão* e *ficante*, por exemplo, designam categorias distintas de seus derivantes: a primeira refere-se a um tipo de viagem e a segunda refere-se a alguém com quem se tem um relacionamento casual. Tal característica da sufixação é destacada por Bechara (2009):

> Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações

[2] "The basic function of derivational processes is to enable the language user to make new lexemes. Lexemes belong to lexical categories such as N, V, and A and the derived lexemes may belong to a different category than their bases".

> variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado de fatores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam (Bechara, 2009, p. 357).

A mudança de categoria gramatical não ocorre em todos os casos de derivação sufixal. As palavras derivadas podem pertencer à mesma classe da base, a depender da natureza morfológica do sufixo, ainda que esses sufixos possam implicar mudanças semânticas importantes, como já salientado por Rio-Torto e outros. (2013). À guisa de exemplificação, Sandmann (1989) evidencia o importante papel semântico que se pode atribuir aos sufixos indicadores de grau:

> No português, por exemplo, quase todos os substantivos podem receber sufixo de diminutivo ou aumentativo. Entretanto a palavra com um sufixo aumentativo ou diminutivo só encontra registro no dicionário se ela se destacar por algum aspecto semântico. Palavrão, por exemplo, não é apenas a "palavra longa" ou a "palavra, cuja pronúncia é difícil"; palavrão é também a "palavra obscena" (Sandmann, 1989, p. 8).

O exemplo destacado por Sandmann (1989) dá luz a um problema presente dentro da morfologia flexional e derivacional: a instabilidade do grau enquanto classificável como flexão ou derivação. Ao destacar que não há consenso na tradição gramatical quanto à classificação dos afixos de grau, Gonçalves (2013) discorre sobre oito critérios, na tentativa de situar a gradação, levando em consideração aspectos como: (i) adequação sintática; (ii) univocidade; (iii) produtividade; (iv) núcleo de uma palavra morfologicamente complexa; (v) mudança da categoria lexical; (vi) estabilidade semântica; (vii) exclusão e recursividade; (viii) arbitrariedades/desvios. O autor afirma que esses critérios não se constituem como algo estático, uma vez que a classificação do grau enquanto elemento flexional ou derivacional depende do ponto de vista ou do critério analisado. Assim, Gonçalves defende que o grau passe a ser analisado como "um processo gradiente, escalar, ou seja, como polos de um *continuum*" (Gonçalves, 2013, p. 164). Em cada um desses polos encontram-se exemplares mais prototípicos de flexão e de derivação e as unidades lexicais podem se afastar de um desses polos à medida que se distanciam de aspectos representativos dessas categorias (Gonçalves, 2019).

É a partir do uso que determinado sufixo de grau pode se distanciar de sua função prototípica, tendo em vista que os afixos de grau podem carregar informações discursivas e pragmáticas e gerar unidades lexicais com significados imprevisíveis e idiossincráticos (Gonçalves, 2013). Seu uso pode implicar, por exemplo, a demonstração de juízos de valor a respeito de algo ou alguém, realce da qualidade e/ou quantidade e expressão da afetividade perante algo ou alguém (Gonçalves, 2013). Isso porque o conteúdo que esses afixos veiculam "é variado, o que autoriza afirmar que a construção morfológica, por si só, não é suficiente para determinar o tipo de informação contida no formativo — é o falante que utiliza, no contexto, o real significado de tais afixos" (Gonçalves, 2013, p. 160). Se, por um lado, os sufixos de grau podem revelar características sociolinguísticas do falante e a situação comunicativa, como *–inho/–inha* usados como demonstração de ternura,*–érrimo* e*–éssimo* associados a fala feminina e gay e os aumentativos*–ão* e*–aço* característicos da fala hétero masculina (Gonçalves, 2019), por outro eles também carregam significados diferentes, para além da ideia de dimensão, como em *orelhão, centrão, arrastão, panelaço, beijinho, quentinha* e *camisinha*. Para mais, Rio-Torto *et al*. (2013) destacam que entre os sufixos de aumentativo*–ão* e*–aç-*,

muitas vezes, o sufixo–ão, presente em bonzão, grandão e tolão, apresentam um grau maior de neutralidade do que o sufixo–*aç*–que seria mais expressivo, como em atrevidaço, loiraça e valentaço. Assim, segundo os autores, em muitos dos derivados com–ão, o tom depreciativo está vinculado ao sentido das bases e não ao sufixo em si.

O sufixo de grau aumentativo–*aço*, selecionado como objeto de estudo deste trabalho, é descrito, tradicionalmente, como atuante em três categorias: (i) como indicador de aumento; (ii) como indicador de grande quantidade; (iii) como indicador de ação caracterizada pelo excesso (Aulete; Valente, 2025).

Morfologicamente, o sufixo–*aço* anexa-se a bases substantivas, adjetivas e verbais (Rio-Torto *et al.*, 2013). No caso dos substantivos e adjetivos, o sufixo elimina a vogal temática e anexa-se ao radical. No substantivo *chifre*, por exemplo, ocorre a seguinte construção: chifr(-e)–+–aço > chifraço. No adjetivo *lerdo*, por exemplo, ocorre a construção lerd(-o)–+–aço > lerdaço. Com relação aos verbos, Rio-Torto *et al*. (2013) explicam:

> Este sufixo anexa-se ao tema do particípio das bases (inchado > inchaço, tolhido > tolhiço). Quanto à sua estrutura morfológica, as bases são simples não derivadas (andar/andaço, cansar/cansaço, lançar/lançaço) e complexas derivadas por prefixação (estirar/estiraço). O sufixo opta por estruturas não eruditas. Em relação aos tipos sintático-semânticos, as bases são transitivas (cansar/cansaço, lançar/lançaço) e inacusativas (andar/andaço, arrebitar/arrebitaço, sumir/sumiço). Não se encontraram bases inergativas (Rio-Torto *et al*., 2013, p. 197).

Os autores comentam sobre as "formações recentes" surgidas no português brasileiro, dentre elas *apitaço, buzinaço, cadeiraço* e *panelaço*, afirmando que essas unidades denotam eventos e manifestações. Eles demonstram que esse tipo de formação revela a polivalência semântica do sufixo–*aç-*, usado no português brasileiro como aumentativo, em palavras como *bonitaço* e *talentaço*, ou como "denotador de 'golpe praticado com/em x' (*batocaço*, *chifraço*, *pistolaço*), ao mesmo tempo que revelam a permeabilidade entre os sentidos de 'golpe/impacto com x' e de 'evento, manifestação produzida com x'" (Rio-Torto *et al*., 2013, p. 166). Além disso, os autores afirmam que não está claro se as unidades *apitaço* e *buzinaço* são derivadas dos substantivos apito/buzina ou dos verbos apitar/buzinar.

Em alguns casos de verbos substantivados, é o contexto que indicará se a derivação se dá a partir de um substantivo ou de um verbo. Ou seja, os contextos de uso mostram que pode haver determinada motivação para que o surgimento da palavra esteja relacionado a nomes ou a verbos. É o caso de *beijaço*: em um primeiro momento, pode haver dificuldade na identificação da natureza do radical, mas, ao se observar um contexto como "eles deram um beijaço", fica claro que se trata de uma referência a *beijo*, e não ao ato de *beijar*. Em outros casos, é nítida a existência de diferentes formações de derivados de nomes e verbos com o mesmo radical. Por exemplo, o radical *cans*–pode participar da formação deverbal *cansar > cansaço* e da formação denominal *cansado > cansadaço*.

## 4 Sufixação e abordagem construcional

A Morfologia Construcional mostra-se um modelo adequado para a investigação das palavras complexas (Gonçalves, 2016). Nesse modelo, compreende-se as palavras por meio

de esquemas construcionais, ou seja, "padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente" (Gonçalves, 2016, p. 18). Em outras palavras, os esquemas construcionais são utilizados para representar modelos de criação de unidades lexicais que carregam informações formais e funcionais, que podem ser sintáticas, semânticas e morfológicas. Eles demonstram a fixação de um padrão usado produtivamente no processo de criação lexical.

Conforme o contato com diferentes unidades lexicais, o falante, através da experiência linguística, compreende inconscientemente esquemas construcionais, estocando-os em sua memória, e são capazes de produzir, identificar e categorizar novas formações, bem como inferir significado de constructos até então desconhecidos. Esses esquemas variam quanto ao tamanho e quanto ao grau de especificidade (Gonçalves, 2016), podem ser apresentados de maneira mais ou menos abstrata e têm como função abstrair um conhecimento linguístico apreendido pelos falantes com a linguagem. Além disso, são organizados hierarquicamente de modo a formar as chamadas redes ou teias construcionais. Nas palavras de Gonçalves (2016),

> falantes dominam esquemas morfológicos por reconhecerem conjuntos de palavras que instanciam esses padrões. Dessa forma, os usuários da língua são capazes de inferir um sistema abstrato ao se depararem com um número de palavras do mesmo tipo e estendê-lo ainda mais (Gonçalves, 2016, p. 28).

Para representar o processo de sufixação, pode-se partir do esquema genérico $[[X]_{\underline{Xi}}Y]_{Yj}$, em que X e Y são sequências fonológicas e $_X$ e $_Y$ representam classes gramaticais (Gonçalves, 2016). Os subscritos $_i$ e $_j$ indicam que tanto a base X quanto o produto do esquema fazem parte do léxico (Gonçalves, 2012). Segundo Booij,

> Regras ou modelos para padrões derivacionais descrevem tanto as propriedades formais (fonológicas e sintáticas) quanto as propriedades semânticas da classe de palavras resultantes. A interpretação semântica de uma palavra complexa é determinada pelo modelo e inclui o significado da palavra-base. Assim, o significado de uma palavra complexa é, em princípio, uma função composicional do significado de sua palavra-base e de sua estrutura morfológica (Booij, 2007, p. 56, tradução nossa[3]).

As palavras derivadas do sufixo–*ano*, por exemplo, são formadas a partir de um mesmo esquema, um radical substantival adicionado ao sufixo–*ano*, que pode ser representado por $[[X]_{Si}$–*ano*$]_{adj\ j} \leftrightarrow$ [entidade relacionada à $SEM_i]_j$. O esquema $[[X]_{Si}$–*ano*$]_{adj\ j}$ representa uma construção, e as palavras realizadas a partir dele são os seus constructos.[4] A sequência $SEM_i$ refere-se à semântica do input, unidade lexical que se estabelecerá na posição de [X]. Esse esquema é utilizado para criar palavras que designam, por exemplo, nativos de uma região, como alagoano, pernambucano, indiano e mexicano; adjetivos relativos a uma determinada

[3] "Rules or templates for derivational patterns describe both the formal (phonological and syntactic) properties and the semantic properties of the class of output words. The semantic interpretation of a complex word is determined by the template, and includes the meaning of the base word. Hence, the meaning of a complex word is in principle a compositional function of the meaning of its base word and its morphological structure".

[4] De acordo com Hoffmann (2022, p. 286), uma construção é o pareamento forma-significado estocado na memória de longo prazo dos falantes, enquanto um constructo é o pareamento forma-significado organizado na memória de trabalho (que envolve, geralmente, a ativação simultânea de várias construções).

pessoa, como *freudiano, malufiano, machadiano* e *kantiano*; adjetivos tropomínicos, como *urbano, praiano, marciano* e *provinciano*; entre outros. A elevada quantidade de palavras que se pode formar a partir do esquema exemplificado indica sua alta produtividade na linguagem.

Conforme Booij (2007), o caráter determinante dos sufixos em relação à categoria gramatical introduziu a noção de "cabeça" na morfologia. Nesse sentido, a cabeça lexical de palavras morfologicamente complexas, em especial as derivadas, localiza-se à direita, ou seja, o núcleo da palavra é constituído pelo sufixo, uma vez que ele determina tanto a categoria lexical quanto o gênero do produto (Gonçalves, 2012). No entanto, essa noção não pode ser considerada universal na derivação sufixal do português brasileiro, porque, em casos de sufixos de gradação, especialmente nos exemplos mais prototípicos de grau, o núcleo encontra-se à esquerda. Por outro lado, quando esses sufixos têm um significado mais concreto e lexical, o núcleo permanece à direita. As palavras *petrolão* e *formig*ão, por exemplo, apresentam o mesmo sufixo de grau. Na primeira, o termo designa um esquema de corrupção política, sendo o sufixo responsável por atribuir esse sentido à palavra, constituindo, assim, a cabeça lexical. Na segunda, o sufixo desempenha um papel mais secundário, atribuindo apenas uma dimensão à base, que, nesse caso, constitui a cabeça.

## 5 Procedimentos metodológicos

As unidades lexicais a serem analisadas são provenientes de um *corpus* de textos do gênero jornalístico que datam de 2020 a 2025 e de posts das redes sociais *X* e *Instagram* que datam do mesmo período. A metodologia do trabalho segue os passos consolidados nos estudos neológicos (Jesus, 2021): (i) coleta do *corpus*; (ii) contraste com *corpus* de exclusão; (iii) validação dos candidatos a neologismos com base em critérios pré-definidos; e (iv) análise das unidades validadas.

A coleta dos *posts* de redes sociais foi feita por meio dos mecanismos de busca disponíveis nos portais, enquanto os textos jornalísticos foram obtidos automaticamente, via *web scraping*[5], por alunos do curso de Ciência da Computação para o projeto "Neologia: aspectos lexicais, culturais e extração automática", desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo. O *corpus* de estudo reúne cerca de 93 milhões de palavras provenientes dos portais *Veja*, *IstoÉ*, *Terra* e *Olhar Digital*. Dos mesmos portais, foi compilado um *corpus* de exclusão (que contém itens lexicais já consolidados na língua) com notícias publicadas entre 2007 e 2019, somando aproximadamente 77 milhões de palavras. Esse *corpus* de exclusão possibilitou identificar formas inéditas ao contrastá-lo com o *corpus* de estudo.

O contraste foi realizado automaticamente por um Extrator de Neologismos, criado para o projeto mencionado, que gerou uma lista de cerca de 130 mil candidatos a neologismos. Entre eles, havia também elementos irrelevantes, como *hashtags*, nomes próprios, erros ortográficos, formas flexionadas, ênclises e unidades não neológicas ausentes no *corpus* de exclusão. A validação das unidades candidatas foi feita manualmente, com base nos critérios de Rey (1976) e Cabré (1993), que definem neologismo como unidade recente, ausente do *corpus* de exclusão, formal ou semanticamente instável e que desperta a intuição neológica

[5] Técnica utilizada na ciência de dados que busca extrair informações de sites analisando os códigos por trás destes. É possível, por essa técnica, determinar critérios (como o período de tempo, por exemplo) para a extração dos textos das notícias.

do falante. Além disso, foram usados também critérios estabelecidos por Estopà (2015), Auger (2010) e Jesus (2021), anteriormente descritos. Feita a validação, e considerando que as unidades lexicais devem conter o sufixo–*aço*, levantaram-se 10 unidades lexicais a partir da lista gerada pelo Extrator e 12 unidades lexicais coletadas nas redes sociais:

Tabela 1 – Formações [X–*aço*] coletadas.

| Termos levantados a partir do Extrator | | Termos levantados nas redes sociais | |
|---|---|---|---|
| revogaço | ao vivaço | projetaço | shortaço |
| toalhaço | putaço | batepalmaço | cadeiraço |
| decretaço | checaço | beijaço | adesivaço |
| hitaço | perguntaço | tarifaço | cigarraço |
| exoneraço | goleiraço | tratoraço | bandeiraço |
| | | buzinaço | morcegaço |

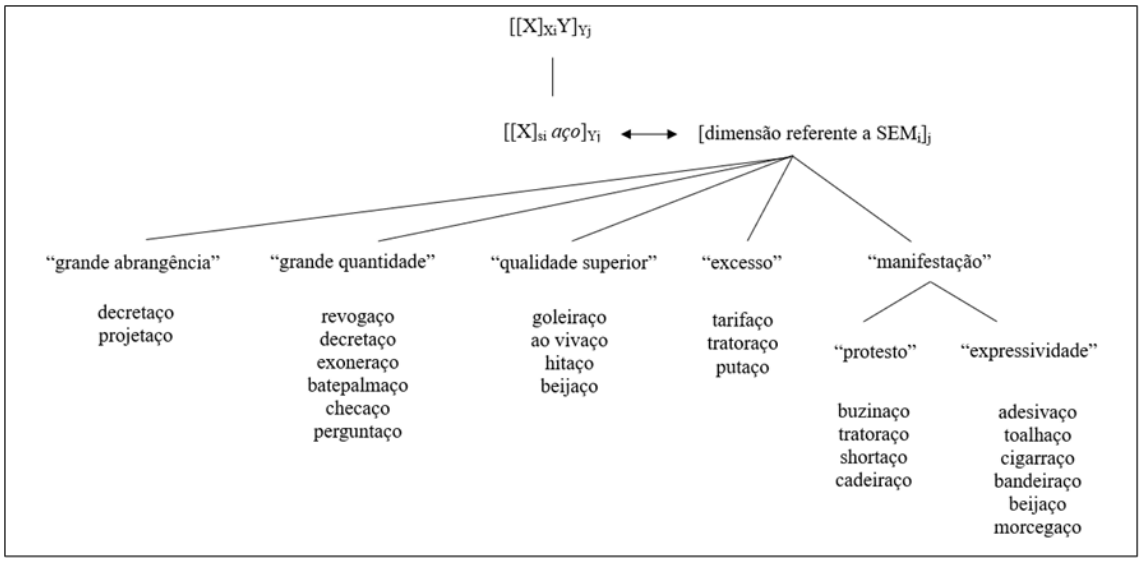
Fonte: Elaborado pelas autoras.

## 6 Um hitaço de sufixo: análise morfossemântica

As unidades com a formação [X–*aço*] coletadas participam de diversos campos semânticos. Observa-se, a partir da análise dos contextos, que os 22 termos, categorizados como neológico, designam conceitos importantes no quadro cultural, político e econômico contemporâneo.

A função canônica do sufixo–*aço* é a de aumentativo (Bechara, 2009). Por extensão semântica, esse sufixo também é utilizado para indicar "grande quantidade" e "ação caracterizada pelo excesso" (Aulete; Valente, 2025). As análises das unidades lexicais levantadas no presente estudo indicam, entretanto, que o sufixo apresenta acepções semânticas que diferem das tradicionais. Assim, –*aço* pode ser: (i), indicador de grande quantidade; (ii) indicador de qualidade superior; (iii) indicador de excesso; (iv) indicador de manifestação expressiva; (v) indicador de manifestação de protesto; e (vi) indicador de grande abrangência. Essas acepções são listadas na rede construcional a seguir, a qual estabelece esquemas que funcionam como padrão para a criação de palavras, em detrimento da simples combinação de elementos. Como já salientado, as derivações sufixais derivam da macroconstrução $[[X]_{Xi}Y]_{Yj}$. No esquema construcional, apresentam-se as principais ocorrências morfossemânticas das formações X-*aço* encontradas no *corpus*:

Figura 1 – Rede de construções $[[X]_{Xi}\ aço]_{Sj}$.




Fonte: Elaborado pelas autoras.

As unidades lexicais apresentadas na rede acima estão dispostas a partir das acepções semânticas das formações e não a partir da categoria gramatical da base que se anexa ao sufixo–*aço*. Na primeira linha, tem-se, como já salientado, o esquema geral de sufixação $[[X]_{Xi}Y]_{Yj}$, em que X representa a palavra-base e Y representa o afixo; os subscritos i e j indicam que a base e o derivado final fazem parte do léxico. Na segunda linha, a letra Y é substituída pelo sufixo–*aço*, ao passo que a letra X pode representar uma base substantival, adjetival ou verbal, tendo em vista a natureza do sufixo. O $_{Y}$ subscrito fora dos colchetes indica a classe gramatical do derivado gerado pelo esquema. A seta bidirecional conecta o esquema à representação $[\text{dimensão referente a SEM}_{i}]_{j}$, que indica a semântica genérica de todo o esquema, ou seja, indica que as palavras complexas derivadas de $[[X]_{Xi}\ aço]_{Yj}$ terão em comum o sentido de "dimensão que se relaciona à semântica da base da palavra". Na linha seguinte, tem-se cada acepção identificada a partir da análise das unidades nos contextos de uso. Por fim, chega-se às formações concretas produzidas pelo esquema, de acordo com suas acepções semânticas.

A escolha de categorizar as formações do esquema a partir das acepções semânticas faz-se devido à complexidade de se definir morfologicamente a natureza de algumas das bases que se anexam ao sufixo–*aço*, como já discutido na seção "O processo da derivação sufixal e a questão da gradação". Nas unidades *decretaço*, *perguntaço* e *buzinaço*, por exemplo, não fica claro se a derivação procede de um substantivo ou de um verbo. Essa dificuldade é notada no trabalho sobre a investigação do sufixo–*aço* de Schlee e Costa (2021). As autoras categorizam a palavra *compartilhaço*, que tem a acepção "compartilhamento coletivo de algo nas redes sociais" (Schlee; Costa, 2021, p. 25), como sendo derivada de um substantivo. Entretanto, se *compartilhaço* fosse derivado do substantivo, nesse caso *compartilhamento*, o produto seria a forma *compartilhamentaço*, semelhante ao que ocorre com *casamentaço*, também categorizado por Schlee e Costa como formado a partir de base substantiva, na sequência *casar* > *casamento* > *casamentaço*. Considerando-se esses apontamentos, a análise que se segue será pautada no campo semântico de cada grupo de formações.

Na acepção de "grande quantidade", os termos formados com o sufixo–*aço* apresentam caráter substantival e são empregados para designar situações marcadas por um número elevado de determinado elemento ou de determinada ação. Nesse campo, estão inseridas as formações *revogaço*, que, de acordo o contexto, refere-se a uma grande quantidade de revogações; *bate palmaço*, que se refere a grande quantidade de pessoas batendo palmas simultaneamente; *perguntaço*, que designa um evento em que muitas pessoas fazem perguntas; *checaço*, que conceitua um cheque equivalente a grande quantidade de dinheiro; e *exoneraço*, que caracteriza uma grande quantidade de exonerações de servidores. Essas unidades estão contextualizadas nos exemplos (1), (2), (3), (4) e (5).

> (1) O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assinou neste domingo (1/1) os primeiros decretos revogando medidas tomadas durante o governo do seu antecessor, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). O chamado "*revogaço*" foi prometido por Lula durante a campanha eleitoral e começou mudanças na política de armas, meio ambiente e sigilo de dados (Prazeres, 2023, grifo nosso).[6]
>
> (2) O Projeto no Brasil é o maior responsável por ter propagado a ação de bater palmas, quando uma criança está perdida, nas praias do território nacional. (...) Antes do início do "*Bate Palmaço*", nome popular da ação, a média de tempo para encontrar uma criança perdida era de duas horas. Hoje, esse tempo diminuiu para cinco minutos, aproximadamente (São Paulo, 2023, grifo nosso).[7]
>
> (3) Na próxima terça-feira (18), cerca de 80 adolescentes de diferentes comunidades, redes e projetos do Rio de Janeiro se reúnem para discutir temas que não podem ficar de fora do debate eleitoral. Pelas redes sociais, os jovens enviarão perguntas para os candidatos ao governo do estado. '*Perguntaço*' é organizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (Adolescentes, 2018, grifo nosso).[8]
>
> (4) Trump prometeu mais um "*checaço*", o dinheiro que será enviado aos contribuintes para compensar salários perdidos e outros prejuízos com a paralisação econômica (Gryzinski, 2020, grifo nosso).[9]
>
> (5) Presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB) fez um "*exoneraço*" e tirou 465 servidores de cargos em comissão na Casa (Tenório, 2020, grifo nosso).[10]

Na busca por contextos, o neologismo *bate palmaço* foi encontrado grafado tanto com espaço entre as duas bases quanto com as duas bases juntas (*batepalmaço*), o que evidencia

---

[6] PRAZERES, L. Armas, meio ambiente e sigilo: os primeiros "revogaços" do governo Lula. *BBC News Brasil*, Brasília, 1 jan. 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64142127. Acesso em: 15 jun. 2025.

[7] SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. Moção de aplausos, de 21 de novembro de 2023. *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. São Paulo, 21 nov. 2023. Disponível em: https://sempapel.al.sp.gov.br/Arquivo/Documents/MO%C3%87/161760-20231121181330 6154(8163).pdf. Acesso em: 28 mar. 2026.

[8] ADOLESCENTES fazem 'perguntaço' para candidatos ao governo do Rio de Janeiro. *Nações Unidas Brasil*, Brasília, 17 set. 2018. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/81009-adolescentes-fazem-%E2%80%98pergunta%C3%A7o%E2%80%99-para-candidatos-ao-governo-do-rio-de-janeiro. Acesso em: 15 jun. 2025.

[9] GRYZINSKI, V. Mistério do vírus: agressividade está diminuindo na Europa? *VEJA*, São Paulo, 25 jun. 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/mundialista/misterio-do-virus-agressividade-esta-diminuindo-na-europa. Acesso em: 15 jun. 2025.

[10] TENÓRIO, A. Hugo Motta faz "exoneraço" e pega 465 servidores da Câmara de surpresa. *Metrópoles*, Brasília, 11 fev. 2025. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/hugo-motta-faz-exoneraco-e-pega-465-servidores-da-camara-de-surpresa. Acesso em: 28 mar. 2026.

sua neologicidade, uma vez que a instabilidade ortográfica é um dos indicadores do caráter neológico. Além disso, observa-se nesses e em outros contextos mais adiante o uso de marcas textuais, como aspas, e expressões metalinguísticas que introduzem reformulações, a exemplo de "*o chamado*" e "*apelidado de*", nos exemplos (1) e (7). Essas marcas, segundo Auger (2010), constituem critérios adicionais para a identificação de neologismos, porque indicam a percepção de novidade por parte do enunciador em relação à palavra utilizada.

Os contextos de uso mostram que o neologismo *decretaço* é polissêmico. Por isso, no esquema, essa unidade encontra-se em duas acepções diferentes: "grande quantidade" e "grande abrangência". Enquanto pertencente à categoria "grande quantidade", a unidade designa, como em (6), uma elevada quantidade de decretos firmados em um curto período. Quando assume o sentido de "grande abrangência", como no exemplo (7), passa a designar um único decreto que apresenta uma grande magnitude ou poder. Esse uso assemelha-se ao da palavra *projetaço*, em (8), que apresenta a mesma acepção semântica e designa um grande projeto entendido como ambicioso, de alto investimento e de objetivos variados:

> (6) O "*decretaço*" incluiu o endurecimento das políticas migratórias do país, a revogação de cerca de 80 decretos assinados pelo ex-presidente Joe Biden, a reformulação na "burocracia" de Washington, o perdão a condenados pelo ataque ao Capitólio e a autorização ao TikTok para operar por mais 75 dias, um dia após a plataforma ter sido suspensa no país (Bordallo, 2025, grifo nosso).[11]
>
> (7) Agora, o Decreto Nacional de Urgência (DNU) de Milei, apelidado de "*decretaço*", vai para a Câmara dos Deputados. Para que o texto seja derrubado, é necessário que ambas as casas do Congresso argentino o rejeitem (Senado, 2024, grifo nosso).[12]
>
> (8) Trump anuncia '*projetaço*' para data centers de IA com OpenAI e outras empresas. O presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou uma joint venture com a OpenAI, Oracle e SoftBank para construir rede de data centers para IA (Spadoni, 2025, grifo nosso).[13]

Esse caráter polissêmico pode ser observado também no neologismo *tratoraço*, que apresenta duas acepções semânticas: "excesso" e, metaforicamente, "manifestação", no sentido de "protesto". Na acepção "excesso", as palavras derivadas designam substantivos caracterizados por um exagero incomum ou inesperado. No exemplo (9), o neologismo *tratoraço* nomeia um escândalo envolvendo o ex-presidente Jair Bolsonaro, em que uma quantia excessiva de dinheiro do orçamento público destinada à compra de máquinas agrícolas, como tratores e caminhões, foi usada de forma pouco transparente e com indícios de irregularidades:

---

[11] BORDALLO, E. Trump promove 'decretaço' mirando em imigração, diversidade, Acordo de Paris e OMS em 1º ato após a posse; veja medidas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jan. 2025. Mundo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/trump-promove-decretaco-mirando-em-imigracao-irregular-comercio-e-acordo-de-paris-em-1o-ato-apos-a-posse.ghtml. Acesso em: 7 jul. 2025.

[12] SENADO argentino rejeita 'decretaço' de Milei. *G1*, São Paulo, 14 mar. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/14/senado-da-argentina-decretaco.ghtml. Acesso em: 7 jul. 2025.

[13] SPADONI, P. *Trump anuncia 'projetaço' para data centers de IA com OpenAI e outras empresas*. *Olhar Digital*, São Paulo, 22 jan. 2025. Disponível em: https://olhardigital.com.br/2025/01/22/pro/trump-anuncia-projetaco-para-data-centers-de-ia-com-openai-e-outras-empresas/. Acesso em: 7 jul. 2025.

(9) '*Tratoraço*': entenda o suposto 'orçamento secreto' de Bolsonaro, que deverá ser investigado pelo TCU (Carrança, 2021, grifo nosso).[14]

Ainda na acepção semântica "excesso", encontram-se os neologismos *tarifaço*, que expressa o aumento desmedido e exorbitante de tarifas impostas a outros países pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e *putaço*, que designa um estado emocional intensificado de irritação, correspondente a estar "excessivamente puto", no sentido figurado. A expressão *full putaço*, que ocorre no contexto (11), faz parte da construção [*full*-x], que tem sido produtiva, provavelmente, a partir da analogia com a expressão *full pistola*. Além dessas formas, são instanciações dessa construção as expressões *full aleatório*, *full emocionado*, *full desumilde*, entre outras. Os exemplos (10) e (11) contextualizam as unidades *tarifaço* e *putaço*:

(10) Um dia depois do *tarifaço* anunciado pelos Estados Unidos ao Brasil, a quinta-feira, 10, foi de muita tensão. Com um discurso incisivo, o presidente Lula disse que, se as tarifas de 50% de fato forem aplicadas, o Brasil não terá outra escolha a não ser revidar (Panho, 2025, grifo nosso).[15]

(11) O momento inesperado rapidamente viralizou nas redes sociais. "Eu vivi pra ver o Bonner reclamando da mulher cantando mal ao vivo", escreveu um usuário do X — antigo Twitter. "O Bonner full *putaço* no Jornal Nacional", brincou outro (Bonner, 2024, grifo nosso).[16]

A acepção "manifestação", subdividida em "protesto" e "expressividade", designa substantivos que remetem a algum tipo de ato coletivo, e que apresentam, em sua base, o objeto usado durante o ato, como, por exemplo, cadeiras empregadas no ato denominado *cadeiraço*. As unidades referentes à acepção "protesto" estão relacionadas à reivindicação de direitos, à expressão de descontentamento ou à defesa de uma causa. Por sua vez, a acepção "expressividade" conceitua formações ligadas a demonstrações de apoio ou a homenagens a alguém ou a algo. Em manifestações do tipo protesto, observa-se a ocorrência dos termos *tratoraço, shortaço, cadeiraço* e *buzinaço*. Em manifestações do tipo expressivo, tem-se a ocorrência dos termos *adesivaço, toalhaço, cigarraço, bandeiraço, beijaço* e *morcegaço*. Os exemplos (12) a (16) contextualizam algumas dessas formações:

(12) Produtores rurais do Rio Grande do Sul realizaram, nesta quinta-feira (8/8), um "*tratoraço*" em Porto Alegre para cobrar o governo federal a liberação imediata de recursos para os produtores rurais gaúchos afetados pelas enchentes (Limão, 2024, grifo nosso).[17]

---

[14] CARRANÇA, T. 'Tratoraço': entenda o suposto 'orçamento secreto' de Bolsonaro, que deverá ser investigado pelo TCU. *BBC News Brasil*, São Paulo, 12 maio 2021. Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57092987. Acesso em: 7 jul. 2025.

[15] PANHO, I. A. A resposta do agronegócio brasileiro ao tarifaço de Donald Trump. *VEJA*, São Paulo, 10 jul. 2025. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/a-resposta-do-agronegocio-brasileiro-ao-tarifaco-de-donald-trump/. Acesso em: 10 jul. 2025.

[16] BONNER faz reclamação inusitada durante o 'Jornal Nacional': 'Uma moça que cantava muito mal'. *Terra*, São Paulo, 4 nov. 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/tv/bonner-faz-reclamacao-inusitada-durante-o-jornal-nacional-uma-moca-que-cantava-muito-mal,8f2c2f9739fc6efa2cafb35271c11276ejg73hdv.html. Acesso em: 7 jul. 2025.

[17] LIMÃO, J. A. Com cobranças ao governo Lula, "tratoraço" toma ruas de Porto Alegre. *Metrópoles*, Brasília, 8 ago. 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/com-cobrancas-ao-governo-lula-tratoraco-toma-ruas-de-porto-alegre. Acesso em: 7 jul. 2025.

(13) O "*shortaço*" em prol de Verena (Joana Borges) agitou o Sapiência e os atores de Malhação: Vidas Brasileiras entraram no clima. Colocaram cartazes, se pintaram e mostraram mais uma vez essa mensagem tão atual, que 'Não é não' (Vidas, 2018, grifo nosso).[18]

(14) O deputado estadual Rodrigo Amorim, candidato do União Brasil à Prefeitura do Rio de Janeiro, foi alvo nesta segunda-feira (16/9) de um "*cadeiraço*" na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Durante uma sabatina, estudantes exibiram cadeiras de pernas para o ar, em referência à cadeirada que Datena deu em Pablo Marçal na véspera, em um debate na eleição paulistana (Lima; Barretto, 2024, grifo nosso).[19]

(15) O atual prefeito de São Paulo e candidato à reeleição, Ricardo Nunes (MDB), iniciou a agenda deste sábado com um "*adesivaço*" na parte da manhã, na praça Enzo Ferrari, em Interlagos, na zona sul da capital paulista (Fernandes, 2024, grifo nosso).[20]

(16) A mulher do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Rosângela Silva, participou neste domingo (28.ago.2022) de um "*toalhaço*" organizados por apoiadores do petista na avenida Paulista, em São Paulo. Horas antes do 1º debate com candidatos à presidência, apoiadores de Lula foram à principal avenida de São Paulo com toalhas estampadas com o rosto do ex-presidente (Janja, 2022, grifo nosso).[21]

O uso do sufixo–*aço* na formação de palavras que denominam tipos de manifestações configura-se como um processo de analogia com o termo *panelaço*, já consagrado no léxico. Esse termo designa um tipo de protesto em que os manifestantes batem em panelas ou objetos similares como forma de expressar indignação. A etimologia de *panelaço* remete ao espanhol *cacerolazo*, termo usado pela primeira vez nas manifestações contra o governo socialista de Salvador Allende, no Chile, em 1971 (Schlee; Costa, 2021). Inicialmente, a forma registrada no Brasil foi *caçarolaço*, mas esta acabou sendo substituída por *panelaço*, por fazer referência a uma palavra mais comum no português brasileiro (Schlee; Costa, 2021).

Ainda no contexto da manifestação enquanto expressividade, apresentam-se os neologismos *cigarraço* e *morcegaço*. Ambos configuram-se como unidades lexicais usadas de forma jocosa para aludir a símbolos característicos de figuras públicas. No primeiro caso, *cigarraço* faz referência à intelectual Maria Conceição Tavares, que viralizou nas redes sociais em vídeos de entrevistas, aulas e palestras em que usava, com sua voz grave e rouca, expressões marcantes sobre política e economia e, por vezes, acendia cigarros durante a fala. A expressão *morcegaço*, por sua vez, faz referência ao episódio em que o cantor Ozzy Osbourne mordeu a cabeça de um morcego durante um show. Os usuários da internet criaram essas duas expressões como uma homenagem póstuma à professora e ao cantor, como ilustram as Figuras 2 e 3.

---

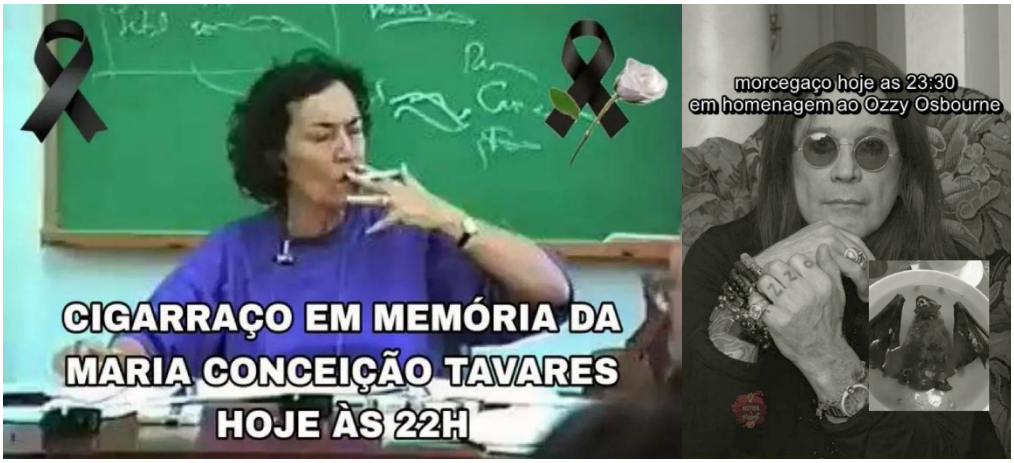
[18] 'VIDAS Brasileiras': Confira os bastidores do 'shortaço' da Verena. *Gshow*, Rio de Janeiro, 5 abr. 2018. Disponível em: https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2018/noticia/vidas-brasileiras-confira-os-bastidores-do-shortaco-da-verena.ghtml. Acesso em: 11 jul. 2025.

[19] LIMA, B.; BARRETTO, E. Efeito Marçal: vídeo mostra bolsonarista alvo de "cadeiraço" no Rio. *Metrópoles*, Brasília, 16 set. 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/efeito-marcal-video-mostra-bolsonarista-alvo-de-cadeiraco-no-rio. Acesso em: 11 jul. 2025.

[20] FERNANDES, A. Eleições SP: acompanhe a agenda dos candidatos à Prefeitura de São Paulo neste sábado (24). *CNN Brasil*, São Paulo, 24 ago. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/eleicoes-sp-acompanhe-a-agenda-dos-candidatos-a-prefeitura-de-sao-paulo-neste-sabado-24/. Acesso em: 11 jul. 2025.

[21] JANJA vai a "toalhaço" de Lula na Paulista em dia de debate. *Poder360*, Brasília, 28 ago. 2022. Disponível em: https://www.poder360.com.br/brasil/janja-vai-a-toalhaco-do-lula-na-paulista-em-dia-de-debate/. Acesso em: 11 jul. 2025.

Figura 2 – Formação *cigarraço*; formação *morcegaço*.




Fonte: DCM; X/Twitter

No que tange à acepção de "qualidade superior", os substantivos derivados expressam a ideia de algo que apresenta características de excelência, destaque ou superioridade. Nesse contexto, o sufixo–*aço* é empregado com a função de intensificar a semântica da base. Assim, nos contextos (17) a (19), a formação *goleiraço* designa um goleiro que tem um alto desempenho; *hitaço* refere-se a uma obra, geralmente musical, que se consolida como um hit, empréstimo do inglês que caracteriza um grande sucesso popular; e *beijaço*, também presente na acepção de "expressividade", conceitua um beijo intenso ou marcante.

> (17) A cada conclusão do Santos, que foi muito superior, o Cássio faz a defesa e a expressão dele é quase de desespero. Dá pra ver o que o *goleiraço* do Timão tá pensando. Para alguém tão grande no clube, esses momentos difíceis, de fase ruim são angustiantes — escreveu o jornalista nas redes sociais (Jornalista, 2024, grifo nosso).[22]
>
> (18) "Voltei no tempo", contou Michael Sullivan sobre quando ouviu sua composição em parceria com Quintella finalizada. "Os metais, a levada da base, mixagem, masterização, uma perfeição. Fiquei emocionado e queria que todos ouvissem, curtissem isso, porque é um '*hitaço*'. Estou muito feliz! No Leo eu me vi no futuro", completou (Maia, 2024, grifo nosso).[23]
>
> (19) Os dois conversaram bastante e Rosana aproveitou para dar um selinho no gastrônomo. Pouco depois, eles protagonizaram um *beijaço* de cinema (Selinho, 2025, grifo nosso).[24]

Também no sentido de "qualidade superior" está a formação *ao vivaço*. A princípio, o Extrator de neologismos coletou a palavra *vivaço*, uma vez que a ferramenta identifica apenas

---

[22] JORNALISTA faz reflexão sobre Cássio em Santos x Corinthians: 'Expressão de desespero'. *Terra*, São Paulo, 7 fev. 2024. Esportes. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/jornalista-faz-reflexao-sobre-cassio-em-santos-x-corinthians-expressao-de-desespero,f7f7593c2694901cee032193557e8c29r2jmzih1.html. Acesso em 19 jul. 2025.

[23] MAIA, G. Jovem cantor paulista lança música composta com Michael Sullivan. *VEJA*, São Paulo, 30 maio 2024. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/radar/jovem-cantor-paulista-lanca-musica-composta-com-michael-sullivan/. Acesso em: 19 jul. 2025.

[24] SELINHO, beijaço e convite para Suíte VIP: confira o que rolou até agora no reality da Sabrina Sato. *Gshow*, Rio de Janeiro, 7 maio 2025. Disponível em: https://gshow.globo.com/globoplay/noticia/selinho-beijaco-e-convite-para-suite-master-confira-o-que-rolou-ate-agora-no-reality-da-sabrina-sato.ghtml. Acesso em: 19 jul. 2025.

unidades contínuas, e não descontínuas. No entanto, na busca por contextos em portais jornalísticos, observou-se que, nos textos, ocorria sempre a forma complexa *ao vivaço*, que constitui uma locução adverbial. Essa formação, como mostram os exemplos (20) e (21), intensifica a importância de um evento que acontece ao vivo, levando a transmissão, assim, a denotar uma qualidade superior a outras transmissões "ao vivo".

> (20) Um torcedor do Flamengo pediu a companheira, palmeirense, em casamento, "ao vivaço" faltando pouco mais de uma hora para o duelo começar. Com a ajuda de um microfone, o flamenguista se ajoelhou e o estádio veio abaixo (Mello, 2021, grifo nosso).[25]
>
> (21) Alexandre de Moraes enlouquece diante de nossos olhos, *ao vivaço* na TV Justiça. Enlouquece porque tanto o Coronel Kurtz de Marlon Brando quanto o interpretado pelo juiz canastrão e dublê de ministro almejam ser Deus (Polzonoff, 2023, grifo nosso).[26]

Além das unidades lexicais analisadas, foram coletadas outras construções do tipo [x-*aço*] no Extrator de neologismos e nas redes sociais, a saber: *roletaço*, *soluçaço*, *tesouraço*, *maquiaço*, *siriricaço*, *protagonistaço*, *borboletaço*, *punhetaço*, *testaço*, *pepinaço*, *estouradaço*, *caxadaço*, *calcinhaço*, *bolaço*, *batonzaço*. Essas unidades estão em fase de validação e categorização.

## 7 Considerações finais

O sufixo–*aço* mostrou-se polissêmico nas 22 derivações analisadas, todas consideradas neológicas. Além da função semântica tradicional desse formante, que, geralmente, atribui à base o valor de aumentativo, constataram-se acepções inovadoras nas criações lexicais com o sufixo: acepção de "grande quantidade" em formações como *batepalmaço*; de "qualidade superior" em formações como *hitaço*; de "excesso" em formações como *tarifaço*; de "expressividade" em formações como *morcegaço*; de "protesto" em formações como *cadeiraço*; e de "grande abrangência" em formações como *decretaço*.

Padrões morfossemânticos que revelam a experiência linguística do falante foram observados no esquema construcional. Para além desse caráter polissêmico e, consequentemente, de suas nuances conceituais, o sufixo–*aço* reitera a ideia de que a criação de palavras se dá por analogia, o que se percebe nos grupos de palavras elencados no esquema. Tem-se, por exemplo, as unidades lexicais categorizadas como manifestações do tipo protesto, que surgiram por analogia a *panelaço*: *tratoraço*, *shortaço*, *cadeiraço* e *buzinaço*. Do ponto de vista gramatical, a maioria das bases anexadas a esse sufixo pertence à classe dos substantivos, seguida pelos verbos e, em um caso isolado, por um advérbio (*ao vivaço*). Entretanto, nem sempre é possível estabelecer essa origem. Não foi possível determinar, por exemplo, se a derivação ocorre a partir de substantivo ou verbo nas unidades *decretaço, perguntaço* e *buzinaço*. O uso do sufixo–*aço*, em instâncias diferentes das tradicionais, demonstra a capacidade que os falantes têm de adaptar os elementos morfológicos às suas necessidades comunicativas. As unidades lexicais analisadas

[25] MELLO, S. Flamenguista pede palmeirense em casamento "ao vivaço" no Centenário. *Metrópoles*, Brasília, 27 nov. 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/esportes/futebol/flamenguista-pede-palmeirense-em-casamento-ao-vivaco-no-centenario. Acesso em: 19 jul. 2025.

[26] POLZONOFF, P. "O horror, o horror!": reação do STF ao 8 de Janeiro é puro orgulho ferido. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 jan. 2023. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/polzonoff/o-horror-o-horror-reacao-do-stf-ao-8-de-janeiro-e-puro-orgulho-ferido/. Acesso em: 28 mar. 2026.

neste trabalho espelham a dinamicidade da língua e a produtividade de determinados elementos na constituição de campos semânticos que servem a um momento sociocultural.

## Declaração de autoria

O artigo foi concebido, desenvolvido e redigido em coautoria. Todas as etapas (definição dos objetivos, elaboração do referencial teórico, metodologia, análise e descrição dos dados), bem como a redação final, foram realizadas conjuntamente pelas autoras, em regime de colaboração integral.

## Referências


ADOLESCENTES fazem 'perguntaço' para candidatos ao governo do Rio de Janeiro. *Nações Unidas Brasil*, Brasília, 17 set. 2018. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/81009-adolescentes-fazem-%E2%80%98pergunta%C3%A7o%E2%80%99-para-candidatos-ao-governo-do-rio-de-janeiro. Acesso em: 15 jun. 2025.

ALVES, I. M.; MARONEZE, B. Neologia: histórico e perspectivas. *Revista GTlex*, v.4, n.1, p. 5-32, 2018.

AUGER, P. Néologicité et extraction néologique automatisée. *In*: CONGRÉS INTERNACIONAL DE NEOLOGIA DE LES LLENGÜES ROMÀNIQUES, 1., Barcelona, 2008. *Anais* [...] Barcelona: CINEO, 2010.

AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. S. *Dicionário Caldas Aulete*. Disponível em: https://www.aulete.com.br/. Acesso em: 7 jul. 2025.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONNER faz reclamação inusitada durante o 'Jornal Nacional': 'Uma moça que cantava muito mal'. *Terra*, São Paulo, 4 nov. 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/tv/bonner-faz-reclamacao-inusitada-durante-o-jornal-nacional-uma-moca-que-cantava-muito-mal,8f2c2f9739fc6efa2cafb35271c11276ejg73hdv.html. Acesso em: 7 jul. 2025.

BOOJI, G. *The Grammar of Words*. New York: Oxford University Press, 2007.

BORDALLO, E. Trump promove 'decretaço' mirando em imigração, diversidade, Acordo de Paris e OMS em 1º ato após a posse; veja medidas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jan. 2025. Mundo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/trump-promove-decretaco-mirando-em-imigracao-irregular-comercio-e-acordo-de-paris-em-10-ato-apos-a-posse.ghtml. Acesso em: 7 jul. 2025.

BOULANGER, J. C. Sur l'existence des concepts de « néologie » et de « néologisme ». *In*: CONGRÉS INTERNACIONAL DE NEOLOGIA DE LES LLENGÜES ROMÀNIQUES, 1., 2008. Barcelona, *Anais* [...] Barcelona: IULA, 2010. p. 31-73.

CABRÉ, M. T. Bases para una teoria de los neologismos lexicos: primeras reflexiones. *In*: I. M. ALVES; PEREIRA, E. S. (org.) *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015b. p. 79-107.

CABRÉ, M. T. La neologia: un nou camp a la cerca de la seva consolidació científica. *Revista Internacional de Filologia*, v. 59, p. 125-136, 2015.

CARRANÇA, T. 'Tratoraço': entenda o suposto 'orçamento secreto' de Bolsonaro, que deverá ser investigado pelo TCU. *BBC News Brasil*, São Paulo, 12 maio 2021. Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57092987. Acesso em: 7 jul. 2025.

ESTOPÀ, R. Sobre neologismos y neologicidad: reflexiones teoricas con repercusiones metodologicas. *In*: ALVES, I. A.; PEREIRA, E. S. (org.) *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 111-150.

FERNANDES, A. Eleições SP: acompanhe a agenda dos candidatos à Prefeitura de São Paulo neste sábado (24). *CNN Brasil*, São Paulo, 24 ago. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/eleicoes-sp-acompanhe-a-agenda-dos-candidatos-a-prefeitura-de-sao-paulo-neste-sabado-24/. Acesso em: 11 jul. 2025.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (ed.) *Ensino de gramática*: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2013. p. 149-168.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional*: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum*: Estudos da linguagem, v. 15, n.1, p. 169-199, 2012.

GRYZINSKI, V. Mistério do vírus: agressividade está diminuindo na Europa? *VEJA*, São Paulo, 25 jun. 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/mundialista/misterio-do-virus-agressividade-esta-diminuindo-na-europa. Acesso em: 15 jun. 2025.

HOFFMANN, T. *Construction Grammar*: The Structure of English. Cambridge: University Printing House, 2022.

JANJA vai a "toalhaço" de Lula na Paulista em dia de debate. *Poder360*, Brasília, 28 ago. 2022. Disponível em: https://www.poder360.com.br/brasil/janja-vai-a-toalhaco-do-lula-na-paulista-em-dia-de-debate/. Acesso em: 11 jul. 2025.

JESUS, A. M. R. Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 50, n. 1, p. 243-261, 2021.

JORNALISTA faz reflexão sobre Cássio em Santos x Corinthians: 'Expressão de desespero'. *Terra*, São Paulo, 7 fev. 2024. Esportes. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/jornalista-faz-reflexao-sobre-cassio-em-santos-x-corinthians-expressao-de-desespero,f7f7593c2694901cee032193557e8c29r2jmzih1.html. Acesso em 19 jul. 2025.

LIMA, B.; BARRETTO, E. Efeito Marçal: vídeo mostra bolsonarista alvo de "cadeiraço" no Rio. *Metrópoles*, Brasília, 16 set. 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/efeito-marcal-video-mostra-bolsonarista-alvo-de-cadeiraco-no-rio. Acesso em: 11 jul. 2025.

LIMÃO, J. A. Com cobranças ao governo Lula, "tratoraço" toma ruas de Porto Alegre. *Metrópoles*, Brasília, 8 ago. 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/com-cobrancas-ao-governo-lula-tratoraco-toma-ruas-de-porto-alegre. Acesso em: 7 jul. 2025.

MAIA, G. Jovem cantor paulista lança música composta com Michael Sullivan. *VEJA*, São Paulo, 30 maio 2024. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/radar/jovem-cantor-paulista-lanca-musica-composta-com-michael-sullivan/. Acesso em: 19 jul. 2025.

MELLO, S. Flamenguista pede palmeirense em casamento "ao vivaço" no Centenário. *Metrópoles*, Brasília, 27 nov. 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/esportes/futebol/flamenguista-pede-palmeirense-em-casamento-ao-vivaco-no-centenario. Acesso em: 19 jul. 2025.

PANHO, I. A. A resposta do agronegócio brasileiro ao tarifaço de Donald Trump. *VEJA*, São Paulo, 10 jul. 2025. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/a-resposta-do-agronegocio-brasileiro-ao-tarifaco-de-donald-trump/. Acesso em: 10 jul. 2025.

POLZONOFF, P. "O horror, o horror!": reação do STF ao 8 de Janeiro é puro orgulho ferido. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 jan. 2023. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/polzonoff/o-horror-o-horror-reacao-do-stf-ao-8-de-janeiro-e-puro-orgulho-ferido/. Acesso em: 28 mar. 2026.

PRAZERES, L. Armas, meio ambiente e sigilo: os primeiros "revogaços" do governo Lula. *BBC News Brasil*, Brasília, 1 jan. 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64142127. Acesso em: 15 jun. 2025.

PRUVOST, J.; SABLAYROLLES, J. F. *Les Néologismes*. Paris: Presses Universitaires de France / Humensis, 2019.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? *Cahiers de Lexicologie*, Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie, v. 28, p. 3-17, 1976.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. Moção de aplausos, de 21 de novembro de 2023. *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. São Paulo, 21 nov. 2023. Disponível em: https://sempapel.al.sp.gov.br/Arquivo/Documents/MO%C3%87/161760-20231121181330 6154(8163).pdf. Acesso em: 28 mar. 2026.

SCHLEE, M. B.; COSTA, T, A. Formações neológicas do português brasileiro contemporâneo com o sufixo -aço: uma abordagem construcional. *Alfa*: Revista de Linguística, v. 65, p. 1-32, 2021.

SELINHO, beijaço e convite para Suíte VIP: confira o que rolou até agora no reality da Sabrina Sato. *Gshow*, Rio de Janeiro, 7 maio 2025. Disponível em: https://gshow.globo.com/globoplay/noticia/selinho-beijaco-e-convite-para-suite-master-confira-o-que-rolou-ate-agora-no-reality-da-sabrina-sato.ghtml. Acesso em: 19 jul. 2025.

SENADO argentino rejeita 'decretaço' de Milei. *G1*, São Paulo, 14 mar. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/14/senado-da-argentina-decretaco.ghtml. Acesso em: 7 jul. 2025.

SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. Morfologia construcional: outra introdução. *In*: SOLEDADE. J.; GONÇALVES. C. A.; SIMÕES NETO, N. (ed.) *Morfologia construcional*: avanços em língua portuguesa. Salvador: Edufba, 2022. p. 11-32.

SPADONI, P. Trump anuncia 'projetaço' para data centers de IA com OpenAI e outras empresas. *Olhar Digital*, São Paulo, 22 jan. 2025. Disponível em: https://olhardigital.com.br/2025/01/22/pro/trump-anuncia-projetaco-para-data-centers-de-ia-com-openai-e-outras-empresas/. Acesso em: 7 jul. 2025.

TENÓRIO, A. Hugo Motta faz "exoneraço" e pega 465 servidores da Câmara de surpresa. *Metrópoles*, Brasília, 11 fev. 2025. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/hugo-motta-faz-exoneraco-e-pega-465-servidores-da-camara-de-surpresa. Acesso em: 28 mar. 2026.

'VIDAS Brasileiras': Confira os bastidores do 'shortaço' da Verena. *Gshow*, Rio de Janeiro, 5 abr. 2018. Disponível em: https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2018/noticia/vidas-brasileiras-confira-os-bastidores-do-shortaco-da-verena.ghtml. Acesso em: 11 jul. 2025.

v. 34, n. 2, p. 169–197, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.169–197
Submetido em: 04/11/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# The Categories of Tense and Aspect in the Mental Grammar of Adult Subjects With Down Syndrome

## *As categorias de tempo e aspecto na gramática mental de adultos com Síndrome de Down*

**Arabie Bezri Hermont**[1]
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Belo Horizonte | MG | BR
arabie@uol.com.br
https://orcid.org/0000-0003-2551-6145

**Mariana Queiroga Gomes**[2]
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Belo Horizonte | MG | BR
marianaqueirogag@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0584-5390

**Abstract:** The study investigates how the categories of tense and aspect are represented in the mental grammar of adults with Down syndrome (DS), in light of Generative Grammar. Recognition, comprehension, and elicitation tests were administered to six participants with DS and two control groups (one child in the language acquisition phase and six typical adults). The results indicate that subjects with DS exhibit linguistic performance similar to that of typically developing children, revealing at times the category of tense and at other times the category of of aspect. It was partially found that the lexical/semantic aspect influences the grammatical aspect. It was observed that the present tense is the default tense and that simple verb forms are more frequent than periphrastic ones. The study contributes to understanding the interface between cognition and language in people with DS and its parallels with typical acquisition.

**Key words:** Down Syndrome; Tense and Aspect; Mental Grammar; Generative Theory; Language Acquisition.

**Resumo:** O estudo investiga como as categorias de tempo e aspecto são representadas na gramática mental de adultos com Síndrome de Down (SD), à luz da Teoria Gerativa. Foram aplicados testes de reconhecimento, compreensão e eliciação a seis participantes com SD e a dois grupos-controle (uma criança em fase de aquisição da linguagem e seis adultos típicos). Os resultados indicam que os sujeitos com SD

[1] Bolsista de produtividade FAPEMIG/ CNPQ APQ – 06649-24; FAPEMIG – SHA - APQ-04533-10.

[2] Bolsista CAPES.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

apresentam desempenho linguístico semelhante ao de crianças em desenvolvimento típico, revelando ora a categoria de tempo, ora a de aspecto. Verificou-se em parte que o aspecto lexical/semântico influencia o aspecto gramatical. Constatou-se que o presente é o tempo padrão e que as formas verbais simples são mais frequentes que as perifrásticas. O estudo contribui para compreender a interface entre cognição e linguagem em pessoas com SD e seus paralelos com a aquisição típica.

**Palavras-chave:** Síndrome de Down; tempo e aspecto; gramática mental; teoria gerativa; aquisição da linguagem.

## 1 Introduction

Much is said about inclusion, but little has been done effectively to integrate people with various disabilities, especially intellectual disabilities, into society. In order to truly include these individuals in educational, cultural, and social environments, as well as in the job market, it is necessary to understand their cognitive and linguistic development.

It is within this context in which our research is designed, dealing more specifically with the mental representation of the categories of tense and aspect by adults with Trisomy 21, also known as Down Syndrome (hereinafter DS), who attend literacy workshops in the ALEGRIA (Aprendizagem de Leitura e Escrita Gerando Respeito, Inclusão e Autonomia) project, offered by PUC Minas. Understanding this subject is essential, especially for basic education teachers to know how to act more appropriately in their professional field, taking into account what is suggested by the parameterizing documents and supporting individuals with intellectual disabilities within the limits of their potential.

Regarding this, we established two main objectives for this work: i) to verify how the categories of Tense and Aspect are represented in the mental grammar of adults with DS, and ii) to investigate the relationship between Lexical/Semantic Aspect and Grammatical Aspect on the part of these subjects.

This work is based on Generative Theory, which assumes that all language parameters are known to native speakers from an early age, and on the assumptions of Wexler (1996, 1998), for whom children sometimes omit the functional category of tense and sometimes the category of agreement. The omission of the functional category — tense and/or aspect — would occur implicitly. Although children already have these categories in their mental grammar, their features are not always taken into account, and therefore the phonetic representation of this concept is not performed. While this author studies language development in typical subjects, Perovic (2002) and Perovic & Wexler (2019), among others, explain the grammar of subjects with DS. In this article, we will compare Wexler's framework (1996, 1998) with the results we obtained from comprehension and elicitation tests for people with DS.

One of the reasons for comparing studies on the linguistic production and comprehension of individuals with Down Syndrome to the spoken language of children is the observation of the syntactic characteristics of these two groups. Rubin (2004) notes that the speech of people with

Down Syndrome is telegraphic, meaning it lacks many articles, prepositions, auxiliary verbs, conjunctions, pronouns, and other elements. Thus, according to the author, the syntax of people with DS typically has a simpler structure. These characteristics closely resemble those found in studies investigating the language of children in the typical stage of language acquisition.

In line with Chomsky (1995), we assume that Agreement no longer has a place in the syntactic tree, and we have replaced it with the category of Aspect, which measures a temporal dimension internal to the verbal phrase.

In the literature on the acquisition of tense and aspect by children, it is commonly accepted that the aspectual category first appears in linguistic production is relation to tense. Thus, if we are associating the characteristics of language acquisition with those of adult subjects with DS, we can also establish other hypotheses:

a) The production and comprehension of adult subjects with DS have linguistic performance similar to that of children in the language acquisition phase, omitting, from their linguistic production and comprehension, sometimes the category of Tense — a deictic category that locates us in the past, present, or future — or the category Aspect — which indicates the inherent tense in the verbal phrase, whether the situation or event has finitude or not.

b) Lexical/semantic aspect influences the occurrence of grammatical aspect, i.e., verbs characterized by the [+telic] feature occur more often in the perfective verbal form, on the one hand, and verbs marked by the [-telic] feature appear more often in the imperfective verbal form, on the other hand.

c) The simple verbal form should occur more frequently than the verbal periphrases, since in the latter structure, the auxiliary verb is clearly a marker of tense, while in the simple form, the expected morphology is that of aspect, not tense. The idea is that, although adult speech contains morphemes that synthesize various categories — namely mood, tense, and aspect — in the speech of individuals with Down syndrome and typical children, only one of these categories should be present, as there is a Unique Check Constraint (in the functional categories of tense and aspect), as will be explained in more detail throughout the text.

This article is organized as follows: first, we provide a description of DS linked to the notions of Generative Theory. After that, we address the categories of Tense and Aspect. Next, we discuss the theory proposed by Wexler (1996,1998) to explain the acquisition of the notions of Tense and Agreement by children in the language acquisition phase, and we establish a relationship between this process and the production and understanding of Tense and Aspect by adult DS subjects. Next, we present the Methodology, which was based on research tests designed with animation, in addition to having their oral productions recorded and analyzed. In the following section, we present the data obtained and the analyses performed. Finally, we present our Final Considerations.

## 2 Down Syndrome and research in light of Generative Theory

The ICD 11 (International Classification of Diseases) launched by the WHO (World Health Organization) in 2018, and in force since 2022, defines Down Syndrome as a

> chromosomal abnormality, characterised by the presence of a third (partial or total) copy of chromosome 21, which clinical manifestations include variable intellectual deficiency, muscular hypotonia and joint laxity, often associated with

> facial dysmorphism and variable malformations (essentially heart and digestive) and a risk of complications (epilepsy, leukemia, auto-immune and endocrine pathologies, earlier aging and Alzheimer disease) (ICD-11, 2023).

Thus, Down Syndrome or Trisomy 21 is a genetic condition in which, if one germ cell has an extra chromosome (i.e., 24 chromosomes) and the other germ cell has 23 chromosomes, at the moment of conception of a new cell, this will lead to a total of 47 chromosomes. If the extra chromosome is chromosome 21, the individual will be born with DS.

As already explained, this article aims to investigate how linguistic constituents, especially syntax and studies of the categories of Tense and Aspect, are represented in the mental grammar of adult individuals with DS in light of Generative Theory. From this perspective, it is possible to point out that there are few studies that deal with language in DS using this theoretical approach, especially in the Portuguese language. We found research, for example, in the English language, in which Eadie *et al*. (2002), *apud* Arvigo (2015), conducted a comparative study between adolescents with DS and children diagnosed with SLI (Specific Language Impairment) regarding the acquisition and use of morphology, especially tense morphology. To this end, the researchers observed the spontaneous speech of 10 typically developing children, 10 adolescents with DS, and 9 children with SLI. In this study, the categories of analysis were, as pointed out by Arvigo (2015), verbal tense, as well as agreement inflection (past *-ed* and third-person singular). Regarding the data, Arvigo (2015) states that

> in general, children with SLI had the lowest scores for all grammatical items analyzed, showing greater difficulty at the syntactic level. *The difficulties of subjects with DS were restricted to morphemes linked to verbal inflection* (past tense -ed and third-person singular marker -s) (Arvigo, 2015, p. 89, emphasis added).

In this same line of research, the author also presents a study conducted with spontaneous speech from adults with DS who speak Belgian French, in which they found that most verbs were not inflected and that the most used tense was the present, even in situations that indicated the past. Hence, the importance of learning more about the category of tense in adult subjects with DS, especially in studies that consider the Portuguese language.

Perovic (2002), Perovic & Wexler (2019), Fowler, Gelman & Gleitman (1994), Miller (1988), and Chapman (1995) have developed studies to understand the language of subjects with DS. In different research projects, the authors found that the population with neuropsychological developmental delays had much lower grammatical performance than is expected for the mental age of typical people of the same age. Individuals with DS show clearly noticeable grammatical deviations in language acquisition. These texts also suggest that there is a dissociation of modules as follows: those linked to morphosyntax and phonology appear to be more delayed in individuals with DS than those linked to lexical, semantic, and pragmatic knowledge. In this article, we will not compare morphosyntactic and phonological performance neither lexical, semantic, and pragmatic knowledge. This will be left for future investigations, but it is in this context of seeking to understand the mental grammar of individuals with DS that this research fits in. When reflecting on these studies, we realize the importance of further research involving the constituent domains of language in people with DS. Thus, this article aims to present the results of a study, from the perspective of Generative Theory, conducted with adults with DS regarding the representation of Tense and Aspect, two important categories for linguistic studies which we will explain below.

## 3 Tense and Aspect

The categories of verbal Tense and Aspect have one similarity: they measure time. However, the first category is deictic, that is, verbal tense only exists when contrasted with three distinct moments of speech: past, present, and future. These three verbal tenses describe the previous, simultaneous, and subsequent moments (Comrie, 1985; Corôa, 2005).

In Portuguese, there are numerous works that deal with Tense. According to Travaglia (2006, p. 38), tense can be divided into three ways. Tense 1 would be the verbal category related to tense in the past, present, and future; Tense 2 would be related to temporal inflection. For example, present indicative, imperfect indicative, future present, future subjunctive, etc.; Tense 3 would be the general and abstract idea of time without consideration of its indication by the verb or any other element of the sentence. For this work, we associate ourselves with Tense 2, since we are investigating the emergence of tense morphemes that are associated with the notions of Tense and Aspect. We will address the latter category below.

According to Travaglia (2016), aspect is a category that relates to the notions of duration and the phases of a situation or event. In this context, aspect is conceptualized as a non-deictic verbal category of time, through which the duration of the situation and its phases are shown.

One of the most classic texts in the literature on this aspect is that one from Vendler (1967), who suggests four types of verbs: *states, activities, accomplishments, and achievements*. "*State* terms" would be verbs such as "to love" (*op. cit.*, p. 23), which do not involve dynamism and persist over time, therefore having an indefinite duration. Another category pointed out by the author is "*activity* terms," for example, "*run*" (*op. cit.*, p. 22). Verbs in this category have a situation that begins at a certain point in time and has no end point, thus demonstrating homogeneity, with part of the process being equal to the whole. Opposed to "*activity* terms," according to Vendler, we have "*accomplishment terms*" and "*achievement terms*." The former tend toward an end, are heterogeneous, and have a defined and unique time for the situation to occur. An example is "*running a* mile" (*op. cit. p*. 22). *Achievement* terms, such as "*reaching the top*" *or* "*losing*" (*op. cit., p*. 26), occur at a single moment, at a defined instant in time. They can be defined in time and capture the beginning or climax of the act. It can be noted that *states* and *activities* have indefinite time, which is not the case with *accomplishments* (which have a defined time) and *achievements* (which have a defined and indivisible time).

Smith (1997) draws on Vendler and defines the concept of aspect as:

> Aspect traditionally refers to grammaticized viewpoints such as the perfective and imperfective. Recently, as people have come to appreciate the relation between viewpoint and situation structure, the range of the term 'aspect' has broadened. The term now includes temporal properties of situations, or situations types. Viewpoints and situation types convey information about the temporal aspects of situation such as beginnings, end, change of state, and duration. This notion of temporality is distinct from temporal location, although related to it. Aspect is the semantic domain of the temporal structure of the situations and their presentation (Smith, 1997, p.1).

To classify the notion of Aspect, the author uses the features of dynamism, atelicity, and instantaneity, and thus the types of verbs are defined as follows: (i) *state*, which would have an indeterminate and single period, would be static and durative. For example: "*Mariana loves*

João"; (ii) *activity*, which presents a relatively homogeneous event, characterized by having a temporary stage and does not tend to an end, in which case one can use "for X hours" and not "in X hours." It is dynamic, durative, and atelic, for example: "*Maria walks in the* square"; (iii) *accomplishment*, which has heterogeneous phases that tend toward a natural end point of the action. It is characterized by being dynamic, durative, and telic and allows the use of "in." For example: "*Sandra drew the circle in five seconds*."; (iv) *achievement* is instantaneous and has a single stage. It does not accept the imperfect tense and is characterized by dynamism, telicity, and instantaneity. In most cases, they are controlled by agents and accept the adverb "deliberately"; in some cases, they also accept the adverb "accidentally." For example: "*João detonated a bomb (deliberately)*"; (v) and the fifth category she added to Vendler's category was *semelfactive*, which has no preliminary or resultative stage and often occurs in repetitive sequence rather than in a single stage. According to him, "*these are events that occur very quickly, with no outcome or result other than the occurrence of the event*" (Smith, 1997, p. 29). For example: "*João is knocking on the door*."

Smith (1997) suggests that these five categories constitute the aspectual meanings and calls these categories situation types, that is, she indirectly classifies the event or state presented in the sentence according to its temporal properties. To the situation type, Smith (1997) adds the point of view, which adds a temporal perspective to the sentence, giving a partial or total view of the situation being addressed. It can be said that the situation type is given by inherent properties of the verbal constellation, which includes the main verb, its arguments, and adjuncts. Point of view is related to the "grammatical aspect," that is, it is expressed by grammatical morphemes and auxiliary verbs.

According to the author, there are three types of point of view: (i) *perfective*, in which the focus is on the entire situation (for example, '*caminhou*': 'walked'); (ii) *imperfective*, in which the focus is on part of the situation (for example, '*caminhava*'; 'was walking'); and (iii) *neutral*, which has a flexible focus.

That said, we affirm that, in this article, we work with the concepts of (a)telic and (im)perfective features. In this research, we refer to the "lexical/semantic aspect" as present in the meaning of the verb or verbal phrase, that is, if the verb is characterized by the [telic +/- feature]. We refer to the "grammatical aspect" as that observed in verbal endings, such as the perfective and imperfective.

## 4 The Theory of Unique Checking Constraint in the Optional Infinitive Stage

Since the 1990s, Wexler has been demonstrating that children, in the process of language acquisition, do not always produce verbal inflections in the same way as adults. In 1996, he proposed that there is a stage called OI — Optional Infinitive — in which children in the language acquisition phase sometimes produce verbal inflections and sometimes do not. In 1998, Wexler, a proponent of the continuity hypothesis, in a dense and complex work, advanced his explanation of children's linguistic performance as they acquire language. Based on the assumptions of Universal Grammar, advocated by Generative Theory, Wexler's text puts forward a hypothesis called the Theory of **Unique Checking Constraint** in the Optional Infinitive (OI) Stage and assumes that the basic parameters of a language are already realized when the child is very young, around a year and a half old. He calls this *Very Early Parameter-Setting* (VEPS). Wexler (1998) also assumes that children aged one and a half already know the phonology and grammatical structures of their language, which the author calls *Very Early Knowledge of Inflection* (VEKI).

In this article, Wexler (1998) states that children in the language acquisition phase sometimes omit tense inflection and sometimes omit verbal agreement. At other times, they

do not omit both inflections, and in a few other cases, they omit both inflections. In this context, Wexler (1998) proposes the ATOM model (Agreement and Tense Omission Model) in Stage OI. In the author's study, the presence of the Agreement category is determined by case designation, in which the pronouns 'he' and 'she' would no longer give way to 'him' and 'her', which are very common in children's linguistic production. The presence of Tense, on the other hand, would be observed by the past tense inflection -ed. What the author found is that Agreement can be stabilized before Tense. For the researcher, tense marking would be stabilized around the age of four to six, and the omission, which would occur earlier, would be due to a pragmatic interpretation by the child, in which they would consider new information, as given/old. With adults, however, the property would be structural in nature, and there would be no **Unique Checking Constraint**.

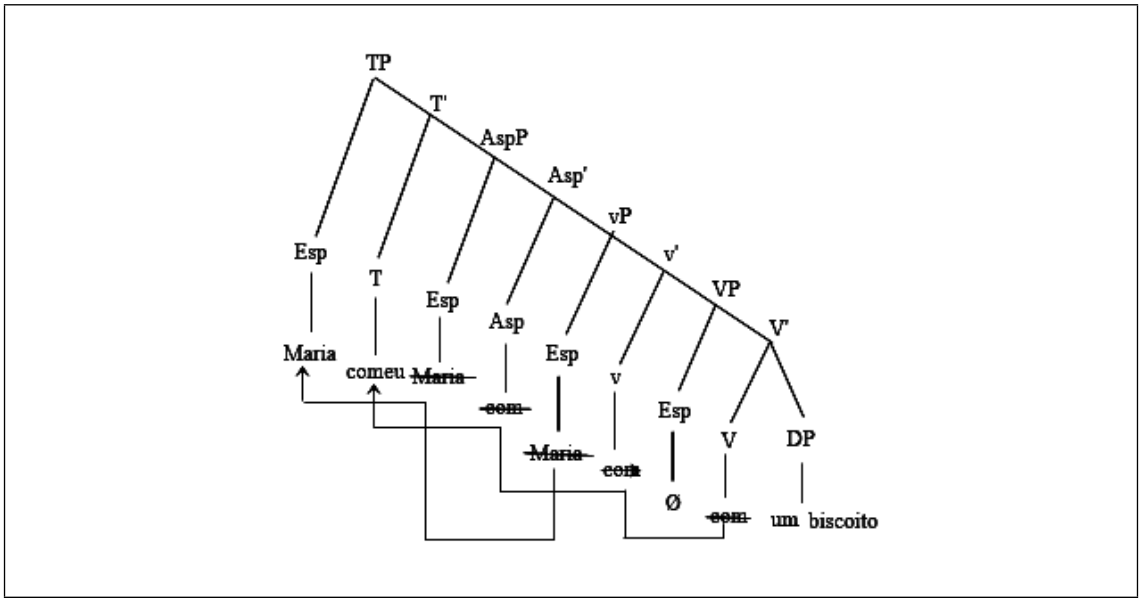
What exactly would be the pragmatic interpretation distinct from that of the adult? This interpretation would be derived from the hypothesis that, in the grammar of a child in the language acquisition phase, there is not always the D [+interpretable] feature of a subject DP, that is, sometimes it can be "seen" as [-interpretable]. This would not occur in the grammar of an adult individual, who would have both Tense and Agreement features valued. In the mental grammar of a child who is acquiring language, either agreement or tense will have the [-interpretable] features checked/valued, leading to the omission of a morpheme from one category or the other.

In this context, Wexler's adoption is inserted, which also adopts the assumptions of Distributed Morphology, which would also be known to children in the language acquisition phase. Distributed Morphology, proposed by Halle and Marantz (1993 *in* Wexler, 1998) and distinct from Lexical Morphology, proposes that the features for each set of morphemes are "in competition" in a given node. As children sometimes value the features of one category and sometimes those of another, what comes to the surface is a verb with tense inflection [+T, -Agr] or agreement inflection [-T, +Agr]. When both categories are valued, we have [+T, +Agr], and when neither is valued, the set of features is [-T, -Agr]. Regarding this, there are two crucial points to be made here: the first relates to the functional category of agreement. The second is linked to language acquisition by children.

Referring to the issue of Agreement, we concur with Chomsky (1995) that agreement is no longer assumed in the syntactic tree. This is because only interpretable features should go to the semantic interface. In this context, it is necessary to clarify the difference between interpretable and non-interpretable features. The former are important in the computation of semantic representations and should not be deleted (nor can they be) from the computational system (or syntax). Non-interpretable features, on the other hand, have no semantic interpretability (for example, semantically, there is no difference between "*nós fomos*" and "*nós foi*")[3]. The issue is purely relational, i.e., syntactic, and this relationship must be limited to the computational component. Thus, Agreement, as defined by Chomsky (1995), must be eliminated from the system in order for the structure to converge; otherwise, a *crash* will occur. From a contrary perspective, Aspect is a notion that has semantic interpretation at various levels, as we have already demonstrated. According to Hermont (2005), Hermont & Morato (2014) and Hermont, Oliveira & Brito (2022), we have assumed that Aspect is a node in the syntactic tree, below Tense. Thus, a verb would have its Aspect features (perfective or imperfective) valued and, afterwards, its Tense features would be valued (past, present, or future), as can be exemplified in the following syntax tree diagram:

[3] As English currently does not have inflections in the past tense, a possible translation is, for both cases, "we went". However, this can be found in the translation into English: we go / we goes.

Figure 1 – Tree representation




Source: Prepared by the authors based on Hermont (2005). Translation of the sentence: Maria ate a cookie.

Regarding the second point, we argue that the linguistic production of the adult subject with DS is very similar to that of a child in the language acquisition phase. According to Perovic & Wexler (2019):

> Individuals with intellectual disabilities (IDs) by definition have significant limitations in intellectual functioning (i.e. reasoning, planning, solving problems, thinking abstractly, comprehending complex ideas, learning quickly, and learning from experience) and in adaptive behavior expressed in conceptual, social, and practical skills that originate before the age of 18 (AAIDD, 2010). Limitations in language functioning are not specifically noted in this definition; however, most individuals with IDs will have some language difficulties. This may be in the domain of vocabulary, where they may not be able to comprehend abstract terminology or appropriately express their thoughts and intentions; in the domain of phonology, where they may not be able to pronounce certain consonant clusters, making their speech unintelligible to others; *in the domain of grammar, where they may not be able to rely on grammatical devices to mark the time or a duration of an event that has happened;* in the domain of pragmatics, where they may not be able to use linguistic devices to specify referents involved in an event, or in the domain of semantics, where they may not comprehend subtle ambiguities in meaning. Limited competence in any of these domains may considerably affect these people's adaptive functioning, independent of intellectual skills such as planning or reasoning (Perovic & Wexler, 2019, p. 26, emphasis added).

Thus, we suggest that the language of the subject with DS, an individual with intellectual disabilities, is similar to that of a child. In the ALEGRIA Project, we found that the linguistic productions of the researched audience do not present verb inflections such as those in adult grammar, in addition to other characteristics, such as the omission of functional category words. From this perspective, we undertook a study to verify the production and understanding of the notions of tense and aspect, as already indicated. It is important to emphasize that some research has already been conducted to understand children's grammar

using Wexler's framework (1998) but replacing a purely relational notion—Agreement—with one of semantic interpretability—Aspect. Below, we will explain these studies.

In Hermont & Morato (2014), based on the data observed, it was suggested that people in the process of language acquisition are unable to produce tense and aspect, simultaneously in the same sentence, as can be seen in the oral production of adults. In the authors' approach, this would happen due to the valuation of either aspect features or tense features. In cases of speech where there is an intention to produce a verbal periphrase (i.e., auxiliary + main verb in the gerund, for example: "I was visiting"), it is observed that children produce the gerund form more often. Therefore, in that study, it was found that, in the child's oral production, the aspectual category appears initially and repeatedly, rather than the temporal category, which would be encoded in the auxiliary. In Hermont (2005), a similar thought was made for the data obtained after testing a child with Specific Language Impairment (SLI).

The analyses carried out in Hermont (2005) and in Hermont & Morato (2014) were based on Wexler (1998). Extending this same reasoning to the production of a simple verb by children, the question arises: when children produce a verb in the past tense and perfective aspect (whose morpheme *-Ø-* encodes indicative mood, past tense, and perfective aspect) or a verb in the past tense and imperfective aspect (whose morpheme *-va-*, (1st conjugation), or *-ia-* (2nd or 3rd conjugation) encodes indicative mood, past tense, and imperfect aspect), what is being revealed (in addition to the indicative mood), tense, aspect, or both categories? This question is pertinent, since the morpheme accumulates the two notions studied, tense and aspect, in addition to mood. When we turn our attention to another category, also imperfective, known as present tense, such as "nós am-a-Ø-mos" ('we love her'), there is, in the same way, a zero morpheme of mood, present tense, and imperfective aspect accumulating these notions.

In the same perspective as Hermont e Morato (2014), Hermont, Oliveira e Brito (2022) analyzed the representation of the categories of tense and aspect in children during the language acquisition phase. The results obtained indicate that, between two and three years of age, verb forms in the present tense, on the one hand, and in the past tense with a perfective aspect, on the other hand appear more frequently in children's speech. The past tense verb form with an imperfective aspect, as well as verbal periphrasis, appear frequently around the age of four. Thus, it can be inferred that verb forms that indicate aspect appear first in children's linguistic production. Forms that explicitly indicate tense appear after the age of four, when forms with auxiliary verbs and main verbs emerge. In this sense, when producing the auxiliary with tense inflection, such as "*tô imitando*" ('I'm imitating') (Hermont, Oliveira e Brito 2022, p. 1957), and considering that simple imperfect past tense verb forms also appear at this stage, albeit not recurrently, it is possible to note that, from the age of four onwards, there is, in children's grammar, "valuation of both aspect and tense features, as occurs in the mental grammar of an adult." (Hermont, Oliveira e Brito 2022, p. 1958)[4].

Although there is little data in the literature pointing to a similarity between the linguistic production of children in the language acquisition phase and people with DS, there is a need to investigate the topic more broadly and deeply. It is from this perspective that we proposed the research presented here, which we will now address, beginning with the methodology adopted.

[4] "Valoração tanto de traços de aspecto, quanto de tempo, tal como ocorre na gramática mental de um adulto".

## 5 Methodology

Aiming to investigate how the categories of Tense and Aspect are represented in the mental grammar of adults with DS, in light of Generative Theory, we followed the path of quantitative and qualitative exploratory research. In this perspective, we adopted the deductive method as our working methodology, since this method is anchored in rationalism, considering that it "starts from principles recognized as true and indisputable and makes it possible to reach conclusions in a purely formal manner, that is, solely by virtue of its logic" (Gil, 2008, p. 9)[5].

We applied three types of tests to six young people and adults with DS who are served by the ALEGRIA (Aprendizagem da Leitura e Escrita Gerando Respeito, Inclusão e Autonomia) extension project, which is developed at PUC Minas, *campus* Coração Eucarístico[6]. The subjects' participation in this study consisted of taking the recognition, comprehension, and elicitation tests developed by Hermont (forthcoming) on the same day and at the same time they attend the project, with the researcher acting as a mediator.

The group of participants in this research consists of three men and three women, aged between 25 and 38, who are participating in the ALEGRIA project. The participants were designated as Participants 1, 2, 3, 4, 5, and 6. Participant 1 is male and is thirty years old. He has participated in the ALEGRIA project since its beginnig in 2016. He attended regular schools, inclusive schools, and APAE (Association of Parents and Friends of People with Intellectual Disabilities). Subject 2 is also male, 28 years old, and has also participated in the project since its first cohort. He attended only regular schools and left when he was in the 7th grade of middle school. Subject 3 is female, 31-years-old, who has also been part of the project since its inception. She attended regular schools through high school. Subject 4, female, is 25 years old and joined the ALEGRIA project in 2023. She finished high school. Subject 5 is also female and is 38 years old. She has participated in the ALEGRIA project since 2022 and attended both regular and inclusive schools. Finally, Subject 6 is male and is 26 years old. He has participated in the project since its inception and also attended both regular and inclusive schools.

The three tests (recognition, comprehension, and elicitation) were also administered to individuals who were part of the control group. The first group consisted of a typical child aged three years and six months, who was selected using the *Mean Length of Utterance-words* method. The second control group consisted of six typical adults of the same age as adult subjects with DS. We therefore considered the criterion of chronological age. They will also be referred to as subjects 1, 2, 3, 4, 5, and 6, considering, for example, the following relationship: subject 1 in the test group (DS) is the same chronological age as subject 1 in the control group (typical adults). And so on with all subjects.

Let us recall our objectives:

i) to verify how the categories of Tense and Aspect are represented in the mental grammar of adults with DS and

ii) to investigate the relationship between Lexical/Semantic Aspect and Grammatical Aspect on the part of these subjects.

---

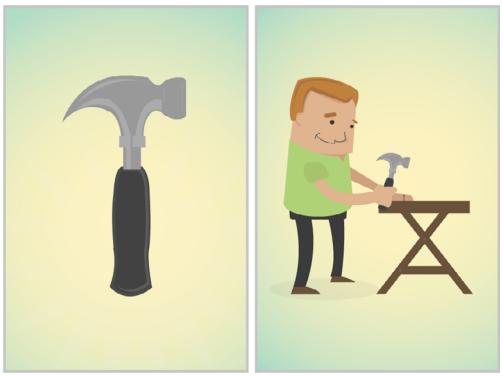
[5] "parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica".

[6] This study was approved by the Institutional Review Board for Research Involving Human Subjects at the Pontifical Catholic University of Minas Gerais. Nº. Registro CEP: CAAE – 67935323.0.0000.5137. All participants were free to choose whether or not to take part in the study, and their parents signed an informed consent form.

To verify whether the adult subject with DS produces and understands tense and aspect, we created situations in which there are and are not situations and events. For this type of investigation, we created recognition tests and went a step further, creating tables with situations and events whose verbs describing the scenes are actual and with fictitious verbs, that is, they were invented. The objective of this first test is to verify whether the subject can present the morphemes of tense and aspect that we wish to analyze in our work. Thus, in order to observe whether participants recognize morphological clues present in words and pseudowords, we initially assessed their ability to recognize an event and differentiate it from a non-event, that is, to distinguish nouns from verbs. Thus, eight videos with actual verbs and nouns and four videos with fictitious verbs and nouns were created, for a total of 24 stimuli. Each video was made with two images. In one, to represent the noun, there is a stationary object. In the other, there is a scene developing the event represented by the object in the scene next to it. In this sense, the commands followed this structure, for example: "*Me mostre* ('show me') (noun)", for example: "*Me mostre o martelo*" ('show me the hammer'); "*Me mostre o homem* ('show me the man') (verb + -ing)", for example: "*Me mostre o homem martelando*" ('show me the man hammering'). The commands referring to fictitious nouns and verbs followed the same structure: "*Me mostre o junga*" ('Show me the junga') and "*Me mostre o homem jungando*" ('Show me the man junging'.)

Below, we present the scenes that were shown to the survey respondents in the form of animations corresponding to the commands mentioned above:

Chart 1 – Examples of name and verb recognition tests

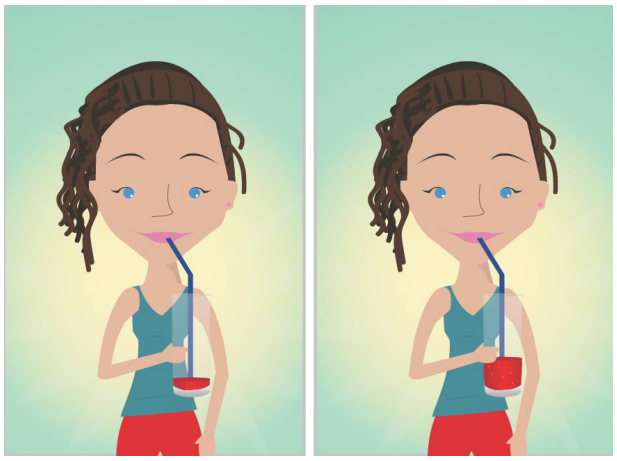
| Actual verbs | Fictitious verbs |
|---|---|
|  |  |

Source: Hermont (forthcoming).

The second test, on comprehension, aimed to verify the difference between tense and aspect. Thus, videos were created and divided into four groups, for a total of 34 stimuli: (i) verbs marked by the [+ telic] feature, or only telic, occurring in the past tense with a perfective aspect and verb forms in the present tense, (ii) verbs marked by the [+ telic] feature occurring in the past tense with a imperfective aspect and verb forms in the present tense, (iii) verbs marked by the [-telic] or atelic feature, as we will refer to it from now on in this research, appearing in the past tense with a imperfective aspect and verb forms in the present tense, and (iv) verbs marked

by the atelic feature occurring in the past tense with a perfective aspect and verb forms in the present tense. The videos were divided into two frames and presented side by side, as follows[7]:

Chart 2 – Example of a comprehension test with verbs with a telic aspectual feature in the present tense, past perfect tense, and imperfect tense



This frame, divided into two scenes, was used twice, once to check comprehension of the verb characterized by the [+telic] feature in the past tense with a perfective aspect *versus* the present tense, and once in the past tense with a imperfective aspect *versus* the present tense. Obviously, the scenes were randomized with several others from the test battery. The command for "Beber um suco" ('drink some juice') was:

**In the** past tense with a perfective aspect **and present tenses:**

**Researcher** (corresponding to **the first frame**): "*Me mostre onde Isabela* ***bebeu*** *até o final um copo de suco*" ('show me where Isabela **drank** a glass of juice until the end').

**Researcher** (corresponding to **the second frame**): "*Me mostre onde Isabela* ***bebe*** *o suco e a imagem é congelada*" ('show me where Isabela **drinks** the juice, and the image is frozen').

**In the** past tense with a **imperfect aspect and present tense:**

**Researcher** (corresponding to **the first frame**): "*Me mostre onde a Isabela* ***estava bebendo*** *um suco*" ('show me where Isabela **was drinking** juice').

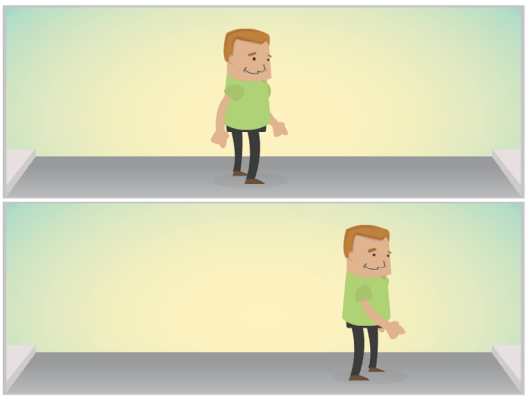
**Researcher** (corresponding to **the second frame**): "*Me mostre onde a Isabela* ***está bebendo*** *um suco*" ('show me where Isabela **is drinking** juice').

Source: Prepared by the authors based on Hermont (forthcoming).

In Chart 3 we find an example of scenes that aimed to verify how the research subjects understood verbs with an atelic feature in the present tense, past tense with perfective aspect, and past tense with imperfective aspect:

[7] Here we are presenting one example from each category. It is also important to note that the tests were randomized for application.

Chart 3 – Example of comprehension test with verbs with atelic aspect in the present tense, past tense with perfective aspect, and past tense with imperfective aspect



This table, divided into two scenes, was used twice, once to check comprehension of the verb characterized by the atelic aspect in the simple present tense *versus* the simple past tense (perfect tense), and once in the present tense *versus* the imperfect tense. Obviously, the scenes were randomized with several others from the test battery. The command "caminhar" ('to walk') was:

In the past tense with perfective aspect and present tenses:

**First frame:** The man starts walking and the image ends when he reaches the other end and stands still.

**Second frame:** The man is standing still and begins to walk. Halfway through, the image is frozen.

**Researcher** (corresponding to **the first frame**): "*Me mostre onde o Danilo* ***já caminhou***" ('show me where Danilo **already walked'**).

**Researcher** (corresponding to **the second frame**): "*Me mostre onde o Danilo* ***caminha***" ('show me where Danilo **walks'**).

**In the past tense with imperfective aspect and present tense:**

**First frame:** The man begins to walk, and the image ends when he reaches the other end and stands still.

**Second frame:** The man is standing still and begins to walk. Halfway there, the image is frozen.

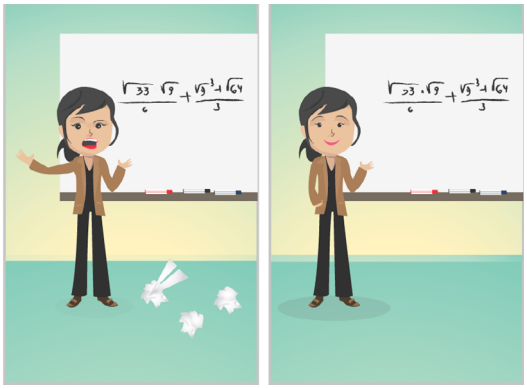
**Researcher** (corresponding to **the first frame**):.

**Researcher** (corresponding to **the second frame**): "*Me mostre onde o Danilo* ***estava caminhando***" ('show me where Danilo **was walking**'). "*Me mostre onde o Danilo* ***está caminhando***" ('show me where Danilo **is walking**')

Source: Prepared by the authors based on Hermont (forthcoming).

The last category of tests, elicitation, aimed to verify the difference between perfective and imperfective aspects. The objective was to understand whether adults with DS can perceive the difference between telicity and atelicity and their relationship between telicity/perfectivity, on one hand, and atelicity/imperfectivity, on the other. The test was conducted as follows: we presented two contiguous videos, for a total of 40 stimuli. For the group of verbs characterized by **telicity** combined with verbs in the **simple past** tense, the first video shows an action/event that is happening, and the second video shows an action that has already ended. When the researcher points to the second video, the subject under analysis must complete the sentence as follows:

Chart 4 – Example of an elicitation test with a verb with a telic aspect in the perfective



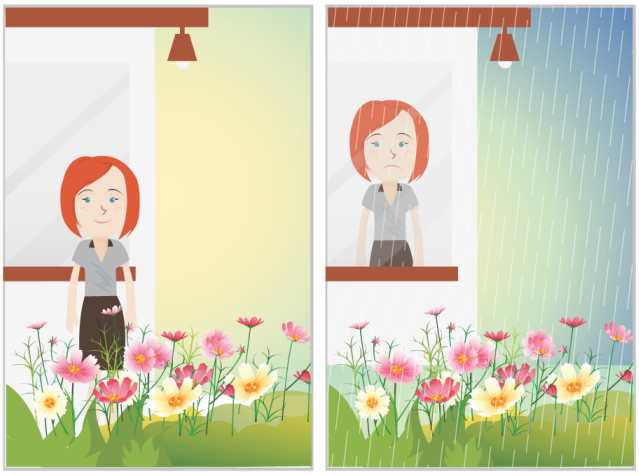
| |
|---|
| *Mariana briga com os alunos sempre. Mas, na semana passada, ela* _____ *(não brigou)*. (Mariana always quarrels with the students. But last week, she _____ (did not quarrel). |
| What is in parentheses, in this case "did not quarrel," is what the subject is expected to answer. |

Source: Prepared by the authors based on Hermont (forthcoming).

In order to examine the other relationship, this time between verbs with a telic characteristic and an imperfective aspect, the same scene was shown and the following was elicited at another time: "Today Mariana does not quarrel with the students. But in the past, she _____" and the expected answer was "quarrelled." The researcher pointed to the scene that corresponded to what was desired, in this case, the first scene.

The test, which aimed to elicit verbs with an atelic aspect in the perfective tense, followed the same structure:

Chart 5 – Example of elicitation test with verbs with an atelic aspect



| |
|---|
| *Clarisse caminha todos os dias no jardim. Mas,* ***ontem****, choveu. Então Clarisse não* _____ (Clarisse walks in the garden every day. But it rained ***yesterday***. So Clarisse) |
| The expected answer was "*não caminhou*" (did not walk.) |

Source: Prepared by the authors based on Hermont (forthcoming).

In order to examine the other relationship, this time between verbs with an atelic characteristic and an imperfective aspect, the same scene was shown, and the following was elicited at another time: "Clarisse takes a walk in the garden every day. But when she was little, she didn't _____. Expected answer: "*caminhava*": "walk." The researcher pointed to the scene that corresponded to what was desired.

It is important to note that we expect to identify as perfective verb forms those that occur in the past tense; and as imperfective verb forms those that occur in past tenses with imperfective aspect. Although this is to be expected, some survey participants may (and did) respond in the present tense, which was classified as an imperfective aspect, since it does not express finitude.

In the following section, we present the description and analysis of the data.

## 6 Description and data analysis

In this section, we present the results of the recognition, comprehension, and elicitation tests of the subjects with DS participating in the research and the control groups. Initially, we show the data from the first test we conducted: recognition. The proposal, as we already mentioned in the methodology, was to investigate whether the participants perceive the difference between nouns and verbs.

Table 1 – Results of the test of recognition of actions/events and non-actions/events by adult subjects with DS

| Recognition test – general results | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj. 4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
| Actual verbs – expected answers | 50% | 56.25% | 100% | 100% | 50% | 50% | 67.70% |
| Fictitious verbs – expected answers | 50% | 37.5% | 75% | 87.5% | 50% | 50% | 58.33% |

Source: Survey data.

The results allow us to identify that the expected responses are above 50%, that is, in general, the participants were able to differentiate between an event and a non-event. The same happened with fictitious verbs, albeit to a lesser extent. As a result, the individuals were able to participate in the tests. It is worth noting that the control group composed of children also presented more than 50% of expected responses, while the group composed of adults obtained 100% of expected responses, as we can see in Tables 2 and 3 below:

Table 2 – Responses to actual verbs (child)

| Recognition test – actual verbs | |
|---|---|
| Expected responses | 12 (75%) |
| Unexpected answers | 4 (25%) |

Source: Survey data.

At the time the data were collected, the child in the control group was 3 and a half old. As a result, she was unable to complete the recognition and elicitation tests with the made-up verbs. We observed that, at the time of the test, the child was unable to assign meaning to the invented nouns and verb forms. In contrast, typical adults provided 100% of the expected responses for verbs marked by perfectivity and 73.33% for verbs marked by imperfectivity. In this case, all unexpected responses involved verbs marked by perfectivity.

Table 3 – Recognition test general data (typical adults)

| Recognition test – control group (typical adults) | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj. 4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
| Actual verbs – expected answers | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |
| Fictitious verbs – expected answers | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |

Source: Research data.

From this initial result, we can see that adult subjects with DS perform very differently from typical adults, who recognized 100% of the difference between nouns and verbs. The performance of adults with DS is more similar to that obtained by three-year-old children, even though the latter performed slightly better than the subjects with DS, which is in line with one of our hypotheses, namely that the language of people with DS is very similar to that of children in the linguistic development phase.

Next, we present the results of the comprehension tests. The purpose of this test was to verify how the categories of tense and aspect are represented in the mental grammar of adults with DS and to investigate the relationship between lexical/semantic aspect and grammatical aspect in these subjects.

The data presented in the following table refer to the performance of adults with DS in comprehension tests with verbs characterized by the telic feature.

Table 4 – Comprehension of verbs marked by telicity by adult subjects with DS

| DS SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj. 4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Telic x Present Tense (Verbal periphrases) "*Isabela* ***está bebendo*** *um suco*" "Isabela **is drinking** juice". | 43% | 86% | 57% | 100% | 86% | 57% | 71.4% |
| Telic x Past Tense with Imperfective Aspect (Verbal periphrases) "*Isabela* ***estava bebendo*** *um suco*" "Isabela **was drinking** juice" | 43% | 14% | 28.5% | 28.5% | 14% | 14% | 23.8% |
| Telic x Present Tense (Simple form) "*Isabela* ***bebe*** *o suco*" "Isabela **drinks the** whole juice" | 60% | 70% | 70% | 80% | 60% | 60% | 66.6% |
| Telic x Past Tense with Perfective Aspect (Simple form) "*Ontem, Isabela* ***bebeu*** *até o final um copo de suco*" "Yesterday, Isabela **drank** a glass of juice until the end" | 60% | 70% | 50% | 40% | 40% | 40% | 50% |

Source: Survey data.

When analyzing the data from all subjects, we noticed that there are more expected responses when the verb is in the present tense, in the simple form, 66.6%, as well as in the verbal periphrases, 71.4%. With the periphrastic forms in the past tense with imperfective aspect and the simple form in the past tense with perfective aspect, we noticed that the percentages of corrected answers fall in relation to the verbal occurrences in the present tense, as we have 23.8% and 50%, respectively. Thus, the data, in general, also show us that sentences in the present tense are better understood, indicating that it is a *default* tense. When there is past tense, the performance of adults with DS is not good.

The difference between past tenses indicates that the verb characterized by telicity appears more often in the perfective form than in the imperfective form, as expected. This may suggest that there is a relationship between semantic aspect and grammatical aspect[8].

It is important to note that the control group composed of one child presented a different result from the group composed of adults with DS, as shown in table 5:

[8] We might also suggest that verbal periphrases may be more challenging for individuals with Down syndrome, but our main point in this article is to examine whether or not lexical/semantic aspects influence the emergence of grammatical aspects.

Table 5 – Comprehension – verbs characterized by telicity – control child

| SUBJECTS CATEGORIES | TOTAL EXPECTED |
|---|---|
| Telic x Present Tense (Verbal paraphrases) *"Isabela **está bebendo** um suco"* **"Isabela is drinking juice".** | 57% |
| Telic x Past Tense with Imperfective Aspect (Verbal periphrases) *"Isabela **estava bebendo** um suco"* **"Isabela was drinking juice"** | 43% |
| Telic x Present Tense (Simple form) *"Isabela **bebe** o suco"* **"Isabela drinks the whole juice"** | 50% |
| Telic x Past Tense with Perfective Aspect (Simple form) *"Ontem, Isabela **bebeu** até o final um copo de suco"* **"Yesterday, Isabela drank a glass of juice until the end"** | 70% |

Source: Research data.

The child showed a higher percentage of expected responses when the tense is in the past, 70%, in the simple form in the telic x past tense with perfective aspect, while in the present tense, the percentage is lower, 57% in verbal periphrases and 50% with verbs in the simple form. It can be inferred that the linguistic performance in the comprehension tasks of the three-year-old child is in line with what is predicted in Hermont, Oliveira & Brito (2022). The comprehension of verbs characterized by the telic feature and the fact that the simple form in which the past tense with perfective aspect ending is -Ø-, which synthesizes tense and grammatical aspect, suggests that only one of the categories should be valued (in this case, aspect), since when there is a verbal periphrasis in the past, performance is lowest among all categories tested. And in periphrases it is clear that there is the auxiliary coding the tense.

Among the past tenses, in the control child, there is a greater recurrence of expected responses in the past tense with perfective aspect than in the past tense with imperfective aspect. These data are similar to those found in the subjects with DS surveyed, which indicates that there is a relationship between perfective verbs and forms characterized by telicity. When analyzing and comparing the data from these two groups, we can see two situations: a) when the verbs are in the present tense, adults with DS and the control child show more expected responses when there are verbal periphrases than when the verb is in the simple form; b) there are more expected responses among the past tenses when the verb is in the past tense with perfective aspect.

The data from comprehension tests with verbs characterized by telicity by typical adults differ from the results presented by adults with DS and the control child, as shown below:

Table 6 – Comprehension of verbs characterized by telicity – control group (typical adults)

| SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj. 4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Telic x Present Tense (Verbal paraphrases) "*Isabela* ***está bebendo*** *um suco*" "Isabela **is drinking** juice". | 85.71% | 100% | 71.42% | 100% | 100% | 100% | 92.85% |
| Telic x Past Tense with Imperfective Aspect (Verbal periphrases) "*Isabela* ***estava bebendo*** *um suco*" "Isabela **was drinking** juice" | 71.42% | 100% | 71.42% | 100% | 100% | 100% | 90.47% |
| Telic x Present Tense (Simple form) "*Isabela* ***bebe*** *o suco*" "Isabela **drinks** the whole juice" | 70% | 100% | 90% | 90% | 80% | 20% | 75% |
| Telic x Past Tense with Perfective Aspect (Simple form) *"Ontem, Isabela* ***bebeu*** *até o final um copo de suco*" "Yesterday, Isabela **drank** a glass of juice until the end" | 100% | 100% | 90% | 100% | 90% | 100% | 96.66% |

Source: Survey data.

They present 96.66% of expected responses in the telic x past tense with perfective aspect and 90.47% in the telic x past tense with imperfective aspect, that is, the responses are very close. In the present tense, the percentage occurs more frequently in verbal periphrases than when the verb is in the simple form, 92.85% and 75%, respectively.

The following table shows the results of comprehension tests involving verbs marked by atelicity by adult subjects with DS:

Table 7 – Comprehension of verbs marked by atelicity by adult subjects with DS

| DS SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj.4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Atelic x Present Tense (Verbal paraphrases) "*Danilo* ***está caminhando***" "Danilo **is walking**" | 78% | 100% | 78% | 100% | 89% | 67% | 85.18% |
| Atelic x Past Tense with Imperfective Aspect (Verbal periphrases) "Danilo **estava caminhando**" "Danilo **was walking**". | 78% | 22% | 55% | 22% | 22% | 33% | 38.8% |
| Atelic x Present Tense (Simple form) "*Danilo* ***caminha***" "Danilo **walks**" | 50% | 87.5% | 87.5% | 87.5% | 87.5% | 75% | 79.16% |
| Atelic x Past Tense with Perfective Aspect (Simple form) "*Danilo* ***já caminhou***" "Danilo **already walked**" | 62.5% | 25% | 12.5% | 50% | 0% | 25% | 29.16% |

Source: Research data.

In this comprehension test with verbs characterized by atelicity, we noticed that adults with DS, as in the test with verbs characterized by telicity, give more expected answers when the verb is in the present tense. This happens both with verbal periphrases, 85.18%, and when the verb appears in its simple form, 79.16%. Again, we noticed that verbs in the present tense are better understood than verbs in the past tense, which strongly suggests that the present tense is *the default*.

When analyzing verbs in the past tense, we noticed that the subjects with DS surveyed presented more expected responses in the category of verbs characterized by atelicity *versus* imperfect aspect, that is, when there are verbal periphrases, than when the verb appears in its simple form. This fact suggests that sentences whose verbs are characterized by atelicity appear more often when the verb is in the imperfective form, which indicates a certain duration, than when the verb is in the perfective form, which presents a specific situation, thus showing that may be, in part, an influence of the semantic aspect on the emergence of endings that correspond to the grammatical aspect.

In the control group composed of children, we noticed that the results of comprehension tests involving verbs marked by atelicity are very close to what we found in adults with DS:

Table 8 – Comprehension – verbs characterized by atelicity – control child

| SUBJECTS CATEGORIES | TOTAL EXPECTED |
|---|---|
| Atelic x Present Tense (Verbal paraphrases) "*Danilo* ***está caminhando***" "Danilo **is walking**" | 78% |
| Atelic x Past Tense with Imperfective Aspect (Verbal periphrases) "*Danilo* ***estava caminhando***" **"Danilo was walking".** | 33% |
| Atelic x Present Tense (Simple form) "*Danilo* ***caminha***" "Danilo **walks**" | 62.50% |
| Atelic x Past Tense with Perfective Aspect (Simple form) "*Danilo* ***já caminhou***" "Danilo **already walked**" | 50% |

Source: Survey data.

The highest percentage of expected responses occurs when verbs are in the present tense, both when verbs occur in the simple form and in verbal periphrases, 62.50% and 78%, respectively. With verbs in the past tense, however, we see a difference. Children give more expected responses with verbs characterized by atelicity when combined with the perfective form. This suggests that, according to the theory of Wexler (1998), Hermont (2005), Hermont & Morato (2014) and Hermont, Oliveira e Brito (2022), when faced with verbal periphrases with verbs in the imperfective aspect, children are only valuing the aspect feature and not the tense feature, that is, the **Unique Checking Constraint** Theory would be in effect.

Let us now analyze the data obtained after administering comprehension tests with verbs marked by the atelic feature to typical adults:

Table 9 – Comprehension of verbs characterized by atelicity – control group (typical adults)

| SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj.4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Atelic x Present Tense (Verbal paraphrases) "*Danilo* ***está caminhando***" "Danilo **is walking**" | 100% | 100% | 100% | 100% | 89% | 100% | 98.16% |
| Atelic x Past Tense Imperfective Aspect (Verbal paraphrases) "*Danilo* ***estava caminhando***" **"Danilo was walking".** | 77.77% | 100% | 66.66% | 88.88% | 66.66% | 88.88% | 81.47% |

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Atelic x Present Tense (Simple form)** *"Danilo **caminha**"* **"Danilo walks"** | 100% | 100% | 100% | 100% | 87.5% | 87.5% | 95.83% |
| **Atelic x Past Tense with Perfective Aspect (Simple form)** *"Danilo **já caminhou**"* **"Danilo already walked"** | 75% | 100% | 87.5% | 75% | 87.5% | 87.5% | 85.41% |

Source: Research data.

The control group composed of typical adults showed a higher percentage of expected responses with verbs in the present tense, but when compared to verbs in the past tense, unlike the group with DS and the control child, the difference is small, which suggests that this group perceives the difference between tense and aspect. Below, we present the results of the elicitation test.

Table 10 – Elicitation of verbs with telic and atelic features by adult subjects with DS

| DS SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj. 4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Telic x Imperfective (Simple form)** | 0% | 10% | 30% | 10% | 10% | 10% | 11.66% |
| **Telic x Perfective (Simple form)** | 10% | 30% | 40% | 80% | 60% | 40% | 43.33% |
| **Atelic x Perfective (Simple form)** | 30% | 30% | 10% | 60% | 90% | 20% | 40% |
| **Atelic x Imperfective (Simple form)** | 0% | 10% | 0% | 10% | 20% | 20% | 10% |

Source: Survey data.

As pointed out in the methodology, the elicitation tests aimed to verify whether the subjects surveyed identified the difference between perfective and imperfective aspects, between telicity and atelicity. In all categories, the percentage index did not reach 50% or more, which occurred with verbs marked by telicity and atelicity, in the perfective and imperfective forms. These data allow us to indicate the following: a) perfective verb forms appear very similarly to verbs marked by telicity and atelicity, 43.33% and 40%, respectively; b) there were very low occurrences of imperfective verb forms, both with verbs marked by telicity and atelicity, with 11.66% and 10%, respectively. At least in these tests, unlike the comprehension test, the grammatical aspect does not seem to be consistently triggered by the semantic aspect.

When applying the tests, we noticed that in the categories telic x perfective, on the one hand, and atelic x imperfective, on the other, when we expected, for example, the verb "*dançou*" ('danced'), what appeared in most responses was "*dança*" ('dances'), showing that the present tense prevailed in their responses and is recurrent in their speech, reinforcing the idea that it may be a *default* form. In some productions, the gerund form appeared. We expected "*tocou*" ('played'), and the subject researched produced "*tocando*" ('playing'), without the auxiliary verb. In these cases, we noticed that the DS subjects were only valuing the aspectual feature of the verb and not the tense. On few occasions when the auxiliary appeared, as in "*está fazendo*" ('is doing'), they were valuing both tense and aspect.

When we analyzed the imperfective forms, we noticed that the results were similar for both verbs marked by atelicity and verbs marked by telicity. In the first case, when an imperfective form was expected, what appeared in the linguistic production of adults with DS was the perfective verb. If both forms were in the past tense and the elicited aspect did not occur, the suggestion is that, here, the features of tense (and not aspect) were valued in the mental grammar of the DS subjects. When we expected a perfective form, the most recurrent form was in the present tense and, in some cases, the verb in the infinitive form. Here, neither tense nor aspect would have been valued, since the elicited forms and those that appeared did not coincide.

Let us now look at the results obtained after the control child performed the elicitation tests.

Table 11 – Elicitation – control child

| SUBJECT CATEGORIES | TOTAL EXPECTED |
|---|---|
| Telic x Imperfect (Simple form) | 0% |
| Telic x Perfect (Simple form) | 60% |
| Atelic x Perfect (Simple form) | 20% |
| Atelic x Imperfect (Simple form) | 20% |

Source: Research data.

The child in the control group, like the adult subjects with DS, gives few expected responses in forms marked by imperfectivity. However, between the categories 'telic x imperfective' and 'atelic x perfective', there are more expected responses when the verb is marked by telicity than atelicity, 60% *versus* 20%, which indicates that the semantic aspect can trigger the grammatical aspect. When applying the test, we noticed that when the child gave an unexpected response, the verb was inflected in the present tense, for example, "studies", "quarrels", "cooks". Thus, we

have further evidence that the language of adults with DS is similar to that of a child in the language acquisition phase; that the present tense verb form is *the default*.

Let us now analyze the results of the elicitation test performed with the control adults.

Table 12 – Elicitation – control adults (typical adults)

| SUBJECTS CATEGORIES | Subj. 1 | Subj. 2 | Subj. 3 | Subj. 4 | Subj. 5 | Subj. 6 | TOTAL EXPECTED |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Telic x Imperfect Past (Simple form) | 100% | 100 | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |
| Telic x Perfect Past (Simple form) | 90% | 100 | 100% | 100% | 100% | 100% | 98.33% |
| Atelic x Perfect Past (Simple form) | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |
| Atelic x Imperfect Past (Simple form) | 100% | 80% | 100% | 100% | 80% | 100% | 93.33% |

Source: Survey data.

The group composed of typical adults is able to distinguish between perfectivity and imperfectivity. In almost all categories, they present 100% of expected responses. Therefore, we can conclude that this group has already consolidated notions of perfectivity and imperfectivity, which we did not observe in adults with DS and the control child. In addition, these results grant legitimacy to the tests used.

## 7 General data analysis

For this section, let us return to the objectives and hypotheses established in this article. The objectives are: i) to verify how the categories of Tense and Aspect are represented in the mental grammar of adults with DS and ii) to investigate the relationship between Lexical/Semantic Aspect and Grammatical Aspect on the part of these subjects. The hypotheses are: i) Adults with Down syndrome exhibit language performance similar to that of children in the language acquisition phase, sometimes omitting the category of verb tense and sometimes the category of aspect in their language production and comprehension. ii) Lexical/semantic aspect influences the occurrence of grammatical aspect, i.e., verbs characterized by the [+telic] feature occur more often in the perfective verbal form, on the one hand, and verbs marked by the [-telic] feature appear more often in the imperfective verbal form, on the other hand. iii) The simple verbal form should occur more frequently than the verbal periphrasis, since in the latter structure, the auxiliary verb is clearly a marker of tense, while in the simple form, the expected morphology is that of aspect, not tense. The morpheme is cumulative, as it combines

notions of mood, tense, and aspect; therefore, it appears in the linguistic output of the study participants, with either the tense or the aspect being emphasized—which does not mean that both features were emphasized in the mental grammar of subjects with Down Syndrome and of child. Since aspect seems to emerge earlier in children's mental grammar and we are drawing parallels between studies of this population and those of individuals with Down syndrome, the idea is that here too aspect precedes the notion of tense, generally speaking.

Subjects with Down Syndrome and the control child performed at chance level (around 50%) on the tests administered, sometimes slightly above and sometimes slightly below chance level, which means that both groups exhibit linguistic similarities in both production and comprehension. Both groups (subjects with Down syndrome and the control child) sometimes reveal tense and sometimes aspect in their linguistic comprehension/production, corroborating the Unique Checking Constraint Theory, initially proposed by Wexler (1998) and reformulated in Hermont (2005), Hermont & Morato (2014), and Hermont, Oliveira, and Brito (2022).

With regard to the relationship between lexical/semantic aspect and aspectual morphologies—whether or not they are compatible with the idea of the completion of an action, event, or situation—we were able to verify this correspondence to some extent. Considering the results of the comprehension tests for the child and the control adults, we found that verbs characterized by telicity appear in the perfective form, whereas subjects with Down syndrome, in general, do not demonstrate the same performance. When verbs are characterized by atelicity, neither the subjects with Down syndrome nor the child produced the expected verbal forms in the past tense with imperfective aspect. In the elicitation tests, in proportion to the overall performance (which was low), a slight tendency toward a relationship between verbs with a telic feature and those with a perfective morpheme is observed. This relationship is more pronounced in the language production of the control child than in that of the subjects with Down syndrome. Thus, the relationship between lexical/semantic aspect and grammatical aspect was evident in some cases, but not in all.

The following tables summarize the unexpected responses of each subject with DS.

Table 13.1 – Unexpected responses I – Verbs with telic features – perfect past tense

| Subjects | Unexpected responses |
|---|---|
| Subject 1 | *Dormindo, pintar, viajar, colando, ajudando e dança* (sleeping, paint, travel, gluing, helping, and dance). |
| Subject 2 | *Briga, cozinha, está fazendo, pinta, escreve, joga e viaja* (quarrel, cook, is doing, paint, write, play, and travel). |
| Subject 3 | *Xinga, dorme, cozinha, pinta e fez* (swear, sleep, cook, paint, and did). |
| Subject 4 | *Cozinha, fez* (cook, did). |
| Subject 5 | *Fez* (did) |
| Subject 6 | *Cozinha, derrete, está contando e tocando* (cook, melt, is counting, and playing). |

| Verbs with atelic features – perfect past tense | |
|---|---|
| Subject 1 | *Nadar, chuva, canta, ajudando, violão e carro* (to swim, rain, sing, helping, guitar, and car). |
| Subject 2 | *Nada, está chovendo, canta, dorme e dança*. (swim, is raining, sing, sleep, and dance). |
| Subject 3 | *Natação, pega, anda, nada, canta, estuda, joga, dança e toca*. (swimming (noun), catch, walk, swim, sing, study, play, dance, and play). |
| Subject 4 | *Está* (is) |
| Subject 5 | *Nadava* (swam) |
| Subject 6 | *Está contando, parada e tocando* (is counting, standing, still, and playing). |

Source: Research data.

Table 14.2 – Unexpected responses II – Verbs with telic features – imperfect past tense

| Subjects | Unexpected responses |
|---|---|
| Subject 1 | *Brigou, brincar, dormiu, jogar e escreveu* (fought, to play, slept, to play, and wrote). |
| Subject 2 | *Brava, come, roncou, assou, espreme, joga, pinta e escrever* (angry, eat, snored, baked, squeeze, play, paint, and write). |
| Subject 3 | *Xinga, brinca, janta, joga e pinta* (swear, play, has dinner, play, and paint). |
| Subject 4 | *Brigou, cozinhou, jantou, leu, fez, jogou e escreveu* (fought, cooked, had dinner, read, did, played, and wrote). |
| Subject 5 | *Sentou, aguentou, dormiu, cortou, chutou, pintou e escreveu* (sat, endured, slept, cut, kicked, painted, and wrote). |
| Subject 6 | *Brava, brinca, comeu, dormiu, chutando, pinta e construiu* (angry, play, ate, slept, kicking, paint, and built). |
| **Verbs with atelic features – imperfect past tense** | |
| Subject 1 | *Nada, estudando, canta, nadar, dança e joga* (swim, studying, sing, to swim, dance, and play). |
| Subject 2 | *Nadar, dorme, tira, pulou, pilota, canta, brinca, tocou e dançou* (to swim, sleep, take, jumped, fly, sing, play, played, and danced). |
| Subject 3 | *Nada, estuda, dirige, canta, toca, dançou e joga* (swim, study, drive, sing, play, danced, and play). |
| Subject 4 | *Estudou, dirige, nadou, cantou, tocou e dançou* (studied, drives, swam, sang, played, and danced) |

| | |
|---|---|
| Subject 5 | *Escreveu, esperou, nadou, andou, cantou, jogou, tocou e dançou* (wrote, waited, swam, walked, sang, played, played, and danced). |
| Subject 6 | *Nada, estudou, cantou, ficou, entrou, dirigiu, canta, entra e dançando* (swim, studied, sang, stayed, entered, drove, sing, enter, and dancing). |

Source: Research data.

In these responses, we noticed that there are few instances of verbal periphrases. For the most part, the verbs are in the simple form, which may indicate that aspect is being emphasized rather than tense, as previously explained. Furthermore, the gerund constructions without the auxiliary verb that appear in most of the subjects' responses possibly indicate that only aspect is being valued.

## 8 Final Considerations

The objectives of this article were to verify how the categories of tense and aspect are represented in the mental grammar of adults with DS and to investigate the relationship between lexical/semantic aspect and grammatical aspect in these subjects. To this end, we applied comprehension and elicitation tests to this group and to control groups, consisting of a child in the language acquisition phase and typical adults.

In the comprehension test, we obtained more expected responses in the relationship between verbs characterized by telicity when combined with verbs in the past tense with perfective aspect than when related to the past tense with imperfective aspect. Subjects with DS also showed more expected responses in the combination of verbs characterized by atelicity when related to the past tense with imperfective aspect. These data reveal that the semantic aspect seems to trigger the grammatical aspect.

The elicitation test of adults with DS, as well as the control child, in turn, showed very few verbal productions in the past tense with imperfective aspect. When the past appears in their productions, the predominant tense is the past tense with perfective aspect, which allows us to conclude that the present is the first tense acquired, followed by the past tense with perfective aspect, and the last to be acquired is the imperfect past tense, which, from the perspective adopted in Hermont, Oliveira e Brito (2022), associates tense and aspect.

With the results presented in this article, we observe that the representation of the categories of tense and aspect in the mental grammar of adults with DS is similar to that of children in the typical language acquisition phase. This finding corroborates studies such as those by Perovic (2002) and Perovic & Wexler (2019), which show that morphosyntax and phonology are computational modules that are more delayed in subjects with DS than in typical subjects.

In a way, we have developed an exploratory study that may trigger reflections on some cognitive and linguistic dissociations. The proposal in this article, therefore, was to establish a dialogue between the results obtained here and the studies by Hermont (2005), Hermont and Morato (2014) e Hermont, Oliveira e Brito (2022). This was done, and we successfully realized that the language of subjects with DS is similar to that of children in the linguistic development phase. Thus, we believe that the research developed here contributes to guiding future investigations that explore the relationship between linguistic aspects and DS, promoting a broader understanding of the functioning of cognitive and linguistic areas.

## Authorship Statement

Arabie Bezri Hermont wrote the text and conducted the research presented in this article. Mariana Queiroga Gomes wrote the text and conducted the research presented in this article.

## References


ARVIGO, M. C. *A noção de definitude na Síndrome de Down*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

COMRIE, B. *Tense*. Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.

CHAPMAN, R. Language Development in Children and Adolescents with Down Syndrome. *In*: Fletcher, P.; MacWhinney, B. (ed.), *The Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Cambridge: MIT Press. Lisboa: Editora Caminho, 1995.

FOWLER, A. E.; GELMAN, R.; GLEITMAN, L. R. The course of language learning in children with Down syndrome. *In*: TAGER-FLUSBERG, H. (ed.). *Constraints on Language Acquisition*: Studies of Atypical Children. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1994. p. 91-140.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERMONT, A. B.; MORATO, R. A. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. *Revista LinguíStica*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 213-233, 2014. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2014.v10n1a4588.

HERMONT, A. B. *Aquisição de tempo e aspecto no déficit especificamente linguístico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HERMONT, A. B.; OLIVEIRA, K. C.; BRITO, L. S. A aquisição de tempo e aspecto: uma investigação sobre a emergência de estruturas verbais e a influência do aspecto semântico sobre o aspecto gramatical no processo de aquisição da linguagem. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, n. 4, p. 1937-1963, 2022.

HERMONT, Arabie Bezri. *Técnicas de compreensão e eliciação*: metodologias para pesquisa em aquisição e perda da linguagem.(a sair)

MILLER, J. The Developmental Asynchrony of Language Development in Children with Down Syndrome. *In*: NADEL, L. (ed.) *The Psychobiology of Down Syndrome*. Cambridge: MIT Press, 1988.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11. *International Classification of Diseases*. The global standard for diagnostic health information, 11. ed. [2023?]. Disponível em: https://icd.who.int/browse11/lm/en#/http://id.who.int/icd/entity/1624623908. Acesso em: 22 fev. 2023.

PEROVIC, Alexandra. Language in Down Syndrome: Delay of Principle A Effect? *Durham Working Papers in Linguistics*, Durham, v. 8, p. 97-110, 2002.

PEROVIC, A.; WEXLER, K. The Effect of Age on Language in Adults with Intellectual Disabilities: A Comparison of Passives in Down Syndrome and Williams Syndrome. *In*: Erdeljac, V.; Sekulić, M. S.

*Interdisciplinary Linguistic and Psychiatric Research on Language Disorders*. Zagreb: University Psychiatric Hospital Vrapče: FF Press 2019.

RUBIN, M. C. B. P. *A passiva na Síndrome de Down*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Springer Science+Business, v. 43, 1997.

WEXLER, K. The Development of Inflexion in a Biologically Based theory of Language Acquisition. *In*: RICE, M. L. *Toward a genetics of language*. Mahwah, NJ: Lawrence: Erlbaum Assoc., 1996.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*, p. 23-79, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português*: a categoria e sua expressão. 5. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

VENDLER, Z. Verbs and Times. *In*: VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

v. 34, n. 2, p. 198–222, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.198–222
Submetido em: 12/11/2025 · Aprovado em: 16/04/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# O gênero *narrativa* no discurso em saúde: uma análise de relatos de pacientes sobre o diabetes e o câncer

## *The Narrative Genre in Health Discourse: An Analysis of Patients' Accounts of Diabetes and Cancer*

**Francieli Silvéria Oliveira**
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) | João Pessoa | PB | BR
francieli.oliveira@academico.ufpb.br
http://orcid.org/0000-0002-4895-1919

**Resumo:** Este estudo investiga o funcionamento linguístico do gênero *narrativa* no discurso em saúde, analisando relatos produzidos por pessoas que vivem com diabetes *mellitus* tipo 1 e por pessoas que viveram com câncer de mama. Objetiva-se compreender como esse gênero se organiza em domínios experienciais distintos, observando suas etapas, fases e escolhas léxico-gramaticais. Pesquisas anteriores demonstram que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) oferece um arcabouço teórico consistente para o estudo do discurso em saúde. Contudo, ainda é necessário aprofundar a compreensão acerca de como diferentes domínios experienciais influenciam a produção de um mesmo gênero, no caso deste estudo, o gênero *narrativa* produzido por pacientes. Para esse fim, foram analisadas dez autonarrativas compiladas na internet, de acordo com as categorias léxico-gramaticais descritas pela LSF (Halliday; Matthiessen, 2014) e com as definições de gênero, etapas e fases apresentadas por Martin e Rose (2008) e Rose (2019). Os resultados revelaram que, embora as etapas do gênero apresentem estabilidade, as fases variam conforme o domínio experiencial. As narrativas compartilham padrões gramaticais semelhantes, mas mobilizam itens lexicais distintos na construção das experiências específicas. Conclui-se que as narrativas de pacientes constituem recursos linguísticos fundamentais para compreender como significados sobre a doença e a identidade são construídos no discurso em saúde.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional; gênero; discurso em saúde; narrativa de pacientes; empoderamento.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

**Abstract:** This study investigates the linguistic functioning of the narrative genre within health discourse by analyzing accounts produced by individuals living with type 1 diabetes mellitus and by those who have experienced breast cancer. The research seeks to understand how this genre is organized across distinct experiential domains, with particular attention to its stages, phases, and lexicogrammatical choices. Drawing on Systemic Functional Linguistics (SFL), which offers a robust theoretical framework for investigating health-related discourse, this study explores how different experiential domains shape the production of the same genre, specifically, the narrative genre produced by patients. To this end, ten self-narratives collected from online sources were examined according to the lexicogrammatical systems described in SFL (Halliday & Matthiessen, 2014) and the definitions of genre, stages, and phases proposed by Martin and Rose (2008) and Rose (2019). The findings indicate that, while the stages of the genre tend to remain stable, the phases vary according to the experiential domain. Although the narratives share similar grammatical patterns, they draw on distinct lexical choices to construct specific experiences. The study concluded that patient narratives represent fundamental linguistic resources for understanding how meanings about illness and identity are constructed within health discourse.

**Keywords:** Systemic Functional Linguistics; genre; health discourse; patient narrative; empowerment.

## 1 Introdução

A linguagem é um recurso para a produção de significados, e cada escolha — seja gramatical, lexical, semântica, entre outras — constrói um significado (Halliday, 2004). Ao produzir um texto, o falante expressa, por meio da língua, sua percepção sobre o mundo, organizando a realidade, construindo a experiência, e encenando relações sociais com seus interlocutores (Halliday, 1978). No contexto da saúde, quando um paciente relata como é ou como foi sua vivência em relação a uma determinada doença, ele imprime, por meio da língua, o que a condição significa para si, os impactos em seu cotidiano, bem como suas angústias e conquistas. Esses relatos não apenas estruturam a compreensão da experiência, mas também possibilitam o compartilhamento com outras pessoas, promovendo conexões e redes de apoio.

Este estudo surge de questionamentos e problemáticas que atravessam as áreas da Linguística e das Ciências da Saúde. Seu objetivo central é investigar o funcionamento linguístico do gênero *narrativa* no âmbito do discurso em saúde, com foco específico em

relatos produzidos por pessoas que vivem com diabetes ou que já viveram com câncer. Para alcançar esse propósito, esta pesquisa fundamenta-se na Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), valendo-se de seu robusto arcabouço teórico, descritivo e metodológico.

A LSF é uma teoria abrangente e complexa, capaz de explicar o funcionamento da linguagem em suas diversas dimensões semióticas (Halliday; Matthiessen, 2014). Além disso, oferece recursos consistentes para compor a base teórica de trabalhos em Linguística com Potencial de Aplicação (*Appliable Linguistics*), uma vez que possibilita explicar e propor soluções para problemas reais de comunicação advindos de outros campos, como área dos cuidados em saúde (cf. Pagano; Ferreguetti; Rodrigues, 2016; Oliveira, 2022).

Estudos anteriores de base sistêmico-funcional descrevem o funcionamento do discurso em saúde para diferentes finalidades. Matthiessen (2013) demonstra como a LSF possui potencial para estudar e aprimorar a comunicação em hospitais. O autor revela que a língua pode operar como sintoma — por exemplo, ao descrever a dor sentida por um paciente — e também como recurso para promoção da saúde, mediando a comunicação entre profissionais de saúde e pacientes. Além disso, observa que médicos tendem a enfatizar o diagnóstico, ao passo que enfermeiros engajam mais ativamente na empatia; assim, o primeiro orienta-se mais para o campo (*field*), enquanto o segundo encontra-se mais orientado à sintonia (*tenor*).

Em relação aos pacientes, Matthiessen (2013) enfatiza que eles não são apenas organismos biológicos passivos no contexto da saúde, mas também atuam ativamente na construção de significados, por meio de narrativas, diários ou relatos, textos que constituem recursos semióticos cruciais nos cuidados em saúde. A narrativa no contexto de doença configura-se como uma instância linguística em que pacientes e familiares atribuem sentido à enfermidade, ao sofrimento e às consultas médicas (Hydén, 1997). Nesse cenário, o paciente, antes visto apenas como um corpo objeto do olhar clínico, passa a ser reconhecido como um sujeito que fornece informações sobre si e atua em conjunto com os profissionais para o tratamento da doença de forma holística.

No escopo do diabetes, Oliveira (2022) descreve gêneros realizados pelo discurso do autocuidado em diabetes *mellitus*, produzidos tanto por profissionais de saúde quanto por pacientes, mapeando as escolhas linguísticas nos estratos da léxico-gramática, da semântica discursiva e do registo. Um dos objetivos da pesquisa consistia em compreender o comportamento do gênero em diferentes contextos (experto/leigo) e como ele se manifesta nos estratos menos abstratos. Entre os resultados, destacou-se que a escolha, frequentemente inconsciente, do gênero *narrativa* (cf. Seção 2) pelos pacientes ao falarem sobre o diabetes pode indicar, do ponto de vista linguístico, um processo de empoderamento em relação à condição crônica.

No âmbito do câncer, Carreira (2018) investiga como o diagnóstico oncológico é comunicado e representado no discurso de três médicos oncologistas. O estudo buscou compreender o funcionamento da linguagem utilizada nesse tipo de interação, considerando a importância individual e social para os pacientes. A análise revelou que a comunicação médico-paciente em questão é permeada por ideologias e impacta diretamente as representações sociais da doença, influenciando, assim, o empoderamento do paciente frente à enfermidade.

O termo técnico *empoderamento* é empregado nas Ciências da Saúde para designar atividades colaborativas centradas no paciente, cujo objetivo é auxiliá-lo a descobrir e desenvolver sua capacidade inerente de assumir responsabilidade pela própria vida e, consequentemente, pela sua saúde (Funnell *et al.*, 1991). O empoderamento realiza-se por meio da linguagem, sobretudo nas interações entre profissionais de saúde e pacientes, e pode ser identificado pela forma como o indivíduo em tratamento retrata a doença e pelas iniciativas de autocuidado que desenvolve.

Funnell e Anderson (2004) ressaltam que "embora os profissionais da saúde sejam expertos no cuidado com relação ao diabetes, os pacientes são expertos com relação às suas próprias vidas"[1] (Funnell; Anderson, 2004, p. 124). Em outras palavras, o conhecimento formal sobre uma doença difere do conhecimento experiencial do paciente sobre sua vida, seus hábitos e suas percepções. Portanto, o paciente também é corresponsável pelo processo de cuidado da condição — seja o diabetes ou o câncer, objetos de investigação deste estudo.

Por conseguinte, pesquisas interdisciplinares entre a LSF e a área dos cuidados em saúde indicam que a análise textual constitui uma ferramenta promissora, uma vez que as escolhas linguísticas do falante revelam como ele constrói os significados sobre a doença, seja médico(a), paciente ou enfermeiro(a) (Torres; Reis; Pagano, 2015). Todavia, é o relato do paciente que fornece, de fato, as informações necessárias para compreender como ele representa linguisticamente a condição, bem como para interpretar, em profundidade, em que estágio ela se encontra.

Apesar de Oliveira (2022) e Carreira (2018) terem investigado o funcionamento linguístico dos discursos sobre o diabetes e o câncer, respectivamente, nenhum estudo de base sistêmico-funcional enfocou exclusivamente a narrativa dos pacientes nesse contexto. Ademais, ainda não se sabe na literatura se diferentes doenças em narrativas de pacientes — isto é, se a mudança de domínio experiencial[2] — influencia a forma como os discursos são elaborados e as representações de empoderamento.

Para suprir essa lacuna de pesquisa, este estudo tem como objetivos específicos: (i) compreender linguisticamente como as pessoas portadoras de diabetes tipo 1 e pessoas que viveram com o câncer de mama representam as doenças por meio do gênero *narrativa*; (ii) identificar o que as etapas e as fases do gênero revelam sobre os pacientes e sobre a construção de suas experiências em relação às condições; e (iii) investigar como o gênero *narrativa*, em domínios distintos, organiza-se gramaticalmente ao longo das três metafunções.

Além desta Introdução, este estudo está organizado em cinco seções. A segunda seção discute o que a literatura prévia apresenta sobre o gênero *narrativa* em relatos pessoais. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos empregados nesta investigação. A quarta seção revela os resultados da análise linguística de base sistêmico-funcional e, em seguida, a quinta seção os discute. A sexta seção desenvolve as considerações finais, concluindo e recapitulando as questões iniciais apresentadas nesta seção.

## 2 O gênero *narrativa* em relatos de experiências pessoais

Os gêneros constituem formações sociossemióticas que indicam como os significados são tipicamente combinados e organizados em textos pertencentes a uma determinada comunidade, funcionando como recursos intertextuais em constante evolução (Lemke, 1999). Lemke (1999) redefine o gênero como um fenômeno flexível, sujeito a variações no tempo e no espaço. Assim como textos são continuamente produzidos e transformados por diferentes sociedades, os gêneros também apresentam essa mesma natureza dinâmica. A mudança em um gênero, portanto, indica a modificação de uma prática social no âmbito de uma comunidade.

[1] Tradução para "although health professionals are experts on diabetes care, patients are the experts on their own lives" (Funnell; Anderson, 2004, p. 124).

[2] Domínio experiencial corresponde ao assunto ou tópico relacionado a uma atividade sociossemiótica (Halliday; Matthiessen, 2014).

Segundo Lemke (1999), a análise e a descrição de um gênero devem considerar as combinações linguísticas que constroem os significados Apresentacional, Orientacional e Organizacional[3], correspondentes, respectivamente, às metafunções ideacional, interpessoal e textual, em cada etapa do gênero. O autor ressalta, ainda, a necessidade de "compreender não somente o que representa uma grande ou pequena diferença entre dois gêneros, mas o que representa uma grande ou pequena mudança em um gênero" (Lemke, 1999, p. 13)[4]. É nesse último aspecto que se insere o objetivo desta pesquisa: elucidar as diferenças do gênero *narrativa* em domínios distintos.

No que se refere à narrativa, Labov e Waletzky (1967) propõem sua descrição linguística a partir da análise de sua estrutura, considerando as orações, as funções e a organização textual. Os autores partem do pressuposto de que narrativas simples, isto é, aquelas produzidas por falantes comuns em situações cotidianas, e não por contadores de histórias profissionais, são capazes de revelar as estruturas fundamentais de uma narrativa. A partir da análise de relatos orais de experiências pessoais, constataram que a narrativa consiste em uma forma de recapitular eventos por meio de uma sequência verbal de orações que acompanha a sucessão temporal dos acontecimentos vividos.

Nessa perspectiva, a narrativa desempenha duas funções principais: referencial e avaliativa (Labov; Waletzky, 1967). A função referencial corresponde à capacidade da narrativa de representar uma sequência de acontecimentos reais, organizados cronologicamente. A função avaliativa diz respeito ao elemento subjetivo da narrativa, ou seja, ao envolvimento do narrador, evidenciando o porquê de aquela história ser significativa para ele. Essa avaliação pode se manifestar por meio de comentários, escolhas lexicais, entonações, entre outros recursos. Para além dessas funções, a narrativa também organiza os eventos de modo a torná-los compreensíveis e relevantes para o interlocutor, respeitando a ordem experienciada e promovendo engajamento.

Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, um gênero é entendido como uma configuração de significados recorrentes que encenam práticas sociais em determinada cultura. Desse modo, gêneros como a *narrativa*, abordados neste estudo, são reconhecidos e compreendidos pelos membros da sociedade, especialmente por profissionais de saúde, pacientes e familiares diretamente envolvidos no cuidado de pessoas com diabetes tipo 1 e/ou câncer de mama.

Martin e Rose (2008), em seu livro intitulado *Genre Relations: Mapping Culture*, destacam que a obra, além de trazer informações sobre o funcionamento do gênero, também constitui um convite para que mais pesquisadores o investiguem em profundidade. Ademais, os autores mostram que o gênero é um sistema constituído por escolhas semióticas e realizado por processos sociais que, na sua orientação para um determinado objetivo, são desenvolvidos por meio de etapas. Mais especificamente, os gêneros são: (i) sociais, pois escritores/falantes criam seus textos moldando-os para certos tipos de leitores/ouvintes; (ii) orientados para um objetivo, visto que cada etapa apresenta um passo para cumprir o propósito macro do gênero; e (iii) elaborados por meio de etapas, uma vez que são necessárias mais de uma etapa para construir um gênero.

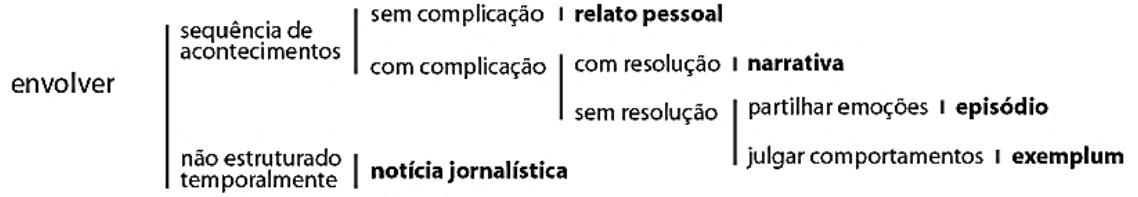
O gênero *narrativa* compõe a família de gêneros estórias e tem como propósito resolver uma complicação, apresentando uma sequência de acontecimentos com complicação e seguida de resolução. Além do gênero *narrativa*, a família de gêneros estórias é composta pelos gêneros relato pessoal, episódio, exemplum e notícia jornalística (cf. Figura 1).

---

[3] Tradução dos termos Presentational, Orientational e Organizational (Lemke, 1999, p. 13).

[4] Tradução do excerto "understand not only what represents a big or small difference between two genres, but what represents a big or small change in one genre" (Lemke, 1999, p. 13).

Figura 1– Família de gêneros estórias




Fonte: Barbeiro, Caels e Silva (2022, p. 86).

A família de gêneros denominada *estórias* tem como finalidade envolver o falante por meio de narrativas que podem retratar eventos reais ou ficcionais. Tais narrativas são compartilhadas em grupos sociais com o objetivo de interpretar os significados das vivências humanas, avaliar comportamentos, além de educar e entreter crianças (Martin; Rose, 2008). Como apresentado pela Figura 1, o *relato pessoal* constitui o gênero que organiza uma sequência de eventos sem complicação, descrevendo uma série de situações. Uma sequência de acontecimentos com complicação pode instanciar dois tipos de gêneros, um com resolução — a *narrativa* — e outros dois sem resolução — o *episódio* e o *exemplum*. Enquanto na *narrativa* os participantes resolvem a complicação, no *episódio* e no *exemplum* o propósito central é, respectivamente, compartilhar sentimentos e julgar comportamentos humanos.

Todo gênero possui um objetivo social, sendo estruturado em etapas, e cada uma delas se desdobra em fases. Essas fases cumprem funções específicas para atender ao propósito da etapa, assim como cada etapa contribui para o alcance do objetivo geral do gênero. Gouveia e Santos (2022) explicam que a finalidade de cada gênero pode ser identificada a partir da resposta à pergunta "Para quê?", ou seja, "Para que esse gênero foi produzido?". Da mesma forma, suas etapas são reconhecidas mediante a resposta à questão "Por que momentos?", isto é, "Por que momentos o gênero em questão é formulado?".

Oliveira (2022) aponta que o tipo de gênero escolhido pelo paciente no contexto do diabetes *mellitus* pode indicar, linguisticamente, se houve ou não alcance de empoderamento. Quando o falante recorre ao gênero *narrativa*, ele apresenta uma resolução para o problema. A resolução se manifesta em uma etapa e o problema corresponde a uma fase desenvolvida na etapa complicação. Essa resolução evidencia as iniciativas elaboradas pelo paciente para conviver com o diabetes. Por outro lado, quando o falante utiliza um gênero com complicação, mas sem resolução, revela que ainda não encontrou uma solução simbólica para sua condição crônica. Assim, a escolha pelo gênero *narrativa* pode ser interpretada como um indício de empoderamento do paciente diante da doença.

Hydén (1997) ressalta que a doença não é apenas biológica, mas também narrativa. O autor afirma que o adoecimento interrompe a continuidade da vida como costumava ser, e a narrativa, nesse contexto, auxilia os pacientes a construírem e reconstruírem novos significados para a própria existência. Ao contar histórias sobre si, o paciente consegue assumir a posição de estar doente e compartilhar como foi ou está sendo a sua experiência com médicos, familiares e amigos.

Os relatos de pacientes diferem dos relatos médicos. Enquanto o primeiro enfatiza emoções, sofrimento e experiências pessoais, o segundo traz, predominantemente, dados objetivos e fatos clínicos. Nesse sentido, a narrativa funciona como um elo entre essas duas perspectivas distintas — a dos pacientes e a dos profissionais de saúde. Hydén (1997) enfatiza que compreender as narrativas relacionadas à doença é essencial para a prática em saúde, pois revelam dimensões frequentemente negligenciadas pelas Ciências da Saúde. Portanto, a análise da narrativa pode contribuir para o fortalecimento dos cuidados centrados no paciente e para uma prática médica mais empática.

## 3 Metodologia de análise

Para a análise do gênero *narrativa*, foram compilados textos em que pacientes relatam quando e como descobriram o diabetes ou o câncer. Foram coletados dez autonarrativas disponíveis na internet, cinco produzidas por pacientes portadores de diabetes *mellitus* tipo 1 e cinco produzidas por pacientes que tiveram câncer de mama[5]. Optou-se por selecionar um *corpus* menor, uma vez que esta investigação faz uma análise minuciosa, em que não há preocupação com resultados estatisticamente representativos, mas sim tem como objetivo compreender como o gênero *narrativa* se comporta em domínios distintos, por meio de suas fases e etapas, bem como mediante suas seleções léxico-gramaticais.

As dez narrativas foram etiquetadas utilizando a letra N para o gênero *narrativa*, as letras D e C para identificar os domínios diabetes e o câncer, respectivamente, e um número para apontar a ordem de coleta dos relatos. Desta forma, a etiqueta ND_01 representa a primeira narrativa compilada sob o domínio diabetes, bem como a etiqueta NC_05 simboliza a última narrativa coletada sob o domínio câncer.

As narrativas foram transferidas para planilhas eletrônicas e segmentadas em orações, a fim de facilitar e sistematizar a análise linguística. Inicialmente, as narrativas foram analisadas com o objetivo de definir suas etapas segundo os pressupostos da LSF em relação ao gênero (Martin; Rose, 2008). Foram consideradas as etapas já descritas pela literatura (Rose, 2019) e, ao mesmo tempo, foi verificado se as narrativas sob os domínios em questão apresentavam novas etapas. Em seguida, o mesmo passo metodológico foi feito para descrever e encontrar as fases de cada etapa.

O início e o fim das etapas e fases foram definidos mediante dois conceitos da LSF: a agnação e a visão trinocular (cf. Oliveira, 2022). A agnação foi utilizada na diferenciação entre as etapas e fases do gênero, na medida em que uma etapa e uma fase só seriam uma única unidade se estivessem em relação de oposição com outra unidade no mesmo nível, ao mesmo tempo que apresentasse um objetivo particular. A visão trinocular foi aplicada na análise das fases e das etapas. Pelo olhar "de cima", verificou-se a função exercida pelas etapas e fases em relação ao seu gênero. Pela perspectiva "de baixo", observou-se como o gênero, juntamente com suas etapas e fases, estava sendo realizado pelos estratos menos abstratos. Pela abordagem "ao redor", analisou-se como as etapas e as fases se diferenciam entre seus pares.

A partir dos resultados encontrados ao final da análise das fases e etapas da *narrativa*, foi possível compreender as semelhanças e diferenças entre os domínios experienciais diabetes e câncer, ao passo que a comparação permitiu perceber as particularidades de cada condição pelo olhar do gênero. Além disso, os resultados possibilitaram a escolha de uma fase comum aos domínios e que pudesse ser investigada mais profundamente pelo estrato da léxico-gramática. O Quadro 1 apresenta os sistemas selecionados para a análise separados pelas metafunções ideacional, interpessoal e textual:

[5] As narrativas sobre o diabetes foram compiladas, no ano de 2020, no site diabetes.org.br, ao passo que as narrativas relativas ao câncer de mama foram coletadas, em 2024, no site extra.globo.com.

Quadro 1 – Categorias utilizadas na análise léxico-gramatical do gênero *narrativa*

| Estrato linguístico | Metafunção ideacional | Metafunção interpessoal | Metafunção textual |
|---|---|---|---|
| Léxico-gramática | TRANSITIVIDADE[6]: PROCESSO e CIRCUNSTÂNCIA | MODO: MODO; DÊIXIS; MODALIDADE; POLARIDADE; SUJEITABILIDADE: PESSOA e NÚMERO. | TEMA: TEXTUAL, INTERPESSOAL e IDEACIONAL |

Fonte: elaboração própria.

Os sistemas do estrato da léxico-gramática foram utilizados para análise linguística da fase em questão com objetivo de compreender como os pacientes organizam a construção de suas experiências humanas no contexto do diabetes e do câncer, como também, encenam suas relações sociais, configurando-as em formato de *narrativa*.

Cabe ressaltar que o sistema de dêixis, pertencente à metafunção interpessoal, localiza-se na ordem do grupo e não na ordem da oração como os demais sistemas. No entanto, ele foi utilizado na anotação com o objetivo de verificar se existe alguma correlação entre suas seleções e a fase investigada. Essa decisão foi tomada com intuito de compreender se a temporalidade está correlacionada com a experiência do paciente nos dois domínios.

A seção a seguir apresenta os resultados encontrados mediante análise linguística, comparando os domínios diabetes e câncer pela perspectiva do gênero.

## 4 Análise do gênero *narrativa* sob os domínios diabetes e câncer

O diabetes *mellitus* tipo 1 é uma doença autoimune, em que o sistema imunológico do paciente destrói as células beta do pâncreas, células essas que são responsáveis pela produção da insulina. Desta forma, o corpo produz pouca ou nenhuma insulina, fazendo com que o paciente tenha que repô-la diariamente para controlar a glicemia. Por ser uma doença autoimune, o diabetes tipo 1 não pode ser prevenido, sendo diagnosticado comumente na infância ou adolescência, mas também pode surgir em adultos, como é o caso de três dos relatos aqui analisados.

O câncer de mama é um tipo de câncer que tem origem nas células da mama, usualmente nos ductos mamários ou nos lobos. Ele ocorre quando há a multiplicação de células anormais na mama, formando um tumor que pode ser benigno ou maligno, isto é, não canceroso ou canceroso. Sua prevenção está relacionada ao controle de fatores de risco e à promoção de práticas consideradas protetoras, como o desenvolvimento de hábitos saudáveis e realização periódica de exames, como a mamografia.

As subseções a seguir apresentam os resultados encontrados a partir da análise das etapas e fases do gênero *narrativa*, bem como mediante a análise léxico-gramatical.

[6] Os sistemas e suas opções estão sinalizados neste trabalho por meio da formatação VERSALETE.

## 4.1 Etapas e fases do gênero *narrativa*

O gênero *narrativa*, em ambos os domínios, configura-se em etapas que se comportam de forma semelhante, o que determina o tipo de gênero em questão, isto é, o gênero da família de gêneros *estórias*, que tem como objetivo resolver uma complicação. As etapas utilizadas em todas as narrativas foram Orientação ^ Complicação ^ Resolução[7], sequência essa prevista pela literatura anterior como prototípica do gênero *narrativa* (Martin; Rose, 2008; Rose, 2019). Algumas fases escolhidas para integrar suas etapas são semelhantes e outras distintas, o que caracteriza e pontua as particularidades de cada domínio.

No âmbito do diabetes e do câncer, a etapa Orientação tem como propósito contextualizar a narrativa, como também apresentar o paciente. O Quadro 2 mostra exemplos dessa fase.

Quadro 2 – Etapa Orientação no gênero *narrativa*

| ND_01 |
|---|
| **Relato da viagem de motocicleta** |
| Olá! Meu nome é Gustavo Paiva, tenho 32 anos, tenho formação superior em Ed. Física e (sou) especialista em Treinamento Esportivo, mas minha profissão é representante comercial ou "caixeiro Viajante", sou bonito, forte, esportista, aventureiro e... diabético, rsrsrsrsrs. Apesar da fala anterior ser verdadeira, agora vou falar sério... |
| **NC_03** |
| **Dez histórias de mulheres que superaram o câncer de mama** |
| 'Todos os dias eu achava que seria o meu último' Jaqueline Chagas, 40 anos, técnica em contabilidade. |

Fonte: elaboração própria

A etapa de Orientação da narrativa 01 sob o domínio do diabetes traz consigo o título do depoimento do paciente "Relato da viagem de motocicleta" e, em seguida, um trecho contendo sua breve apresentação e contextualização para a próxima etapa, a Complicação. A etapa de Orientação da narrativa 03 sob o domínio do câncer é elaborada mediante um texto inicial intitulado "Dez histórias de mulheres que superaram o câncer de mama", que contextualiza o câncer de mama e introduz as narrativas. O subtítulo "'Todos os dias eu achava que seria o meu último' Jaqueline Chagas, 40 anos, técnica em contabilidade", além de apresentar o depoimento da paciente, trazendo consigo um trecho de seu texto, identifica-a pela sua idade e profissão.

A etapa Complicação descreve como os pacientes descobriram as doenças, relatando seus sintomas, os exames realizados, o diagnóstico dado pelo médico, além de como eles e seus familiares receberam a notícia. A Complicação é a etapa mais extensa em orações maiores nos dois domínios, pois constitui o momento da narrativa em que o paciente também descreve suas reações e reflexões sobre o diagnóstico e o processo de tratamento, além de trazer eventos que ocorreram após o diagnóstico, como o controle da alimentação no diabetes e a queda/perda de cabelo no câncer.

Portanto, a Complicação no campo do diabetes é desenvolvida por meio das fases problema, eventos, reflexão, comentário e apresentação e, no campo do câncer, mediante as fases problema,

[7] O símbolo ^ representa uma sequência, podendo ser de etapas ou fases. Neste caso, as narrativas foram construídas pela sequência de etapas Orientação, Complicação e Resolução (cf. Martin; Rose, 2008).

reação, eventos. A fase problema revela o processo descoberta das doenças, desde o primeiro sintoma e exames realizados, até o diagnóstico. O Quadro 3 ilustra essa fase em ambos os domínios.

Quadro 3 – Fase problema da etapa Complicação no gênero *narrativa*

| ND_02 |
| --- |
| Descobri que tinha diabetes tipo 1 aos 14 anos. Estava em Natal (RN), viajando com meus pais, sentia muita sede e pedia para ir ao banheiro fazer xixi o tempo todo ao ponto de atrapalhar a viagem. Meu pai é médico e logo desconfiou que havia algo errado comigo por causa dos sintomas. Assim que voltamos para o Rio de Janeiro fiz os exames e não deu outra: minha glicemia estava altíssima, acima de 500 (mg/dl). Diagnóstico: diabetes tipo 1. Não cheguei a ficar internado, mas comecei o tratamento imediatamente. |
| **NC_05** |
| Em dezembro de 2018 eu senti um pequeno nódulo na mama direita ao amamentar. Por achar que poderia ser leite empedrado, não dei muita importância. Em janeiro de 2019, fui na ginecologista e ela me pediu um ultrassom, mas no toque, disse que não parecia ser nada demais e me passou um remédio pra dissolver porque poderia ser gordura. Tomei o remédio e me esqueci da ultra. Em abril senti que o nódulo não reduziu com o remédio, pelo contrário, cresceu consideravelmente e aí eu fiz a ultrassom que acusou BIRADS 4. O que já foi preocupante. Então com esse resultado foi pedido uma biópsia e no resultado da biópsia deu carcinoma invasivo da mama tipo não especial grau 3. |

Fonte: elaboração própria

Como a fase problema, a fase eventos opera da mesma maneira nos domínios do diabetes e câncer. Ela indica eventos que aconteceram após o diagnóstico que são esperados, como a mudança de hábitos alimentares, o controle da glicose, aplicação da insulina e atividades físicas no diabetes, bem como a perda de cabelo, os tratamentos realizados e atividades do cotidiano no câncer. O Quadro 4 traz exemplos da fase eventos.

Quadro 4 – Fase eventos da etapa Complicação no gênero *narrativa*

| ND_02 |
| --- |
| A insulina eu aplico sozinho, todos os dias. É o meu remédio e eu a carrego comigo para cima e para baixo dentro de um estojo térmico. Desde os meus 14 anos nunca esqueci de aplicar. Ela faz parte da minha rotina diária — esquecer de aplicar a insulina é como esquecer de escovar os dentes. Isso não existe e já virou hábito. |
| **NC_04** |
| O diagnóstico foi em outubro e iniciei a quimioterapia em dezembro. Em junho do ano seguinte fiz a quadrantectomia (cirurgia que só remove um quarto da mama para a retirada do tumor) com simetria de ambas as mamas. Em julho iniciei a radioterapia e por opção para complementar o tratamento fiz quimioterapia oral. |

Fonte: elaboração própria

As fases de reflexão, comentário e apresentação foram utilizadas pelos pacientes na etapa Complicação somente no domínio do diabetes. A fase reflexão envolve os pensamentos dos pacientes sobre o diagnóstico e sobre os eventos relacionados à condição. No domínio do câncer, essa fase é empregada na etapa Resolução, mas não ocorre na etapa Complicação. O Quadro 5 mostra como a fase reflexão ocorre em duas narrativas na etapa Complicação.

Quadro 5 – Fase reflexão da etapa Complicação no gênero *narrativa*

| ND_02 |
| --- |
| Eu, ainda muito jovem, não tinha noção do que significava esse diagnóstico. Mas rapidamente entendi que para ter uma vida normal eu teria de cuidar muito mais da minha saúde, da minha alimentação, precisaria ter uma rotina diária de exercícios e seria obrigado a tomar insulina pelo resto da vida. Aos poucos fui compreendendo a doença e procurei buscar o que ela me traria de bom: ela me ensinou a ser mais disciplinado, a ter uma vida mais saudável, a comer muito melhor, a comer a cada três horas. |
| **ND_05** |
| Os anos vão passando e aprendemos a conhecer nosso corpo e nosso tratamento se torna uma rotina a qual se tirassem de mim não sei como seria. |

Fonte: elaboração própria

A fase comentário expõe as observações dos pacientes sobre o diabetes e o que é ser diabético. Ela é desenvolvida em poucas orações maiores e traz uma quebra no fluxo textual, apresentando a opinião do paciente após o relato de algum evento ocorrido. Em uma das narrativas, a fase comentário ocorre em dois momentos distintos na etapa Complicação. O Quadro 6 reúne as ocorrências dessa fase.

Quadro 6 – Fase comentário da etapa Complicação no gênero *narrativa*

| ND_02 |
| --- |
| O diabético tem que ser bom em matemática (risos). |
| O diabetes é um touro domável, não é um bicho de sete cabeças. |
| **ND_04** |
| O diabético sabe a luta diária pra controlar a glicemia e evitar as temidas complicações! |

Fonte: elaboração própria

A fase apresentação acontece quando o paciente fala sobre si mesmo e é prototipicamente utilizada na etapa Orientação, visto que os pacientes se identificam em todas as narrativas em ambos os domínios (cf. Quadro 2). No contexto do diabetes, essa fase pode estar presente em todas as etapas, evidenciando que o paciente possui outras características que vão além da condição de ser diabético, como ilustrado no Quadro 7.

Quadro 7 – Fase apresentação da etapa Complicação no gênero *narrativa*

| ND_03 |
| --- |
| Sou corredora, gosto da nadar, e pedalar. Pratico atividade física regularmente, controlo minha glicemia, visito os médicos dentro dos prazos determinados. Sou diabética, graças a Deus! |

Fonte: elaboração própria

A fase reação representa uma resposta emocional após o diagnóstico, que descreve os sentimentos dos pacientes nesse momento, como tristeza, preocupação e ansiedade. Essa fase

ocorre nas narrativas sempre após a fase problema, sendo utilizada somente no domínio do câncer na etapa Complicação. O Quadro 8 demonstra exemplos da fase reação em duas narrativas.

Quadro 8 – Fase reação da etapa Complicação no gênero *narrativa*

| NC_01 |
| --- |
| A palavra "câncer" é muito forte e durante um tempo do tratamento eu não conseguia pronunciá-la, pois para mim era uma sensação de morte. |
| **NC_03** |
| Chorei muito e pensei "meu Deus, vou morrer e só tenho 35 anos". Eu só pensava na minha mãe. Meu câncer era grau 3 localmente avançado. Eu só me questionava "por que eu, meu Deus?", é o que todas nós questionamos. |

Fonte: elaboração própria

A última etapa das narrativas corresponde à Resolução, que aponta a resolução que o paciente encontrou para as doenças. No contexto do diabetes, a Resolução vem configurada nas fases reflexão e apresentação, em que o paciente mostra aceitação, entendimento e aprendizado sobre a condição e sobre si mesmo, já que precisará conviver com a condução pelo resto da vida.

No contexto do câncer, por outro lado, a Resolução é construída pelas fases reflexão e solução. Nelas, o paciente reflete sobre essa experiência de vida e compartilha o momento em que a cura aconteceu. A cura, nesse cenário, ocorre quando o tratamento elimina todas as evidências detectáveis da doença no corpo. No entanto, isso não dispensa a necessidade de acompanhamento contínuo, porque há sempre o risco de recidiva. O Quadro 9 exibe exemplos da fase reflexão em ambos os domínios.

Quadro 9 – Fase reflexão da etapa Resolução no gênero *narrativa*

| ND_05 |
| --- |
| O mais legal dessa experiência, é saber que podemos tudo que quisermos sim, só basta ter dedicação e disciplina e que o Diabetes não nos limita, e sim nos torna vencedores diariamente na luta por uma boa qualidade de vida. Correr para mim se tornou uma atividade prazerosa e que quero continuar treinando e me dedicando para participar de novas corridas e continuar vencendo os desafios dessa vida. |
| **NC_05** |
| Se você recebeu este diagnóstico, sinta-se abraçada por mim, não é fácil, mas aceite, abrace a causa e enfrente com todas as suas forças. O importante é nunca deixar que o câncer tome você. |

Fonte: elaboração própria

A fase apresentação ocorre novamente na etapa Resolução no domínio do diabetes, porém é selecionada em apenas uma narrativa, em que ela também é usada nas etapas Orientação e Complicação. O Quadro 10 indica essa ocorrência.

Quadro 10 – Fase apresentação nas etapas Orientação, Complicação e Resolução no domínio diabetes

| | ND_04 |
|---|---|
| **Orientação** | Pouca gente sabe, mas sou Diabetes tipo 1. Digo "sou" e não "tenho" diabetes tipo 1 porque ela faz parte de mim, não como um fardo que tenho que carregar, mas como mais uma característica da pessoa que eu sou. |
| **Complicação** | Sou saudável, minha última glicada foi 5.4, perfeitamente normal! Isso é uma vitória! |
| **Resolução** | Tenho 30 anos e uma vida toda pela frente, posso escolher tornar o diabetes meu vilão ou o meu aliado! Eu escolhi torná-lo meu aliado. |

Fonte: elaboração própria

A análise revelou que a fase apresentação pode ocorrer em todas as etapas no domínio do diabetes, o que não sucede no domínio do câncer, sendo selecionada pelos pacientes apenas na etapa Orientação.

No domínio do câncer, a fase solução corresponde ao momento na narrativa em que o paciente afirma estar bem após a etapa Complicação, representando um alívio da tensão gerada pela fase problema. A etapa Resolução pode incluir apenas a fase solução, apenas a fase reflexão ou ambas. Quando as duas estão presentes, a fase solução ocorre primeiro na etapa, sucedendo a etapa Complicação. O Quadro 11 evidencia ocorrências dessa fase.

Quadro 11 – Fase solução da etapa Resolução no gênero *narrativa*

| NC_02 |
|---|
| Hoje eu posso dizer que estou limpa, que não tenho mais nenhum câncer no meu corpo. |
| **NC_03** |
| Hoje estou bem, vivo com algumas sequelas, mas sou grata a Deus. |

Fonte: elaboração própria

Convém salientar que a fase solução foi utilizada na etapa Complicação somente na narrativa NC _04. Essa ocorrência representa um cenário não padrão para a fase, visto que a paciente narra os tratamentos que estava fazendo para reverter o câncer de mama, fala sobre sua cura e retoma o relato acerca dos eventos que aconteceram durante o tratamento[8]. A forma como esse trecho da narrativa foi organizado não constrói linearidade temporal para a sequência de acontecimentos, fazendo mais sentido posicionar a fase solução no início da etapa Resolução, como nas demais narrativas.

A análise desta pesquisa revelou que as narrativas são construídas pelas etapas Orientação ^ Complicação ^ Resolução, que ocorrem de forma obrigatória (Halliday, 2002). No entanto, em duas narrativas no domínio do diabetes e em duas no domínio do câncer, os pacientes recorreram a uma nova etapa após a etapa Complicação, denominada Episódio,

[8] A paciente descreve "Em julho iniciei a radioterapia e por opção para complementar o tratamento fiz quimioterapia oral. *Atualmente sou acompanhada trimestralmente pelo serviço oncológico. A cura foi um presente de aniversário em setembro de 2019*. Durante o processo de tratamento permaneci realizando minhas atividades laborativas, com algumas restrições, é claro".

conforme a literatura anterior. A etapa Episódio é utilizada pelos pacientes para relatar um acontecimento após o descobrimento ou tratamento da doença. Esse acontecimento não é subordinado ao descobrimento da condição, como os tratamentos, medição da glicemia e a queda de cabelo, ou seja, não é um acontecimento esperado, mas se associa à condição, podendo ser narrado em outros contextos com certas reformulações. Essa etapa ocorre em algumas narrativas, mas não em todas, o que a torna uma etapa não obrigatória. O Quadro 12 apresenta a etapa Episódio nos dois domínios.

Quadro 12 – Etapa Episódio no gênero *narrativa*

| ND_05 |
| --- |
| Eis que fico sabendo de uma conceituada corrida de revezamento em Florianópolis, com distância de 140 Km, onde uma equipe formada apenas de DM tipo 1, estava precisando de um integrante. Ora, por que não enfrentar mais este desafio? Mas você corre? Não, mas posso começar a treinar e quero sim participar... E assim surgiu a vontade de me dedicar e iniciar meus treinos para participar junto com a equipe Diabetes & Desportes/ADJ do 22º Revezamento Volta a ilha, que ocorreu no dia 8 de Abril em Florianópolis. A equipe foi formada por 10 atletas de 5 estados brasileiros, aos quais acabei conhecendo todos no dia da prova. Demos largada às 04:30 da manhã e concluímos nosso 140 Km com duração de 15:18. Foi um dia de troca de experiências e pude sentir um pouquinho da emoção de cada trecho com cada descrição de meus colegas de equipe, e olha que equipe viu! Pessoas que foram para mim um grande exemplo e pelo qual absorvi muitas informações para a vida. Me deram total apoio no meu trecho que foi a praia de Jurerê, incentivando a menos experiente da equipe. |
| **NC_01** |
| Um dia, conheci uma mulher que me chamou para fazer canoagem. Um tempo depois eu aceitei e isso mudou a minha vida. Naquele grupo realmente me senti acolhida. Toda vez que eu colocava o remo na água, eu sentia como se estivesse flutuando. Por causa da cirurgia, fiquei com dificuldade de levantar o braço. Com essa atividade, recuperei os movimentos. Com elas eu encontrei uma verdadeira família. |

Fonte: elaboração própria

Nas duas narrativas, as pacientes interrompem o seu relato para falar sobre como começaram a praticar esportes. A prática de exercício físico é um dos grandes pilares para uma vida saudável e as pacientes iniciaram os esportes após o diagnóstico, dessa forma, seria interessante e justificável incluir a etapa Episódio na narrativa. Elas recorrem ainda aos marcadores 'Eis que' e 'Um dia' que trazem uma nova marcação temporal ao discurso e, ao mesmo tempo, uma quebra no fluxo da narrativa, iniciando uma nova etapa.

Por ser uma experiência não esperada relacionada às doenças, a etapa Episódio é desenvolvida pelas fases apresentação, eventos, problema, e reflexão no domínio do diabetes, enquanto, no câncer, é composta pelas fases eventos e reação. Essas fases desempenham as mesmas funções das fases da etapa Complicação, contudo, são selecionadas com o propósito de compartilhar um acontecimento. Assim, a principal diferença entre as etapas Complicação e Episódio está em sua função: enquanto a Complicação introduz uma adversidade na narrativa por meio da fase problema, a Episódio acrescenta uma experiência de vida ao enredo mediante a fase eventos. Dessa forma, as fases problema e eventos se destacam como os elementos centrais das etapas Complicação e Episódio, respectivamente.

Os Quadros 13 e 14 sumarizam as etapas e fases do gênero *narrativa* nos domínios do diabetes e câncer.

Quadro 13 – Etapas e fases do gênero *narrativa* no domínio do diabetes

| ND_01 | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | **(Episódio)** [9] | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação ^ orientação | problema ^ eventos | apresentação ^ eventos ^ problema ^ eventos ^ reflexão | reflexão |
| **ND_02** | | | | |
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ reflexão ^ eventos ^ comentário ^ eventos ^ comentário ^ reflexão ^ eventos | | reflexão |
| **ND_03** | | | | |
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ eventos ^ problema ^ eventos ^ problema ^ eventos ^ problema ^ eventos ^ apresentação | | reflexão |
| **ND_04** | | | | |
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ reflexão ^ problema ^ reflexão ^ apresentação ^ comentário | | reflexão ^ apresentação ^ reflexão |
| **ND_05** | | | | |
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | **(Episódio)** | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ reflexão | eventos ^ reflexão ^ eventos | reflexão |

Fonte: elaboração própria

Quadro 14 – Etapas e fases do gênero *narrativa* no domínio do câncer

| NC_01 | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | **(Episódio)** | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ reação ^ eventos ^ eventos | eventos | reflexão |
| **NC _02** | | | | |
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | **(Episódio)** | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ reação ^ eventos | eventos ^ reação | solução |
| **NC _03** | | | | |
| **Etapas** | **Orientação** | **Complicação** | | **Resolução** |
| **Fases** | apresentação | problema ^ reação ^ eventos ^ problema ^ eventos | | solução ^ reflexão |

[9] As etapas e fases não obrigatórias são sinalizadas neste estudo por parênteses, como padronizado pela literatura anterior (Eggins, 2004; Oliveira, 2022).

| NC _04 | | | |
|---|---|---|---|
| Etapas | Orientação | Complicação | Resolução |
| Fases | apresentação | problema ^ eventos ^ solução ^ eventos | reflexão |
| NC _05 | | | |
| Etapas | Orientação | Complicação | Resolução |
| Fases | apresentação | problema ^ reação ^ eventos | reflexão |

Fonte: elaboração própria

Portanto, os resultados revelaram que a mudança de domínio no gênero *narrativa* é marcada por meio da mudança de fases, já que não houve mudanças de etapas. A mudança de domínio é construída pela utilização de fases específicas, como as fases apresentação e comentário no contexto do diabetes tipo 1, como também, as fases reação e solução no contexto do câncer de mama.

## 4.2 Análise léxico-gramatical

A discussão da seção anterior mostrou que as etapas Orientação ^ Complicação ^ Resolução são comuns às narrativas nos domínios experienciais diabetes e câncer. Algumas fases também são comuns, como apresentação, problema, eventos e reflexão. Para a análise léxico-gramatical desta seção, optou-se por utilizar a fase problema, uma vez que ela (i) é comum a todas as narrativas, acontecendo sempre no início da etapa Complicação; e (ii) representa a descoberta do diagnóstico, momento chave para o desenrolar da história.

A análise linguística da fase problema, vista na perspectiva de cada uma das três metafunções, revelou algumas escolhas gramaticais comuns aos dois domínios, como também escolhas particulares de cada um. Portanto, esta seção disserta sobre essas escolhas a partir de uma abordagem qualitativa, apresentando aquelas que estiveram em maior evidência no contexto da fase em questão. A segunda parte desta seção releva as escolhas lexicais realizadas pelos pacientes ao longo de todas as narrativas, comparando-as em relação aos domínios em questão.

Numa perspectiva ideacional, os tipos de processos mais comuns selecionados pelos pacientes foram os processos MATERIAL, VERBAL, MENTAL e RELACIONAL. O PROCESSO MATERIAL foi utilizado majoritariamente para apresentar os acontecimentos antes da descoberta do diabetes e do câncer, como em "**Fiz** todos os exames" (NC_01). Ele é empregado principalmente na configuração transitiva juntamente com os pacientes se colocando como primeiro participante na oração pela realização 'eu'. Isso ocorre porque a narrativa é construída em primeira pessoa, em que os pacientes falam sobre como e quando identificaram as doenças.

O PROCESSO VERBAL possui papel relevante na fase problema, uma vez que ele é empregado na oração que constrói o diagnóstico proferido pelo(a) médico(a), como nas orações: "Fui **diagnosticada** com Diabetes Mellitus[sic] tipo 1, no meu primeiro ano de faculdade de Fisioterapia." (ND_05) e "Fui **diagnosticada** com câncer mama dia 4 de março de 2016." (NC_03). As ocorrências estão na forma passiva, não indicando quem realizou a ação de diagnosticar, ou seja, o primeiro participante da oração. No entanto, o contexto das narrativas mostra que (a) médico(a) é o agente que traz o diagnóstico ao paciente, ele é quem verbaliza se os resultados dos exames são positivos para as doenças. A voz passiva nesse caso foi uma estratégia não consciente utilizada pelo

paciente para ocultar quem comunica — o participante Dizente — para destacar quem foi o objeto do diagnóstico — o participante Alvo, colocando-se em primeira posição e como sujeito na oração.

O PROCESSO VERBAL também é selecionado quando o paciente relata as interações com seus familiares e médicos, ocorrendo com maior frequência no contexto do câncer. Um trecho em uma das narrativas apresenta várias escolhas de PROCESSO VERBAL, destacadas em negrito: "A médica abriu o exame / e **perguntou** / se tinha visto o resultado. / **Disse** / que não / e com tristeza ela **respondeu** / que infelizmente o diagnóstico deu positivo para câncer." (NC_04).

O PROCESSO MENTAL foi empregado em poucos momentos na fase problema. Os tipos emotivo e desiderativo não foram selecionados, já o tipo cognitivo foi utilizado em poucos momentos para construir experiências como esquecimento e pensamentos lógicos. Por outro lado, o tipo perceptivo foi empregado nos momentos em que o paciente notou algum sintoma da doença, como nos seguintes trechos: "Estava em Natal (RN), viajando com meus pais, / **sentia** muita sede / e pedia para ir ao banheiro fazer xixi o tempo todo ao ponto de atrapalhar a viagem." (ND_02) e "Em 2017 eu estava tomando banho / e **senti** um nódulo na minha mama." (NC_02). O PROCESSO MENTAL perceptivo na fase problema constrói a percepção dos pacientes de que havia algo estranho em seus corpos, o que foi o ponto de partida para levantar suspeitas, procurar ajuda médica e obter o diagnóstico mais breve possível.

O PROCESSO RELACIONAL tem como papel associar participantes, seja para identificá-los ou para atribuir-lhes qualidades. Ambas as funções do PROCESSO RELACIONAL foram selecionadas pelos pacientes, porém o tipo atributivo foi aplicado mais frequentemente nos dois domínios em questão. Alguns exemplos são: "Descobri / que **tinha** diabetes tipo 1 aos 14 anos." (ND_02) e "Na mesma hora, meu coração disparou, / como se eu **tivesse** certeza / que aquele nódulo **era** um câncer." (NC_02). Os grupos verbais 'tinha' e 'tivesse', no contexto dos excertos, desempenham a função do PROCESSO RELACIONAL atributivo do tipo possessivo, por conferir ao participante 'eu' a característica pela posse do participante 'diabetes tipo 1' e do participante 'certeza', que nesse caso opera como substantivo abstrato. No primeiro caso, o paciente é qualificado por ter diabetes, sendo parte de si e, no segundo, a convicção de que o nódulo era câncer fazia parte dos pensamentos da paciente. No último exemplo, o grupo verbal 'era' atua como PROCESSO RELACIONAL identificativo do tipo intensivo, uma vez que o participante 'um câncer' é usado para identificar o participante 'aquele nódulo'.

A CIRCUNSTÂNCIA é selecionada na fase problema da mesma forma nos dois domínios. Ela opera principalmente para marcar a temporalidade dos acontecimentos, como quando o diagnóstico foi realizado e quando os pacientes fizeram determinados exames, além de mostrar onde eles estavam quando perceberam os sintomas. Algumas ocorrências estão destacadas nos seguintes trechos: "**Em dezembro de 2008**, **após perceber um emagrecimento contínuo e uma sede insaciável**, resolvi procurar um médico" (ND_01) e "Minha história começou **em 2016**." (NC_01). Em ambos, foram utilizadas circunstâncias de localização para revelar quando os pacientes começaram a sentir os primeiros sintomas, temporalidade essa que sinaliza o início da fase problema.

No primeiro exemplo, duas circunstâncias foram incluídas na oração, a primeira "Em dezembro de 2008" representa um marco temporal de mês e ano sendo realizado por um grupo adverbial e a segunda "após perceber um emagrecimento contínuo e uma sede insaciável" é realizada por uma oração não finita, ou seja, sem ancoragem temporal, e rebaixada na escala de ordens para outro grupo adverbial. Ela apresenta outro aspecto temporal para a oração maior, ao mesmo tempo que especifica a primeira circunstância, isto é, o paciente buscou um médico em dezembro de 2008, mais especificamente, quando percebeu emagrecimento e sede elevados.

Em relação à metafunção interpessoal, as escolhas léxico-gramaticais se mostram semelhantes em ambos os domínios. As narrativas selecionaram a função declarativa na maioria das orações, visto que elas não apresentam interações entre participantes e tampouco comandos. Em casos restritos, o MODO INTERROGATIVO foi selecionado, mais precisamente, uma ocorrência no contexto do diabetes e outra no contexto do câncer, a saber: "E agora como será?" (ND_05) e "O que vamos fazer agora para cuidar deste problema?" (NC_04). A pergunta retórica nesse contexto representa o questionamento do paciente em relação à incerteza de seu futuro diante do diagnóstico. No primeiro exemplo, a paciente questiona a si mesma sobre como será a sua vida. No segundo exemplo, a paciente traz a pergunta que fez a sua médica, a fim de compreender o que seria necessário para erradicar a doença.

Além de apresentarem o MODO INTERROGATIVO, essas orações selecionam DÊIXIS futuro que também é uma escolha não prototípica das narrativas aqui investigadas. A DÊIXIS mais selecionada na fase problema, como prevista anteriormente, é a ancoragem temporal no passado, uma vez que os pacientes relatam experiências já vivenciadas em suas vidas. Em poucos casos, o futuro é selecionado, representando preocupação e ansiedade acerca do diagnóstico, como apresentado nos últimos exemplos. A ancoragem no presente também é aplicada poucas vezes para encenar declarações que permeiam até os dias atuais, como em: "Meu pai é médico" (ND_02).

A fase problema não selecionou MODALIDADE na maioria das orações. Somente em uma narrativa no contexto do câncer, a MODALIDADE do tipo probabilidade foi empregada em dois momentos para indicar o que poderia ser o nódulo encontrado na mama, a saber: "Por achar, que **poderia** ser leite empedrado [...] porque **poderia** ser gordura." (NC_05). Desta forma, a seleção de modalidade não parece ser prototípica da fase em questão, porém é possível que ela seja encontrada em outras fases, como também em outros domínios.

A POLARIDADE do tipo positiva ocorreu de forma predominante, o que era esperado, já que as orações positivas são empregadas na língua portuguesa com mais frequência do que as negativas. Todavia, a análise da POLARIDADE revelou que o tipo negativo foi usado em algumas ocorrências para negar o diagnóstico de câncer, como nos excertos: "e tirou as conclusões dela / de que **não** era câncer." (NC_02) e "**não** dei muita importância. [...] que **não** parecia ser nada demais" (NC_05). No primeiro excerto, a mãe da paciente conclui que o exame não revelou o diagnóstico de câncer. No segundo, a POLARIDADE negativa indica que a paciente não se preocupou com o sintoma que sentiu e, após fazer um exame de toque, a médica disse que o nódulo não demonstrava sinais de ser algo grave, mas solicitou um ultrassom para verificar mais profundamente. Logo, a análise apontou que a POLARIDADE negativa é uma seleção que, apesar de não ser frequente, mostra-se significativa na fase problema no contexto do câncer de mama.

O sistema SUJEITABILIDADE foi analisado com enfoque nos seus subsistemas PESSOA e NÚMERO. A escolha pelo sujeito em primeira pessoa do singular (eu) foi a mais recorrente, uma vez que as narrativas são construídas mediante o ponto de vista do paciente. A seleção da opção NÃO INTERLOCUTOR, no sistema de SUJEITABILIDADE, tanto no singular quanto no plural também foi feita, porém com menor frequência, para abarcar sujeitos como médico e familiares dos pacientes, além de outras entidades como câncer, nódulo, ultrassom e glicemia. Alguns exemplos incluem: "**o clínico geral** pediu alguns exames" (ND_01) e "e **o tumor** tinha virado maligno" (NC_01).

No que tange à metafunção textual, as seleções de temas IDEACIONAL, INTERPESSOAL e TEXTUAL atuaram de forma semelhante na fase problema dos dois domínios. O TEMA IDEACIONAL do tipo DEFAULT foi empregado de forma mais recorrente. Alguns temas marcados foram utilizados, sendo compostos por circunstâncias em todos os casos, sobretudo do tipo local, como apontado previamente. Essas circunstâncias colocadas na primeira posição da

oração enfatizam e marcam no discurso a temporalidade da fase problema, como em: "**No primeiro momento** veio a pergunta: / E agora como será?" (ND_05) e "**Em dezembro de 2018** eu senti um pequeno nódulo na mama direita ao amamentar." (NC_05).

A não escolha por TEMA INTERPESSOAL ocorreu com maior regularidade. Em poucas orações, o TEMA INTERPESSOAL do tipo avaliação foi empregado, como nos trechos: "fiz os exames / e **não** deu outra: / minha glicemia estava altíssima" (ND_02) e "que **infelizmente** o diagnóstico deu positivo para câncer." (NC_04). No primeiro caso, 'não deu outra' é uma locução idiomática mais usada na linguagem coloquial, a qual significa que o resultado já era de se esperar, ou seja, não foi diferente. O TEMA INTERPESSOAL realizado por um Adjunto de polaridade 'não' marca a interação entre narrador e leitor. No segundo caso, 'infelizmente' funciona como TEMA INTERPESSOAL realizado por um Adjunto de comentário e expressa o sentimento de tristeza da médica ao comunicar o diagnóstico de câncer à paciente.

Por fim, a escolha pelo TEMA TEXTUAL ocorreu de forma constante, uma vez que ele atua conectando orações da fase problema. Os temas do tipo conjuntivo, realizados por conjunções, interligam orações, como a conjunção 'e': "Procurei o serviço médico / **e** confirmei a doença" (NC_04).

Os temas continuativos fornecem continuidade ao fluxo discursivo, não ligando uma oração a outra, como nos excertos: "Tornei-me diabética aos 22 anos (último ano da faculdade), em 1992 / (**é...** foi no século passado!). (ND_03) e "O que já foi preocupante. / **Então** com esse resultado foi pedido uma biópsia" (NC_05). No primeiro exemplo, 'é...' traz uma marca de oralidade no texto escrito, ao mesmo tempo em que fornece continuidade à narrativa. No segundo, 'Então' permite a continuidade à sequência de acontecimentos após a paciente sentir um nódulo e fazer um ultrassom que acusou uma suspeita de câncer de mama.

Os temas relativos substituem em uma oração um significado da oração anterior, como em: "Quando recebi o diagnóstico tempos atrás, / não foi com toda essa serenidade com / **a qual** falo agora." (ND_04). O tema textual do tipo relativo 'a qual' substitui por meio de uma corrente coesiva de referência o elemento 'essa serenidade' da oração anterior. Esse recurso é utilizado na língua portuguesa para evitar repetições e deixar o discurso mais fluido.

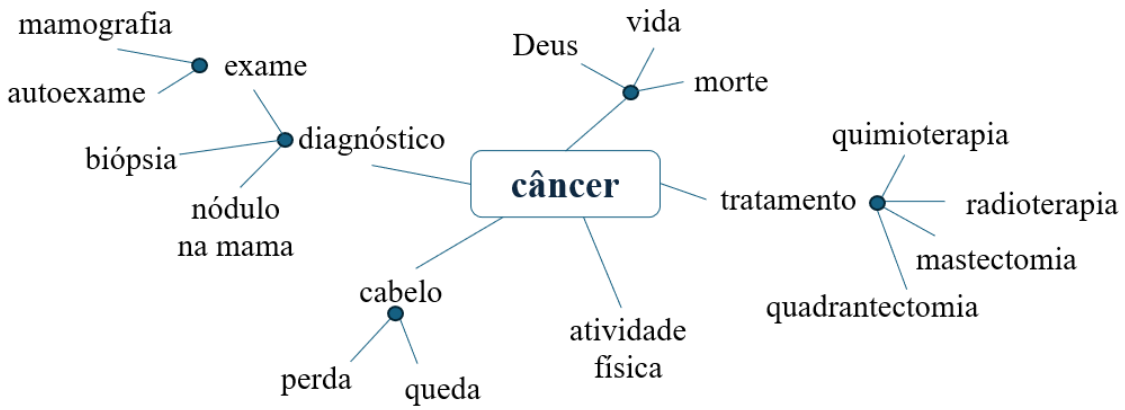
Do ponto de vista lexical, a análise revelou que as narrativas constroem relações distintas de significados sob os domínios diabetes e câncer. A Figura 2 e a Figura 3 expõem as relações lexicais estabelecidas nas narrativas dos pacientes portadores de diabetes tipo 1 e dos pacientes que tiveram câncer de mama, respectivamente.

Figura 2 – Relações construídas a partir do léxico 'diabetes' por pacientes




Fonte: elaboração própria

Figura 3 – Relações construídas a partir do léxico ‘câncer’ por pacientes




Fonte: elaboração própria

A Figura 2 apresenta as conexões lexicais a partir do léxico ‘diabetes’ e a Figura 3 a partir do léxico ‘câncer’. O léxico ‘diabetes’ foi utilizado nas narrativas de modo a construir seis tipos de relações, ao passo que o léxico ‘câncer’ foi empregado em cinco tipos de relações. As relações lexicais mostram as naturezas distintas de cada doença. Enquanto o diabetes é uma ‘doença crônica’, exigindo cuidados diários, o câncer está associado à dicotomia entre a ‘vida’ e a ‘morte’, sendo ‘Deus’ mencionado com frequência.

O léxico ‘diagnóstico’ ocorre em ambos os domínios; porém, estabelece relações distintas em cada um deles. Em ‘diabetes’, o léxico ‘diagnóstico’ se relaciona com ‘diabetes tipo 1’, que é o tipo de diabetes dos pacientes, com ‘exame’, uma vez que o diagnóstico é realizado mediante exames laboratoriais e com ‘diabético(a)’ sendo o léxico utilizado para atribuir ou identificar o paciente portador do diabetes. Em ‘câncer’, ‘diagnóstico’ se associa a ‘exame’ — que, por sua vez, se correlaciona com os itens lexicais ‘mamografia’ e ‘autoexame’ por serem tipos de exame para o diagnóstico do câncer de mama — e aos itens lexicais ‘biópsia’ e ‘nódulo na mama’, sendo seu uso frequente nas narrativas.

A ‘atividade física’ está presente em ambos os domínios; no entanto, vem acompanhada de ‘esporte’ somente no âmbito do diabetes. O léxico ‘saúde’ se conecta com os itens ‘disciplina’, ‘qualidade de vida’ e ‘rotina’, ou seja, a saúde no domínio do diabetes é desenvolvida mediante esses três componentes.

As consequências das doenças também são apresentadas pelos pacientes por meio das relações com os itens lexicais ‘cegueira’ e ‘amputação’ no diabetes tipo 1, como também, ‘cabelo’, que se associa a ‘perda’ e ‘queda’, no câncer de mama.

O tratamento também é descrito pelos pacientes nas narrativas. No âmbito do diabetes, o léxico ‘tratamento’ se relaciona com os itens ‘insulina’, ‘carboidrato’, ‘glicemia’ e ‘glicosímetro’, visto que o tratamento paliativo da doença abarca o controle da insulina e glicemia, bem como a contagem de carboidratos. O glicosímetro é um aparelho usado para medir os níveis de glicose no sangue, por esse motivo está correlacionado com o tratamento do diabetes. No âmbito câncer, o léxico ‘tratamento’ se associa aos itens ‘quimioterapia’, ‘radioterapia’, ‘mastectomia’ e ‘quadrantectomia’, que são opções terapêuticas para o tratamento do câncer de mama.

## 5 Discussão dos resultados

O diabetes constitui uma condição crônica, sendo uma doença em que o paciente precisa desenvolver uma rotina de autocuidado para evitar complicações e se manter saudável; portanto, exige esforço contínuo ao longo de sua vida. O câncer, por sua vez, é uma doença em que o paciente, logo após o diagnóstico, inicia seu tratamento para que as células cancerígenas e os tumores sejam reduzidos e/ou removidos, impedindo assim a progressão da doença. Quando isso ocorre, o paciente está livre de sinais detectáveis da doença por um período de cinco anos, geralmente, dependendo do tipo de câncer.

Por não ser inicialmente uma doença crônica, o câncer não exige cuidados contínuos e regulares ao longo da vida como o diabetes[10]. Em contrapartida, o diagnóstico de câncer traz consigo grande preocupação, uma vez que sua taxa de mortalidade é muito superior se comparada com a o diabetes. Apesar de a mortalidade diretamente atribuída ao diabetes ser mais baixa, a condição não controlada pode acarretar complicações graves, o que aumenta o risco de morte.

Essas particularidades de cada doença permitem a construção de significados distintos textualmente, que podem ser observadas pela análise das etapas e fases das narrativas, bem como pela análise léxico-gramatical. No domínio do diabetes, a fase reflexão é utilizada na etapa Complicação, o que não ocorre no âmbito do câncer. Uma possível explicação para essa diferença é o caráter crônico do diabetes. Como a doença não possui cura, o paciente precisa aprender a conviver com ela, caso queira se manter saudável e evitar futuras complicações. Nesse contexto, a fase reflexão é uma forma do paciente de aceitar o diagnóstico e compreender como pode desenvolver uma rotina de autocuidado em sua vida.

A natureza crônica do diabetes também é evidenciada pela análise lexical. A ocorrência do léxico 'esporte' indica que há preocupação por parte do paciente em estabelecer um vínculo maior com a atividade física. Como a pessoa com diabetes necessita estabelecer uma rotina de autocuidado, o esporte é uma alternativa eficiente para manter a prática de exercício físico regularmente. Além disso, a ocorrência dos itens lexicais 'disciplina', 'qualidade de vida' e 'rotina' associados ao item lexical 'saúde' apontam a persistência do diabetes na vida do paciente, exigindo esforços contínuos para se manter saudável.

A fase apresentação pode ser empregada em todas as etapas somente no domínio do diabetes. Uma interpretação pode ser o caráter atributivo e identificativo do diabetes, isto é, o diagnóstico traz ao paciente o rótulo 'diabético', sendo um atributo de si, como em 'Pedro é diabético', ou sua identidade como em 'Pedro é o diabético da turma', o que não ocorre na língua com o câncer. Desta forma, esse aspecto do diabetes pode fazer surgir o desejo nos pacientes de mostrar que possuem outros atributos e identificações, como 'sou saudável', 'tenho 30 anos' e 'sou corredora'.

Essa característica da narrativa sob o domínio do diabetes também foi verificada na análise léxico-gramatical. A língua portuguesa dispõe da palavra 'diabético(a)', que se relaciona com item lexical 'diagnóstico', ou seja, é o significado que apresenta a conclusão clínica do médico. Além disso, a palavra integra o participante em uma oração relacional para identificar um paciente, como também, para atribuir a ele essa qualidade. Portanto, o PROCESSO RELACIONAL está envolvido diretamente com a caracterização desse paciente, sobretudo nas etapas apresentação.

[10] O câncer pode ser considerado uma doença crônica quando o tratamento controla seu avanço, impedindo o crescimento ou a disseminação do tumor, ainda que não o elimine. Nessa condição, mesmo que haja períodos de remissão e pausas terapêuticas, a doença pode retornar, sendo então referenciada no âmbito da saúde como crônica, controlada ou estável.

Essa construção de significado não acontece no âmbito do câncer. A palavra 'canceroso' existe no dicionário, no entanto não é frequentemente utilizada para se referir a pessoas, acontecendo com mais frequência como Epíteto para Entes como 'tumor' e 'tecido' — 'tumor canceroso' e 'tecido canceroso'. Assim, "O paciente é canceroso" não constrói o mesmo significado do que "O paciente é diabético", e se usado, pode soar ofensivo e/ou não transmitir a informação.

A fase reação é utilizada na etapa Complicação exclusivamente no domínio do câncer. Uma possível hipótese para essa ocorrência pode ser a taxa elevada de óbito do câncer em relação ao diabetes. Dessa forma, os pacientes podem se sentir preocupados e ansiosos em relação ao futuro e esse conjunto de sentimentos se configura em uma fase.

A preocupação e a ansiedade também foram evidenciadas quando os pacientes escolheram com frequência os itens lexicais 'vida', 'morte' e 'Deus'. A oposição entre 'vida' e 'morte', advinda da possibilidade de óbito que o adoecimento pode trazer, demonstra a incerteza após o diagnóstico, e muitos pacientes recorrem à fé em Deus para trazer conforto e força para lidar com o câncer.

A etapa Resolução, no contexto do diabetes, não é composta pela fase solução como no âmbito do câncer, mas sim pelas fases reflexão e apresentação. Essa ocorrência também está associada ao caráter crônico do diabetes, visto que a solução viável para o diabetes constitui o empoderamento do paciente (Funnel; Anderson, 2004). Em outras palavras, o paciente precisa apreender que ele é responsável pela sua vida e capaz de cuidar da sua própria saúde. As fases reflexão e apresentação indicam que o paciente compreende o que é a doença e consegue manter uma rotina de autocuidado que garanta a sua saúde, trazendo assim a resolução para a narrativa.

Os resultados da análise revelaram que a etapa Episódio pode acontecer no gênero *narrativa* quando elaborado por pacientes sob os domínios diabetes ou câncer. No entanto, sua ocorrência não é obrigatória como as etapas Orientação, Complicação e Resolução. A escolha por acrescentar uma etapa a mais aconteceu visto à necessidade dos pacientes de narrar um acontecimento que está associado à vivência com a doença, mas que pode ser contado em outros contextos com algumas reformulações, sendo elaborado como um gênero à parte.

O gênero *episódio* tem como objetivo compartilhar sentimentos por meio de uma sequência de eventos e por uma complicação, porém não possui resolução. Ele é concluído com uma avaliação do narrador sobre os sentimentos do protagonista em relação ao que se passou (Martin; Rose, 2008). A etapa Episódio das narrativas aqui investigadas possui as mesmas características (cf. Quadro 12), no entanto traz a descrição de um acontecimento, juntamente com as emoções nele envolvidas. Essa descrição funciona como um passo para alcançar o objetivo da narrativa em questão, que é relatar como foi a experiência do paciente com o diabetes ou o câncer, a fim de inspirar e acolher outros pacientes que receberam o diagnóstico recentemente.

Cumpre destacar que a etapa Episódio não constitui o gênero *episódio*, bem como as narrativas em que essa etapa ocorre não se configuram como macrogênero, isto é, o gênero *narrativa* incorporando o gênero *episódio*. Tal constatação se justifica pelo fato de que a etapa Episódio não funciona de forma independente no contexto de cultura, não é orientada a um objetivo específico e não se estrutura conforme as etapas prototípicas do gênero *episódio*.

Portanto, a ocorrência da etapa Episódio revela mais um indicativo da natureza fractal do gênero. O conceito de fractal semiótico refere-se a um padrão semântico geral que se manifesta em ambientes diferentes por meio de sistemas léxico-gramaticais e semânticos distintos (Matthiessen; Lam; Teruya, 2010). A descrição do gênero proposta por Oliveira (2022) demonstrou que, além de o fractal semiótico estar presente nos estratos da léxico-gramática e semântica do discurso, ele também se acumula nos padrões desses sistemas, gerando unidades

mais abstratas, como etapas e fases do gênero. No contexto desta pesquisa, a presença da etapa Episódio evidencia que esse padrão de significado pode se realizar em diferentes níveis de abstração — ora como uma etapa integrante de um gênero, ora como um gênero autônomo.

## 6 Considerações finais

Esta pesquisa evidenciou que, embora as narrativas de pacientes revelem como eles constroem significados em relação à doença experienciada e forneçam conhecimentos relevantes às Ciências da Saúde, ainda possuem pouco enfoque nos estudos linguísticos, sobretudo em investigações de base sistêmico-funcional. Para preencher essa lacuna, o presente estudo analisou e comparou o gênero *narrativa* nos domínios experienciais do diabetes *mellitus* tipo 1 e do câncer de mama, considerando sua construção linguística ao longo das etapas e fases, bem como suas realizações léxico-gramaticais nas três metafunções.

A análise linguística demonstrou que as narrativas produzidas por pacientes em diferentes domínios selecionam configurações ao mesmo tempo semelhantes e distintas. As etapas apresentaram estabilidade, enquanto as fases se mostraram específicas em determinados aspectos. Observou-se, portanto, que os diferentes domínios motivaram a construção de fases próprias tanto para o diabetes quanto para o câncer.

No que se refere às escolhas gramaticais, verificou-se uma tendência à semelhança no gênero *narrativa*, ainda que sob domínios distintos. Algumas escolhas foram associadas a determinada doença, como a seleção do PROCESSO RELACIONAL no contexto do diabetes e a seleção da MODALIDADE do tipo PROBABILIDADE e POLARIDADE NEGATIVA no contexto do câncer. Contudo, tais associações mostraram-se pouco expressivas se comparadas às escolhas gramaticais compartilhadas entre os dois domínios. Em contrapartida, as escolhas lexicais tendem a se manter distintas, revelando que, embora diabetes e câncer sejam ambos tipos de doença, cada domínio mobiliza relações lexicais e, consequentemente, significações distintas.

Portanto, os resultados indicaram que o gênero *narrativa*, elaborado por pacientes em contextos de diferentes doenças, estabelece relações linguísticas próprias, que influenciam tanto suas produções discursivas quanto as suas representações de empoderamento. No diabetes, observa-se uma preocupação em atribuir características pessoais para além da identidade marcada pela doença, sendo a superação ancorada sobretudo em um nível simbólico, realizada principalmente na fase reflexão. No câncer, por sua vez, os pacientes manifestam uma reação emocional após o diagnóstico, em razão do potencial letal da enfermidade, sendo a cura representada na fase solução, quando não há mais sinais detectáveis da doença.

Em ambos os domínios, o empoderamento concentra-se principalmente na etapa Resolução, em que o paciente evidencia como superou a doença. Entretanto, essa etapa resulta do acúmulo de informações de significados construídos nas etapas anteriores, o que demonstra que o empoderamento do paciente, sob uma perspectiva linguística, possui natureza dinâmica e progressiva, e não estática e pontual.

Lemke (1999) destaca que os gêneros se transformam ao longo do tempo. Nos últimos anos, sobretudo em contextos médicos, de políticas públicas e de associações de pacientes, tem-se observado uma mudança relevante na forma de se referir a pessoas com doenças crônicas, como o diabetes. O objetivo é evitar expressões desumanizadoras que reduzam a identidade do indivíduo à condição clínica, recomendando-se, em vez disso, o uso de linguagem centrada na pessoa.

Assim, o paciente não deve mais ser referido como "diabético", mas como "pessoa com diabetes" ou que "vive com diabetes", de modo a evidenciar que possui outras dimensões em sua vida (Barone *et al.*, 2025). Tendência semelhante verifica-se em relação ao câncer. Algumas diretrizes e organizações orientam o uso de "pessoa com câncer" em lugar de "paciente com câncer", compreendido como um rótulo (INCA, 2022). Além disso, recomenda-se evitar termos que reforcem passividade ou sofrimento, como "vítima de câncer", bem como metáforas bélicas, a exemplo de "perdeu a luta contra o câncer", que transferem ao paciente toda a responsabilidade pelo desfecho.

Nesse sentido, este estudo sugere, como perspectiva para pesquisas futuras, investigar de que forma essas recomendações recentes impactam o discurso de pacientes na elaboração das etapas e fases do gênero narrativa, assim como em sua construção léxico-gramatical. Recomenda-se, portanto, analisar de que modo transformações sociais podem orientar mudanças no gênero e, inversamente, como a transformação de gêneros, especialmente quando influenciada por instituições, pode repercutir em mudanças sociais amplas.

## Agradecimentos

A autora agradece ao Prof. Dr. Carlos Alberto Marques Gouveia pelas valiosas contribuições intelectuais e pelas críticas construtivas ao longo do estágio pós-doutoral na Universidade de Lisboa, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento das reflexões apresentadas neste trabalho.

## Referências

BARBEIRO, Luís Filipe; CAELS, Fausto; SILVA, Paulo Nunes da. Géneros escolares e aprendizagens. *In*: SILVA, Paulo Nunes da *et al*. *Teorias discursivas em diálogo*: Perspetivas e análises. Coimbra: Grácio Editor, 2022. p. 1-140. Disponível em: https://sites.ipleiria.pt/pge/files/2022/12/Teorias-discursivas-em-dialogo_ebook-2.pdf. Acesso em: 22 ago. 2025.

BARONE, Mark *et al*. *Linguagem importa!* (Language Matters!). 2. ed. [*S.l.*]: Fórum Intersetorial de Condições Crônicas Não Transmissíveis, 2025. Disponível em: https://www.forumdcnts.org/post/linguagem-importa-2-edicao. Acesso em: 27 ago. 2025.

CARREIRA, Maria Luísa Carvalho. *A comunicação da doença oncológica*: uma análise crítica das suas representações no discurso de três médicos da especialidade. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.

FUNNELL, Martha Mitchell *et al*. Empowerment: An Idea Whose Time Has Come in Diabetes Education. *The Diabetes Educator*, v. 17, n. 1, p. 37-41, 1991.

FUNNELL, Martha Mitchell; ANDERSON, Robert M. Empowerment and Self-Management of Diabetes. *Clinical Diabetes*, v. 22, n. 3, p. 123-127, 2004. Disponível em: https://clinical.diabetesjournals.org/content/22/3/123.Acesso em: 22 ago. 2025.

GOUVEIA, Carlos Alberto Marques; SANTOS, Joana Vieira. Texto e Contexto: Que relações? *In*: SILVA, Paulo Nunes da *et al*. *Teorias discursivas em diálogo*: Perspetivas e análises. Coimbra: Grácio Editor, 2022. p. 1-140. Disponível em: https://sites.ipleiria.pt/pge/files/2022/12/Teorias-discursivas-em-dialogo_ebook-2.pdf. Acesso em: 22 ago. 2025.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Language as Social Semiotic*: The Social Interpretation of Language and Meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Language of Science*. London: Continuum, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *On Grammar*. London: Continuum, 2002.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2014.

HYDÉN, Lars-Christer. Illness and Narrative. *Sociology of Health & Illness*, v. 19, n. 1, p. 48-69, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. *Direitos sociais da pessoa com câncer*: orientações aos usuários. 5. ed. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/17395. Acesso em: 07 set. 2026.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. *Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, p. 3-51, 1967.

LEMKE, Jay. *Typology, topology, topography*: Genre Semantics. Brooklyn: Brooklyn College School of Education, City University of New York, 1999. 21 p. Manuscrito não publicado.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. *Genre Relations*: Mapping Culture. Toronto: University of Toronto Press, 2008.

MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. Applying Systemic Functional Linguistics in Healthcare Contexts. *Text & Talk*, v. 33, n. 4-5, p. 437-467, 2013.

MATTHIESSEN, Christian; LAM, Marvin; TERUYA, Kazuhiro. *Key Terms in Systemic Functional Linguistics*. London: Bloomsbury Publishing, 2010.

OLIVEIRA, Francieli Silvéria. *O discurso do autocuidado em saúde*: uma descrição de gêneros na covariação experto-leigo. 2022. 223 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PAGANO, Adriana Silvina; FERREGUETTI, Kícila; RODRIGUES, Júlia. Variáveis contextuais na produção de significado: a tradução de instrumentos de mensuração para uso nos serviços de Saúde. *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, p. 420, 2016.

ROSE, David. *Reading to Learn*: Accelerating Learning and Closing the Gap. Sydney: Reading to Learn, 2019.

TORRES, Heloísa de Carvalho; REIS, Ilka Afonso; PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Empoderamento do pesquisador nas Ciências da Saúde.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015.

v. 34, n. 2, p. 223–245, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.223–245
Submetido em: 26/11/2025 · Aprovado em: 31/07/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# "Café com Teu Pai" e a autoajuda digital para mulheres: uma análise argumentativo-discursiva

## *"Coffee with Your Father" and Digital Self-Help for Women: An Argumentative-Discursive Analysis*

**Allana Mátar de Figueiredo**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte |MG | BR
allana.matar@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-3997-3526

**Ana Alzira Maia Machado Cavalcante**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
anaalziramaiamc@gmail.com
https://orcid.org/0009-0002-8712-2256

**Maria Eduarda Machado Parente**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
mariaeduarda.m.parente@gmail.com
https://orcid.org/0009-0008-9149-3942

**Resumo:** A influência digital é, hoje, uma forma de trabalho. Existem influenciadores voltados para várias áreas, como o aconselhamento pessoal. Nesse contexto, o quadro *Café com Teu Pai* tem como proposta ajudar mulheres a entenderem os homens e prescrever a elas comportamentos supostamente adequados. A partir disso, enxergamos a importância de pensar sobre a reinvenção do discurso patriarcal nas redes sociais, tendo em vista a contemporaneidade dessas manifestações linguageiras e seus efeitos nos imaginários sobre o feminino. A abordagem metodológica deste artigo é qualitativa e descritivo-interpretativista, a partir da seleção e análise linguístico-discursiva das transcrições de dois *reels* publicados no Instagram. Partimos, então, da pergunta: como se constrói, linguístico-discursivamente, nesses vídeos, o projeto de persuasão do público? Definimos como objetivo investigar as estratégias argumentativas mobilizadas pelo influenciador para atingir seu auditório e possibilitar a sua influência no universo digital. Para isso, explicitamos as imagens projetadas de si e das mulheres, além das emoções mobilizadas. Nessa empreitada, valemo-nos centralmente da Análise Argumentativa do Discurso de Ruth Amossy (2020), além dos trabalhos de Plantin (2010), Lima (2022), Bourdieu (1999) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014); e estudos sobre o gênero autoajuda e sobre tecnodiscursos e influência digital. Percebemos que, nos vídeos, há uma oposição de imagens de mulher, ancoradas em estereótipos de gênero, que serviriam de modelo e de antimodelo. A estrutura apresentada possibilita a percepção de uma

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

reformulação e repaginação dos formatos estéticos da doxa patriarcal, respeitando características previstas para tecnodiscursos e para circulação em redes sociais.

**Palavras-chave:** argumentação no discurso; imagens; emoções; feminino; autoajuda; tecnodiscursos.

**Abstract:** Nowadays, digital influence is an occupation. Consequently, there are influencers in various areas, including counseling. In this context, the internet segment *Café com Teu Pai* proposes to help women understand men and to prescribe supposedly appropriate behaviors for them. From this, we consider important analysing the reinvention of the patriarchal discourse on social media, considering the contemporaneity of these linguistic manifestations and their effects on the imaginary surrounding the feminine. The methodology is qualitative and descriptive-interpretative, based on the selection and linguistic-discursive analysis of the transcriptions of two *reels* published on Instagram. The research question is: how is the persuasion project for his audience linguistically and discursively constructed? And the objective is to investigate the argumentative strategies mobilized by the influencer to reach his audience and ensure his influence in the platform. For that, it is important to demonstrate the images of women projected by the enunciator and the image projected of himself, in addition to identifying the emotions mobilized in his speech. In this endeavor, we take the contributions of Ruth Amossy's Argumentative Analysis of Discourse (2020), combined with Plantin (2010), Lima (2022), Bourdieu (1999) and Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014); and works on the self-help genre, technodiscourses and digital influence. As a result, we observed an opposition of women's images, anchored in gender stereotypes, which serve as model and anti-model. The structure presented enables the perception of a reformulation and rebranding of the aesthetic formats of the patriarchal *doxa*, respecting characteristics expected for technodiscourses.

**Keywords:** argumentation in discourse; images; emotions; feminine; self-help; technodiscourses.

# 1 Introdução

As redes sociais são, atualmente, algumas das principais formas de difusão de conteúdo e de conhecimento. Inseridas no amplo espaço virtual da *internet*, projetado, originalmente, como uma "tecnologia de comunicação livre" (Castells, 2003, p. 10), essas redes possibilitam uma conexão entre usuários que não se conhecem, mas que podem guardar interesses em comum. Para Castells (2003, p. 10), o aspecto livre relacionado à internet não corresponde a uma liberdade proclamada para cada indivíduo, mas à existência de um espaço maleável de acordo com a prática social que aquela ferramenta acomoda. Sendo assim, a *internet*, as redes e suas formas de interação são variáveis, passando por modificações constantes.

Nos últimos anos, nas redes sociais, tornou-se lucrativo e de ampla visibilidade o trabalho de influência digital. O termo *blogueiros*, que evoluiu para *vloggers*, passando por *formadores de opinião* e, por último, chegando a influenciadores (Karhawi, 2017, p. 49-54), não dá nome aos usuários comuns das redes sociais, mas àqueles que se colocam como porta-vozes de conteúdos ou opiniões, fazendo parte de nichos específicos, com altos números de visualizações e uma grande quantidade de seguidores.

Existem, então, influenciadores especializados em várias áreas do interesse humano, entre elas, o aconselhamento pessoal. Anteriormente mais presente nos livros de autoajuda, tal modalidade assumiu novas formas, adaptando-se ao espaço acelerado das redes sociais e manifestando-se em vídeos curtos e altamente roteirizados. É esse o caso do influenciador Breno Faria, conhecido no Instagram pelo seu quadro *Café com Teu Pai*. Nos vídeos desse quadro, o influenciador, que se dirige ao público feminino e heterossexual, descreve situações amorosas e dá conselhos sobre homens às mulheres que o seguem, sempre recorrendo à ideia de que o comportamento masculino é natural e uniforme e questionando, de forma explícita, que tipo de mulher suas seguidoras querem ser, caso desejem estar em um relacionamento estável e duradouro.

Nesse contexto, enxergamos a importância de pensar em como o discurso patriarcal assume novas configurações nas redes sociais, utilizando adaptações linguístico-discursivas e de suporte. Verificamos, a princípio, certa carência de pesquisas científicas que unam a abordagem do discurso de autoajuda direcionado às mulheres e a linguagem digital, o que traz relevância a esta proposta de investigação, tendo em vista a contemporaneidade dessas manifestações linguageiras e seus impactos na construção e no reforço de imaginários sobre o feminino.

Pensando nisso, neste trabalho, investigaremos as estratégias argumentativas mobilizadas por Breno Faria para atingir seu auditório projetado e garantir a sua influência no universo digital. Para atingir esse propósito, buscamos explicitar quais são as imagens de mulher projetadas pelo enunciador, bem como a imagem que ele projeta de si, além de identificar as emoções mobilizadas em seu projeto argumentativo e como este se constrói entre o discurso de autoajuda e o discurso digital. Nessa empreitada, procuraremos vincular índices linguístico-argumentativos, oriundos da materialidade da transcrição verbal, a conhecimentos interdiscursivos, referentes à doxa sobre o feminino e o masculino, que podem ser percebidos no *corpus* do trabalho.

Metodologicamente, apresentaremos a transcrição de dois vídeos de *reels* do perfil do Instagram do já citado influenciador, da série *Café com Teu Pai*. Adiante, detalharemos os critérios de seleção dessas peças, bem como a maneira como essa transcrição foi feita. Nosso foco será

somente nos elementos verbais[1] do *corpus* escolhido, por entendermos que é na dimensão das *palavras* usadas nesses vídeos que está o material de análise mais relevante para o alcance de nosso objetivo de investigação na seara da Análise do Discurso (doravante AD), área de estudo a que nos filiamos centralmente. A esse respeito, é importante que resgatemos aqui, ainda que brevemente, um famoso conceito de Helena Nagamine Brandão (2017) sobre a perspectiva de trabalho desse vasto campo dos estudos da Linguagem e das Ciências Humanas:

> [...] a AD, definida inicialmente como "o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado", não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é, a analisar só a parte gramatical da língua (a palavra, a frase), mas leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que cercam a produção de um discurso e nele se refletem; o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade (Brandão, 2017, p. 6).

Acreditamos, portanto, que a Análise do Discurso, por conferir especial atenção ao impacto das condições de produção nos textos produzidos em sociedade — entendendo-os como manifestações de fenômenos socioculturais complexos, e não como simples ferramentas comunicativas, compostas por índices linguísticos isolados —, é a área de pesquisa mais adequada para que investiguemos de forma detida o que sustenta uma ocorrência tecnodiscursiva viral e tão polêmica como a dos vídeos do *Café com Teu Pai*.

Quanto aos objetivos de nosso trabalho, podemos situá-lo, de acordo com Triviños (1987, p. 110), como uma pesquisa de cunho descritivo-explicativa, ou descritivo-interpretativista. Para Triviños (1987, p. 110), algumas das pesquisas descritivas, como a que estamos desenvolvendo, recebem o nome de "estudos de caso" por permitirem o aprofundamento da descrição em determinada realidade — em nosso caso, *grosso modo*, o tecnodiscurso de autoajuda amorosa feminina que circula em vídeos curtos das redes sociais de Breno Faria. Sendo assim, fica evidente que nossa pesquisa define-se, quanto à sua natureza, como um estudo qualitativo, pois este "trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto" (Oliveira, 2011, p. 24). Em tal percurso qualitativo, selecionaremos e analisaremos, em ambos os vídeos, os índices linguísticos relevantes, como elementos argumentativos, para a investigação das imagens e das emoções acerca do feminino e do masculino.

Neste artigo, valeremo-nos centralmente das contribuições da Análise Argumentativa do Discurso, de Ruth Amossy (2020), além de seus estudos sobre *éthos* e projeção de imagens (2016) e também sobre estereótipos (2022). Pensando que as emoções são um componente-chave dos discursos de autoajuda, contaremos paralelamente com os trabalhos de Plantin (2010, 2011) e Lima (2006, 2022) sobre emoções argumentadas. Centralizando, ainda, esse estudo na autoajuda voltada para mulheres, traremos a visão de Bourdieu (1999) sobre divisão sexualizante do mundo. Outros trabalhos relevantes são os que investigam o discurso de autoajuda, como os de Rüdiger (1996), Figueiredo (2014), Brunelli (2018) e Leite (2019), e o discurso digital e sua força de influência, como os de Paveau (2022) e de Karhawi (2017).

[1] Reconhecemos que a escolha por não analisar os elementos multimodais dos dois vídeos configura, de certa forma, uma limitação deste trabalho, tendo em vista que cortes de cena, enquadramentos, expressões faciais, tom de voz e ritmo da edição, por exemplo, permanecem fora do escopo analítico, apesar de serem elementos centrais ao gênero *reels* como manifestação de um tecnodiscurso. No entanto, tal escolha faz-se necessária para que a análise se centre de forma mais cuidadosa nos índices verbais da argumentação, que conduzem ao foco do nosso problema de pesquisa e aos objetivos visados.

## 2 A autoajuda amorosa direcionada a mulheres: a *self-help woman*

Ao fazer uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema da autoajuda sob a ótica da Sociologia, Leite (2019, p. 918) aponta que é de praxe se considerar a obra *Self-Help*, de 1859, do escocês Samuel Smiles, como a precursora desse complexo fenômeno. Em *Self-Help*, Smiles "buscava ensinar à classe operária como adaptar-se ao mundo organizacional em formação daquela época e com isso alcançar o sucesso individual" (Leite, 2019, p. 918), objetivo que já sinaliza um conhecido traço do discurso hegemônico de autoajuda: a ideia de que está nas mãos do indivíduo, por meio de dedicação, conhecimento e autoaprimoramento, obter resultados positivos em variados campos da sua própria vida. Ou, conforme apontam Magro e Martelli (2006, p. 272 *apud* Leite, 2019, p. 926), nessa ótica, o homem passa a ser concebido como um ser que, além de ter desejos, tem deveres — e dos mais diversos: da profissão ao casamento; do corpo à mente; da família aos amigos, precisa cumprir metas —, e que o sucesso quantificável em cada âmbito depende, diretamente, do esforço e da disciplina que ele investe em si mesmo, o que nos leva à conhecida verve meritocrática e neoliberal associada à autoajuda nas últimas décadas.

Rüdiger (1996), a esse respeito, desenvolve a ideia de que a popularização da literatura de autoajuda, ocorrida sobretudo a partir dos estadunidenses no século XX, expandiu, portanto, o famoso conceito de *self-made man* para a ideia de *self-help man*, ampliando o alcance desse tipo de discurso para além do universo material e chegando a uma esfera de aprimoramento moral — movimento que, de certa forma, aproximaria a autoajuda do papel norteador das religiões. Ainda, para o mesmo autor, a autoajuda, bem como outras práticas terapêuticas, desponta como "salvação" para as angústias da contemporaneidade individualista, sendo uma das intermediações por meio das quais os indivíduos gerenciam, de forma atomizada, seus recursos subjetivos frente a esses dilemas (Rüdiger, 1996, p. 14).

Visando à efetividade na consecução dos objetivos propostos neste artigo, não poderemos nos deter nas nuances e no histórico do amplo fenômeno da autoajuda, mas é importante que nos direcionemos, ainda que de forma breve, à autoajuda direcionada a mulheres, mais especificamente àquela localizada no campo afetivo-relacional, o qual julgamos ser o recorte em que se insere nosso *corpus*. Hochschild (1989, p. 258 *apud* Leite, 2019, p. 924), alinhando-se às colocações de Rüdiger (1996), já asseverava que a autoajuda se mostra como um intermediário cultural que se propõe a auxiliar as mulheres a equilibrar as contradições de seus papéis contemporâneos, "uma vez que as mulheres precisam conviver com padrões tradicionais (mãe, esposa e dona de casa) e modernos (independência, autonomia e trabalho)". Não é à toa que tantos discursos de autoajuda direcionados às mulheres propõem-se a, por exemplo, ajudarem-nas a ter um relacionamento/casamento de sucesso sem que tenham que abrir mão de suas conquistas profissionais ou, em última instância, sem que deixem as pautas do feminismo liberal de lado ou "assustem" os homens — o enunciador de *Café com Teu Pai*, como pretendemos mostrar, lidará com tais contradições em seu discurso argumentativo de aconselhamento.

Conforme já sinalizamos em nossas considerações iniciais, é possível detectar, preliminarmente, certa escassez de pesquisas científicas que tratam da análise de discursos de autoajuda/aconselhamento afetivo-sexual direcionado às mulheres *especificamente no universo digital das redes sociais*, apesar da profusão contemporânea dessas manifestações linguageiras por meio da voz de influenciadores diversos. De certa maneira, tecemos a hipótese de que essa escassez se explica devido ao caráter relativamente recente desse novo formato do gênero autoajuda, repaginado em vídeos bastante rápidos, editados e, por vezes, humorísticos,

bem-adaptados ao estilo do TikTok e dos *reels*, popularizados no Brasil sobretudo pós-pandemia. No período pré-pandêmico, no entanto, há diversos registros de trabalhos sobre o gênero "autoajuda" direcionada às mulheres no âmbito dos estudos discursivos, desta vez contemplando a manifestação mais conhecida desse nicho: os *best-sellers* publicados por diversas editoras — sobretudo entre os anos 2010 e 2019, período de *boom* de vendas de tais obras no Brasil — tematizando a seara das dicas amorosas/relacionais para mulheres heterossexuais.

Resgatemos, então, alguns olhares sobre como pode se dar a autoajuda feminina nas publicações físicas. Figueiredo (2014), primeiramente, propôs-se a investigar dois *best-sellers* do gênero autoajuda, ambos publicados pelo mercado editorial brasileiro em 2010, direcionados a mulheres que estão à procura de parceiros para um relacionamento duradouro: *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas? Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés* (Argov, 2010 *apud* Figueiredo, 2014) e *Comporte-se como uma dama, pense como um homem: o que eles realmente pensam sobre amor, intimidade e compromisso* (Harvey; Millner, 2010 *apud* Figueiredo, 2014).

Em seu percurso analítico, que passa por uma abordagem neorretórica de construção de imagens e do uso das emoções como índices argumentativos (bem como pela Psicologia Social, pela Sociologia e pela Filosofia), a autora procurou mostrar como as duas obras editoriais — assim como seria de praxe no subgênero autoajuda feminina — sustentavam uma histórica dicotomia homens racionais *versus* mulheres passionais. Apesar da roupagem de pretenso empoderamento feminino que tais obras queriam vender, elas estariam, na verdade, efetuando um reforço a estereótipos patriarcalistas de submissão, como aqueles da mulher frágil, submissa e descontrolada. Mais à frente, em nossa análise, pretendemos mostrar como os dois *reels* de Breno Faria, de certa forma, dialogam com as obras analisadas por Figueiredo (2014), já que se vendem, pretensamente, como parte de um discurso moderno, não machista, de ajuda e valorização à mulher, mas acabam por sustentar posições conservadores e até reacionárias sobre o papel do feminino frente ao homem nas relações conjugais.

De forma semelhante, Brunelli (2018, p. 7-8), por meio de um entrecruzamento da noção de *éthos* da Análise do Discurso francesa e de contribuições diversas da Psicologia Social, ao proceder também à análise de um *best seller* de autoajuda voltado às mulheres, ressalta que há um tom didático, "professoral" marcante nessas obras, necessário, supostamente, para ajudá-las a governarem suas emoções exacerbadas e a buscarem uma abordagem mais racional da realidade, que poderia aproximá-las de um perfil de maior inteligência. Essa construção discursiva condescendente colabora, segundo a autora, "para a manutenção do sistema de desigualdades entre os gêneros, mesmo que se destine a auxiliar as mulheres a superarem as suas supostas deficiências" (Brunelli, 2018, p. 14). Sendo assim, a abordagem benevolente desses discursos de autoajuda feminina seria claramente sexista, pois, "mesmo quando não há adesão ao estereótipo, seu suporte ao *status quo* ainda funciona, pois quanto mais um estereótipo é difundido, mais culturalmente acessível ele se torna" (Brunelli, 2018, p. 15).

Silva (2015), por sua vez, por meio de um percurso construído a partir de contribuições da Análise do Discurso, da Retórica, da História e da Teologia, propõe-se a analisar uma obra de autoajuda feminina inserida no universo religioso neopentecostal, a qual também se vende como "atualizada aos novos tempos", mas reforça imaginários conservadores e machistas sobre a mulher que seria efetivamente "valorosa". Segundo a autora, essa estratégia da autoajuda feminina religiosa seria "possivelmente uma tentativa de manter as mulheres sob controle a partir de um pretenso discurso moderno que na verdade frustra qualquer expectativa criada a esse respeito" (Silva, 2015, p. 183).

O que interliga, portanto, os trabalhos de Figueiredo (2014), Brunelli (2018) e Silva (2015) ao *corpus* que será analisado em nosso artigo, parece-nos, em linhas gerais, dizer respeito à manutenção de imaginários estereotipados sobre o gênero feminino, inscritos na doxa patriarcal, revestidos por um ar de "modernidade empoderadora" e uma postura de suposta generosidade professoral/aconselhadora a esse público. Assim, seja nos livros – em sua roupagem tradicional —, seja na tela — em sua roupagem digital —, a autoajuda de aconselhamento amoroso destinada a mulheres parece repetir, repetir e não elaborar manifestações machistas inscritas na doxa.

## 3 Tecnodiscursos, *reels* do Instagram e influência digital

Considerando, neste momento, o aspecto digital de nosso *corpus* de análise, é pertinente contextualizar a influência que o ambiente digital possui nos gêneros do discurso e, consequentemente, nas formas de comunicar. Bakhtin (2016, p. 11-12) denomina como gêneros do discurso os tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais possuem algumas características básicas, como conteúdo temático, estrutura composicional e estilo definidos. Segundo o autor, a existência de múltiplos gêneros do discurso tem relação com as possibilidades ilimitadas da atividade humana, pois os gêneros surgem a partir de necessidades comunicativas.

Marcuschi (2007), em seu texto "Gêneros textuais: definição e funcionalidade", segue uma direção parecida. O autor explica que, desde a difusão da escrita, o número de gêneros existentes aumentou substancialmente, o que é consequência das necessidades de comunicação. As novas tecnologias, por propiciarem novas formas de comunicação, também são fatores importantes para o surgimento de novos gêneros, que, muitas vezes, conservam características de gêneros anteriores, como é o caso do campo da autoajuda digital.

Nesse contexto, Marie-Anne Paveau (2022) propõe que, no espaço da *internet*, os gêneros sejam denominados *tecnogêneros*. Os tecnogêneros são, segundo Paveau (2022, p. 39), dotados de uma dimensão compósita que mistura o aspecto linguageiro ao tecnológico, uma *coconstrução*, nas palavras da autora, possuindo, assim, funcionamento e propriedades específicas. Os tecnogêneros prescritos, mais especificamente, são aqueles que não existem fora do ambiente digital, mesmo se tiverem herdado suas características de um gênero *offline* anterior (Paveau, 2022, p. 336), como é o caso do *reels*. O *reels* é apenas um exemplo de uma gama de tecnogêneros no formato de vídeo; outros exemplos são os *shorts*, do YouTube, e os vídeos do TikTok.

Embora Paveau (2022) não fale especificamente do gênero *reels*, é possível encontrar uma definição em outros trabalhos que trazem análises desse gênero, como a tese de Silva (2024, p. 126), que mostra que o *reels* já existia no Instagram desde 2019, quando era chamado de *Cenas*, tendo surgido como um concorrente aos vídeos da rede social TikTok. A autora destaca que, além do aspecto de produção de vídeos curtos e envolventes, há uma variedade de possibilidades temáticas.

> Cada perfil se direciona a um determinado nicho e tende a apresentar vídeos que respondam às necessidades de seu público. Por exemplo, perfis de culinária tendem a apresentar receitas, perfis de moda tendem a apresentar dicas de combinação de peças e tendências e perfis de ensino de língua apresentam vocabulários, curiosidades, dicas de pronúncia e quaisquer outras questões relacionadas ao uso da língua alvo (Silva, 2024, p. 127).

Sobre as características composicionais dos *reels*, Silva (2024, p. 130) menciona uma organização visual e narrativa, podendo envolver músicas, legendas, transições e outros recursos, além de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão, divisão que estrutura boa parte das produções textuais em geral. Dentre os elementos mencionados, um dos mais importantes é uma boa introdução, que pode ser como uma frase que gere mistério ou curiosidade, o que tem relação com a dinamicidade das redes sociais e com a necessidade de prender a atenção do público. Nos dois vídeos do *Café com Teu Pai* que analisaremos em seguida, esse "gancho" de abertura faz parte do esqueleto dos *reels* do influenciador.

Silva (2024, p. 47) também destaca a importância do seguidor na produção desse tipo de conteúdo digital, pois ele, além de escolher o conteúdo mais condizente com o seu perfil, responde com várias formas de interação, como *like*, compartilhamento e comentário. No ambiente das redes sociais, em que visualizações e interações são como uma moeda de troca, a adequação do conteúdo a um público esperado, isto é, a um auditório, faz muita diferença.

Também é relevante o papel do influenciador digital, profissão que tem suas bases no espaço virtual, nessa dinâmica. O influenciador é aquele que, por variadas razões, é visto pelo seu público como alguém que deve ser, usando uma palavra das redes sociais, *seguido*. Karhawi (2017) defende, a partir da noção de *capital social*, de Bourdieu (1997 *apud* Karhawi, 2017, p. 55), que o prestígio que um influenciador possui está diretamente relacionado ao tamanho do grupo que consegue mobilizar, contado pela quantidade de seguidores que o perfil possui. A título de exemplificação, o influenciador de *Café com Teu Pai* tem, atualmente, cerca de um milhão de seguidores, número exibido na página inicial de seu perfil, sendo esta a extensão do grupo que pode alcançar. Esse número, ao mesmo tempo, é considerado por outros usuários como um fator importante na decisão de segui-lo ou não.

Partindo dessa discussão, a autora se apoia nos estudos de Patrick Charaudeau (2012 *apud* Karhawi, 2017) para explicar o crédito, isto é, a credibilidade ou "o poder de informar" (Karhawi, 2017, p. 58) que um influenciador precisa ter para ser considerado como tal. Karhawi (2017) usa a ideia de *contrato de comunicação*, como definido por Charaudeau (2012, p. 52 *apud* Karhawi, 2017, p. 57), para definir elementos que são importantes para determinar o crédito dado a uma informação, ou, nesse caso, a um conteúdo publicado em rede social: a posição social de quem informa, o papel que desempenha na troca, se é representativo do grupo ao qual faz parte e, por fim, o grau de engajamento que possui com a informação a ser repassada. Nesse sentido, a *influência*, no contexto digital, não é algo simples, mas marcado pelas relações estabelecidas entre o influenciador e o seu grupo de seguidores, a partir do conteúdo compartilhado no perfil.

No campo da influência digital, Karhawi (2017, p. 58) mostra que esses elementos explicam também os diferentes nichos de entretenimento existentes: o influenciador que fala de livros ou de artesanato, por exemplo, não é o mesmo que fala de aconselhamento amoroso, isso porque os grupos mobilizados por eles não são os mesmos, porque são formados a partir do próprio conteúdo compartilhado e do crédito que se dá a ele. É válido, então, considerar que *Café com Teu Pai* se inscreve em um nicho específico e, para manter seu público interessado e sua influência, constrói seu conteúdo de acordo com isso.

## 4 Breno Faria e o *Café com Teu Pai*

No dia 10 de fevereiro de 2025, Breno Faria, um policial rodoviário federal concursado, formado em Engenharia Civil, postou, em seu perfil do Instagram (@obrenocop, mesmo nome de seu

perfil no TikTok), o primeiro *reel* da série nomeada *Café com Teu Pai*. Com cerca de um milhão de seguidores no Instagram e 814,9 mil seguidores no TikTok em outubro de 2025, é perceptível que Breno Faria viralizou rapidamente, ficando bastante conhecido em ambas as redes sociais por seus vídeos curtos e debochados sobre aconselhamento amoroso direcionados a mulheres heterossexuais, em uma lógica de autoajuda feminina digital por meio da polêmica.

Em entrevista concedida ao podcast *Fala, Guerreiro! Cast* em agosto de 2025, Breno Faria relata que, antes de iniciar a produção de conteúdo para a série *Café com Teu Pai*, ele já fazia vídeos sobre temas diversos, como rotina de estudos para concursos, devido à sua inquietação pessoal, à facilidade de comunicação que possui e ao incentivo de amigos para que enveredasse por esse campo. Ele também relata ter participado, nos bastidores, de projetos grandes de criação de conteúdo com psicólogos e psiquiatras, o que o fez estudar sobre essas áreas do saber por conta própria. Certo dia, ao conversar com sua noiva sobre problemas de relacionamento de uma amiga em comum (que repetia um padrão de vínculos breves com homens que a magoavam e sumiam), Breno os associou a dificuldades que essa amiga teria em seu vínculo com o próprio pai, que era um homem ausente. O influenciador, então, foi encorajado por sua namorada a fazer um vídeo sobre esse assunto. Veio, neste momento, a ideia do quadro *Café com Teu Pai*, que seria, nas palavras dele, um conteúdo sobre "conselhos que um pai devia ter dado para uma filha".

Breno, nesse início, relata ter pegado a capa do famoso livro/podcast evangélico *Café com Deus Pai* — do qual tirou a referência do nome, o uso da xícara de café e o tom de aconselhamento motivacional — e a modificado digitalmente, trocando letras, inserindo um "cigarrinho para ficar engraçado" (fazendo, possivelmente, alusão à piada do pai que saiu para comprar cigarro e não voltou) e um som de anjos ao fundo. Neste ponto, é importante observar que a escolha intertextual do nome do quadro já nos leva a algumas leituras importantes: 1) dialoga, ainda que de forma satírica, com o discurso *coach*/de autoajuda conservadora do universo neopentecostal; 2) alude, ainda que não intencionalmente, ao discurso psicanalítico freudiano, ao Complexo de Édipo, à representação do Pai como fonte de saber, de autoridade e ao seu papel central na castração parental — simbologia esta recontextualizada de forma patriarcal por Breno Faria, quando interpreta a situação amorosa da amiga de sua noiva e atrela a criação do podcast à ideia de conselhos que um pai deveria ter dado a uma filha para que ela se relacionasse de forma saudável e bem-sucedida.

Ao listar os primeiros vídeos que roteirizou e rapidamente viralizaram, o influenciador dá a entender que se baseou em tópicos de conversas que teve com seus amigos homens, além de seu próprio conhecimento de mundo. Breno, na entrevista, destaca que seus vídeos não são só engraçados, mas também *úteis* a muita gente, pois podem ajudar nos relacionamentos das seguidoras e realmente funcionariam, já que trabalham com ideias, por exemplo, da Psicologia Positiva, como a noção de reforço. Ao perceber que o padrão de "dualidade" ("Ou eu estou do lado A, ou do lado B") viralizava na *internet*, devido a seu caráter polêmico, assim como as frases provocativas do início dos vídeos, graças à expectativa de resposta que elas despertam nos espectadores, engajando-os nos *reels*, Breno começou a replicar aquele formato e a expandi-lo para o TikTok, buscando ampliar seus *views* entre um público mais jovem. Público este que o tornava mais e mais popular devido aos inúmeros vídeos de *reacts* de pessoas que o defendiam ou criticavam.

Hoje, Breno Faria também comercializa produtos digitais a partir de sua *bio* do Instagram, como cursos e videoaulas a mulheres, anunciados com descrições como a seguinte, contida em seu *website*:

> O que os homens nunca dizem! Entenda como os homens sentem, amam e se relacionam de verdade. [...] Minha filha, eu sei que aconteceu de novo. Tu já

> percebeu que 2025 tá acabando e tua vida amorosa continua do mesmo jeito, né? [...] Eu vou te mostrar como encerrar de vez essa fase e começar uma nova — com clareza, paz e direção. Vai ser o momento de colocar ponto final nos seus erros e começar 2026 como uma mulher que sabe o que quer. [...] Criei uma série de aulas para mostrar o lado dos relacionamentos que ninguém te contou: o lado masculino. Cru. Real. Sem filtro. Essa é a conversa que eu teria com minha irmã ou minha filha. E por isso, ela pode mudar tudo pra você. [...] (obrenocop.com, 2025).

Finalmente, os dois vídeos de Breno Faria escolhidos como *corpus* para este trabalho, apresentados nos dois quadros abaixo, foram selecionados por: terem sido publicados na mesma semana (no mês de agosto de 2025); possuírem mesmo cenário e duração (64 segundos); não constituírem peças de publicidade digital; e terem, até o momento de fechamento deste artigo, em outubro de 2025, um número superior de visualizações frente à média de outros vídeos do perfil. Como já dissemos anteriormente, deteremo-nos centralmente no conteúdo verbal dos dois *reels*, e não em aspectos multissemióticos deles, por questões de enfoque teórico e analítico. Mais à frente, na seção 4 deste artigo, esse *corpus* será analisado a partir do arcabouço teórico da Análise Argumentativa do Discurso apresentado na próxima seção, a de número 3.

Quadro 1 – *Reel* "Mulher só pra comer X Mulher pra assumir"

| |
|---|
| Duração do vídeo: 64 segundos |
| Postado em: 13 de agosto de 2025 |
| Número de visualizações em 27 de outubro de 2025: 2,1 milhões |
| Descrição abaixo do vídeo: Mulher só pra comer X Mulher pra assumir. #cafecomdeuspai2 #cafecomteupai #relacionamentos #amulherqueeleassume |
| Transcrição do áudio:<br>O homem separa sim a mulher que é só pra comer da mulher que é pra namorar. E se você fica puta com isso é porque você sabe que é classificada como só pra comer. Entender essa dinâmica vai facilitar muito a sua vida. E esse é o Café com Teu Pai. *[Ouve-se a vinheta do quadro, uma sonorização angelical ao fundo, similar a um canto celestial em uma revelação/epifania.]* A verdade é que mulher bonita e gostosa atrai o homem sempre. Ponto. Só que o tipo de desejo que ela desperta nesse cara está na postura dela. Se você é vulgar, exibida, e suas redes sociais parecem uma vitrine de carnes, você só vai atrair desejo sexual. Vai ser um monte de cara querendo te comer. Só isso. Agora, mesmo que você seja uma gostosona, quando você sabe se portar, se veste bem e não tem aspecto vulgar, o cara olha pra você e pensa: *[falando com tom de voz grosso:]* 'Pô, essa aí eu passeava de mão dada no shopping.' *[Retornando ao tom de voz regular:]* Todo homem pode confirmar que já passou por essa experiência. A verdade é que o mistério seduz muito mais do que aquilo que tá à mostra pra todo mundo. Que elegância e exclusividade despertam desejo de conquista. Algo único, sabe? Olha só, comida gostosa, ninguém faz desfeita. Mas ir num restaurante Michelin tem outro significado. Entendeu, né? Resumindo, o homem sempre vai acabar olhando a mulher como um prêmio. Às vezes, para exibir como troféu de conquista. Resumo da ópera: *[falando com tom de voz caricato, como se gritasse:]* 'Peitão, rabão, gostosa pra caralho, comi dentro do carro, gastei um real, arrebentei, esculachei'. *[Retornando ao tom de voz regular:]* Esse vídeo é bom. Às vezes, pra ele construir uma vida do lado, alguém que ele se orgulha, não só por ela ser bonita, mas pela postura que ela tem. E é você que escolhe que tipo de mulher você quer ser. De nada. *[Com tom de voz fino e debochado:]* 'Vai lá ser quenga, maneirão'. |

Fonte: Elaboração própria.

[2] É interessante perceber que, ao inserir a *hashtag* "#cafecomdeuspai" na descrição de todos os seus vídeos, Breno Faria utiliza a estratégia de "puxar" views do público interessado no conteúdo gospel.

Quadro 2 – *Reel* "Engravidar do cara errado vai destruir sua vida"

| |
|---|
| Duração do vídeo: 64 segundos |
| Postado em: 15 de agosto de 2025 |
| Número de visualizações em 27 de outubro de 2025: 742 mil |
| Descrição abaixo do vídeo: Engravidar do cara errado vai destruir sua vida. #cafecomdeuspai #cafecomteupai #relacionamentos #ofimdaficada |
| Transcrição do áudio:<br>Engravidar do cara errado vai destruir a sua vida. Entender isso vai te poupar de muito problema. Esse é o Café com Teu Pai. *[Ouve-se a mesma vinheta, uma sonorização angelical ao fundo, similar a um canto celestial em uma revelação/epifania.]* A realidade é uma só. O homem que engravida uma mulher que ele não quer assumir pode simplesmente virar as costas e ir embora. E dificilmente ele terá alguma consequência disso na vida dele. No máximo uma pensão. A mulher não. A mulher que fica com um filho vai ter que lidar com todas as consequências. Perder sua juventude, perder oportunidades profissionais e o principal: vai ter muito mais dificuldade em começar um novo relacionamento e uma nova família. Não é justo, mas é o mundo como ele é. Um filho é sempre uma bênção. Mas ter um com a pessoa errada significa uma total mudança nas suas prioridades e no seu plano de vida. Todo mundo conhece alguém que engravida na hora errada e cagou a vida toda. Essa é uma das maiores cagadas que você pode fazer na sua vida simplesmente porque sentiu tesão. Você não deveria sequer cogitar a possibilidade de se relacionar sexualmente com alguém que você não casaria. Mais que isso: você não deveria abrir as pernas pra qualquer um só porque deu vontade. Vontade? Passa. Um filho? Não. De nada. *[Com uma voz fina e afetada:]* 'Ai, foi um acidente.' Tu dando por aí como se não houvesse amanhã e esperava ganhar o quê? Um abacaxi? *[Dirigindo-se ao cachorro que passa perto das pernas dele carregando algo com o focinho:]* Tu pegou de novo, cara, isso aí? *[Com uma voz infantilizada:]* Ô, menino bonito, meu Deus do céu! Cachorro doido! *[Com sua voz regular, novamente:]* Não, não pega não, vai lá, vai lá. |

Fonte: Elaboração própria.

## 5 Análise Argumentativa do Discurso (AAD) e as provas retóricas revistas

A Retórica é um campo de estudo antigo, utilizado pelos sofistas, criticado e renegado por Platão, e posteriormente, reestruturado por Aristóteles em bases que utilizamos ainda hoje. No século XIX, durante o auge da retomada dos estudos da Lógica e a ascensão do Positivismo, a Retórica foi novamente relegada ao esquecimento nos estudos ordinários, permanecendo assim até o final do século XX. Em 1990, com o surgimento de novos pesquisadores e novas perspectivas sobre as mesmas bases, a Retórica foi realocada no âmbito acadêmico, agora com interfaces diferenciadas na filosofia, na antropologia e nas linguagens.

O que nos interessa aqui é o seu contato com os estudos linguísticos, em particular com a Análise do Discurso de origem francesa. Essa área, utilizando seus princípios norteadores, tem expoentes que empregam as chamadas provas retóricas para aprofundar suas perspectivas, como Amossy e Plantin. Tais provas, ainda conforme a visão de Aristóteles, dizem respeito tanto ao enunciador quanto ao auditório, por serem recursos utilizados para incitar a emoção através do discurso.

É essa filiação retórica que nos leva a um retorno pontual à sua matriz. Como os estudos contemporâneos das emoções na argumentação — Plantin inclusive — bebem dessa fonte, entendemos que, para esta análise, cabe uma delimitação conceitual das que mais emergiram no *corpus* — sendo a cólera, o medo e a vergonha. Recapitularemos, assim, a partir do Livro II da Retórica (Aristóteles, 2011), essas três emoções, suas definições e os quadros situacionais

que desencadeiam tais estados emocionais para, na sequência, retornarmos ao instrumental de Plantin sobre como essas emoções são operadas discursivamente.

No que tange à argumentação, temos Amossy (2020), que, ao considerar o discurso como constitutivamente argumentativo, maneja noções clássicas da Retórica, como o *éthos* e o *páthos*, permitindo uma diferenciação no impacto pretendido ao público, podendo ou "procurar modificar a orientação e dos modos de ver e sentir" (Amossy, 2020, p. 7), em gêneros discursivos que não são prototipicamente argumentativos, ou esforçar-se para adesão a uma determinada tese, naqueles que o são. Para o primeiro caso, falamos de uma dimensão argumentativa e, no segundo, de uma visada argumentativa. Esta categoria última, por sua vez, será mais amplamente manejada em nossa empreitada por considerarmos que nosso *corpus*, como conteúdo de um influenciador digital e pelo próprio viés de aconselhamento, pretende a manipulação de comportamentos pela influência a uma determinada tese.

Considerando isso, relacionamo-nos também a Ferreira e Braighi (2024), que analisaram as construções discursivas de postagens de duas influenciadoras digitais inscritas nos nichos de conteúdo cotidiano e de maquiagem, respectivamente. Os autores mostram como as estratégias comunicativas utilizadas colaboram para a criação e a manutenção de uma autoridade das influenciadoras para com seus públicos, para que haja, de fato, uma influência. Eles explicam que, na dinâmica das redes, não é preciso vender um produto para influenciar, já que o acesso ao conteúdo publicado já gera uma relação de consumo (Ferreira; Braighi, 2024, p. 24). Nesse contexto, as estratégias argumentativas são fundamentais para mediar essa dinâmica e reforçam a categorização desse tipo de conteúdo como carregado de uma visada argumentativa (Amossy, 2020).

Como partiremos dessa compreensão da argumentatividade do *corpus*, torna-se necessário observar quais estratégias e meios linguísticos são mobilizados para a construção do sentido e para o alcance dos objetivos comunicativos do enunciador. Nesse quadro, o éthos adquire um papel central, sobretudo na diferenciação entre o *éthos* de si projetado pelo sujeito e as imagens que ele constrói das mulheres em seus enunciados. Essa distinção permite compreender não apenas o modo como o enunciador se apresenta discursivamente, mas também como ele constrói e legitima determinadas representações sociais. Para essa análise, utilizaremos das dimensões previstas por Lima (2006): a de *construção de imagens* e a *patêmica* (das emoções). Para a autora, ao reler o *éthos* como dimensão da construção de imagens, conseguimos estruturar melhor como se dá a construção da imagem (ou de imagens) do outro, indo além da projeção apenas do enunciador (Lima, 2006, p. 140-143). Esse recorte é importante para nossa busca em diferenciar como essa empreitada se efetiva nos vídeos selecionados do influenciador Breno Faria.

Para esse trabalho, a investigação acerca das emoções incitadas se dará pelas contribuições de Aristóteles (2011) e Plantin (2011). Retomamos, primeiro, a caracterização das emoções na fonte aristotélica, para, em seguida, mobilizarmos o instrumental de Plantin sobre o modo como elas operam no discurso. Nesse aspecto, recorremos ao Livro II da Retórica para caracterizar as três emoções mais evidentes em nosso *corpus*. A cólera, que, ao longo de nossa análise designaremos como revolta, é definida por Aristóteles a partir do prazer, uma vez que "um certo prazer acompanha a cólera, também porque a vingança povoa nossos pensamentos e as imagens evocadas produzem prazer" (Aristóteles, 2011, p. 124); na medida em que a projeção da cólera pode vir da insatisfação com comportamentos femininos atuais e o prazer da fantasia de ver realizadas suas projeções de um feminino ideal. O medo, por sua vez, é caracterizado como "uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso" (Aristóteles, 2011, p. 137), mal que, para

as mulheres projetadas no auditório, materializa-se no não interesse romântico masculino. Já a vergonha, tratada na chave do par pudor/despudor, define-se como "uma forma de aflição ou perturbação [...] capazes de nos desonrar" (Aristóteles, 2011, p. 146), interessando-nos sobretudo a ideia de que "diante dos desconhecidos coramos do que é vergonhoso do ponto de vista da lei" (Aristóteles, 2011, p. 146): em um mundo regido por parâmetros patriarcais e estereótipos, as "leis" que envergonham são as do imaginário social sobre o ideal de mulher, das quais o enunciador se vale para incitar o pudor, como trabalharemos adiante na análise.

Caracterizadas tais emoções, mobilizamos o instrumental de Plantin (2011), de que toda emoção provoca um certo desconforto, pela repercussão dos afetos no corpo físico, para o entendimento do seu funcionamento no discurso. Essa perspectiva nos permite um ensaio de análise que se aprofunda mais detidamente nas emoções como estratégia discursiva, principalmente considerando a configuração de uma visada argumentativa (Amossy, 2020) em nosso corpus. Para isso, ainda nos conceitos do autor, ressaltamos a ligação da relação da argumentação com as emoções, a chamada "emoção argumentada" (Plantin, 2010). Essa categoria coloca a emoção como um intensificador do posicionamento do enunciador, fortalecendo sua "reivindicação" com a audiência e a aderência, ou mesmo o convencimento, a suas projeções.

Para complementar essas categorias, também consideraremos a diferenciação entre as emoções autoatribuídas e as heteroatribuídas, de acordo com Plantin (2011). Para o autor, as duas categorias desempenham papel argumentativo na construção do discurso, mas importa saber se elas acontecem ou em um espaço de individualidade do orador, imprimindo em si mesmo determinada emoção, as autoatribuídas, ou em relação ao seu auditório, atribuindo a quem lhe escuta um determinado estado emocional — chamadas de heteroatribuídas. Para este trabalho, focalizaremos nas heteroatribuídas.

Em retorno aos estudos discursivos e localizando nosso trabalho na Análise Argumentativa do Discurso, consideraremos as abordagens indicadas por Amossy (2020, p. 41) para produzir uma investigação mais completa do *corpus*. São elas: genérica, textual, dialógica, linguageira, comunicacional e figural. A genérica se refere ao trabalho específico com o gênero do discurso no qual a argumentação se inscreve, sem desconsiderar sua relação com a sociedade em que é produzido; a textual indica o foco no texto, como todo de sentido, para a construção da análise; a dialógica discorre sobre a adaptação ao auditório para gerar adesão; a linguageira trata da construção da argumentação pela linguagem; a comunicacional leva em conta o aspecto interacional e contextual da argumentação; e, por último, a abordagem figural lida com o uso de figuras no discurso que podem, de alguma forma, impactar o auditório (Amossy, 2020; Lima, 2022).

## 6 *Éthos*, imagens e estereótipos do feminino

Anteriormente, apresentamos algumas noções sociais que explicam a credibilidade de um enunciador como influenciador digital; há, ainda, elementos do discurso que contribuem para isso, como a imagem do próprio enunciador. Em *Da noção retórica de éthos à análise do discurso*, Ruth Amossy (2016, p. 10) indica que a palavra *éthos*, na Antiguidade, designava a construção de uma imagem de si feita para que se tivesse sucesso no empreendimento oratório. A autora fala, a partir de Barthes (1970, p. 315 *apud* Amossy, 2016, p. 10), que essa imagem corresponde aos traços de caráter, sendo estes verdadeiros ou não, que o enunciador mostra ao seu auditório

para causar uma boa impressão. Sendo assim, por meio do discurso e sempre que toma a palavra, o locutor efetua uma apresentação de si, mesmo sem declarar suas qualidades e sem falar de si explicitamente (Amossy, 2016, p. 9). Como estratégia argumentativa, é possível também projetar imagens de outros, seja do auditório, com uma adaptação planejada visando à persuasão, seja de outros indivíduos, seja de grupos sociais inteiros, como as mulheres.

Nesse contexto, a utilização de estereótipos é comum. Amossy (2020, p. 107) indica que as representações sociais e o saber compartilhado são base para toda argumentação. Assim, o uso de estereótipos na argumentação, para a autora, pode fornecer um espaço comum para a interação, já que tem suas bases na doxa. Esse uso, porém, nem sempre tem efeito positivo, uma vez que este pode variar a depender do sistema de valores do auditório.

Amossy (2020, p. 130-131) define, ainda, que os estereótipos são imagens simplificadas e coletivas que podem ser herdadas culturalmente, podendo definir comportamentos e atitudes. Além disso, a autora destaca que eles podem aparecer de forma mais dispersa ou de forma mais agrupada, com dados discursivos implícitos e cheios de lacunas, já que não necessitam de uma representação literal e têm uma renovação discursiva constante. Com isso, a identificação de um estereótipo passa por um processo de decodificação, "que consiste em encontrar os atributos do grupo incriminado a partir de formulações variadas e associá-los a um modelo cultural preexistente" (Amossy, 2020, p. 131).

Nessa mesma direção, Lysardo-Dias (2006, p. 25) afirma que:

> Trata-se, na verdade, de interdiscursos que tendem a ser reproduzidos e se materializam em diferentes textualizações que interagem e dialogam entre si. À força de serem repetidas e retomadas, essas referências interdiscursivas e intertextuais vão se consolidando e se cristalizando como representações socialmente partilhadas, ou seja, como estereótipos (Lysardo-Dias, 2006, p. 25).

No contexto em questão, trataremos dos estereótipos de mulher e de como eles são usados no projeto argumentativo do enunciador. Em seu livro *Estereótipos e clichês*, Amossy e Pierrot (2022, p. 50) falam que os estereótipos de gênero "implicam [...] relações de poder e de dominação". As autoras partem de Détrez (2015, p. 79 *apud* Amossy; Pierrot, 2022, p. 50), que aproxima esse tipo de estereótipo aos estereótipos raciais, porque eles não constituem uma simplificação de uma situação, mas se baseiam apenas em construções fictícias e em crenças equivocadas, como as que defendem uma hierarquia sexual entre homens e mulheres.

A vinculação entre estereótipos, poder e dominação de gênero, é, de certa forma, tematizada pela famosa obra *A dominação masculina* (1999), do sociólogo Pierre Bourdieu. Ao tratar de construções socioculturais que sustentam a divisão de papéis popularmente atribuídos ao feminino e ao masculino, Bourdieu menciona a existência de um fenômeno de *des-historicização* dessa divisão, marcado pela tentativa constante de naturalização e de eternização de supostas diferenças, vistas como "essenciais", entre homens e mulheres, por instituições como Igreja, Família e Escola. Para Bourdieu (1999), nesse contexto, seria necessário que se devolvesse à doxa seu caráter paradoxal, arbitrário, o que poderia ser feito, por exemplo, por meio de ações políticas como as do Feminismo, que seriam capazes de desvelar tal movimento de *biologização do social*. Essa divisão sexualizante do mundo comporia a base do movimento de dominação masculina, forma de violência simbólica, pois, ao se dicotomizar radicalmente o que seria próprio de mulheres e homens na doxa, os traços "típicos" daquelas são colocados em posição usualmente inferior aos traços "típicos" destes.

> Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público) /dentro (privado) etc. [...]. A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável [...]. Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação (Bourdieu, 1999, p. 16-17).

Assim, características associadas ao feminino, como embaixo, atrás, esquerda, falso, curvo, mole, escuro, dentro, mostram-se frequentemente como a fração negativa desse sistema de oposições homólogas, o que acaba, por extensão, revelando-se nos papéis sociais e culturais a serem, por expectativa, desempenhados pelas mulheres. Algumas das oposições tradicionais (e, por que não, estereotipadas) apontadas por Bourdieu entre o feminino e o masculino, respectivamente — como errado/certo, doméstico/público, interior/exterior, discrição/expansividade, sensibilidade/razão, desespero/controle, carência/autonomia — são, ainda que indiretamente, percebidas nos discursos digitais de autoajuda de aconselhamento amoroso, que generalizam comportamentos femininos ditos "reprováveis" e incentivam uma aproximação do que é entendido como "tipicamente masculino", como procuraremos mostrar na análise do nosso *corpus*, a seguir.

Ainda será relevante para nosso percurso analítico das imagens femininas o par retórico *modelo* e *antimodelo*, bastante utilizado por Breno Faria em seus vídeos. De forma antitética, o enunciador, nos *reels* que contemplaremos, trata da mulher dita ideal, aquela que alcança o relacionamento almejado devido a seu comportamento ilibado, *versus* a mulher vista como inadequada, aquela que precisa assistir a seus vídeos em busca de direcionamento em sua feminilidade e sucesso no âmbito conjugal. A esse respeito, em seu *Tratado da argumentação: a nova retórica*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) retomam as bases aristotélicas e definem, no constructo retórico, a noção de modelo:

> Habitualmente, o modelo glorificado é proposto para a imitação de todos; [...] por vezes, é um padrão (*pattern*) a ser seguido em certas circunstâncias: comporte-se, nessa situação, como um bom pai de família, ame a seu próximo como a você mesmo, considere verdadeiras unicamente proposições concebidas tão clara e distintamente quanto a proposição "penso, logo existo". Um homem, um meio, uma época serão caracterizados pelos modelos que se propõem e pela maneira pela qual os concebem. [...] O modelo indica a conduta a seguir; serve também de caução a uma conduta adotada (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 414-415).

À noção positiva de padrão a ser imitado em determinado contexto, trazida pelo modelo, opõe-se, diametralmente, é claro, o antimodelo:

> À primeira vista, tudo o que dissemos do modelo pode ser aplicado, *mutatis mutandis*, ao antimodelo. [...] Por vezes ficaremos, no momento de uma deliberação, estimulados a escolher um comportamento porque é oposto ao do antimodelo; a repulsa chegará às vezes a provocar a mudança de uma atitude

> anteriormente adotada, pela única razão de que é igualmente a do antimodelo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 417-418).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) pontuam ainda que, no jogo retórico-argumentativo que se vale de modelos e antimodelos, é comum que os autores dos discursos sejam levados a "embelezar ou enegrecer a realidade, a criar heróis e monstros, totalmente bons ou totalmente maus [...], em figura exageradamente esquemática" (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 419-420). Tal simplificação da realidade, somada a um exagero em traços que devem ser, intencionalmente, louvados ou demonizados como recursos expressivos, também será destacada em nossa análise na seção adiante, nos *reels* de Breno Faria.

## 7 Analisando argumentativamente os *reels* selecionados do *Café com Teu Pai*

Escolhemos, para análise, dois *reels*, apresentados anteriormente nos quadros 1 e 2. Nesses textos, percebemos, inicialmente, a utilização de uma frase inicial de efeito que resume o conteúdo do vídeo e, ao mesmo tempo, é o "gancho" para prender o interesse do auditório — traço característico dos *reels*, como indicado por Silva (2024). É só depois disso que o enunciador apresenta o quadro *Café com Teu Pai*, cujo título vem associado a uma vinheta com som angelical, como o de uma revelação: seria ele o porta-voz do *insight* sobre as relações homem/mulher, da "sacada" que responderá a provocação inicial.

É também comum, em ambos os vídeos, a interlocução com o auditório, a partir da utilização do item lexical "você", que aproxima o enunciador do seu público. Em muitos momentos, são utilizadas também perguntas retóricas de função fática, como quando pergunta "Entendeu, né?". Mais do que uma simples interação, essas marcas revelam uma confirmação do que foi dito, sem espaço para discordâncias. A esse respeito, é importante perceber que o influenciador modaliza pouco em seu discurso, uma característica recorrente no discurso de autoajuda e no universo *coach*: construções taxativas e generalizantes ajudam a dar o tom de certeza, de discurso universal e natural, daquilo que *é porque é*, basta aceitar.

Breno Faria também segue, nesses vídeos, uma estrutura parecida, a começar pela duração dos vídeos, que é a mesma. Além disso, os dois vídeos possuem cortes recorrentes, às vezes segmentando frases em estruturas sintáticas curtas, aproveitando segundos, o que tem relação com a dinamicidade das redes sociais e com a necessidade de repassar o máximo de informação no mínimo de tempo. Outro elemento comum ao roteiro do *Café com Teu Pai* é a argumentação baseada na oposição de situações e de imagens, assumindo até o uso de figurações (atuando vozes para personagens diferentes) para confirmar e reforçar o seu ponto de vista, como mostraremos a seguir.

No *reel* apresentado no quadro 1, o enunciador opõe, repetidamente, duas imagens de mulher, as quais dão nome ao vídeo: "*Mulher só pra comer X Mulher pra assumir*". Essas duas imagens projetadas são ancoradas no olhar masculino, ainda que o enunciador afirme que é o comportamento da mulher que definirá o comportamento do homem sobre ela. A mulher "só para comer" é associada ao negativo, é aquela que se exibe, cujas redes sociais são como uma "vitrine de carnes" (note-se, aqui, a cadeia de imagens carnais, objetificantes, quase gráficas), a mulher a quem qualquer um tem acesso; a mulher "para assumir" está relacionada à ideia de exclusividade: é aquela a cujos "mistérios"

só seu homem terá acesso e, por isso, é a que ele escolherá para "passear no *shopping*" ou "construir uma vida do lado", sinônimos, nesse contexto, de relacionamento saudável e desejado.

Dado o contexto da autoajuda feminina, a mulher "para assumir" é o modelo de mulher almejado, a mudança que ela deve assumir para conquistar seus objetivos, enquanto a outra é um antimodelo, o que não se deve ser para ter sucesso em um relacionamento. Essas imagens são ancoradas em estereótipos sobre o masculino e o feminino, que, como mencionado anteriormente, são definidores de comportamentos (Amossy, 2020): a mulher deve agir de uma certa forma e se portar de uma certa forma na rede social para que o homem considere "assumi-la", isto é, não só ter um relacionamento amoroso, mas também ser visto publicamente com ela. Assim, a mulher que foge desse padrão, que não é escolhida pelos homens, está fadada a ser descartada por conta do seu próprio comportamento. A dualidade entre essas imagens e o uso recorrente de itens lexicais adverbiais de negação e afirmação, como no quadro 1, "O homem separa *sim* a mulher que é só pra comer da mulher que é pra namorar" e, no quadro 2, "dificilmente ele terá alguma consequência disso na vida dele. No máximo uma pensão. A mulher *não*. A mulher que fica com um filho vai ter que lidar com todas as consequências", fazem referência a esses estereótipos perceptíveis no interdiscurso, reforçando a oposição entre o feminino e o masculino linguisticamente.

Considerando isso, o homem, nesse antagonismo, é colocado na posição de decisão, de agência (inclusive nas estruturas verbais, como *sujeito agente*), aquele que tem poder sobre a interação amorosa. Seu comportamento nunca é avaliado, o olhar reprovador não se volta para ele. Ele é projetado como aquele que tem o poder de olhar para uma mulher e de definir o seu valor, independente de quem seja, ele sempre está acima da mulher. Essas imagens são apoiadas na ideia de que o fracasso ou o sucesso femininos estão associados ao relacionamento amoroso com um homem, e tal sucesso intrinsecamente relacionado a um comportamento social definido. Nesse contexto, o agir de uma certa forma é a garantia, ou pelo menos a chance, de a mulher ser *escolhida* por um homem. Essa manipulação conta com a estratégia, também, das emoções argumentadas heteroatribuídas, com construções que reforçam a vergonha e o medo como balizadores das manifestações femininas. Nesse contexto, podemos observar a reverberação do que Aristóteles (2011, p. 146) coloca como "corar" perante desconhecidos pelas regras socialmente conhecidas, a fim de censurar tais comportamentos em sua audiência. Trechos como "E se você fica puta com isso é porque você sabe que é classificada como só pra comer.", "E é você que escolhe que tipo de mulher você quer ser." e "Se você é vulgar, exibida, e suas redes sociais parecem uma vitrine de carnes, você só vai atrair desejo sexual." trazem a marca de argumentação por emoções por atribuírem — e, em certa medida, recriminarem — revolta, medo e vergonha a seu auditório.

Já no *reel* "*Engravidar do cara errado vai destruir sua vida*", apresentado no quadro 2, a primeira oposição feita é entre o que o homem e a mulher podem fazer no caso de uma gravidez indesejada. Enquanto tal situação, nas palavras do vídeo, *vai destruir* a vida da mulher (note-se o uso de construções de futuro verbal com tom não só de ameaça, mas de previsão taxativa, como "vai destruir", "vai ter" etc.), o homem tem o poder de apenas dar as costas e não assumir o filho. Embora a dominação e o papel de agência masculinos sejam manifestados ("O homem *que engravida* uma mulher"), a gravidez é colocada como uma consequência unicamente do comportamento insensato da mulher.

Mais uma vez, o olhar reprovador não se volta para a atitude do homem, que é naturalizada, mas para a culpa da mulher nesse cenário, projetada como uma pessoa

inconsequente e, até mesmo, tola ("Tu dando por aí como se não houvesse amanhã e esperava ganhar o quê? Um abacaxi?"). Assim, se forma mais uma oposição, dessa vez implícita, entre as imagens do antimodelo de mulher apresentado, isto é, aquela que "abre as pernas" para qualquer um e tem sua vida arruinada pela gravidez, e da mulher que seu auditório deve querer ser: a que controla seus desejos, inclusive sexuais, e se guarda para o "homem certo".

Essa gravidez indesejada, ainda, privará a mulher de muitas coisas, apresentadas em uma gradação: a juventude, as oportunidades profissionais e a formação de uma nova família, colocada como a mais importante entre as três. Percebe-se, então, mais uma vez o lugar do relacionamento amoroso como maior fonte de sucesso na vida dessa mulher projetada. O valor da família, ancorado numa doxa conservadora e patriarcal, também se faz presente, já que, mesmo com filho, a família só existe se houver um homem presente.

Considerando os dois vídeos, percebemos que as imagens de mulher e de homem projetadas são, além de ancoradas em estereótipos de gênero, hierarquizadas. O homem é central no relacionamento, enquanto a mulher é apenas a escolha dele. As imagens de mulher são opostas (um modelo e um antimodelo, conforme proposto por Perelman e Olbrechts-Tyteca), o que, dentro do contexto da autoajuda feminina, direciona o público a querer aproximar-se do modelo apresentado, já que, a todo momento, fica implícita a pergunta do tipo de mulher que a seguidora quer ser. Isso se relaciona, ainda, com a ideia de visada argumentativa (Amossy, 2020), já que percebemos uma estrutura argumentativa pensada para persuadir suas seguidoras a aderirem a uma visão de mundo ou a um comportamento.

Como indicamos anteriormente, o uso de estereótipos é frequente nesses vídeos. Sobre isso, Amossy (2020, p. 132) afirma que nem sempre o uso de estereótipos na argumentação é positivo, do ponto de vista da aceitação do auditório. Se o enunciador escolhe construir sua argumentação se ancorando nos estereótipos para representar as imagens projetadas, é porque projeta um auditório que aceita essas representações, já que o auditório, mesmo sem aparecer e sem interagir diretamente, ainda constitui "peça-chave do dispositivo argumentativo" (Amossy, 2020, p. 52). Nesse sentido, é "pelo fato de querer agir sobre interlocutores, cujas reações decorrem de um sistema de crenças prévias, que o orador deve levar em conta seu público, mesmo na ausência total do face a face" (Amossy, 2020, p. 54).

As reações do auditório, na interação discursiva, nem sempre são algo alcançável. Nas redes sociais, é possível se aproximar disso a partir das diversas formas de interação permitidas pelas plataformas: curtir, comentar e compartilhar são formas de mostrar apoio ou não a um determinado dizer. Considerando o conjunto do quadro *Café com Teu Pai*, é válido considerar que o enunciador consegue buscar esse auditório nos próprios números do seu perfil, mesmo assim, não há correspondência entre seus seguidores e o auditório projetado, pois este é apenas uma criação imaginária do enunciador (Amossy, 2020, p. 55). Sendo assim, o auditório é mais uma das projeções do enunciador.

Nessas considerações, vemos, em primeiro lugar, que esse auditório é, claramente, feminino. Isso se mostra continuamente nas interlocuções e esquematizações que o enunciador faz, seus conselhos também estão dentro do universo socialmente considerado feminino e heterossexual. Ainda assim, não se pode dizer que o quadro *Café com Teu Pai* se volta para todas as mulheres: sua linguagem é, em alguns momentos, agressiva e chula, o que pode afastar um público mais conservador. Por outro lado, no *reel* apresentado no quadro 1, o enunciador se distancia de um público mais progressista e feminista já no início, quando indica que não aceitar o que ele diz é um indício de ser uma mulher "só para comer".

Os argumentos utilizados, por, em geral, naturalizarem o comportamento social masculino, também se distanciam de um público mais ligado aos movimentos feministas e de gênero.

O auditório imaginado é, então, ainda mais específico: mulheres que se colocam no meio, em um lugar de indecisão entre esses polos opostos, mas que veem com frustração seus próprios relacionamentos. Essas mulheres, além disso, enxergam o relacionamento amoroso com um homem como algo que poderá completá-las socialmente, questão que pode ser percebida pela importância dada, nos vídeos, ao relacionamento, a ponto de buscarem indicações de mudanças de atitude por isso.

O enunciador, ao mesmo tempo que projeta esse auditório imaginado, busca produzir uma imagem de si que, além de não corresponder necessariamente ao que ele é de verdade, ajuda na tentativa de gerar a adesão do auditório. É possível apreender esse *éthos* a partir de marcas diversas deixadas nos vídeos, já que, mesmo sem falar de si explicitamente, o enunciador projeta uma imagem de si pelo seu discurso (Amossy, 2016, p. 9).

O enunciador dos dois vídeos do *Café com Teu Pai* se mostra, primeiramente, como uma figura de autoridade com relação aos assuntos tratados, e o fato de ele ser homem é fundamental nessa dinâmica: ele é um homem que fala para as mulheres sobre como os homens pensam. São constantes, nos textos, marcas de retomada, como "resumindo", e figurativizações de situações que podem facilitar o entendimento do seu público, como as trocas de vozes que representam outros "personagens", o que mostra um tom didático e professoral, de superioridade pedagógica masculina, como mostrado por estudos de autoajuda mencionados anteriormente, como o de Brunelli (2018). Não à toa, em ambos os vídeos, o enunciador de Breno Faria utiliza, de forma seca, a expressão "De nada", respondendo a um suposto agradecimento imaginário de suas espectadoras à generosidade dele em lhes revelar a verdade sobre os homens.

Além disso, esse enunciador apresenta o ponto a ser defendido como uma verdade universal, indicando que "Não é justo, mas é o mundo como ele é". Isso produz a ideia de que ele não é alguém que defende as atitudes negativas dos homens, ele apenas mostra *a vida como ela é*. Percebe-se, então, que o uso dessas marcas linguísticas ajudam-no a se isentar do ponto de vista e, ao mesmo tempo, gerar uma imagem de compaixão pela situação vivenciada pelas mulheres. Esses momentos de leve compaixão se alternam, no texto, com os momentos de grande descortesia, com ironias e palavras consideradas obscenas e imorais direcionadas às mulheres, como a menção a "abrir as pernas" com conotação sexual. Assim, percebe-se um enunciador que constrói um projeto argumentativo que o insere, primeiramente, no lugar de alguém que fala a verdade, sem rodeios, mas que quer ajudar e, por isso, demonstra cuidado e preocupação para com o seu público, o que colabora para a construção de uma imagem positiva de si.

Para essa dinâmica, o enunciador mobiliza seu auditório, conforme já pontuamos, com emoções como medo, revolta e vergonha. Ele faz interlocuções diretas para a atribuição desses estados, reforçando a responsabilidade da mulher em sua situação. Em construções como "Engravidar do cara errado vai destruir a sua vida.", há um trabalho com o medo, pela fatalidade das escolhas feitas. "Tu dando por aí como se não houvesse amanhã e esperava ganhar o quê?" atribui uma revolta e uma ignorância ao seu auditório, determinando um espaço de não negociação dos preceitos e recriminando qualquer construção diferente de expectativa. Outra emoção fortemente heteroatribuída, nos vídeos analisados, é a vergonha, ao se enumerar comportamentos e sentimentos que vão ao encontro do modelo de mulher não desejada, em sua projeção, pelo seu público, como em "Se você é vulgar, exibida, e suas redes sociais parecem uma vitrine de carnes, você só vai atrair desejo sexual".

Neste ponto, já é possível resgatarmos as colocações de Bourdieu (1999), apresentadas na seção anterior, acerca da divisão sexualizante do mundo, e notarmos como o sistema de oposições complementares associadas ao feminino e ao masculino, as quais sustentam uma violência simbólica de gênero, são perceptíveis nos *reels* de Breno Faria. Traçamos aqui dois exemplos que inferiorizam o feminino projetado no auditório visado: 1. a mulher como errada, produto de vários relacionamentos mal-sucedidos, a que precisa ser escolhida *versus* o homem como certo, detentor da decisão mais acertada e natural, o que tem o poder da escolha; 2. a mulher discreta, controlada em suas falas, gestos e pulsões e preocupada com a sua imagem pública, sendo a que é mais valorizada *versus* o homem divertido, escrachado, expansivo e falastrão, como o enunciador de Breno Faria, sendo o "natural", "o cara legal", o "bem-sucedido" romanticamente — um *case* de sucesso, como quer demonstrar.

## 8 Considerações finais

Ao retomarmos a questão central deste artigo, percebemos como é possível a reinvenção do discurso patriarcal nas redes sociais. No tecnodiscurso — entendido como aquele discurso que circula nas plataformas digitais e é moldado por elas (Paveau, 2022) —, a tradição da dominação masculina adquire novos contornos, revestindo-se de uma linguagem moderna, informal, que não quer ser tachada de conservadora ou ultrapassada. Essa atualização, contudo, não rompe com as estruturas de poder que a sustentam; ao contrário, reforça-as sob o disfarce da autenticidade, da suposta intimidade/proximidade característica dos discursos dos ambientes digitais e da naturalização/essencialização de papéis de gênero que são, na verdade, culturais, sócio-históricos.

A partir da análise dos dois vídeos selecionados do quadro *Café com Teu Pai*, buscamos observar, então, como o discurso de Breno Faria mobiliza estratégias argumentativas e retóricas ancoradas em estereótipos de gênero para sustentar um projeto discursivo de autoridade e aconselhamento, em um *rebranding* da autoajuda direcionada ao público feminino, antes mais comum à literatura de *best-sellers*. O enunciador constrói um *éthos* de sabedoria, honestidade e compaixão — e projeta um auditório imaginário composto por mulheres heterossexuais que se encontram em um espaço de indecisão afetiva e social. A oposição entre as imagens da mulher ideal e da mulher "errada", calcada na ideia do modelo e do antimodelo da Nova Retórica, é ponto central e estrutura a argumentação, reforçando sempre o papel de escolha do homem e instaurando uma hierarquia simbólica sustentada por uma lógica patriarcal de controle sobre o feminino, com a ideia de persuadir a assumir uma forma de agir. A linguagem direta, a ausência de modalização e a exploração de emoções como vergonha, medo e revolta funcionam como dispositivos de adesão e coerção, reafirmando o poder masculino como natural e indiscutível e deslocando a responsabilidade das desigualdades de gênero para o comportamento — sempre escolhido — das mulheres. A elas, nessa lógica, não cabe o poder de escolher seus parceiros, mas cabe a responsabilidade de agir da maneira mais agradável para serem escolhidas, em uma dinâmica dita como "natural" entre os gêneros, e de assumir a culpa se permanecerem sozinhas.

## Declaração de autoria

A autora Allana Mátar de Figueiredo foi responsável pela elaboração das seções *Resumo*, *A autoajuda amorosa direcionada a mulheres: a self-help woman* e *Breno Faria e o Café com Teu Pai*. As seções *Introdução* e *Tecnodiscursos, reels do Instagram e influência digital* são de autoria de Ana Alzira Maia Machado Cavalcante. A autora Maria Eduarda Machado Parente assina as seções *Análise Argumentativa do Discurso (AAD) e as provas retóricas revistas* e *Considerações finais*. A seção *Éthos, imagens e estereótipos do feminino* é de autoria conjunta de Allana Mátar de Figueiredo e Ana Alzira Maia Machado Cavalcante. Por fim, a seção *Analisando argumentativamente os reels selecionados do Café com Teu Pai* foi escrita pelas três autoras.

## Declaração de uso de Inteligência Artificial

As transcrições do conteúdo verbal dos dois vídeos do Instagram foram feitas por um método misto, usando o *TurboScribe Transcription*, um recurso da Inteligência Artificial ChatGPT, seguido por correções e ajustes manuais de palavras e pontuações que a ferramenta não captou corretamente. Para a composição do *Abstract* e das *Keywords* deste artigo, de forma similar, recorreu-se à mesma ferramenta da OpenAI, seguida do processo de reformulação manual, para obter maior clareza na tradução Português/Inglês.

## Referências


AMOSSY, R. Da noção retórica de éthos à análise do discurso. *In*: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-11.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Estereótipos e clichês*. São Paulo: Contexto, 2022.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1985. (Coleção Universidade de Bolso).

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, H. H. N. Analisando o discurso. *Museu da Língua Portuguesa*, São Paulo, set. 2017. Disponível em: https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Analisando-o-discurso.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRUNELLI, A. Mais razão e menos emoção: o discurso de autoajuda para mulheres. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 3, p. e49400, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n349400.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet*: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FALA, GUERREIRO! CAST. *Breno Faria – Café com Teu Pai*. Entrevista em vídeo. 2h42min. Publicado em: 19 ago. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_JayLjZq08. Acesso em: 30 out. 2025.

FARIA, B. *[Perfil]*. Instagram: @obrenocop. Disponível em: https://www.instagram.com/obrenocop/?hl=pt-br. Acesso em: 01 set. 2025.

FARIA, B. Mulher só pra comer X Mulher pra assumir. 13 ago. 2025. Instagram: @obrenocop. Disponível em: https://l1nk.dev/W5EGc. Acesso em: 1 set. 2025.

FARIA, B. Engravidar do cara errado vai destruir sua vida. 15 ago. 2025. Instagram: @obrenocop. Disponível em: https://l1nk.dev/fCotP. Acesso em: 1 set. 2025.

FERREIRA, M.; BRAIGHI, A. Análise do discurso de influenciadores digitais: uma abordagem aos *posts* de Bianca Andrade e Virgínia Fonseca. *Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com*, Belo Horizonte, v. 17, p. 6-31, 2024. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/ecom/article/view/32743/26444. Acesso em: 3 jul. 2026.

FIGUEIREDO, A. M. de. *O sujeito emotivo nas obras de autoajuda*: imagens do feminino. 2014. 193 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

HOCHSCHILD, A. *The Commercialization of Intimate Life*. Berkley: University of California Press, 2003. p. 1-103.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. *Revista Communicare*, v. 17, p. 46-61, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Issaaf-Karhawi-2/publication/341983923_Influenciadores_digitais_conceitos_e_praticas_em_discussao/links/5edc396245851529453facb9/Influenciadores-digitais-conceitos-e-praticas-em-discussao.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

MAGRO, M.; MARTELLI, C. G. *Autoajuda e gestão de negócios*: uma parceria de sucesso. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

LEITE, E. S. Por uma sociologia da autoajuda: o esboço de sua legitimação na sociedade contemporânea. *História, Ciências, Saúde*, v. 26, n. 3, p. 917-932, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000300011.

LIMA, H. M. R. de. *Na tessitura do processo penal*: a argumentação no tribunal do júri. 2006. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LIMA, H. Argumentação no discurso: problemáticas e perspectivas. *In*: AZEVEDO, I. C. M.; DAMASCENO-MORAIS, R. (org.) *Introdução à análise da argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 163-192.

LYSARDO-DIAS, D. O discurso do estereótipo na mídia. *In*: EMEDIATO, W. *et al*. (org.) *Análise do discurso:* gêneros, comunicação e sociedade. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 23-36.

OBRENOCOP.COM. *Website de Breno Faria*. Disponível em: https://obrenocop.com/. Acesso em: 1 nov. 2025.

OLIVEIRA, M. F. *Metodologia científica*: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

PAVEAU, M. A.;COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (org.) *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. 2. ed. Campinas: Pontes, 2022.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, C. As razões das emoções. *In*: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. v. 10.

PLANTIN, C. *Les Bonnes raisons des émotions*: principes et méthodes pour l'étude du discours émotionné. Berne: Peter Lang, 2011.

RÜDIGER, F. *Literatura de autoajuda e individualismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

SILVA, B. A. *A construção argumentativa da Mulher V*: um modelo a ser seguido. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, P. A. R. *O ensino de língua inglesa na rede social Instagram*: uma análise dialógica do discurso digital. 283 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

v. 34, n. 2, p. 246–266, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.246–266
Submetido em: 14/01/2026 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Agreement Attraction in Children's Production: An Experimental Study in Brazilian Portuguese

## *Concordância por atração na produção de crianças: um estudo experimental no português brasileiro*

**Lilian Silva Scher**
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Campinas | SP | BR
scherlilian@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9717-5920

**Pablo Faria**
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Campinas | SP | BR
fariap@unicamp.br
https://orcid.org/0000-0002-4039-1769

**Abstract:** This study examines agreement attraction, a phenomenon in which a verb agrees in number with an intervening noun—the attractor—instead of the subject head (e.g., *The observation of the results show...*). Psycholinguistic research on adult speech has documented an asymmetry: attraction tends to occur when the subject head is singular and the attractor is plural. Here, we investigate whether Brazilian Portuguese-speaking children exhibit a similar pattern. We conducted a language production experiment using the referential communication paradigm (Nozari & Omaki, 2022). Children aged 5 to 7 participated in a game designed to elicit sentences with complex subjects (e.g., *The snake near the elephants...*), thereby inducing potential attraction effects. The number of the subject head and the attractor noun was manipulated between singular and plural. The dependent variable was the rate of agreement attraction in production. Results revealed that attraction was observed overall, whereas no clear attraction effect was found in the five-year-old group. Notably, children did not replicate the adult-like asymmetry: the singular-head/plural-attractor condition did not yield more errors than the reverse configuration. Our hypothesis is that variability of verb agreement in spoken Brazilian Portuguese may have influenced these results.

**Keywords:** agreement attraction; children's linguistic production; verbal number agreement; Brazilian Portuguese.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

**Resumo:** Neste trabalho, a concordância por atração é caracterizada pela concordância de número entre o verbo de uma sentença e um nome atrator interveniente, o qual não corresponde ao núcleo do sujeito (p.ex., *a observação dos resultados mostram*...). A literatura psicolinguística atesta uma assimetria na fala de adultos, uma vez que os casos de atração geralmente acontecem quando o núcleo é singular e o atrator plural. Este estudo investiga a produção da concordância verbal por atração em crianças falantes do português brasileiro, para verificar se esta ocorre de forma semelhante à fala de adultos. Para tanto, conduziu-se um experimento de produção da linguagem através do paradigma de comunicação referencial (Nozari; Omaki, 2022). Nessa tarefa, as crianças, com idades entre 5 e 7 anos, participaram de um jogo elaborado para induzir a produção de sentenças com sujeitos complexos, tais como "A cobra perto dos elefantes..." e, consequentemente, a concordância por atração. Manipulou-se a informação de número do núcleo do sujeito e do nome atrator, que variava entre singular e plural. A variável dependente correspondeu ao índice de produção de concordância por atração. Foi encontrada a concordância por atração nas faixas etárias de 6 e 7 anos, mas não na faixa etária de 5 anos. Ademais, foi encontrado um padrão de produção da atração distinto do observado na fala de adultos, uma vez que a condição com núcleo singular e atrator plural não gerou mais erros em comparação com a configuração contrária (efeito de assimetria) em nenhuma das faixas etárias. Considera-se, ainda, a possibilidade de haver influência do caráter variável na concordância verbal do PB falado nos dados obtidos.

**Palavras-chave:** concordância por atração; produção linguística infantil; concordância verbal de número; português brasileiro.

## 1 Introduction

The linguistic phenomenon known as agreement can be defined as the sharing of features (Franck, 2011)—such as number, gender, and person—between elements within a sentence. Among the various types of agreement observed across the world's languages, verbal agreement stands out. It is typically established between a controlling element—such as the head noun of the subject—and a target element, such as the main verb or auxiliary. In this

process, certain grammatical features of the controller are reflected on the target. This study focuses specifically on number agreement in Brazilian Portuguese, wherein the verb reflects the number feature of the subject's head noun, as illustrated in the examples below:

(1) A moça compra pão na padaria.
*the girl buys bread in the bakery*

(2) A**s** moça**s** compra**m** pão na padaria.
*the.PL girl**s** buy.PL bread in the bakery*

In both sentences, the verb *comprar* (buy) agrees in number with the subject (*a moça* vs. *as moças*), in the singular and plural, respectively. It is important to note, however, that languages differ in how verbal number agreement is realized. These examples reflect standard Brazilian Portuguese (BP). In BP, both nominal and verbal number agreement have been consistently described in the sociolinguistic literature as variable phenomena (Naro, 1981; Guy, 1981; Mendes & Oushiro, 2015, among others). These studies have identified different agreement patterns, which vary according to the degree of overt number marking on the verb and within the noun phrase. In examples (1) and (2), we find what is called *redundant agreement*. In (3) and (4), we see two examples of *non-redundant agreement*, where the plural marker is omitted either in the noun phrase, the verb, or both.

(3) A**s** moça**s** compraØ pão na padaria.
*the.PL girl**s** buy.Ø bread in the bakery*

(4) A**s** moçaØ compraØ pão na padaria.
*the.PL girl.Ø buy.Ø bread in the bakery*

Sociolinguistic research has shown that this variation is systematic and influenced by both linguistic and social factors (see Mendes & Oushiro, 2015, for a review). Although this study does not aim to investigate the implementation or effects of variable agreement in BP, we acknowledge—especially in the conclusion—that it may have influenced our findings to some extent.

The phenomenon under investigation in this study is a specific type of verbal agreement known in the psycholinguistic literature as *agreement attraction*. In BP, this refers to instances in which number agreement is not established between the verb and the subject head, but rather with an intervening element—referred to as the *attractor*—whose grammatical features are mistakenly reflected on the verb. As defined by Franck, Vigliocco, and Nicol (2002, p. 373), the attractor is "a noun embedded in a prepositional phrase or in a clause that modifies the subject NP." Consider the following examples:

(5) A análise do**s** gráfico**s** sugere**m** um aumento no índice de poluição.
*the analysis of.the.PL graph**s** suggest.PL an increase in the pollution index*

(6) A**s** análise**s** do gráfico sugere um aumento no índice de poluição.
*the.PL analys**es** of the graph suggests an increase in the pollution index*

In both sentences, the subject is a complex noun phrase in which the head (*a análise* / *as análises*) is modified by a prepositional phrase (*dos gráficos* / *do gráfico*). In both cases, the

verb *sugerir* agrees not with the head noun, but with the attractor. Thus, both are instances of agreement attraction. From a psycholinguistic perspective (Bock & Miller, 1991, among others), such cases are often described as *attraction errors*—failures in the online processing of linguistic information, not simply deviations from grammatical norms.

In (5), we have a classic case of agreement attraction, with a plural attractor inducing plural marking on the verb. In (6), a singular attractor seems to override the plural head. However, this second case may also be interpreted as an instance of variable agreement, as previously discussed. Scherre and Naro (2014), in a sociolinguistic analysis of adult speech in both written and oral BP, emphasize the variability of verbal agreement in complex subject constructions—verbs may agree with either the head noun or the attractor.

Agreement attraction has been widely studied in psycholinguistics, both in language production (Bock & Miller, 1991; Franck; Vigliocco & Nicol, 2002; Eberhard, 1997, 1999; Rodrigues, 2006; among others) and in comprehension (Nicol, Forster & Veres, 1997; Pearlmutter, Garnsey & Bock, 1999; Wagers, Lau & Phillips, 2009). These studies aim to uncover the mental processes involved in sentence planning and understanding, with attraction serving as a window into the dynamics of grammatical encoding and agreement.

Experimental research in this field has examined the effects of syntactic, semantic, and morphophonological factors on attraction. Although some findings appear contradictory—such as the influence of semantic features on a phenomenon traditionally viewed as purely syntactic—there is relative consensus on certain aspects. Chief among these is the asymmetry effect, whereby attraction is far more likely when the head noun is singular and the attractor plural, as in example (5).

A leading explanation for this asymmetry comes from Bock and Eberhard (1993), who proposed that the singular feature is a default, unmarked value, while the plural is marked. According to this view, only marked features (plural) can percolate upward in the syntactic structure to reach the agreement site, thereby inducing attraction. This effect of asymmetry is widely accepted in the literature on English. For Brazilian Portuguese, studies such as Rodrigues (2006) have replicated this asymmetry in adult speech, while also investigating other factors, including the linear and hierarchical position of elements, the semantic effects of subject phrase distributivity, and more.

It is worth noting, however, that most research on attraction has focused on adult speech. Consequently, there is a notable gap in the literature concerning children's speech, despite the broader body of work on verbal agreement in language acquisition. In the next section, we review studies that address verbal agreement in the speech of Brazilian Portuguese-speaking children, as well as those that have examined attraction in child language—primarily in English.

## 2 The phenomenon of agreement and attraction in child speech

As discussed in the previous section, agreement attraction arises in verbal number agreement when the subject noun phrase is structurally complex—that is, when a head noun is modified by a prepositional phrase containing another noun (e.g., *the analysis of the data*), which may function as an attractor. As Lorimor, Stephens-Hecker, and Miller (2019) note, agreement in complex-subject configurations has received relatively little attention, whereas research on the acquisition of agreement has largely focused on clauses with simple subjects. For example, English-speaking children as young as three are already able to produce verbal number agreement with considerable accuracy.

For Brazilian Portuguese (BP), acquisition findings point in the same direction. Studies on the development of verbal agreement in BP suggest that, early in acquisition, agreement marking—especially third-person plural—is still inconsistent and may take time to converge on adult-like patterns (Lopes, 2003; Lopes, Souza, & Zilli, 2005). By around age three, however, agreement largely stabilizes, albeit mostly in contexts involving simple subjects. With respect to plural verbal morphology, Rubino and Pine (1998), in a longitudinal analysis of one child between 3;2 and 3;4.8, report that plural verb forms are initially rare, but third-person plural morphology begins to appear in spontaneous speech around 3;3–3;4.

Taken together, these findings suggest that for older children—such as the participants in the present study (5–7 years old)—verbal agreement in BP should already be relatively stable. What remains less clear, however, is how children handle agreement when the subject is complex and how this relates to the emergence of attraction effects. Research on attraction has focused predominantly on adult production, leaving an important gap regarding attraction in child speech.

A small number of studies have examined agreement with complex subjects in children acquiring French, including Fayol, Hupet, and Largy (1999) in writing and Franck et al. (2004) in speech. These studies generally suggest that children begin to produce attraction effects around ages eight to nine; before that, they tend to default to singular verbal forms. Importantly, although attraction in adult production typically shows an asymmetry effect previously mentioned, this pattern was not observed in these studies of children's French production.

Lorimor, Stephens-Hecker, and Miller (2019) investigated agreement production in English-speaking preschoolers (3;9–5;11) and compared it directly with adult speech. They conducted two experimental tasks with children and adults and complemented these with two corpus analyses, examining the input available to children through transcripts of child-directed speech and children's picture books.

Across the corpus analyses, the authors found that children have limited exposure to sentences with complex subject noun phrases, especially cases in which the head noun and the attractor differ in number. As a result, children receive little positive evidence that the verb must agree with the subject head even when intervening modifiers are present.

In the experimental component, participants completed a memory-game task designed to elicit sentences with complex subjects and to assess agreement patterns. Participants viewed a scene with three distinct characters on a computer screen. In a short video sequence, each character was named twice and then disappeared; participants then indicated where each character had been located, producing utterances such as *The baby with the block is in bed*. This design placed an additional memory demand on participants, since responses were elicited after the characters vanished from the display.

The stimuli manipulated the number of the head noun and the local noun, yielding four conditions: SS (singular head–singular attractor), SP (singular head–plural attractor), PP (plural head–plural attractor), and PS (plural head–singular attractor). For instance, when one baby and one object appeared, an SS sentence was expected; when the baby held two objects, an SP sentence was expected. The child participants were preschoolers with a mean age of 4;8.

The results showed that children did produce attraction-like agreement. However, in adult production, more attraction was observed in the PS condition than in the SP condition. In other words, the asymmetry pattern was the reverse of what is typically reported for English, where SP tends to elicit more attraction than PS.

Lorimor et al. attribute this reversal to a possible effect of how the visual stimuli encoded a "singular unit" interpretation: because each character was spatially separated,

presented individually, and named separately, the task may have encouraged participants to conceptualize each referent as a single unit. Another important finding was the presence of response biases at the individual level: some children tended to use singular verbs across trials, whereas others tended to use plural verbs, largely independent of condition.

Insum, Lorimor, Stephens-Hecker, and Miller (2019) provide relevant evidence for understanding attraction in child speech. In particular, their findings suggest that children may have limited exposure to complex-subject structures in the input and, consequently, fewer opportunities to learn how agreement is typically established with the subject head in the presence of intervening modifiers.

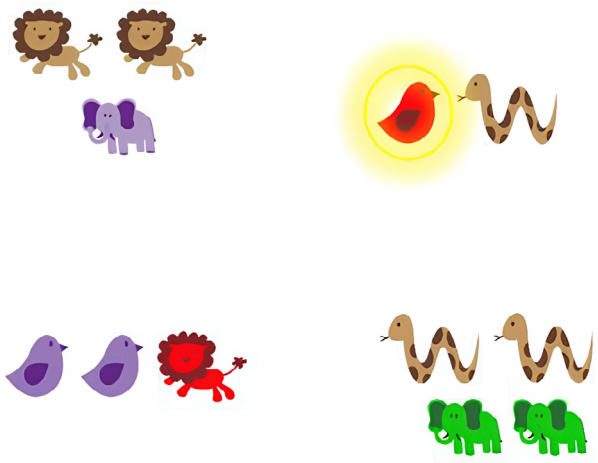
Comparing older children with preschool-aged children, the authors argue that younger children "have different strategies for how to produce verb agreement when the subject NP contains nouns with different number specifications" (Lorimor, Stephens-Hecker, & Miller, 2019, p. 313). Relative to adults, children did not show the same agreement–attraction profile; however, it is important to recall that, in that study, the asymmetry pattern went in the opposite direction of what is typically reported for adult speech.

A final point—also central to the motivation for the experimental task proposed by Nozari and Omaki (2022)—is that Lorimor et al.'s experiment imposed substantial memory demands, which may have directly affected participants' performance, as the authors themselves acknowledge. This consideration underscores the importance of examining attraction in tasks that more directly elicit sentence production while minimizing extraneous memory requirements.

Building on the French findings and on the results reviewed above from a high-memory-demand task, Nozari and Omaki (2022) developed two production experiments with English-speaking children, with the aim of comparing children's attraction patterns to those observed in adults. Importantly, they sought a task specifically tailored to language production while controlling memory load. To do so, they revisited an experimental method introduced in Nozari and Omaki (2018), termed the referential communication paradigm.

In this paradigm, children are presented with slides containing drawings whose colors vary. The child participates in an interactive game with the experimenter: the experimenter's slide serves as a model, and the child helps the experimenter color the corresponding drawings on a partially blank slide. Figure 1 illustrates an example of a stimulus slide used in the task.

Figure 1 – Example of a slide used in the referential communication paradigm



Source: Nozari and Omaki (2022, p. 410).

To indicate which drawing's color the experimenter should reproduce, a yellow highlight (a "flash") marks the relevant item. In the example in Figure 1, the child should instruct the experimenter to color the bird (the target figure) next to the brown snake (the cue figure) in red. Because many linguistic formulations could convey this information, the researchers explicitly instructed children to use a fixed structure, namely: "*The bird next to the brown snake is red*." This constraint was designed to elicit sentences with complex subjects in which the subject head (*the bird*) is modified by a prepositional phrase (*next to the brown snake*), whose noun may function as an attractor. For Brazilian Portuguese, although this structure also involves number and gender agreement on the adjective, our analysis focused exclusively on verbal number agreement.

As shown in Figure 1, number features were manipulated through the drawings themselves: targets and cues appeared either as singletons or as pairs. For instance, if a child saw one red bird next to two brown snakes, they would be prompted to produce "*The bird near the brown snakes...*", which could yield either singular verbal agreement (agreement with the head noun) or plural agreement (attraction to the local noun). The same logic applies when two red birds appear next to one brown snake.

This paradigm also enables a targeted investigation of the asymmetry effect, namely whether attraction is more likely in configurations with a singular head and a plural attractor than in the reverse configuration. For Nozari and Omaki (2022), testing asymmetry in children's production provides a way of assessing whether the mechanisms underlying attraction resemble those reported for adult production, which has been more extensively studied.

Because the referential communication task proved successful in eliciting attraction in the initial study (Nozari & Omaki, 2018), Nozari and Omaki (2022) conducted two further experiments. In Experiment 1, in addition to manipulating number features, they manipulated task difficulty by creating two conditions. In the target-flash condition, the target (i.e., the element occupying the subject-head position) blinked twice; in the cue-flash condition, the cue (i.e., the would-be attractor) blinked. The authors argue that the cue-flash condition increases cognitive demands because the most visually salient element is not the sentence-initial, structurally prominent head, but rather a modifier, which could increase agreement with the attractor.

Fifty-four native English-speaking children aged 5 to 7.5 years participated in Experiment 1. Children produced 336 attraction responses out of 1,472 utterances (22.8%). Notably, attraction was observed from age five, contrary to earlier findings from French. In addition, the cue-flash condition increased attraction rates, consistent with the authors' hypothesis. With respect to the asymmetry effect, it was only apparent under conditions of higher cognitive demand.

To test asymmetry under lower cognitive load, Experiment 2 used only the target-flash condition and included 20 children aged 6 to 8.5 years. Of 637 sentences, 179 exhibited attraction (28.10%). The results confirmed the asymmetry effect: configurations with a singular head and a plural attractor yielded higher attraction rates, aligning with the pattern widely reported in the literature.

Taken together, these findings support the view that English-speaking children show attraction patterns broadly similar to adults, unlike what had been reported for French—possibly due to differences in task design in earlier studies. Nozari and Omaki (2022) also highlight an age-related difference: the more adult-like pattern was observed in children older than six. For five-year-olds, they suggest that still-developing knowledge of agreement in complex-subject structures, combined with processing limitations, may underlie the absence of adult-like attraction patterns.

Turning to Brazilian Portuguese, research on attraction has so far focused exclusively on adult production. Rodrigues (2006) is particularly relevant, as it directly examined

attraction in Brazilian Portuguese. In a series of five production experiments, she investigated multiple variables that have been argued to affect attraction across languages such as English, French, and Dutch, including semantic factors (e.g., distributivity effects associated with certain complex subjects), syntactic factors (e.g., linear and hierarchical distance), and morphophonological factors (e.g., number marking within the complex subject).

All five experiments employed an error-elicitation production technique, widely used since Bock and Miller (1991). In this technique, participants are presented with a preamble consisting of a complex subject noun phrase and an infinitival verb. The task is to repeat the preamble and complete the sentence by inflecting the verb, allowing the researcher to observe the agreement form produced.

Among Rodrigues's (2006) findings, those related to morphophonological number marking are particularly relevant here. She reports an asymmetry effect consistent with other languages: attraction is more frequent when the head noun is singular and the attractor noun plural (e.g., *A análise dos dados... / the analysis of the.PL data*) than in the reverse configuration (e.g., *As análises do dado... / the.PL analyses of the datum*).

As the review above indicates, studies of attraction in children's production remain scarce and, to our knowledge, are still nonexistent for Brazilian Portuguese. Moreover, existing studies are exploratory and often aim to refine experimental techniques capable of reliably eliciting complex-subject structures—and thus attraction—in child speech.

To help address this gap, the present study experimentally investigates attraction in verbal number agreement in Brazilian Portuguese-speaking children, with the goal of determining whether children produce attraction at all. We further examine whether children's attraction patterns resemble those observed in adults, focusing on the linguistic conditions that favor agreement with the attractor, and in particular on the asymmetry effect involving singular versus plural attractors. This study also expands the cross-linguistic scope of the literature by providing empirical evidence from Brazilian Portuguese, enabling more direct comparison with findings from other languages.

Finally, given the scarcity of complex-subject structures and attraction patterns in children's input and in their spontaneous production (Lorimor, Stephens-Hecker, & Miller, 2019), the development of experimental methods that directly target production and successfully elicit these structures remains an ongoing challenge. Accordingly, a secondary objective of the present study is to assess whether the referential communication paradigm proposed by Nozari and Omaki (2018) is effective for the purposes outlined above.

## 3 Method

With the aim of eliciting a linguistic structure that is relatively infrequent in children's spontaneous speech, as noted by Lorimor, Stephens-Hecker and Miller (2019), we developed a language production experiment to investigate attraction in verbal number agreement in Brazilian Portuguese under controlled conditions. As the experimental task, we adopted the referential communication paradigm developed and validated by Nozari and Omaki (2018, 2022), which is designed to minimize memory demands and to target the production of specific sentence types more directly. As described in the previous section, the paradigm uses a playful activity to prompt participants to produce sentences with complex subjects, i.e.,

structures in which the subject head is modified by a prepositional phrase containing another noun that may function as an agreement attractor.

In this activity, participants play an interactive game with the experimenter. The goal is to help the experimenter by providing instructions on how to color specific figures displayed on two separate computer screens. On the participant's screen, a scene contains multiple figures already colored in distinct colors. On the experimenter's screen, the same scene is shown, but some figures appear in black and white while others match the participants' colored version. The participant is instructed to tell the experimenter which color should be used to fill in the black-and-white figures.

Stimuli were constructed by manipulating number information in the two nouns within the complex subject noun phrase—namely, the head noun and the local noun. Accordingly, some figures were presented as singletons (singular), whereas others appeared as pairs (plural), yielding systematic alternations in the number features of the subject head (the target figure) and the local noun (the cue figure). The independent variables were therefore (i) the number of the head noun (singular vs. plural) and (ii) the number of the local noun (singular vs. plural), resulting in four experimental conditions (Table 1).

Table 1 – Experimental conditions

| Condition | Head number | Attractor number |
|---|---|---|
| A | Singular | Singular |
| B | Singular | Plural |
| C | Plural | Plural |
| D | Plural | Singular |

Source: The authors

For example, stimuli were designed to elicit sentences of the following types:

(7) (a) Condition A: A cobra perto do elefante rosa É/SÃO verde(s).
*The snake near the pink elephant IS/ARE green.*

(b) Condition B: A cobra perto dos elefantes rosas É/SÃO verde(s).
*The snake near the pink elephants IS/ARE green.*

(c) Condition C: As cobras perto dos elefantes rosas É/SÃO verde(s).
*The snakes near the pink elephants ARE/IS green.*

(d) Condition D: As cobras perto do elefante rosa É/SÃO verde(s).
*The snakes near the pink elephant ARE/IS green.*

The dependent variable was the rate and direction of attraction observed in verbal agreement. For the present study, we adapted Nozari and Omaki's (2022) paradigm by using only the condition they term target-flash, in which the highlighted figure always corresponds to the element occupying the subject-head position (and therefore the sentence-initial position). We adopted this version because it is the lowest-demand condition and because

it successfully elicited attraction in the original study. Moreover, examining how increased cognitive load affects attraction is outside the scope of the present work.

Each participant was expected to produce 32 experimental sentences, distributed across four image slides presented as four "levels" of the game. Each level elicited eight sentences—two per experimental condition. All nouns were animal names, and the verb elicited was *be* in the present tense (*is* for singular; *are* for plural). In addition, two training slides were included (16 sentences total) to familiarize participants with the task and with the target sentence format.

## 3.1 Participants

Fifty-eight children participated in the experiment: 16 five-year-olds, 20 six-year-olds, and 22 seven-year-olds (mean age = 6.1 years; 30 girls). Data from 11 children were excluded: 10 because they did not produce the target structure—sentences with a complex subject noun phrase and a finite verb—and one because of technical problems during audio recording.

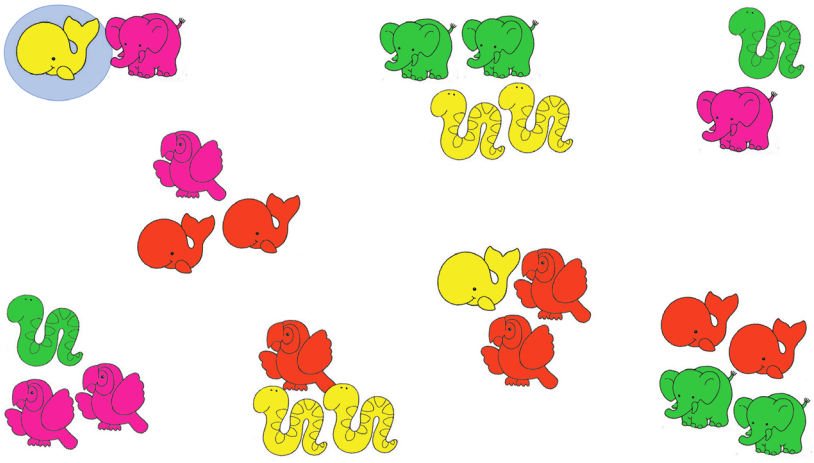
Participants were recruited from two schools in the municipality of Juiz de Fora – Minas Gerais: 20 children attended a private school and 38 attended a municipal public school, both located in the city's urban area. It was not possible to balance sample size across schools because the private school had fewer eligible students, and many potential participants could not be included due to the absence of signed parental informed consent.

Inclusion criteria were limited to the target age range. Exclusion criteria also included (i) failure to return a signed informed consent form and (ii) the presence of reported speech or language delay, which could affect the production of the phenomenon under investigation.

## 3.2 Materials

The experimental stimuli designed to elicit the target structure consisted of slides containing eight combinations of animal drawings (and, in the training phase, fruit drawings). Figures were presented either as singletons or pairs in order to manipulate the number features of the nouns produced in the elicited sentences. Figure 2 illustrates one of the experimental slides.

Figure 2 – Example of an experimental slide



Source: The authors.

Each slide was designed to elicit eight experimental sentences. To indicate which animal should serve as the basis for the instruction to the experimenter, the child saw the relevant drawing highlighted with a blue circle (e.g., the "yellow whale" in Figure 3).

Slides were created and presented using Microsoft PowerPoint (version 2022). Color editing of the drawings was performed in Clip Studio Paint (version 3.0). The task was administered on a Samsung GalaxyBook Go laptop (Monitor size: 14 inches). All sessions were audio-recorded with and subsequently transcribed for analysis.

## 3.3 Procedures

Prior to data collection, the study was submitted to the Research Ethics Committee of State University of Campinas and received approval for its methods and materials (CAAE: 79684924.2.0000.8142). Participating schools in the municipality of Juiz de Fora, Minas Gerais, were contacted to obtain authorization to conduct the experiment in the school setting. After approval, Informed Consent Forms (ICFs) were distributed to the children's legal guardians. Data collection began only after signed consent forms were returned, and only children whose participation had been authorized took part in the study. For children aged 6 and 7, an Informed Assent Form (IAF) was also obtained to ensure that the child wished to participate. After assent was provided, the session began.

At the start of each session, the researcher explained the goal and rules of the game. A key instruction concerned the sentence format participants were expected to use to tell the researcher which color to apply, following the fixed structure introduced earlier (e.g., *"The whale next to the pink elephant is yellow."*). In some sessions, this instruction had to be reiterated during the task, even after the initial training phase.

Participants then completed a two-slide training phase designed to familiarize them with the game mechanics and, crucially, with the target sentence format. After training, the child viewed a slide indicating the beginning of the game. While the child produced the sentences, the researcher colored the corresponding black-and-white figures on a second computer.

To preserve the interactive nature of the game, the child could not see the researcher's screen, and the researcher could not see the child's screen. At the end of each round, both checked whether the figures had been colored correctly and whether they matched the model displayed on the child's computer.

Each session was conducted individually in a quiet space provided by the schools, with only the researcher and the participant present. In one case, a teacher was present at the request of the child's guardians; this did not interfere with the task or the child's performance.

## 3.4 Hypotheses

Based on Nozari and Omaki (2022) and on prior work using the referential communication paradigm, we expected children to produce attraction in verbal number agreement in sentences with complex subject noun phrases containing a potential attractor noun. We further hypothesized that children's attraction patterns would resemble adult patterns, such that the singular–plural asymmetry effect would be observed. Specifically, we predicted that

Condition B (singular head + plural local noun) would yield more attraction responses than Condition D (plural head + singular local noun).

Finally, given the age range of our sample, we expected these effects to be more robust in older children than in five-year-olds. This prediction follows Nozari and Omaki's (2022) findings that adult-like attraction patterns characterized by singular–plural asymmetry were observed only from age six onwards.

# 4 Results

## 4.1 Data organization

As noted above, only 47 children were included in the analysis. In order to examine attraction in verbal number agreement, we required that each utterance instantiate the target configuration below:

(8) Subject head + attractor noun + verb
Example: *A(s) cobra(s) perto do elefante(s) rosa(s) é/são rosa(s)*
the(.PL) snake(s) near the pink elephant(s) is/are pink

Accordingly, utterances that did not conform to this structure were excluded. Importantly, in most cases children alternated between in-pattern and out-of-pattern productions. In total, we obtained 1,104 valid utterances. Of these, 197 were produced by five-year-olds, 411 by six-year-olds, and 496 by seven-year-olds.

To organize and analyze the dataset, we classified verbal agreement responses into three categories. In Type 1 responses, the verb matched the number feature of the subject head (singular in Conditions A and B; plural in Conditions C and D), regardless of the intervening attractor noun, as illustrated in (9):

(9) (a) A cobra perto do elefante é rosa. (Condition A)
*the snake near the elephant is pink*

(b) A cobra perto dos elefantes é rosa. (Condition B)
*the snake near the elephants is pink*

(c) As cobras perto dos elefantes são rosas. (Condition C)
*the snakes near the elephants are pink*

(d) As cobras perto do elefante são rosas. (Condition D)
*the snakes near the elephant are pink*

In Type 2 responses, the verb agreed with the number feature of the attractor noun—which, in these cases, differed from the head noun—as in (10):

(10) (a) A cobra perto dos elefantes são rosa(s). (Condition B)
*the snake near the elephants are pink*

(b) As cobras perto do elefante é rosa. (Condition D)
*the snakes near the elephant is pink*

Type 2 responses were only possible in Conditions B and D, because Conditions A and C served as controls in which head and attractor share the same number feature. Example (10a) represents the prototypical attraction configuration, with a singular head and a plural attractor. Example (10b) illustrates the reverse configuration, which is typically reported in the psycholinguistic literature as less likely to trigger attraction.

Finally, we classified as Type 3 those productions in which the verb mismatched the number feature of the subject head, but also did not match the number feature of the attractor noun. Such responses were only possible in the control conditions (A and C), as shown in (11):

(11) (a) A cobra perto do elefante são rosa(s). (Condition A)
*the snake near the elephant are pink*

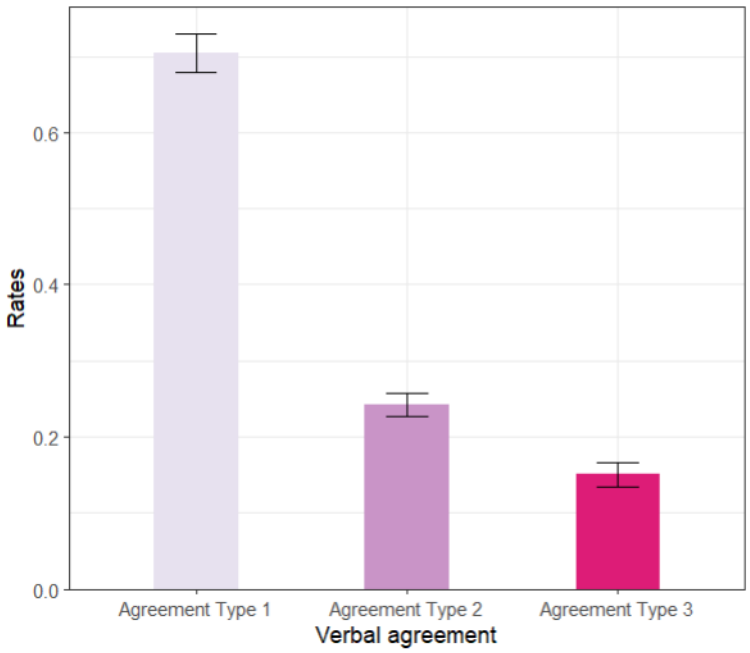
(b) As cobras perto dos elefantes é rosa. (Condition C)
*the snakes near the elephants is pink*

In sum, Type 1 responses reflect agreement with the subject head, whereas Types 2 and 3 correspond to non-head agreement patterns (i.e., verb forms that do not match the subject head), with Type 2 specifically indexing attraction errors and Type 3 indexing other head-inconsistent responses in the congruent conditions.

## 4.2 Data analysis

*RStudio (version 2023.12.1)* was used for data organization and statistical analyses. Across the 1,104 valid utterances, 765 instances corresponded to Type 1 (head-consistent agreement; 69.3%), 237 to Type 2 (attraction; 21.5%), and 102 to Type 3 (other head-inconsistent responses; 9.24%). Figure 3 shows mean per-participant proportions for each response type, along with standard errors.

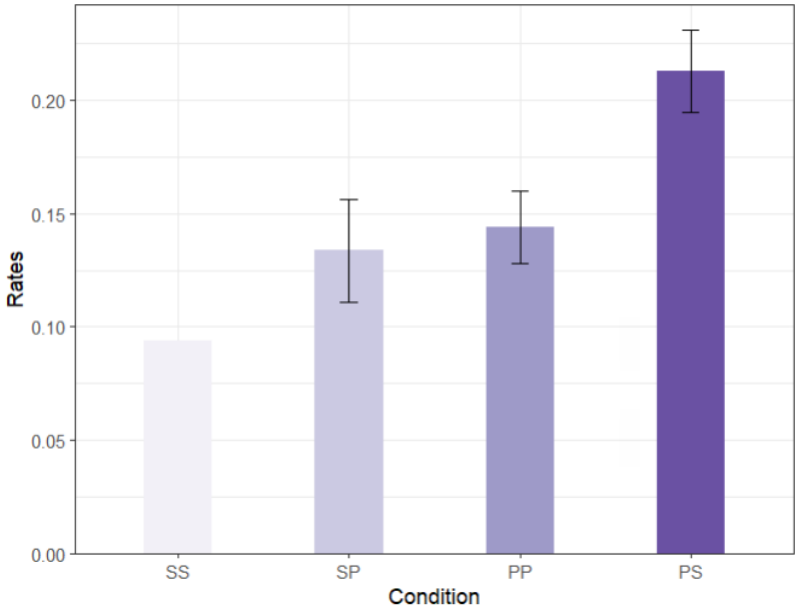
Figure 3 – Average proportions of the type of agreement produced




Source: The authors.

Figure 4 focuses specifically on responses in which the verb did not agree with the subject head (Types 2 and 3), broken down by experimental condition. It's important to recall that Type 2 (attraction) can only occur in Conditions B and D, where the attractor noun differs in number from the subject head. In the control conditions (A and C), in contrast, head-inconsistent responses can only take the form of Type 3, which does not constitute attraction.

Figure 4 – Average proportion of Types 2 and 3 agreement by experimental condition.




Source: The authors.

Comparing the two conditions that can yield attraction, Condition D (P+S) shows a higher mean attraction rate than Condition B (S+P). In the congruent conditions, Condition C (P+P) yielded more Type 3 responses than Condition A (S+S).

To analyze head-(in)consistent agreement patterns, we fit a mixed-effects logistic regression model (GLMM) using the *lme4* package (version 1.1-35.1). The model included Congruence (congruent: S+S, P+P; incongruent: S+P, P+S) and Verb Number (singular vs. plural) as fixed effects, and Participant and Lexical Item (Preamble) as random effects. Because the model is multivariate, the interaction between Congruence and Verb Number was also included in the model, following the predictor structure used by Nozari and Omaki (2022).

For interpretation, we collapsed the response categories into two outcome levels: agreement with the head (Type 1) versus non-agreement with the head (Types 2 and 3). Table 2 reports the model estimates.

Table 2 – Mixed-effects logistic regression model (GLMM)

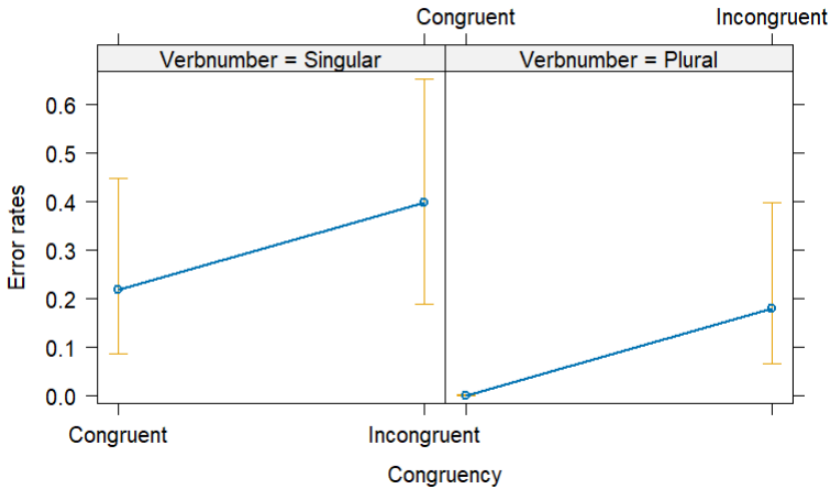
| | Estimate (logOdds) | Standard Error | z-value | p-value |
|---|---|---|---|---|
| Intercept | -1.2825 | 0.5465 | -2.347 | 0.0189 |
| Congruence – Incongruence | 0.8643 | 0.3575 | 2.418 | 0.0156 |
| Nverb – Plural | -7.5390 | 1.1108 | -6.787 | 1.14e-11 |
| Congruence – Incongruence: Nverb – Plural | 6.4285 | 1.1209 | 5.735 | 9.75e-09 |

Source: The authors.

Model results showed a main effect of Congruence: incongruent conditions (head and attractor mismatch) yielded higher rates of non-agreement with the head than congruent conditions. The model also returned a main effect of Verb Number, with higher rates of head-inconsistent responses when the verb was singular. That is, Conditions C (P+P) and D (P+S)—in which head-inconsistency corresponds to a singular verb form—showed higher rates of non-agreement with the head than Conditions A (S+S) and B (S+P).

The Congruence × Verb Number interaction was also statistically significant. In particular, Condition D (P+S) yielded a higher rate of head-inconsistent responses than Condition B (S+P). The effects plot in Figure 5 illustrates the estimated mean proportions of non-agreement with the head by condition.

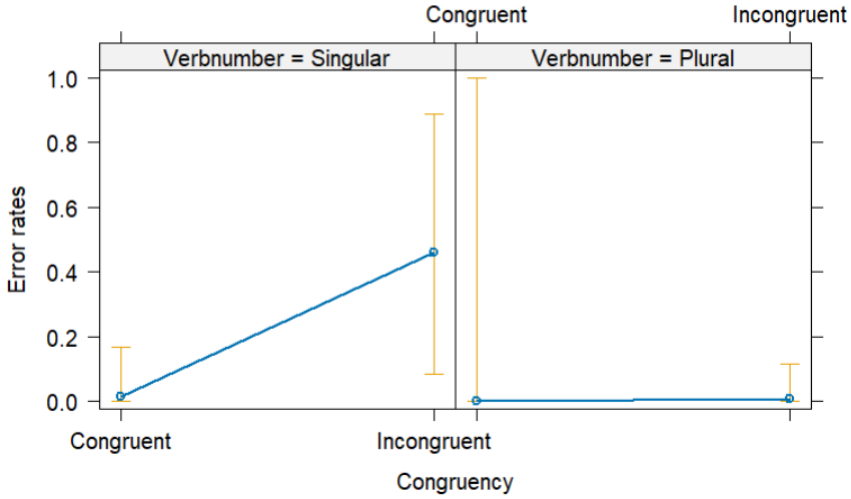
Figure 5 – Effects plot of the logistic regression model (complete data)




Source: The authors.

Finally, because Nozari and Omaki (2022) did not observe an asymmetry effect in younger children, we conducted an additional post hoc mixed-effects logistic regression restricted to the five-year-old group. The corresponding effects are shown in Figure 6. This model indicated that only the contrast between Condition C (P+P) and Condition D (P+S) was statistically significant, with higher rates of non-agreement with the head in Condition D. There was no evidence of an overall Congruence effect (beyond the C–D contrast) and no evidence of a Congruence × Verb Number interaction in this age group.

Figure 6 – Predicted effects from the mixed-effects logistic regression model for the 5-year-old group




Source: The authors.

## 5 Discussion

First, our results support the hypothesis that attraction affects agreement computation in children's speech. The incongruent conditions (B and D)—the only conditions in which the local noun differs in number from the subject head and can therefore act as an attractor—yielded a higher proportion of productions in which the verb did not agree with the subject head than the congruent conditions. In other words, the presence of a potential attractor increased the likelihood that agreement would be computed with an element other than the head, consistent with the effect reported by Nozari and Omaki (2022) for English.

In addition, our analyses revealed an effect of verb number, with higher rates of head-inconsistent responses when the verb was singular (i.e., in Conditions C and D). This effect was not reported by Nozari and Omaki (2022). One plausible interpretation is that the baseline singular default (Condition C, P+P)—although congruent—showed an unexpectedly high rate of head-inconsistent productions, which in turn inflated the overall rate of non-agreement in sentences with singular verbs. Notably, Condition C yielded substantially more head-inconsistent responses than the other congruent condition, Condition A (S+S). This pattern suggests that head-inconsistent verb forms were not restricted to contexts with a potential attractor; they also emerged in Condition C (P+P), where no attraction configuration is available.

Because number agreement is known to be variable in Brazilian Portuguese—including in child speech (e.g., Gomes et al., 2011; Molina, 2018)—one possibility is that variation contributed to the relatively high rate of head-inconsistent productions in Condition C. In these cases, both nouns were plural and no attractor mismatch was present, yet children frequently produced a singular verb form.

Molina (2018), for example, notes that although third-person plural marking is common in child speech, Brazilian Portuguese displays systematic variation in verbal agreement. Linguistic factors such as subject position relative to the verb, linear distance between subject

and verb, and phonetic salience have been shown to influence the alternation between overt plural marking and non-marking on the verb. Molina further argues that children become sensitive to these patterns early—around age three—which would make our participants, in principle, susceptible to such effects. Relatedly, Molina (2018) and Reis (2020) report that, relative to adults, children tend to produce more instances of what has been termed non-redundant agreement, i.e., structures in which plural is not overtly marked on the verb.

From a different perspective, Reis (2020), using an elicited production task with children aged 3 to 5, reports that children produced more utterances with singular-marked verbs (non-redundant agreement) than with plural-marked verbs (redundant agreement). However, because age was manipulated, Reis (2020) argues that these patterns reflect the developmental trajectory of acquiring verbal number agreement rather than the acquisition of stable sociolinguistic variation. By age five, children significantly reduce the production of the non-redundant pattern. On this view, nominal and verbal number agreement follow different developmental paths: whereas nominal agreement may be acquired through exposure to two possible surface patterns, non-redundant verbal agreement would tend to disappear with age as children converge on an adult grammar with redundant marking on the verb.

If this account is correct, non-redundant agreement should be less frequent in the age range investigated here. At the same time, it remains unclear whether the head-inconsistent productions observed in our data should be attributed to variable agreement. First, the form elicited in our task (e.g., *the snakes near the elephants is...*) does not correspond straightforwardly to the canonical non-redundant pattern described in the sociolinguistic literature, given that both noun phrases are plural while the verb is singular. Reis (2020), for instance, manipulated the relationship between agreement marking within the subject noun phrase and agreement marking on the verb, and found evidence for syntactic parallelism: non-redundant marking within the subject favors non-redundant marking on the verb. In our materials, however, subjects are complex: the head noun is modified by a prepositional phrase, which does not enter into agreement with the head. Thus, the relevant structural configuration differs from those typically investigated in studies of variable agreement, and this structural difference may be related to the singular-verb responses we observed even when both nouns within the subject were plural.

Second, because we did not directly manipulate sociolinguistic variation in our design, we cannot draw a strong conclusion about its role in shaping the observed patterns. Nevertheless, we consider it important to keep this possibility in view when investigating verbal number agreement in Brazilian Portuguese—especially because we did not observe the singular–plural asymmetry that is frequently reported in the attraction literature.

A further finding concerns the statistically significant interaction between the two fixed factors in our model, with Condition D (P+S) yielding more head-inconsistent responses than Condition B (S+P). Because these are precisely the two conditions that can give rise to attraction, an initial interpretation is that Condition D triggered higher attraction rates than Condition B. This result contrasts with Nozari and Omaki's (2022) findings and with the standard asymmetry reported for adult attraction, in which singular-head/plural-attractor configurations are typically more error-prone. Brazilian Portuguese adult data have also been claimed to show this asymmetry (Rodrigues, 2006). In our data, however, the reverse configuration appears more conducive to head-inconsistent agreement, which may suggest a divergence between children and adults in Brazilian Portuguese.

Again, the potential influence of variable agreement cannot be ruled out, particularly because the condition showing the highest rate of head-inconsistent productions is precisely one in which the subject noun phrase is plural while the verb is singular. More concretely, *As cobras perto do elefante* ("The snakes near the elephant") yielded more head-inconsistent agreement than *A cobra perto dos elefantes* ("The snake near the elephants"). Moreover, the former pattern more closely resembles structures attested in the Brazilian Portuguese variation literature.

On the other hand, given that attraction in Brazilian Portuguese has received relatively limited experimental attention—largely restricted to Rodrigues (2006)—it may be premature to conclude that the asymmetry effect is robust in Brazilian Portuguese to the same extent that it appears to be in English. Nozari and Omaki (2022) also note that previous French studies did not show asymmetry, although those studies relied on tasks with substantial memory demands (Fayol, Hupet, & Largy, 1999; Franck et al., 2004).

Another possibility for explaining the opposite asymmetry effect observed concerns the weakening of agreement features, a grammatical change attested in BP (Galves, 1993; Kato, 1999; Maia *et al.*, 2007). With the loss of the opposition between first and second person in the verbal inflectional paradigm in modern BP, only a binary opposition between first and third person related to the singular/plural distinction was maintained (Galves, 1993). Among other effects, as the preference for subject–verb (SV) order in sentence structure, there has been a weakening of the verbal inflection system in BP, which may be related to the preference for producing the verb in singular form. Nevertheless, further research is needed to investigate the status of the asymmetry effect in BP, both in adult speakers and in children, in order to deepen the discussion initiated here.

With respect to five-year-olds specifically, we did not observe an asymmetry effect, in line with Nozari and Omaki (2022). It is also worth noting that plural verb forms were relatively rare in this age group in our dataset, which may have affected statistical power and the stability of estimates.

Two additional points should be highlighted. First, some five-year-olds experienced greater difficulty with the task. Second, there was a lower willingness to participate and the amount of valid data from this group was substantially smaller than for the six- and seven-year-old groups.

## 6 Final considerations

This study investigated agreement attraction in the production of verbal number agreement by Brazilian Portuguese-speaking children aged 5 to 7. We adopted an experimental methodology because attraction typically arises in sentences with complex subject noun phrases, a construction that is relatively infrequent in the spontaneous speech of children in this age range. Our design was inspired by Nozari and Omaki (2022), who examined attraction in English-speaking children and adults and, crucially, proposed the referential communication paradigm as a method to elicit the relevant structures in child production.

With respect to the method, our findings align with Nozari and Omaki's (2022) conclusions regarding the paradigm's effectiveness: the task successfully elicited attraction-like responses from children even though the target construction is rare in spontaneous speech. At the same time, the task proved substantially more challenging for five-year-olds, as evidenced by the larger proportion of excluded utterances and by the absence of a clear attraction effect in this subgroup. Overall, however, the paradigm appears to be a useful tool for investigating attraction in child language.

Regarding the main results, although we observed attraction-related head-inconsistent agreement, the effect did not emerge in the expected direction. Specifically, we did not find the canonical singular–plural asymmetry commonly reported for adult attraction, whereby a singular head and a plural attractor yield higher attraction rates. Nozari and Omaki (2022) report this asymmetry for English, and Rodrigues (2006) reports it for adult Brazilian Portuguese. One possible interpretation is that attraction in child speech does not mirror adult patterns. A direct test of this possibility, however, requires applying the present paradigm to adult speakers of Brazilian Portuguese, which would allow a more controlled comparison using the same materials and procedure.

In this context, it is also important to note several differences between our Brazilian Portuguese implementation and the English study. First, the slides used in our experiment differed in visual layout and design features. Second, the elicited sentences were not identical across languages: in Brazilian Portuguese, the adjective's position relative to the local noun differed, and the target structure also involved predicative agreement with the adjective linked to the subject head. Such differences may have influenced processing and production, and they should be systematically assessed in future work.

A further issue that remained salient in our interpretation is the potential role of variable verbal agreement in Brazilian Portuguese, in both child and adult speech, as documented in the acquisition and sociolinguistic literature. One hypothesis for the absence of the asymmetry effect is that the variable status of verbal agreement may have increased the rate of head-inconsistent productions in sentences such as *As cobras perto do elefante é* ("The snakes near the elephant is"). Although the local noun (*o elefante*) could, in principle, attract singular agreement, this surface pattern is also compatible with a known option in Brazilian Portuguese variable agreement. As a result, for this subset of responses it is difficult to determine the relative contribution of attraction versus variable agreement.

Importantly, the primary goals of the present study were not to investigate the sociolinguistic conditioning of variable agreement in Brazilian Portuguese, but rather to determine whether children in this age range produce attraction at all and whether their production resembles adult patterns. For this reason, we did not manipulate or control for linguistic and social predictors that are typically examined in variationist work.

This constitutes a limitation of the present study and motivates future research. In Brazilian Portuguese, attraction and variable agreement may plausibly interact, and disentangling them will require designs that directly manipulate both factors in order to establish their respective contributions to verbal number marking. We also recommend applying the present experiment to adult speakers, using the same stimuli and procedure, to determine whether the canonical asymmetry emerges under these controlled conditions in adult Brazilian Portuguese production.

## Statement of Authorship

We declare that the article was produced with contributions from both authors. The research presented was conceptualized by both authors, and the experiment was conducted by Lilian Scher. The initial draft of the article was written by Lilian Scher, with revision and translation into English by Pablo Faria. Data analysis was conducted by Lilian Scher, with review and contributions from Pablo Faria. Both authors contributed to the final revisions of the article.

## References


BOCK, K; EBERHARD, K.M. Meaning, Sound and Syntax in English Number Agreement. *Language and Cognitive Processes*, v. 8, n. 1, p. 57-99, 1993.

BOCK, K.; MILLER, C.A. Broken Agreement. *Cognitive Psychology*, v. 23, n. 1, p. 45-93, 1991.

EBERHARD, K.M. The Marked Effect of Number on Subject-verb Agreement. *Journal of Memory and Language*, v. 36, n. 2, p. 147-164, 1997.

EBERHARD, K. M. The Accessibility of Conceptual Number to the Processes of Subject-verb Agreement in English. *Journal of Memory and Language*, v. 41, n. 4, p. 560-578, 1999.

FAYOL, M.; HUPET, M.; LARGY, P. The Acquisition of Subject-verb Agreement in Written French: From Novices to Experts' Errors. *Reading and Writing*, v. 11, n. 2, p. 153-174, 1999.

FRANCK, J.; VIGLIOCCO, G.; NICOL, J. Subject-verb Agreement Errors in French and English: The Role of Syntactic Hierarchy. *Language and Cognitive Processes*, v. 17, n. 4, p. 371-404, 2002.

FRANCK, J. *et al*. Normal and Pathological Development of Subject-verb Agreement in Speech Production: A Study on French Children. *Journal of Neurolinguistics*, v. 17, n. 2, p. 147-180, 2004.

FRANCK, J. Reaching Agreement as a Core Syntactic Process: Commentary of Bock & Middleton Reaching Agreement. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 29, p. 1071-1086, 2011.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. Campinas: Unicamp, 1993. p. 387-408.

GOMES, C. A. *et al*. Variação e aquisição da flexão nominal e da flexão verbal. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 30, p. 39-54, 1. sem, 2011.

GUY, G. R. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese*: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History. 1981. 406 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia, 1981.

KATO, M. Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter. *Probus*, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999.

LOPES, R.E.V. The Production of Subject and Object in Brazilian Portuguese by a Young Child. *Probus*, v. 15, n. 1, p. 121-144, 2003.

LOPES, R. E. V.; SOUZA, T. T.; ZILLI, A. S. Tempo e concordância e seus efeitos na aquisição do português brasileiro. *In*: ENCONTRO DO CELSUL, 6., 2004. *Anais* [...] Florianópolis: CELSUL, 2005, p. 1-10.

LORIMOR, H.; STEPHENS-HECKER, N.; MILLER, C. When It Comes to Complex NPs, Not All Preschoolers Agree. *Language Learning and Development*, v. 15, n. 4, p. 295-316, 2019.

MAIA, M., FERNANDÉZ, E., COSTA, A.; LOURENÇO-GOMES, M. Early and Late Preferences in Relative Clause Attachment in Portuguese and Spanish, *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 6, n.1, p. 227-250, 2007.

MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. Variable Number Agreement in Brazilian Portuguese: An Overview. *Language and Linguistics Compass*, v. 9, n. 9, p. 358-368, 2015.

MOLINA, D. *Aquisição da linguagem e variação linguística*: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB. 2018. 279 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

NARO, A. J. The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, n. 57, p. 63-98, 1981.

NICOL, J.L.; FORSTER, K. I.; VERES, C. Subject-verb Agreement Processes in Comprehension. *Journal of Memory and Language*, v. 36, n. 4, p. 569-587, 1997.

NOZARI, N.; OMAKI, A. Syntactic Production is Not Independent of Inhibitory Control: Evidence From Agreement Attraction Errors. *In*: ANNUAL CONFERENCE OF THE COGNITIVE SCIENCE SOCIETY, 40., 2018, Wisconsin. *Proceedings* [...]. Wisconsin: Cognitive Science Society, 2018. p.822- 827.

NOZARI, N.; OMAKI, A. Revisiting Agreement: Do Children and Adults Compute Subject-verb Agreement Differently? *In*: ANNUAL MEETING OF THE COGNITIVE SCIENCE SOCIETY, 44., 2022, Wisconsin. *Proceedings* [...]. Wisconsin: Cognitive Science Society, 2022. v. 44, n. 44, p. 409-415.

PEARLMUTTER, N. J.; GARNSEY, S.M.; BOCK, K. Agreement Processes in Sentence Comprehension. *Journal of Memory and Language*,1999. v. 41, n. 3, p. 427-456.

REIS, M. M. *Aquisição da variação e mudanças na(s) gramática(s) das crianças*: um olhar sobre a Concordância Variável no PB. 2020. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

RODRIGUES, E. D. S. *Processamento da concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças.* 2006. 203 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RUBINO, R.; PINE, J. Subject-verb Agreement in Brazilian Portuguese: What Low Error Rates Hide. *Journal of Child Language*, v. 25, p. 35-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A variação da concordância verbal na escrita monitorada. *In*: PAIVA, M.C.; ABREU, C.G (org.). *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014. p. 21-43.

WAGERS, M. W.; LAU, E. F.; PHILLIPS, C. Agreement Attraction in Comprehension: Representations and Processes. *Journal of Memory and Language*, v. 61, n. 2, p. 206-237, 2009.

v. 34, n. 2, p. 267–299, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.267–299
Submetido em: 20/01/2026 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# Notes Toward a Systemic Functional Model of (Im)politeness

## *Apontamentos para um Modelo Sistêmico-Funcional da (Im)polidez*

**Theodoro C. Farhat**
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo | SP | BR
Universidad Complutense de Madrid (UCM) | Madrid | ES
theo.cfar@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-9646-6301

**Abstract:** Grounded in Systemic Functional Linguistics (SFL – Halliday, 1978; Matthiessen; Teruya, 2024), this paper discusses the systemic functional modeling of politeness and impoliteness phenomena (e.g., Brown; Levinson, 1987; Leech, 2014; Culpeper, 2011). Although (im) politeness is frequently cited as a central interpersonal element for modeling the relationship between language and context, to date there has been no comprehensive systemic functional model of the phenomenon that details its implications for contextual, semantic, and lexicogrammatical selections. Methodologically, the paper is based on a staged procedure involving review, metatranslation, and analytical testing. Combined with a set of criteria for descriptive adequacy, this procedure seeks to produce descriptions that are consistent, explicit, analytically useful, and empirically grounded. As a result, we argue that a systemic functional modeling of (im) politeness allows for a stratified and metafunctionally oriented treatment of the phenomenon. More specifically, the model construes (im)politeness as a fundamentally interpersonal phenomenon, characterized by realizational alignments across contextual (e.g., we propose a contextual system of POLITENESS ROLE as part of tenor, since (im)politeness is emically interpreted as an attribute of the interactant), semantic (e.g., positive [im] politeness often involves attitudinal meanings concerning the addressee, thus relating to the system of ATTITUDE), and lexicogrammatical configurations (e.g., specifying different strategies of [im]politeness in terms of MOOD, MODAL ASSESSMENT and PERSON). We hope that such a model will not only enrich SFL and facilitate its dialogue

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

with other theories of the language–context interface, but above all make explicit elements that, although relevant, may remain unnoticed in other approaches.

**Keywords:** politeness; impoliteness; Systemic Functional Linguistics; context; sociopragmatics.

**Resumo:** Fundamentado na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF – Halliday, 1978; Matthiessen; Teruya, 2024), este artigo discute a modelagem sistêmico-funcional dos fenômenos de polidez e impolidez (p. ex. Brown; Levinson, 1987; Leech, 2014; Culpeper, 2011). Embora a (im)polidez seja frequentemente citada na LSF como um elemento interpessoal central para a modelagem da relação entre linguagem e contexto, até o momento não houve uma modelagem sistêmico-funcional abrangente do fenômeno que detalhe suas implicações para seleções contextuais, semânticas e léxico-gramaticais. Metodologicamente, o artigo fundamenta-se em um procedimento em etapas de revisão, metatradução e testagem analítica. Com um conjunto de critérios de adequação descritiva, o procedimento busca produzir descrições consistentes, explícitas, analiticamente úteis e empiricamente fundamentadas. Como resultado, argumentamos que a modelagem sistêmico-funcional da (im)polidez permite um tratamento estratificado e orientado metafuncionalmente do fenômeno. Mais especificamente, o modelo interpreta a (im)polidez como um fenômeno fundamentalmente interpessoal, caracterizado por alinhamentos realizacionais entre configurações contextuais (por exemplo, propomos um sistema contextual de PAPEL DE POLIDEZ como parte das relações [*tenor*], uma vez que a (im)polidez é emicamente interpretada como um atributo dos interactantes), semânticas (por exemplo, a [im] polidez positiva frequentemente envolve significados atitudinais relativos ao destinatário, relacionando-se, assim, ao sistema de ATITUDE) e léxico-gramaticais (por exemplo, a especificação de diferentes estratégias de [im]polidez em termos de MODO, VALIDAÇÃO MODAL e PESSOA). Esperamos que tal modelo não apenas enriqueça a LSF e facilite seu diálogo com outras teorias da interface linguagem–contexto, mas, sobretudo,

torne explícitos elementos que, embora relevantes, podem passar despercebidos em outras abordagens.

**Palavras-chave:** polidez; impolidez; Linguística Sistêmico-Funcional; contexto; sociopragmática.

## 1 Introduction

This paper is grounded in Systemic Functional Linguistics (SFL) (Halliday, 1978; Matthiessen; Teruya, 2024), an approach that explores the paradigmatic (i.e., systemic) organization of human languages as motivated by semantic and contextual (i.e., functional) pressures. It is part of a project aimed at developing a new description of the contextual parameter of **tenor**, which concerns the roles and relations assumed by participants in an interaction and the ways in which such elements activate linguistic choices or are enacted by them (Hasan, 2020; Farhat, 2025).

More specifically, this study addresses the phenomenon of **(im)politeness**. Although (im)politeness is frequently cited in SFL as a central interpersonal element for modeling the relationship between language and context, to date there has been no comprehensive systemic functional model of the phenomenon that details its implications for contextual, semantic, and lexicogrammatical selections. For instance, Matthiessen and Teruya (2024) mention (im)politeness eleven times in their SFL guide, but always *en passant*, as an illustration or a secondary component of another notion. The only explicit attempt we are aware of to move toward a systemic functional modeling of (im)politeness appears in a blog post by Matthiessen (2017); even there, however, the author offers only a few suggestions as to how such work might proceed. With the present paper, we aim to contribute to filling this gap by proposing an initial SF architecture for the study of (im)politeness.

We expect that a systemic functional modeling of (im)politeness will make it possible, fundamentally, to treat the phenomenon in a way that is (1) stratified and (2) metafunctionally oriented. More specifically, the systemic functional model of (im)politeness construes it as an interpersonal phenomenon characterized by different realizational alignments across contextual, semantic, and lexicogrammatical configurations.

At the contextual level, we propose a system of POLITENESS ROLE as part of tenor, since (im)politeness is emically interpreted as an attribute of the interactant ("she was [im]polite") — that is, as a property external to language, although dependent on linguistic behavior for its realization. At the semantic level, we propose that the typification of (im)politeness strategies is linked to their relation with different semantic systems — for example, so-called "positive" (im)politeness, oriented toward the (dis)approval of the other, often involves attitudinal meanings about the addressee and thus relates to the system of APPRAISAL (Martin; White, 2005). Finally, at the lexicogrammatical level, we highlight the relevance of the SF description of lexicogrammatical systems and realizational patterns associated with different (im)politeness strategies — for instance, so-called indirect speech acts, a prototypical realization of negative politeness, can be interpreted in systemic functional terms as a type of interpersonal grammatical metaphor.

In the next section, we present the methodological procedure underpinning this study. We then briefly revisit some of the main perspectives on (im)politeness, highlighting

sociopragmatic and interpersonal elements that can be reinterpreted in systemic functional terms. The fourth section then presents some of the most important features of SFL and of the description of tenor we adopt. The fifth section then presents the proposed framework, whose implications are analytically illustrated through a pilot study in the sixth section. Finally, in the concluding remarks, we consider the model's exploratory nature, its limitations, and outline directions for future research.

## 2 Methodological procedures

This study is grounded in a methodological procedure organized into four stages:

1 **Review.** The first stage focuses on examining previous proposals — both foundational works in (im)politeness research and more recent developments — so as to delineate the landscape of source metalanguages that, in the subsequent stage, will undergo metatranslation into the systemic functional metalanguage. This is not a simple return to earlier studies, but rather an active process of identifying patterns and formulating hypotheses.

2 **Synthesis and metatranslation.** The outcome of the review is a synthesis of descriptive elements that can be incorporated into SFL. This incorporation takes place through a procedure of *metatranslation* (Matthiessen *et al*., 2022), whereby notions external to the target metalanguage are reinterpreted in terms of the principles and formalisms provided by SFL. For instance, a distinction between two categories in a given theory may be reinterpreted as a system with two options under a given entry condition, while a pattern of correlation between categories may be construed as a realizational principle (for discussion, see Farhat, 2025).

3 **Modeling.** The results of metatranslation make it possible to move on to the modeling stage, in which the interrelations between the elements incorporated into SFL and pre-existing components of the theory are discussed. Descriptions that make up the model are required to follow a set of criteria for descriptive evaluation, whose aim is to ensure the quality of the description along several complementary dimensions. In brief, these criteria are as follows:

   A **Formal adequacy.** Here, "formal" is understood in the sense found in *formalism* as a *descriptive technique*. A formally adequate system is one that appropriately employs all the obligatory descriptive techniques made available by the theory. There is no space here to detail such techniques; we therefore recommend Martin (2013) and Matthiessen (2022).

   B **Internal consistency.** The model should not be redundant or internally contradictory. To assess compliance with this criterion, it is necessary to conduct a careful examination of all system options and their interrelations, "calculating" the selections allowed and identifying potential points of redundancy and/or contradiction. In addition, two subcriteria must be kept in mind:

(a) **Metafunctional/stratal consistency:** this involves checking whether the proposed categories are compatible with (i) the degree of symbolic abstraction of the stratum at which they are located (context, semantics, lexicogrammar, or expression), and (ii) the metafunction (or parameter, in the case of context) with which they are aligned (ideational, interpersonal, or textual).

(b) **Consistency with the entry condition:** by the criterion of formal adequacy, all categories within a system must describe the entry condition of that system. For example, in many languages, the system of GENDER, whose entry condition is [noun], cannot be applied to the unit [verb].

C **Degree of detail.** To be descriptively and analytically useful, a system must reach a level of detail that allows for the precise categorization of distinct objects. Such details operate in two different, but related, ways:

(a) **Delicacy:** systemic detail allows categories to be specified along different dimensions, enabling fine-grained categorization of the objects under description. A system with low delicacy may be coherent and adequate, but will typically have reduced analytical usefulness, as very different objects may end up classified under the same category.

(b) **Realization:** realizational elements function, in practice, as recognition criteria — for example, in English grammar, a clause is recognized as *interrogative* by the realization of a "Finite^Subject" structure.

D **Descriptive explicitness and analytical testability.** If a category is described vaguely, its testability in the analysis of instances is seriously compromised, making its reliable application impossible or, in many cases, allowing more applications than would be desirable for the category to reveal important distinctions. To ensure such explicitness, one must resort to the *trinocular perspective* (Halliday, 2009): the category should be considered "from below," in terms of its realization (intra- or interstratal); "from above," in relation to its realizational alignment with options in the stratum above; and "from around," considering the relations between the category in question and other categories at the same stratum (whether in the same system or not, and whether within the same metafunction or not).

4 **Analytical testing.** Although the present study is primarily theoretical in purpose, in order for its results to be empirically grounded in primary data (and thus to meet criterion D), a stage of analytical testing and evaluation is included, in which SFL analytical tools (e.g., Halliday; Matthiessen, 2014; Martin, 1992; Martin; White, 2005; Figueredo, 2011) and the proposed model itself are employed as analytical instruments. Depending on the analytical results obtained, the model may be reformulated so as to ensure its empirical sensitivity and its usefulness as an analytical tool. To this end, we analyzed a corpus consisting of five Twitter (X) threads, totaling 81 individual tweets. An ideal corpus for our purposes would be homogeneous with respect to the

contextual parameters of *field* and *mode*, but heterogeneous with respect to *tenor*, thus allowing a focused examination of different realizations of this parameter. To this end, three criteria were used in collecting the Twitter threads:

1 All threads address the same topic, thereby stabilizing ideational variables and, consequently, *field*. For this purpose, we used X's (formerly Twitter's) advanced search, querying *"esse oscar" min_replies:5 until:2023-03-14 since:2023-03-13*, with the following specifications: (a) all initial tweets in the threads used the string "esse Oscar" (literally "this Oscar") and were published between 13 and 14 March 2023, ensuring that the topic under discussion was the 95th Academy Awards ceremony, which took place between 12 and 13 March. The choice of topic is motivated by its publicity: as a widely discussed event, it was assumed to be more feasible to find threads that met criterion 3 (see below); (b) all threads consist of at least five replies to the initial tweet, ensuring a minimum amount of semiotic material for analysis. In cases with many replies, we collected up to the twenty-fifth, a number we consider both representative and amenable to detailed analysis.
2 The entire corpus consists of Twitter threads, which provides a certain degree of stability to *mode* variables. For all instances of written language, however, the following configuration applies: [graphic; mediated: congruent: digital; public] (based on Hasan, 2014).
3 We sought to collect threads that, in pre-analytical observations, exhibited variation in interactants' roles and relations — that is, in *tenor*. The analyses indicate the extent to which such observations are borne out.

# 3 (Im)politeness Theories

## 3.1 Brown and Levinson

Brown and Levinson's (1987) politeness theory is built upon the abstraction of a Model Person (MP): a willful, rational agent endowed with "face." The notion of face was originally conceptualized by Goffman (1967, p. 5):

> The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes — albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself.

According to Goffman (1967), participants in an interaction — especially in public settings — are constantly concerned with avoiding threats to their own face and to the face of others. Brown and Levinson (1987) develop these reflections by proposing that the MP's rationality is specifically deployed to satisfy two simultaneous and complementary dimensions of face:

- **Negative face:** the desire for autonomy, freedom from coercion, and freedom from imposition.
- **Positive face:** the desire for acceptance, affiliation, and appreciation.

The authors argue that politeness emerges as a set of strategies aimed at mitigating **face-threatening acts (FTAs)**. Within this framework, the MP is assumed to be a "rational calculator" who assesses the degree of threat inherent in a move before selecting a linguistic strategy. The "weight" (*Wx*) of an FTA is assumed to be the sum of three variables:

1. **Social Distance (D):** the degree of familiarity between the speaker (*S*) and the hearer (*H*).
2. **Relative Power (P):** the vertical asymmetry between *H* and *S*.
3. **Ranking of Imposition (R):** the culturally defined degree of "gravity" of the specific act (e.g., asking for a pen vs. asking for a large loan).

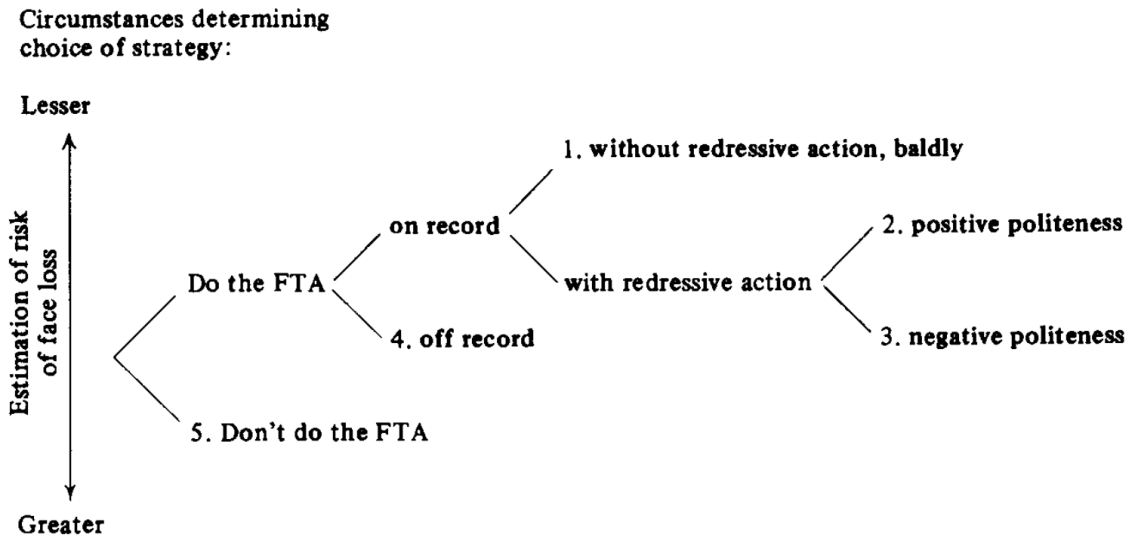
This assessment is formalized in the following formula:

$$Wx = D(S, H) + P(H, S) + Rx$$

For example, asking to borrow money may constitute a high *Rx*; however, if the act is directed at a close friend (low *D*) with no power asymmetry (low *P*), the total *Wx* remains relatively "light." Conversely, if the same request is made to a superior at work, the increase in *P* and *D* results in a higher *Wx*, necessitating more complex and indirect politeness strategies. From an SFL perspective, this formula is particularly significant because it attempts to quantify the pressure that situational variables exert on linguistic choice. For instance, the variables of Distance and Power seem to map directly onto the SFL parameter of tenor (see below).

On this basis, Brown and Levinson (1987) propose a typology of strategies available to interactants for dealing with an FTA, ranging from not performing the act at all (when its "weight" is excessive) to performing it directly (when it is "light"), with a set of intermediate options. Figure 1 presents the most general categories of this typology; Table 1 provides illustrative examples, with the most relevant structures for each strategy underlined.

Figure 1 – Typology of FTA strategies




Source: Brown and Levinson (1987, p. 60).

Table 1 – Examples of Brown and Levinson's FTA strategies

| | Specific strategy: examples | Example |
|---|---|---|
| | Bald on record | "Hey, lend me fifty dollars." |
| Positive politeness | Claim common ground: Use identity markers | "Hey mate, could you lend me fifty dollars?" |
| | Convey that S and H are cooperators: offer, promise | "Give me fifty dollars and I promise I'll have it back to you by Monday morning." |
| Negative politeness | Be conventionally indirect | "Can you lend me fifty dollars?" |
| | Don't presume/assume | "I'm perhaps looking to borrow something like fifty dollars, if that's at all possible." |
| | Don't coerce H (Be pessimistic) | "I don't suppose you'd be able to lend me fifty dollars, would you?" |
| | Communicate S's want to not impinge (Apologize) | "I'm terribly sorry to bother you with this, but would it be okay if I borrowed fifty dollars?" |
| | Redress other wants of H's (Go on record as incurring debt) | "I'd be eternally grateful if you could spare fifty dollars; I'd really owe you one." |
| Off record | Invite conversational implicatures (Give hints) | "Man, I'm exactly fifty dollars short for my rent today and the landlord is coming in an hour." |
| | Be vague or ambiguous (Violate Manner Maxim) | "It would be quite a relief if a certain amount — say, fifty dollars — were to somehow materialize." |

Source: categories by Brown and Levinson; examples constructed by the author.

A substantial portion of Brown and Levinson's (1987) work is thus devoted to cataloguing, describing, and explaining different strategies of "positive" and "negative" politeness. There is no space here to detail them; for present purposes, it suffices to note that while positive politeness strategies are oriented toward signaling affiliation with and appreciation of the interlocutor (e.g., indicating common group membership, praising the addressee), negative politeness strategies focus on minimizing the imposition potentially instantiated by the act (e.g., indicating that compliance with the request is not obligatory); as we will suggest in Section 5, Brown and Levinson's typology of politeness strategies may be reinterpreted as part of the (systemic functional) semantics of (im)politeness.

## 3.2 Leech

Leech (2014) proposes an alternative model of (im)politeness. As in the previous discussion, the present review is necessarily selective.

### (1) Pragmalinguistic vs. sociopragmatic politeness

Since pragmatics is, by definition, concerned with the relationship between language and context, Leech (2014) argues that analytical emphasis may be placed on one or the other side of the dyad. In politeness studies, there may be a *pragmalinguistic* emphasis (for example, investigating why, even in a decontextualized manner, *thank you very much* tends to be interpreted as "more polite" than *thank you*), or a *sociopragmatic* emphasis (for example, investigating the different "weights" that factors such as social distance and power have in determining the "appropriate" use of politeness). In line with this distinction, Leech (2014) also proposes two scales: on the pragmalinguistic politeness scale, there is a unidirectional continuum from "non-polite" to "extremely polite"; on the sociopragmatic politeness scale, there is a bidirectional continuum, with "appropriately polite" at the center and "over-polite" (more than appropriate) and "under-polite" (less than appropriate) at the extremes.

### (2) The Principle of Politeness

In line with the Gricean tradition, Leech's model proposes a set of maxims that specify a *Principle of Politeness* (originally formulated in 1983):

> The Principle of Politeness (PP) [...] is a constraint observed in human communicative behavior, influencing us to avoid communicative discord or offence, and maintain or enhance communicative concord or comity. What I mean by "communicative discord" is a situation in which two people, x and y, can be assumed, on the basis of what meanings have been communicated, to entertain mutually incompatible goals. [...] Concord is the opposite of discord: both participants explicitly or implicitly purport to pursue each other's goals (Leech, 2014, p. 87).

In short, being polite involves seeking concord and avoiding discord — not merely reducing face threat, but seeking communicative altruism. Leech (2014, p. 90) further proposes a *General Strategy of Politeness*:

> *General Strategy of Politeness*: In order to be polite, *S* expresses or implies meanings that associate a favorable value with what pertains to *O* or associates an unfavorable value with what pertains to *S*.

More succinctly, one could say that the General Strategy of Politeness encompasses acts of *other-enhancement* and *self-deprecation*. This strategy can be further specified into a set of sub-strategies — more specifically, ten maxims (see Table 2).

Table 2 – Leech's politeness maxims

| Maxim | Description | Examples |
|---|---|---|
| (M1) Generosity | Give a high value to the other's (O's) wants. | Offers, invitations, and promises — acts where the speaker proposes a future action for the benefit of the other. |
| (M2) Tact | Give a low value to the speaker's (S's) wants. | Mitigation of the degree of imposition in requests or directives to give the other an "out." |
| (M3) Approbation | Give a high value to the other's (O's) qualities. | Compliments and expressions of praise for the other's attributes or performance. |
| (M4) Modesty | Give a low value to the speaker's (S's) qualities. | Self-deprecating evaluations and the rejection or deflection of compliments. |
| (M5) Obligation (S to O) | Give a high value to the speaker's (S's) obligation toward the other (O). | Apologies (for an offense committed by S) and thanks (for a favor done by O). |
| (M6) Obligation (O to S) | Give a low value to the other's (O's) obligation toward the speaker (S). | Responses to thanks or apologies that minimize the debt, such as "it's okay" or "no problem." |
| (M7) Agreement | Give a high value to the other's (O's) opinions. | Convergent responses and emphatic agreement using intensifiers like "exactly" or "absolutely." |
| (M8) Opinion Reticence | Give a low value to the speaker's (S's) opinions. | Mitigation or omission of disagreement to avoid appearing overly opinionated. |
| (M9) Sympathy | Give a high value to the other's (O's) feelings. | Congratulations for the other's success and condolences or commiserations for their misfortune. |
| (M10) Feeling Reticence | Give a low value to the speaker's (S's) feelings. | Suppression or mitigation of one's own feelings, especially negative ones, to preserve rapport. |

Source: Leech (2014).

We believe the importance of Leech's model for a systemic functional approach to (im)politeness lies primarily in its evaluative orientation. Each maxim essentially assigns a "value" to the participants' qualities or wants. This aligns with the SFL system of APPRAISAL, suggesting that (im)politeness can be modeled as the semantic management of interpersonal "values" (other-enhancement vs. self-deprecation). Furthermore, his distinction between pragmalinguistic and sociopragmatic scales provides an early, though less formal, intuition of the stratified nature of (im)politeness.

## 3.3 Impoliteness

Over the past two decades, there has been increasing recognition that, while polite acts are often treated as the "unmarked" norm in interaction, impolite acts are a frequent and systematic feature of discourse. This has shifted the research focus toward the pragmalinguistic and sociopragmatic properties of acts that do not seek concord, but rather discord and social disruption.

Foundational to this shift is the work of Culpeper (1996), who attempts to build an anatomy of impoliteness that is parallel to Brown and Levinson's (1987) theory of politeness, critically examining and expanding it. Arguing that impoliteness is "very much the parasite of politeness" (p. 355), Culpeper (1996) proposes five superstrategies designed to attack face rather than maintain it. Mirroring Brown and Levinson's categorization, these strategies range from direct attacks to indirect sarcasm:

- **Bald on record impoliteness:** the face-threatening act (FTA) is performed in a direct, clear, and unambiguous way in circumstances where face is not irrelevant or minimized. *Example:* explicit assertions such as "you are despicable" or "you've already proven to be a damn habitual liar".
- **Positive impoliteness:** the use of strategies designed to damage the addressee's positive face wants (the want to be approved of). *Examples:* ignoring or snubbing the other; using inappropriate identity markers (e.g., using a title and surname when a close relationship pertains); seeking disagreement; or using taboo words and abusive language.
- **Negative impoliteness:** the use of strategies designed to damage the addressee's negative face wants (the want to be unimpeded). *Examples:* frightening the target; ridiculing or scorning to emphasize relative power; invading the other's space (literally or metaphorically); or explicitly associating the other with a negative aspect (e.g., "you're the one intimidating… my squad leaders").
- **Sarcasm or mock politeness:** the FTA is performed using politeness strategies that are obviously insincere and remain surface realizations. *Example:* using a polite formula to convey the opposite meaning, such as saying "Do me a favor…" before a face attack like "…don't have any children," or saying "you really impress people" to imply failure.
- **Withhold politeness:** the absence of politeness work where it would be expected. *Example:* failing to thank somebody for a present or remaining silent when a response is expected.

Later, Culpeper (2011) argues that impoliteness is not merely a "failure" of politeness or a collection of strategies, but a functional phenomenon in its own right. Culpeper (2011) defines impoliteness as a negative evaluative attitude toward specific behaviors occurring in specific contexts. Crucially, he proposes that impoliteness occurs when an act is perceived as a salient attack on face sensitivities or a violation of sociality rights. He also argues that impoliteness serves specific functions, and accordingly delineates three broad types of impoliteness:

- **Affective impoliteness** is "the targeted display of heightened emotion, typically anger, with the implication that the target is to blame for producing that negative emotional state" (Culpeper, 2011, p. 223). These are cases in which other-deprecation is clearly at stake: the other is construed as responsible for an undesirable state of affairs.

- **Coercive impoliteness** "seeks a realignment of values between the producer and the target such that the producer benefits or has their current benefits reinforced or protected" (Culpeper, 2011, p. 226). This involves self-enhancement on the part of the speaker; however, since the speaker's benefits may be detrimental to the other, other-deprecation may also occur.
- **Entertainment impoliteness**, finally, "involves entertainment at the expense of the target of the impoliteness, and is thus always exploitative to a degree" (Culpeper, 2011, p. 233). In such cases, other-deprecation is deployed in the service of the speaker's affective (humor-related) state, thereby generating (implicitly) self-enhancement (the speaker "deserves" to laugh).

Along similar lines, Leech (2014, p. 221) also proposes a General Strategy of Impoliteness: "In pursuing the goal of impoliteness, S [the speaker/writer] will express/imply evaluative meanings that are favorable to S and unfavorable to O [other person or people]." Here, the expectations of the politeness strategy are reversed, materializing in the violation of the maxims: the high value assigned to the other becomes low value, while the low value assigned to the speaker becomes high value. In addition, the absence of politeness in contexts where polite utterances are expected may itself be interpreted as impolite, even though such cases can still, at least in part, be subsumed under maxim violation (for example, the absence of apologies or thanks may be interpreted as devaluing the speaker's obligations toward the other, thus violating M5 – Obligation).

Finally, there has also been growing attention to the role of interactants' identities in the dynamics of (im)politeness. Garcés-Conejos Blitvich and Sifianou (2017), for instance, question a rigid distinction between the notions of face and identity, arguing that there are important areas of overlap between the two. Moreover, the authors advance the hypothesis that (im)politeness itself is a phenomenon that is fundamentally identity-related: from an emic perspective, the primary targets of evaluations such as "polite" or "impolite" (or, more commonly in English, *well behaved* or *rude*) are the interactants themselves, rather than their individual acts. This reinforces the need for a contextual description of (im)politeness: if (im)politeness may be seen as an emic attribute of an *interactant*, it may be also modeled as a "speech role" — a temporary identity assumed during the logogenetic unfolding of the text.

## 4 Systemic Functional Linguistics and tenor

As noted in the introduction, SFL is grounded in the idea that the systemic organization of language is motivated by functional factors — namely semantic factors (understood in a broad sense, encompassing much of what is traditionally treated as "pragmatics") and contextual factors (that is, situational elements that "activate" certain language uses over others). In practical terms, this has led scholars such as Hasan (2014, 2020) to argue that SFL should also be concerned with the *systemic description of contextual phenomena themselves*. These contextual phenomena are understood as the cultural variables underlying variation in language use across different registers, genres, and the like.

SFL also operates with the notion that there are three *metafunctions* — broad functions of language around which linguistic systems cluster. Because of their generality, these functions constitute a crucial dimension in the organization of language as a whole. They

are: the *ideational metafunction*, which deals with the construal and articulation of experience ("representation"); the *interpersonal metafunction*, which construes language as a resource for intersubjective negotiation; and the *textual metafunction*, which encompasses the resources that create *texture* — that is, the elements that enable a text to function as a meaningful whole.

Correspondingly, each metafunction is associated with, and realizes ("expresses"), a contextual parameter: *field*, the parameter concerned with the nature of the activity constituted by/with the help of language (e.g., narrating, explaining, arguing), is realized by the ideational metafunction; *tenor*, which concerns the relations among participants in an interaction and the roles they occupy (e.g., intimacy, power, similarity/difference), is realized by the interpersonal metafunction; and *mode*, which encompasses the possibilities of contact (written, spoken, etc.) between interactants and is realized by the textual metafunction.

For example, when, in the tenor system of **STATUS ROLE**, the option [epistemic: inferior] (i.e., a position of "knowing less") is selected, this choice may activate the selection of [demand; information] (i.e., a question) in the interpersonal semantic system of **SPEECH FUNCTION**. This choice is then typically realized by the selection of [indicative: interrogative] in the grammatical system of **MOOD**; finally, this selection may be realized, in English, by the grammatical structure Finite^Subject (i.e., the "auxiliary verb" precedes the Subject).

For the purposes of this paper, it is important to describe in greater detail certain aspects of tenor — that is, of the "interpersonal context." In Farhat (2025), we argue that the systems constituting this parameter are motivated by two broad, possibly universal, human needs: *positive needs* (affiliation, acceptance) and *negative needs* (non-interference, autonomy). While related to the notion of *face* as used by Brown and Levinson (1987), the notion of *need* is broader, being relevant even when no "threat" is perceived; all interpersonal moves instantiated in a text could be seen, ultimately, as motivated to some degree by these impulses of "approach" (positive) and "distance" (negative). Concretely, these needs unfold into the following systems:

- **SOCIAL DISTANCE:** measures the degree of "intimacy" or "impersonality" between interactants; it reflects both positive needs (we draw closer because we seek affiliation) and negative needs (we keep distance in order to preserve autonomy). For details and analyses, see Farhat and Gonçalves-Segundo (2025).
- **STATUS:** describes the positioning of interactants in terms of symmetries and asymmetries, both of power (capacity for action and coercion) and of knowledge (knowing more or less); it primarily reflects negative needs ("having status" is closely related to "being autonomous").
- **SOCIOMETRIC RELATION:** describes the degree of "harmony" or "disharmony" between interactants — that is, relations of cooperation and conflict. While "harmony" typically arises when interactants' needs are not in conflict, "disharmony" may emerge precisely from divergences in those needs.

An elegant way of describing this parameter, then, is as a "three-dimensional" space: a *horizontal* dimension (SOCIAL DISTANCE), a *vertical* dimension (STATUS), and a *transversal* dimension (SOCIOMETRIC RELATION). There is also, however, the system of SPEECH ROLES, describing terms such as "speaker" versus "addressee" and their more delicate differentiations (e.g., the Goffmanian categories of "author", "animator" and "principal"), as well as systems of ATTRIBUTES (Hasan, 2020), which describe the social positioning of interactants — their ethnicity, social class, age, and so on.

Finally, due to its functional orientation, Systemic Functional Linguistics does not treat language solely as an abstract potential, but also as a set of concrete instances through which meaning is enacted. It therefore posits a complementary relationship between the potential ("what can be said") and the instance ("what is said"), modeled through the **cline of instantiation**. This cline represents a continuum of socio-semiotic generality, reflecting the analytical standpoint adopted by the researcher.

At one pole of the cline lies the **instance**, where language is viewed as a text realizing a specific context of situation. At the other lies the **potential**, where language is viewed as a system (a meaning potential) realizing a context of culture. Between these poles lies an intermediate region of **subpotentials**, such as registers and genres, which mediate between individual texts and the overall system by capturing recurrent patterns of contextualized meaning-making. Contextual systems play an important role in the description of subpotentials (Hasan, 2014). See, for instance, Matthiessen's (2015) description of field as activity types realizationally aligned with the global logico-semantic relations that organize the logical structure of certain text types; or Farhat's (2024) contextual description of the *open letter* genre (traditionally involving, for example, [divergent] SOCIOMETRIC RELATION and [public] SOCIAL DISTANCE).

In this study, the proposed model is designed to capture (im)politeness across the entire cline of instantiation, addressing the phenomenon at its different levels of socio-semiotic generality. At the level of potential, the model describes the abstract systemic resources — across the contextual, semantic, and lexicogrammatical strata — that constitute the (im)politeness potential of a language/culture. At the level of the instance, we examine how these resources are uniquely deployed and negotiated in specific (con)texts. Finally, the model accounts for the level of subpotentials by identifying how such instancial choices are dynamically regularized into patterns of expectations within specific situation types. By encompassing the entire cline, the model avoids treating (im)politeness as a static linguistic category or an idiosyncrasy of specific texts, instead framing it as a dynamic phenomenon that bridges system and instance.

## 5 A Systemic Functional Model of (Im)politeness

How should (im)politeness phenomena be modeled in systemic functional terms? In summary, we propose that such a model should be:

1 **Socio-semiotic** (rather than individual or cognitive): (im)politeness is viewed as arising at the fluid, continuous interface between language and culture, thereby integrating both *sociopragmatic* and *pragmalinguistic* perspectives.

2 **Primarily systemic** (rather than structural or syntagmatic): (im)politeness is described as emerging from variably coordinated patterns of co-selection across different system networks.

3 **Metafunctionally oriented:** (im)politeness is understood as arising from systems that are inherently aligned by virtue of their shared interpersonal orientation, even when they clearly operate at different levels of abstraction (e.g., context and grammar).

4 **Instantially, registerially and culturally variable** (rather than universal): (im)politeness can only be described and evaluated with reference to the (con)textual expectations specific to the situation (type) and culture in which it occurs.

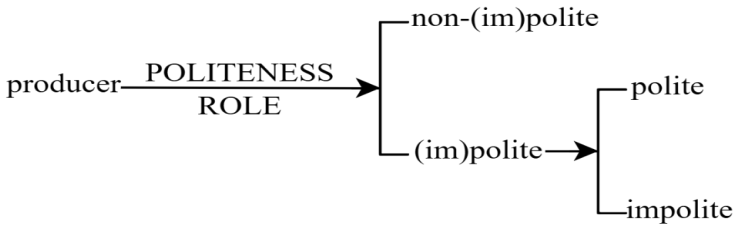
5 **Semogenically dynamic:** (im)politeness should not be understood as static, but as a phenomenon continually shaped through the evolution of a language/culture, the development of individuals, and the unfolding of texts.

In the following sections, we outline how a systemic functional model of (im)politeness can focus on features at the levels of context, semantics, and lexicogrammar. This entails viewing politeness as *positioning*, as *meaning*, and as *wording*, thereby clarifying points (1) to (3). We then aim, through a synthesis of the model and its analytical application, to elucidate points (4) and (5).

## 5.1 (Im)politeness as positioning: tenor

Let us begin with context. We argue that the environment most conducive to the occurrence of (im)politeness is one in which the SOCIOMETRIC RELATION is not "neutral"; that is, there is some perception of (potential) conflict, in line with notions such as *face threat*, *discord* and *(dis) harmony*. Thus, when the sociometric relation is [biased: divergent], there is a high likelihood that the tenor system of POLITENESS ROLE becomes relevant: see Figure 2.

Figure 2 – The contextual system of politeness role




Source: The author.

This system has [producer] — a feature of the SPEECH ROLE system — as its entry condition. This means that it describes (im)politeness not as a property of a "speech act", but as a *positioning* dynamically assumed by an interactant (speaker or writer) and/or attributed to them, in line with the fact that, from an emic perspective, (im)politeness is primarily seen as a "property" of the participants themselves (Garcés-Conejos Blitvich; Sifianou, 2017).

Just as the speech roles of *producer* and *addressee* are easily reversible, so too is the positioning of the producer as "(im)polite": even though assessments of a producer's politeness may extend beyond a single interaction, such judgments are typically local and interactionally bound, concerning the interactant's "polite" (or otherwise) positioning at a given point in the exchange. A producer categorized as polite or impolite may easily come to be seen as the opposite after a subsequent move, or politeness may simply cease to be salient. This is why we propose to describe POLITENESS ROLE as part of the SPEECH ROLE system: such roles are precisely those dependent on local interactional dynamics, restricted to a specific communicative event.

The options are as follows: [non-(im)polite] — the interactant is positioned as neither polite nor impolite; [(im)polite: polite] — the interactant is positioned as polite; and [(im)polite: impolite] — the interactant is positioned as impolite. In general, and in line with Leech's (2014) view

of politeness as a resource for maintaining concord, when a [divergent] SOCIOMETRIC RELATION (i.e., with conflict potential) is perceived, the likelihood increases that (im)politeness roles will be assumed: [polite], when divergence is mitigated; and [impolite], when oppositions are intensified.

Thus, *from a contextual perspective*, politeness is defined as a speech role taken up by (or attributed to) a producer in an interaction, typically in response to — or in anticipation of — a potential conflict, with the aim of avoiding or "softening" divergence. In contrast, impoliteness is defined as a speech role taken up by (or attributed to) a producer in an interaction in which divergence is not mitigated but foregrounded, either by allowing a potential conflict to escalate or by actively intensifying it.

Finally, some remarks are in order regarding probabilistic patterns of co-selection between the POLITENESS ROLE system and other tenor systems:

- **STATUS:** the system dealing with (a)symmetries of power and knowledge between interactants. Assuming a [polite] role often involves positioning oneself as somehow [inferior] to the addressee, who is thereby positioned as [superior]. This is, however, a *compensatory* move: the producer "self-lowers" in order to avoid being seen as *lowering* the addressee, ideally resulting in (a sense of) symmetry. By contrast, [impolite] roles are associated with the explicit lowering of the addressee and, correlatively, the elevation of the producer. These considerations view politeness primarily in terms of *enactment* — as a means by which (im)polite meanings (see below) can *enact* tenor, including STATUS. Traditionally, however, status has been treated as an *activating* factor of politeness: according to Brown and Levinson (1987), the higher the addressee's relative status, the more polite the usage. In systemic functional terms, this is a matter of realization — a dialectical relationship (Hasan, 2013), in which status both *activates* politeness and is *enacted* through it. Furthermore, such considerations must also take into account the ways in which power is associated with different social (e.g., ethnicity, gender, age) and institutional (e.g., teacher–student) roles.
- **SOCIAL DISTANCE:** the system dealing with degrees of intimacy between interactants. According to Brown and Levinson (1987), politeness is proportional to social distance, such that assuming a [polite] role correlates with public distance, whereas intimate distance "licenses" [non-(im)polite] and even [impolite] roles. In other words, the more intimate the relationship, the less careful one needs to be. Wolfson (1986), however, proposed that politeness is most intense in the intermediate region of the social distance scale and less so at public *or* intimate distance. Her explanation is that public and intimate relationships are more stable and predictable than those at intermediate stages of intimacy, leading to reduced caution (i.e., politeness). We suggest that such inconsistencies may stem from the fact that these studies, understandably, focus on only a subset of contextual systems (primarily STATUS and SOCIAL DISTANCE), while other relevant factors (e.g., social and institutional positioning) may affect the outcomes of otherwise similar analyses. From a more dynamic perspective, however, it seems relatively clear that many genuine uses of *im*politeness are intended to *increase* social distance.
- **ATTRIBUTES:** the system encompassing interactants' "identity" roles. Following Culpeper (2021), one might expect that, since (im)politeness is typically viewed as inter*personal* rather than inter*group*, group membership would be of limited relevance. However, if we consider that certain groups and identities are systematically subjected to status

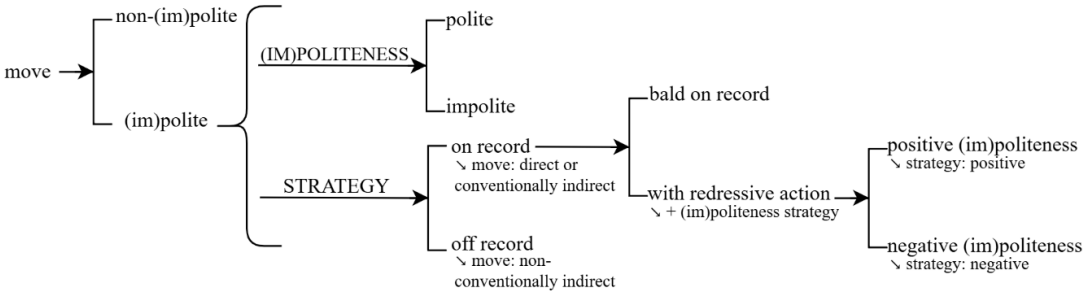
lowering — a crucial factor in the (mis)use of (im)politeness — important implications emerge. For example, Poynton (1989) notes that, due to sexist status diminution, women are more often subjected to abusive uses of terms of address by men ("hello, dear"). In other words, although such uses may appear to promote women's positive needs, they in fact invade personal space, thereby attacking negative needs.

In summary, treating (im)politeness at the level of context foregrounds the socio-semiotic orientation of the model: (im)politeness *as positioning* is captured through contextual features that are analytically relevant only insofar as they are *realized linguistically* (a point taken up in the next section). It also highlights the model's systemic orientation, since, at the contextual stratum, (im)politeness is primarily organized through the options available in the POLITENESS ROLE system. Finally, this perspective underscores the interpersonal (in metafunctional terms) nature of (im)politeness: the features of the POLITENESS ROLE system cannot be interpreted in isolation, but must be understood "from roundabout", that is, through their patterned interaction with other simultaneous tenor systems.

## 5.2 (Im)politeness as meaning: interpersonal semantics

When (im)politeness is approached in contextual terms, the emphasis is *sociopragmatic*: the categorization targets the producer themselves and the "surrounding" tenor systems. (Im)politeness, however, may also be treated as a *lexicogrammatically realized semantic phenomenon*, in which case a more *pragmalinguistic* emphasis is adopted; here, the meanings that realize the (im)polite role are categorized. More practically, it is at this level that the model aims to account for the description of politeness strategies such as those proposed in Brown and Levinson's seminal work: see Figure 3.

Figure 3 – The semantic systems of (im)politeness and strategy




Source: The author.

Thus, the present discussion concerns a system with *move* as its entry condition. A move is the interpersonal semantic unit congruently realized by a clause in the lexicogrammar (Halliday; Matthiessen, 2014). The move may be [non-(im)polite], realizing a [non-(im)polite] producer — that is, communicative "altruism" is simply not socio-semiotically salient in that instance — or [(im)polite], realizing an [(im)polite] producer. If [(im)polite] is selected, two simultaneous systems become accessible:

- **(IM)POLITENESS**, which specifies whether respect for communicative altruism is foregrounded ([polite]) or, conversely, whether a lack of such respect is foregrounded ([impolite]).
- **STRATEGY**, which describes the general (im)politeness strategies available: [off record], [bald on record], [positive (im)politeness], and [negative (im)politeness].

At this incipient stage of description, the system merely mirrors the categories originally proposed by Brown and Levinson (1987) to describe politeness and subsequently extended by Culpeper (1996) to account for impoliteness. Indeed, the system could be further elaborated by increasing delicacy so as to model more specific strategies, such as [positive (im)politeness; polite: claim common ground] and [negative politeness; positive: don't presume/assume] (see Brown; Levinson, 1987, p. 102 and p. 131 for overviews). Alternatively, the description could be closer to Leech's "maxims".

We believe, however, that a more "purely" systemic functional approach is likely to yield a somewhat different account of this system, given the particular descriptive commitments of SFL (e.g., trinocularity). We therefore see this proposal as provisional and anticipate that future research will help refine the system along more distinctly systemic functional lines. This is particularly true of the realizational description of the system, which currently includes indications such as "off record ↘ move: non-conventionally indirect", largely restating Brown and Levinson's characterization. It seems to us that one of the most relevant contributions of a systemic functional model of (im) politeness should lie precisely in offering a detailed account of realizational lexicogrammatical patterns of (im)politeness strategies that is coherent with the general description of interpersonal lexicogrammar; for some initial indications, see the next section.

Finally, at a fairly general descriptive level, we can also propose the following systemic approximations, which will play a role in the systemic functional description of the system:

1 **"Positive" (im)politeness** often involves elements of the semantic system of **ATTITUDE**, a subsystem of APPRAISAL (Martin; White, 2005) that concerns the evaluative positioning resources afforded by language. This intersection has been increasingly explored in recent literature, which describes how evaluative resources act as primary vehicles for managing interpersonal rapport and face (Santamaría-García, 2014, 2017). For instance, Khosravi and Babaii (2017) show that impoliteness in academic conflict is frequently realized through negative judgment of capacity, while Andersson (2022) identifies a prosody of heightened affect and social sanction in online discord. In the Brazilian context, Galindo and Gonçalves-Segundo (2024) have also highlighted how the articulation between APPRAISAL and Culpeper's (1996) categories allows for a precise characterization of verbal violence[1]. Even when subtle, positive politeness often entails the incidence of positive attitude toward the addressee and/or negative attitude toward the producer; in the case of positive *impoliteness*, the reverse holds: negative attitude toward the addressee and/or positive attitude toward the producer. Often, for such

[1] However, while these studies focus primarily on the semantic identification of (im)politeness through evaluative tokens, the present model aims to bridge the gap between these semantic choices and their specific lexicogrammatical realizations. By detailing how interpersonal lexicogrammatical systems (Section 5.3) serve as the "wording" for these evaluative positionings, the model suggests a more granular account of how (im) polite meanings are linguistically anchored.

evaluations to occur, some degree of *experientialization* of the interactants is required — that is, they are construed as explicit referents ("*you* spoke beautifully"; cf. Farhat [2025] on experientialization). In many cases, however, the target of evaluation is not the interactant per se, but something they have done ("*your presentation* was awful").

2 "Negative" (im)politeness, in turn, often involves elements of the semantic system of **NEGOTIATION**, which deals with the interactional possibilities opened up by language (Martin, 1992). This connects to the idea that negative politeness concerns who has the "right" to enact each move, especially [A2] (the "getting someone to do something" move, such as orders). In negative politeness, the producer's [superior] STATUS role is mitigated; in negative impoliteness, it is made explicit — while the addressee's [inferior] role is correspondingly backgrounded in politeness and foregrounded in impoliteness.

3 Both "positive" and "negative" politeness may involve the APPRAISAL subsystems of **ENGAGEMENT** (how open or closed meanings are to alternative perspectives) and **GRADUATION** (how an evaluation is "sharpened" or "softened"). For example: *You're probably a bit wrong* (ENGAGEMENT: [heteroglossia: dialogic expansion] & GRADUATION: [soften]) versus *You're so wrong, definitely* (ENGAGEMENT: [heteroglossia: dialogic contraction] & GRADUATION: [sharpen]).

In sum, approaching (im)politeness at the level of interpersonal semantics provides a way of relating contextual positioning to lexicogrammatical realization by treating (im)politeness as meaning organized around the semantic unit of the move. By modeling (im)politeness through the co-selection of the systems of (IM)POLITENESS and STRATEGY, the account aims to offer a principled means of describing how (im)polite positioning may be semantically enacted, rather than inferred solely from contextual factors or reduced to isolated linguistic forms. At the same time, the present system remains exploratory and draws, at this stage, on well-established categorizations proposed by Brown and Levinson and their subsequent extensions. From a systemic functional perspective, however, these categories can be seen as provisional and open to refinement in light of metafunctional alignment and systemic organization. This level of description also suggests potential points of contact with interpersonal semantic resources such as APPRAISAL and NEGOTIATION, while underscoring the need for a more detailed account of their lexicogrammatical realization — an issue taken up in the following section.

## 5.3 (Im)politeness as wording: interpersonal lexicogrammar

At the level of lexicogrammar, (im)politeness is approached as *wording*. If context defines the role (5.1) and semantics defines the meaning (5.2), lexicogrammar provides the specific systems — such as MOOD, MODALITY, and PERSON — through which these are realized.

Recent research suggests that impoliteness, much like politeness, is not merely a pragmatic inference drawn from "neutral" grammar, but often possesses its own specific grammar (Van Olmen *et al.*, 2025). Consequently, the degree to which (im)politeness is "built into" the grammar varies across languages, ranging from obligatory systems of deference to optional metaphorical realizations.

A significant distinction therefore concerns the extent to which (im)politeness is grammatically entrenched. In languages like Korean (Kim *et al.*, 2023), (im)politeness is a

core component of interpersonal grammar. It is realized through mandatory Exchange Marks that encode addressee deference and speech function simultaneously. Choosing a politeness level is as grammatically necessary as choosing a tense. Crucially, this system is not limited to "politeness"; as Davis and Jang (2025) explore, it also includes so-called **anti-honorifics**. For instance, the prefix *che-* (as in *che-mek-*, "eat [vulgar]") explicitly encodes a negative, irreverent attitude toward the subject, effectively "grammaticalizing" impoliteness within the verbal group.

In languages such as Portuguese — the primary language of the analytical illustrations in this study — (im)politeness is not encoded through mandatory morphology. However, this does not imply that it is absent from the (interpersonal) grammar. Instead, the "grammaticalization" of (im)politeness in Portuguese is primarily located in the PERSON system (through the T/V distinction, such as *você* vs. *o senhor*) and in the strategic manipulation of the MOOD and TENSE systems. For instance, the use of the imperfect indicative to realize a present-time desire (*eu queria* instead of *eu quero*) is a conventionalized interpersonal resource in Brazilian Portuguese. In SFL terms, this may be seen as constituting a type of interpersonal metaphor where temporal distance realizes social distance, thus realizing a [polite] move. Thus, while the system is not "mandatory" in the morphological sense of Korean, it remains a systematic and predictable locus of realizational choices within the Portuguese interpersonal potential.

Between obligatory inflection and free variation lies derivational morphology. Mattiello (2025) identifies "pejorative suffixoids" in English — such as *-ass*, *-brain*, and *-face* — which function as dedicated impoliteness markers. These morphemes allow for the construction of "slang" nominal groups (e.g., *smart-ass*, *fuckface*) that realize interpersonal *attitude* (specifically [judgment: negative]) directly at the word rank.

More generally, however, (im)polite meanings may be realized through more optional resources. For instance, through interpersonal grammatical metaphor (Halliday; Matthiessen, 2014, Section 10.3), rather than using obligatory suffixes, producers can manipulate the MOOD system to "soften" a move: realizing a command (semantics) via an interrogative clause (lexicogrammar) — "Could you open the door?" — symbolically recasts a demand as a negotiable request, thus realizing a [polite; negative politeness] move and therefore a [polite] speech role.

## 5.3.1 Key lexicogrammatical systems

Across languages, some key regions of interpersonal lexicogrammar seem to serve as the primary loci for (im)politeness wording:

**MOOD:** the "grammaticalization of the semantic system of SPEECH FUNCTION in the clause in adopting and assigning speech roles such as questioner and (designated) answerer" (Matthiessen; Teruya; Lam, 2010, p. 146). *Metaphorical realization*: as suggested above, MOOD options open the possibility of metaphorical realizations of potentially "threatening" moves, such as commands (e.g., *Could you lend me fifty dollars?*). However, even congruent (non-metaphorical) realizations may be construed as [polite] moves. For instance, in the interpersonal grammar of Brazilian Portuguese (Figueredo, 2011, 2021), the imperative of the "request" type (realized by "+Predicator; tone 5") is explicitly described as the "polite imperative"; a similar distinction is also made in German (Steiner; Teich, 2004). Conversely, specific MOOD options may be conventionalized for impolite functions. Languages may utilize specific optative or subjunctive structures for malediction (cursing), such as the

Italian subjunctive construction *Che ti venga [nominal group]* ("May [disease] come to you") (Paternoster, 2025). Similarly, conditional clause complexes can be conventionalized to realize the speech function of threats, as seen in the German construction *Wehe, wenn…* ("Woe betide you if…") (Finkbeiner, 2025).

MODALITY: this system allows for the expression of indeterminacy between "yes" and "no", thus enabling producers to distance themselves either from a negative attitude towards the addressee (*Perhaps you committed a mistake* — [positive politeness]) or from the imposition of their own wants (*Perhaps you should see a doctor* — [negative politeness]). Alternatively, modality may be deployed in the realization of explicitly [impolite] moves — for instance, by maximizing epistemic certainty to sharpen an attack (e.g., *You're definitely dumb*), or by modulating capacity to realize a negative judgement (*You can't even do that*).

VOCATION: since vocatives are among the primary resources for identifying the addressee, they may function both politely (*Dear sir*) and impolitely (*Shut up, you swine!*). Accordingly, in some languages, politeness may be grammaticalized in vocative markers — for example, in Telugu (Prakasam, 2004). See also Poynton (1990) for a systemic functional approach to the grammar of vocation in (Australian) English.

Nominal group structure: recent studies highlight how the structure of the nominal group itself can enact impoliteness through coercion (Van Olmen; Andersson, 2025). The specific deictic configuration of *You + [Noun]* (e.g., *You idiot*) forces the Head noun to be interpreted as an evaluative attribute, such that even neutral terms become insults when instantiated in this structure (e.g., *You theoretician*). Similarly, the post-deictic *such* can function as an intensifier of negative evaluation (Queisser; Pleyer, 2025). In structures like *You are such a [noun]*, the DETERMINATION system realizes a high degree of [GRADUATION: force], signaling an intensification of the attribute that is frequently associated with impolite judgment.

PERSON: many languages distinguish between familiar and polite second-person pronouns — the T/V distinction. Examples include French (*tu/vous*), German (*du/Sie*), Greek (*esi/esis*), and Brazilian Portuguese (*você/o senhor*). The deliberate misuse of these forms — such as using the familiar T form where V is expected — is a typical realization of impoliteness. See Helmbrecht (2003) for an overview.

Modal particles: in languages such as Brazilian Portuguese (Figueredo, 2011, 2021), (im)politeness may be realized through optional modal particles (e.g., *né, uai, sabe*). These resources allow producers to seek alignment and to negotiate or validate their "polite" positioning "in real time".

Finally, the systemic considerations outlined above must be complemented by an account of how (im)politeness is **structurally** realized. Overall, despite the specificities of the lexicogrammatical systems involved, (im)politeness is best understood as being realized prosodically. Rather than being realized through clearly delimited constituent structures, (im)politeness, as an interpersonal phenomenon, tends to permeate the clause. In Halliday's (2002, p. 205) terms, it "is strung throughout the clause as a continuous motif or colouring".

This prosodic realization emerges from the interaction of multiple lexicogrammatical resources, including the ones outlined above. For instance, a negatively polite request such as *Honey, I was wondering if you might be able to have a look at this when you have a moment* exemplifies a command act realized through grammatical metaphor (through the conventionalized projection of a mental process rather than a congruent imperative), combined with softening through low-

intensity graduation (*might*, *when you have a moment*) construes the requested action as minimally imposing, while the affective vocative *Honey* realizes positive politeness by enacting intimate social distance. Together, these resources distribute the interpersonal meanings of deference, solidarity and mitigation across the clause, rather than locating it in any single structural element.

In summary, treating (im)politeness as wording completes the model by making explicit how (im)polite positionings and meanings are realized in linguistic materiality. This perspective suggests a gradient of variation across the strata:

- At the level of **context**, the options for (im)politeness roles (e.g., [polite] vs. [impolite] positioning) may act as unifying parameters across languages.
- At the level of **semantics**, the strategies adopted (e.g., [negative politeness]) exhibit general variability but remain relatively global in their categorization of interpersonal meaning.
- At the level of **lexicogrammar**, however, the model opens up a potentially infinite space of variation. While these realizations typically gravitate toward nuclear areas of interpersonal grammar — such as MOOD and MODALITY — the specific linguistic resources used to enact them are highly variable.

## 5.4 Synthesis and implications

Taken together, Sections 5.1–5.3 articulate a stratified model of (im)politeness in which *positioning* (context), *meaning* (interpersonal semantics), and *wording* (interpersonal lexicogrammar) are analytically distinct yet mutually constraining. At the level of context, (im)politeness is modeled as POLITENESS ROLE within tenor: a dynamic interpersonal positioning assumed by, or attributed to, a producer in situations characterized by potential sociometric divergence. This perspective foregrounds the socio-semiotic nature of (im)politeness, treating it not as an inherent property of utterances but as an interactionally contingent role, co-selected with other tenor systems such as STATUS, SOCIAL DISTANCE, and ATTRIBUTES.

At the level of interpersonal semantics, (im)politeness is reconceptualized as meaning, organized around the unit of the move. Here, contextual positioning is enacted through the co-selection of the systems of (IM)POLITENESS and STRATEGY, providing a principled account of distinctions such as positive vs. negative (im)politeness while situating them within a broader semantic architecture. This level also reveals systematic points of contact with other interpersonal semantic resources — notably APPRAISAL and NEGOTIATION — linking (im)politeness to evaluative stance, dialogic positioning, and the negotiation of rights and obligations in interaction.

At the level of **interpersonal lexicogrammar**, (im)politeness is treated as *wording*: the linguistic prosodies through which semantic strategies and contextual roles are realized. While languages vary considerably in the degree to which (im)politeness is grammatically entrenched — ranging from obligatory systems of deference to optional and metaphorical realizations — the model identifies recurrent loci in interpersonal grammar (e.g., MOOD, MODALITY, PERSON, VOCATION, and modal particles) as privileged sites for its enactment. This stratum thus accounts for both cross-linguistic diversity and functional convergence.

Crucially, this stratified account must also be understood as *dynamic*, unfolding through processes of semogenesis (Halliday; Matthiessen, 2006). Of the semogenic time frames they identify, the most directly relevant here is **logogenesis**: the instantial construction of meaning as a text unfolds. From a logogenetic perspective, meaning is probabilistically recalibrated through time, as earlier selections condition later ones by restricting, disfavoring, or opening up subsequent options.

Incorporating logogenesis has important consequences for the modeling of (im)politeness. A move is not necessarily "polite" or "impolite" in and of itself; rather, its interpersonal value may only emerge retrospectively, through uptake, evaluation, and recontextualization in subsequent turns. A move initially construed as neutral or polite may come to be reclassified as impolite if later developments foreground divergence, while an apparently "face-threatening" move may be reinterpreted as polite through affiliative alignment, mitigation, or repair. Politeness and impoliteness are thus not fixed labels attached to isolated moves, but emergent categorizations shaped by the evolving interaction.

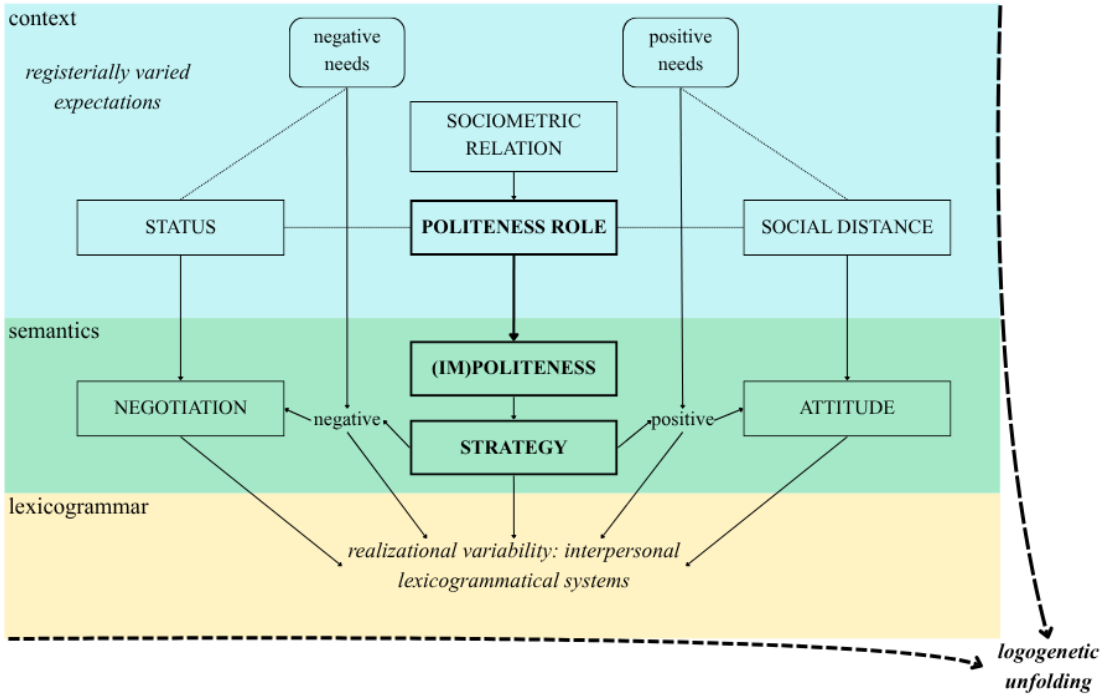
Integrating logogenesis therefore refines the treatment of POLITENESS ROLE at the contextual level: such roles are not simply selected at a single point, but are continually negotiated, ratified, or revised as the discourse progresses. Similarly, at the semantic level, (im)politeness strategies must be understood as part of an evolving interpersonal trajectory, rather than as discrete, (con)text-free options. At the lexicogrammatical level, individual wordings contribute locally to this trajectory, but their interpersonal significance can only be fully interpreted against the backdrop of preceding and ensuing selections.

At the same time, a systemic functional model of (im)politeness does not treat polite or impolite behavior as intrinsically *marked*. Rather, (im)politeness is construed as socio-semiotic behavior whose markedness is contingent on the expectations generated by the register and context type instantiated by a given text and the situation it realizes. What counts as neutral, polite, or impolite is therefore relative to the normative patterns of interaction associated with particular registers. In some registers, alignment, mitigation, and "face-attentive" behavior are expected and unmarked; in others, directness, confrontation, or even aggression may be anticipated as part of the interactional norm.

From this perspective, Leech's (2014) Principle of Politeness — and by extension the General Strategy of Politeness — is best understood as registerially restricted. It is most readily observable in certain broadly "cooperative" registers, where the maintenance of concord is an expected interactional goal. In other practices (e.g., adversarial, competitive, ritualized conflictual, or entertainment-oriented interactions), there may instead be an expectation of (mock) impoliteness, such that polite conduct may itself become marked or interactionally dissonant. It may still be maintained that impoliteness often requires greater interpersonal effort or energy — being, in this sense, more interactionally "exhausting". However, such claims must be tempered by the recognition that effort, markedness, and normativity are register-dependent. What appears effortful or marked in one context type may be routine and unmarked in another.

Overall, the synthesis underscores a central claim of the model: (im)politeness is neither reducible to context, nor to meaning, nor to form alone, nor to isolated moments in interaction. Rather, it emerges from **patterned relations across strata, across systems and across time**, shaped by logogenetic development and calibrated against register-specific expectations. By integrating stratification, semogenesis, and registerial sensitivity, the model aims to capture (im)politeness as a socio-semiotic resource that is at once systemic and emergent, structured yet dynamically reconfigured in the unfolding of discourse.

Figure 4 – The Systemic Functional Model of (Im)politeness




Source: The author.

## 6 Analytical illustrations

The analyses below draw on two contrasting data sets to indicate the model's analytical potential across different registers. While the testing detailed in Section 2 was conducted on the Twitter corpus, we here introduce a supplementary excerpt from the C-Oral corpus (Raso; Mello, 2012) for specifically illustrative purposes. This first data set is an audio-recorded institutional academic interaction between an English teacher (MAR) and his superior (ELI), produced in Brazilian Portuguese. The transcription was adapted to facilitate reading. This interaction is characterized by asymmetrical STATUS, potential institutional consequences, and a relatively high degree of interpersonal monitoring, which makes it a privileged site for the activation of politeness. The second data set consists of a publicly available Twitter thread responding to a celebratory post; it was collected as part of the original "analytical testing" corpus. As a digitally mediated, non-institutional interaction, it is marked by weak role stabilization and platform-specific evaluative practices. Due to space limitations, the analyses are necessarily highly selective and therefore non-exhaustive.

## 6.1 Institutional interaction

Table 3 – Transcript

| Adapted transcription (Portuguese) | English translation |
|---|---|
| MAR: Mas eu queria que cê me desse uma orientação aí, porque eu sei que, é... foi culpa minha também o fato de eu ter... virou uma bola de neve, essas atividades, né? | MAR: But I wanted you to give me some guidance, because I know that, um... it was my fault too that it ended up becoming a snowball, these assignments, you know? |
| ELI: Mm-hm. | ELI: Mm-hm. |
| MAR: Foi irresponsabilidade minha, falta de tempo esse semestre e eu fiquei muito... chateado comigo mesmo pelo fato de eu ter deixado isso acontecer. | MAR: It was my irresponsibility, a lack of time this semester, and I was really... upset with myself for having let this happen. |
| ELI: Mm-hm. | ELI: Mm-hm. |
| ELI: É, mas agora a gente tem que arrumar uma solução, né? Eu acho que se você fizer... até o último dia, Marco, vai rolar. | ELI: Yeah, but now we have to find a solution, right? I think that if you do it... by the last day, Marco, it'll work out. |
| MAR: Das atividades em que eu fiz bagunça, nessa... nessa via de frequência. | MAR: About the assignments where I messed things up, in terms of attendance. |
| ELI: É. | ELI: Yeah. |
| MAR: Eu fiz uma confusãozinha aí. | MAR: I caused a bit of confusion there. |
| ELI: Hum hum. | ELI: Mm-hm. |
| ELI: Não, mas porque mudou o dia e tal, mas a gente fazendo até o último dia, é isso mesmo. | ELI: No, but it's because the date changed and all, but if we do it up to the last day, that's right. |
| MAR: Não, eu tô falando das revisões, dessas atividades que entregaram. | MAR: No, I'm talking about the revisions, those assignments that were submitted. |
| ELI: Ah, do homework? | ELI: Oh, the homework? |
| MAR: Não. Tô falando da minha própria atitude, de ter colocado nota boa no... | MAR: No. I'm talking about my own attitude, about having given a good grade on the... |
| ELI: Ah, você viu meu relatório, né? | ELI: Oh, you saw my report, right? |
| MAR: Eu vi. Hum hum. | MAR: I did. Mm-hm. |
| ELI: Pois é, eu sei. | ELI: Yeah, I know. |
| MAR: Isso foi errado. | MAR: That was wrong. |
| ELI: Você entendeu? | ELI: Do you understand? |

Source: C-Oral corpus (Raso; Mello, 2012).

### (1) Lexicogrammatical patterns

The analysis reveals a prosody of wordings oriented towards the mitigation of interpersonal pressure and the explicit modulation of responsibility.

**MOOD metaphor, tense and aspect:** MAR initiates the sequence with *"eu queria que cê me desse uma orientação"* ("I wanted you to give me some guidance"). Here, the co-selection of the imperfective aspect with a desiderative process ("wanted to") projecting a declarative explicitly signals a metaphorical realization of a command. The imperfective aspect creates a "temporal distance" that metaphorically widens the interpersonal distance between the "want" of the producer and the obligation it entails, thereby realizing the proposal as less binding and more negotiable than a congruent realization (cf. Travaglia, 1987).

**Morphological GRADUATION:** MAR selects the morphological diminutive *"-inha"* in *"confusãozinha"* (literally "little confusion"). In Portuguese nominal grammar, this suffix functions as a resource not merely for the experiential construal of size, but mostly for the interpersonal realization of GRADUATION, downscaling the scope of the evaluation (cf. Turunen, 2009 on the semantics and pragmatics of diminutives in Brazilian Portuguese). By qualifying the problem as "little," the producer attempts to minimize his mistake, a feature of positive politeness strategies.

**PERSON alignment:** ELI, the superior, reciprocates with *"a gente tem que arrumar uma solução"* ("we have to find a solution"). The use of the pronominal form *"a gente"* (semantically "we", grammatically singular) instead of *"você"* (you) serves to redistribute the obligation; in Gonçalves-Segundo's (2011, p. 214) terms, it creates a sense of "collectivization", allowing the producer "to construct co-responsibility and co-validation for their representations and evaluative positions, avoiding isolation in their stances, which could otherwise affect their credibility and authority". This signals a shift from an authoritative command to a cooperative proposal, realizing institutional power through solidarity rather than coercion.

### (2) Interpersonal semantic strategies

At the semantic stratum, these lexicogrammatical patterns realize a complex configuration of (im)politeness strategies, orchestrated to manage the "debt" incurred by the producer.

**APPRAISAL and "modesty":** In terms of the ATTITUDE system, MAR employs an inscribed negative judgement directed at the self: *"foi culpa minha"* ("it was my fault"), *"irresponsabilidade minha"* ("my irresponsibility"). By explicitly judging himself negatively, MAR adheres strictly to Leech's (2014) Modesty Maxim ("Give a low value to the speaker's qualities"). This creates a semantic paradox typical of polite repair: by lowering his own moral standing (self-deprecation), he protects the addressee's positive face (agreement), effectively pre-empting any external criticism.

**STRATEGY:** Overall, the patterns outlined above suggest that MAR, who is in a vulnerable position admitting fault, relies heavily on [negative] politeness to show deference and minimize his imposition — e.g., by being conventionally indirect. In turn, ELI relies on [positive] politeness to reassure him, claim common ground, and minimize the threat to his positive needs.

**NEGOTIATION:** ELI's semantic moves are largely characterized by acknowledgements ("*Mm-hm*", "*É*"). By refusing to upgrade the negative judgement initiated by MAR (e.g., avoiding "Yes, it was irresponsible"), ELI adheres to what Leech (2014) terms Agreement ("Give a high value to the other's opinions") and Approbation ("Give a high value to the other's qualities"), clearly aiming to maintain concord.

**(3) Contextual positioning**

The POLITENESS ROLE system is clearly relevant here due to a potentially [divergent] SOCIOMETRIC RELATION (a breach of contract/expectation); without remediation, this divergence could lead to a rupture in the professional relationship. MAR seems to adopt a continuously [polite] role as a strategic maneuver to "soften" the potential divergence and, less directly, to realign the STATUS asymmetry. By positioning himself as "inferior" and "guilty", he invites the superior to assume the role of a "benign judge" rather than a "punisher". Logogenetically, it seems that the sustained maintenance of the [polite] role by MAR eventually succeeds in neutralizing the sociometric divergence. One of ELI's final moves ("*mas a gente fazendo até o último dia, é isso mesmo*" — "but if we do it up to the last day, that's right") suggests that the issue has been successfully managed through the appropriate enactment of the politeness system. This could, however, be due to a reduced SOCIAL DISTANCE prior to the instance.

## 6.2 Twitter interaction

Table 4 – Twitter interaction

| Original | Translation |
|---|---|
| **Lead tweet:** meu deus que felicidade acompanhar esse oscar, com meu marido, pizza e vinho | my god what a joy to follow this oscar, with my husband, pizza and wine |
| **Reply 1 (R1):** todos sabemos o quanto batalhou por isso / merecedor!!! | we all know how much you fought for this / so deserving!!! |
| **Reply 2 (R2):** gatilho | trigger |
| **Reply 3 (R3):** aviso de gatilho, cade? | trigger warning, where is it? |
| **Reply 4 (R4):** cadê a empatia | where's the empathy |
| **Reply 5 (R5):** Cala a boca, vadia | Shut up, bitch |
| **Reply 6 (R6):** Amg muito feliz pelo seu momento mas eu queria que tivesse acontecendo comigo | Friend I'm so happy for your moment but I wanted it to be happening to me |

Source: collected by Farhat (2025).

**(1) Lexicogrammatical patterns**

The lexicogrammatical selections in this thread are characterized by a prosody of structures that conventionally realize [impolite] meanings.

**Imperative mood and taboo vocative:** R5 ("*Cala a boca, vadia*" / "Shut up, bitch") selects the imperative mood ("*Cala*"), which creates a high-force demand for the cessation of the

addressee's semiotic activity — in semantic terms, it enacts negative impoliteness. This is coupled with the vocative "*vadia*" ("bitch"), a taboo lexical item that negatively characterizes the addressee. In terms of nominal group grammar, this functions similarly to what Mattiello (2025) calls "pejorative suffixoids," but here realized as a full lexical head explicitly encoding [judgement: social sanction: propriety; negative] and therefore enacting positive impoliteness.

**Ellipsis and minor clauses:** R2 ("*gatilho*" / "trigger") employs a minor clause structure (Halliday; Matthiessen, 2014) — i.e., without a "main verb" (the Predicator). By stripping away the Finite and the Subject, the producer presents the evaluation as a bare, unmitigated fact. The lexical item "gatilho", which is borrowed from clinical discourse (Charles *et al*., 2022), is here "bleached" of its ideational trauma-related meaning, functioning instead as an interpersonal token of intensity directed at evaluating the lead tweet as in some way "dangerous". Similarly, R4 ("*cadê a empatia*" / "where's the empathy") uses a *Wh-* interrogative not to seek information, but to challenge the addressee's moral standing. Overall, the reactions prosodically create a sense of generalized impoliteness.

### (2) Semantic patterns

While the wording seems to realize impolite meanings, a semantic analysis reveals a systematic realignment of these choices into a strategy of **mock** impoliteness or banter. Leech (1983, p. 144) defines the Banter Principle as: "In order to show solidarity with [the hearer], say something which is (i) obviously untrue, and (ii) obviously impolite to [the hearer]". Here, the "untruth" lies in the aggression. The negative judgement enacted by R5 ("*bitch*") and R4 ("*lack of empathy*") is semantically inverted. The "trigger" is not trauma, but a false "envy" of a desirable situation. Therefore, more nuancedly, the *inscribed* negative attitude realizes an *invoked* positive attitude ("You are having a great time"; "I wish I were you!").

The "true" semantic value of the earlier replies is logogenetically signaled by R6 ("*Amg muito feliz... queria que tivesse acontecendo comigo*"), which makes explicit the affective meaning of "envy" that seems to have motivated the previous turns, but also acts as a "key" that retrospectively allows us to recategorize the entire thread not as a dispute, but as a shared celebration of envy. This happens, however, due to the contextual positioning "above" the semantics — to which we now turn our attention.

### (3) Contextual positioning

Despite the selection of "impolite" wordings, the participants do not assume an [impolite] role; they are not held responsible for a genuinely offensive or conflictual stance. Rather, the interaction is governed by a register-specific norm in which "surface impoliteness" constitutes the (marked) realization of "underlying solidarity". More technically, the intimate SOCIAL DISTANCE prevents us from analyzing the "impolite" meanings and wordings as enacting an actually impolite positioning. Similarly, the sociometric relation remains convergent. The apparent conflict is simulated and, in fact, realizes intimacy rather than divergence.

## 6.3 Contrastive synthesis

Taken together, the two analytical illustrations suggest that (im)politeness cannot be adequately accounted for at the level of wording alone, nor even at the level of inscribed interpersonal meanings. Rather, (im)politeness emerges as a contextually regulated positioning, realized through patterned alignments across lexicogrammatical, semantic, and contextual strata.

In the institutional interaction, politeness is unmarked and obligatory: it operates as a regulatory resource for managing asymmetrical STATUS, potential SOCIOMETRIC DIVERGENCE, and institutional accountability. Here, politeness is realized prosodically through indirectness, self-deprecation, collectivization, and restrained negotiation. These meanings are not merely stylistic choices, but socially expected enactments of a [polite] role, whose sustained deployment logogenetically neutralizes a potentially divergent sociometric relation. Impoliteness, in this context, would constitute a marked and sanctionable deviation.

By contrast, in the Twitter interaction, impoliteness is lexicogrammatically salient but contextually neutralized. Wordings conventionally associated with high interpersonal aggression do not result in the enactment of an [impolite] role, precisely because the interaction unfolds within a register characterized by weak role stabilization, intimate SOCIAL DISTANCE, and platform-specific norms of evaluative excess. Here, "surface impoliteness" functions as a marked but licensed strategy for realizing solidarity, envy, and shared celebration. What would count as a "face-threatening act" in an institutional setting is reinterpreted, at the level of contextual positioning, as mock impoliteness or banter.

The contrast thus reveals an inversion of markedness relations: while politeness is unmarked and interactionally mandatory in the institutional exchange, it is impoliteness that becomes a routinized resource for affiliative meaning-making. Crucially, we believe this inversion cannot be adequately explained without reference to the POLITENESS ROLE system and its interaction with SOCIAL DISTANCE, STATUS, and SOCIOMETRIC RELATION.

Overall, we believe that the juxtaposition of these data sets supports the central claim of the proposed model: (im)politeness is best understood not as a property of forms or isolated strategies, but as a **systemic option for contextual positioning**, whose interpretation depends on the alignment — or misalignment — between wording, interpersonal semantics, and the norms of the situation type.

# 7 Concluding remarks

This paper sought to address a significant gap in Systemic Functional Linguistics: the absence of a comprehensive, stratified model of (im)politeness. By engaging in a process of critical review, metatranslation, and modeling, we have argued that (im)politeness should not be treated as a monolithic pragmatic phenomenon, nor as a mere external appendage to grammar. Instead, we have proposed a model that locates (im)politeness at the intersection of three strata, thereby integrating it fully into the architecture of language. At the level of **context**, it functions within the parameter of tenor, characterizing the positioning of interactants in relation to potential sociometric divergence. At the level of **interpersonal semantics**, it operates as meaning, realized through specific strategies (e.g., positive vs. negative politeness) organized around the move.

Finally, at the level of **interpersonal lexicogrammar**, it is realized as wording, exploiting resources such as mood, modality, person, and vocation to create prosodies of mitigation or aggravation.

However, the model presented here represents a sketch — a map of a vast territory that requires further exploration. Several limitations must be acknowledged. First, regarding empirical scope, the model has been tested only through qualitative analysis of small data sets. While valuable for illustrating the model's systemic logic, these analyses do not possess the statistical robustness provided by large-scale corpus studies. Future research would benefit from quantitative investigations to determine the probabilistic weightings of specific (im)politeness strategies across different registers. Furthermore, while the theoretical discussion drew on examples from various languages, the analytical testing was restricted primarily to Brazilian Portuguese. A robust systemic functional model of (im)politeness requires extensive cross-linguistic validation to distinguish between potentially universal motivating pressures (such as the positive and negative needs of interactants) and language-specific systemic options.

Similarly, the current proposal has focused heavily on the content plane (semantics and lexicogrammar), leaving the expression plane (phonology/graphology) unaddressed. In spoken language, intonation is a crucial resource for the realization of (im)politeness — e.g., tone often overrides lexicogrammatical selections in the interpretation of attitude. Similarly, in written digital registers, typographical resources (e.g., capitalization, punctuation, and emoji use) play a central role. A truly comprehensive model must eventually account for how phonological and graphological (and even multimodal) systems contribute to the realization of (im)politeness.

Finally, there is the issue of contextual permeability (Hasan, 2014, 2020). We have modeled (im)politeness as a feature of *tenor*. However, contextual parameters interact and we have not yet detailed how the POLITENESS ROLE system interacts with field (the nature of the social activity) and mode (the channel of communication). For instance, how do the constraints of a specific field (e.g., legal argument vs. culinary instruction) restrict the available options for politeness? How does mode (e.g., synchronous vs. asynchronous communication) affect the logogenetic negotiation of politeness roles? Investigating these inter-parameter dynamics is essential for moving from a general model of (im)politeness to register-specific accounts.

Ultimately, this paper serves as an opening move rather than a final word. We explicitly invite the SFL community to engage in this enterprise, testing the proposed categories against a wider array of languages, registers, and modalities. We believe that undertaking this task is essential not only to deepen our understanding of the interpersonal architecture of language but also to equip SFL to take a more central role in the broader, interdisciplinary dialogue concerning the social dynamics of meaning.

## Acknowledgments

We gratefully acknowledge the research funding provided by the São Paulo Research Foundation (FAPESP) under grant numbers 2022/10527-5 and 2023/04354-3. We also thank the reviewers for their valuable comments and suggestions on this article. Any remaining shortcomings, however, are our own responsibility.

## References


ANDERSSON, M. 'So Many "Virologists" in This Thread!': Impoliteness in Facebook Discussions of the Management of the Pandemic of Covid-19 in Sweden – The Tension Between Conformity and Distinction. *Pragmatics*, v. 32, n. 4, p. 489-517, 2022. DOI: https://doi.org/10.1075/prag.21014.and.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness*: Some Universals in Language Usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHARLES, A.; HARE-DUKE, L.; NUDDS, H.; FRANKLIN, D.; LLEWELLYN-BEARDSLEY, J.; RENNICK-EGGLESTONE, S. *et al*. Typology of Content Warnings and Trigger Warnings: Systematic Review. *PLoS ONE*, v. 17, n. 5, p. e0266722, 2022.

CULPEPER, J. Impoliteness and Hate Speech: Compare and Contrast. *Journal of Pragmatics*, v. 179, p. 4-11, 2021.

CULPEPER, J. *Impoliteness*: Using Language to Cause Offence. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996.

DAVIS, C.; JANG, H. A Theoretical and Experimental Investigation of the Morpho-syntax of an Anti-honorific Prefix in Korean. *In*: VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025. p. 61-94.

FARHAT, T. C. Uma descrição contextual do gênero "carta aberta". *Linha D'Água*, v. 37, n. 4, p. 275-297, 2024. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v37i4p275-297.

FARHAT, T. C. *Uma nova descrição sistêmico-funcional das relações interactanciais* [A new systemic functional description of tenor]. 491 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Rethinking Social Distance as a System: Foundations and Descriptions. *Domínios de Lingu@gem*, v. 19, p. e019062, 2025. DOI: 10.14393/DLv19a2025-62.

FIGUEREDO, G. Interpersonal Grammar in Brazilian Portuguese. *In*: MARTIN, J. R.; QUIROZ, B.; FIGUEREDO, G. (ed.). *Interpersonal Grammar*: Systemic Functional Linguistic Theory and Description. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 191-226.

FIGUEREDO, G. P. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro*: contribuições para os estudos multilíngues. 2011. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FINKBEINER, R. Wehe 'woe' + verb-second Conditional Clause in German: A Conventionalized Threat Construction? *In*: VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025. p. 179-214.

GALINDO, A. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Polêmica e desacordo entre leitores de jornal on-line: um procedimento de análise para caracterizar a violência verbal. *Revista de Estudos do Discurso*, n. 15, p. 105-135, 2024. DOI: 10.21747/21833958/red15a4.

GARCÉS-CONEJOS BLITVICH, P.; SIFIANOU, M. (Im)politeness and Identity. *In*: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. (ed.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)Politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 227-256.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*: Essays on Face-to-face Behavior. New York: Pantheon Books, 1967.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *Tradição, estabilidade e dinamicidade nas práticas discursivas*: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic*: The social Interpretation of Language and Meaning. London: Hodder Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. Methods – Techniques – Problems. *In*: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (ed.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum International, 2009. p. 59-86.

HALLIDAY, M. A. K. Modes of Meaning and Modes of Expression: Types of Grammatical Structure and Their Determination by Different Semantic Functions. *In*: HALLIDAY, M. A. K. *On grammar*. London; New York: Continuum, 2002. p. 196-218.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing Experience Through Meaning*: A Language-Based Approach to Cognition. London: Continuum, 2006.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York; London: Routledge, 2014.

HASAN, R. Choice, System, Realisation: Describing Language as Meaning Potential. *In*: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (ed.). *Systemic Functional Linguistics*: Exploring Choice. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 269-299.

HASAN, R. Tenor: Rethinking Interactant Relations. *Language, Context and Text*, [*S. l.*], v. 2, n. 2, p. 213-333, 2020.

HASAN, R. Towards a Paradigmatic Description of Context: Systems, Metafunctions, and Semantics. *Functional Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 1-54, 2014.

HELMBRECHT, J. Politeness Distinctions in Second Person Pronouns. *In*: LENZ, F. (ed.). *Deictic Conceptualisation of Space, Time and Person*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 185-202. (Pragmatics and Beyond New Series).

KHOSRAVI, Mohadese; BABAII, Esmat. Reply Articles: Where Impoliteness and Judgment Coincide. *Journal of Politeness Research*, v. 13, n. 1, p. 143-167, 2017. DOI: https://doi.org/10.1515/pr-2015-0020.

KIM, M. *et al*. *Korean Grammar*: A Systemic Functional Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. Londres: Longman, 1983.

LEECH, G. *The Pragmatics of Politeness*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

MARTIN, J. R. *English Text*: System and Structure. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. *Systemic Functional Grammar*: A Next Step Into the Theory – Axial Relations. Beijing: Higher Education Press, 2013.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The Language of Evaluation*: Appraisal in English. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. "(Im)politeness Studies" Viewed in Terms of SFL. *Notes on Systemic Functional Linguistic Theory, Description and Analysis*. 2017. Available at: https://xianlinguist.wordpress.com/2017/12/25/. Accessed on: Oct. 24, 2024.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *et al*. *Systemic Functional Insights on Language and Linguistics*. Singapore: Springer, 2022.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Modelling Context and Register: The Long-term Project of Registerial Cartography. *Letras*, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 15-90, 2015.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *System in Systemic Functional Linguistics*: A System-based Theory of Language. Sheffield: Equinox, 2022.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K. *Systemic Functional Linguistics*: A Complete Guide. London: Routledge, 2024.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. *Key Terms in Systemic Functional Linguistics*. London; New York: Continuum, 2010.

MATTIELLO, E. Impolite Suffixoids in English slang. *In*: VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025. p. 31-60.

PATERNOSTER, A. Che ti venga NP, a Conventionalised Impoliteness Formula for Italian Disease Curses (14th–20th century). *In*: VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025. p. 129-178.

POYNTON, C. *Language and Gender*: Making the Difference. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

POYNTON, C. M. *Address and the Semiotics of Social Relations*: a Systemic-Functional Account of Address Forms and Practices in Australian English. 1990. PhD Thesis (Linguistics) – University of Sydney, Sydney, 1990.

PRAKASAM, V. Metafunctional Profile of the Grammar of Telugu. *In*: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (ed.). *Language Typology*: A Functional Perspective. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 433-478.

QUEISSER, A.; PLEYER, M. Such an Impoliteness: Evidence for the 'Evaluative Such Construction'. *In*: VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025. p. 253-282.

RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-oral-Brasil I*: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SANTAMARÍA-GARCÍA, C. Emotional and Educational Consequences of (Im)politeness in Teacher–student Interaction at Higher Education. *Corpus Pragmatics*, v. 1, p. 233-255, 2017. DOI: 10.1007/s41701-017-0010-2.

SANTAMARÍA-GARCÍA, C. Evaluative discourse and politeness in university students' communication through social networking sites. In: THOMPSON, G.; ALBA-JUEZ, L. (ed.). *Evaluation in Context*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 387-411.

STEINER, E.; TEICH, E. Metafunctional Profile of the Grammar of German. *In*: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (ed.). *Language Typology*: A Functional Perspective. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 139-184.

TRAVAGLIA, L. C. O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 12, p. 61-98, 1987.

TURUNEN, V. J. *A reversão da relevância*: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil. 2009. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025.

VAN OLMEN, D.; ANDERSSON, M. Conventionalized Impoliteness in English and Polish: The Case of 'you idiot!'. *In*: VAN OLMEN, D. *et al*. (ed.). *The Grammar of Impoliteness*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2025. p. 283-306.

WOLFSON, N. The Bulge: A Theory of Speech Behavior and Social Distance. *Working Papers in Educational Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 55-83, 1986.